

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

OS ASSÉDIOS D'EVORA EM 1663

2.ª PARTE

MARCHA DO EXERCITO PORTUGUEZ PARA EVORA.
ACAMPAMENTO NO REGO DA VARZEA. COMBATE DE 5 DE JUNHO
NAS MARGENS DO DEGEBE.
TUMULTO EM EVORA. RETIRADA DE D. JOÃO D'AUSTRIA. AMEIXIAL.
SEGUNDO MOVIMENTO SOBRE EVORA. UMA CARTA DE SARTIRANA.
OS PORTUGUEZES TOMAM O FORTE DE SANTO ANTONIO.
RENDE-SE A GUARNIÇÃO HESPAÑHOLA.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 63

—
1889

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

OS ASSÉDIOS D'EVORA EM 1663

2.ª PARTE

MARCHA DO EXERCITO PORTUGUEZ PARA EVORA.
ACAMPAMENTO NO REGO DA VARZEA. COMBATE DE 5 DE JUNHO
NAS MARGENS DO DEGEBE.
SIEGELTO EM EVORA. RETIRADA DE D. JOÃO D'AUSTRIA. AMENIA.
SEGUNDO MOVIMENTO SOBRE EVORA. UMA CARTA DE SARTHANA.
OS PORTUGUEZES TOMAM O FORTE DE SANTO ANTONIO
RENDE-SE A GUARNIÇÃO HESPAÑHOLA



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 63

1889

ESTUDOS EBORENSSES

Os assédios d'Evora em 1663

2.ª PARTE

Os arredores de Evora são accidentados sem terem grandes elevações de terreno, nem profundos valles; são largas ondulações com diferenças de nivel de vinte ou trinta metros em extensões de dois ou mais kilometros. Quem olha os campos de uma elevação julga ver enormes planicies, e todavia no regaço d'essas brandas collinas pode marchar escondido um grande exercito. Se ha largos espaços despídos de arvoredos, ha tambem grandes manchas de *montados* ou mattas de azinheiras ou sobreiras. Em geral a camada de terra é estreita, pouco espessa, sobre a rocha, e como os declives são mui brandos, as aguas das chuvas empocam, enxarcam facilmente o terreno. Pontos ha onde

bastam poucos dias de chuva para fazer nateiro impossível de cavar ou lavrar, e poucos dias de sol para a terra endurecer tanto que a enchada não entra, e os torrões parecem blocos de granito.

Não é a serra d'Ossa, nem a de Montemuro que estabelecem a divisão das aguas n'esta região do Alemtejo; é na chapada da Oliveirinha que se reúnem os limites das tres grandes bacias hydrographicas do Tejo, do Sado, e do Guadiana; d'ahi partem as aguas do Divor que vai ao Tejo, as do Xarrama que se dirige ao Sado; e do Degebe que entra no Guadiana.

O Xarrama passa a oriente da cidade em pequena corrente, a dois kilometros, não constituindo obstaculo serio; o Degebe corre a seis kilometros, tambem a oriente da cidade, e embora insignificante, pela natureza e accidentado dos terrenos que atravessa, engrossado pela chuva, alaga as baixas ou enche as estreitas gargantas de modo que não dá váo. Em sitios pode passar a infantaria mas a cavallaria ficaria atascada, noutros passam os cavallos mas a artilheria ficaria presa; e logo ao sul da estrada que da cidade conduz ás villas do Redondo e Alandroal o Degebe corre entre escarpas altas bastante para impedir a passagem, formando um fosso de importancia militar.

No dia 1 de junho deixou o conde de Villa Flor o acampamento do Alandroal, tendo previamente augmentado as suas forças com as guarnições das praças que sem perigo as podiam dispensar; no dia 3, sem encontrar embaraço algum, passou o Degebe, e veio marchando até ao Rego da Varzea. O conde de Schomberg empenhou todos os esforços para que esta marcha fosse perfeita, e dêsse ao hespanhoes que naturalmente tinham pi-

quetes e exploradores, subido conceito do exercito portuguez.

Corpos de infantaria e cavallaria marchavam conservando admiravelmente as distancias: 8 canhões seguiam na linha da vanguarda o ultimo batalhão de cavallaria (já se notou que as designações militares eram então bem diversas das modernas); e sete o ultimo troço de infantaria, na primeira linha.

A reserva cobria as bagagens que iam na rectaguarda da segunda linha.

Os castelhanos não appareciam; D. João de Austria tinha disposto as suas tropas em sitios cobertos ás observações dos exploradores inimigos. A' tardinha as linhas portuguezas occupavam todas as posições do Rego da Varzea, cortando as estradas do Redondo, Portel, Vianna, chegando os exploradores á estrada d'Alcacer.

O exercito dispoz-se como para combate immediato, determinando Schomberg que n'esta ordem passasse a noite.

Houve a este respeito divergencias entre elle e Villafior, querendo este que se adoptasse a fórma classica; a cavallaria no meio de corpos de infantaria, e os carros de bagagens, guarnecidos de infantaria, cobrindo o exercito. Schomberg desprezou esta regra, tendo-a por perigosa estando á vista e tão visinho do inimigo; e talvez por ver o pequeno incommodo que resultava por serem poucas as horas de trevas no mez de junho.

D. Sancho Manuel insistiu e deu ordens directas aos sargentos môres de batalha; estes porém não obedeceram e seguiram o parecer de Schomberg, passando o exercito a noite em ordem de combate. Este episodio, como aquelle, que já referi, a proposito do governo da praça d'Evora, mostram

bem o perigo que pode resultar dos privilegios em occasiões de crise.

Os castelhanos attentos só ao desejo de incorporar as tropas que tinham passado a Alcacer não fizeram de noite movimento algum; novidade que poz em maior disvelo o general d'artilheria, presumindo que para o quarto d'alva reservavam o combate, e com este sentido rondou toda a noite; e observando que não só os soldados, mas a maior parte dos officiaes se deixavam vencer do somno, fez montar varias partidas com ordem de tocar a espaços, até amanhecer, *alarma* por todos os lados do exercito, para que não houvesse instante em que a resolução dos castelhanos podesse triumphar do nosso descuido.

No entanto D. João d'Austria enviava avisos ás tropas que estavam em Alcacer, para que retirassem sobre Evora com a maior brevidade.

Alli as forças hespanholas tinham commettido extraordinarias violencias, saqueando tudo.

Recebendo as apertadas ordens do commandante em chefe essas tropas começaram a retirar, e sabendo no caminho das posições das forças portuguezas e da possibilidade de achar cortada a retirada, largaram toda a preza, e antes de amanhecer estavam no convento de Valverde. Então, como ainda hoje, os soldados hespanhoes executavam marchas rapidissimas. Ha, como se vê, pontos obscuros n'estas operações militares. Imprudencia de D. João d'Austria em destacar para tão longe uma força consideravel tendo nas costas um exercito inimigo. Descuido do portuguez em não cortar essa força, não lhe oppondo o minimo obstaculo, e tornando possivel o flanqueamento que seria fatal, pois as posições de Villaflor não eram vantajosas. O chefe hespanhol só pensa em condensar o seu exercito, não tenta o flanqueamento, e deixa o campo livre ao inimigo.

D. Sancho Manuel reconhecendo baldado o intento com que marchára por não ser já possível pelejar com os castelhanos divididos, tanto que amanheceo mandou retroceder a marcha do dia antecedente observando-se a mesma ordem até chegar ao Degebe. Na passagem d'este pequeno ribeiro houve confusão no exercito, e se a cavallaria hespanhola tivesse avançado e carregado, as forças portuguezas soffreriam grande desastre.

Como já temos referido, embora se estivesse a entrar no verão, o tempo tinha decorrido chuvoso; as ribeiras levavam bastante agua. O Degebe é uma d'estas pequenas correntes alemtejanas nullas na grande parte do anno, mas que enche, em pontos se torna caudaloso, com alguns dias de chuva. Nas suas curvas mais visinhas da cidade este pequeno rio atravessa ora umas baixas de pequeno declive encharcadiças, ora corre por entre rochas de schistos mui rijos, em asperas trincheiras. Hoje, com o alcance das modernas armas, o Degebe não forma obstaculo militar consideravel; então constituiu ponto de lucta. Demais é possível que em 1663 o leito da ribeira fosse mais profundo, menor o areiamento.

As forças portuguezas terminaram o passagem ás 3 horas da tarde.

Seguiremos agora a narrativa do conde da Ericeira.

Começando o conde de Schomberg a dispôr o quartel na margem do rio, appareceram da outra parte d'elle os primeiros batalhões da vanguarda do exercito de Castella, porque D. João d'Austria, ao mesmo tempo que chegaram as tropas de Alcaccer, marchou a occupar com todo o exercito as eminencias sobre o Degebe, que poucas horas antes haviamos largado, constando-lhe que os moradores de Évora alegres murmuravam que elle re-

ceava o conflicto que tanto havia mostrado appetecer.

Creio que não é preciso recordar a orographia da região; as forças de Portugal estavam nas alturas do Outeiro das Vinhas. Galvoeira, Valmelhorado, enquanto as de Castella occupavam agora o Espinheiro, o Montinho e as Ferrenhas.

Na cidade ficou pequena guarnição; nas alturas mais proximas das posições portuguezas estabeleceram as de Castella rapidamente 15 bocas de fogo; começaram a atirar ao cerrar da noite.

Recorreu-se então a uma traça de guerra muitas vezes repetida.

Schomberg mudou á noitinha o alojamento do exercito, deixando os fogos no primeiro, e algumas tendas levantadas, que por toda a noite serviram de inutil emprego ás balas hespanholas.

Durante a noite as baterias portuguezas occupavam alturas que descubriam bem as margens do Degebe; os dois portos mais faceis, provavelmente no Outeiro e no Paço da Vinha (estradas do Redondo, Azaruja e Estremoz) foram fortificados; 500 mosqueteiros e grande parte da cavallaria defendiam o porto do norte; um regimento de inglezes e 500 cavallos ás ordens do general Manuel Freire ficaram no do sul.

Estamos em 5 de junho; rompe a manhã. As forças hespanholas entraram em grande movimento, as tropas procuram os dois portos do Degebe; em breve estava travado sério combate; onde a lucta porem se tornou mais bravia e sangrenta foi no porto do sul, na estreita ponte, hoje renovada, na estrada de S. Miguel de Machede e Redondo, no moinho proximo, e no sitio do cruzeiro. Aqui os hespanhoes empenharam os maiores esforços e nada conseguiram; D. João d'Austria convenceu-se depois d'algumas horas de acceso combate que

eram inuteis taes esforços, e retirou, não sobre a cidade, mas descaindo sobre a esquerda. Schomberg fez então mover rapidamente a artilheria, a seguir a marcha do inimigo, manobra n'aquella epoca completamente desusada, e que mesmo até ás guerras de Bonaparte passou por perigosissima, e de louca ousadia.

A artilheria portugueza foi collocar-se em pouto donde se descobriam os campos que forçosamente seriam atravessados pelas forças castelhanas; estas cortavam agora pelos olivae e vinhedos do Espinheiro; os troços de infantaria corriam pelas quintas, em desordem, saltando muros e vallas; os batalhões de cavallaria seguiam pelas estradas das Barcieiras ou Cravelinha, e Salvadas; ao entrarem no campo aberto rompeu o fogo dos canhões; as primeiras tropas ainda conservaram alguma ordem debaixo de fogo, mas os corpos que iam mais atrasados soffreram panico e não obedeceram aos officiaes. Succedeu ali um episodio de guerra notavel; alguns soldados e officiaes procuraram o abrigo das paredes de uma casa aruinada; viu-se isto de uma das baterias, apontaram para ali todas as peças e dispararam a um tempo; um paredão tomba ao furioso impulso e esmaga os que o haviam buscado para remedio.

Ao começar da tarde D. João d'Austria mandou affastar das peças. As 15 bocas de fogo dispararam em 12 horas, das 3 da manhã ás 3 da tarde, 770 tiros; 64 tiros por hora, ou 51 tiros por peça, termo medio, desprezando uma pequena fracção. Grande numero de mortos e feridos cobria os campos; os hespanhoes tiveram muitos officiaes superiores fóra do combate. O mestre de campo D. Gonçalo de Cordova, ficou gravemente ferido, e falleceu pouco depois na cidade.

O nosso exercito guardou em seguida ao com-

bate as suas primeiras posições; os hespanhoes, ao cahir da tarde, prepararam-se para alojar á ponte do Dejebe, vindo a rectaguarda encostar-se ao Espinheiro.

O conde de Schomberg tratou tambem de preparar quartel com a maxima segurança. A vanguarda occupava uma eminencia bastante superior á campanha.

O Degebe defendia-lhe a esquerda. Na primeira linha os terços e batalhões estavam dispostos pela ordem da marcha, abrigados por pequenas trincheiras; a meio das trincheiras construíram rapidamente angulos que as flanqueavam, e ahí collocaram 4 peças. No centro do quartel alojou a côrte, a vedoria, munições e bagagens. Durante a noite não houve hostilidade alguma.

No acampamento portuguez todos esperavam combate ao romper da manhã; nada, nem um tiro, nem um movimento.

O general hespanhol levou o dia a preparar os carros de bagagens, a formar o seu exercito e a guarnição da cidade; pensava em retirar-se para Badajoz, n'isto dera o grande impeto da entrada. Encarregou o governo da praça ao conde de Sartirana, official italiano, de muito valor e experiencia.

As ordens do conde ficaram 3:000 infantes divididos em sete terços ou corpos de infantaria, de hespanhoes, italianos e allemães; 800 cavalleiros das mesmas nações; 13 peças, entrando n'este numero 6 meios canhões. As munições, artificios de fogo, e os mantimentos em abundancia para sustentar um largo sitio.

No quartel general portuguez havia grande surpresa; não se sabia explicar aquella inacção do exercito castelhano, depois de um dia de combate, conservando-se em batalha na frente do inimigo, e não fazendo tentativa alguma, nem o minimo

reconhecimento, sobre as estradas que de Évora partem para a fronteira.

Pelo fim da tarde o conde de Schomberg não pode conter a impaciencia, o desejo de obter qualquer esclarecimento; reúne alguns batalhões, e de subito passa o rio e carrega vigorosamente; travase uma escaramuça e em pouco tempo retiram-se os portuguezes levando alguns prisioneiros, unico fim da acção.

Tudo inutil, os prisioneiros nada sabiam; as duvidas continuaram.

A pequena escaramuça deu porem um resultado não previsto; o povo d'Évora tinha agora já a plena certeza de que D. João de Austria preparava a retirada.

A acção do dia antecedente era conhecida na cidade; sabia-se que os portuguezes mantinham as suas posições, e que os hespanhoes tinham soffrido severas perdas; ao ouvir agora o estrondear do canhão, e vendo o sobresalto e a agitação dos invasores, não conteve o povo eborense o natural impulso do seu patriotismo e rompeu em grave alvoroço, não considerando que a cidade estava ainda cheia de tropas castelhanas, esperando talvez causar confusão e pânico pelas sombras da noite. O que é certo é que D. João d'Austria teve difficuldade em serenar este movimento de um pequeno numero de populares. Castigou os cabeças, tirou as armas a todos, e convocou as pessoas principaes da cidade a uma conferencia. Entre estas achava-se Manuel Freire, sargento mór de auxiliares. D. João d'Austria reprehendeu o excesso commettido, aconselhou a obediencia completa a el-rei de Castella, depois tomou uns modos affaveis, conversou sobre diversos assumptos, e fallando a respeito dos exercitos elogiou a artilheria portugueza.

— Sim senhor, disse Manuel Freire, sem se poder conter, dizem que matou muito castelhano.

Fez sensação o dito, e os officiaes hespanhoes viram mais uma vez manifesta a firmeza dos animos portuguezes na sua aversão ao dominio hespanhol.

Logo que cerrou bem a noite (6 de junho) começou a marcha do grande numero de carros das bagagens; os moradores da cidade tiveram então a certeza de que era definitiva a retirada do exercito hespanhol, deixando a praça guarneçada, e por consequencia toda a probabilidade de outro assedio, e de novos e mais singulares horrores, porque seriam agora portuguezas as balas que entrariam em Evora.

Ao raiar do sol de 7 de junho dissiparam-se todas as duvidas no acampamento portuguez, onde a noite se passára em alarma; o exercito hespanhol retirava para norte, deixando Evora guarneçada e fortificada. Como n'estas largas ondulações do sólo alemtejano das alturas se descobrem vastos campos, os officiaes portuguezes reconheceram facilmente as longas filas dos carros de bagagens, os terços e os batalhões em marcha, e as companhias destacadas que seguiam nos flancos e na rectaguarda. Resolveu-se logo seguir o exercito hespanhol, avançando immediatamente uma força de cavallaria para picar e ameaçar o inimigo; esta força horas depois tinha já colhido muitos prisioneiros. Villa Flor marchava pela estrada d'Evora Monte, e ao cerrar da noite transpunha a ribeira do Ter.

O que foi essa marcha dos dois exercitos inimigos, seguindo caminhos proximos, em constante alerta, até convergir nos cerros do Ameixial, e estalar a furia da renhidissima batalha; e o que foi esse dia 8 de junho, um dos mais solemnes de

Portugal, a victoria brilhante das nossas armas, a decisiva derrota do invasor hespanhol, os esforços heroicos, as desmedidas acções, contam-nos as paginas da historia; em muitos livros se pode ler a narrativa do formidavel combate donde, a custo salvo, se retirou D. João d'Austria, seguido de poucos que apressadamente procuraram a praça de Arronches, e d'ahi seguiram para Badajoz.

D. Sancho Manuel entrou logo em Estremoz a recompor os terços de infantaria, as companhias de cavallos, e o trem de artilheria; levou 5 dias este trabalho. Era agora bem diversa a questão a resolver.

Na fronteira hespanhola havia pequenas forças isoladas; Arronches estava ainda guarnecida de castelhanos; e no coração da provincia Evora, a importantissima cidade, que era preciso recuperar a todo o custo. Para obstar a nova surpresa Villa Flor reforçou algumas praças. Affonso Furtado de Mendonça ficou governando Estremoz, com os terços de João Furtado, João da Costa de Brito, Luiz da Silva, Antonio de Almeida, Lourenço Garcez, e José de Moraes; o conde da Torre foi governar Campo Maior com o terço de Pedro Cesar de Menezes. Alexandre de Moura com o seu terço foi para Portalegre; Manuel Lobato para Villa Viçosa com o terço de D. Pedro de Opessinga; Antonio Jacques de Paiva para Monçaraz com 300 infantas.

Em 14 de junho começou o movimento do exercito sobre Evora.

No dia antecedente partira de Aldea Gallega o marquez de Marialva, com forças consideraveis que vinham tomar parte nas operações militares; constavam de 7 terços de infantaria, com 3:500 homens, 300 cavallos e 4 peças. Com o marquez vinham tambem algumas pessoas da cõrte para

assistir ao sitio da cidade, os condes de Sarzedas, Santa Cruz, Vidigueira e Mesquitella, D. Lourenço de Lencastre, D. Francisco de Mascarenhas, Luiz de Saldanha e Albuquerque, etc.

Estas tropas effectuaram a sua reunião com as de D. Sancho Manuel, depois de fatigantes marchas (estamos em junho, e nas vastas campinas alemtejanas), no dia 17, na margem do Dejebe. Imediatamente se passou revista ás forças reunidas, verificando-se constarem de 13:000 infantes, e 2:500 cavallos.

No dia 18 de junho de 1663, ao romper da manhã, o conde de Schomberg, os generaes de cavallaria e artilheria, avançaram para reconhecer a praça.

Já se disse dos grandes trabalhos de fortificação levados a effeito pelos hespanhoes, e da forte guarnição que D. João d'Austria aqui deixou; podemos ainda mencionar os officiaes superiores hespanhoes que rodeavam o notavel militar italiano, conde de Sartirana, encarregado do governo da praça: eram D. Ignacio d'Altariva, D. Pedro da Fonseca, D. João Barbosa, e D. João de la Carrera; dos dois regimentos allemães eram coroneis o barão de Carandolet, e Franck; os dois terços italianos commandados pelos mestres de campo D. Fabricio Rossi, e conde de Valjosi; um engenheiro de grande reputação, cujo nome nos apparece vagamente escripto, mr. de Henot ou mr. de Anot olhava pelas fortificações.

A guarnição da cidade assim que deu noticia dos officiaes portuguezes poz-se em armas, e o reconhecimento fez-se em grande perigo pelo fogo das peças e dos mosquetes.

Feito o reconhecimento, Schomberg dividiu o exercito em duas partes, começando logo os trabalhos dos respectivos quartéis; um ao nascente da

cidade, em frente da porta de Machede, um quarto de legoa distante da muralha; outro em Valbom, para lá da Cartuxa; n'este se alojou o conde de Villa Flor, o marquez de Marialva, e muitos officiaes superiores. Immediatamente se deu principio aos trabalhos dos aproxes. Uma trincheira vinha de Valbom, deixava á direita o forte de Santo Antonio e dirigia-se ao baluarte de S. Bartholomeu; outro aproxe sahia da Cartuxa e vinha procurar a muralha a poente da porta da Lagoa. Do outro quartel partia um terceiro aproxe caminhando ao meio da muralha entre as portas de Machede e da Mesquita.

Em 19 continuaram os trabalhos dos quarteis e dos aproxes, e estabeleceram-se baterias; houve varias escaramuças sem importancia. Uma das baterias tinha cinco peças e jogava sobre a muralha entre as portas d'Aviz e Lagoa; outra de 4 peças atirava contra as portas de Machede e Aviz.

O fogo d'estas baterias começou na manhã de 20.

As baterias atiravam sobre as muralhas, evitando quanto possivel todo o damno á cidade. Percebe-se facilmente a melindrosa situação do exercito portuguez sitiando Evora, guarnecida de hespanhoes; demais entre os sitiadores havia muitos naturaes da cidade; estavam fóra das muralhas o terço e os voluntarios d'Evora, que no Ameixial se tinham batido valorosamente; das suas baterias, das suas trincheiras e acampamentos viam as suas casas, ou marcavam-lhe os sitios. Nos habitantes dominava um complexo estado mental, o terror que o troar da artilheria sempre causa, a impaciencia cruel, a excitação febril que nasce da crise prolongada, o odio natural ao invasor, ao conquistador insolente; a terrivel convicção da impotencia para quebrar as algemas que hora a hora lhes

entravam nas carnes; ao mesmo tempo a esperança, o enthusiasmo, porque apesar da vigilancia dos hespanhoes tinham entrado na cidade noticias, boatos da grande victoria, que eram confirmados pelo facto de ali estarem tropas tão numerosas que tinham em respeito a guarnição hespanhola.

Esta ignorava o resultado da batalha, pelo menos não o julgava tão decisivo, e esperava a cada momento, nos primeiros dias, ver apparecer de subito D. João d'Austria e varrer as campinas ebo-rensens.

Do povo não tinham receio; fizeram sahir todos os homens validos capazes de pegar em armas, excepto os ferreiros, abegões e alvaneos, que organisaram em corpos sujeitos a constante vigilancia; recolheram todas as armas que encontraram; deixaram sahir da cidade muitas familias, comtanto que não levassem viveres de qualidade alguma.

Durante o bombardeamento o exercito de Villa Flor estava parte em armas prompto a receber qualquer sortida, e outra parte trabalhava nos aproxes; em sitios este trabalho executou-se com muito risco, principalmente entre o forte de Santo Antonio e o baluarte de S. Bartholomeu.

Na manhã de 21 havia bastante terreno occupado por esses trabalhos. Na cabeça das trincheiras o general D. Luiz de Menezes formou um reducto, e na plataforma assentou nova bateria que por ficar muito proxima da muralha fazia maior damno.

D. Sancho Manuel não consentiu em se trabucar ou bombear a praça, para impedir a sua ruina; este dia viu porem maiores acontecimentos.

Os hespanhoes fizeram uma sortida com grande impeto sobre as trincheiras; os terços de guarda resistiram briosamente, e em breve acudiram reforços numerosos dos quartéis; repellido o inimigo

para fóra dos approxes foi logo carregado pela cavallaria ás ordens dos generaes D. Luiz da Costa e D. Manuel de Athayde; os dois valentes officiaes receberam contusões de pequena gravidade; os soldados portuguezes acompanharam no tumultuar do combate as tropas castelhanas até proximo das muralhas. Ao mesmo tempo cahiam em poder dos nossos dois correios, um do duque de San German para o conde de Sartirana, com uma extensa carta em que o animava á resistencia, occultando-lhe o immenso desastre do Ameixial; outro do governador da praça para o duque. Esta tem para nós algum interesse; vamos transcrevel-a.

«Doy cuenta a v. ex.^a de como el enemigo se rezolvio a sitiar esta plaza, sobre la qual entiendo será su ruina.

Todos los soldados estan con grande animo á la defensa.

Por todo Julio tenderemos bastimientos, tiempo que me parece bastante para que el enemigo se deshaga. y S. Alteza puede bolver a socorrer-me. Toda la gente que podia tomar ranas, y los frailes mozos, y clerigos reboltozos echê de la ciudad, tanto para me a provechar de sus bastimientos, quanto para que no gasten los que tenemos. Don Gonçalo de Cordova murió de la herida, perdida considerable en tan grande soldado. Las justicias del pueblo, y algunos de ellos andan finissimos. Por aqui corre voz, aunque en secreto, que tuvo una rota nuestro exercito, no creo; seria alguna refriêga en la retroguardia, y v. ex.^a me avize de todo. y ordene lo que hede hazer: porque estoy promptissimo a dar la vida por conservar el honor, y la reputacion de las armas de S. M. A S. Alteza puede v. ex.^a segurar de mi parte todo esto.

Evora, 17 de junio de 1663.

El conde de Sartirana.»

Pelas cartas viram perfeitamente os chefes portuguezes que Sartirana estava resolvido a tenaz resistencia; ora a dilação do assédio podia causar difficuldades gravissimas; não era impossivel que os hespanhoes conseguissem reunir em algumas semanas na fronteira forças consideraveis que obrigassem o exercito a largar o sitio da praça, entrando em novas operações.

Os chefes portuguezes resolveram empregar ainda maiores esforços; arrostar os mais custosos sacrificios.

Já noite fechada receberam alguns corpos ordem para se apromptar a combate; guardou-se o maior segredo sobre a empreza. Algumas companhias vieram no silencio da noite postar-se em frente das muralhas; ao mesmo tempo soldados escolhidos apromptavam-se para assalto; tratava-se de tomar por surpresa o forte de S. Antonio. Eram 200 homens do regimento inglez de Diogo Aspley, com os officiaes Nathaniel Hill, João Smith e Carlos Langley; e outros tantos portuguezes ás ordens de Luiz d'Azambuja, com os capitães Luiz Pereira de Lacerda, Domingos Carrião, Manuel Beirão, e João Freire Coelho.

A' uma da noite estoiraram dois tiros de peça, era o signal; portuguezes e inglezes romperam em corrida, e assaltaram o forte de Santo Antonio com impeto extraordinario; os defensores nem tiveram tempo de entrarem em ordem, o combate foi terrivel, braço a braço, n'um tumultuar medonho; poucos defensores fugiram, morreram bastantes, a maioria ficou prisioneira. Os hespanhoes tinham ahi retido algumas pessoas da cidade; entre ellas Manuel Corte Real, presidente da inquisição.

Ao ruido do assalto sahiu a cavallaria da praça; não conseguiu prestar soccorro algum porque logo encontrou as tropas de D. Manuel de Athayde.

Logo pela manhã o capitão Miguel Rosado, com 50 mosqueteiros do terço de Sebastião Correia, atacou o derrocado casarão do Carmo, e occupou-o depois de alguma resistencia dos defensores, com bastante risco por causa do tiroteio que os castelhanos faziam na muralha. Ao mesmo tempo, para chamar a attenção para outro ponto, o sargento-mór, Manuel da Silva da Horta, com 150 mosqueteiros, vinha ameaçar o forte de S. Bartholomeu, travando-se fogo activissimo.

O aproxe chegava já a S. Bartholomeu, muito proximo da muralha, na manhã de 22; as trincheiras que partiam do quartel fronteiro á porta de Machede avançavam tambem até breve distancia da muralha, com o que começava a praça a estar em perigo e constante sobresalto. No mesmo dia cahia prisioneiro outro correio do duque de S. German; trazia cartas pedindo a Sartirama que sustentasse a todo o custo a praça, promettendo-lhe prompto soccorro. A defeza continuava energica; todavia entre os defensores circulavam cada vez mais intensas as noticias da batalha do Ameixial, da completa derrota soffrida por D. João de Austria.

Na tarde d'este dia, 22, estando nas cabeças das trincheiras os terços de D. Diogo de Faro, Fernando Mascarenhas, e Phaebo Moniz de Sampaio, fez o inimigo segunda sortida com infantaria e cavallaria; o inimigo foi logo repellido por D. Manuel de Athayde, e levado até ás portas da cidade.

Luiz Serrão Pimentel delineou logo outro aproxe a partir do forte de S. Antonio, direito á porta da Lagoa; D. Luiz de Menezes estabeleceu uma bateria de tres peças, n'uma elevação de terreno, no sitio do Carmo, batendo mui de perto a mesma porta.

Os defensores estavam já fatigados, com traba-

lho, e sobresaltos constantes, por augmentar hora a hora o perigo, e por terem tantos pontos que defender. Pouco depois de ter recolhido a tropa da sortida, vieram os hespanhoes á muralha e tocaram á chamada para capitulações. Sahiu em seguida o coronel Francisco Franck, que foi conduzido com as formalidades usadas n'estes casos ao quartel general onde o esperavam o conde de Villa Flor, e o marquez de Marialva.

As propostas de Franck não foram bem acolhidas; nenhum dos artigos das capitulações teve a approvação dos chefes portuguezes.

Terminada a conferencia recommençaram logo as hostilidades nas posições portuguezas; e todo o dia 23, e a noite seguinte houve fogo incessante.

A' porta da Lagoa travou-se durante a noite uma lucta renhida; o engenheiro Antonio Rodrigues, e os mestres de campo Correia de Sá, Roque da Costa e Manuel de Sousa de Castro, prepararam mantas para picar as muralhas, abrir minas, e dar assalto: chegaram a encostar 11 mantas á muralha; todas arderam pelos innumeraveis instrumentos de fogo que atiravam das muralhas; todavia não impediram que os portuguezes picassem os muros.

Simultaneamente travava-se rijo combate nas trincheiras da porta de Machede, havendo ahi sortida e contra-sortida; ficaram muitos feridos, bastantes mortos, e entre uns e outros alguns officiaes superiores; ficou ahi gravemente ferido o general d'artilheria Fontenai, e mortos os engenheiros Francisco Adão da Ponte e Bartholomeu Zanit, ambos de grande reputação.

Agora começaram a manifestar-se symptomas de desanimo entre os defensores da praça; todavia a vigilancia não enfraquecia; nas posições portuguezas conservava-se tudo em armas: era gran-

de o cansaço, a fadiga pelos extraordinarios trabalhos, pelos constantes sobresaltos, pelas noites perdidas nas convulsões dos combates, mas cada vez maior o enthusiasmo, e a confiança.

Finalmente na manhã de 24 ouviu-se pela segunda vez o toque de chamada nas muralhas, para a entrega da praça; suspenderam-se logo as hostilidades. Fez-se uma breve conferencia preparatoria e logo se tratou da troca de refens; por parte de Portugal foram o sargento mor de batalha, Diogo Gomes de Figueiredo; o mestre de campo Antonio Soares da Costa, e Mr. de Charent; por parte de Hespanha entraram no quartel portuguez o mestre de campo D. Pedro de Affonseca, o coronel Franck, e D. Pedro da Rocha.

Durou a conferencia até á meia noite, ficando justas as capitulações: que saíria o governador com toda a guarnição, officiaes e soldados de todas as nações, salvas as vidas e liberdade, e os officiaes da provedoria e artilheria: que a marcha seria pela brécha com honras militares devidas aos rendidos de boa fé (modificada depois por causa da cavallaria, que saiu montada, não passar facilmente pelas bréchas abertas; a guarnição saiu toda pela porta do Rocio); que se lhes marcaria logar em que assistissem até 15 de outubro; que havendo alguns soldados que desejassem ficar servindo no exercito portuguez lhes seria consentido; que succedendo que alguns officiaes não quizessem esperar até ao fim da campanha se poderiam retirar seguros a Badajoz; concedidas ao governador duas peças de artilheria com as munições precisas para se carregarem; os enfermos e feridos commodamente conduzidos a Badajoz; que podiam sair 8 rebuçados, passando logo a Castella, sem impedimento; seria restituído qualquer objecto pertencente aos moradores da cidade; que se entregariam todos os ca-

vallos das companhias, não os dos officiaes, e todas as munições, petrechos e mantimentos que houvesse na praça ás ordens dos vedores geraes do exercito e artilheria; que ao dia seguinte ao amanhecer se entregaria uma porta da cidade para se lhe metter guarda e a guarnição rendida sahia em seguida Assignaram as capitulações D. Sancho Manuel conde de Villafior, e D. Francisco Gatiuara. conde de Sartirana.

A' hora marcada o mestre de campo Lourenço de Sousa e Menezes com o seu terço que estava de guarda na trincheira foi guarnecer a porta do Rocio. Em frente da porta na espaçoso rocio de S. Braz. formou o exercito em batalha; na cidade entrou logo D. Luiz de Menezes, general de artilheria, a tomar posse, com os seus officiaes, vedores, officiaes de fazenda, e grande numero de fidalgos. Foram á sé, e de ahí avisaram o conde de Sartirana Logo se tomou posse dos armazens; as bocas de fogo ficaram montadas nas muralhas e baluartes. A guarnição hespanhola desfilou em seguida, apresentando-se bem depois de tantos dias de séria fadiga. Os officiaes dos dois exercitos trataram-se com a maior cortezia. O conde de Villa Flor estava assentado n'uma cadeira, em throno alto, á porta do Rocio, onde recebeu logo cumprimentos da gente da cidade, e das ordens religiosas. A irman freira de Santa Clara mandou-lhe uma capella de cravos e elle na expansão natural de tal dia collocou-a no chapéu; os officiaes applaudiram; pouco depois passava o conde de Sartirana; os dois chefes complimentaram-se, e D. Sancho Manuel offereceu a capella a Sartirana que a aceitou, pondo-a nos punhos da espada. Nas bagagens e em varios pontos da cidade houve alguns excessos que promptamente se contiveram. Mas logo que terminou a retirada dos hespanhoes, e a

entrega das armas e cavallos, e ainda mesmo á porta do Rocio, D. Sancho Manuel fez prender algumas pessoas julgadas de responsabilidade na entrega da cidade aos hespanhões, e de extrema baixeza nas homenagens a D. João de Austria.

Estava a cidade livre depois de tanto tempo de sobresaltos e agonias; livre, cheia de enthusiasmos patrióticos, e de luctos e ruínas.

Os dois bombeamentos tinham arruinado bastantes casas, e a explosão das minas aluára outras.

Dos episodios mais particulares e noticias diversas nacionaes e estrangeiras relativas aos assédios de Evora formaremos a 3.^a parte d'esta narrativa.

FIM DA 2.^a PARTE



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana, 1.ª p. O templo romano. As inscrições lapidares. — 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836. — 4.º Loios. — 5.º Bibliotheca Publica. — 6.º Conventos, 1.ª parte, Paraíso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. — 8.º Vesperas da restauração. — 9.º Idem, 2.ª parte. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. — 12.º O archivo municipal. — 13.º A restauração em Evora, 1640-1645. — 14.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora, 1.ª parte. — 15.º Idem, 2.ª parte. — 16.º Idem, 3.ª parte. — 17.º Evora e o Ultramar. — 18.º Assédios d'Evora, 1.ª parte. — 19.º Idem, 2.ª parte.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand—Livraria Academica e livraria do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão publicados :

- 1.ª parte — fasciculos I a IX — Foraes, costumes, Documentos municipaes dos sec. XII e XIII, Documentos do Cabido, O livro dos herdamentos, Capitulos de Fernão Lopes, Extractos dos inventarios municipaes do sec. XIV, Extractos dos documentos das albergarias, O livro do Acenheiro, Posturas antigas da camara, Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º — 2.ª parte, fasciculos X a XIV — Documentos municipaes, Ordens religiosas, Cartulario da cathedral eborense, Documentos da Misericordia.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand.

MADRUGADAS

A' venda em Evora em casa do editor Abranches.

DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio. Fragmentos de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itinerario de Antonino, Plinio e Mella. Livro 3.º da Geographia de Strabão.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

OS ASSÉDIOS D'EVORA EM 1663

3.^a PARTE

EPISODIOS. NOTICIAS DIVERSAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS.



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 63

1890



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

OS ASSÉDIOS D'EVORA EM 1663

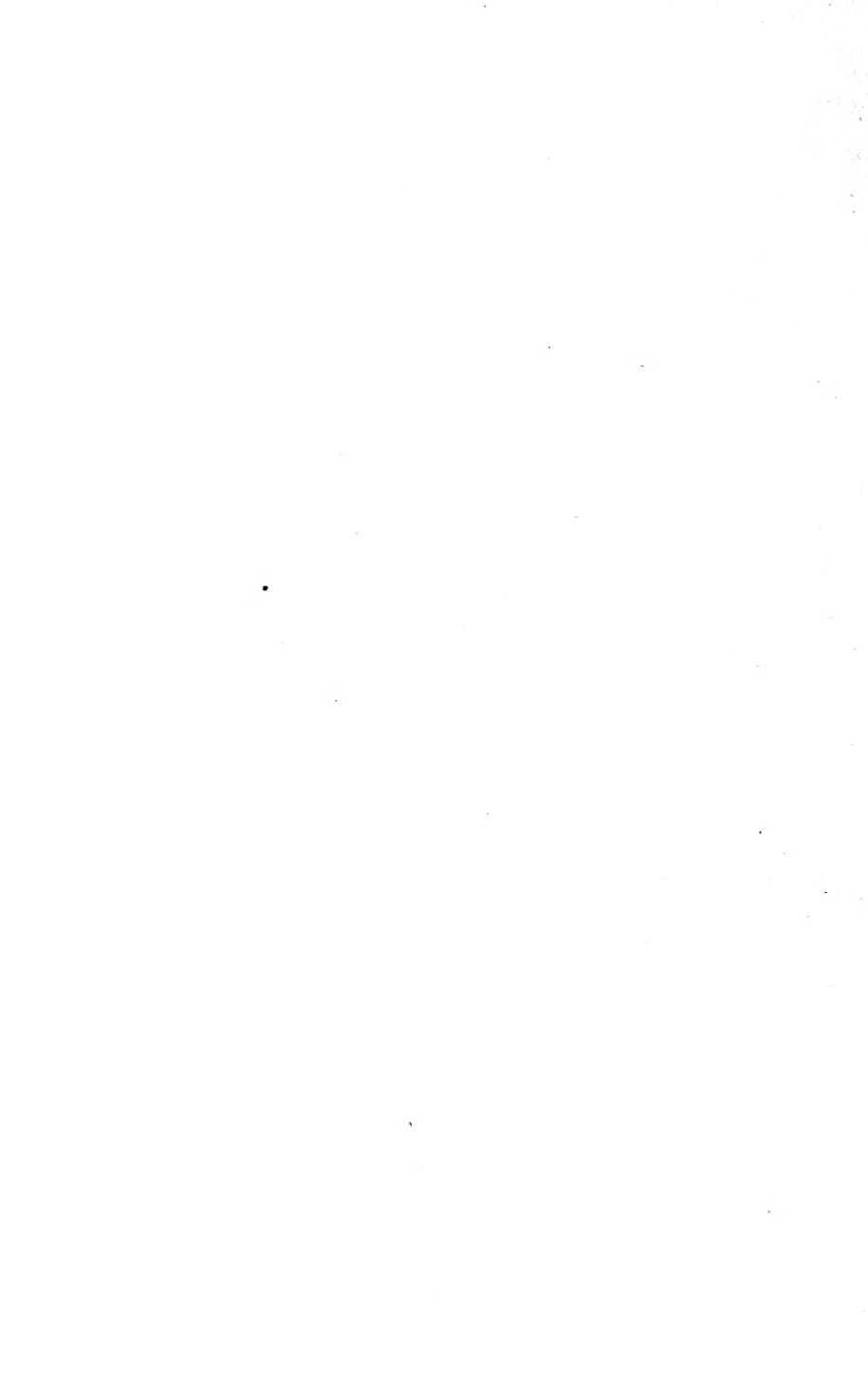
3.ª PARTE

EPISÓDIOS. NOTÍCIAS DIVERSAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS.



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

1890



ESTUDOS EBORENSSES

Os assedios d'Evora em 1663

3.ª PARTE

Na primeira e segunda parte d'este trabalho segui quanto possivel os documentos officiaes, as relações escriptas pelos que em taes successos tiveram postos principaes, especialmente o *Portugal Restaurado* do conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes.

Existe grande copia de outras noticias concordantes, com ligeiras variantes, nos factos apontados.

E seria um não acabar se quizesse referir os papeis varios, em prosa e verso, allusivos aos casos da campanha de 1663 no Alemtejo.

Summariando chronologicamente o que ficou exposto nos dois folhetos publicados temos estes pontos mais salientes.

Em 14 de maio de 1663 a cavallaria do exercito de D. João d'Austria toma as estradas do termo da cidade.

Em 15, D. João d'Austria no Espinheiro.

Em 16, os hespanhoes occupam o forte de Santo Antonio.

Em 17, trabalha-se no cerco, combate-se; os mineiros ameaçam a *torre-moucha*.

No dia 22, Evora em poder do exercito hespanhol.

23. O exercito portuguez, ás ordens de D. Sancho Manuel, conde de Villafior, no termo de Evora Monte. Conhece ahi a catastrophe da rendição da cidade.

24. Villafior occupa a villa do Redondo.

25. No Alandroal; assenta-se o plano de cortar as communicações com a fronteira ao exercito hespanhol.

Em 1 de junho, sabendo-se dos soccorros que vinham de Lisboa, e conhecida a divisão do exercito hespanhol, que mandára forças importantes para Alcacer, Villafior marcha sobre Evora.

3. Os portuguezes passam o Degebe.

5. Acção nas margens do Degebe.

7. Os exercitos marcham para o Ameixial.

8. Batalha decisiva.

14. O exercito portuguez marcha de Estremoz sobre Evora.

17. O exercito no Degebe.

18. Reconhecimento da praça.

19. Estabelecem-se as baterias.

20, de manhã; começa o fogo.

Noite de 21 para 22, tomada por surpresa do forte de Santo Antonio. Sortida dos hespanhoes.

22, tarde; segunda sortida; em seguida a primeira chamada para capitular.

23 e noite, o combate torna-se renhido.

Em 24 pela manhã a segunda chamada. As conferencias duram até á meia noite.

Em 25 de junho de 1663 estava o exercito portuguez na posse da cidade.

Antes de mais permitta-se-me que deixe já emendada uma asserção minha a respeito das disposições do exercito no dia 4 de junho, antes da acção no Degebe. Os hespanhoes occupavam as alturas de Valmelhorado, e não os portuguezes; estes estavam no Outeiro das Vinhas e nas chapadas da Gramacha. Foi proximo do monte de Valmelhorado que D. João d'Austria estabeleceu a primeira bateria.

Repositorio de noticias preciosas é a *Evora Illustrada* do jesuita Manuel Fialho, tão dedicado á historia da sua patria. Este formidavel indagador foi contemporaneo dos assedios eborenses e assistiu ao primeiro cerco; era muito novo então, 17 annos. já tinha porem 4 de collegial na Companhia. Os collegiaes, depois do primeiro cerco, retiraram para o collegio de Santo Antão de Lisboa, e só voltaram a Evora passada a crise.

Acho muito curiosas as noticias do jesuita, que por vezes não duvida metter a sua anedocta, a sua observação graciosa, na austera narrativa.

Vamos ouvir o bom eborense. Estamos em 14 de maio de 1663.

O exercito hespanhol approxima-se; logo pela manhã os piquetes chegam ao moinho de vento, do lado do Espinheiro. A noite de 13 para 14 foi tempestuosa em extremo; os cavalleiros vinham muito enxovalhados do temporal.

Na cidade havia naturalmente grande inquietação; no começo, ao descobrir o desfillar da cavallaria, ainda alguém fallou em soccorro. Em breve estavam desfeitas as illusões; o inimigo cercava a cidade.

Alguns cavalleiros chegaram a passar para cá da cruz de páo que chamam de Santo Aleixo, distante da cidade pouco mais de tiro de mosquete.

Na cidade grande alvoroço, muitos conselhos, enorme atrapalhação. Havia quatro pequenas peças disponiveis, e uma veio para o terreiro do Collegio, em frente da arcada da Casa Pia. Os artilheiros eram mãos. fizeram alguns tiros inuteis.

Conta Manuel Fialho a sua primeira anedocta.

Havia em Evora um sangrador de rara habilidade chamado Pedro Nunes da Matta; parece que era deveras notavel em temperar e afiar navalhas e lancetas porque até de Lisboa lh'as enviavam para *apontar*. Mas o sangrador tinha habilidade para mais; *apontava* lancetas e quiz tambem *apontar* a peça. . . e logo ao primeiro tiro metteu a bala no meio de um batalhão de cavallaria.

Pela tarde, n'esse claro e vasto escampado do Xarrama, appareceu o desdobramento do grosso do exercito.

Um official superior hespanhol dizia depois, referindo-se a este momento, que não podéra deixar de exclamar «que (os portuguezes) no tenian razon de no llamar rey al duque de Bragança, porque quien tenia una tan linda ciudad con mucha razon se debia llamar rey».

Com effeito, a vista da cidade ao descer do Montinho, ou de qualquer das alturas do oriente, é de extraordinaria formosura, especialmente em maio, quando o verde avelludado das cearas fórma um tapete de singular mimo e frescura.

Os quartéis hespanhoes occupavam o moinho de vento, a Cartuxa, a quinta do Alcaide e a cerca dos Remedios. N'este ultimo ponto travou-se logo combate de atiradores, porque alguns espingardeiros habéis da cidade, do alto do cubello redondo

que fica entre a porta de Alconchel e a rua do Raymundo, antigamente chamada o Buraco, fizeram fogo mortífero; para os fazer calar os hespanhoes tiveram de jogar a artilheria.

Appareceram outros atiradores na torre de Alconchel; alguns hespanhoes vieram ao campanario dos Remedios a responder-lhe; não sustentaram a posição, o que é facil de suppôr vista a topographia local. O ultimo atirador do campanario fazia tregeitos humoristicos quando uma bala o inutilisou.

Sabemos já da destruição do antigo convento do Carmo, á porta da Lagoa. As pedras foram empregadas depois no baluarte de S. Bartholomeu, principalmente; e já no tempo do padre Fialho se lavrava o terreno onde fôra o Carmo, e só restava um pedrastal da claustra.

As freiras do Calvario acolheram-se no convento de Santa Clara. No mirante d'aquelle mosteiro installou-se um piquete de espingardeiros, que fizeram terrivel damno nos sitiantes até que a artilheria do baluarte de Santo Antonio o desmantellou completamente.

Um soldado temerario descobriu que entre duas paredes faziam deposito de munições; consegue lançar-lhe fogo; ha explosão, de que elle mesmo foi victima. — Nem lhe sabemos o nome, dos pequenos ainda que de grande animo raramente se lhe sabe — observa o padre Fialho.

O conde de Vimioso, D. Miguel de Portugal, era activissimo na rondagem; não se sabia quando descançava.

Um moço, um rapazote, apezar do tiroteio, atreveu-se a ir segar herva nos farrejaes; ia muito cautelloso por uma valla e dá com um castelhano que se desabotoára, e collocára as armas ao lado, para necessidade urgente; o rapaz investe com

elle, foice erguida, apanha as armas, e trouxe o soldado prisioneiro.

Uma louca, Izabel Rodrigues, andava pelas muralhas de espada desembainhada, gritando, animando os nossos, insultando os sitiantes.

Havia suspeitas na cidade contra alguns; foram justificadas contra o proprio tio de Villafior. Queria ser bispo o infeliz, e julgou que servindo o inimigo alcançaria mais facilmente a mitra. Este homem conseguiu roubar os armazens de munições, e assim contribuiu para a entrega da praça.

Faltando o chumbo fundiram canudos de orgãos, e a *louça* de estanho dos conventos de frades. Os hespanhoes conheceram isto, e D. João d'Austria reclamou por ser contra o direito das gentes, e chegou a offerecer chumbo por estanho, pezo por pezo; mas os acontecimentos precipitaram-se e não chegou a effectuar-se a troca.

O segundo governador Opessinga era da Sicilia; a este se attribuem certos papeis terroristas que se espalharam na cidade, affirmando que se a praça fosse entrada á escala todos, soldados e moradores, seriam mortos.

Quando se tratou da capitulação quiz o dito Opessinga que os membros do senado da cidade e os prelados das ordens assignassem; todos recusaram.

Nos tiroteios dos Remedios tiveram os portuguezes 25 mortos e 35 feridos. No Carmo 34 mortos e 60 feridos.

No hospital da Cartuxa havia em curativo uns 500 castelhanos.

N'estas estatisticas de mortos e feridos ha sempre incertezas. Um official superior hespanhol dizia dias depois a um padre da Companhia de Jesus que só na cidade devia ter havido cinco a seis mil mortos.

— Nem metade eram os defensores, observou o padre.

— Por amor de su paternidad serian la mitad menos, disse logo o official historiador.

As searas estavam lindas antes da chegada do exercito; em tres dias tudo desapareceu. E as egrejas de Santo André, de S. Sebastião e a do Carmo estavam em montões de ruinas.

Para fazer abatizes e fachinas cortaram muitas arvores; rebentaram depois com singular vigor; as lorangeiras pareciam ramilhetes; note-se esta observação, pois era primavera adiantada.

Uma nota perfeitamente local: os rapazes ebo-renses em certas épocas do anno faziam bandos e jogavam as pedradas; ás vezes estes bandos dos bairros da cidade chegavam a travar luctas serias; atraz da rapaziada chegavam os rapazotes, os moços, e depois os homens: e accudiam os maiores com armas maiores; e havia mortes nestas batalhas de rapazes.

Não vai muito longe, digo eu agora, o tempo em que tiveram de empregar patrulhas de cavalaria 5 para desfazer bandos de apedrejadores.

Os castelhanos entraram na cidade e logo no primeiro ou segundo dia presenciaram inesperada batalha dos rapazes de Farrobo e Cogulos.

— Valgalos el diablo, dizia um cabo de guerra, si ansi los crian quien podrá despues con ellos?

Durante o cerco muitas bombas caíram na cidade, algumas erraticas e innocentes que não rebentavam. Morreram duas mulheres e um menino, e ficaram cinco pessoas feridas.

Houve casos prodigiosos no bombeamento. A imagem da Sr.^a da Expectação, ou do Ó, da ermida da Porta d'Aviz, foi para casa de um devoto:

á hora de certas orações reunia-se bastante gente na casa; uma bomba veio quasi verticalmente, arrombou o telhado, os sobrados e sumiu-se; muita poeira, terror e desmaios, e quando passou o susto reconheceu-se que todos estavam illesos.

No convento do Salvador estavam recolhidas muitas senhoras da cidade; ahi rebentaram algumas bombas, todas innocentes.

Em casa do conego mestre-escola Jeronymo Madeira caíu uma bomba entre os familiares; vinha com a mecha acesa, ia rebentar; um anima-se, levanta-a, e atira-a pela janella para o quintal onde estourou com pavoroso estrondo.

N'uma estrebaria estavam tres bestinhas, ganhão do dono; a bomba rompe o telhado, faz explosão, ficaram alluidas e rotas as paredes, e as bestinhas salvas.

No cubiculo do dr. Antonio Ferreira, lente de theologia moral, entrou uma bala que furou duas paredes.

A bala que entrou em S. Francisco rompeu a porta, quebrou um balaustre do cruzeiro, e foi dar e deixou signal na parede junto do altar mór, lado da epislola.

Em Santarem durante o cerco e o captiveiro d'Evora houve grande excitação; o povo enchia as egrejas chorando. Muita gente procurava a devota imagem da Sr.^a da Piedade; todos viam que o rosto do Senhor estava mais enfiado, e o da Senhora mais abrazado e resplandecente; alem d'isto moviam-se, approximavam-se os dois rostos, como em extraordinaria angustia; e todavia as imagens eram de barro. Este milagre fez grande impressão e foi authenticado.

Assignados os contractos da entrega D. João de

Austria ficou em Santo Antonio e mandou tomar a posse por D. Agnello de Guzman filho do duque de Medina de la Torre. Entrou pela porta d'Aviz. e ahi no largo esperou pelo principe; ahi se reuniram o senado, os tribunaes e os prelados das religiões.

O reitor do collegio não compareceu; D. João d'Austria quiz esperar por elle, e foram dois padres castelhanos avisal-o; o reitor não teve outro recurso e foi.

S. Alteza fallou a todos muito alegremente. Aos padres disse = Eia, Padres mios, seamos todos unos, seamos amigos, de hoy adelante es necessario una nueva regeneracion =.

Os conquistadores faziam diligencia por captar as sympathias. D. Gaspar do Aro Guzman y Aragon, duque de Eliche, presenteou com um riquissimo telim a Manuel de Sousa e Castro, mestre de campo, do terço do Algarve, pela maneira como defendera o convento do Carmo.

No dia 23 veio o principe ouvir missa á Sé; foi recebido solemnemente, e recolheu-se logo ao palacio dos condes de Basto.

No dia seguinte, 5.^a feira do Corpo de Deus. 24 de maio, acompanhou a procissão. O exercito apresentou-se deslumbrante; e os grandes senhores hespanhoes trajando riquissimos fardamentos de gala formavam um singular cortejo. Mas o povo tinha-se sumido; ninguem pelas janellas, e estas sem adorno; nem havia bando de rapaziada gritadora na testa da procissão.

Começou logo o trabalho das fortificações; cinco mil homens faziam cestos, fachinas, transportavam pedra e terra.

Para que ninguem parasse no trabalho D. João d'Austria deu ordem para que nem a elle proprio tirassem chapeu ou carapuça.

Em 27 vieram as obediencias de Arrayollos, Redondo e Vianna; a de Montemór-o-novo veio antes, o que todavia não obstou a que fosse saqueada grande parte da villa.

O principe hespanhol mandou abrir os carceres, e fez outras demonstrações de magnanimidade; ordenou tambem que na collecta da missa mencionassem o rei Felippe; alguns padres continuavam a dizer *regem nostrum Alphonsum*.

No dia 29 foi ouvir missa ao Collegio; avisou os padres da Companhia de Jesus e não os encontrou na portaria. O principe ficou muito admirado. Elles appareceram pouco a pouco, desculparam-se, não o esperavam tão cedo; assistiu á missa e visitou o collegio.

Quando entrou na capella interior disse:

— Aqui se hizo la traicion á mi padre.

Alguem lhe tinha dito que n'esta capella se fizeram algumas consultas na occasião das alterações do Manuelinho.

No refeitorio estava preparada a mesa com doces e fructas excellentes.

D. Sancho Manuel deixou Estremoz, resolvido a soccorrer a cidade; no segundo dia de marcha o exercito portuguez estava nos arredores de Evara Monte; 4.^a feira, 23, encontrou os que da cidade, já rendida, tinham saído. Entre elles o Opes-singa, que saíra da cidade rebuçado, conforme a capitulação. Villafior foi então occupar o Alandroal para cortar a communicação dos hespanhoes com a fronteira.

Como os traços geraes e fundamentaes da acção militar ficam já descriptos, eu aproveito agora simplesmente as noticias minuciosas e locaes.

O exercito portuguez passa o Degebe, occupa

os amplos campos da Caeira e Rego da Vargem, bem descobertos aos edificios da cidade do oriente e sul. D. João d'Austria não deixava as janellas e varandas do palacio do pateo de S. Miguel, mirando com o seu oculo de longa vista.

Na cidade ferviam as galopadas dos ajudantes hespanhoes.

A força que tinha ido para Alcacer volta em marcha forçadissima. No caminho vinham largando a preza.

Perderam muitos cavallos, que deixavam no caminho, esfaqueados, para que o inimigo se não utilisasse d'elles.

Depois os portuguezes tomaram posições de combate, concentrando-se na Gramaxa. Os hespanhoes seguiram logo o movimento guarneecendo a linha do Degebe, e collocando quinze peças em Valmelhorado. Esta foi a artilheria que inutilmente esteve em fogo na noite de 4 para 5 de junho. Seguiu-se logo o combate do Degebe.

A morte mais sensível foi a de D. Gonçalo Fernandez de Cordova Pimentel, neto do celebre duque d'Alva. Veiu ferido, com um braço quebrado, para o palacio do duque de Cadaval; e falleceu em 7 de junho.

Em S. Francisco entrou moribundo, e ahí ficou sepultado, D. Balthazar de Aquila, capitão de cavallos, e gentilhomem do principe; este dizia: «que lindos artilleros tienen los portuguezes, y quando no los tuvieron ellos?»

D. João d'Austria teve um cavallo morto, dando grande quéda; mesmo de pé, no *monte do Lagar derrubado*, lhe applicaram uma sangria.

Na noite de 5 para 6 houve na cidade grande exaltação; foram castigados os motores principaes.

Entre os chefes hespanhoes contrariavam-se as opiniões. Alguns queriam que se arrasassem as

fortificações, abandonando a cidade, e indo a combater com as forças reunidas; mas o general hespanhol não quiz abandonar a cidade. Fez o movimento para facilitar a reunião do seu exercito com as forças que já deviam estar reunidas em Badajoz. Para isto resolveu marchar torneando Estremoz.

Foi um frade leigo chamado Manuel de Lima, sabedor de veredas e atalhos, que depois da meia noite deu a D. Sancho Manuel a noticia da marcha dos hespanhoes pela estrada das Bruceiras. O frade estava no campo, em uma quinta dos campos do Espinheiro. E foi o padre Francisco Rodrigues Janeiro, nascido e criado na freguezia de S. Miguel de Machede (falleceu em 1708) que foi encarregado pelo general portuguez de guiar o exercito de modo que ao sol posto estivesse na margem da ribeira do Ter.

Quando o exercito portuguez chegou ás margens da ribeira os generaes ordenaram descanso e que se tomasse alguma refeição; mas todos gritaram que queriam marchar a ganhar a vanguarda do inimigo. Continuou a marcha; quasi ao mesmo tempo chegaram os hespanhoes ao porto da Venda do Duque, e os portuguezes ao de Evora Monte,

.....
Depois da batalha do Ameixial, da organização das forças em Estremoz, Villafior marcha para o cerco d'Evora.

Entrou no Espinheiro na noite de 16 de junho, ao romper da manhã no terreiro do mosteiro algumas peças deram tres salvas reaes, que foram ouvidas pela população eborense em assombro e alvoroço indizivel.

Em 17, pela manhã, a cavallaria passa o Xarama, que já tinha mais pó que lama, nota o P.^e Fialho. A respeito do Degebe diz elle tambem, «rio mais cheio de glorias que de aguas.»

Os piquetes de cavallaria occuparam logo a Cartuxa, Torregela e S. Sebastião.

Como o leitor se recordará eu menciono agora simplesmente os episodios que o P.^e Fialho nos conta.

Os hespanhoes tinham peças no pateo do Marquez de Ferreira (palacio Cadaval), e no terreiro do Collegio.

Nos logares mais publicos da cidade appareceram espalhados papeis insultando os castelhanos. Naturalmente houve logo medidas de repressão e augmento de cautellas. Prohibiu-se o transitio pelas linhas de fortificação, não se tirassem desenhos para mandar aos sitiantes.

O primeiro ponto de onde começou a jogar a artilheria portugueza foi de um cabeço em frente da porta da quinta de Valbom.

Uma bala veio quebrar o *zagre* que jogava da rua do Marquez de Ferreira.

Outra matou dois bois que conduziam uma peça no largo do Collegio.

O inquisidor Manuel Cortereal Abranches estava preso no forte de Santo Antonio porque os hespanhoes encontraram por denuncia um deposito de armas nos carcerees da inquisição. Elle ignorava tudo. Ficou ferido no grande tumulto do assalto.

Foi um trabalhador, morador na travessa da Alegria, do bairro do Farrobo, que foi á muralha gritar que a cavallaria queria fugir.

Os castelhanos nas brechas com enorme trabalho prepararam-se para resistir aos de fóra e aos de dentro; todavia na cidade havia apenas 300 homens capazes de fazer algum esforço; e seria bem difficil vencer as cavas, vallas e estacadas que defendiam as brechas.

O tio de Villafior, a que já me referi, era o deão D. Theotonio Manuel; foi logo preso para Lisboa

em uma humilde bestinha... soffreu, foi solto, mas não chegou a bispar, que era o seu sonho dourado.

Schomberg dizia maravilhas do valor portuguez, e fallando-se da batalha do Ameixial affirmou que déra voto contrario, por não avaliar bem o valor dos nossos soldados, nem sabia como os senhores portuguezes se haviam em semelhantes occasiões.

— Confesso ingenuamente, diz o P.^e Fialho, que tendo já 17 annos de idade, e quasi quatro de Companhia, se me representava que tudo era sonho, e ouvi a muitos egual confissão.

O P.^e Fialho esteve na cidade durante o primeiro cerco; depois saiu com mais 27 religiosos, em uma leva; foram a Montemor o novo; ali tiveram noticia da marcha de Villafior sobre Evora; já estava em Lisboa quando chegou a noticia da victoria do Ameixial.

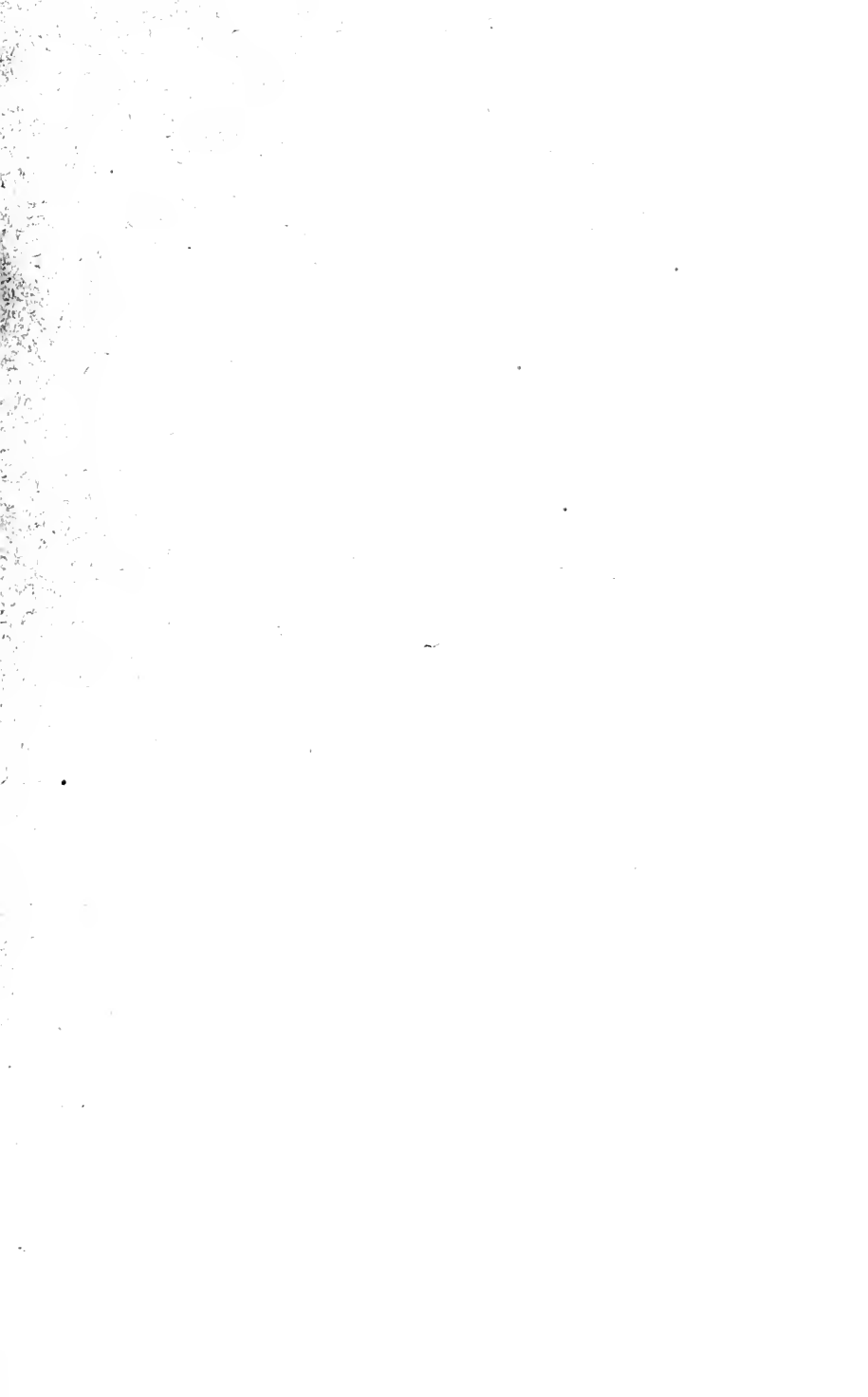
No collegio de Santo Antão (era o collegio jesuitico da capital) fizeram fogos e luminarias, e recitaram versos latinos.

Parece que os fogos dos rapazes de Evora causaram admiração aos de Lisboa; mas não se entende bem a descripção: «papeis enfiados em arames e queimados, e luminarias volantes; e papeis acesos no fogo os lançavam ao ar, e o vento os levava por esses ares.»

Termina o bom eborense:

— Este foi o cerco, essa a entrega, o choque, a batalha, a victoria, a restauração de Evora; tudo começou a 14 de maio e findou a 25 de junho.

Talvez houvesse culpados... todas as terras grandes tem berço de engeitados. — Accrescenta alludindo aos mysterios da rendição.



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana, 1.ª p. O templo romano. As inscrições lapidares. — 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836. — 4.º Loios. — 5.º Bibliotheca Publica. — 6.º Conventos, 1.ª parte, Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. — 8.º Vesperas da restauração. — 9.º Idem, 2.ª parte. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. — 12.º O archivo municipal. — 13.º A restauração em Evora, 1640-1645. — 14.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora, 1.ª parte. — 15.º Idem, 2.ª parte. — 16.º Idem, 3.ª parte. — 17.º Evora e o Ultramar. — 18.º Assédios d'Evora, 1.ª parte. — 19.º Idem, 2.ª parte. — 20.º Idem, 3.ª parte.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand—Livraria Academica e livraria do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão publicados :

- 1.ª parte — fasciculos I a IX—Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII e XIII. Documentos do Cabido. O livro dos herdamentos. Capítulos de Fernão Lopes. Extractos dos inventarios municipaes do sec. XIV. Extractos dos documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas da camara. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º—2.ª parte, fasciculos X a XVI—Documentos municipaes. Ordens religiosas. Cartulario da cathedral eborense. Documentos da Misericordia.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand.

MADRUGADAS

A' venda em Evora em casa do editor Abranches.

DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio.

Fragmentos de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itinerario de Antonino, Plinio e Mella.

Livro 3.º da Geographia de Strabão.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

HISTÓRIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

OS ASSÉDIOS D'EVORA EM 1663

4.ª PARTE

O EXERCITO HESPAÑHOL. OPINIÕES DE ALVARES DA CUNHA
E DE ORTIZ DE LA VEGA.
A NARRATIVA DE PASSARELLO. ETC.



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

1890



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

OS ASSÉDIOS D'EVORA EM 1663

4.ª PARTE

O EXERCITO HESPAÑHOL. OPINIÕES DE ALVARES DA CUNHA
E DE ORTIZ DE LA VEGA.
A NARRATILLA DE PASSARELLO, ETC



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ LAFRINTA, RUA D'AVIZ N.º 63

—
1860

ESTUDOS EBORENSES

Os assédios d'Evora em 1663

4.ª PARTE

O exercito hespanhol

Correm impressas relações numericas dos exercitos portuguez e castelhano, e roes de armas, munições, etc., encontradas em Evora, ou recolhidas em Estremoz depois da victoria do Ameixial.

Ampliaria extraordinariamente esta descripção transcrevendo as relações: bastará mencionar os resultados.

Da mostra geral feita no rocio de S. Braz em 25 de maio de 1663, dos terços e regimentos do exercito castelhano, consta que estavam presentes 2:904 officiaes e 12:206 soldados de infantaria.

Em 22 de maio teve a cavallaria mostra geral: estavam 756 officiaes, 6:370 soldados montados.

e 887 desmontados. As relações são datadas de Evora, 25 de maio de 1663, e assignadas por D. Antonio Ortiz de Velasco.

Na mostra de cavallaria apparecem algumas especialidades interessantes.

A companhia de couraças da guarda de S. A. tinha 10 officiaes e 178 soldados montados. A de arcabuzeiros da guarda de S. A. 7 officiaes e 162 soldados. A de couraças do duque de S. German 9 officiaes e 146 soldados. A de arcabuzeiros do duque 5 officiaes e 119 soldados.

Menciona depois o trosso de Excellencia, e os de Feria, Ordens, Flandres, Rossellon, Catalunha, Borgonha, Guardas Velhas, Milão, e Frexenal. E ainda as companhias de Guias e do Preboste General.

O conde de Villafior segundo a relação da Vedoria Geral da Artilheria, encontrou em Evora, deixados pelos hespanhoes: 4 meios canhões de bronze de 24 montados; 7 peças de 6 e 7; 2 trabucos montados; 6 petardos aparelhados; 2:700 balas de 24 e 12; 2:566 mosquetes, a maior parte biscainhos; 1840 frascos de mosquete, e arcabuzes; 1876 espadas; 4002 arrobas de polvora 200 arrobas de pelouros de chumbo; emfim, quantidades consideraveis de canos e forquilhas de mosquetes, bolsas de pistolas; murrão, fachas de cavacos, saquinhos de trincheira, marraços de cortar faxina, machados, picaretas, paz de ferro, enxadas, foices de segar, seirinhas de esparto, lampeões, espaldares, peitos, morriões, cravos e ferraduras, bombas de trabuco cheias e vazias, canudos de bombas, granadas, pregos, borrachas, calabres de artilheria, 4 barcas grandes com seus carros e armões, barris de salitre; carros matos; caixa de trabuco; cabrilhas aparelhadas; escaleta; reparos, taboões, pinas, raios, barrotes, madres, madretas,

eixos, ripa, soles, cangas, rodas, carretas, estacas, e páos de S. João. Esta relação assignada por João Mendes Mexia em Evora 2 de julho de 1663.

Os hespanhoes deixaram na cidade 600 moios de cevada, 80 de trigo, e 15:000 cruzados em dinheiro.

Opinião de Alvares da Cunha

O autor da Relação da campanha de Portugal, D. Antonio Alvares da Cunha (Campanha de Portugal pela provincia do Alemtejo na primavera do anno 1663, governando as Armas d'aquella Provincia o ex.^{mo} sr. D. Sancho Manoel conde de Villafior) ao contar a rendição d'Evora ao exercito portuguez diz «No mesmo dia entraram na cidade triumphantes os Portuguezes. Mandou o de Villafior pôr em arrecadação para a fazenda de S. M. o que os castelhanos haviam deixado; as obras que tinham feito na cidade foram: aperfeiçoar e pôr em defesa o forte de Santo Antonio, uma *estrella* no sitio dos Penedos; um ornaverque nos Carmelitas Descalços (N. Senhora dos Remedios); voar o convento dos Calçados; acabar de todo o baluarte de S. Bartholomeu, e o da porta de Machede; um forte com toda a perfeição no Rocio de S. Braz, cujo centro era a dita ermida. Com todas estas obras, e com todo aquelle presidio, com todas aquellas munições e bastimentos, em seis dias entregou a cidade de Evora D. Francisco Gatinara conde de Sartirana, a D. Sancho Manoel conde de Villafior; poucos dias eram passados que com tudo aquillo menos a defendeu oito Manoel de Miranda Henriques a D. João de Austria Gran-Prior de Castella: com esta differença podem ver todos o quanto os portuguezes se avantajam a todos tanto em defender como em expugnar praças».

Villafior demorou-se em Evora alguns dias;

mandou reparar as muralhas, e continuar nas obras de fortificação. Passou depois com o exercito a Estremoz.

Foi o mestre de campo D. Diogo de Faro que trouxe a Lisboa a nova da tomada d'Evora.

Quando elle relatava a el-rei e ao governo o brilhante feito militar entrava no Tejo a armada do Brazil composta de 64 galiões e navios, de guerra e mercantes, carregados de fazendas e productos de alto valor.

Esta opinião de Alvares da Cunha, e as considerações em que a baseia, mostram que a defeza da cidade pelos portuguezes foi devéras notavel, devendo contar-se, assim como o assédio por Villafior, entre os brilhantes feitos d'armas do exercito portuguez.

Narrativa de Ortiz de la Vega

..... Desde luego nombró general de sus tropas al conde Villafior, quien, siguiendo los consejos de Schomberg, no quiso abandonar la posicion de Estremoz. En 6 de mayo de 1663, púsose nuevamente Juan de Austria en campaña, y encaminando-se contra la ciudad de Evora, se apoderó de ella, y trató á sus vecinos con una suavidad y dulzura de que ninguna muestra diera en la anterior campaña. Conseguida esta importante ventaja, envió fuerzas contra Alcazar do Sal, villa cercana á Setubal.

Extraordinaria alarma causó en Lisboa esta noticia; y no se calmó el publico alboroto, hasta haber-se manifestado al pueblo que se habia enviado á los generales la órden para acometer al exercito español.

Con efecto púsose desde luego Villafior en movimiento contra don Juan de Austria. Dirigia las

marchas de los portugueses Schomberg, habil general, que con bien meditada estrategia desbarató los planes del caudillo español. Al mismo tiempo una sublevacion de Evora, solo á fuerza de sangre apaciguada, hizo dificil la situacion de los españoles.

Huia su jefe de dar una batalla decisiva; pero en 8 de junio, encontrandose en las alturas de Ameixial, que dominan el valle al que por su angostura se da el nombre de Canal, no pudo ya evitarla. Habia colocado en dicho valle la caballeria, y un bagaje compuesto de mas de dos mil carros, y vióse en la necesidad de defenderle, pues le hostigaban los portugueses desde las opuestas alturas.

A la caida de la tarde hizose general la accion. En vano don Juan hizo en ella prodigios de valor, en vano los españoles pelearon con encarnizamiento grande, dejando cadáveres mas de cinco mil portugueses; animados estos con el ejemplo de la infanteria inglesa, y bien dirigidos por Schomberg, y aguijoneados por el deseo de la independenciam de su patria, volvieron muchas veces á la carga con impetu creciente, y al fin triunfaron. Riquezas inmensas, dos mil carros, nueve piezas de artilleria, estandartes y banderas, mil cuatrocientos caballos, gran número de prisioneros y no menor de muertos, esto perdió la España, en tan funesta batalla, y perdió la esperanza de sujetar al reino de Portugal. Dicen que entre los muertos se contó al marqués de Liche; otros escritores solo le hacen prisionero, añadiendo que mas adelante sirvió á Carlos II en calidad de virey de Nápoles. Schomberg se aprovechó de la victoria recobrando varias plazas perdidas. Por la parte de Beira el duque de Osuna rechazó con seis mil hombres la acometida de doble numero de portugueses; debil compensa-

cion de la perdida de aquella batalla. Dióse impropriamente á dicha jornada el nombre de batalla de Estremoz.

(Anales de España. desde sus origines hasta el tiempo presente: por Ortiz de la Vega. Madrid, 1859, Tomo IX pag. 507 e seg.)

Commemorações festivas

Um soneto formado de versos de Camões

Nos=Aplausos academicos e relação do felice successo da celebre victoria do Ameixial oferecidos ao ex.^{mo} sr. Dom Sancho Manoel (Amsterdam, em casa de Jacob van Velsen, ano de 1673)=ha grande copia de composições poeticas relativas aos assedios d'Evora.

Na Laurea triumphalis, Epinicia. ha algumas descrições de merito. O n.º X refere-se ao cerco feito pela cavallaria hespanhola.

Extemplo turbati animi, timor occupat urbem
 Elboream, dum cernit equos sine lege vagari;
 Armatasque equitum turmas discurrere in agros.
 Fulmineosque enses ventura ad bella rotari.
 Cernere erat longas descendere ad arma phalanges
 Austriacas clangorem inter, sonitumque tubarum.

No XIV allude á occupação do forte de S. Antonio:

Antoni in medio sedes augusta, malorum
 Nascitur hinc urbi series funesta...

D. João de Austria entra triumphante:

Elbora sola gemit...

Vem o exercito portuguez, e começa o segundo cerco:

Deveniunt, cinguntque urbem, tentória figunt
 Non procul unde hostem premerent; bombardas minaces
 Explodit flammata globos; concussa fatiscunt
 Moenia...

Villafior é victorioso ;

...Lusi exultant, celebrantque triumphum,
Quo Regni sceptrum obfirmant, suaque arma coronant.

Ha uma *epistola* Elborae sub hispano jugo lacrymantis, que principia :

Illa ego Lusiaci quondam pars optima regni
Elbora, quae fueram Regibus alma quies ;
Vos loquor, ô Cives....

Em outra *epistola*—Mercurii Eborensis ad exteras nationes—ha referencias especiaes a edificios : por exemplo, ao Espinheiro :

Qua celebre occultant Matris Spineta sacellum
Virginis, hic acies iunxit uterque suas.

Depois á Cartuxa :

Claustra repenté novo Brunonis milite complet....

e a Santo Antonio :

Edita mox alto tua propugnacula caelo,
Antoni assiduo ferreus imbre quatit.

Outro academico dedica a estes acontecimentos muitas decimas de que transcrevo as tres primeiras :

Evora, se vos achou
Dom João desprevinida
e á custa de tanta vida
castelhana, vos ganhou ;
no pouco que lhe durou
o lucro da sua empreza,
achará sua fraqueza,
deitando-lhe conta estreita,
que foi maior que a receita
muitas vezes a despeza

Quando no campo fatal
de Sam Braz, foi a busca-o
para nelle debelal-o
o poder de Portugal;
tendo junto o cabedal
com que a empreza cometeo,
nunca a sahír se atreveu
em mais de vinte quatro horas
que duraram as demoras
em que se lhe offereceo

Se depois disto passado
foi busca-o a Odigeve
o successo que lá teve
o deixou mais afrontado:
e ficando escarmentado
do perigo em que se vio,
para Castella fugio,
porem lá junto do Cano
se lhe deu o dezengano
fatal, do que presumio.

Nas *addições* aos Aplauzos Academicos figura um soneto formado de versos dos Lusíadas; vou transcrever a singular composição indicando os cantos, oitavas e numeros dos versos empregados n'esta peça poetica.

Faz contra Lusitania vir Castella.	Canto 4. oct. 6. vers. 7
o filho de Phelipe nesta parte,	1. 75, 2
fervendo-lhe no peito o duro Marte	3. 30, 5
das soberbas, e varias gentes della.	4. 57. 6

Da Cabeça do Imperio rica, e bella	7. 27. 7
hum Portuguez mandado logo parte	7. 23, 2
treme a bandeira, voa o estandarte.	2. 73, 3
com manha, esforço, e com benigna estrella,	8. 23. 5

Eis, se ajunta o soberbo Castelhano	3. 34. 1
porque levasse avante seu dezejo	3. 78, 1
tomando aquelle premio. e doce gloria,	9. 39. 7

Mas nas mãos vay cair do Luzitano	2. 60, 2
Sancho de esforço e de animo sobejo	3. 75, 5
que causa inda será de larga historia	4. 64. 6

Passarello

O padre Caetano Passarello escreveu sobre os

successos da restauração de Portugal uma obra consideravel intitlada: «*Bellum Lusitanum, ejusque regni separatio a regno Castellensi*» (Lugduni, 1684. in-fol.), onde encontro muitas referencias a Evora. Logo ao tratar da aclamação de D. João IV elle põe bem em relevo a importancia do papel politico que a cidade então representou: «... regiae acclamationes, regnique incipientis auspicia ab Eborâ primo peti, quippe quam facillimè transituram in Bregantii partes fore putabant, et quam paucis ante annis, nullo impellente, sed impetu quodam amoris constabat illum regem appellavisse. . . . Atqui in Eborâ urbe jam explorato consensu populi, conclamatoque rege Bregantio, inde continuo ex omni hominum genere tanquam militum manu contracta majori constantia ac firmitudine posse Ulisipponem per se paratam, et melius alterius exemplo parandam incurri.»

No decorrer da obra ha muitas referencias á cidade; parece até que o P. Passarello lhe consagra affeição especial porque a singularisa com expressões de louvor, não lhe poupa adjectivos significativos da sua grandeza historica. A maior parte do livro 8.º é consagrado a Evora, aos acontecimentos de 1663. A pag. 353 encontro uma descripção interessante da cidade e seus arredores:

«Eborâ amplissima, ac vetus in Lusitania civitas, et celebris quondam Viriati, ac Sertorii quoque, ut placet aliquibus, sedes in lata planitie pôsita jacet. . . . virentes, amaeni, ac fertiles colles ejus aspectum terminant, ad quorum radices magnifice structum surgit Carthusianorum monachorum coenobium. . . .»

. . . Divi Hieronymi fanum habet, idque in recto Estremotii itinere situm. . . .»

Descreve as fortificações, as operações militares. Na primeiro ataque contra o forte de S. Antonio.

Passarello menciona como chefe o conde Boetto (comes Boettus); foi este que avançou com Agnello de Gusman, Luiz Frias, e duas legiões hespanholas.

D. João d'Austria deu ordens severas para que nenhum dos seus maltratasse os habitantes, em obediencia á determinação do rei.

« . . . priusquam duces in congressu deliberarent recitatae Regis Catholici litterae sunt, severe praecipientis, ut Eborae cives et alii quicumque in posterum Lusitani ad Regis obedientiam et fidem reversi fuissent, clementer ac leniter tractarentur, néve praeteritus error, lapsusque communis ignominiae, vel fraudi resipiscentibus esset.»

A fortificação

As fortificações das praças fortes alemtejanas n'esta epoca merecem attenção na historia da engenharia militar em Portugal. Não chegára ainda Vauban nem Cormontaigne, nomes bem conhecidos; mas antes d'estes trabalhára-se enormemente, por muito tempo, em modificar o systema da fortaleza; em deixar a antiga muralha e sua barbacan com torres e cubellos, e passar para a linha bastionada. Foram os engenheiros militares italianos os primeiros que empregaram bastiões.

De Italia saíram para diferentes paizes bastantes engenheiros ou architectos militares; e sendo o novo systema rapidamente adoptado e applicado pelos hespanhoes passou a ser conhecido por «fortificação hespanhola». As guerras na Europa central tornam-se chronicas e alastram-se, e a fortificação das praças toma singular importancia. E' pasmosa a quantidade de trabalho gasta em fortificar nos seculos XVI e XVII.

Em Evora, como já vimos, aproveitam ainda

parte da cerca velha, da muralha construída em tempo de D. Fernando; ao norte fortes destacados; no sul encostam-se quanto possível á antiga muralha.

Percorrendo os tratados da época e pouco anteriores encontrei Errard de Bois le Duc; o conde de Pagan (1645); principalmente Antoine de Ville Tholosain, com um livro notabilissimo: «Les fortifications du chevalier. . . . avec l'ataque et la defence des places. (Lyon, Philippe Borde, 1641, in-fol.)»

Encontro n'este livro muitos exemplos applicaveis á fortificação eborense.

Parece que o livro foi considerado importante porque muito mais tarde o traduziram em portuguez: «O Governador de praças por Antonio de Ville Tolozano (Lisboa, off. de Antonio Pedro Galram. 1708, in-8.º)» Mas a edição portugueza apesar de mais moderna é muito inferior á franceza.

Creio serem estas as bases principaes para o estudo da fortificação eborense em 1663.

O engenheiro Mallet

Esta lucta demorada e enorme chamou a Portugal muitos homens notaveis na arte da guerra. A campanha travada entre Schomberg e D. João d'Austria, dois generaes de fama universal, fez grande ruido; estava-se em tempo de modificações na engenharia militar, as guerras de Condé, de Turenne, de Nassau, de Gustavo Adolpho discutiam-se. Esta lucta travára-se n'uma região plana em geral, descoberta, facil para os grandes movimentos militares, e semeada de praças fortes de importancia então.

Mallet esteve no Alemtejo e apresenta desenhos em pequena escala, mas de uma exactidão nota-

vel, de todas as praças fortes, na sua obra «Les travaux de Mars, ou la fortification nouvelle tant regulière qu'irreguliere (Par Allain Manesson Mallet, parisien, ingenieur des camps et armées du roy de Portugal. nommé sergent major d'artillerie dans la province d'Alemtejo. Paris, 1671, 3 vol. in-8.º)»

Traz muitas gravuras e plantas de praças fortificadas interessantes.

A pag. 210, do 1.º vol., trata da «methode de fortifier les villes basties sur des hauteurs qui sont environnées de plaines». O exemplo de taes praças é *Evora*: e na regra IV allude a circumstancias particulares. «Si l'enceinte de la ville est justement au pied de la hauteur, on la suivra dans la nouvelle fortification, ou l'on s'en écartera. si elle ne l'enfermait pas, afin d'occuper toute la hauteur avec des bastions, demy-lunes, ou avec des forts détachés.

Ainsi l'on a fortifié la ville d'Evora, de laquelle j'ai levé le plan, en 1666, lorsque je faisais travailler aux reparations du bastion des Pères de la Compagnie de Jesus.»

A gravura, superiormente, representa uma vista da cidade, em ponto mui pequeno mas que dá idéa bem aproximada; tirada do alto de S. Sebastião. Vê-se o forte de Santo Antonio, o aqueducto, a cidade com a sua barbacan, o baluarte dos Penedos e a trincheira que o ligava á porta de Alconchel.

A planta representa a antiga linha das muralhas. e as novas fortificações do sul e oriente e os fortes destacados. As obras de defeza da porta d'Alconchel abrangem os telhaes e a cerca dos Remedios.

Mallet representa tambem como exemplos de fortificações notaveis, novissimas, as de Estremoz. Villa Viçosa, Arronches, etc.

Os obituarios de 1663

Não encontrei no archivo dos livros findos no seminario eborense, talvez o archivo d'esta especie melhor organizado do paiz, os obituarios das freguezias da cidade relativos a 1663; isto é, faltam os volumes que comprehendem este anno, e faltam de ha muito; faltavam já, ao que parece, nas collecções parochiaes antes de estas serem recolhidas no Seminario.

A coincidencia de faltarem taes volumes leva-me a crer que alguém de má sina os pediu para ver em casa e os extraviou. Tem havido em todas as épochas e em toda a parte estudiosos daninhos que tudo perdem e desarranjam, que allegando commodidades sempre dispensaveis para os que estudam com amor, deslocam, demoram e extraviam documentos unicos insubstituiveis. O perigo é tão conhecido que repetidas vezes os papas tem fulminado excomunhões para o evitar.

Apenas por indicação do sr. Palmeiro, que em tempo esteve empregado na organização do archivo dos livros findos, encontrei no n.º 19 dos obitos da freguezia matriz de Estremoz, a fl. 11, uma nota lavrada pelo parcho fr. João Pitta de Vasconcellos:

«pessoas que morreram na batalha em 6.^a feira 8 de Junho de 1663 dada nas serras do Ameixial ás 5 horas da tarde». O P.^o Vasconcellos refere-se aos exercitos, etc. e dá a relação dos mortos, isto é, dos feridos que chegaram a Estremoz, e morreram no mesmo dia ou pouco depois.

Estevão Soares da Fonseca capitão de cavallos, natural de Moura enterrou-se em S. Francisco em 9 do dito mez.

João de Torres, capitão de cavallos . . . natural de Villa Viçosa.

Christovám de Brito, capitão de cavallos, natural de Lisboa.

Luiz Vaz de Sequeira, capitão de cavallos enterrou-se na dia 10 na egreja matriz.

João de Brito, natural de Elvas, na Conceição, no dia 9.

Um capitão cujo nome não soube, no mesmo dia, na ermida da Conceição.

Paulo Nogueira capitão de infantaria do terço de Tristão da Cunha de Mendonça, na Matriz, em 10.

Jeronymo Moreira, capitão de infantaria do terço de Setubal, em S. Francisco, em 10.

Garcia Mendes soldado de cavallo, de Castello de Vide, com todos os sacramentos, na Matriz, em 10.

Jeronimo Gomes, soldado de cavallo, de Santa Olaya, em S. Francisco, em 12, com todos os sacramentos.

No livro 13 dos casamentos da freguezia de S. Thiago de Estremoz, a pag. 72. ha' uma descripção summaria dos acontecimentos de Evora; na parte relativa á batalha do Ameixial ha uma nota local aproveitavel.

Falla da marcha das tropas « . . . levanta o nosso exercito e veio dormir aquelle dia á ribeira de Tera á ponte por baixo de Evoramonte, e o mais d'elle neste termo, e o inimigo no porto do Vimieiro; pela manhan se avistaram, elle marchou ás serras do Ameixial e dos Ruivinos, e o nosso direito a N. S.^a da Conceição, pela Amieira á serra d'Albojo.»

Descreve depois muito summariamente o encontro das tropas, sem fornecer noticia alguma especial.

Villaflor

E' o vulto mais saliente n'esta campanha do Alemtejo. Embora em 1663 fosse ainda um verdadeiro homem de guerra, sereno nas crises, valente, infatigavel, era todavia um veterano. Passára a mocidade nos exercitos, nas marchas, nos assédios, nos combates, como então succedia frequentemente; servira com distincção sob a bandeira hespanhola na Italia, em Flandres, na Allemanha; e em 1637 partira para o Brazil na armada do conde da Torre.

Fez-se a aclamação, e logo entrou no serviço portuguez no posto de mestre de campo; na Beira, 1641, com D. Alvaro de Abranches; em 1642 com D. Fernão Telles de Menezes.

Depois D. Sancho Manuel soffreu como tantos outros n'aquella época de heroismos e intrigas; esteve preso, viveu algum tempo obscuro. Mas chegam as linhas d'Elvas, a crise, e o militar apparece logo. E passado o temporal os estadistas, as camarilhas, de novo poem de parte o illustre general.

Provavelmente era brusco, violento, e o corpo costumado ás armas sentia-se mal nas rendas e gentilezas da côrte.

Cresce de subito o perigo em 1662; a campanha corre desastrosa; chamam outra vez D. Sancho Manuel; é elle que se encontra frente a frente com D. João d'Austria; sustentando todas as responsabilidades, enormes e complexas, do commando em chefe do exercito portuguez.

Basta este facto para nos demonstrar que o conde de Villaflor foi considerado a primeira capacidade militar da época; valente, prudente, sabedor.

E' escusado dizer que esta campanha de 1663,

no Alemtejo, é a principal pagina militar do exercito portuguez.

Ao lado de D. Sancho Manuel o conde de Castello Melhor collocára homens eminentes; D. Luiz de Menezes, illustre conde da Ericeira, no commando da artilheria; e Diniz de Mello e Castro chefe da cavallaria. Como chefe de estado maior o famoso Schomberg.

Eu não faço agora a biographia de D. Sancho Manuel, ponho apenas em relevo a importancia d'este vulto militar.

Nascido em Lisboa era todavia muito eborense; um tio e uma irmã, e talvez mais parentes residiam em Evora. Era filho de D. Christovam Manuel de Vilhena e de D. Joanna de Faria, filha de Gaspar Gil Severim; isto é pae e mãe conheciam Evora; e quando elle triumphante fez salvar a sua artilheria no terreiro do Espinheiro, na volta do glorioso dia do Ameixial, lembrou-se sem duvida dos ascendentes que ali repousam, n'aquelle veneravel e historico templo, tão opulento em recordações eborenses.

Schomberg

Frederico Armando, conde de Schomberg, e em Portugal conde de Mertola, nasceu em Heidelberg, Allemanha, em dezembro de 1615, segundo o «Conversations-Lexicon, de Brockhaus», encyclopedia que tem hoje, especialmente em assumptos allemães, como é natural, grande authoridade.

Faço a consideração porque encontrei variantes notaveis nos differentes biographos d'este general.

Serviu com o celebre Gustavo Adolpho, entrou ao serviço da França, depois com Henrique de Nassau; volta a França: em 1655 era considerado como general notavel no exercito francez.

A França intervem activamente na politica portugueza; ha as negociações diplomaticas do conde de Soure, auxiliado pelo marechal de Turenne; resolvem-se mandar Schomberg a Portugal.

Grande soldo, posto garantido, bastantes officiaes para o acompanhar, e uns cem contos de réis para armar mais 4:000 homens.

Em 29 de outubro de 1660 embarcou no Havre de Grace, e chegou a Lisboa em 11 de novembro. Em 13 estava tudo desembarcado. Trazia officiaes distinctos das differentes armas, com subalternos de artilheria, quatrocentos cavalleiros bons. Schomberg começou logo a trabalhar.

«Mais l'armée portugaise etait indisciplinée, dépourvue de tout; l'ignorance et la jalousie des nationaux multipliaient devant lui les difficultés.»

Não lhe deram commando em chefe, e em 1661-62 teve de conservar-se em defensiva, e de certo modo n'um segundo plano. Mas veio a crise e os planos do marechal foram obedecidos. Os assédios d'Evora, a acção do Degebe, a batalha do Ameixial, mostraram bem a sua aptidão militar; o proprio conde de Villafior seguia as suas indicações.

Na campanha seguinte Schomberg bate o duque de Ossuna em Castel-Rodrigo; depois o marquez de Caracena em Villa Viçosa.

Deram-lhe honrarias, foi grande de Portugal, conde de Mertola, e finalmente governador das armas no Alemtejo (1666). N'esta posição fez a impetuosa e proficua marcha a Paymogo, Gibraleon e a S. Lucar do Guadiana, que fez grande impressão na côrte de Madrid.

Feita a paz Schomberg voltou ao serviço francez. Em 1685, depois do édito de Nantes, ainda veio a Lisboa; demorou-se pouco. Voltou a Allemanha, á Inglaterra e morreu na lucta com a Ir-

landa, na batalha da Boyne (julho de 1690), tendo-se atirado sem couraça ao mais perigoso da lucta.

Era de estatura mediana, bem feito, côr bonita, de robusta saude; cavalgava bem; estudava muito, mas pensava melhor do que fallava; todavia gostava muito de *casos* e *anedoctas*, e mesmo nas situações graves se mostrava jovial.

Tem hoje a cidade a sua estrada de circumvalação completa e arborisada; em alguns pontos pittoresca, e com vistas sobre as campinas e longinquas serranias.

Essa estrada segue exactamente o que resta da cerca fernandina e os baluartes do seculo XVII; o campo de acção dos assédios de 1663.

Nos ultimos tempos modificaram e abriram portas; dasappareceram de todo as velhas entradas estreitas e angulosas; mas tudo carece de embelezamentos. E será facil, pouco dispendioso, o transformar a entrada da Lagoa n'um terreiro amplo, por serem os terrenos do municipio, e sem variante consideravel de nivel. E n'esse largo ficaria bem uma memoria dos assédios eborenses de 1663; ao menos um pedaço de marmore lembrando em singella inscripção os soffrimentos da cidade, esses dias de briosas luctas, e de gloria da nação e do exercito portuguez.

FIM DA 4.^a PARTE



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana, 1.ª p. O templo romano. As inscrições lapidares. — 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836. — 4.º Loios. — 5.º Bibliotheca Publica. — 6.º Conventos, 1.ª parte, Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. — 8.º Vesperas da restauração. — 9.º Idem, 2.ª parte. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. — 12.º O archivo municipal. — 13.º A restauração em Evora, 1640-1645. — 14.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora, 1.ª parte. — 15.º Idem, 2.ª parte. — 16.º Idem, 3.ª parte. — 17.º Evora e o Ultramar. — 18.º Assédios d'Evora. 1.ª parte. — 19.º Idem, 2.ª parte. — 20.º Idem, 3.ª parte. — 21.º Idem, 4.ª parte.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand—Livraria Academica e livraria do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão publicados :

- 1.ª parte — fasciculos I a IX — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII e XIII. Documentos do Cabido. O livro dos herdamentos. Capitulos de Fernão Lopes. Extractos dos inventarios municipaes do sec. XIV. Extractos dos documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas da camara. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º — 2.ª parte, fasciculos X a XVI — Documentos municipaes. Ordens religiosas. Cartulario da cathedral eborense. Documentos da Misericordia.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand.

MADRUGADAS

A' venda em Evora em casa do editor Abranches.

DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio.

Fragments de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itinerario de Antonino, Plinio e Mella. Livro 3.º da Geographia de Strabão.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

OS FESTEJOS DE EVORA EM 1729

CASAMENTOS DA INFANTA D. MARIA BARBARA COM O PRINCIPE
DAS ASTURIAS, E DA INFANTA DE CASTELLA D. MARIA ANNA DE BOURBON
COM O PRINCIPE DO BRAZIL, D. JOSÉ;



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 63

1890



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

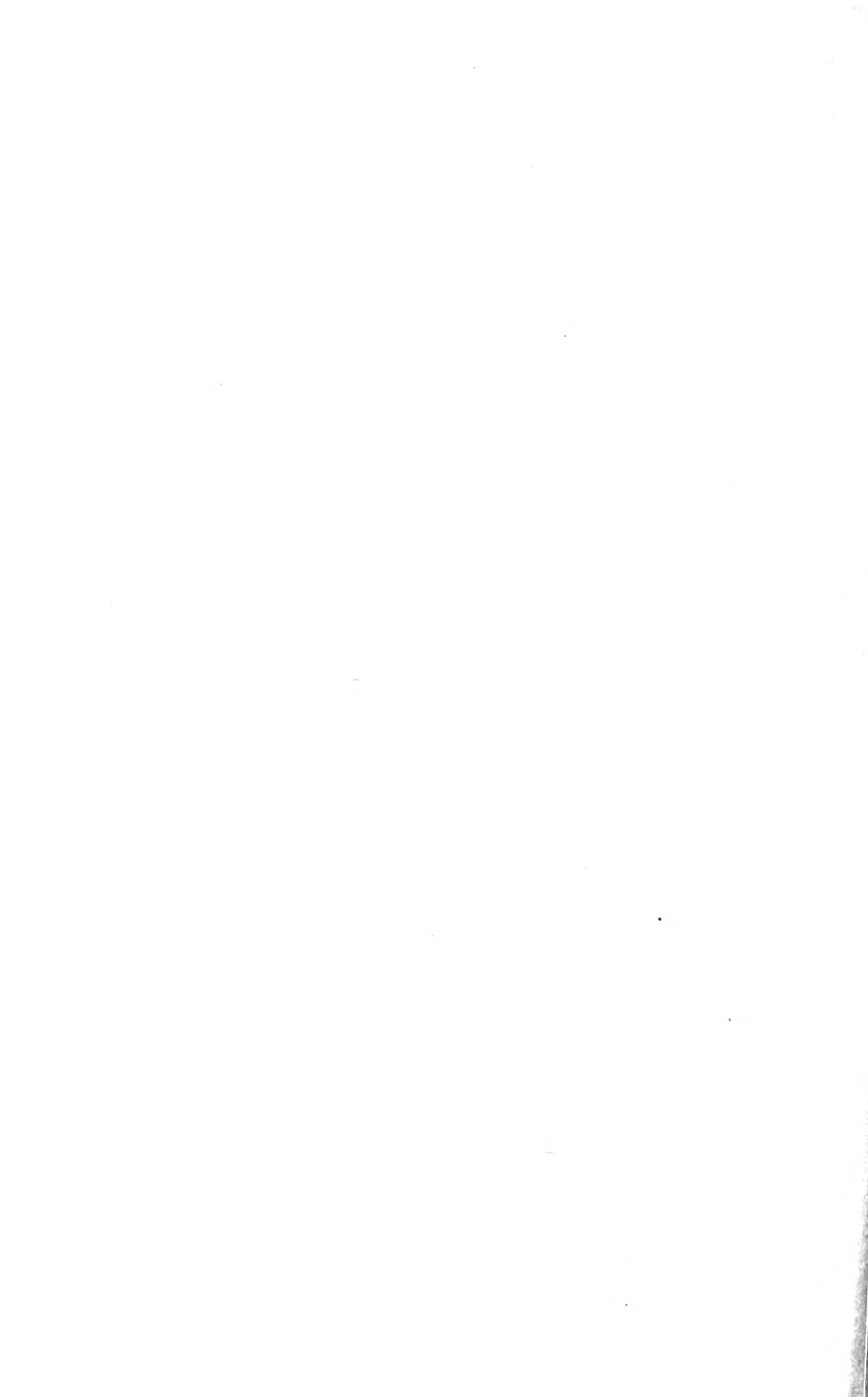
OS FESTEJOS DE EVORA EM 1729

CASAMENTOS DA INFANTA D. MARIA BARBARA COM O PRINCIPE
DES ASTURIAS, E DA INFANTA DE CASTELLA D. MARIA ANNA DE LOURDON
COM O PRINCIPE DO BRAZIL, D. JOSÉ



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 63

—
1890



ESTUDOS EBORENSES

Os festejos de Evora em 1729

Em conselho de estado de 24 de março de 1725, se tratou pela primeira vez dos casamentos da infanta portugueza, D. Maria Barbara Xavier Leonor Thereza Antonia Josefa, com o principe das Asturias, D. Fernando de Bourbon, filho de Philippe V rei de Hespanha; e da infanta de Castella, D. Maria Anna Victoria de Bourbon, com o principe do Brazil, D. José Francisco Antonio Ignacio Norberto Agostinho. As familias reaes, as côrtes, e os povos dos dois paizes consideraram e festejaram estes casamentos como segura garantia da paz e amizade entre os dois povos peninsulares.

D. João V determinou que as festas se celebrassem com a maior pompa. As duas familias reaes vieram entregar as princezas na fronteira, 'num

palacio improvisado sobre o Caya, a breve distancia de Elvas e Badajoz. Para descanso d'el-rei, e do seu numerosissimo sequito n'esta jornada, se construíram aposentos nos Pégões, e o palacio de Vendas Novas. Despenderam-se enormes sommas. Ao ler as relações da época não se espere encontrar o elevado, o artistico, o bello, sim o luxo, o ouro, o fausto frivolo. Existe um livro de mais de 400 pag. em que se descrevem meudamente essas festas reas; intitula-se: «Fasto de Hymeneo, ou Historia panegyrica dos desposorios, etc. . . por fr. José da Natividade (Lisboa, 1752)»; ahí, entre florestas de hyperboles, e estultos pensamentos, vem curiosas relações e inventarios de certa importancia para o estudo do reinado de D. João V.

N'esta jornada levou el-rei 10 coches, 8 berlindas, 20 estufas, 2 caleças, 141 seges, 7 galéras, 12 carros-matos, e 20 andas. Para se fazer idéa do pessoal empregado basta mencionar o quadro da cosinha e ucharia: 1 escrivão da cosinha, 1 ajudante do escrivão, 1 cosinheiro mór, um cosinheiro francez, 1 comprador e 17 moços, 7 moços da ucharia, 10 mestres de cosinha, 78 cosinheiros, 45 ajudantes e 66 moços; mais 24 varredores com seu apontador.

El-rei partiu de Lisboa em 8 de janeiro chegando pelas 9 da manhã a Aldeia Gallega. No dia 9 começava a rainha a sua jornada, trazendo tambem um enorme sequito.

O mez de janeiro de 1729 correu muito chuvoso, as estradas, as péssimas carreteiras, estavam alagadas; devia ser curioso o desfilar dos coches, estufas e berlindas, seges e caleças, cheios de cabelleiras empoadas, de sedas e velludos, de dourados e prateados, fazendo etiqueta na passagem de ribeiras e lamaças.

Existe no archivo municipal a descripção dos

festejos com que a cidade d'Evora recebeu a visita de D. João V. Passamos a publicar essa interessante noticia.

*

* *

Havendo chegado ao senado d'esta cidade de Evora carta do secretario de Estado, Diogo de Mendonça Corte Real, em que vinha inclusa uma de S. Magestade firmada por sua real mão, e escripta a 2 de janeiro de 1729, com aviso de que fazia viagem a Elvas com a Rainha, e com toda a casa Real para, na ponte do Caya, fazer entrega aos reis catholicos da senhora infanta D. Maria Barbara de Portugal, sua filha, já desposada com o serenissimo principe das Asturias D. Fernando, filho primogenito, e futuro herdeiro d'el-rei catholico D. Felippe V, havido constante o seu primeiro matrimonio; e receber a serenissima infanta D. Maria Anna Victoria de Bourbon, filha do mesmo Rei e da presente rainha catholica D. Izabel Farnesi, esposada tambem com o serenissimo principe do Brazil, D. José, filho de suas Magestades: e que na vinda e na volta haviam de fazer transito por esta cidade e pernoitar n'ella; se ajuntaram na camara os vereadores e officiaes d'ella com assistencia do dr. Carlos Pery de Linde, juiz de fóra da dita cidade, e entre todos se tomou assento na forma com que haviam de esperar a ss. magestades, e nas disposições que se haviam de fazer para o seu recebimento, attendendo-se á decencia das pessoas reaes e ao credito e honra da cidade; e assim se resolveu que sem attenção a despeza se fizesse tudo com a maior magnificencia que fosse possivel.

Desde logo se começou a executar como se tinha disposto concertando-se as estradas das terras

de sua jurisdição, reformando-se e pintando-se os chafarizes para ficarem mais vistosos, fazendo-se algumas obras no palacio dos arcebispos para ficar mais commodo ao alojamento da familia real, accrescentando-se as cavallariças e cocheiras.

Dispozeram-se arcos de triumpho, e fogos de artificio; fizeram-se galas magnificas, não só os ministros e vereadores, mas toda a nobreza da cidade, e todos em competencia procuraram cortinados e tapeçarias para ostentarem mais magnificencia. Todos trabalharam 'nestas disposições, mas com mais excessos e trabalho o Juiz de fóra, adiantando-as muito com a sua presença.

Recebido aviso de que el-rei chegaria a esta cidade no dia 10 de janeiro de 1729, e que havia de entrar pela porta chamada d'Alconchel, o foram esperar á entrada d'ella, em corpo de Camara, o Juiz de fóra Carlos Pery de Linde, os vereadores Luiz Barreto Zagallo de Seixas, Rodrigo Toscano de Valladares, e João Galvão de Oliveira, o escrivão da Camara José Monteiro de Mattos, e o procurador da cidade Francisco Madeira de Sousa, todos a cavallo, vestidos de capa e volta com vestias e bandas de ouro, chapéos guarnecidos de plumas, e varas douradas; e os dois procuradores do povo José Nunes, e Antonio José Callado, com José da Costa, seu escrivão, todos tambem de capa e volta com vestias e bandas de seda com ramos de ouro, e chapéos agaloados e emplumados, com varas vermelhas e a cavallo. Todos se apearam começando a apparecer a comitiva real, na qual se observava esta ordem.

1.º os trombeteiros e atabaleiros de S. Magestade:

2.º os ministros d'esta comarca, o corregedor Dionisio Esteves Negrão com vestido de velludo lavrado, vestias e bandas de tela de prata, e cha-

peo bem guarnecido; o provedor Antonio de Pava e Pona com vestido correspondente á sua idade; e o Juiz de fóra dos orfãos Francisco Nunes da Roza com vestido de velludo, vestia e banda de tela d'ouro.

3.º o meirinho da côrte e todos os mais officiaes de justiça d'esta cidade, todos a cavallo, com as varas alçadas.

4.º o desembargador José Vaz de Carvalho, corregedor do crime da Côrte e Casa, em um coche.

5.º todos os senhores titulares do reino cada um em seu coche com cavallos á dextra, magnificamente ajaezados, e os creados com librés guarnecidas de ouro ou prata.

6.º grande numero de excellentes cavallos d'el-rei, principe e infantes, todos com riquissimas selas, custosos jaezes, magnificos telizes, levados á dextra por outros criados de libré real tambem a cavallo, e a dita libré se mudou n'esta funcção da antiga, que era verde mesclada com passamanes verdes e brancos, em panno encarnado, nas casacas cobertas de galões d'ouro, e os canhões e vestes de panno azul guarnecidos de galões de prata.

7.º todos os camaristas ou gentis homens da camara d'el-rei, principe e infantes, em coches da casa real.

8.º o duque de Cadaval D. Jayme, como estribeiro mor de S. Magestade.

9.º O secretario de Estado, Diogo de Mendonça Corte Real.

10.º El-rei em um coche com o principe do Brazil, e o infante D. Antonio seu irmão, rodeado da sua guarda de archeiros montados a cavallo, com o seu capitão de guarda o conde da Ribeira.

Junto á porta mandou el-rei deter o coche, e deu logar a que o Juiz de fóra lhe fizesse a seguinte oração em nome da cidade :

—Muito alto e muito poderoso Rei e senhor nosso!

Perturbada com o respeito e veneração que influe a real e augusta pessoa de V. Magestade, e com o alvoroço que lhe causa a incomparavel fortuna de se ver na presença de um tão excellente monarcha, não acha hoje esta cidade palavras para fazer as expressões proporcionadas ao seu gosto e contentamento, maior e mais excessivo ainda que quanto podera prometter-lhe a sua esperança.

E devendo eu fallar em seu nome necessariamente me havia de ver na mesma perturbação, se me não alentara a publica autoridade do meu ministerio, devendo á grandeza de V. Magestade os espiritos que me animam para desempenho de tão difficullosa obrigação; e assim em nome d'esta cidade e de seus moradores offereço com reverente culto o sacrificio de todos os nossos corações, nos quaes recebemos a V. Magestade com o maior amor, e com o mais sublime gosto que pôde considerar a idéa e proferir o encarecimento.

Com esta fortuna se esquecerão das antigas felicidades de seus antepassados, e só lhes ficará a lembrança da gloria presente; já não celebrarão os triumphos de Sertorio, nem o esforço de Geraldo, que parece estava presentindo a felicidade da grande obra que V. Magestade vai aperfeiçoar, quando com arte igual ao seu valor arrancou das mãos dos barbaros esta grande cidade, e a pôz aos reaes pés do inclito heroe primeiro rei da monarchia; e até se lhes alliviarão as saudades da continuada assistencia que n'ella fizeram os senhores reis progenitores de V. Magestade. A estas glorias todas excede a da fortuna de ver e receber na real pessoa de V. Magestade um rei mais sabio, mais forte, mais prudente, mais pio, e por todos os titulos mais glorioso que todos os heroes dos

seculos passados; um rei feliz no real consorcio e na prole, destinado pela providencia para generoso tronco dos principes de Hespanha, e dos portuguezes que hão de subjugar e dominar o mundo todo ao seu imperio. Estas, senhor, são as prerogativas que hão de fazer esclarecida nos seculos futuros a gloriosa memoria de V. Magestade, e esta é a gloria que hoje nos enche de alegria nos corações, que offerecemos por victimas a V. Magestade, que com os mais ardentes votos desejamos que viva por annos dilatados para a admiração de todo o mundo, e gloria immortal da nação portugueza.

Viva! Viva! »

E acabada e agradecida por Sua Magestade a dita oração chegou o vereador mais velho, Luiz Barreto Zagallo de Seixas, a offerecer-lhe em uma salva de prata sobredourada as chaves da cidade (douradas tambem) presas em uma riquissima fita de tela encarnada em nome do senado. Sua Magestade poz n'ellas a mão em signal de que as aceitava, e logo a cidade saudou a el-rei com uma salva real de artilheria, e os sinos de todas as parochias e conventos começaram a festejar com incansaveis repiques o honrar Sua Magestade esta cidade com sua real presença.

Continuou el-rei a marcha; immediatamente o seguiu montando a cavallo o senado da Camara, levando o estandarte com as armas da cidade o alferes d'ella Gregorio Pestana de Pina, e todos os officiaes da Camara as varas alçadas. Seguiu-se a guarda real de cavallo de S. Magestade e logo uma innumeravel quantidade de seges de campo com os confessores, medicos, moços da guarda roupa, moços da camara, criados particulares e porteiros da canna. Depois vinham a cavallo em grande numero reposteiros, moços de monte, e da

estribeira : e ultimamente um regimento de infantaria, e outro de cavallaria, que tinham saído a esperar Sua Magestade ao sítio chamado da Cruz da picada, que fica distante pouco menos de um quarto de legoa da cidade. Haviam-se metido tambem no acompanhamento quatro capitulares da cathedral d'esta cidade, a saber, o deão José Correia de Azeredo Corte Real, o chantre Luiz de Sá e Silva, e os conegos Sebastião de Mira Coelho, e Ignacio Francisco de Castro, cada um em sua carruagem, os quaes por ordem do cabido, séde vacante, tinham ido esperar Sua Magestade ao principio d'este arcebispado, que fica d'aquella parte 11 leguas de distancia, a dar-lhe as boas vindas, e offerecer-lhe o governo das mesas capitulares, cujo cumprimento Sua Magestade ouviu fazendo parar o coche em que vinha.

Fez Sua Magestade o trajecto, sempre com vivas e aclamações do povo, pela rua d'Alconchel, praça, rua da Sellaria, na boca da qual tinham os ourives do ouro e da prata erigido um arco de triumpho com muitas figuras, e com os disticos e emblemas seguintes :

Emblema 1.º

Uma aguia coroadada no ninho, e voando d'elle outra aguia mais pequena, tambem coroadada, com a letra:

Non absque corona
Ire aquilæ datur

Emblema 2.º

Sobre uma mesa, junto da qual estava um homem, se divisava uma perola dentro da concha, e ao longe o mar, com a letra :

Ditat
Cum procul á patria.

Emblema 3.º

Os dois escudos de Portugal e Castella enlaçados um com o outro, e a letra :

Sociata tuentur
Et terrent

Emblema 4.º

Uma serpente mordendo a cauda em circulo perfeito, e a letra :

Prudentia æterna

Emblema 5.º

Uma aguia e um leão, e entre elles uma coroa e na tarja esta letra :

Debetur utrique.

Emblema 6.º

O sol pondo-se no occaso, e a letra :

In altera regna.

Na entrada da rua que vulgarmente se chama rua Ancha erigiram os mercadores um arco, o qual era de vistosa fabrica, composta de vinte columnas e duas faces, em que se admirava o primor da arte pelas ricas telas de que se adornava, e com as tarjas seguintes :

Emblema 1.º

Uma arvore com varias coroas nos ramos, e um lavrador esgalhando um dos ramos, que tambem tinha coroa, e a letra seguinte :

Vellitur, ut similis frondescat
consita Matri

Emblema 2.º

As figuras de Lusitania e Hespanha armadas, e no meio d'ellas a figura do Amor tirando-lhe das mãos as armas, e a letra :

Non ultra scevire datum.

Emblema 3.º

Uma não á vella no meio do mar com as quinzenas portuguezas e por divisa na bandeira :

Mutat regna ut commercia jungat.

Emblema 4.º

A cerva de Viriato (!) inspirando-lhe á orelha :

Intus ulit (!) (alit?)

O 3.º arco se erigiu na rua da Lagoa pelos officiaes que comprehendem as bandeiras de S. José e S. Jorge, e se compunha de 24 columnas da ordem dorica e corinthia, com pilares e cimalthas de airosa e elegante esculptura, todo de madeira, mas dissimulada com o artificio da pintura, que parecia dos mais primorosos marmores.

Emblema 1.º

Uma aguia arrebatando pelo ar a Ganimedes :

Suprema, ut teneat fastigia.

Emblema 2.º

Uma romeira, e nos ramos uma unica romã :

Unica, sed coronata.

Emblema 3.º

Uma fonte, e no mais alto formava com a mesma agua uma coroa :

Dum deferor, eferor ad coronam.

Emblema 4.º

O Zodiaco com os seus signos, e o sol no peito do signo de Leo, e uma aguia coroada que estava fora do zodiaco olhando para o sol :

Regina probabor.

Emblema 5.º

O leão de Hespanha, e a serpente de Portugal, no campo :

Temperat, ut regit.

Emblema 6.º

A arca de Noé, e saindo d'ella a pomba :

Pacem, egressa fert.

Todas as ruas, praças, casas dos magistrados estavam bem armadas com excellentes cortinados de tapeçarias.

Chegando el-rei ao primeiro degráo da egreja

cathedral achou no adro todos os religiosos dos conventos da cidade, e o cabido com um pallio muito rico. Ajoelhou Sua Magestade com o principe e o infante D. Antonio em umas almofadas que estavam sobre uma alcatifa, para adorar e beijar a Santa Cruz; e logo foi debaixo do pallio até á capella mór onde se cantou o Te-Deum. D'ali passou a fazer oração na capella do Santissimo Sacramento, e depois á de Nossa Senhora do Anjo, e logo se recolheu ao palacio archiepiscopal a pé, por ter a porta mistica com a da cathedral, acompanhado dos ministros, officiaes da Camara, cabido, religiões e toda a sua côrte.

Na manhã seguinte, 11 de janeiro, foi o senado ao paço, e na sua comitiva os procuradores do povo, beijar a mão a Sua Magestade, principe, e infantes D. Antonio e D. Francisco, que tambem tinha chegado de Lisboa, e o mesmo fizeram o cabido, o tribunal do Santo Officio, prelados das religiões, e muitas pessoas particulares. N'esta tarde e na manhã seguinte viram Suas Magestades e Altezas varios conventos e edificios da cidade.

Com o aviso de que a rainha chegaria a esta cidade na tarde do dia 12, sahiu el-rei, com o principe e infantes, do paço, seriam pouco mais de 5 horas da tarde, a esperar pouco distante da Cruz da picada, e assim que se avistaram passou a rainha e princeza das Asturias do coche em que vinha a rainha para o em que estava el-rei. Foram infinitos os vivas e acclamações do povo que ali tinha concorrido que era inumeravel, dispararam as artilherias, soaram os repiques, e continuou-se a marcha para a porta de Alconchel onde se tinha fabricado um arco de magnifica architectura e custosa armação. Achava-se junto a elle o senado com os procuradores do povo, e o seu alferes com a bandeira da cidade, com um riquissimo pallio de

brocado de flores e ramos de ouro, com preciosas franjas e oito varas douradas para servir no caso que quizessem as Magestades usar d'elle como os reis antigos costumavam fazer quando vinham a esta cidade, porem não quizeram praticar este estylo Suas Magestades, e fizeram sua entrada em um coche, e parando elle junto ao lugar aonde estava o senado, o juiz de fóra, que estava com outro vestido magnifico todo de tisso d'ouro com capa e volta, e no chapéo uma grande plumagem branca levantada, a que n'este tempo, com voz franceza, chamam *cocard*, fez em nome da cidade á rainha a seguinte oração:

— Muito alta, muito poderosa, e augustissima rainha, senhora nossa! Chegou o alegre dia em que esta cidade, antigo domicilio dos monarchas portuguezes, havia de ter o complemento de sua gloria com a incomparavel fortuna de receber a real pessoa de V. M. A grande vantagem com que V. M. excede as rainhas que lhe precederam no throno, é a medida porque hoje cresce até o maior auge a nossa gloria. Em V. M. se admiram unidas todas as virtudes que divididas pelos outros principes os fizeram famosos e esclarecidos não só em Portugal, mas no mundo todo. A devoção e piedade para com Deus, a misericordia e liberalidade para com os pobres: o amor e beneficencia para com os vassallos; a prudencia, a fortaleza, e todas as mais virtudes resplandecem com tanto excesso em V. M. como se em cada uma d'ellas se empregasse sòmente o seu pio e religioso animo. A estas virtudes com que V. M. attrahiu igualmente o amor e admiração de todos os seus vassallos, se ajuntam as grandes felicidades que communicou a este reino na multiplicada successão que deu ao nosso augusto monarcha. E como se fosse Portugal pequena esféra para os seus influxos, os com-

municou tambem aos reinos de Hespanha com a serenissima princeza das Asturias, primogenita imitadora das virtudes de mãe tão heroína, que a deu á luz para occupar o throno d'aquella monarchia, e agora vae conduzindo para o feliz consorcio de seu real esposo. Estas, senhora, são as excellencias que fizeram a V. M. singular entre as maiores rainhas do mundo, e esta é a causa de crescer excessivamente a gloria d'esta cidade, tendo a ventura de receber uma tão famosa rainha destinada por Deus para instrumento da felicidade de tantos reinos. Em justo reconhecimento de tantas dividas e tanta gloria que V. M. lhes communica lhe offercem a nobreza e povo d'esta cidade os seus corações, e os seus animos, que por excessivos se não pôdem explicar cabalmente com vozes; n'elles promettemos a V. M. a mais fiel e voluntaria obediencia, e para que esta seja mais perduravel e mais continuada a nossa fortuna, desejamos a V. M. a mais dilatada vida. Viva, viva! —

Agradeceu a rainha com especialidade as expressões d'esta pratica, e com demonstrações de benevolencia; e logo o vereador mais velho offerceu as chaves á mesma senhora na mesma fórma e com o mesmo cumprimento que tinha feito a el-rei; e feita a cerimonia de pegar n'ellas se continuou a marcha pelo mesmo modo, e pelas proprias ruas por onde el-rei passou no dia da sua entrada; mas por ser de noite estavam as ruas não só armadas e alcatifadas de espadanas, mas guarnecidas de luminarias. Chegando á cathedral se praticaram com a rainha as ceremonias que se tinham observado com el-rei, e depois de se cantar o Te-Deum se recolheram todos para o paço; onde no dia seguinte pela manhã foi o senado com os procuradores do povo, e tiveram a honra de beijar a mão á rainha e princeza; o que tambem

fez o cabido, o Tribunal do Santo Officio, preladados das religiões e outras pessoas particulares.

A 14 pelas 3 horas da madrugada fez el-rei viagem para Villa Viçosa com o principe e infantes: foi ouvir missa á igreja do Espinheiro dos religiosos de S. Jeronymo, até onde o acompanhou o juiz de fóra d'esta cidade, e d'ali permittindo-lhe que lhe beijasse a mão, e ao principe, se recolheu. De tarde assistiu com o senado na porta de Alconchel onde esperou ao patriarcha de Lisboa, com quem se praticaram as mesmas cerimoniaes, que com el-rei, por assim o haver ordenado o mesmo senhor por carta do secretario de Estado escripta á Camara. Aquartelou-se no collegio dos Padres da Companhia.

No dia 15 pelas 4 da madrugada sahiram d'esta cidade a rainha e princeza, e até ao Espinheiro, onde ouviram missa, as acompanhou o juiz de fóra, por não quererem consentir que passasse adiante, e beijando-lhes a mão e voltando á cidade, foi n'essa mesma manhã com o senado em corpo de camara visitar e beijar a mão ao patriarcha, que mandando-os entrar e assentar na propria camara em que assistia, lhes agradeceu a muita attenção que tinham á sua pessoa; e como partio no dia seguinte para Villa Viçosa, o foram acompanhando o mesmo juiz, senado e procuradores do povo a cavallo, na mesma fórma que fizeram a el-rei, porém a pouca distancia requereu que se recolhessem, o que fizeram.

Em 31 de janeiro voltou a esta cidade o mesmo patriarcha pela porta da Lagoa e ali o esperavam o juiz de fóra, o senado e procuradores do povo, apeando-se tanto que avistaram a sua comitiva, fazendo o juiz de fóra uma oração em nome da cidade, e offerecendo-lhe o Vereador mais velho as chaves d'ella e o seu governo politico, tudo

com a mesma solemnidade que se observa com el-rei. O patriarcha lhes rendeu as graças por estas attenções que a cidade com elle usava, e continuando a sua marcha se alhojou no collegio da Companhia, achando por todo o caminho as ruas armadas e cobertas de espadanas, indo diante o seu acompanhamento, e o corregedor, provedor, juiz de fóra, senado, etc. até o deixarem no seu alojamento.

No dia seguinte 1.º de fevereiro entraram incognitos n'esta cidade el-rei, o principe do Brazil, os infantes D. Pedro, D. Francisco e D. Antonio, em um coche pela porta d'Aviz, seguido em outro coche pelo duque D. Jayme, e pelo marquez de Alegrete, que era o gentil homem da Camara que estava de semana, havendo corrido a posta desde Estremoz.

Entraram no paço sem serem esperados n'aquella hora, e pouco depois passaram para o côro da igreja cathedral, aonde se cantavam as vespervas da festa da Purificação. Voltando ao paço foram ver as casas dos antigos marquezes de Ferreira, que eram do duque D. Jayme, estribeiro mór, e ali estiveram até vir a noticia de virem chegando á cidade a rainha e a princeza do Brazil; partiram a esperal-a ao chafariz dos Leões, onde se tinham mandado ajuntar todos os cavalheiros da côrte com as suas magnificas carruagens e librés. Em se encontrando sahiu a rainha e a princeza do coche em que vinham e se metteram no d'el-rei, no qual continuaram todos a marcha para a porta da Lagoa com esta ordem :

- 1.º O corregedor, provedor, juizes de fóra.
- 2.º O meirinho da côrte e officiaes de justiça da cidade.
- 3.º O desembargador José Vaz de Carvalho, corregedor do crime da côrte e casa, no seu coche.

4.º Os trombeteiros e atabaleiros d'el-rei.

5.º Os coches de todos os titulos em que elles iam, levando aos lados criados a cavallo com outros das suas pessoas á dextra com sellas e telises magnificos.

6.º Os cavalloos d'estado d'el-rei e infantess. levados á dextra por creados da libré de Sua Magestade montados em outros.

7.º Os coches de estado.

8.º Os gentis homens da Camara, e officiaes das casas reaes em coches das mesmas casas.

9.º O duque D. Jayme, estribeiro mór em coche d'el-rei.

10.º O coche de SS. MM. e AA.

11.º Grande numero de séges de campo com os confessores, medicos, moços da guarda roupa e da camara, criados particulares e porteiros.

12.ª Um grandissimo numero de reposteiros, moços da estribeira e do monte.

A guarda dos archeiros, a cavallo, cercava o coche das pessoas reaes.

Na porta da Lagoa havia um arco de triumpho, de 12 columnas, magnificamente armado de sedas e riquissimos lóos, com emblemas e divisas allusivas ao assumpto.

Junto do arco estava o senado da cidade e o juiz de fóra que n'este dia se apresentou com vestido mais rico ainda que os outros dos dias antecedentes, todo de tissu de ouro. Ahi fez uma elegante oração que terminou com os vivas do costume.

As Magestades agradeceram; o vereador mais velho offereceu as chaves da cidade á princeza.

Estava logo á entrada da cidade contrafeito um formoso jardim com muitas arvores, figuras, fontes, penhascos, com varios emblemas e outras curiosidades.

Toda a rua estava armada com excellentes cortinados, colchas e tapeçarias. Junto ao adro de S. Domingos outro arco com 24 columnas, com seus frisos e architraves, sobre que assentava uma galeria de varandas, tudo fingindo admiravelmente pedra com muitas figuras, rematando no escudo real.

A fonte da Porta Nova estava ornada de muitas figuras e ramalhetes, e sobre um globo a estatua de Sertorio, com os vestidos estofados de ouro. Toda esta rua e a rua Ancha guarnecidas de cortinados e tapeçarias nas janellas e portas.

Outro arco na boca da rua Ancha para a praça, formado de columnas, com sedas lavradas a ouro, e prata. Toda a praça estava adornada de tapeçarias e alfayas ricas, especialmente a casa do Magistrado. Na fonte pozeram muitas figuras de se-reias e tritões, e pelas bordas do tanque craveiros de grande variedade de galanterias.

No meio da praça formou-se uma representação da torre de Belem com suas peças d'artilheria pequenas, que salvaram na passagem de SS. MM.

Outro arco á entrada da rua da Sellaria, de columnas e estatuas, rematando em corôa real.

No adro da sé esperavam as MM. e AA., de cruz alçada, todas as communidades religiosas da cidade, e o cabido com um pallio riquissimo.

A familia real, precedida de todas as religiões em procissão entoando o *Te-Deum*, entrou na cathedral, que estava toda custosissimamente adornada por armadores que o cabido mandou vir de Lisboa, com as melhores telas e ornamentos que poderam obter na côrte. Fizeram oração na capella mór, depois na do Santissimo, e ultimamente na da Senhora do Anjo, donde foram para o Paço.

Ô juiz de fóra, e o senado foram logo ao Paço,

levando as suas varas douradas: e os procuradores do povo e seu escrivão com as vermelhas.

No dia 2 de fevereiro, festa da Purificação de Nossa Senhora, depois que os conegos fizeram os seus officios da igreja cathedral, entrou o patriarcha com os conegos e clerigos da santa igreja patriarchal de Lisboa, a fazer a benção da cera com todas as solemnidades e requisitos que dispõe o ceremonial romano, na presença de SS. MM. e AA., e esta funcção se executou com extraordinaria pompa e luzimento. Distribuiu-se cêra por toda a nobreza da côrte e da cidade, camara, pessoal da sé, e como sobejassem ainda 20 arrobos de velas as mandou el-rei repartir pelos altares da cathedral. Terminada a distribuição o patriarcha celebrou pontifical, que acabou ás 2 da tarde, assistindo toda a familia real, a côrte, senado, muitos sacerdotes e innumeravel povo.

No dia seguinte, 3 de fevereiro, sahiu o patriarcha pelas 8 da manhã para Montemor o novo.

O senado da camara mandou 'nesse mesmo dia um presente á princeza do Brazil. Constava de 24 vitellas todas enfeitadas, 24 cargas de perús, gallinhas, capões, leitões, pombos, perdizes, e outras caças, levadas por trinta homens vestidos de jaquetas encarnadas e verdes, e 24 meninas bem vestidas com caixas de excellentes dôces fabricados de tal fórma que pareciam as mesmas frutas de que se fizeram. Foi tudo guiado pelo procurador da camara montado a cavallo com a sua vara dourada, e apeando-se junto ao paço subiu á primeira casa do docel, e deu o recado que levava ao mordomo mór da rainha; esta mandou ir á sua presença as 24 meninas e lhes fez dar a cada uma uma peça de 6400 réis.

Nos dias em que SS. MM. se detiveram aqui

andaram vendo mosteiros e cousas mais notaveis da cidade e arredores. El-rei partiu em 9 de fevereiro para Montemor.

N'esta cidade fez el-rei mercê de conde d'Alva a D. João Diogo de Athayde, que era na occasião e continuou a ser general das armas d'esta provincia.

Nomeou gentis homens da sua camara o marquez de Alegrete, Manuel Telles da Silva, o marquez de Cascaes D. Manuel José de Castro, o marquez de Fontes Joaquim Francisco de Sá e Menezes, e o conde de Assumar D. João d'Almeida.

Tambem fez a mercê ao Corregedor d'esta comarca Dionisio Esteves Negrão, ao provedor Antonio de Paiva e Pona, de béca honoraria, e ao juiz de fóra Carlos Pery de Linde de uma correição ordinaria e do habito de Christo; outra correição ordinaria ao juiz de fóra dos orphãos Francisco Nunes da Rosa.

Á universidade d'esta cidade concedeu o privilegio de ter mais duas cadeiras para canones e direito civil. Deu infinitas esmolas a mosteiros de frades e freiras, a muitas igrejas, e a grande numero de pessoas na cidade e no campo.

Mandou soltar os presos por dividas, pagando o thesoureiro da jornada aos credores; e os criminosos não comprehendidos nas exclusões do seu decreto, para o que se fez uma junta na secretaria do Estado.

A rainha com a princeza sahiu pouco depois d'el-rei, ouvindo primeiro missa na igreja dos Loios.

Emquanto as magestades estiveram em Evora houve luminarias todas as noites, nos conventos e casas da cidade. Quando chegou a princeza do Brazil e nas duas noites seguintes houve fogo d'artificio.

Toda a gente d'Evora fez despezas extraordinarias; a nobreza fez vestidos de grande custo; a todos excedeu o juiz de fóra que fez quatro vestidos qual mais rico, e uma libré rica, côm de canella, aos 4 lacaios, agaloada de prata com plumas brancas nos chapéos, sendo magnificos os chareis e jaezes dos seus cavalloos.







GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana, 1.ª p. O templo romano. As inscrições lapidares. — 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836.—4.º Loios. — 5.º Bibliotheca Publica.—6.º Conventos, 1.ª parte, Paraíso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. — 8.º Vesperas da restauração. — 9.º Idem, 2.ª parte.—10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. — 12.º O archivo municipal.—13.º A restauração em Evora, 1640—1645.—14.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora, 1.ª parte. — 15.º Idem, 2.ª parte. — 16.º Idem, 3.ª parte. — 17.º Evora e o Ultramar. — 18.º Assédios d'Evora, 1.ª parte. — 19.º Idem, 2.ª parte. — 20.º Idem, 3.ª parte. — 21.º Idem, 4.ª parte. — 22.º Os Festejos de Evora em 1729.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand—Livraria Academica e livraria do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão publicados :

- 1.ª parte — fasciculos I a IX—Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII e XIII. Documentos do Cabido. O livro dos herdamentos. Capitulos de Fernao Lopes. Extractos dos inventarios municipaes do sec. XIV. Extractos dos documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas da camara. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º—2.ª parte, fasciculos X a XVI—Documentos municipaes. Ordens religiosas. Cartulario da cathedral eborense. Documentos da Misericordia.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand.

MADRUGADAS

A' venda em Evora em casa do editor Abranches.

DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio.

Fragments de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itinerario de Antonino, Plinio e Mella.

Livro 3.º da Geographia de Strabão.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

EVORA

NOS

LUSIADAS



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua Ancha n.º 85

1890



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

EVORA

N.º 5

LUSIADAS



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE DEPOZIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua d'Aviz n.º 93

1890



ESTUDOS EBORENSSES

EVORA

NOS LUSIADAS

CANTO TERCEIRO

LXII

E vós também, ó terras Transtaganas,
Affamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes.
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
E Alcaçare do Sal estam rendidas.

LXIII

Eis a nobre Cidade, certo assento,
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem sustentar de longo a terra, e a gente
Pelos arcos reaes, que cento e cento,
Nos ares se alevantam nobremente;
Obedeço, por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

LXIV

Já na cidade Beja vai tomar
 Vingança de Trancoso destruida,
 Affonso, que nam sabe sossegar,
 Por estender co'a fama a curta vida;
 Nam se lhe pode muito sustentar
 A cidade; mas sendo já rendida,
 Em toda a cousa viva a gente yrada
 Provando os fios vay da dura espada.

Luiz de Camões descreve a conquista do Alemtejo aos mouros. El-rei D. Affonso Henriques, assegurada a posse da margem direita do Tejo pela tomada de Santarem e Lisboa (1147), começou as suas campanhas de conquista no Alemtejo.

O anno de 1166 viu assignaladas victorias dos christãos; os mouros perderam Evora pela celebre surpresa de Giraldo sem pavor, e pouco depois o rei, n'uma ousada e rapida campanha, conquista Moura, Serpa e Alconchel, trez praças principaes na região a oriente de Evora, dominando já larga porção do Guadiana.

Alcacer do Sal fora tomada antes, em 1158, retomada depois pelos mouros, e só entrou de vez no dominio christão em 1217.

Refére-se Camões tambem ao aqueducto que traz á cidade a agua da fonte da Prata, sua origem, junto á aldeia de Nossa Senhora da Graça do Divor. E por esta origem se diz *agua da prata*.

Até junto do mosteiro de S. Bento de Castris o aqueducto segue as encostas salvando as depressões mais fortes em poucos arcos sem importancia: passado o mosteiro salva a larga depressão do terreno n'uma arcaria bem construida, com certa elegancia na sua singeleza.

Antes do monumental aqueducto das aguas livres de Lisboa era o d'Evora considerado o primeiro de Portugal. Construido no reinado de D. João III era em tempo de Camões obra muito fal-

lada pela sua importancia, pelas questões de eruditos que motivára, e ainda pelas artisticas ornamentações que em pontos o realçavam, algumas das quaes ainda subsistem.

LXXV

Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passe d'Alemejo,
Com gente, e co'o belligero aparelho:
Sancho, d'esforço e d'animo sobejo,
Avante passa, e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vay regando
Co'o sangue mauro, barbaro e nefando.

LXXVI

E com esta victoria cobiçoso
Já nam descança o moço até que veja
Outro estrago como este, temeroso
No barbaro que tem cercado Beja.
Nam tarda muito o principe ditoso,
Sem ver o fim d'aquillo que deseja,
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas poem sua esperança.

E' a expedição feita por D. Sancho em 1178-1179, ainda em vida do pae, a fim de evitar reforços e auxilios aos mouriscos do sul do Alemejo, o que se conseguiu, ficando estes isolados e derrotados. Os mouros chegaram a ter Beja cercada. O exercito portuguez chegou a Sevilha, os mouros tiveram de concentrar ali rapidamente todas as suas forças, e assim ficou isolado o exercito sarraceno que estava sobre Beja, sendo derrotado.

LXXXV

Sancho forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se experimentára
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os que Beja em vão cercaram
Os golpes de seu braço em si provaram.

Mas já co'os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão qualhados,
Lustra co'o sol o arnez, a lanca, a espada;
Vam rinchando os cavallos jaezados;
A canora trombeta embandeirada,
Os corações á paz acostumados,
Vay ás fulgentes armas incitando
Pelos concavidades retumbando.

Começa Luiz de Camões a descrever a famosa batalha do Salado. Reunem-se nos campos de Evora as tropas com que Affonso IV vai partir para Tarifa em soccorro do genro Affonso de Castella, expedição terminada gloriosamente para os christãos (outubro de 1340).

Temos em Evora recordações historicas das mais notaveis da victoria do Salado: a grande e significativa inscripção descriptiva da batalha e commemorativa dos peões e cavalleiros eborenses que ahi seguiram o *santo lenho*, singular lettreiro que se acha na divisoria entre a capella do Santissimo e a capella mór da Sé.

Existem ainda e bem conservadas as portas e lados do armario ou tryptico que antigamente, julgo eu, guardava a celebre reliquia; são quadros em madeira, singulares e muito estimaveis na historia da arte, evidentemente allusivos á partida e á volta de Affonso IV a Evora, commemorando especialmente o voto do rei. No quadro que representa a volta á cidade, depois do Salado, apparece entre os homens d'armas o principe mouro que o rei acceitou.

Estes quadros estiveram nos ultimos tempos na vestiaria; mal collocados e sem cuidados. Recentemente o rev.^{do} conego Alfredo Cesar d'Oliveira mandou fazer-lhes molduras apropriadas e collocal-os em sitio mais conveniente.

A inscripção é um notabilissimo documento da cidade de Évora, e essas taboas pintadas são verdadeiras singularidades na arte portugueza, pela sua execução, pelas suas características, pelo facto historico a que alludem, e por ser bem raro encontrar no seculo XVI assumptos tratados na pintura fóra dos religiosos.

A fundação da antiga confraria da Victoria tambem se liga ao Salado; todavia a capella existente na egreja de S. Vicente é muito mais moderna.

E o proprio *santo lenho*, a antiga veneração que o rodeia, e o logar principal que sempre tem conservado entre as reliquias da sé, encontram o seu motivo n'aquella famosa victoria.

CANTO QUARTO

III

Ser isto ordenaçam dos Ceos divina
 Por sinais muito claros se mostrou,
 Quando em Évora a voz de hua minina,
 Ante tempo fallando o nomeou;
 E como cousa em fim que o Céu destina,
 No berço o corpo, e a voz alevantou,
 Portugal. Portugal, alçando a mão,
 Disse, pelo Rei novo, Dom João.

IV

Alteradas entam do Reino as gentes
 Co'o odio que occupado os peitos tinha,
 Absolutas cruezas e evidentes
 Faz do povo o furor por onde vinha,
 Matando vão amigos e parentes
 Do adultero conde, e da Rainha,
 Com quem sua incontinencia desonesta
 Mais (despois de viuva) manifesta.

Camões escreve da acclamação do mestre de Aviz, do enthusiasmo popular que não teve limi-

tes no arrojo e na phantasia. O povo que fez Aljubarrota acreditava que uma menina de berço acclamára o *rei novo*. Em Evora o partido popular era exaltado; foram tempos de morte e ferocidade que em Fernão Lopes tiveram sincero chronista; são admiraveis esses capitulos em que elle nos descreve os casos eborenses, a prisão do mestre, o arranco popular, a brava sanha contra os partidarios de Leonor Telles, a tomada do castello, a selvageria dos bandos na morte da abadessa de S. Bento.

D. João reconheceu depois os serviços dos eborenses, e agradeceu com privilegios especiaes ao *povo meudo*, aos *meudos*, aos mesteiraes e braceiros, em singulares documentos que chegaram até nossos dias.

XXIV

Dom Nuno Alvarez digo, verdadeiro
 Açoute de soberbos castelhanos,
 Como já o forte Huno o foy primeiro
 Pera Franceses, pera Italianos,
 Outro tambem famoso cavalleiro,
 Que a ala direita tem dos Lusitanos,
 Apto pera mandalos, e regelos,
 Mem Rodriguez se diz de Vasconcellos.

Nun'Alvares, e Mem Rodrigues de Vasconcellos, dois heroes d'Aljubarrota, tem relações eborenses.

Muitas das emprezas militares do condestavel partiram de Evora; alem d'isto era aqui proprietario e tinha casa e creadagem como se prova por documentos.

Mem Rodrigues de Vasconcellos tem a sua campa, com brazão e espada de cavalleiro, na igreja de S. Francisco.

XXVIII

Deo signal a trombeta Castelhana
 Horrendo, fero, ingente, e temeroso,
 Ouvio-o o monte Artabro, e Guadiana,
 Atraz tornou as ondas le medroso :
 Ouvio o Douro, e a terra Transtagana,
 Correo ao mar o Tejo duvidoso ;
 E as mãs, que o som terribil escuitaram
 Aos peitos os fillinhos apertaram.



XLV

O vencedor Joanne esteve os dias
 Costumados no campo, em grande gloria ;
 Com offertas depois, e romarias
 As graças deu a quem lhe deu victoria :
 Mas Nuno, que nam quer por outras vias,
 Entre as gentes deixar de si memoria,
 Senam por armas senpre soberanas,
 Pera as terras se passa Traustaganas.



LVIII

Nam quis ficar nos reinos occioso
 O mancebo Joanne, e logo ordena
 De ir ajudar o pay ambicioso
 Que entam lhe foy ajuda não pequena,
 Saio-se em fim do trance perigoso
 Com fronte nam torvada, mas serena
 Desbaratado o pay sanguinolento :
 Mas ficou duvidoso o vencimento.

LIX

Porque o fillo sublime e soberano,
 Gentil, forte, animoso cavalleiro,
 Nos contrarios fazendo imenso dano,
 Todo hum dia ficou no campo inteiro.

.....

Refere-se á batalha de Tóro. *O mancebo Joanne* e o principe D. João, depois el-rei D. João II.

Com o principe estavam muitos eborenses; e com as armas no lombo e a lança nas mãos, gastando cousas fazendas, e poendo as pessoas a risco por

vosso serviço, que se Vossa Senhoria esguardar achará que da dita cidade morreram na batalha desasete por vosso serviço» dizem os procuradores de Evora em seus capitulos de côrtes de 1476.

São muito interessantes tambem os documentos de João II dirigidos á cidade a respeito d'esta batalha; a descripção do combate, o regimento da procissão, etc.

CANTO OITAVO

II

.....
 Este que vês he Luso, donde a fama
 O nosso reino Lusitania chama.

III

.....
 Parece vindo ter ao ninho Hispano
 Seguindo as armas que continuo usou
 Do Douro, Guadiana o campo ufano,
 Já dito Elisio, tanto o contentou
 Que ali quis dar aos já cansados ossos
 Eterna sepultura, e nome aos nossos.



XXI

Olha aquelle que dece pela lança
 Com as duas cabeças dos vigias,
 Onde a cilada esconde, com que alcança
 A cidade por manhas e ousadias;
 Ella por armas toma a semelhança
 Do cavalleiro, que as cabeças frias
 Na mão levava, feito nunca feito,
 Giraldo sem-pavor he o forte peito.

Paulo da Gama descreve ao Catual as bandeiras da armada, e os escudos das cidades; o brasão eborense ficou descripto no *estudo* especial intitulado «Brasão d'Evora».

Na mesma guerra vê que presas ganha,
Estoutro capitam de pouca gente,
Commendadores vence, e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente;
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar com amor ardente.
O preso amigo, preso por leal,
Pero Rodrigues he do Landroal.

Pero Roiz, o valente alcaide do castello do Alandroal, da ordem de Aviz, bom modelo de ousadia e de lealdade, era partidario do mestre de Aviz e teve papel importante na *pequena guerra* entre portuguezes e castelhanos que se prolongou por muitos annos. sustentada principalmente pelas ordens militares. Guerra de castello contra castello, cheia de vinganças e odios pessoaes; de assaltos, de surpresas, de ciladas e embuscadas, por vezes de uma ferocidade extrema. Duas das façanhas do alcaide do Alandroal ficaram memoraveis.

Um commendador da ordem de Alcantara e outro da de Calatrava, castelhanos, juntaram bastantes cavalleiros, entraram pelo Alemtejo, devastando e saqueando; principalmente fizeram grande presa de gado e apressadamente retiravam para Castella quando Pero Roiz lhes sahiu ao encontro com pouca gente d'armas, mas de tal sorte lhes deu que os obrigou a retirar, largando a presa.

Na geral agitação, profunda e dilatada, que dominou a gente portugueza depois da morte de D. Fernando, muitos oscillavam entre os partidos do mestre e o da rainha. Vasco Porcalho, alcaide de Villa Viçosa inclinou-se para Castella; o alcaide do Alandroal era do mestre d'Aviz.

Sabendo da inclinação de Vasco, e receando que elle entregasse o castello aos hespanhoes, reuniu-se com Alvaro Gonçalves, e ambos com seus

treires e homens d'armas cahiram sobre Villa Viçosa e expulsaram o alcaide.

Este foi logo ter com o mestre d'Aviz e taes cousas allegou que D. João fez-lhe passar ordem para voltar ao castello. Vasco Porcalho entra em Villa Viçosa, entrega o castello aos hespanhoes, e prendeu Alvaro Gonçalves, e sua mulher, roubando-lhe a casa.

Para maior segurança do preso foi este enviado para Olivença.

O alcaide do Alandroal soube do acontecido, reúne alguns homens decididos, corre ao caminho de Olivença occultando-se quanto possivel, e dá nos homens de Villa Viçosa que destroça, libertando o seu amigo.

Versões latina, hespanhola, italiana, franceza, ingleza
e alleman das oitavas relativas a Evora

CANTO TERCEIRO

LXII

Vos quoque, flaventis Cereris ditissima donis
Trans diffusa Tagum, Lusorum viribus arva
Cessistis, plusquam mortalibus; arma ruentum
Sensistis, clavesque illis, et colla dedistis.
Tuque adeo, tu Maure, solum qui scindis aratro,
Falleris, ereptos dum semina mittis in agros;
Cum Elvae celebres, et Serpa, et Maura colonos
Subjecta accipiant, et pulchra Salacia lusos.

LXIII

En urbs fama ingens, sibi quam Sertorius olim
Delegit stabilem romana in proelia sedem,
(Nunc ubi per longos se lympha argentea ductus
Ingerit, atque urbi latices, populisque ministrat.
Centum arcus, et centum alii, quos regia coelo
Majestas eduxit, aquam inolimine ducunt
Aere sublatam immodico), virtute Gyraldi
Intrepidi dat capta manus, fastusque remittit.

LXIV

Cernitur hic meritas Pax Julia pendere poenas
Francosii eversi; violento has Marte reposcit
Impiger Alphonsus, qui despicit otia, famae
Consultit, aeternumque parat per secula nomen.
Nec potis est durare diu; expugnata cruentum
Urbs sensit victorem; animis furit ille, relinquit
Ac nihil intactum ferro; metit improbus ensis
Quidquid in urbe vicens animis sensuque repertum

LXII

Y vosotras oh! tierras Transtagañas!
 Del don tan ricas de la rubia Ceres,
 Las ciudades le dais y las cabañas,
 Obediciendo á más que humanos seres.
 Y tú, Moro cultor, cuánto te engañas
 Si sustentar el fertil campo quieres!
 Ya Moura, y Serpa, y Elvas distinguidas,
 Y Alcazar de la Sal están rendidas.

LXIII

Ved á la gran Ciudad, seguro asiento
 Del rebelde Sertorio antiguamente,
 De donde rio liquido de argento
 Hoy lejos va á surtir á tierra y gente
 Por los arcos de Rey que ciento á ciento
 En los aires se elevan noblemente:
 Vedla ceder al brio y fuerza brava
 De Giraldo, que medios no llevaba.

LXIV

Ya á la ciudad de Beja á imponer grave
 Pena va de Trancoso destruida
 Alfonso, á quien reposo no le cabe
 Por alargar con fama corta vida;
 Y aunque asaz poco resistirle sabe,
 No bien la ciudad triste cae rendida.
 En lo que aun vivo está, la gente airada
 Ensangrienta los filos de la espada.



LXII

E voi pur d'Oltre-Tago e voi province
 Per li doni di Cerere famose,
 A quella forza ch'ogni forza vince:
 Mura e campi cedeste ossequiose,
 Quanto, o Mauro cultore, error t'avvince,
 Se pensi le usurpate ed ubertose
 Terre serbar; ché il Lusitan potere
 Già tien Moura, Elva e Serpa ed Alcacere.

LXIII

E la nobil città, che fu già prima
 Al ribelle Sertorio amica sede,
 Là dove limpida onda dall'ima
 Terra sospesa ancor correr si vede
 Entro l'alveo, che all'acr si sublima,
 È sovra cento e cento archi procede:
 Cesse anch'essa a quel duce ardito e baldo
 Quel che timor non conoscea. Giraldo.

LXIV

Quindi su Beja a vendicar Trancoso
 Dalle maure distrutta empie masnade,
 Alfonso va, che non può aver riposo,
 Se non stende sua fama oltre l'etade.
 Molto Beja non regge al valoroso,
 E pien d'ira il soldato entra e l'invade,
 E in tutto che di vivo in lei si trova
 Fa del fil di sue spade acerba prova.



LXII

Torres Vedras, et vous oh ! Terres Transtaganes
 Que Cérés favorise et comble de ses dons,
 Il vous faut obéir aux forces lusitanes,
 Vous lui livrez vos murs, vos fortifications.
 Et toi, laboureur Maur, quelle erreur est la tienne
 D'arroser de sueur, de cultiver ton champ,
 Elvas, Alcacer, Moura et Serpa l'ancienne,
 Ont fait leur soumission, ne sont plus á l'Islam.

LXIII

Et puis tombe Evora, la noble et forte ville
 Où Sertorius rebelle a trouvé vain asile,
 Où coulent dans les airs, sur centaines d'arceaux,
 Pour la ville abreuver, de si limpides eaux ;
 Elle fut soumise aussi par Geraldo sans peur.

LXIV

Alphonse, qui désire en incessante ardeur,
 Prolonger en renom la trop courte existence,
 Court ensuite á Béja ; il vient tirer vengeance
 Du sac de Trancoso, et de sa destruction.
 Béja, bien peu resiste á la vaillante armée,
 Mais le Roi furieux malgré leur soumission,
 Ordonne qu'on les passe au dur fil de l'épée.



LXII

And ye, ye lands that beyond Tagus lay,
 So much for Ceres 'yellow gift renowned,
 The more than human powers did ye obey,
 Yielding the walls and the dominions round ;
 And peasant Moor ! thou dost thyself betray,
 If thou dost hope to keep the fertile ground ;
 For Elvas, Moura, Serpa, all well known,
 And Alcacer, have all been overthrown.

LXIII

The noble city, see, of long ago,
 Rebel Sertorius 'seat in times gone by,
 Where now the sparkling silver waters flow
 From far, both land and people to supply,
 On royal arches, hundreds in a row,
 Which rear themselves in air right gloriously;
 'Twas by Giraldo's means and daring soul,
 Whom fear ne'er frightened, humbled to control.

LXIV

Now to avenge Trancoso's cruel end,
 Alfonso to take Beja's city came;
 To thought of peace his mind he cannot bend,
 Wishing to lengthen out short life by fame,
 Not long the city can itself defend;
 And its last struggles they no sooner tame
 Than the fierce army, carrying out the word,
 Puts every living creature to the sword.



LXII

Und ihr auch in den transtagan'schen Landen,
 Die ander blonden Ceres Gaben reich,
 Ihr liegt vor Uebermenschenkraft in Banden,
 Und Mauern gabt und Herrschaft ihr zugleich!
 Dir, maur'scher Ackermann, dir wird zu Schanden
 Des Landbebauens Wunsch durch Schicksalstreich;
 Denn Elvas; Moura's Serpa's stolze Hallen
 Und Alcacer-do-Sal, sie sind gefallen.

LXIII

Dort ist die edle Stadt, an deren Spitze
 Sertorius, der Rebell, einst herrschend stand,
 Wo jetzt die Fluthen mit dem Silberblitze,
 So weithin stromend, nahren Volk und Land
 Durch stolze Bogen, die zum Wolkensitze
 Sich heben hundertfach mit wolb'gen Rand;
 Sie hat dem Muth sich und der List ergeben
 Giraldo's, der nicht Zaudern kennt noch Beben.

LXIV

Durch Beja will Alfonso, das zerstorte,
 Trancoso sühnen, biser rachesatt;
 Der Lebenslust und Ruhmesgierbethorte
 Zu wahren Beide nimmer Ruhe hat.
 Ihr Widerstand war schwach und doch emporte
 Nachdem sich schon ergeben hat die Stadt
 Das Heer er so, dass es im wuth'gen Toben
 Der scharfen Schwerter Schneide will erproben.

CVII

Jamque acies latis, quos conspicit Eborā, campis
 Agmine densantur vario, bellumque minantur;
 Jam thorax, gladiusque, et lancea sole coruscat,
 Insignes phaleris hinnitibus aera pulsant
 Alipedes; mappa induitur tuba martia rubra,
 Et clangore ciet resides in praelia sensus,
 Impellens sonitu gravia arma, et concitat iras;
 Terribili percussa sono cava saxa resultant.



Pero ya del tropel de gente armada
 Los Eborenses campos van cuajados;
 Brillan al sol arnés, lanza y espada,
 Los caballos relinchan enjaezados;
 Y la canora trompa enlistonada
 Los pechos, á la paz acostumbrados,
 Va incitando al combate, con sus ecos,
 Que zumban de los valles por los huecos.



Ma già le squadre dé guerrieri arditì,
 Van ricoprendo gli Eborensi campi:
 Dé bardati corsieri odi i nitriti;
 Vedi dell'arme incontro al sole i lampi.
 Anco né petti usi alla pace e miti
 Fa che il desio delle battaglie avvampi
 La squillante nell'aure acuta tromba,
 Che dai concavi intorno echi rimbomba.



Dans les champs d'Evora, déjà se réunissent
 Hommes d'armes á pied, et fougueux escadrons,
 Les mil feux du Soleil les armes réfléchissent.
 La trompe retentit par les vaux et les monts;
 Ces terribles appels, annonces de la guerre,
 Font rentrer dans les rangs quelques retardataires,
 Leurs cœurs se délectaient aux douceurs de la paix,
 Mais pour l'honneur du nom ne reculant jamais.



But now the squadrons battle had begun,
 The Eborean plains are covered with display,
 Trappings, lance, sword, all glitter in the sun,
 And the caparisoned war-horses neigh.
 Hearts that the accustomed life of peace had run,
 Incited by the embannered trumpets' bray,
 Rush to their shining arms, 'midst the wild sound,
 And echoes from the concave hills rebound.

Schon sind von der Schwadronen Waffenglanze
Rings die Gefilde Evoras bedeckt,
Das Streitross schnaubt, der Harnisch funkelt, Lanze
Und Schwert in Sonnenlicht empor sich streckt;
Und die Drommete hell zum Waffentanze,
Die schmuckbebanderte, die Herzen weckt
Die an den Frieden sonst gewohnt nur waren,
Aus eh'rner Hohlung mit den Schlachtfanfaren.



CANTO QUARTO

III

Sic placitum Superis, haud illa obscura fuerunt
Indicia, eboream cum vox audita puellae
Per urbem infantis, cui non permiserat aetas
Ante suae clausae retinacula solvere linguae.
Solvit at illa tamen (Superum vis summa jubebat)
Sustulit in cunis, erecto corpore, vocem,
Elataque manu bis, Portugallia, dixit,
Gaude Rege novo; vivat regnetque Joannes!



Que era orden suya, el cielo con luz pura
Por muy claras señales demostrólo,
Cuando en Evora, hablando una criatura
Antes de tiempo, fuerte nominólo;
Y alzó el cuerpo y la voz de su envoltura,
Cual cosa revelada por Dios solo,
Y dijo: *Portugal* (la mano alzando),
Portugal por D. Juan, Rey venerando.



E in ciò l'eccelsa volontà divina
Ben si fé a chiari segni allor palese:
Ché in Evora a nomarlo una bambina
Innanzi tempo favellar s'intese,
Come ad opra eseguir che il Ciel destina,
Alzossi in culla, e con le man protese:
"Oh Portogallo, Portogallo viva
Per Don Giovanni!" alto sclamó giuliva.



Que ce fut un décret de la cour céleste,
La preuve s'en montra par signes évidents,
D'Evora le prodige, le rendit manifeste:
Une tendre enfant, parlant avant le temps,

Le designe et prédit de sa voix enfantine
Comme le Roi qu'il faut, que le Ciel nous destine;
Au berceau se soulève, et les bras agitant :
«Portugal, s'écrie-t-elle, et pour le Roi Dom Juan.»



That this, indeed, was Heaven's divine decree
By marvels of the clearest was displayed
In Eboræ, where female infancy,
Speaking before its time, the announcement made;
Even as when Heaven doth will a thing shall be,
She raised her voice, while in her cradle laid,
Stretched forth her hand, and cried: «In Portugal,
In Portugal, Don John, new King of all!»



Dass Himmels-Schluss dies sei, ward bald entdeckt
Durch Wunderzeichen ringsumher bekannt,
Da in Evora Er ein Kind erwecket,
Das, vor der Zeit schon redend, ihn genannt;
Das aus der Wiege Hand und Korper strecket,
Und: Portugal (ein Wunder, gottgesandt),
Ja Portugal «— so ruft die Stimm' helltonig« —
«Für Dom João, für unsern neuen König!»



CANTO OITAVO

XXI

Admotam muro labentem cerne per hastam,
Qui capita exportat vigilum præcisa duorum,
Struxit ubi insidias auso temerarius. astu
Callidus ille capit, non Marte ac viribus, urbem :
Hic miles claro victor pro stemmate monstrat
Bina manu capita, audacter quæ frigida secum
Asportans, recreat nostros. Mirabile factum !
Giraldo intrepidi nomen sua gesta dederunt.



Mira aquel que descende por la lanza,
Con las cabezas dos de los vigias,
La celada ocultando con que alcanza
La ciudad, por sus artes y osadías;
La cual toma por armas la semblanza
Del vencedor que las cabezas frías
Lleva en la mano: esfuerzo jamás hecho !
De Giraldo sin miedo este es el pecho !

Guarda chi astuto vien giú d'uno spalto,
 E due teschi di guardie in mano stringe.
 Ei con arte e valor prende d'assalto,
 E a darsi vinta una città costringe :
 Quindi in sua stemma un cavallier che in alto
 Leva due tronche teste, essa dipinge.
 Fatto non fatto pria. Quel forte petto
 Giraldo egli é, che *Senza-tema* é detto.



Celui-ci sur les murs vient tuer les sentinelles,
 Leurs deux têtes tranchées il tient par les cheveux,
 Il fait signal aux siens, surprend les Infidèles,
 Par la force et la ruse ils évacuent ces lieux.
 La ville libérée après cette conquête,
 En ses armes plaça : Guerrier tenant deux têtes,
 Trouve-t-on dans l'histoire un fait supérieur !
 Ce vaillant, ce héros, c'est Giraldo sans peur.



That other see, descending on his lance,
 Bearing the two heads of the watchmen slain ;
 He hides in ambush, whence he doth advance,
 The town by daring and by snare to gain :
 This for its arms paints, with significance,
 The hero's portrait with the cold heads ta'en
 And borne in hand ; till then deed never done !
 Giraldo-the-Fearless is the valiant one.



Schau den dort mit dem Speere niedersteigen.
 Er tragt der Wachter Haupt, die ergefällt,
 Vom Hinterhalt gewann mit listgem Schweigen
 Und Muth die Städter, die er hielt umstellt ;
 Die nimmt als Wappen, Ehr' ihm zu erzeigen,
 Ein Ritterbild, das Totenkopfe halt,
 O unerhorthe That, die so verwegen !
 = Giraldo Furchtlos = hiess der tapfre Degen.





GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana, 1.ª p. O templo romano. As inscrições lapidares. — 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836.—4.º Loios. — 5.º Bibliotheca Publica.—6.º Conventos, 1.ª parte, Paraíso, Santa Clara e S. Bento.—7.º Bellas artes. — 8.º Vesperas da restauração. — 9.º Idem, 2.ª parte.—10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. — 12.º O archivo municipal.—13.º A restauração em Evora, 1640-1645.—14.º O archivo da Santa Casa da Misericórdia d'Evora, 1.ª parte.—15.º Idem, 2.ª parte.—16.º Idem, 3.ª parte.—17.º Evora e o Ultramar.—18.º Assédios d'Evora. 1.ª parte. — 19.º Idem, 2.ª parte. — 20.º Idem, 3.ª parte. — 21.º Idem, 4.ª parte. — 22.º Os Festejos de Evora em 1729. — 23.º Evora nos Lusíadas.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand—Livraria Academica e livraria do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão publicados :

- 1.ª parte — fasciculos I a IX — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII e XIII. Documentos do Cabido. O livro dos herdamentos. Capítulos de Fernão Lopes. Extractos dos inventarios municipaes do sec. XIV. Extractos dos documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas da camara. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º — 2.ª parte, fasciculos X a XVI — Documentos municipaes. Ordens religiosas. Cartulario da cathedral eborense. Documentos da Misericórdia.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand.

MADRUGADAS

A' venda em Evora em casa do editor Abranches.

DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio. Fragmentos de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itinerario de Antonino, Plinio e Mella. Livro 3.º da Geographia de Strabão.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

PROCISSÕES EBORENSSES

AS PROCISSÕES NA ANTIGUIDADE.

UMA RUA EBORENSE EM FESTA. A PRIMEIRA PROCISSÃO DO SANTÍSSIMO,
DE S. MAMEDE, EM 1564. MASCARAS PREMIADAS.

TOUROS DE CAPAS E CORRIDAS DE PATOS. TRAGEDIA REPRESENTADA
À PORTA DA IGREJA. OUTRA PROCISSÃO EM S. MAMEDE EM 1650.

O SACRO-PROFANO. CARROS, FIGURAS A CAVALLO.

SYMBOLISMO E ALLEGORIAS. UMA PROCISSÃO DOS JESUITAS.

OS APPARATOS. AS TRADIÇÕES LOCAES NO CORTEJO.

COMBATE SIMULADO. JOIAS, COCARES E CARAMINHOLAS.

LOAS E HYMNOS.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL.

Rua Ancha n.º 85

1890



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

HISTÓRIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

PROCISSÕES EBORENSSES

AS PROCISSÕES NA ANTIGUIDADE.

COM A RUA E. DRENTE ERETESIA, A PRIMEIRA PROCISSÃO DO SANTÍSSIMO,

DE S. MATEUS, EM 1674, NAS CARRAS PREMADAS,

TOUROS DE CASAS E COBRE A. DE PATOS, TRAGEDIA REPRESENTADA

A PORTA DA CATEDRAL DO S. MATEUS EM 1656.

O SANGUE DO S. MATEUS, FIGURAS A CAVALLO,

SYMBOLISMO E ALLEGORIA, UMA PROCISSÃO DOS JESUITAS,

OS AMARALOS, AS FANTASMAS DO S. MATEUS NO CORTEJO,

COM AIL SERULA, O JOIA DO CAROL E CARABINHOLAS,

LOAS E HIMNOS.



EVORA

MINERVA EBORENSSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL.

Rua Ancha n.º 55

1890



ESTUDOS EBORENSES

Procissões antigas

Uma rua eborense em festa

A *procissão*, a cerimonia religiosa celebrada por muitos devotos e sacerdotes, caminhando solemne-mente, e ao som de canticos, tem origem muito antiga; passou dos povos orientaes ao hel'lenico e ao romano; de religião para religião, do paganismo ao catholicismo.

No Egypto era famosa a festa de Isis, transportando-se a imagem da deusa em carro triumphal.

Fóra das procissões ordinarias, annuaes, faziam tambem outras singulares por algum acontecimen-to notavel, como a procissão de Ptolomeu Phila-delpho, em Alexandria, cortejo de pompa estron-dosa.

As procissões gregas com as suas *theorias* eram encantadoras; cortejos solemnes formados pela flor das cidades, magnificas exposições do homem e da arte. Em Athenas á das *panathenéas* concorria gente de toda a Grecia, para ver conduzir ao Par-

thenon o novo *peplum* da divindade protectora; no cortejo desfilavam os moços com suas armaduras, os velhos com os ramos de oliveira, e as donzellas com açafates de flores e offertas.

Era celebre tambem a procissão dos mysterios de Eleusis.

No paganismo romano as procissões ordinarias, de epocha determinada, ligavam-se ás formas primitivas do culto, e da civilisação d'aquelle povo; a principal era a dos arvaes. No plenilunio de maio celebrava-se a de Ceres; e as *lustrações* dos proprietarios rusticos, na primavera tambem, eram cortejos religiosos desfilando pela campina florida, atravessando as verdes seáras.

Em carros triumphaes nas grandes festas, em andores nas menores lá iam as imagens de Jupiter com o raio e a aguia, de Minerva com a oliveira, Neptuno com o cavallo, ou Ceres com as espigas de trigo.

Para obter a chuva fazia-se em Roma uma procissão que se dirigia ao templo de Marte, fóra da porta Capena, com diversas cerimoniaes, e trazia para um templo dentro da cidade a pedra Manal.

Os judeos antigos tambem formavam cortejos religiosos com pompas e cerimoniaes.

Os christãos nos primeiros tempos da lucta e de martyrio não faziam cerimoniaes publicas, mas no tempo de triumpho e de expansão o antigo cortejo reapareceu com esplendor crescente.

A primeira procissão christã mencionada parece ser do anno 362; e no final d'este seculo iv ha muitas noticias de cortejos religiosos, entoando canticos, dirigindo-se ao templo onde havia prégação. Em seguida apparece em todo o mundo christão, e desenvolve-se o cortejo de modo que na idade media ha procissões extraordinarias em numero

de devotos, no tempo, no caminho, e na extravagancia das scenas.

Desfila ante o espectador solemnemente, morosamente, não só o viver normal de um povo civil, militar e ecclesiastico, mas a sua arte, a sua historia, os elementos topicos do saber e da phantasia, da creação attenta, e do improviso, do espontaneo.

Em Roma as procissões medievas, ainda as do fins do sec. xv e do sec. xvi, são extraordinarias. A das reliquias de Santo André, em 1462, e outras parecidas, de triumpho ou penitencia, foram descriptas minuciosamente, e estão registadas pelo *Moroni Romano* (Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica, verb. Processione).

Nos—Documentos historicos da cidade d'Evo-ra=2.^a parte, pag. 159 e seg. publiquei o regimen-to das procissões ordinarias da cidade, em tempo de D. João II.

► Eram cortejos comprehendendo a flor da cidade, em festa e alegria, n'um movimento e surpresa e ruido constante. Desfilavam os officios com suas bandeiras, pendões, symbolos, atabaques, folias, chaçotas, danças, mouriscas, gaiteiros e ministréis, invenções e castellos, e a serpe, e as imagens dos santos, os reis magos, e um imperador, o diabo, os apóstolos, os evangelistas e os anjos; esta gente dançava, pulava, gritava, tocava instrumentos, entoava hymnos, jogava flores; e as péllas das pescadeiras, das regateiras, das padeiras, caminhavam com os officios da cidade, com os bésteiros e homens d'armas levando béstas e lanças com flores e verduras, com os magistrados, com o clero, a fidalguia e o rei.

Uma rua eborense em festa, em dia de céu limpo de nuvens, azul, muito azul, é de um effeito

raro, de aspecto vibrante sem parceiro. As ruas são irregulares, os prédios succedem-se em linhas quebradas ou brandas curvas, sem monotonia, sem compridas fileiras de janellas, porque o solo é em sitios declivoso, e variados os pés direitos das construções.

Nas paredes brancas, muito brancas, a cal ebo-rense é especial, rasgam-se os grupos de janellas muitas com suas grades antigas de elegantes e diversos desenhos.

Nos dias festivos das arcas e gavetões proprios as donas de casa tiram as suas colchas, cuidadosamente guardadas de geração em geração, dobradas em suas toalhas ou lençoes para que os bordados se não desfiem roçando-se e a poeira não possa chegar-lhes. E pouco antes da procissão passar desdobram-se as colchas nas janellas; colchas de seda, setim, damasco; amarello ouro, branco, vermelho, azul ou verde; colchas do reino, da India, da China, de Ormuz; com as suas flores, aves, grotescos, matizes, folhagens e entrelaçados; umas brilhantes como esmaltes, outras com os tons das finas procelanas, com suas franjas e grandes borlas, n'uma variedade e exuberancia de côr que encanta os olhos e dá realce singular aos grupos de damas.

Foram dias cheios em Evora esses das solemnes procissões que vamos relatar, e que abrangem largo tempo, do sec. XVI ao XVIII.

Imagine-se aquella pompa estrondosa, as figuras cobertas de joias, vestindo côres vivas, bordados de prata e ouro, desfilando vagarosamente pelas ruas areiadas e espadanadas; as janellas ornadas de colchas e sanefas; as paredes enramadas; e damas e cavalheiros de vistosa indumentaria.

Logo pela manhan os bandos do rapazio a sal-

tar nos montes de areia que os burriqueiros trouxeram do Xarrama, e a saquear os feixes de espadananas do Divor e do Degebe, para fazer maças de combate, tecendo as compridas folhas em novelo para formar cabeça deixando algumas soltas para a péga. Aquella garotada eborense que pula na testa das musicas, e que de epocha em epocha faz batalhas de pedrada, Farrobo contra Cogulos, que já excitaram a admiração dos officiaes de Dom João d'Austria.

Pelas ruas, terreiros e praças desfila a torrente de vivas còres, cheia de brilhos; os pendões, as bandeiras, as figuras a cavallo, os carros e andores, as cruzes douradas, as confrarias de opas variadas, as danças, chacotas e folias, as charamellas, os grupos de anjos cantando e tocando, as comunidades religiosas entoando os seus hymnos, tudo n'uma chuva de flores, entre finas nuvemzinhas de incenso; um prodigio de còr e de luz; de ruidos, harmonias e aromas, de devoção e alegria vibrante.

A primeira procissão do Santissimo, de S. Mamede, em 1564

Jhus †. No anno de mil e quinhentos e sesenta e quatro no quarto domingo depois do penthecoste, dozoito dias do mes de junho nesta cidade d'Evora e Igreja de são Mamede: sendo (entrelinha—prior dioguo Tavares) cura della antonio Roiz natural da villa de viana, beneficiado dioguo miz. Iconimo domingos ferreira e thesoureiro andre diaz. na confraria do Sanctissimo sacramento situada na ditta Igreja sendo Juiz e escrivão baltesar fraguoso, mordomos domingos frz pombr.^o e adão frz. çapateyro, se fez e ordenou a primeira procição da ditta confraria concedida pelo Reverendo snñor Marcos fr.^a e provisor d'este arcebis-

pado a instancia e petição dos dittos mordomos e freguezes da ditta Igreja. sahirão pella porta principal tomando a rua direita da mouraria acima dobrando a mão direita pella rua davis abaixo atee o cabo da Rua das fontes entrando por ella toda atee se recolherem a rua de são Mamede, tornarão a entrar pella mesma porta principal, a qual se fez depois da preguação que fez o doctor Jorge saarrão da companhia de Jesus. Levou nella o sanctissimo sacramento o ditto cura. levavão o pallio seis cle-riuos com suas capas de bocado. outros muitos diante com suas sobrepelises e cinquenta duas tochas ardendo e muita outra cera... (raspado um espaço que conteria uma ou duas palavras) quatro cruces das freguezias mui concertadas. diante do pallio a mão direita o ditto provisor Marcos frã (ferreira) da outra banda o visitador mestre Johão sardinha, e mestre andre de Resende. Detras acompanhava muita geñte honrrada. ouve char-melas e trombetas, as ruas todas paramentadas de riq-uas tapeçarias de Raaz, stofa, velludo e bocado. alem de serem todas spadanadas enramadas e em-bandeiradas todas as portas, beccos e janelas al-guas cheas de altares de riq-uas invenções e custos grandes. avendo em cada um novas cousas que ver e considerar, ouve muitas danças, folias, e invenções de mascaras as quaes quasi todas sahi-ram premiadas, huas com carneiros e patos que pera isso avia e outras com dinheiro e ouve ao sabbado a bespora alguas invenções e touros por cordas. ao domingo a tarde ouve touros de capas no terreiro da porta davis, que deu martim affon-so collaço. e patos que se correrão. a porta da Igreja ouve hua tragedia da historia da morte que deu Caim a seu irmão Abel. De maneyra que sendo a primeira prosição he tão brevemente ordenada foy dos freguezes com tanto alvoroço festeiada que foy

a maes solene e sumptuosa que atee guora se fez outra nesta cidade assi de apparatus como de invenções e gente. fezsse disto aqui assento pera que se soubesse o principio desta solemnidade feita a gloria de nosso Ds. E seu praeciosissimo corpo. pera que com seu favor, se augmente e vaa em crescimento a devoção de seus fieis freguezes d'esta sua Igreja, com a qual confundão os danados e hereticos animos pello qual mereção sua sancta gloria. Amen.

(O original pertence á confraria do Santissimo da parochia de S. Mamede. Devo o conhecimento d'este notavel documento ao mui digno padre Frederico Vaz Martins, actual prior da mesma freguezia.)

Procissão de Encarnação na freguezia de S. Mamede
em 23 de julho de 1656

Foi uma festa esplendida; uma devoção particular, muito especial, auxiliou n'este anno as confrarias, sem olhar a despezas, e apresentou nas ruas eborenses um extraordinario cortejo. Publicou-se uma descripção;—Extracto da procissam da Virgem Senhora N. da Encarnaçam sita na igreja parochial de S. Mamede desta cidade de Evora aos 23 de julho de 1656. Lisboa, officina Craesbeeckiana, 1656, 24 pag. in-4.^o

Parece escripta a descripção por padre prégador, no estylo da época; começa: «Ao throno da Magestade suprema, á arvore da vida, á vara de Jessé, á flor do melhor fructo, Maria Santissima, se dedica a representação seguinte do mysterio da Encarnação do Divino Verbo, admiravel ao conhecimento, senhor da vontade, assombro do entendi-

mento, pasmo dos sentidos, remedio de nossos damnos, figurado nas sombras da lei escripta. executado nas luzes da lei da Graça, cujos applausos celebramos para alegria dos servos da Senhora, augmento da devoção christan, louvor de Maria purissima, e gloria a Deus encarnado. E' esta a summa; a procissão esta.»

Uma dança começa o devoto cortejo. Não tinham medo estes antigos de combinar o agradável o divertido, o anedoctico com o religioso.

Nós hoje estamos muito mais sérios, nem queremos rir, só aspiramos a muito correctos.

Apoz a dança ia o pendão e a irmandade de N. S. da Encarnação, e logo outra dança com musica. Depois a *Admiração!*

Provavelmente um rapaz gentil.

A *Admiração!* ia a cavallo, lindamente vestida; sobre a cabeça uma caraminhola rica em cujos arcos vão tremendo algumas perolas, no peito um luzido *peito* de pedras finas; na mão esquerda erguida a imagem de Deus encarnado, e a direita levantada e aberta; na roupa larga, esta lettra—*Vocabitur nomen ejus admirabilis.*

Atraz da *Admiração!* apparecem o *Temor* e o *Silencio*, ambos a cavallo.

O *Temor* veste de amarello; na cabeça uma caraminhola; no peito cadeias miudas de ouro formando sutis labores; na mão esquerda um coração preso em duas cadeias, a direita sobre o peito, aberta.

O *Silencio* vestindo de negro; na esquerda a Sag. Escriitura aberta, a direita poe o dedo na bocca.

Deixo de mencionar as lettras e algumas descrições escusadas, e massadoras por mui repetidas.

Outra dança.

A *Vontade*; vae uma primavera nas côres; peito e caraminhola mui ricos; os olhos vendados,

porque a razão lhe guia os passos; na esquerda umas chaves; da mão direita desce a prender-lhe o pé uma cadeia.

O *Entendimento*, roupa larga, na mão esquerda uma luz—*Lucerna pedibus meis verbum tuum*—; da direita uma cadeia prende-lhe o pé.

Agora os sentidos.

O *Ver*, na mão um espelho.

O *Ouvir*, na mão um laúde.

O *Apalpar*, leva um passaro, symbolo vulgar d'este sentido.

Mais danças, e o pendão e a irmandade de N. Senhora da Paz.

A *Sagrada Escripura*, a cavallo, vestida de verde, no peito muitos jacinthos, até aos pés a tunica de seda branca; joias; na esquerda a tiára da lei antiga, na direita a Pontifical—*Haec omnia liber vitæ et testamentum altissimi*—.

Dança de musica.

Adam vestido de pelles, na mão o pomo vedado.

Figura 11.—A *Torre de Babel*; de 30 palmos de altura, quarenta em quadro. Provavelmente ia em carro. Com seus versos que não transcrevo. pois lhes acho nenhum merito.

Fig. 12. O *Mundo*, machina esphérica de 30 palmos de circumferencia sobre um pedestal de 12 palmos. Com a letra—*Mundus totus in maligno positus est*—.

E estes dois versos

Foi para nós criado
Um fiat lhe deu luz, sombra um peccado.

O *Cativeiro*, vestido de negro.

O *Apetite*, a cavallo, armas brancas, chapeo de plumas, na mão a espada nua.

A *Cegueira*, vestida de negro, na mão um vèr negro.

A *Uvidade*, a cavallo, com muitas joias, *onde as perolas eram tantas, e tantos os diamantes que ou a Aurora chorou n'ella, ou só nella teceu o Sol resplandores.*

Na mão direita uma flor do campo—*Omnis gloria ejus tanquam flos agri.*

A *Ambição*, vestida ricamente, vae com ázas porque de andar se não contenta; na mão uma escada—*Superbia eorum, qui te oderunt, ascendit semper.*

A *Fraqueza*, vestida de amarello, cabello solto, na mão um vidro.

A *Injustiça*, num ginete, veste de vermelho, na direita a espada nua, na esquerda uma balança desigual.

Fig. 20.—A *Fortuna*. Um carro de 25 palmos de comprido e 8 de largo. Tiram por elle dois pavões de notavel artificio; a figura sobre uma roda cercada de azas; na cabeça uma corôa, as mãos uma aberta, outra fechada. Em quatro quadros um longo romance:

Aquella roda que sobe
 É mesmo a roda que deçe,
 Nunca para o bem segura,
 Para o mal segura sempre.
 Sempre infinitos abate,
 Se apenas um engrandece,
 Que sem alheios pezares
 Não sabe dar interesses.
 Etc., etc.

Entre duas danças de musica se segue o pendão e irmandade da Virgem dos Prazeres.

Fig. 21.—*Abel*, innocente e pastor, na mão um cajado.

Fig. 22 —. O *Sacrificio de Abraham* em um andor. *Isaac*, de velho, cabelleira branca.

Rebecca, na mão uma arvore cujo tronco se divide em duas partes.

Esau, de caçador, na mão o arco, aljava ao hombro.

Jacob, vestido á tragica.

Fig. 27, andor, a lucta de *Jacob* com o Anjo.

28. *Rachel*, traje pastoril.

Joseph, vestido ao tragico.

Entre duas danças segue a Cruz e Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia.

Fig. 30. Num andor a *sarça de Moysés*.

31. *Pharaoh* sobre uma carroça militar, grande, ornada de carrancas, na popa (*sic*) numa soberba cadeira o Faraó coroadado, vestido de armas brancas. A carroça a dois cavallos, aos lados doze galhardos soldados.

Josué, a cavallo, de lança e escudo.

Sansão, armado, cabelleira, aos hombros as portas da cidade.

Ruth, vestida de campo, na mão umas espigas.

Dança de musica.

Nas duas visões seguintes se representa a gloria da natureza humana unida á divina neste mysterio.

Fig. 35. Um *throno*. Muito alto, terminando em luzida charola, ventanada por quatro partes, com volantes, dentro o *Salvador*; ao pé *Isaias* de joelhos, aos lados dois *Seraphins*. Nos quadros do *throno* quatro sonetos.

Nestes cortejos religiosos, como se vê, havia a par do ensinamento, por assim dizer da vulgarisação historica e moral, a manifestação artistica nas suas diferentes formas, a musica, a dança, o canto, a poesia, a pintura, a esculptura, os formosos tecidos, as joias, a indumentaria luxuosa.

Fig. 36. O *Carro de Ezechiel*, levando pintadas de olhos duas encontradas rodas, que a um só movimento offerecem differente curso; junto d'ellas um leão, um anjo, um boi, uma aguia, symbolos

dos apóstolos; no mais alto uma nuvem, e uma cadeira, ao lado Ezechiel.

Outra dança.

Fig. 37. A *estatuá de Nabuchodonosor*, agigantada, aprazível objecto dos curiosos, quando seja escarmento dos soberbos, a cabeça de ouro, braços e peito de prata, até joelhos de cobre, até aos pés de ferro, e os pés de barro.

Vem agora o profeta *Daniel* com um livro na mão.

O *profeta Jonas*, saindo da boca de uma baleia.

A *Esposa dos Cantares*, cabelo solto, grilhão de flores, na mão um lírio:—Vox dilecti mei, ecce ille venit saliens montibus—.

Dança de musica.

Fig. 41—A *Victoria*, a cavallo, coroada, na direita uma palma, na esquerda uma bandeira.

A *Liberdade*, na cabeça brincada caraminhola, com martinete. Na mão um passaro.

O *Inferno*, dragão medonho, afogucado, lançando pela bocca infinitos espiritos.

Dança de diabretes.

O *Limbo*, uma gruta de tafetá escuro com figurinhas dentro.

A *Vida*, com a Phenis.

A *Fortaleza*, um leão bordado no peito, na mão uma columna.

A *Riqueza d'alma*, com um cofre e neste cofre eram as jóias, a cruz, a coroa de espinhos, e outras insignias da paixão.

A *Graça*, vestida de branco, solto o cabelo, com flores, na mão um coração voando; ella tambem com azas.

A *Gloria*, coroas nas mãos.

Fig. 50—A *arvore de Jessé* num carro; a ascendencia da Senhora; em cima o Espírito Santo. O

carro tirado por um lobo e um cordeiro; simbolizando a paz:—*Habitabit lupus cum agno*—.

Neste carro havia ornamentação profusa; viam-se os titulos da Senhora representados.

A *Rosa*: *Quasi plantatio rosæ.*

Entre nuvens uma *janella*: *Janua cœli*. Uma *estrella*: *Stella rutilans*.

Um *espelho*: *Speculum justitiæ.*

O *Palacio de ouro*: *Domus aurea.*

A *Pomba*: *Columba mea.*

O *Platano*: *Quasi Platanus.*

Um *Cedro*: *Sicut Cedrus.*

Seis anjos cantando versos.

A comunidade dos padres de S. Francisco, a capella da Sé; depois o Palio com a Virgem Senhora da Encarnação.

«Relação das festas do collegio do Espirito Santo da Cidade de Evora na beaficação do veneravel P. João Francisco Regis da Companhia de J H S (Jesus). Evora, Com todas as licenças necessarias, na officina da Universidade. Anno de M.DCCXVII» in-4.º

As festas celebraram-se em outubro de 1716. Primeiramente descreve a ornamentação da egreja.

Transcreve depois o sermão prégado no primeiro dia do solemne triduo, 11 de outubro, pelo M. R. P. Fr. Domingos da Veiga, religioso Agostinho Prior do Convento da Graça, Fr. Manoel de Christo, franciscano, prégou no segundo dia.

O M. R. P. Pedro do Sacramento, conego secular de Congregação de S. João Evangelista, orou no dia 13.

Ségue a relação das festas, das luminarias, da procissão que levava nove andores e dez figuras a cavallo.

Ultimamente os religiosos da Companhia, e os de S. Francisco, S. Agostinho, e de S. João Evangelista precediam o Santissimo que era levado pelo reitor dos Loios, P. Antonio da Purificação.

Vamos assistir agora a uma procissão solemnisima da primeira metade do sec. XVIII, celebrada pelos Jesuitas. Está descripta minuciosamente na «Relaçam do Apparato triumphal, e procissão solemne, com que os P. P. da Companhia de Jesus do Collegio de Evora applaudiram publicamente aos gloriosos SS. Luiz Gonzaga, e Stanislao Kostka da mesma Companhia novamente canonizados pelo Sanctissimo Padre Benedicto XIII, agora presidente na Igreja de Deos. Evora, officina da Universidade, 1728.» E' folheto de 61 pag. in-4.º

O oitavario acabou no Collegio em quinta feira, 13 de novembro.

O domingo 16 amanheceu lindo; na cidade havia extraordinaria concorrência; estavam familias da maior parte da provincia do Alentejo; os velhos não se lembravam de ver tanta gente na cidade.

Os Senhores da Camara mandaram arranjar e alimpar todas as ruas por onde havia de passar a procissão, e ordenaram aos moradores que armassem as frontarias; não era necessaria a ordem porque todos espontaneamente se esmeraram. Nos sitios onde havia grandes paredes vestiram-nas de verduras.

As *figuras* foram repartidas aos moradores devotos, que se esmeraram na riqueza e luzimento dos vestuarios e ornamentações.

No Collegio trabalhava-se com o mesmo calor na construcção dos carros triumphaes; perderam a noite de sabado para domingo, e até ás 9 da ma-

nhan estiveram a compor e ornar figuras, mais de setenta, não entrando n'este numero as que se vestiram fóra. Às 10 da manhã já estavam no Collegio, de cruz arvorada, as communidades religiosas.

Gastou-se até quasi meio dia a ordenar aquella variada multidão, e pouco depois, pela porta lateral da igreja do Collegio (agora tapada) começou a sair, para o terreiro de Nossa Senhora da Purificação (Seminario).

O itinerario foi singular e muito extenso. De Santa Monica subiram ao Paço Archiepiscopal e seguiram pela rua da Sellaria, travessa de Burgos, Praça do peixe (hoje de Sertorio), rua de Aviz, até á porta da cidade, rua do Muro, porta da Lagoa, Rua Ancha, desceram ao convento de Santa Catharina, rua de Alconchel, ao convento de Santa Clara, por uma travessa á rua dos Mercadores, subiram por esta á Praça, rua do Paço, S. Vicente, rua dos Infantes, porta de Moura, ao largo do Collegio. Eram Ave-Marias.

Em tão larga distancia não houve accidente algum que causasse o minimo dissabor.

A tarde esteve de uma serenidade notavel, as tochas nem se apagaram.

Só figuras de cavallo eram trinta e nove.

A procissão dividia-se em quatro partes ou apparatus, o ultimo todo era sagrado, os mais sacroprofanos.

Era um cortejo disposto como um tratado, com seus capitulos e paragraphos.

O primeiro apparatus dedicado aos dois santos.

Na frente tres cavalleiros, dois tocando clarins e um atabales; tinham sido pedidos á praça de Elvas; iam com uma escolta ou esquadra de cinco soldados com seu cabo, todos bem montados; farda branca e canhão encarnado. Como a concor-

rencia era muita, assim como a devoção, para ter *expedito o caminho* era precisa a *activa deliberação da severidade militar*. Hoje chamamos a isto o *peixe-espada*.

Primeira figura o *Applauso*, em cavallo murzelo, charel e bolças de veludo verde bordado de prata, crina semeada de fitas em campo de ouro, palafreineiro á redea com boa libré. A figura levava botinas brancas, bordadas a prata e ouro, e com pedras; caraminhola, cocar de plumas encarnadas, brancas e azues.

Um Cupido no peito; capillar a descer dos hombros de brocado vermelho, as roupas de tissu (ou teçu) verde e tela encarnada e branca com ramos de ouro, com franjões de ouro fino.

Estandarte de seda vermelha bordado, ramos estofados, e seus dizeres.

A *Igreja Militante*, em cavallo castanho. Mencionarei sómente as variantes nos objectos, tecidos, etc.

Esta levava tambem borzeguins; no escudo as chaves de S. Pedro e a tiara.

O *Merecimento* e a *Remuneração*, em cavallos com topes de fitaria, e plumas na crina. Ao pescoço da figura uma cruz de pingentes de perolas.

A *Companhia de Jesus*, em cavallo pavonado com matiz de côres, com uma tremula; dois palafreineiros vestidos de tela branca á mourisca; era guiado por cordões de ouro. Na cabeça cocar de plumas brancas.

Com muita pompa e riqueza o «*Collegio da Companhia de Jesus d'esta cidade*», em cavallo castanho, jaezes de velludo carmezim bordados a prata.

A figura levava capillar de tissu recamado de prata e ouro; vestia de amarello e branco, franjões de ouro com bambolins; borzeguins; capacete com relandor de flores; sobre este uma pombi-

inha branca, simbolo do Espirito Santo, orago do Collegio. No braço um escudo com as armas do Cardeal Rei D. Henrique, fundador.

A *Cidade de Evora*, em cavallo castanho, de airosa louçania; a figura levava coroa de louro na cabeça, guarneçada de perolas e diamantes.

No pescoço e peito um chuveiro de pedras preciosas; nos braços grandes meadas de aljofar; roupas alcachofradas de ouro com bambolins; nos remates seus broches. Na mão esquerda um mólho de espigas de trigo e um cacho de uvas fingido; no braço esquerdo o escudo com armas; e a divisa: *In bonis justorum exultabit civitas*.

A *Cidade de Evora* era seguida de duas arrogantes figuras; *Giraldo* e *Sertorio*.

Montavam briosos ginetes. Nas cabeças dos illustres guerreiros viam-se capacetes com seus cocares de plumas. Sobre as couraças bandas ricas de seda encarnada e verde; os capillares e mais roupas de tela vermelha e ouro. Um levava faim e outro alfanje! Aos dois famosos capitães seguiam 24 soldados com seu tambor, vestidos á mourisca! de turbantes encarnados passemanados de ouro. Levavam escudos. Nos sitios mais largos faziam exercicio militar, representando uma batalha e uma victoria. Fingiam um castello, formavam assalto, e atiravam alcanzias uns aos outros; depois da victoria lançavam flores, e formavam alas, continuando a procissão.

Eis agora a *Universidade de Evora*, que vinha prestar homenagem ao novo santo S. Luiz Gonzaga, agora protector dos estudos da Companhia. Tambem a cavallo, com dois palefreneiros vestidos á mourisca. Notavel caraminhola com muitas joias, flores tremulas, e plumagem branca, verde, e côr de ouro, com uma aguia; roupas de primavera *Gualte* com bordaduras. Por escudo um pan-

no riquissimo da Universidade, obra sinica, com suas aves, ramos, etc, em campo azul, com as quinanas e o chapéo cardinalicio, com a letra — *Protector factus es mihi*.

A *Theologia*, de tela branca e ló com florões de ouro.

A *Filosofia*, de estofos azues e ouro.

A *Mathematica*, com muitas joias, aljofares, tremulas; vestia de azul e branco.

A *Rhetorica*, de encarnado e branco.

A *Humanidade*, vermelho e verde.

A *Grammatica*, branco e verde.

Levavam salvas de prata com livros.

Carro triumphante dedicado pela Universidade eborense á Virgem N. S. da Annunciada. e ao novo santo protector. A *Casa da Sabedoria*, Sedes sapientiae. A imagem da Senhora dando um livro a S. Luiz Gonzaga. Um cõro de meninos musicos, vestidos á tragica, representando o *Estudo*, a *Diligencia*, a *Curiosidade* e a *Appliação*. Atraz do carro ia presa a *Ignorancia*, de trajo escuro, e cocar de plumas sobre fumos pendentés.

Apparato 2.º dedicado á innocencia de S. Estisláo Kostka.

Vamos abreviar o mais possivel que a procissão é muito comprida.

Abel, que foi a primeira victima innocente, com o estandarte branco montando um cavallo branco tambem.

A *Polonia*, patria do santo.

A *Constancia*; o *Desprezo do mundo*; apoz este o *Mundo* e o *Diabo*, vestidos á ridicula. *Satana* ia de olandilha preta, com lavaredas pintadas e feia mascara; o *Mundo* ia de meias encarnadas, saiote de chita, peito de papel com cartas de jogar.

A *Riqueza*, a *Estimação*; a primeira com a bolsa.

A *Cidade de Roma*; de caraminhola com sete

torreões; e estandarte de ló verde com os meninos Romulo e Remo.

A *Modestia*, a *Humildade* com o cipreste; o *Silencio*, com um relógio «*Tempus tacendi, tempus loquendi*».

A *Pobreza*; e logo o segundo carro triunfante, de peregrina idéa, não só por ser de artefece estrangeiro, mas também pela notavel fabrica; a imagem do Santo, a *Innocencia*, coro de anjos com instrumentos executando sonatas.

Apparato 3.º dedicado á pureza de S. Luiz Gonzaga.

O casto *Joseph*, vice-rei do Egypto.

A *Italia*, onde viveu o Santo, a *Lombardia*, sua patria; o marquezado de *Castilhone*, seu berço; a *Nobreza*.

Marte, porque o santo não quiz seguir a vida militar. O Deus da guerra ia com seu alfanje.

O *Desengano*, a *Providencia Divina*, o *Ticino*, onde o santo estivera em perigo; *Vulcano*, deus do fogo, porque S. Luiz Gonzaga também um dia estivera em risco de morrer queimado.

A *Inspiração divina*. O cavallo d'esta figura levava jaezes bordados de prata em campo berne; roupas de primavera branca teçada com flores de ouro, e de primavera azul celeste.

A *Fortaleza*, com o faim erguido.

O *Collegio romano*.

A *Oração*, a *Penitencia*, tendo por emblema o pelicano «*Se ipsum percutit*».

A *Caridade*, em cavallo murzello; a figura vestia roupas de lhamas de prata, e de tabis; capillar de tela abrazada. Coroa imperial de flores de espumas com persis de prata e ouro.

Na mão direita um coração, *Cor nostrum ardens erat*; e no escudo o *fogo*, *Fovet proximum*.

A *Obediencia*; Nescit habere moras. A *Contem-
plação*, Caelo immobilis haeret.

Apparece agora o terceiro carro do triumpho, com a imagem de S. Luiz Gonzaga; rodeado de anjos tocando instrumentos.

O quarto apparato: a confraria dos estudantes, as communidades religiosas com suas cruzes arvoradas.

No meio deste cortejo 10 andores ornados pelos mosteiros das religiosas. Levavam a imagem de S. Catharina, S. Ignacio de Loyola, de S. Diogo Quizay, martir do Japão, S. João de Goto, S. Paulo Miqui, S. João Francisco Regis. S. Francisco de Borja, S. Francisco Xavier, S. Estansláo Kostka, S. Luiz Gonzaga. Tudo isto entre muitos anjos, muitas flores e aromas.

Em duas compridas alas 42 religiosos dos Loios e da Companhia com capas ricas de Asperges, de tela branca. Sob o Palio levava o Santo Lenho o R. P. M. Gregorio do Espirito Santo, conego de S. João Evangelista, precedido de 6 anjos com thuribulos e navetas de prata.







GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana, 1.ª p. O templo romano. As inscrições lapidares. — 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836.—4.º Loios. — 5.º Bibliotheca Publica.—6.º Conventos, 1.ª parte, Paraizo, Santa Clara e S. Bento.—7.º Bellas artes. — 8.º Vesperas da restauração. — 9.º Idem, 2.ª parte.—10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. — 12.º O archivo municipal.—13.º A restauração em Evora, 1640-1645.—14.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora, 1.ª parte.—15.º Idem, 2.ª parte.—16.º Idem, 3.ª parte.—17.º Evora e o Ultramar.—18.º Assédios d'Evora. 1.ª parte.—19.º Idem, 2.ª parte.—20.º Idem, 3.ª parte.—21.º Idem, 4.ª parte.—22.º Os Festejos de Evora em 1729.—23.º Evora nos Lusíadas.—24.º Procissões eborenses.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand—Livraria Academica e livraria do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão publicados :

- 1.ª parte—fasciculos I a IX—Foaes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII e XIII. Documentos do Cabido. O livro dos herdamentos. Capitulos de Fernão Lopes. Extractos dos inventarios municipaes do sec. XIV. Extractos dos documentos das albergarias. O livro do Azenheiro. Posturas antigas da camara. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º—2.ª parte, fasciculos X a XVI—Documentos municipaes. Ordens religiosas. Cartulario da cathedral eborense. Documentos da Misericordia.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand.

MADRUGADAS

A' venda em Evora em casa do editor Abranches.

DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio. Fragmentos de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itinerario de Antonino, Plinio e Mella. Livro 3.º da Geographia de Strabão.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA—ARTE—ARCHEOLOGIA

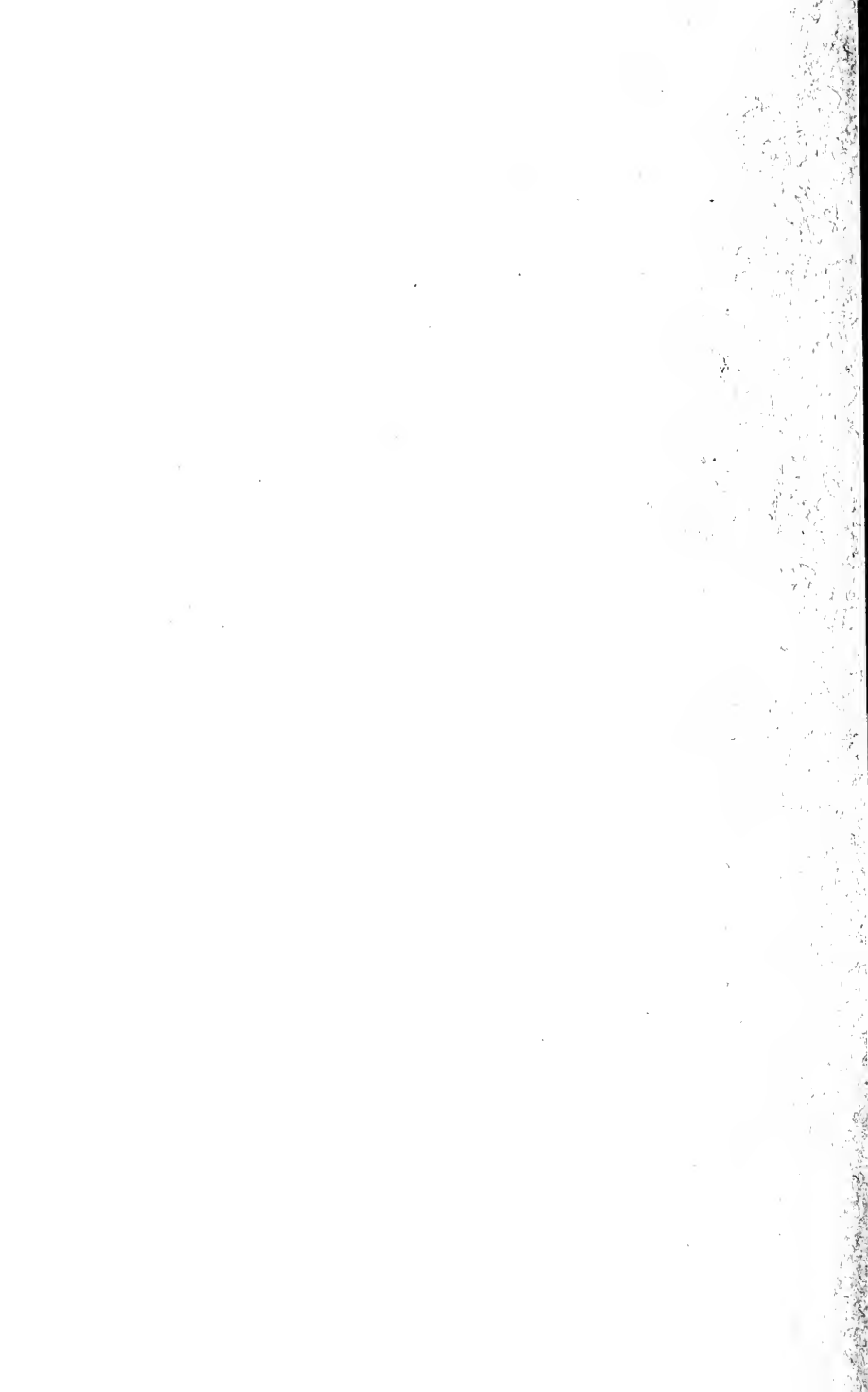
EXPOSIÇÕES DE ARTE ORNAMENTAL

LONDRES, 1881. LISBOA, 1882. EVORA, 1889. NOTAS ESPECIAES
SOBRE ALGUMAS PRECIOSIDADES EBORENSSES.
AS JOIAS DA SÉ. O TRIPTYCO DE LIMOGES E O QUADRO BYSANTINO DA
BIBLIOTHECA. AS COLLECÇÕES PARTICULARES, ETC.



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL.
Rua Ancha n.º 85

1890



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA—ARTE—ARCHEOLOGIA

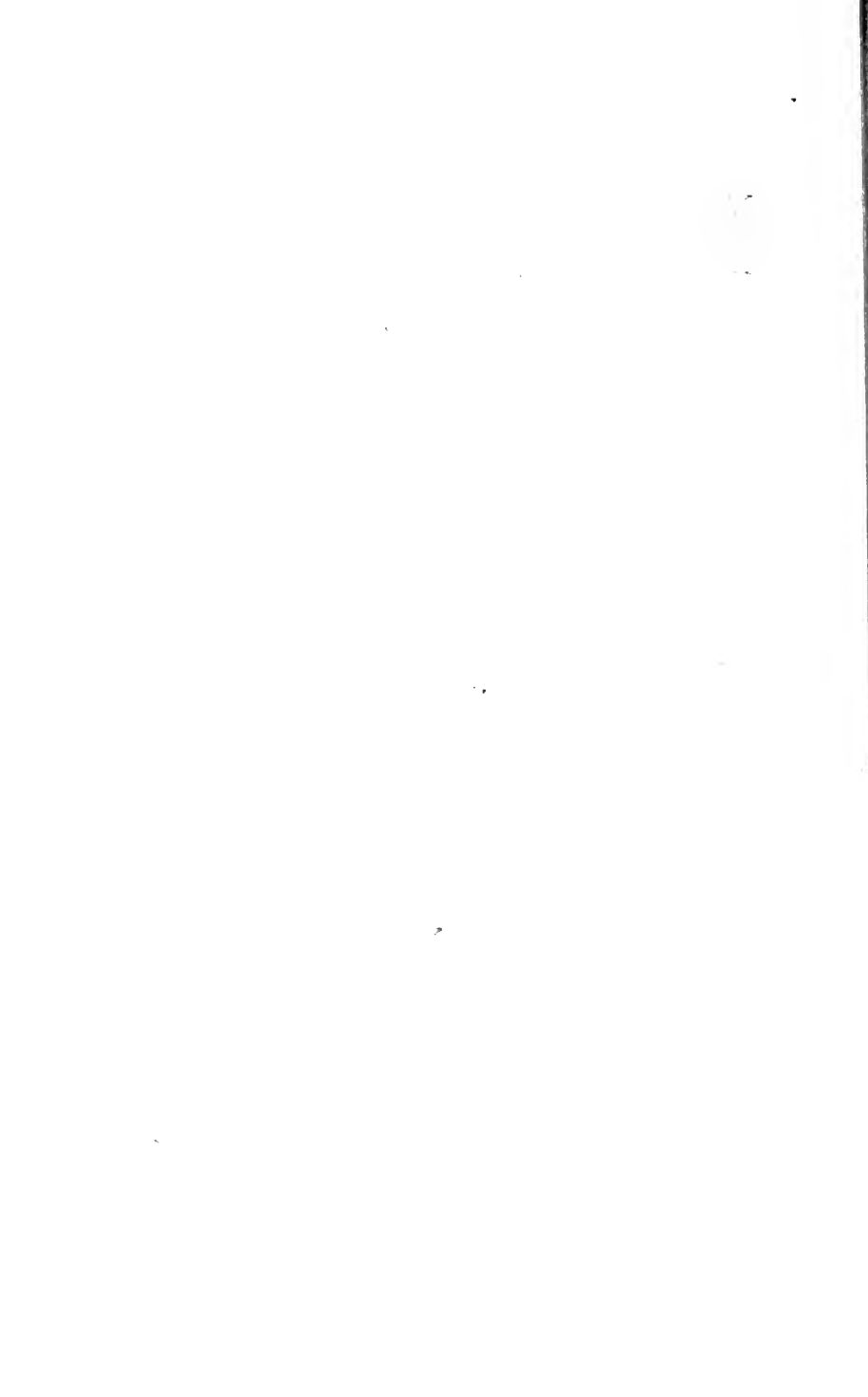
EXPOSIÇÕES DE ARTE ORNAMENTAL

LONDRES, 1881. LISBOA, 1882. EVORA, 1889. NOTAS ESPECIAES
SOBRE ALGUMAS PRECIOSIDADES EBORENSSES.
AS JOIAS DA SÉ. O TRIPTYCO DE LIMOGES E O QUADRO BYSANTINO LA
BIBLIOTHECA. AS COLLECÇÕES PARTICULARES, ETC.



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL.
Rua Ancha n.º 85

1890



ESTUDOS EBORENSES .

Exposições de arte ornamental

Em 1881 o *South Kensington Museum*, de Londres, celebrou nas suas galerias uma exposição de arte ornamental portugueza e hespenhola. As collecções pertencentes a esse admiravel estabelecimento de educação artistica e industrial reuniram-se alguns centos de objectos de collecções particulares inglezas e francezas. Era muito; mas logo viram que a exposição ficaria incompleta pela falta de algumas especies existentes em Portugal e Hespanha. Temos sido muito explorados; a incuria e a ignorancia tem-nos devastado, mas felizmente ainda nos restam muitas joias e primores.

Organisou-se uma commissão official que pediu o concurso dos governos da península, e estes tomaram a peito a boa representação no *South Kensington*.

Trabalhou-se á ultima hora mas o resultado foí maravilhoso; dos thesouros officiaes, das cathedraes, dos conventos de freiras, surgiram maravilhas de ourivesaria, de tecidos de indumentaria, de esculptura, de marcenaria: e logo se projectou realisar uma exposição em Lisboa, colhendo tambem objectos em casas particulares, o que se realisou em 1882, no palacio das Janellas Verdes, em Lisboa, hoje Museu Nacional de Bellas Artes.

Essa exposição, apezar de muitas contrariedades, marcou epocha em Portugal; teve influencia salutar. Foi a origem de outras exposições; de alguns trabalhos de valor; animou, instruiu, sobretudo revelou ao publico a existencia de grande numero de preciosidades.

Relacionado com alguns dos cavalheiros que formavam a commissão portugueza tive occasião de os coadjuvar especialmente na colheita de objectos em Evora, que ficou bem representada em Londres, melhor em Lisboa: e como sobre certos objectos d'arte fiz então estudo detido, conseguindo agrupar elementos pouco sabidos, julgo ser util publicar esses resultados n'estes *Estudos Eborenses*.

Seguirei exactamente a ordem das relações que então elaborei, juntando as minhas notas.

Da exposição do *South Kensington* publicou-se o «*Catalogue of the special loan exhibition of Spanish and Portuguese ornamental art.*» Da realisada no palacio das Janellas Verdes temos o *Catalogo illustrado da exposição retrospectiva da arte ornamental portugueza e hespanhola, celebrada em Lisboa em 1882.*»

Dois volumes, um de texto, outro de estampas, elaborados um tanto precipitadamente, contendo todavia muitos elementos preciosos para a historia da arte em Portugal.

Na exposição figuraram objectos dos primeiros

tempos historicos até fim do seculo passado. Algumas especies estavam bem representadas, mesmo opulentamente; outras apenas indicadas. Via-se claramente que mais algum trabalho e methodo produziriam uma exposição superior, de maior ensinamento e mais fecunda. Vejamos a parte ebo-rensê na exposição londrina.

Exposição de arte ornamental hespanhola e portugueza no museu Kensington de Londres

Relação dos objectos pertencentes aos conventos de religiosas d'Evora entregues por ordem superior (Portarias do ex.^{mo} ministro das justiças de 12 e 19 d'abril de 1881, referindo-se á portaria do ministerio d'obras publicas de 5, publicada no *Diario do Governo* de 7 do mesmo mez) para figurarem na exposição de arte ornamental de origem hespanhola e portugueza no museu Kensington, de Londres, ao ex.^{mo} sr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, vogal da respectiva commissão e seu delegado.

Convento do Paraizo

1 Cruz processional de prata dourada e arrendada. Altura 0^m,86. Entre os extremos dos braços 0^m,485. Base da cruz 0^m,34 d'altura. Imagem de prata mas encarnada. Nimbo redondo com a cruz. E' uma cruz de braços eguaes terminados em flores de liz. Pouco deteriorada. A base em perfeito gothico florido. Fins do seculo XV. Na base corpos salientes, com pequenas bases e baldaquins; seis estatuetas de bom lavor, N. Senhora, S. Pedro, etc. Volutas apoiavam as bases dos corpos salientes, só restam duas inteiras, as outras quebradas. No verso, ao centro da cruz, um quadro com a Senhora e o Menino. Alguns ornatos nas

chapas, folhagens em estylo da primeira renascença.

2 Custodia de prata dourada com algumas pedras ordinarias; altura 0^m,83. Na base tem a inscripção — *Esta custodia mandou fazer soror M.^a de S. Paulo e sua irm.^a a qual fez de custo duzentos mil réis.* Sobre a base, aos lados, dois anjos orando; na haste, entre a base e o corpo principal um corpo d'architectura com seis pequenas columnas que molduram nichos com figuras, S. João Baptista, e outros santos. No corpo principal grandes raios terminando alternadamente em rosetas com pedras imitando rubis (faltam duas). Em cima o Salvador abençoando. Sob as pequenas columnas existem os buracos para suspensões, mas só resta um pingente, que é uma pequena esphera e uma pyramide de cristal. Aos lados do corpo central, entre os raios, duas flores de liz.

3 Lampada de prata: pertence á capella da Senhora do Rosario, na enfermaria. Altura 0^m,6. Dois pratos lavrados (pequenos relevos batidos) ligados por braços singelos, em curvas simples e elegantes; quatro correntes sustentam um circulo para o vidro: termina inferiormente por um pequeno prato e uma esphera do mesmo lavor. No prato superior o dizer — *De Nossa Sra do Rosario.* — Tudo de prata.

4 Dois castiçoes de madeira preta torneada com ornatos de metal amareillo. Altura 0^m,58.

Convento Novo (S. José e S. Thereza)

1 Tapete de lã, a côres, em fundo verde, attribuido á industria d'Arraiollos.

2 Reposteiro pintado imitando pannos de raz. Orlas de fructos e folhagens; figuras de guerreiros.

Convento de S. Clara.

1 Porta-coeli de prata, do sacrario. Folha de prata em relevos fortes, e alguns abertos deixando ver um forro de velludo carmezim. $0^m,63 \times 0^m,38$. Folhas, flores, espigas e cachos, volutas. O cordeiro imperfeito.

2 Resplendor de prata esmaltado e com pedras, do Salvador do mundo (capella da quadra). Esmaltes em azul e verde. Raios direitos e ondeados alternados terminando em rosetas, de que faltam 14. Falta tambem uma pedra. As pedras ordinarias.

3 Terrina de faiança, redonda. Tem as letras D. V. R. $0^m,31$ de diametro. Antiga louça portugueza imitando India.

4 Perfumador de faiança verde; antiga ceramica portugueza.

5 Véu de hombros; tecido em seda, ramagens a branco sobre fundo encarnado.

6 Manto de seda lavrada a cores (capella do Salvador do mundo); ornamentação de folhagens, insectos e aves.

Convento de Santa Catharina.

1 Custodia de prata lavrada e dourada tendo em cima a figura do Senhor. Altura $0^m,82$. Ornatos de folhas em fortes relevos e seraphins. O corpo principal em 4 columnas. O Salvador abençoando tendo na mão esquerda um pequeno pendão. Sob as bases das columnas umas pequenas peças que sustentavam provavelmente campainhas. Entre a base e o corpo principal um corpo d'architectura de frisos mui salientes, elegantes, as columnas moldurando nichos vazios e que provavelmente nunca tiveram imagens ou estatuetas. Esta admiravel custodia existe hoje no Seminario.

2 Casula de tecido vermelho, com barras a branco com applicações de veludo carmezim.

Convento do Salvador

1 Quadro em pergaminho com moldura de ébano: $0,27 \times 0,20$. A Virgem, o Menino, S. João Evangelista com a aguilha, e outra figura. No segundo plano uma construcção em ruina. No fundo paisagem em tom azul. Miniatura do seculo XVI.

2 Gravura em cobre estampada em setim: $1^m,80 \times 0^m,98$. Em 3 partes bem unidas, 2 grandes e eguaes, 1 menor. Theses. Figuras grandes, de bom desenho. Anno 1731. Origem alleman. Actualmente na Bibliotheca.

S. Bento de Castris

1 Véo de hombros, bordado a matiz e ouro, em seda branca.

2 Panno de pulpito em setim branco. Bordados de applicações de veludo carmesim e verde. Cruz de Christo. Um brazão no centro, ao lado mitra e baculo.

3 Quadro em azulejos, a Annunciação, 6 azulejos quadrados de $0,18$ de lado. O quadro $0^m,55 \times 0^m,365$. Em cima a legenda *Ave Maria*; o anjo sustenta uma fita *Ave Gracia*. Ornamentação do seculo XVI. Estylo florentino. Agora na Bibliotheca.

4 Frontal de tecido, com ramagens a ouro.

Catalogo dos objectos pertencentes á Bibliotheca publica d'Evora emprestados por ordem superior (officio da direcção geral d'instrucção publica de 13 d'abril de 1881, com referencia á portaria do ministerio das obras publicas de 5 d'abril, publicada no *Diario do Governo* de 7) para figurarem na exposição de arte ornamental de origem hespa-

nhola e portugueza, no museu Kensington de Londres, e entregues ao ex.^{mo} sr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, vogal e delegado da respectiva commissão.

Miniaturas em cobre

1 Chapa de 0^m,108 × 0^m,089. Pintura a oleo com muitas figuras, conhecida pelo *auto da fé*; figuras principaes de 0,045 de altura.

2 Retrato de dama; chapa de 0,078 × 0,058. Bem conservado; meio corpo. Toucado, rendas, minucias de ornamentação no vestuario. Seculo 17.

3 Retrato de homem; chapa de 0,134 × 0,104. Bem conservado. Busto n'uma ellipse. Na parte superior a legenda — *Senhor francisco de Coimans* (ornato). *Anno 1661*. — No verso entre duas columnas um estrado coberto de velludo, e uma caveira coroadada de folhas. Uma legenda — *la crudel-ta della morte non é Bastante á Singire la memoria costunte*. Caracteres a ouro. Em baixo uma corrente segurando uma ancora avivada a ouro e a palavra *Dianna* a ouro sob a argola.

4 Retrato de dama; chapa de 0,180 × 0,128. Mais de meio corpo. Vestuario singelo mas caracteristico. Gola levantada. Facha da esquerda para a direita sustentando uma medalha que parece ter as letras H. S.

5 Chapa em malhura de tartaruga com 0,082 (0,07). Num i face S. João Baptista, na outra o retrato de el-rei D. João IV. Este tapa-se com uma lamina corrediça de tartaruga. Ha um bilhete de Gansulo que diz — Retrato verdadeiro do sr. rei D. João quarto e de seu tio com a pintura de S. João Baptista.

6 Retrato do príncipe D. Theodorio 0,078 × 0,063. Meio corpo. Medalha fidalga em um par-

do. Facha bordada da direita para a esquerda, vendo-se ainda os copos da espada. Mangas golpeadas, cabeção de rendas, não mostra as mãos.

7 Dois retratos de damas de $0,055 \times 0,046$ dentro de uma caixa de ferro que lhes forma moldura. Uma em mão estado, a inferior e fixa bem conservada e de finissima pintura. A tampa da caixa é de corrediça, em ferro, com ornatos em aberto e um escudo que dizem ser as armas dos Cordovas. O fundo da caixa é tambem uma lamina de ferro com ornatos em aberto.

Miniatura em prata

8 Retrato do abbade Diogo Barbosa Machado autor da Bibliotheca Lusitana. Chapa elliptica de $0,075 \times 0,056$ nos eixos maior e menor. Busto. Pintura a oleo e muito fina. Inclusa n'uma caixa de madeira singela, feita em torno, com $0,092$ de diametro.

Antigos esmaltes

9 Chapa de cobre oblonga quasi elliptica: 7 buracos na orla mostram ter estado pregada. O Salvador assentado abençoa, na esquerda sustenta um livro. Esmalte de alta antiguidade, menos mal conservado, com as côres azul, branca, verde, vermelha e amarella; vivos de ouro. A cabeça com um nimbo e a cruz em vermelho, aos lados a ouro os caracteres alpha e omega. $0,104 \times 0,085$ nos diametros maior e menor. No verso uma marca singela, especie de baculo ponteadado.

10 Chapa de cobre, circular, $0,078$ de diametro, com um buraco para suspender. Esmalte verde, azul, branco, vermelho e ouro. Um cão branco de colleira vermelha. A cabeça n'um fundo azul escuro, circular e em roda como que uma coroa de folhagens e palmas. Ornamentação grosseira.

Vidro

11 Frasco de vidro verde de gargalo mui estreito, sendo o corpo achatado e deprimido. Bem conservado. Ornatos do mesmo vidro formando nos lados duas cruces com saliencias de forte relevo; no contorno fitas de vidro tambem com saliencias; uma prolongando-se forma a extremidade. 0,088 d'altura. As depressões lateraes tocam-se internamente de modo que o frasco se pode dizer formado por um tubo enrolado.

Pinturas em madeira

12 Quadro em madeira de $0,174 \times 0,156$. O Santo Encontro; Jesus, a Virgem e S. João Evangelista; Jesus com a cruz, mas de modo pouco vulgar, os braços para traz. Bem conservado, pintura fina de antiga attribuição a Grão Vasco. Antiga pintura portugueza muito notavel.

13 Triptico. Quadro central: a familia sagrada. Nas taboas lateraes, á esquerda S. Ursula, S. Luzia e um santo. Á direita S. Catharina, S. Apollonia e outro santo. As 4 santas de $0,105 \times 0,095$; os santos, que são os quadros medios, são menores e carecem de legendas. Pintura finissima, bem conservada. No quadro de S. Apollonia a assignatura *Joana bautista fasiebat*. Superiormente outra taboa dobradiça com o Eterno e a pomba. Em baixo outra dobradiça com um seraphim. Muito notavel.

Livros de pergaminho com illuminuras

14. $\frac{124-2}{10}$ (designação da collecção dos manuscritos da Bibliotheca). Folhas de $0,158 \times 0,120$.

Horae b. m. Virginis. Letra do seculo 14, 71 folhas. Encadernado em veludo carmesim, e signaes de ter sido ornado com brazão, cantos, fe-

charia, e uma cruz de Christo, sem duvida de prata.

15. $\frac{124-2}{12}$. 256 folhas de $0,106 \times 0,077$ *Horae et aliae devotiones*. Meiado do seculo 15. Encadernado em velludo azul.

16. $\frac{124-2}{13}$. Seculo 16. 237 folhas de $0,110 \times 0,075$. Na lombada *Hevre*. Encadernado em marroquim castanho.

17. $\frac{124-2}{14}$. 119 folhas de $0,117 \times 0,085$. Encadernado em couro com ornatos dourados.

18. $\frac{124-2}{15}$. 168 folhas, as 2 ultimas com uma oraçãõ em francez. Fol. de $0,118 \times 0,085$.

19. Biblia castelhana $\frac{125-2}{3}$, 1 vol. fol. grande a 2 columnas. Seculo 14 ou primeira metade do 15. 261 folhas. Algumas vinhetas concluidas, outras esboçadas, para muitas só existe o logar em branco. Muitas iniciaes lindamente floreadas.

Objectos enviados pelos conventos de Villa Viçosa e Borba

Convento das Chagas, em Villa Viçosa

1 — Cruz processional de ébano com pregaria e ornatos de prata; imagem de marfim; sobre uma esphera de prata de baixo relevo (genero da lampada da Senhora do Rosario, do convento do Paraizo d'Evora).

2 — 5 bocados de seda antiga, tecida de varias côres e padrões, pertencentes a cortinas de oratórios e vestimentas de santos.

Convento de Santa Cruz, em Villa Viçosa

1 — Quadro em moldura de prata. Arte hespanhola. N. Sr.^a de la Consolacion de Uterra, com

indulgencia do cardeal Borja. Pintura não superior, mas bem conservada. As roupagens muito ornadas. Aos lados varias miniaturas allusivas a milagres, um duelo, uma tourada, etc. Seculo 17. Agora no Seminario.

2 — Vêo de hombros com tecido branco e ouro; flores côr de rosa com folhagens verdes.

3 — Panno de pulpito em damasco branco com guarnições de tisso carmesim e ouro.

4 — Um ralo de prata lavrada com 4 seraphins aos cantos; da roda da portaria.

Convento de Nossa Senhora
das Servas, em Borja

1 — Bacia e gomil de cobre esmaltado em máo estado; a bacia em forma de concha (pecten); ornamentação de ligeiras folhagens, de graciosa simplicidade, em fundo branco.

2 — Dalmatica bordada a ouro e retroz verde e vermelho em fundo de setim branco, que faz parte de um paramento que está depositado na egreja de S. Bartholomeu da mesma villa.

Sobre os objectos d'arte da Sé d'Evora emprestados
para a exposição

Calis de ouro lavrado e esmaltado, a principal obra d'arte que temos em Evora, e uma das primeiras do paiz. Sob a base, n'um vão, a inscripção: *Doct. paulus Alphonsus Reg. Consiliarius in ecclia Eboren. Archid. et Canonicus donauit. Anno Dne* — : disposta em circulo rodeando um braço, e aos lados d'este a data 1587. O braço sobre uma cruz de S. Thiago em esmalte vermelho.

Ornamentação delicadissima em motivos de grande simplicidade e elegancia: relevos admiraveis; esmaltes de extrema perfeição uns sobre re-

levos, outros em superficies burnidas. Os relevos e esmaltes da ornamentação geral molduram 18 quadros onde o artista mais se esmerou, 6 no corpo, 6 na base, 6 na haste e n'estes o buril attingio um prodigio de execução. Os da taça quasi ellipticos graciosamente entremeados por anjos de braços abertos que os amparam. Os da haste são quadrangulares, oblongos, formando as faces d'um prisma hexagonal; nas arestas umas pequenas peças, tambem esmaltadas, oscillando um pouco e formando separações nos relevos: entre estes sobresáe ainda a *ceia do Senhor*, relevo que não tem mais de 2 millímetros de espessura, mostrando a meza um tanto obliqua, e muitas figuras, nitidas, vigorosas, todas differentes, de pasmosa execução.

Notarei ainda que em varios pontos ha um fundo que não é fosco, mas parece revestido de certa substancia brilhante, pequenos fragmentos talvez de pedras preciosas.

A custodia de prata dourada e lavrada é uma formosa peça: infelizmente foi concertada e modificada na haste por artista pouco entendido; o corpo principal porem não tem modificações e está menos mal conservado; é em gothico terciario do seculo 15.

Se estivesse completa seria uma bella obra de arte e uma digna companheira da cruz processional que foi emprestada pelo convento do Paraizo.

Um porta-paz lindissimo, do seculo 18, com volutas de forte relevo, elegantemente lançadas, formando moldura.

O panno, attribuido pela tradição aos templarios, que pertenceu ao convento de Aviz, donde veio para a Sé. Segundo opinião, creio que do fallecido abbade de Castro, mas de que não conheço o fundamento, seria este panno feito para cobrir o cadaver d'el-rei D. Manuel, na trasladação talvez, porque decerto levou elle muito tempo a fazer.

Em 1887 descobriram-se na Sé outras tapeçarias do mesmo lavor, vendo-se então que formavam um docel. Esteve armado fazendo extraordinario effeito na sala grande da Bibliotheca, por occasião da visita da familia real em maio de 1889. É sem duvida a primeira tapeçaria que existe no paiz, pelo notavel trabalho e estylo, e pelo estado de conservação.

Do panno, da custodia, e do calis existem photographias.

A proposito da custodia da Sé direi que d'estas ourivesarias do seculo 15, em estylo gothico, no estylo da Batalha como vulgarmente se diz, se encontram no paiz dezenas de notaveis exemplares. Tenho visto os melhores nos thesouros da sé de Coimbra e de S. Maria da Oliveira de Guimarães, ambos importantissimos.

Na sé de Coimbra ha uma custodia que é uma verdadeira belleza; já lhe faltam porem algumas peças, estatuetas, etc., o que não destroe todavia o effeito geral, sendo muito possivel restaural-a. O thesouro da sé de Coimbra contem calices e relicarios bem conservados, que devem classificar-se nos seculos 15 e 14, e uma pixide admiravelmente conservada, que demais tem a singularidade de estar datada e assignada pelo ourives Geda Menendiz, um artista contemporaneo de D. Affonso Henriques. *

Esta pixide pertenceu ao antiquissimo mosteiro de S. Miguel de Refoios de Basto, depois ao collegio de S. Bento de Coimbra, donde veio para a Sé. Tem na base a inscripção seguinte: — Jesus rex. Johanes. Petrus. Thomas. Andreas. Filipi et Jacobi. Simonis. Bartholomeus. Jacobus. Mateus.

* Outro Geda Menendiz apparece como testemunha no foral da villa de Constantim de Panoyas, dado pelo conde D. Henrique em 1096 (era 1134).

Geda Menendiz me fecit. E. M. C. LXXX. — É pois do anno 1142 (era 1180).

Os ornatos consistem principalmente em SS de pequenas fitas de ouro ou filigrana. Está completa, intacta, não soffreu alterações. A pixide de Coimbra e a celebre cruz de D. Sancho, hoje pertencente ao museu d'el-rei (o *Occidente* publicou a gravura), são, me parece, as duas peças mais importantes da antiga ourivesaria portugueza.

Foi tambem pedido para figurar na exposição, o celebre calis da Sé de Braga, chamado de S. Geraldo. Conheço tambem este notavel objecto d'arte sem duvida de alta antiguidade, não sei porem se poderá dizer-se producto de arte portugueza; é esmaltado no gosto dos velhos esmaltes de Limoges, que eram mais frequentes do que se suppõe nos antigos mosteiros e cathedraes; documentos portuguezes dos mais antigos, inventarios e testamentos, mencionam os *alemoges*, peças de ourivesaria esmaltadas nas officinas de Limoges, que durante muitos seculos produziram objectos d'este genero.

Objectos do Paço Archiepiscopal

Calis de prata dourada, 0^m,21 d'altura. Cinta na taça com a inscripção «+ *fc. co. manhos. maria. fereira.*» Bem conservado.

Campainha de bronze com capa de prata de singelos abertos; o cabo termina em sinete com as armas do prelado D. frei Luiz da Silva.

Camara Municipal d'Elvora

(Officio do Governo Civil de 30 de julho de 1881 e portaria publicada no Diario do Governo n.º 175, de 25 de julho — Officio da Camara Municipal n.º 202, de 18 d'agosto de 1881).

Calis de prata dourada, fins do seculo XV. Ba-

se em hexagono de fortes chanfros relevados. N6 com ornatos gothico - renascença, na taça uma cinta de cherubins sendo dois barbados. Inscripção em gothico *Anhus dei qui tolys peccata*; e na patena *Verbum caro factum es aleliya ale*; tem 6 campainhas. Esmalte azul, verde e branco na haste: 0^m,26 d'altura.

Mitra de prata: abertos, e baixos relevos, 0^m,31 d'altura: pedras ordinarias: no verso a inscripção — *O sr. inquisidor Manoel de Magalhães de Menezes deu esta mitra a S. Braz sendo alcaide de sua confraria o anno de 1648.*

Baculo de prata, fracos relevos; 0^m,35 na parte superior, a haste compõe-se de 6 canudos eguaes (por isto só um foi enviado) Inscripção no anel-ou nó *O deum o deu 1628.* Um vaso ou urna de elegante desenho forma a base do baculo. O canudo da haste tem 0^m,23.

Relicario — braço e mão abençoando — 0^m.40, de prata; ornatos da manga, base e chapa com a reliquia dourados. Na base a imagem de S. Braz em relevo e a inscripção *Ecce sacerdos magnus Blasivs qui in diebus suis placuit Deo et inventus est justus.*

Estes objectos pertencem á ermida de S. Braz, sendo o baculo e a mitra da propria imagem.

Faim de S. Jorge, 0^m,97 — Mão e guarda de prata, aberta e lavrada a buril.

Objectos enviados pelo ex.^{mo} Visconde
da Esperança

Cofre de madeira, pintado de preto, forrado de velludo carmezim; 0^m,80 × 0^m,60 × 0^m,28: contendo quarenta e um objectos de prata, fosca e burrada: espelho, bacia e jarro: guarda joias: cafeteira, bule, assucareiro, tallher, 2 colheres de chá, 2 castiçaes, palmatoria, barquinha e thesoura, 2

frascos de cristal lavrado com tampas de prata, tampa de um copo de cristal, salva de pé, campainha, bandeja com tinteiro e areeiro, 4 bandejas de diversos feitios e tamanhos, pincel de barba com cabo de prata, escova, pregadeira de veludo carmesim com cinta de prata, frasco para chá, 8 caixas de dimensões diversas. Marcas — G. C. D. — e — N —.

Par de castiças, de filigrana de prata, de 0^m,25 de alto, alguns ornatos esmaltados; uma ave de azas abertas sobre a base; esmaltes verdes, azues e castanhos; folhagens e flores.

Cofre de prata revestido de filigrana; 0,19 × 14, ornatos delicados, esmaltes; espelho na tampa e cadeia de prata.

Objectos enviados pela Bibliotheca
Publica d'Evora

Chave de ferro de 0^m,105 d'altura, muito antiga.

2 colheres de prata, antigas, diversas; uma em máo estado.

Um par de acicates de bronze com restos de douradura.

Uma espora, 0^m,1 de comprimento na haste, ornatos em relevo.

Um par de estribos de bronze, d'apoio circular, 0^m,34 d'alto.

Um par de sapatos de senhora, de damasco lavrado, com saltos forrados de marroquim vermelho altos de um decimetro, ponta elevada, em pouco uso.

Frasco para cheiros, de porcelana, em forma de gato; coleira e cadeia de prata dourada com a palavra «*Fidelité*».

Cinco botões de 0,043 de diametro, cobre dourado; 4 com gravuras coloridas, 1 com miniatura a nankim de gracioso desenho.

Gola de renda, 0,55 no decote, 0,15 por lado.

Dita, 0,73 no maior comprimento.

Fragmentos de renda, 0,22. Rendas estas eguaes ou parecidas ás que figuram em retratos de damas do seculo 17.

Espada de folha direita de 0,87. Marcas na folha, e na guarda — *T. Hollier* —.

Espada curta de 0,40 na folha e 0,29 no virote, para guarda da esquerda. No vasado da lamina tem as palavras *In te domine espuhero*.

Figura de coral em pedestal de marfim; a figura está mitrada e de braços abertos; com a legenda *In medio positus quo me vertu...*, d'um formoso coral; o trabalho parece chinez.

Duas esculpturas em pedra; 0,094 × 0,122. Adoração dos reis. A Virgem e o Menino. Parece trabalho muito antigo. Ambas teem na base as letras *I. V. H.* Muito quebradas, collocadas sobre lamina de madeira.

Desenho em papel; em moldura d'ebano: 0,15 × 0,19. A Virgem, o Menino, dois anjos e a serpe: sobre o desenho estão escriptas em caracteres microscopicos a *Salve regina*, o *Credo*, o symbolo de S. Athanasio, os sete psalmos da penitencia, etc.

Quadro bordado a retroz; Christo e a adúltera; bem conservado o bordado, mas esvaidas as côres; fios de ouro nas roupagens; as carnes pintadas em seda branca.

Pendão do Santo Officio. Grossos bordados a ouro em damasco encarnado; a meio um medallhão elliptico tendo n'uma face a cruz, a espada e o ramo d'oliveira e o dizer — *Exurge domine et judica cansam tuam. ps. 73*. Na outra face a imagem de S. Pedro martyr com a inscripção — *Pro sancto munere martirii palmam meruit obtinere*: roupagens a prata e ouro, carnes bordadas grosseira-

mente em seda; o fundo a ouro; franjas d'ouro, e nos dois extremos grossas borlas tambem d'ouro.

Colcha de pelica aberta applicada sobre seda azul e vermelha; os abertos formam desenhos delicados de folhas e volutas; no centro uma aguia de duas cabeças.

Quadro; desenho; milagre dos 5 pães e 2 peixes. $0,46 \times 0,33$. Assignado. *Eques Faria inv. et fecit 1771*.

Desenho a lapis vermelho, $0,37 \times 0,26$. Cinco desenhos diversos. Brazão de Diogo Fernandes de Almeida. Um peregrino. Uma aurora lançando flores. Projecto de medalha da Academia de Historia — *Protecção á Academia, 1720*. — *Chegada dos reis e principes a Lisboa em 1729* — .

Idem. $0,52 \times 0,29$. *Eques V. L. invenit*. Titulo — *Psyche's historia Raphaelis Urbinate's opus singulare in palatio vulgo guise Romae* — . Os deuses ouvem a historia de Eros e Psyche; desenho importante, com muitas figuras.

Idem; $0,57 \times 0,42$. Cinco desenhos diversos; no centro uma descida da cruz. Iniciaes *V.* e *L.* ornamentadas a lapis vulgar (Vieira Lusitano).

Idem; $0,52 \times 29$. Ass. *Lusit, invenit. Nuptia Psyche's*. Os deuses em festa; desenho importante.

Quadro bysantino $0,35 \times 0,297$. Constantino e Helena manifestam a cruz. Sobre a madeira que parece revestida de gesso assenta a pintura e a douradura; fundo d'ouro; as figuras nimbadas de ouro. No verso do quadro uma cruz em vermelho no fundo branco. Cantonando os angulos da cruz os caracteres *IC—XC—NI—K* tambem em vermelho.

É importantissimo este objecto d'arte, e pode dizer-se perfeitamente conservado. Os caracteres

do reverso fornecem pela sua forma e disposição elementos para a determinação de uma data. Constantino Magno foi eleito Cesar em 306 da nossa era, mas o emprego da formula—*Jesus Christo venceu ou vencedor*—(*Jesus Christus Nika*) só mais tarde apparece, por ex. nas moedas de Leão V e Constantino VII (813 a 820).

No anverso das moedas attribuidas a João 1.º Zimisca (969 a 976) encontram-se os caracteres I C—X C—N I—K A cantonando os angulos da cruz exactamente como succede no quadro da Bibliotheca (Teixeira de Aragão—Descrição das moedas romanas do gab. num. do sr. D. Luiz, pag. 596: e sobre a inscripção IHS. XPS. NI KA.—*Jesus Christo venceu*—a pag. 54 da *Icographie chretienne* de M. Crosnier. Tours. 1876).

Triptico, oratorio portatil dividido em tres partes, uma central e maior, e duas lateraes que se podem dobrar sobre a primeira. Esmalte sobre cobre.

Objecto d'arte importantissimo, bem conservado; uma das maravilhas da Bibliotheca publica d'Evora. Os esmaltes em molduras fortes, lisas, douradas; $0,525 \times 0,410$, no total.

Centro $0,280 \times 0,235$.

Lados $0,280 \times 0,098$; cada um dos lados se divide em dois quadros. Pequenas rosetas de prata ornam as fachas das molduras. Nas fachas superior e inferior—*Attendite et videte si est dolor similis sicut (sichvt) dolor meus*—em orthographia irregular e disposição caprichosa.

O quadro central—Calvario—Longuinho dando a lançada. A Virgem desfallecida amparada por S. João. A Magdalena. Annás e Caiphás; figuras de guerreiros a pé e a cavallo, com variadas e

mimosas ornamentações. Aos lados: Pilatos lavando as mãos. O encontro. A descida ao inferno. Christo e a Virgem.

Na fimbria do manto de Longuinho *Longis aueugle sa*: na base do genuflexorio á direita — *O mater dei memento*.

Fundos azues escuros salpicados de ouro; tom violaceo nas carnes; toques de luz nos cabellos, roupas, vegetaes e edificios dados a ouro.

Parece não ter marca alguma do esmaltador que era um artista insigne.

Nada se tem escripto sobre esta preciosidade; o fallecido conselheiro Rivara, tão erudito, e tão conhecedor das collecções e manuscriptos da Bibliotheca eborense de que foi por bastantes annos chefe dedicadissimo; o dr. Philippe Simões cujos trabalhos e espirito indagador todos conhecem, tambem bibliothecario por muito tempo, e que estudou muito os objectos do museu reunidos pelo grande Cenaculo; o sr. Telles de Mattos, o infatigavel catalogador, que com uma perseverança superior a todo o elogio manuseou talvez todos os manuscriptos da Bibliotheca, nada encontraram, creio, sobre a proveniencia do famoso triptico.

Conserva-se apenas a tradição de que Cenaculo o recebera como presente dando de gratificação 700,000 réis; e ha um papel impresso, talvez por 1700 e tal, e collocado no verso do tampo da caixa de madeira, cujo dizer é em parte certamente falso, papel sem assignatura, sem data, sem couisa alguma que lhe dê authenticidade, e que parece ser um simples artificio para augmentar, com a lenda maravilhosa, o valor do esmalte; todavia eu não rejeto as ultimas noticias de tal papel.

Começa por contar que o esmalte fôra encontrado em S. Sophia por occasião da tomada de Constantinopla em 1203, e que os gregos por an-

tiga tradição affirmaram ter elle pertencido a Constantino Magno ; ficou em poder dos francezes até á batalha de Pavia (1525), em que Francisco I foi prisioneiro ; Carlos 5.º trouxe o triptico para Hespanha, mas Izabel d'Austria levou-o para Mantua e ahi o teve n'uma capella magnifica de columnas de cristal. Diz ainda o impresso que isto consta da carta do conde Castiglione dirigida ao Summo Pontifice para que concedesse a bulla da sagração da dita capella, carta que se conserva em Mantua na casa de Castiglione ; diz mais que o celebre Julio Romano o avaliara em 16:000 escudos romanos.

Ora o esmalte é francez, e a analyse do vestuario, etc., leva a marcar-lhe os fins do sec. XV ou principios do sec. XVI.

Por isto a primeira parte é simples fabula, só fabricada para illudir os enthusiasts. Mas a segunda parte não repugna.

A nota porém deixa-nos o esmalte em Mantua, na casa Castiglione ; como voltou a Hespanha ?

Não tenho pretensões a decidir ou a resolver, não será porém inutil relatar alguns factos. É certo que um membro da familia Castiglione de Mantua, Balthasar, veiu a Hespanha como embaixador do duque de Urbino a Carlos 5.º e travou relações de amizade com o imperador que lhe fez muitos favores, escolhendo-o até para bispo de Avila. Era homem instruido, escreveu prosas e versos, latinos e italianos, que foram muito apreciados no seu tempo ; morreu em Toledo em 1529. É possivel que este Castiglione, vindo de Mantua, e cingindo a mitra de Avila, trouxesse de lá, ou recebesse como offerta de sua familia o precioso esmalte.

A respeito de Julio Romano, é tambem possivel que o grande pintor e architecto visse em Man-

tua o esmalte; Julio Romano residiu em Mantua, onde morreu por 1546, tendo 54 annos d'idade.

Estudando o esmalte vê-se claramente pelas roupas, barretes, espadas, etc. que deve ser dos fins de 1400 ou principios de 1500. As scenas representadas revelam igualmente que o artista conhecia as tradições mais populares, os evangelhos mais vulgares. Porque, é preciso notar, em assumptos de archeologia artistica christã, devem sempre ter-se em vista os livros mais populares; na idade media os 4 evangelhos (S. Matheus, S. Lucas, S. Marcos e S. João) e mesmo muito depois, não eram tão vulgarmente conhecidos como muitos outros que a Igreja depois reprovou e excluiu completamente por conterem lendas, episodios, e doutrinas, ou cheias de maravilhoso excessivo, ou em desharmonia com a doutrina christã.

Ao estudar o esmalte da Bibliotheca vê-se logo que estamos em frente de uma obra em harmonia com um evangelho popular; principalmente o episodio de Longuinhos e a descida aos ínfernos são scenas que parecem inspiradas por um evangelho que foi vulgarissimo, o celebre evangelho de Nicodemos; tão conhecido e importante que se lhe attribuem algumas das lendas mais varia e vastamente dilatadas, como as de Longuinhos, do Saint-Graal (saing-raal, sangue real, o sangue da ferida de Christo que foi recolhido no vaso d'ouro), do rei Perceforest, etc.

Tão estimado era o evangelho de Nicodemos que foi um dos primeiros que traduziram do latim para francez; em 1497 se publicou com o titulo *Passion de N. S. Jesus Christus par le bon mais-tre Gamaliel et Nicodemus son neveu...*

N'elle se conta o episodio de Longuinhos; como Annaz e Caiphaz se approximaram da cruz, e outros cavalleiros, o centurião que se nega a dar

a lançada, apparece um judeu cego chamado Longis, e presta-se a isso para assim obter a vista; é o episodio do centro do esmalte — *Longis estoit aueugle* diz o evangelho, é a inscripção da fimbria da capa do judeu no esmalte, com a mesma orthographia, *Longis aueugle sa...*

No evangelho de Nicodemos descreve-se com muita minucia a descida do Salvador ao inferno; estouram as grades do terrivel carcere para deixar sair os antigos personagens biblicos; apparecem Moysés, David, Isaias, Adão, etc., que vão para o paraíso onde Henoch e Elias os recebem; surge tambem um homem de aspecto miseravel com uma cruz marcada no hombro, é o bom ladrão, Satan fugiu e a hedionda figura de Hades, o senhor do inferno, contorce-se de dôr e mêdo; é exactamente o quadro superior, á direita, do esmalte; lá está Hades, o senhor do inferno, estorcendo o corpo horrivel, as grades abertas, Moysés, David, etc., e o Salvador que lhes indica o caminho do paraíso. (Sobre os episodios do evangelho de Nicodemos, de importancia maior, para o estudo da archeologia artistica v. os *Etudes sur les Evangiles apocryphes* par Michel Nicolas. Paris. 1866).

Durante bastantes seculos floresceu em Limoges a industria dos esmaltes; em varios documentos antigos, dos sec. 13 e 14, se designam simplesmente pelo nome — alemoges —. São conhecidas algumas marcas de esmaltadores de Limoges (V. *Dictionnaire des monogrammes*, par Christ de Leipzig. Paris, 1750. E o — *Guide de l'amateur d'objects d'art et collection des monogrammes* par le dr. Th. Graesse directeur du Musée de Dresden, 1877), mas n'este nada encontrámos ainda que nos indicasse o artista. Parece que isto succede na maioria de taes objectos d'arte.

Uma nota ainda a respeito de Castiglione.

Na edição de — Il Cortegiano del conte Baldesar Castiglione (Padua, 1766) — vem a sua biographia escripta pelo abbade Serassi, e a fol. 18 se diz: Questo bel genio del Conte gli faceva spendere largamente nel provedersi di quadri, di busti antichi, e di cammei d'ottimo artificio; e fu cagione ch'egli nobilitasse maggiormente la sua patria, conducendovi dopo vari anni il celebre Giulio Romano... etc. —

Na exposição da grandeza de Madrid, por occasião do centenario de Calderon, reuniram-se alguns esmaltes; a descripção de alguns faz lembrar o eborense, é bem possível que a comparação contribua a resolver o problema. O tom violaceo das carnes, os bellos azues dos ceus e roupagens apparecem, ao que dizem, nos esmaltes de Limoges do seculo 16.

Ha poucos dias achei uma referencia ao esmalte eborense; mencionando-se as preciosidades artisticas da Bibliotheca, especialisa: «Particuliérement un émail dont l'existence a été signaleé par M. Alfred Demersay, et qui aurait pour la France une grande valeur historique. Cet émail, *l'un des plus beaux spécimens de l'art français à l'époque de la Renaissance*, est un triptyque de Limoges. Sur la pièce centrale, comme sur les pièces latérales, qui s'appliquent en volets sur la première, sont représentées les scènes principales de la Passion du Christ. On lit dans une inscription latine collée sur le couvercle de la boîte qui renferme ce précieux calvaire, qu'il aurait appartenu au roi François 1.^{er}; il aurait été pris dans ses bagages á la bataille de Pavie. La tradition ne dit pas comment il a passé des mains des espagnols dans celles de la ville d'Evora. On sait seulement qu'on a refusé de cet émail des sommes considérables (Espagne et

Portugal, par Germond de Lavigne (Guide- Joanne) Paris, 1890. pag 701).

No esplendido livro intitulado — Al sommo pontefice Leone XIII omaggio giubilare della Bibliotheca Vaticana (Roma, tip. della Propaganda Fide, 1888), vem uma admiravel estampa colorida representando o esmalte offerecido pelo Papa á referida bibliotheca, com sua descripção breve mas crudita; «Il trittico a smalto dipinto donato da S. Santità Papa Leone XIII al museo sacro della bibliotheca Vaticana illustrato dal prof. Cosimo Stornaiolo, assistente allo stesso museo.»

O professore Stornaiolo julga esse triptico esmaltado como joia de primeira grandeza. Falla dos esmaltes dos Reymond, Penicaud, Courteys, Noulrier, Denis, etc., e termina attribuindo-o a Nardone (Leonardo) Penicaud, que viveu em 1470 — 1539.

O quadro central representa a scena de Longuinhos, quasi como no esmalte de Evora; egual disposição nas figuras principaes, gestos, attitudes eguaes; os mesmos tons azues e violaceos; mais simples, menos figuras secundarias, menor ornamentação em vestuario e armas, menos perfeição artistica.

Sem sombra de entusiasmo, ou de estreito amor patrio, o esmalte eborense é muito superior ao do Vaticano.

É um primor d'arte de primeira grandeza.

Objectos enviados pelo Ex.^{mo} Dr. Abel
Martins Ferreira

Pintura em madeira *Santo Antonio de Padua*, conf. 0^m.175 × 0^m.135. Em moldura de madeira, alto relevo, aberta, dourada, com vestigios de pintura.

Ornatos de flores e aguias. No verso *Esta lami-*

na de Santo Antonio deu a este noviciado de Evora o padre Joseph Garcia; fora ella do Arcebispo D. fr. Luiz da Silva e se deu ao R. por lhe assistir na morte e fazer os colloquios.

Miniatura em pergaminho $0,145 \times 102$: triumpho do Santissimo Sacramento: grupos de anjos entre flores; moldura de ebano: $0,250 \times 0,205$.

Quatro miniaturas em pergaminho $0,130$ por $0,085$. Parecem illuminuras de um livro de horas, talvez flamengas. A Visitação, Pentecostes, o Calvario; a Virgem e o Menino com dois anjos cantando e 2 tocando, um d'estes toca um pequeno orgão portatil, de forma não vulgar, tendo a mão direita no teclado e a esquerda no folle. Molduras modernas.

Medalha elliptica de cobre esmaltado $0,085$ no maior diametro; n'uma face M A (Maria); fundo branco; aro de prata dourada e argola.

Escapulario bordado d'uma freira da ordem de Malta, de Estremoz; ornamentação de bordados e cordões, 14 pequenos quadros bordados sobre setim branco; os martyrios, a Veronica, o gallo, etc. Cruz de Malta em branco sobre fundo preto. Tres grandes borlas e 2 menores, de grande trabalho e perfeição.

A facha tem $1,^m06$.

Capella, ornato da cabeça, de flores de sêda, tambem da mesma religiosa: $0,18$ d'altura.

Estes dois ultimos objectos pertenceram a uma religiosa de Estremoz, que os deixou ao reverendo prior de Santo André, e por este offerecidos ao ex.^{mo} dr. Abel. São objectos singularissimos no seu genero, de grande perfeição de trabalho, e em excellente conservação.

Os conventos de S. Bento, Nossa Senhora do Paraizo e Salvador, offereceram os seguintes objectos:

S. Bento

Prato comprido de faiança grosseira, de meias canas, pintura ordinaria, o,^m38 no maior comprimento. —

Paraizo

Frasco de vidro verde em forma de cabaça — frasco de vidro branco com meias canas, o,^m28 de alto. Boião de faiança ordinaria, da botica do mosteiro, com 4 pequenas azas.

Frasco de vidro verde de grande bojo, gargalo estreito e alto, o bojo com saliencias. —

Pequeno prato de pintura azul sobre fundo branco, pintado tambem no verso.

Salvador

4 pratos de faiança, dois grandes e dois menores: 1 prato que tem a marca de Rouen. 1 garrafa de vidro lapidado, de bojo achatado, com aza: 1 frasco de vidro esverdeado (o vidro muito imperfecto), tem aza, gargalo alto, bico muito apertado.

Tinteiro de faiança (falta o deposito de tinta).

Agnus Dei (piasinha d'agua benta) de louça ordinaria. —

Muitos d'estes objectos foram cedidos á Bibliotheca onde se acham expostos.

Os objectos escolhidos em Evora (Bibliotheca, Sé, e conventos de religiosas), e os que vieram dos conventos de Borba e Villa Viçosa, estiveram em exposição publica, no primeiro de maio de 1881, na sala de leitura da Bibliotheca.

Foi uma exposição improvisada á ultima hora, annunciada oralmente por alguns amigos, e logo bastante concorrida, convencendo-se todos os vi-

sitantes de que tínhamos na cidade elementos suficientes para organizar uma exposição a valer.

Os objectos mais preciosos não foram a Londres, cautella justificavel pela possibilidade de sinistro marítimo; ficaram em Lisboa, na casa forte da Academia de Bellas Artes, esperando a exposição portugueza.

Por decreto de 22 de junho de 1881 resolveu o governo organizar a exposição de arte ornamental no Museu Nacional de Bellas Artes, de novembro d'esse anno ao fim de janeiro de 1882. Por isso se fez a segunda colheita, recorrendo tambem a particulares, ficando a nossa cidade muito bem representada n'esse congresso de monumentos da arte portugueza.

Será conveniente mencionar aqui as classes das obras de arte admissiveis á exposição.

- 1.^a Ourivesaria, metaes preciosos e joias.
- 2.^a Obras de metaes não preciosos.
- 3.^a Esculptura decorativa. Estatuetas, baixos relevos, imagens de santos, figuras de presepes, etc.
- 4.^a Armas.
- 5.^a Vehiculos, arreios, estribos, acicates, sellas, coldres, telizes, xaireis, etc.
- 6.^a Ceramica, vidros e esmaltes.
- 7.^a Mosaicos.
- 8.^a Obras de tartaruga. Cofres, caixas de rapé, pentes, etc.
- 9.^a Mobilia.
- 10.^a Relogios, e instrumentos de precisão, notaveis pela ornamentação.
- 11.^a Instrumentos de musica ornamentados.
- 12.^a Tecidos e bordados.
- 13.^a Encadernações.
- 14.^a Miniaturas.
- 15.^a Revestimentos de salas.
- 16.^a Couros estampados, pintados, dourados ou prateados.

17.^a Manuscriptos illuminados.

18.^a Desenhos, modelos e photographias de obras decorativas.

A exposição eborense

Em maio de 1889 a familia real visitou a capital alemtejana.

Foram dias de extraordinaria animação na cidade que interrompeu a sua pacatez habitual para se ataviar e engalanar a fim de receber a gentil visita; só houve uma nota dolorosa, o aspecto enfermo d'el-rei, já então muito ferido do mal que poucos mezes mais tarde o prostrou.

Houve passeios, illuminações, bazares, touradas, e um grupo de cavalheiros lembrou fazer uma exposição de arte ornamental.

Improvisou-se, outra cousa não foi organizar uma exposição em quatro dias. Não se recorreu aos conventos de religiosas; a poucos estabelecimentos publicos; não se pediam joias de pequeno volume; evitou-se quanto possivel a repetição de objectos; e ainda assim, na sala grande da Bibliotheca Eborense, reuniram-se muitos, variados e bem interessantes artigos.

As joias e tapeçarias da Sé e da Mitra estavam no topo do sul; em grandes vitrines horisontaes algumas porcelanas, crystaes, leques; pratos, cofres, etc. Sobre uma grande meza central toilettes antigas de damas e cavalheiros; nos vãos das janellas alguns moveis, jarras e tinas orientaes, grupos de antigas armas; cadeiras antigas; no extremo norte o bufete com o livro dos visitantes e a mobilia *gobelin* da casa Amaral. Esta mobilia principalmente notavel pelas finas grisalhas dos medalhões que formam a ornamentação central, servira tambem

no paço archiepiscopal nas visitas regias da sr.^a D. Maria II e do sr. D. Pedro v.

Foram os srs. Mira, Vieira, dr. Abel, Villasboas, Torres, que forneceram o maior numero de objectos.

Contribuíram tambem os srs Pimentel, Silveira, Gouveia, Fernandes, P.^o Pompeu, Salles, Marques, Palma, Martins, etc.

Da ex.^{ma} sr.^a D. Sabina Rivara, e de casa do fallecido Esquivel vieram tambem alguns artigos curiosos.

Foi, como já disse, uma exposição de improviso; colhida por assim dizer, na vizinhança da Bibliotheca; sem repetições; evitando o amontoar e o *bric a brac*: quer dizer provou-se á evidencia que é possível realisar em Evora uma exposição a sério, significativa e importante.

A exposição foi inaugurada no dia 20 de maio pela familia real, e livre ao publico n'esse e nos dias seguintes. Foi muito concorrida e creio que vulgarisou alguns conhecimentos.

A sr.^a D. Maria Pia, que é entendedora e tem visto muito e do melhor, notou especialmente o docel da sé, tapeçaria notavel pela riqueza, belleza, estado de conservação, e d'uma finura de tom inexcédível. Nos varões do tecto estavam pendentes quatro colchas, typos differentes, das mais finas que encontrei; pois a tapeçaria da sé sobresahia extraordinariamente pela finura do tom, muito delicado, opulento sem espalhafato. Formava um fundo admiravel ao calix de ouro, á rendilhada custodia, ao caracteristico baculo attribuido ao cardeal-rei, ao calix do paço, e era bem acompanhada pelos paramentos, casulas e pluvias; conjuncto admiravel, capaz de constituir só por si um *museo sacro*, á imitação do *Vaticano*, que muito bem ficaria em Evora. Note-se que foram poucos

os objectos escolhidos; havia pequeno espaço; a vestiaria da cathedral e do paço archiepiscopal poderiam fornecer muito mais; e no Seminario existem actualmente muitas preciosidades.

Só a casa do sr. José Paulo Barahona Carvalho e Mira forneceu grande numero de objectos, vestuários, louças, moveis, armas, pratas antigas e o preciosissimo esmalte, que é o segundo em Evora.

Do sr. Francisco Vieira sobresahia o grande prato brazonado, e o fato de deputado de 1834, ao que dizem; casaca e calção em tecido especial, em seda, azul e branco, com o M (Maria) muito repetido no tecido; ainda não vi outro igual.

Bastantes procelanas antigas da India, China, Japão, do Rato, Delft, Genova, Napoles, Ruão, Talavera e Alcora. Reparou-se muito no cofre Capo di Monte, pertencente ao sr. dr. Abel.

A ex.^{ma} sr.^a D. Joanna de Torres Vaz Freire mandou antigas toilettes, leques, pratos, cristaes lapidados e dourados, etc. Tem muitas preciosidades esta casa em mobilia, louças, joias, quadros. E sabe Deus quantas se perderam nesta e noutras casas antigas eborenses, pelos entrudos; porque ainda ha poucos annos era vulgarissimo ver pelo entrudo nas ruas da cidade, e nos bailes de mascarar, os creados das casas ricas pavoneando-se com as velhas toilettes, os leques, os chapéos, as casacas e coletes bordados; era uma ratice; um vandalismo deploravel.

Na exposição não figurou a collecção do sr. visconde da Esperança, porque muitas das suas preciosidades tinham sido utilizadas n'outra parte. Possui muitos objectos notaveis, em varios generos, colchas, moveis, pratas, louças; com a sua livraria e medalheiro, formam um conjuncto bem raro em Portugal.

À exposição de arte ornamental lembrei-me de juntar a dos *livros da cidade*, os primeiros livros, ou melhor os mais antigos livros officiaes da Camara, do Cabido, da Misericordia; tombo, cartulários, livros de actas ou ementas; collecção unica. Como isto se tem conservado em Evora atravez tantas crises, desde a revolta contada por Fernão Lopes ao bombardeamento de 1846, passando pelos assedios de 1663, e a entrada dos francezes em 1808!

Procurei ainda imprimir n'esta exposição outro cunho, muito especial, outra feição bem caracteristica; era uma exposição da cidade e das familias da cidade, das antigas casas; havia muita cousa fóra d'esta esphera; mas o importante obedecia-lhe. Não era o *bric á brac* custoso que qualquer argentario pode mercar no leilão do Leiria, no Costa, ou em Paris. Estavam ali muitos objectos antigos nas antigas familias; a casaca do bisavô, o leque da trisavó, a fina miniatura do antepassado, o cofre que o bispo tal trouxe da India, o prato que veio á casa com o morgado de tal; el-rei D. Luiz achou merecimento na intenção.

Como se vê não entraram na exposição todas as collecções officiaes, não recorri a muitas particulares; evitei repetições, e ainda assim enchemos a grande sala da Bibliotheca, de modo a captivar a attenção de muitos entendidos. E teve bom resultado, porque vejo agora algumas pessoas darem attenção a estes assumptos de arte, apreciando devidamente, e não deixando perder muitos objectos d'antes indifferentes.

A Biblia castelhana da Bibliotheca de Evora

Por ser mui singular este codice, interessante na história da arte e da linguagem, na peninsula, farei menção especial.

É o segundo tomo de *La grande y generâl historia* de Affonso, o Sabio; offerece porém muitas e importantes variantes do conhecido. Deve ser do seculo XIV, do meiado talvez, mas o illuminador seguia inspiração mais antiga; o seu trabalho parece de um seculo antes, pela ingenuidade do desenho, da composição e singeleza do colorido. Nas letras capitaes ha influencia arabe. Poucas illuminuras estão concluidas; para algumas está feito o esboço, e muitos espaços ficaram em branco. Era um velho talvez o illuminador, e falleceu a meio da sua tarefa; ou o trabalho não agradou, e não o deixaram concluir.

De modo que se vê neste codice o processo de pintura, o simples apontamento, o esboço bem definido, a illuminura colorida. Nas completas ha elementos raros de vestuario, armas, instrumentos musicos, que merecem muita attenção.

Ourivesaria eborense

É possível que algumas peças de ourivesaria existentes actualmente na cidade fossem aqui fabricadas. Muitas vezes apparecem os ourives mencionados em documentos eborenses dos seculos 14 e 15.

Na rua de Alconchel onde estam os ourivezes se diz em doc. do sec. 14 (Doc. hist. 1.^a parte, pag. 126).

Ibid. pag. 154 a Hordenaçom dos hourivezes.

Havia judeus artistas e fabricantes, e negociantes de prata e ouro.

Sabemos alguns nomes: Estevam Annes, em 1381; João Roiz, da mesma epocha.

Nô notavel documento das *Sisas geraes do mestre d'Aviz* (em 1384; pag. 78 e seg. 1.^a part. Doc. hist) se falla dos negociantes de ourivesaria.

Em 1445, João Affonso fabricava grandes peças de prata (Doc. hist. pag. 110, 1.^a part.)

Da ourivesaria eborense no sec. XVI ha grande numero de noticias e documentos.

FIM.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana, 1.ª p. O templo romano. As inscrições lapidares. — 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836. — 4.º Loios. — 5.º Bibliotheca Publica. — 6.º Conventos, 1.ª parte, Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. — 8.º Vesperas da restauração. — 9.º Idem, 2.ª parte. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. — 12.º O archivo municipal. — 13.º A restauração em Evora, 1640-1645. — 14.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora, 1.ª parte. — 15.º Idem, 2.ª parte. — 16.º Idem, 3.ª parte. — 17.º Evora e o Ultramar. — 18.º Assédios d'Evora, 1.ª parte. — 19.º Idem, 2.ª parte. — 20.º Idem, 3.ª parte. — 21.º Idem, 4.ª parte. — 22.º Os Festejos de Evora em 1729. — 23.º Evora nos Lusíadas. — 24.º Procissões eborenses. — 25.º Exposições de arte ornamental.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand—Livraria Academica e livraria do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão publicados :

- 1.ª parte — fasciculos I a IX — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII e XIII. Documentos do Cabido. O livro dos herdamentos. Capítulos de Fernão Lopes. Extractos dos inventarios municipaes do sec. XIV. Extractos dos documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas da camara. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º — 2.ª parte, fasciculos X a XVI — Documentos municipaes. Ordens religiosas. Cartulario da cathedral eborense. Documentos da Misericordia.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand.

MADRUGADAS

A' venda em Evora em casa do editor Abranches.

DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio. Fragmentos de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itinerario de Antonino, Plinio e Mella. Livro 3.º da Geographia de Strabão.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

ANTIGUIDADES ROMANAS EM EVORA E SEUS ARREDORES

A MURALHA ROMANA. O ARCO DE DONA IZABEL.
VESTIGIOS ROMANOS NA SENHORA DA GLORIA, Á HORTA DO BISPO,
FONTE COBERTA, MORGADA, CURRALEIRA, TOUREGA, REDONDO,
REGUENGOS, MONTEMÓR O NOVO, ZAMBUJO, SANT'ANNA DO CAMPO, ETC.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL.

Rua Ancha n.º 85

1891

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

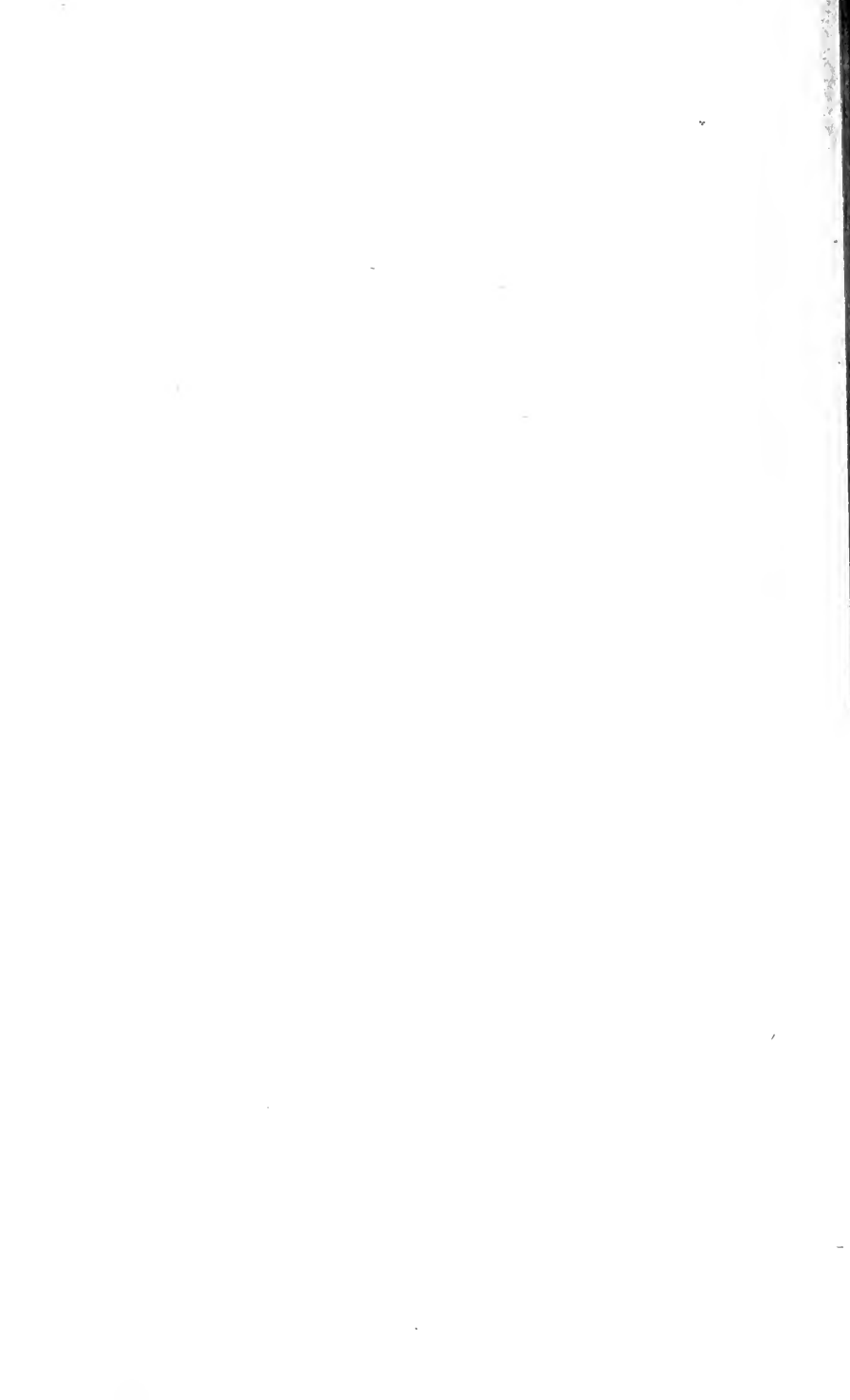
ANTIGUIDADES ROMANAS EM EVORA E SEUS ARREDORES

A MURALHA ROMANA. O ARCO DE DONA IZABEL.
VESTIGIOS ROMANOS NA SENHORA DA GLORIA, Á HORTA DO BISPO,
FONTE COBERTA, MORGADA, CURRALEIRA, TOUREGA, REDONDO,
REGUENGOS, MONTEMÓR O NOVO, ZAMBUJO, SANT'ANNA DO CAMPO, ETC.



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua Ancha n.º 85

1891



ESTUDOS EBORENSES

Antiguidades romanas em Evora e seus arredores

Nos arredores de Evora são frequentes os vestígios da epocha e civilização romanas.

Tirado o Algarve, não conheço no territorio portuguez outra região igualmente rica. As antiguidades romanas são no Algarve mais numerosas e variadas; a influencia latina, parece, exerceu-se ali mais intensamente e por mais tempo.

No aro eborense nota-se uma certa uniformidade nos achados conhecidos até hoje. Os mosaicos, as ceramicas, os marmores são mais pobres que os da região algarvia; não revelam sensivel evolução.

No paiz limitado pelo Tejo, Guadiana e serras do Algarve, no territorio portuguez, conhecemos muitas memorias romanas; em parte alguma tão condensadas como nos arredores de Evora.

Mertola, note-se, a celebrada Julia Myrtilis, tem mais relações com o Algarve; a facil via do Guadiana liga-a com o litoral intimamente.

Verdade é que em muitos pontos teem faltado estudiosos, explorações, ou não tem havido cuidado em registrar os achados.

Mas a abertura das estradas de macadam, e dos caminhos de ferro, e a limpeza das herdades que tem progredido extraordinariamente, nos ultimos trinta annos, restituiram á luz muitos monumentos; e o desbravamento de terras e augmento de viação teem sido geraes nos tres districtos alemtejanos; todavia no aro eborense continua a marcar-se a maioria dos achados archeologicos.

Parece que no tempo do dominio romano houve aqui muita vida; uma população densa, culta, com seus povoados, casaes e santuarios; e nos campos, em muitos sitios, a par da agricultura a exploração mineira.

Se em alguns pontos as ruinas mostram um grupo de construcções, um *logar*, em outros revelam antes a morada de algum opulento; certos tanques seriam de banhos e regas, outros de tratamento de minerio pela via humida.

Comparando com o que actualmente succede, lembrando o poder destruidor de seculos de abandono, chegamos a suppor que a vida na epocha romana foi aqui maior que na actualidade.

As nossas pobres parochias ruraes, os *montes* dos modernos lavradores, não teem finos ornatos; as taipas, os formigões, as alvenarias de agora são menos perfectas que as de então; até os materiaes, a cal, o tijolo, a argamassa parecem inferiores. O romano sabia construir admiravelmente.

Que o paiz era muito habitado é certo; rara a povoação de hoje onde se não encontram vestigios romanos; em charnecas, desertas agora, descobrem-

se restos de casas de essa epocha, paredes, pavimentos, columnas. aqueductos; ao lado de pobres *montes* onde faltam commodidades rudimentares surgem mosaicos de singular arte e perfeição, ceramicas finas, fragmentos de boa esculptura.

Vou reunir n'este *Estudo* algumas breves noticias de antiguidades romanas no aro eborense, condensando o mais possivel, simplesmente para mostrar o que se poderia esperar de uma exploração intensa, e scientifica.

As localidades apontadas encontram-se quasi todas na carta n.º 29 da Commissão Geodesica, publicada em 1875; todas na carta chorographica do districto de Évora, com a demarcação dos concelhos, levantada pela Direcção Geral dos trabalhos geodesicos em 1885.

A muralha romana — O arco de D. Izabel

Restam ainda em Evora vestigios da muralha romana bastantes para lhe marcar a peripheria pelas Alarcovas de baixo e de cima, Salvador, arco de D. Izabel, muralha norte do passeio de Diana, palacio dos Bastos (pateo de S. Miguel), ao angulo da rua do Collegio onde existiu a torre *mou-chinha*, Freiria de baixo ao largo da Misericordia e a S. Vicente. Esta cerca defendeu a cidade ainda no dominio godo e no arabe, soffrendo provavelmente alguns concertos e alterações. Restos das pequenas torres romanas que de espaço a espaço reforçavam e flanqueavam a muralha ainda subsistem na face oriente do palacio dos Bastos, e no largo da Misericordia.

Aos godos attribue a tradição local astorres de Sisebuto, da rua Nova, e da rua da Sellaria; semelhantes a estas na grande altura e solidez ha a do extincto convento do Salvador, sobre a qual

está o mirante, a dos paços do concelho, e as duas do palacio Cadaval.

Duas torres menores flanqueam a porta de Moura.

A designação de origem arabe — Alcarcova — basta para provar que a cerca serviu aos agarenos. Esta designação, hoje limitada á rua parallela á praça de Giraldo, ainda no sec. xvi se dava tambem ás ruas do Menino Jesus e do Collegio.

Que soffreu reconstrucções prova-se por se terem encontrado lapidas com inscripções sepulcraes romanas, mettidas na muralha, quando ha poucos annos se demoliu um fragmento no largo da Misericordia, e no começo do seculo outro junto de S. Vicente, facto este que só póde attribuir-se a reparação feita em tempo de godos ou arabes.

Parece ter havido uma ampliação da cerca pelos restos da muralha medieval que existem em S. Paulo, e da variante rapida do declive da Praça do Sertorio para a rua Ancha; seguindo as torres a primeira muralha iria da torre da rua Nova, ás da Camara e Salvador, ficando a praça de Sertorio fóra da cerca.

No arco de D. Izabel ha uma porta romana, semelhante ás portas de Beja, das quaes a chamada — porta de Mertola — chegou a nòssos dias (existem desenhos fieis das duas ha muito tempo destruidas).

No arco de D. Izabel vê-se a porta romana, muito soterrada já em relação á outra parte interna, que deve ter sido construida em plena idade media, porque em tempo de D. Fernando, fins do sec. xiv, se abandonou e destruiu a cerca romana; pela altura dos capiteis, já muito gastos, parece haver ali aterro superior a dois metros.

A periphèria da muralha romana tinha 1080 metros proximamente.

O lanço melhor conservado é o da base do pa-

lacio dos Bastos, na face do nascente. Vê-se ali o *grande aparelho* romano, fiadas regulares de pedras quasi eguaes, umas mostrando o lado maior, outras o menor, travando na parede, alternadamente.

O lado maior attinge $1^m \times 0,6$.

O menor $0,3 \times 0,6$.

Num d'estes fragmentos da muralha, para o lado dos Loyos, conserva-se a ultima fiada toda, de silhares eguaes.

O arco de D. Izabel é a unica porta romana, certa: mas é possivel que as grandes torres indiquem outras portas ou postigos. O tão celebrado arco romano que o cardeal D. Henrique mandou destruir para desafrontar a igreja de S. Antão por elle reconstruida, correspondia talvez a uma porta defendida pela torre da rua Nova. E tal edificação indica que ahi vinha terminar alguma estrada principal, a de Salacia talvez: as inscrições achadas junto de S. Vicente, e largo da Misericordia mostram tambem que ahi havia portas, porque os romanos não collocavam lapidas sepulcraes junto das muralhas, sim á beira das estradas; a estrada que terminava no lado sul da cidade era sem duvida essa de que restam muitos vestigios, alguns na visinhança da cidade, junto da horta do Bispo, e que seguia para Beja. A' porta de Moura pela sua disposição, pelos subterraneos visinhos, e ainda mais pelas tradições locaes e antiquissimas de origem popular e ecclesiastica, póde tambem attribuir-se alta antiguidade.

O *arco de D. Izabel* tem 4 metros de vão, sendo a volta semi-circular formada por 18 silhares; todo de granito. Quando construíram a porta interna, reforçando o arco romano, já este estava bastante entulhado, pois as soleiras da parte interna estão a $1^m,20$ apenas da cornija que na porta

romana divide os prumos da volta do arco; e o segundo arco, ou interno, fica mais alto.

Ha tres annos no palacio do sr. Villas Boas ao rebaixar um armazem que deita para a Alcarcova de cima, descobriu-se uma passagem muito estreita angulosa, toda de formidavel silharia, que vem abrir na Alcarcova, junto, e a sul, da grande torre chamada de Sisebuto; provavelmente um postigo junto da porta da cidade que devia existir proximoda torre, a norte.

A rampa coberta e as salas no edificio dos Loios, lado do oriente, parecem-me construcção medieval; era a porta da traição, communicando directamente o castello com o exterior da cidade, no ponto onde o declive é mais forte.

A sala maior, talvez sala de armas, é bem notavel e rara, e deve conservar-se com amor.

Vestigios romanos junto da ermida da Senhora da Gloria

A poente da cidade, uns 300 metros da porta de Alconchel, fica uma pequenina ermida chamada da Senhora da Gloria, com sua fontinha ao pé. Uma construcção muito modesta, ainda hoje com seu culto popular; tem quasi todos os annos sua festa, e nas paredes pendem bastantes votos de cêra.

Junto da ermida ha dois moinhos de vento; não será difficil encontrar ainda agora por aquelle chão algumas pedrinhas quadradas, com uma face lisa, que o conhecedor vê logo serem de antigos mosaicos.

Ha uns annos, ahi por 1860, descobriram-se casualmente uns muros; escavaram e ficaram á luz paredes, chãos de mosaico, fragmentos de ceramica. Quasi tudo se perdeu; na Bibliotheca existe um

fragmento grande de mosaico; ainda ha poucos annos estava mettida n'uma parede de um telhal proximo uma estrella perfeita, de 0^m,4 de diametro, formada por pedrinhas brancas e pretas. O dono do telhal teimou em recusal-a; resistiu a pedidos e offertas de dinheiro, por birra, e afinal os garotos quasi a destruíram; mas ainda hoje existem vestigios.

Muitos fragmentos dos pavimentos de mosaico foram calçar os terreiros dos moinhos, e estragaram-se.

Foi uma pena não haver então na cidade quem acudisse a tempo de examinar o achado e tratasse de salvar quanto fosse possivel.

Sepulturas romanas á horta do Bispo. Ladrilhos. Vidros. Estrada

No verão de 1881, fazendo-se uma excavação n'um ferregeal proximo da horta do Bispo, á beira da estrada de Vianna, e a uns 600 metros da porta do Raymundo, descobriram-se duas sepulturas romanas collocadas a quasi um metro de profundidade, e um fragmento consideravel da estrada calçada que pela direcção devia ir a Beja (Pax Julia).

As paredes d'estas sepulturas eram formadas de tijolos sobrepostos; uma de 1^m,20, outra de 1^m,80 de comprimento; em ambas, principalmente na maior, havia alguns vasos de vidro e barro, de diferentes dimensões; alguns d'estes vasos estavam quebrados; outros foram partidos pelos trabalhadores; escapou inteiro um só lacrimatorio de vidro mui delgado, que eu offereci á collecção de antiguidades da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Avaliando pelos fragmentos que ainda pude colligir conteriam as sepulturas mais de doze vasos,

sem particularidade notavel. Os ladrilhos porém não são vulgares; creio até que são os primeiros d'este feitio encontrados em territorio portuguez.

Comprimento: 44 centímetros

Largura: 13 centímetros

Espessura: 6 centímetros. Apresentam duas profundas chanfraduras lateraes, oppostas, destinadas a travar com outros ladrilhos quadrados, que em vez de chanfros tinham uma saliencia.

O sr. D. Vicente Barrantes, conhecido escriptor e sabio muito investigador das antiguidades da Extremadura hespanhola, publicou no vol. 7.º pag. 549, do Museu hespanhol de antiguidades, um artigo sobre alguns objectos romanos, de barro, achados em Merida, e menciona como raros dois tijolos do mesmo feitio ha pouco ali descobertos, differindo d'estes só na largura; 15 centímetros nos de Merida.

O sr. Antonio Vicente da Rocha teve a amabilidade de me offerecer dois tijolos, optimamente conservados que eu enviei para a Bibliotheca eborensis.

O fragmento de estrada com as suas fiadas de pedras era bem visivel na occasião da primeira excavação, mas progredindõ esta para o aproveitamento de barro para o telhal proximo quasi desapareceu, restando apenas poucos indicios.

Antiguidades romanas na Herdade da Fonte Coberta. Os materiaes de construcção

A herdade da Fonte Coberta fica a uns 10 kilometros a sueste de Evora.

Um *monte*, uma ribeirinha, uma eira, alguns muros velhos entre terras de semear e de pastagem em sitio agreste.

Em tempo dos romanos houve ali edificações. Ha restos de um aqueducto, fragmentos de mosai-

cos, de cimentos. Um camponez da localidade fallou-me de certo achado de moedas de que ouvira contar. Seguindo pelo alveo da pequena corrente encontrei dois pequenos fragmentos de mosaico diversos, branco e preto, bastante tosco, e de telhas de rebordo. Mas na Bibliotheca está um bello exemplar de mosaico, representando peixes, apparecido no mesmo sitio. Logo havia pelo menos tres pavimentos de mosaico. Estes vestigios encontram-se em espaço muito restricto; era algum sanctuario ou residencia de lavrador culto. A singular pia de cimento, hoje no museu Cenaculo, que tem 0^m,940 de diametro, bem conservada, peça muito interessante, dizem ter vindo tambem da Fonte Coberta; não tenho certeza.

Creio que nem todos os cimentos são romanos.

Os arabes fabricavam muito frequentemente taipas, formigões e cimentos. A taipa para formar parede, e o formigão para revestir o solo, em vez do ladrilho, ainda hoje se usam vulgarmente em muitas povoações alemtejanas.

A raridade de construcções mouriscas explica-se, me parece, pelo uso da taipa. Logo que uma parede assim construida não seja caiada frequentemente, *apotece*, arruina-se, desfaz-se; fica um montão de terra.

A arte romana alem de outras excellencias teve a de saber escolher materiaes.

Conheciam a pedra admiravelmente.

E' cousa essencialissima a que depois se tem dado pouca attenção. No Alemtejo quasi todas as estatuas, capiteis, etc. da epoca romana, são em marmore de Estremoz; e mesmo algumas aras ou lapidas. Note-se que o marmore branco de Estremoz é de trabalho difficil, muito rijo, estalando facilmente, mas lavor em tal marmore fica para sempre, nem musgos nem humidades o atacam.

Nos capiteis do templo romano de Evora ainda se conhecem os golpes dos canteiros.

Nos fustes das columnas empregaram o granito, mas do melhor, tanto que as arestas das canelluras estão bem vivas ainda. Os grandes blocos de granito da muralha estão inteiros, no seu lugar.

Em tudo, em toda a parte, attenderam ao material. Ha pontes, arcos, lapidas, estatuas, em perfeita conservação.

A velha cathedral eborense está admiravelmente construida; as pesadas torres, a formidavel nave, o amplo cruzeiro encimado pelo arrojado e elegante zimbório, altivo como um elmo, tudo está no seu lugar, no seu prumo; os seculos e os abalos de terra não tem damnificado a magestosa construção; todavia o granito empregado não é igual; ha silhares carcomidos; não foram muito escrupulosos na escolha do material.

A frontaria da igreja da Graça é uma belleza; exemplar da renascença ultra-classica, unico em Portugal. Tem tres seculos e meio. E' de granito. Tem partes bem conservadas, outras já muito carcomidas.

A capella mór da sé é do tempo de D. João 5.^o sumptuoso salão, rico e elegante. Tem marmores excellentes, bardilhos de primeira ordem, polidos, nitidos na perfeição; felizmente os relevos, as figuras, as grinaldas são em marmore de Estremoz; as columnas, principalmente as duas do retabulo, são prodigiosas; o marmore preto das duas portas é de primeira qualidade; mas o avermelhado é de má qualidade, e já está a desfazer-se. O revestimento exterior em marmore de Estremoz está como na hora em que terminou o trabalho.

Mais moderna ainda é a igreja da Estrella em Lisboa; a maioria do marmore empregado é de pessima qualidade; está baço, parece sujo, e a desfazer-se.

Que maravilha a Batalha! e o frontespicio de Santa Cruz em Coimbra! mas o lioz empregado, facil de trabalhar, desfaz-se ao tempo com rapidez deploravel; em Santa Cruz não se conhecem já muitos liozes, e a Batalha precisará de restauração constante. N'estes casos acho justificado o emprego de um verniz qualquer que defenda a pedra da acção da humidade.

Agora edificou-se em Lisboa a monumental estação dos caminhos de ferro.

— Mas que bella pedra, diziam alguns, faz-se o que se quer, corta-se com um canivete.

Lá para os fins do seculo xx esta custosa edificação estará velha; e os capiteis corinthios, de finas volutas e recortadas folhas, do templo romano de Evora estarão puros, eternamente nitidos.

Os jesuitas, gente de juizo seguro, tinham nas suas instrucções a respeito de construcção a regra de sempre attender á duração; assim os seus *collegios* se conservam firmes, sendo notavel em Evora o edificio do actual seminario, todo construido pelos jesuitas, no sec. xvi, com perfeição notavel.

Ruinas romanas na herdade da Morgada

Indo de Evora para S. Miguel de Machede, antes de chegar a esta linda aldeia, toda branca de cal, sécia e prasenteira, como bom povoado do Alentejo central, está quasi á beira da estrada uma herdade chamada — os Curraes. Atravessando as terras d'esta herdade, seguindo a carreteira que passa junto do monte, chega-se á herdade da Morgada. Em frente do *monte* d'esta herdade ha uma collina de terras de sementeira, de brandos declives; uma collina vasta, pouco elevada. Os homens de lavoura conheciam de ha muito que ali morara gente porque nos alqueives os ferros levantavam a

cada momento barros cosidos, telhas de rebordo, pedaços de vasos, tijolos grandes e pequenos; e uma noite uma velha sonhou que ali havia grande thesouro enterrado, e entre risadas os rapazes foram cavar, abrir covas, aqui, ali, onde a velha indicava. E um d'elles achou uma parede.

O caso começou a parecer sério.

Cavaram mais, foi mais gente; e descobriram outra e outra parede, e muitos cacos, e um chão de mosaico que era uma maravilha: continuaram chegando a ter a descoberto varias paredes e tres grandes e bellos pavimentos de mosaico; não achando porém a sonhada burra repleta de peças de ouro, e tornando-se cada vez mais penosa a excavação por irem entrando as construcções para o lado mais elevado, e como os cacos e os mosaicos não pagam trabalho, deixaram a empreza, E o que foi peor estragaram os mosaicos, de que poucos fragmentos escaparam.

Se um dia se organisasse um estudo methodico do passado d'este paiz, como se tem feito na Dinamarca, na Belgica, na Grecia para não fallar de outros povos, eu aconselharia uma exploração n'estas ruinas da herdade da Morgada. Os restos encontrados não indicam povoado, um grupo de apertadas edificações; parece antes indicarem uma *villa* sumptuosa; uma casa de campo magnifica.

Os vestigios romanos alastram-se por toda a collina, e a parte descoberta, uma ponta do véo apenas, promete muito, pois a curva da collina, o involucro, acompanha a linha das paredes, sendo possivel haver ainda compartimentos inteiros para a maior altura da collina. Não sei de moedas encontradas, nem de lapidas com inscrições; todos os vestigios porém devem ser de origem romana.

Amphora da Curraleira

Em julho de 1885, na herdade da Curraleira, então pertencente ao notavel eborense Joaquim Sebastião Limpo Esquivel, appareceu uma amphora bem conservada. Tem de particular que no bojo, superiormente, mostra claros vestigios de uma cercadura de curvas, feita talvez só com os dedos estando o barro ainda fresco. Não é marca de fabrico, ou de olleiro, sim ornamentação, que eu não conheço em outros objectos analogos. Esta amphora foi offerecida por Esquivel á Bibliotheca eborense. Na herdade da Curraleira tem apparecido outros vestigios de construcções antigas.

Tourega

A freguezia da Tourega é vasta e pouco povoada; um grande grupo de herdades com seus *montes*, ou casaes isolados. A meio da freguezia a igreja parochial apenas acompanhada pela casa do sacristão, o cemiterio moldurado pela sua parede branca, e um quinchoso cercado por um muro de pedra solta que é o passal do padre prior. Perto da igreja uma grande construcção em completa ruina; e em volta, pelas terras de lavoura, muitos vestigios romanos, e alguns medievaes.

O caminho de ferro entre as estações da Casa Branca e Monte das Flores percorre parte dos campos da Tourega, passando a dois kilometros a sul da igreja. A via romana de Evora a Alcacer (Ebora-Salacia) atravessava tambem aquella campina.

A igreja marca-se bem no escampado; o campanil singelo sobresahindo entre algumas arvores altas, bem salientes na charneca de matto rasteiro.

Nossa Senhora da Assumpção da Tourega é o orago da freguezia. Fica o templo a doze kilometros a sudoeste de Evora.

A freguezia terá pouco mais de cem fogos.

Muitas tradições bem antigas, populares ou de fundo popular modificado pelos eruditos, se ligam a estes sitios.

O sanguinario Daciano, pretor das Hespanhas, em tempo do imperador Diocleciano, teve aqui, disseram sabios imaginosos, palacio, jardim, quinta, thermas, etc. Aqui mandou degolar dezoito santos martyres no anno 305, mandando enterrar os corpos n'uma gruta a que ainda hoje chamam *cóva* dos Martyres.

Na egreja estava um altar sustentado sobre quatro columnetas, e dizia-se ser o tumulo de S. Viario, bispo.

Em 1540 o cardeal bispo D. Affonso teve curiosidade de saber ao certo que santo era este, e mandou André de Rezende examinar o local, a inscripção, o altar; e o notavel archeologo declarou que não havia tal santo e mandou entupir o altar.

Outra lenda, sem duvida antiga modificada pela erudição, diz que o féro Daciano mandou ali degolar duas santas irmans, *Comba* e *Anonyma*.

No lugar onde tombou a cabeça de Santa Anonyma brotou uma fonte, a *fonte santa*. A pouca distancia está a antiga ermida de Santa Comba. Estas santas eram irmans de S. Jordão, bispo de Evora, martyrisado tambem em 305, no sitio onde hoje está a egreja do seu nome. A este S. Jordão succedeu S. Brissos, que tem tambem o seu sitio, egreja, e a sua ribeira.

Evidentemente ligam-se a estes logares lendas christans das mais antigas da peninsula.

Note-se desde já que nos campos da Tourega se formam e definem algumas correntes de certa importancia, e que a serra proxima pertence ao grande relevo metalurgico da serra dos Monges, onde abunda o ferro.

Ourega dizem alguns, e em documentos dos últimos seculos assim apparece por vezes designado este sitio; nos documentos mais antigos diz-se Tourega. O povo hoje diz Tourega; mas uma vez um pastor disse-me: Tourega é na charneca, Ourega na serra.

A lenda de S. Viario tem origem interessante que será bom referir para demonstrar como a falta de critica e de conhecimentos pode causar erros.

Na lapide dedicada pela dama Calpurnia Sabina á memoria do marido e dos dois filhos (inscripção que durante seculos esteve na igreja da Tourega e hoje se guarda no Museu Cenaculo) por duas vezes se lê VIRO.VIARVM.CVRANDARVM.ANN. palavras que se referem ao emprego dos dois moços romanos que eram dos quadrumviros encarregados das estradas, e á sua idade; em taes palavras imaginaram um santo varão chamado Viario que tinha cura das almas, improvisando logo um santo bispo.

No *livro dos herdamentos do cabido* (Doc. hist. da cidade de Evora, parte 1.^a pag. 45) menciona-se a Tourega em noticia do seculo XIII ou começo do XIV.— *Item. ha o cabidoo com a obra de suum a hermidã da touregaa e a venda e o herdamento dy* —.

A venda era antigamente, antes da moderna transformação da viação, justificada, porque o local fica a meio caminho entre Evora e Alcaçovas, e na estrada de Alcacer.

E' bem facil agora ir á Tourega; uma bella estrada nova leva até mui perto da igreja. Deixa-se a cidade pela porta do Raymundo e segue-se a estrada das Alcaçovas cortando pelas herdades do sr. Margiochi. Entre alas de eucalyptos chega-se á ponte de Peramanca; atravessa-se o bello montado do Pomarinho, de grandes azinheiras, e pouco de-

pois, cousa de quarto de hora, acabam os arvoredos e começa o escampado agreste, pouco povoado, um terreno ferruginoso vestido de matagal escuro; em breve avista-se uma construção velha, um grupo de arvores, uma ruina, a parede branca do cemiterio construido ha pouco, tudo destacando bem no meio da ampla e severa charneca.

O que é certo é que esta charneca tem muito a contar.

Pelo norte fecha o panorama, a breve distancia, a serra de Montemuro. O cabeço mais oriental da serra tem um aspecto, um feitio que o differença dos outros; a grande distancia, á vista um tanto educada, se revéla haver ali alteração da curva natural da serra; é um *castello*, uma altura fortificada por grande trincheira de que restam vestigios importantes; um *castello* pre-historico, mas ainda conhecido em tempos medievaes; é o chamado *castello de Giraldo* ainda hoje na tradição popular. Não é um castello com torres, muralhas e fósos; como em Castro Verde, na Colla ou na serra d'Ossa é apenas um largo espaço cercado de vallado formando parapeito, dando para fóra uma escarpa difficil de subir.

A breve distancia da igreja da Tourega fica o dolmen do Barrocal; um pouco mais e nas margens da ribeira de Peramanca se encontram vestigios d'outras antas, e duas bem conservadas na herdade de Valverde.

Estamos pois em paiz pre-historico.

A norte da igreja a ruina de um edificio a que chamam *o cardeal*, construção talvez do seculo xvi, de que só restam uns paredões de grossa alvenaria.

A porta principal da igreja voltada a poente; a porta lateral para o norte. A disposição do templo é bem antiga, mas tem havido rebocos, alterações consideraveis; á vista nada de alta antiguidade.

Na sacristia vi um azulejo, arabe talvez, com seu finos relevos entrelaçados.

A um canto dentro da igreja, á direita da porta principal, uma pia de agua benta, obra rude que parece bem velha, na sua forma de calis. A pia baptismal não é vulgar; um enorme bloco de marmore branco cortado de veios azulados, sustentado sobre grossa e baixa columna entre quatro columnetas de marmore branco bem lavradas.

Pela frente e lado norte da igreja ergue-se um muro formando adro que foi em tempo coberto por alpendre.

Sobre o muro ainda estão as bases das columnas que sustentavam a cobertura, e nas paredes da igreja os cachorros onde apoiavam os barrotes.

Essas bases de granito singelamente lavradas podem ser mui velhas.

Perto, a sul da igreja, junto de um muro, um grande cilindro de granito, com dois chanfros profundos, e na parte superior um buraco; pode ter sido base de lagar ou atafona, mas formidavel. Mais uns passos, e na entrada do passal um grande doliar, infelizmente picado, tambem chanfrado, mas vendo-se bem a forma de meia pipa, com seus aros em forte relevo.

Junto do poço outra pedra trabalhada, cujo uso não é facil determinar; pelos muros de pedra solta do passal, e do quintal do sacristão, muitas pedras lavradas que serviram a construcções e alguns capiteis, romanos alguns talvez, outros da alta edade media, de ornamentação vegetal muito rudimentar.

Em redor da igreja e de seus annexos até grande distancia, 300, 400 metros em algumas direcções, as terras todas de lavoura estão salpicadas de fragmentos de tijollos, de telhas de rebordo.

A 300 metros a poente dois tanques, é o nome

que melhor quadra a taes construcções, de $20^m \times 5^m$, os muros de alvenaria com um metro de altura, forrados ainda em muitas partes de argamassa, ou cal com pequenos fragmentos de tijollo.

Os dois tanques são parallelos, eguaes, um mais avançado que outro, talvez pelo declive do terreno; e proximo do mais avançado, a poente d'elle, uma construcção semi-circular, de 4 metros de diametro, que me parece resto de um forno.

Serem estas construcções da epoca romana parece-me certo; ha mais no paiz; chamam-lhe tanques com bastante razão segundo creio. Seriam de banhos? banhos de lavagem, de culto, de remedio? ou simplesmente tanques para tratamento de minerio pela via humida?

Caminhando para o norte a partir dos tanques, desce o brando declive da collina, e, percorridos cem metros a *fonte romana*, designação talvez de origem erudita, ou de *Santa Dominata*, dizer que revela tradição antiga; *Dominata*, *Inominata*, a *CAnonyma* da lenda religiosa.

E' uma excavação defendida por umas pedras sem feitio; a agua vem por um cano subterraneo, e tem na crença local virtudes medicinaes, salutar principalmente nas doencas dos olhos.

Que alguns d'esses silhares de granito estão ali ha longos seculos, e foram em tempo muito usados (de ha muito que é rara a frequencia n'aquella fonte), parece certo pelo gasto de suas arestas.

Partindo da igreja para suéste, a uns 500 metros está a fonte de Santa Comba; um pouco mais a ermidinha, era ruina completa.

E por todo este terreno os fragmentos de grossa ceramica.

André de Resende falla de Tourega na sua obra — De Antiquitatibus Lusitaniæ —, livro 3.º

Chama-lhe Turegia, latinizando a formula antiga e popular.

Publica a inscripção de Calpurnia Sabina a pag. 152.

Vid. Relatorio ácerca da renovação do museu Cenaculo, pag. 18, n.º 35. Evora romana (Estudos eborenses) n.º 22.

Esta inscripção é do seculo III.

Artigo curioso sobre a Ourega ou Tourega, em Pinho Leal, Portugal antigo e moderno, vol. 6.º pag. 311 e seg.

E na «Evora gloriosa», do P. Francisco da Fonseca, pag. 204.

No *Santuário Mariano*, de fr. Agostinho de Santa Maria, tomo 7.º pag. 539 e seg.

— Esta igreja da Senhora é a mais antiga de todas as do termo de Evora, e querem alguns que seja ainda mais antiga que a mesma sé da cidade, e para confirmação d'isto referem, que indo o parochio d'aquella igreja á sé buscar os Santos Oleos reparára que aos mais parochos, que tambem iam com a mesma pertença, se lhe pedia uma moeda nova de reconhecença, e que a elle lha não pediram, nem quizeram acceitar, e perguntando ao sacristão (o padre Sebastião Ferreira, o que foi muitos annos) a causa de elle não pagar, lhe disse, que era porque a sua igreja era a mais antiga, e ainda que a mesma sé, e que se houvesse synodo, e não houvesse cabido, e houvessem de assistir todos os parochos do arcebispado, elle havia de ser, por mais antigo, o presidente d'elle.

Ainda hoje se não paga a reconhecença. Pelo li-

vro dos herdamentos vê-se que territorio e ermida da Tourega pertenceram ao cabido e fabrica da Sé. Creio ser esta a razão do *isento da reconhecença*. Tambem pode ser por estar na freguezia o passal da mitra, a quinta e herdade de Valverde. Estes differentes factos dão importancia singular á Tourega, no ponto de vista de tradição ecclesiastica.

Já dissemos das tradições dos supplicios dos christãos do sec. iv.

Fr. Agostinho de Santa Maria ainda nos conta da — casa da balança onde se pesavam os devotos a trigo —, uso vulgar antigamente, e ainda hoje em alguns pontos praticado.

No Agiologio lusitano, de Jorge Cardoso, tomo 3.º pag. 18 tambem se falla da Turega, Tourega ou Touregia; e de Santa Comba e *Anominata* ou *Anonyma*.

Fontes de Santa Comba ha muitas no paiz. São conhecidas as formas latinas Turobriga e Turibriga.

No Museu Cenaculo está a inscripção votiva a uma divindade *Turubrici*, achada no termo de Beja (Evora romana, n.º 1). Insc. 71 do *Corpus*.

Not. Arch. de Port. pag. 40.

Nos — Documentos historicos da cidade de Evora —, 2.ª parte, pag. 35, publiquei uma *doação* de terras aos pobres da pobre vida na serra de Montemuro.

N'este notavel documento se falla do *castello de Giral sem pavor*, que é o mesmo *castro* pre-historico, que serviu ainda na idade média, e que fica bem visível a pouca distancia da Tourega.

A vida eremitica encontra-se no Alentejo, na serra d'Ossa e na de Montemuro, na alta idade media.

Museu Cenaculo Antiguidades da herdade da Capella

Em janeiro de 1882 entraram no museu Cenaculo duas lapidas sepulcraes romanas descobertas poucos mezes antes na herdade da Capella, a 2 kilometros ao sul da villa do Redondo. O nosso bom amigo, dr. João Martins da Silva Marques, juntou ao obsequio da offerta o incommodo de as fazer transportar até Evora. As lapidas foram encontradas com outros vestigios romanos, sepulturas formadas de tijollos, restos de parede, etc. que provam a existencia ali de povoado de certa importancia.

As inscrições mencionam Julia Maela (Evora romana. n.º 19), dama que falleceu de 55 annos; e L. C. Gallo de 50 (Evor. rom. n.º 20).

Nos arredores da importante villa do Redondo ha tambem muitos vestigios pre-historicos, dolmens ou antas. O sr. dr. João Martins da Silva Marques tem reunido em sua casa algumas antiguidades significativas. Era tão bom se em todas as localidades houvesse um dedicado a estes estudos que pelo menos salvasse o que fosse apparecendo.

Antiguidades de Reguengos — Os arados

O sr. Fernando Palma professor em Reguengos, offereceu á Bibliotheca Publica tres objetos interessantes :

Uma arma de pedra polida, em diorite, bem conservada, de ponta e gume nitidos; achada ha pouco na herdade chamado do Reguengo.

Uma lucerna, menos mal conservada, de barro vidrado, talvez de origem arabe.

O terceiro objecto é mais curioso, e ficou devéras muito bem no museu de uma cidade onde a

agricultura prepondéra; é uma relha de arado, um *vomer* de ferro, com 30 centímetros de comprimento.

Este ferro d'arado é muito notavel.

Julgo que não é romano. O *vomer* não encavava no *dentale* por um modo tão primitivo como n'este exemplar que se fixava na madeira pelo simples aperto, a quente provavelmente, das rebordas lateraes.

Ora no excellente — *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, de Daremberg et Saglio, no vocabulo *Aratrum* vem uma gravura representando um ferro de arado em que o modo de fixar é analogo a este de Reguengos: differe apenas o ferro por ter posteriormente lugar para uma cavilha, o que augmentava a segurança, e mostra já um progresso.

Esse ferro de arado não é romano, é da Gallia antiga; celtico como se costuma dizer.

Ora este de Reguengos ainda é mais primitivo, mais rudimentar; não é de arte romana; podemos chamar-lhe lusitano. E' o avô, o pae Adão dos árados alemtejanos; quantos seculos, quantas gerações, quantos tempos de alqueives e sementeiras tem passado sobre a terra desde que este ferro parou no rego que ia abrindo! Gósto muito de ver aquelle pedaço de ferro, tosco, oxydado, no museu ebo-rensense.

Arado e lucerna foram achados na Mina do Castello; localidade onde me dizem que nem *mina* nem *castello* existe. Basta o nome para chamar attenção. Designa quasi sempre o sitio onde existiu trincheira ou fortificação, que nada tem que ver com os castellos de muralhas, torres, etc. mais modernos.

Ás vezes conserva-se a trincheira, por exemplo na serra d'Ossa; varias na Colla e Castro Verde,

etc. Em muitos pontos o tempo, a vegetação tem desfeito completamente o rude cordão de pedregulhos; do logar forte resta apenas o nome.

Na villa de Ourique não ha vestigios de fortificação pre-romana; o povo comtudo continua a chamar *castello* á parte superior da villa.

Não visitei a *mina do Castello*, mas estando nos Reguengos, um cavalheiro da localidade, que me acompanhava, de uma altura apontou-me o sitio e pareceu-me ver no ponto indicado não a trincheira, mas uma curva de terreno diversa das circumvisinhas, o que indica muitas vezes trabalho intencional. Para a vista um tanto educada a curva, a linha natural, não se confunde facilmente com a fabricada, para fortificação, ou por accumulção proveniente de grande operação mineira.

Conhecida proximamente a formação geologica do terreno é sabido o aspecto, o contorno; e repára-se logo na linha artificial; os granitos, os schistos, os calcáreos teem as suas linhas; o trabalho do homem no terreno conhece-se como um inchaço ou uma cicatriz na pelle.

Ha pouco (março 1891) vi no British Museum, na sala de antiguidades prehistoricas, um ferro de arado que me recordou o publicado pelo Daremberg. Está marcado assim *Iron ploughshare from Gloucester*. O de Reguengos é mais primitivo, mais rudimentar.

Antiguidades romanas no aro de Montemór-o-Novo. A herdade das Commendas

Nos arredores da importante villa de Montemór o Novo ha vestigios das diferentes civilisações. Infelizmente tem faltado ali um indagador paciente. Não sei mesmo onde páram actualmente alguns objectos que vi, era eu bem criança, em casa do

fallecido Silva Grenho, que foi por muitos annos administrador do concelho, cavalheiro muito estimavel e culto; recordo-me de ver na sua sala algumas armas de pedra polida, bons exemplares, e moedas romanas achadas pelos arredores da villa e em Cabrella.

Na serra de Cabrella, por noticias que tenho, ha vestigios pre-romanos de certa importancia; ha alguns annos um proprietario do sitio me offereceu um grande fragmento de lanca, em cristal de rocha, infelizmente quebrado porque fizeram diligencia por'lhe tirar a patina. Fôra encontrada n'uma sepultura que pela descripção seria um *cist*.

A estrada nova de Evora para Montemór passa pela egreja de S. Mathias, a meio caminho, onde se conserva atraz do altar mor, note-se, uma pedra, um marmore lavrado, que pode ser parte de uma grande ara. No sitio tem apparecido algumas antiguidades.

Passado o Jarro, uma pequena ribeira correndo entre *montados* densos, começa pouco depois a encosta da Abaneja, e entra-se n'um planalto bem definido onde se encontram os dolmens, a distancias varias, das Valladas e do Pinheiro do Campo; desce-se para Patalim, a antiga e historica estalagem, e não longe ficam os restos do solar medieval dos Patalins.

Pouco depois costeam-se os altos cerros vestidos de escuros montados da Serrinha, onde ha tambem vestigios pre-historicos.

A estrada entra em terras desafogadas, de amplos horisontes, e eis-nos a atravessar a courella dos Touraes, com o seu bello dolmen bem conservado. A' direita, na baixa, fica a Amoreira da Torre, com a sua alterosa torre quadrada, onde estão as grandes e bellas estatuas romanas, que vieram de Mertola.

Em breve Montemór, a villa opulenta, aristocratica, mui limpa, recostada entre o seu admiravel castello romano-arabe-medieval, com as suas *torres do Anjo*, e da *Má-hora*, e o seu *palacio*; mais longe o sanctuario celebre da Senhora da Visitação; sobre outra collina, bem erguida, a ermida de Santo André, bom exemplar do primeiro gothico.

No termo de Montemór fica a herdade das Comendas, de que é proprietario o sr. Oliveira e Silva, cavalheiro mui distincto e extremamente amavel.

Abrindo-se uma valla em terra d'esta herdade toparam os trabalhadores cousas inesperadas; deram a noticia, e o sr. Oliveira e Silva mandou continuar a excavação e recolher cuidadosamente os objectos. A excavação revelou muros, pavimentos, canos ou aqueductos, grande quantidade de grossas ceramicas.

Muitos objectos vi eu em casa do sr. Oliveira e Silva, enchendo um caixote; utensilios e ornatos, de ferro e bronze.

Entre objectos communs vi alguns menos vulgares. Algumas peças pareceram-me de arreios de cavallo, fibulas grandes de correias, ornatos de freios e peitoraes, em bronze.

Entre os utensilios agricolas de ferro vi uns de feitio singular que parecem ferros de *crestar*, para separar e extrair os favos dos cortiços.

O sr. Oliveira e Silva brindou-me com uma fibula de bronze, que eu offereci para a collecção de antiguidades da Bibliotheca Nacional.

As antiguidades encontradas na herdade das Comendas são da epocha romana, e denunciam uma exploração agricola.

Objectos romanos da herdade do Zambujo

A herdade do Zambujo fica ao norte de Evora,

poente de Arrayollos, a um quarto de legoa da igreja de S. Pedro da Gafanhoeira.

Abrindo-se uma valla descobriram muitos vestigios romanos, alicerces, sepulturas, grande numero de fragmentos de ceramica. O intelligente proprietario sr. Joaquim Antonio Rosado dignou-se offerecer-me tres objectos completos.

Vaso de vidro um tanto esverdeado, de alto gargalo esguio, de 12 centimetros de altura..

Vaso, ou *guttus* de barro vermelho, aza e gargalo pequenos, muito bem conservado: tem 19 cent. de alto e 10 no diametro maior.

E uma telha de rebordos, de 45 cent. de largo, 6 cent. de espessura no rebordo, chanfrada nos extremos, bem conservada.

Estes objectos pertencem agora á Bibliotheca de Evora.

Por todos aquelles sitios, no aro de Arrayollos, são frequentes os vestigios da epocha romana. Houve ali povoação bastante densa. Ha tambem algumas antas na freguezia de S. Pedro da Gafanhoeira: uma bem conservada e notavel na herdade da Serrinha. Em 1890 descobriu-se perto de Arrayollos grande porção de moedas arabes, de prata. O sr. Julio Machado fez favor de me dar algumas que eu offereci á Bibliotheca Nacional. O sr. Visconde da Esperança comprou alguns centos d'estas moedas.

Como se vê no aro de Arrayollos ha antiguidades dolmenicas, romanas, arabes e medievaes.

Entre estas ultimas a *Sempre Noiva* agora já conhecida, citada, celebrada.

As ruinas romanas de Sant'Anna do Campo

A igreja de Sant'Anna do Campo fica a uns 4 kilometros a noroeste de Arrayollos. A freguezia

de Sant'Anna é vastissima, comprehende propriedades importantes, mas pouco povoada; tem 94 fogos que na maioria são *montes* de herdades.

A igreja e a pequena aldêa que a cêrca, estão em terra da herdade da Adúa.

O terreno é accidentado, de fortes relevos, e muito arborizado de montados de sobro e azinho; as ribeiras de Arrayollos e do Divor, e outras correntes menores cortam a freguezia em leitões irregulares, e de pouco declive, causa provavel das febres periodicas que são frequentes.

A igreja de Sant'Anna é unica na vasta freguezia.

Ora esta igreja ali escondida entre os arvoredos é uma preciosidade, porque para a construírem aproveitaram, e salvaram, os restos de um edificio romano de dimensões e fabrica mui singulares.

Não soffre duvida que esses restos do primitivo edificio são da epocha romana; tem o cunho grandioso e solido que essa pasmosa civilisação sabia imprimir a todas as suas obras; era uma construcção vasta, de robustas paredes formadas de grossos silhares faciados, fortalecidas por contrafortes bastante proximos para sustentarem superiormente outros silhares de grandes dimensões, formando um friso que ainda se conserva perfeito na face oriental da igreja.

Demais na proximidade da igreja, a norte, já se tem descoberto sepulturas romanas, e algumas moedas que infelizmente se perderam, mas, pela discripção, romanas e do tempo do imperio.

Estas singulares e veneraveis ruinas são conhecidas ha muito.

O P.^o Luiz Cardoso, no seu *Diccionario Geographico*, menciona uns achados que tiveram logar quando se acrescentou a igreja, para o lado do norte, porque para o sul o edificio é propriamente

romano: o P.^o Cardoso escrevendo em 1745, diz — mandando-se acrescentar a igreja haverá 16 annos (1728 ou 1729), e cavando-se a terra para se limpar o logar se achou uma pedra lavrada de muita grandera com um buraco entupido de cal, e partindo-se se achou dentro uma barra de peso de 2 arrateis, 1 palmo de comprimento, 2 dedos no largo, e 1 de altura: e presumindo-se ser ouro teve noticia d'isto o cabido: foi examinada a barra e o contraste achou ser latão e estanho —.

Da noticia tambem de uma sepultura coberta de grande pedra: dentro acharam uma vasilha de barro vidrado grosso e uma caveira.

Na conferencia 14.^a da Academia Real de Historia portugueza de 1 d'abril de 1734, a fol. 5, se da noticia de uma communicação de fr. Affonso da Madre de Deus Guerreiro que enviara á academia varias relações das suas descobertas archeologicas: uma de taes relações respeita a Sant'Anna do Campo.

— Na igreja de Sant'Anna se achou uma pedra com letras antigas mas tão gastas que se não poderam ler. Em outra pedra grosseira que terá de tace palmo e meio, e mostra ter comprimento (por que esta cravada na parede) se divisam umas letras e as que se podem ler são as seguintes:

CARNEO
CALANTICE
SICAECLIA
OR NICVIS
R. CVIS

Menciona tambem os factos noticiados por Cardoso.

Outros escriptores se têm occupado da notavel igreja. Cunha Rivara no 'Panorama' de 1853, pag.

130 e seguintes, relata com a sua costumada erudição, paciente e rigorosa, quanto pôde obter relativo a Sant'Anna do Campo.

O sr. Cunha Rivara visitou as ruínas de Sant'Anna do Campo que encontrou no estado em que ainda hoje se conservam.

Notou a forma do templo, em cruz de braços iguaes, formado de pilastras e paredes de grossas pedras de granito toscamente lavradas, despidas de ornatos e galas de architectura.

O braço sul pode dizer-se completo, existe parte do que olha a poente, e outra do nascente; no angulo formado pelos braços nascente e sul ha uma construcção da mesma epoca, de pequenas dimensões. Pelas paredes das casas e quintaes da aldeia viu grande numero de pedras de cantaria que sem duvida pertenceram ao edificio do templo; em roda se descobrem alicerces de outras edificações.

Reparando bem n'estes restos, sobre tudo esboçando a planta, notei que não pertencem a edificações isoladas, sim a uma só construcção, de plano mui symetrico.

No mesmo artigo se mencionam as inscrições incompletas:

... AFCA
 ...NANII
 ...IERME
 LAVS
 e
 .. CARNEO
 ...CALANTICE

As inscrições de Sant'Anna estão no — Corpus — do sr. Hubner, sob os n.ºs 125 e 126.

As ultimas letras LAVS (lubens animo votum solvit) mostram claramente que se trata de aña vo-

tiva; o nome barbaro da divindade chama attenção, é unico, não devemos todavia esquecer que ha muitas divindades locaes na península com denominações ainda mais singulares, nem pretender modificar a leitura para *Deo Eterno*, como alguém indicou.

Infelizmente as inscrições desapareceram ha muito, e não resta meio de verificar a leitura.

Diz ainda o sr. Rivara que o templo da povoação de Calantica era mais pequeno mas de risco semelhante ao de Endovelico junto á moderna villa de Terena, ambos transformados em templos christãos, mas do ultimo tendo só aproveitado os alicerces.

Não encontro analogia entre as ruínas de Sant'Anna e o templo de Terena: e sobre este ponto temos de divagar um pouco.

Quando se falla do templo de Terena entende-se o celebre sanctuario da Senhora da Boa Nova, situado, a dois kilometros da villa para nascente. N'este caso, como em tantos outros, tem havido confusão.

No termo de Terena ha dois templos, um é a ermida de S. Miguel da Motta, hoje em completa ruína; uns paredões isolados encimando um cabeço mui preeminente, de rapido declive, a 4 kilometros ao norte da villa, com um vastissimo horizonte. Este é o sanctuario certo, e indubitavel de Endovelico, que o duque de Bragança D. Theodosio encontrou em ruína, e donde mandou levar as lapidas para os Agostinhos de Villa Viçosa; que mais tarde se reconstruiu, para ser já n'este seculo completamente abandonado; e hoje é simplesmente a ruína da ermida de S. Miguel da Motta. Aqui os fragmentos de aras, as inscrições, os vestigios romanos ás dezenas (agora na Bibliotheca Nacional); o risco da ermida nada tem que ver com o de Sant'Anna.

O outro templo, a Senhora da Boa Nova, é vasto, sumptuoso mesmo, construído ou totalmente reconstruído em tempo de João I ou Affonso V, tendo soffrido depois varias modificações, pouco importantes, mesmo modernamente. E' desde muito um sanctuario famoso, muito venerado em toda aquella região alemtejana. Alem de duas inscrições nenhum vestigio romano; o risco é em forma de cruz, mas de braços desiguaes. As duas lapidas são as *endovellicas* de Sitnia e Terentia. Nada recorda Sant'Anna do Campo.

Teria Endovellico dois sanctuarios? ou assim como o duque de Bragança levou para Villa Viçosa as lapidas que estão nos Agostinhos, e que foram de S. Miguel da Motta, algum sacerdote illustrado da Senhora da Boa Nova, querendo salvar as duas lapidas, as faria transportar da ermida abandonada para o seu templo? é o mais verosimil.

A S. Miguel pertenceram as inscrições de Villa Viçosa, e ultimamente, em consequencia mesmo da ruina completa a que a ermida chegou, cahindo paredes, abatendo telhados, desfazendo-se os rebocos, appareceu uma grande agglomeração de marmores romanos, inteiros ou partidos, entre elles algumas aras com inscrições completas de que eu já tenho fallado. Demais o risco mesmo da ermida, apesar da reconstrucção e da ruina não é o usual do templo christão, e coincide com o d'alguns sanctuarios pagãos ha muito conhecidos, um corpo central estreito ladeado de compartimentos acanhados (V. n.º 3 da pl. 44, da 1.ª parte do tom. 2.º de — L'Antiquité expliquée — de Montfaucon).

Isto é, S. Miguel da Motta representa-nos hoje o sanctuario de Endovellico: avaliando pelo que resta este *sacellum* apesar do grande numero das suas aras, algumas formosissimas, que attestam a sua importancia em largo periodo, era em dimen-

sões muito inferior ao edificio de Sant'Anna do Campo.

(Esta noticia foi escripta em agosto de 1882. Em 1889 fez-se uma exploração official em S. Miguel da Motta, sob a direcção do sr. Leite de Vasconcellos. Resultou uma collecção unica na peninsula luso-hispanica nos pontos de vista epigraphico e archeologico, importante tambem no ponto de vista artistico).

Alguns numeros mostrarão a importancia do edificio romano: a igreja de Sant'Anna tem internamente $15^m,4 \times 7^m,3$; a largura externa na parede sul, ou da capella mór, é de $12^m,6$ contando as pilastras ou contrafortes dos cunhaes; esta parede é toda romana.

A parede do nascente é quasi toda romana; os contrafortes completos sustentam ainda os silhares de grandes dimensões, que formam uma architrave rudimentar.

No poente a parede está mais incompleta, restam 4 pilastras, e a estas segue-se uma fiada de silharia, na vertical, que trava a parede sobresa-hindo ainda bastante no interior do templo; é um fragmento de parede romana, perpendicular ás da capella mór; esta parede seguia e o seu extremo se vê claramente formando o cunhal da casa do sacristão; da parede da igreja a este cunhal vão $12^m,5$; é o que resta do braço poente da cruz, consideravelmente maior que o braço sul. Para o outro lado a parede tinha igual extensão, e o cunhal do pequeno cemiterio corresponde ao do poente; de modo que de cunhal a cunhal, isto é, entre os extremos dos braços ha uns 37 metros. E a parede que seguia em frente da casa do prior, no terceiro da igreja, para norte, e que foi cortada ha annos para facilitar o transito, mas de que existem vestigios, era ainda mais afastada, distava $15^m,4$ da parede do poente.

Bastam estes numeros para mostrar a vastidão do edificio.

A pequena construcção tambem romana, e perfeitamente conservada no exterior, que occupa o angulo formado pelos braços sul e nascente tem $2^m,9 \times 5,85$.

A parede completa tem 6 metros d'altura.

Infelizmente as inscripções desappareceram ha muito, ou estão escondidas pelos rebocos; o que resta dá uma prova sufficiente de que ali existiu um sanctuario d'uma divindade local.

Se o que resta não faz lembrar S. Miguel da Motta, e se se afasta da Sr.^a da Boa Nova, em compensação approxima-se de sanctuarios pagãos conhecidos (Montfaucon — Templos — N. 3 da pl. 47). O templo da Fortuna em Preneste (hoje Palestrina) tinha muitos annexos, avenida, claustros, jardins; em Sant'Anna parece ver-se o templo e algumas dependencias todas feitas na mesma epocha e fórma.

O digno parocho de Sant'Anna (era em 1882 o rev. P.^o Brito), vendo o máo estado da abobada da sua igreja instou com a junta de parochia pelo seu concerto; julgava-se a principio que seria indispensavel a demolição de parte da obra romana, viu-se depois que seria inutil fazel-o, e que de tal demolição resultaria grande augmento de despeza; para aformosear e desimpedir o interior da igreja seria preciso cortar os silhares salientes, resto da parede de que já fallei, mas esse córte ou desbaste sahiu muito moroso e só se levou a certo ponto, porque as pancadas repetidas do picção atormentavam e aluiam as paredes de alvenaria; e assim estão salvas as ruinas romanas de Sant'Anna do Campo, e na sua velhice de 20 seculos, amparam as pobres alvenarias incomparavelmente mais recentes.

Procedendo-se ao desbaste dos silhares no interior da egreja appareceu entre duas pedras uma setta de cobre, que me foi offerecida, e que eu dei á Bibliotheca d'Evora. Setta e o que resta da haste tem 0^m,203 de comprimento; a farpa tem 0^m,012; a espessura da haste é de 5 millimetros.

A egreja de Sant'Anna, unica na vasta freguezia, em parte construida de veneraveis restos d'um edificio romano, merece toda a attenção aos poderes publicos, e deveria mesmo ser classificada entre os monumentos nacionaes. No seu genero não conhecemos no paiz monumento de igual importancia.

A memoria do padre Affonso da Madre de Deos Guerreiro, respectiva a Santa Anna do Campo, vem sob o n.º XVI: «Noticias da conferencia que a Academia Real de Historia Portugueza fez no primeiro de abril de 1734». Nesta memoria se refere tambem ás 315 antas que viu, ou de que teve conhecimento.

A inscripção romana de Calantica que elle menciona é a de *Carneo Calanticesi*.

No *Corpus*, n.ºs 125 e 126.

CARNEO
CALANTICE
S: CAECILIA
OR NI CVIS
R. CVIS

DEO . PTARNEO . CALANTI
CENSI . LAVS

A F G A (?)
NANII
IERME
L . A . V . S .

Arado de Reguengos

Outro ferro de arado tambem proveniente da *mina do castello* tem 0^m,38 de comprido, e 0^m,10 na cava, no lado maior. Está tambem na Bibliotheca.

Fica muito a contar das antiguidades romanas nos arredores de Evora. Mais tarde agruparei outras noticias. Nas freguezias de S. Marcos e S. Manços, nas herdades do Freixo, de Alcalá, da Casqueira ha vestigios importantes.

Fragmentos de ceramica e cimentos são frequentes em muitos pontos. Uma exploração methodica, dirigida por pessoas dedicadas, sem grande despeza, daria muitos elementos para estudo, formaria um opulento museu.

Ao menos que se não deixem perder os objectos que eventualmente forem encontrados, nem os vendam a estrangeiros.

FIM.







GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana, 1.ª p. O templo romano. As inscrições lapidares. — 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836. — 4.º Loios. — 5.º Bibliotheca Publica. — 6.º Conventos, 1.ª parte, Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. — 8.º Vesperas da restauração. — 9.º Idem, 2.ª parte. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. — 12.º O archivo municipal. — 13.º A restauração em Evora, 1640-1645. — 14.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora, 1.ª parte. — 15.º Idem, 2.ª parte. — 16.º Idem, 3.ª parte. — 17.º Evora e o Ultramar. — 18.º Assédios d'Evora, 1.ª parte. — 19.º Idem, 2.ª parte. — 20.º Idem, 3.ª parte. — 21.º Idem, 4.ª parte. — 22.º Os Festejos de Evora em 1729. — 23.º Evora nos Lusíadas. — 24.º Procissões eborenses. — 25.º Exposições de arte ornamental. — 26.º Antiguidades romanas em Evora e seus arredores.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand—Livraria Academica e livraria do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

Documentos Historicos da Cidade d'Evora

Estão publicados :

- 1.ª parte—fasciculos I a IX—Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII e XIII. Documentos do Cabido. O livro dos herdamentos. Capítulos de Fernão I. opes. Extractos dos inventarios municipaes do sec. XIV. Extractos dos documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas da camara. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º — 2.ª parte, fasciculos X a XVI—Documentos municipaes. Ordens religiosas. Cartulario da cathedral eborense. Documentos da Misericordia.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand.

MADRUGADAS

A' venda em Evora em casa do editor Abranches.

DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio. Fragmentos de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itinerario de Antonino, Plinio e Mella. Livro 3.º da Geographia de Strabão.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

ROTEIRO DE UM EBORENSE,
EM RAPIDO, POR MADRID, PARIS E LONDRES

(NOTAS PARA OS AMIGOS)



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL.
Rua Ancha n.º 85

1891

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

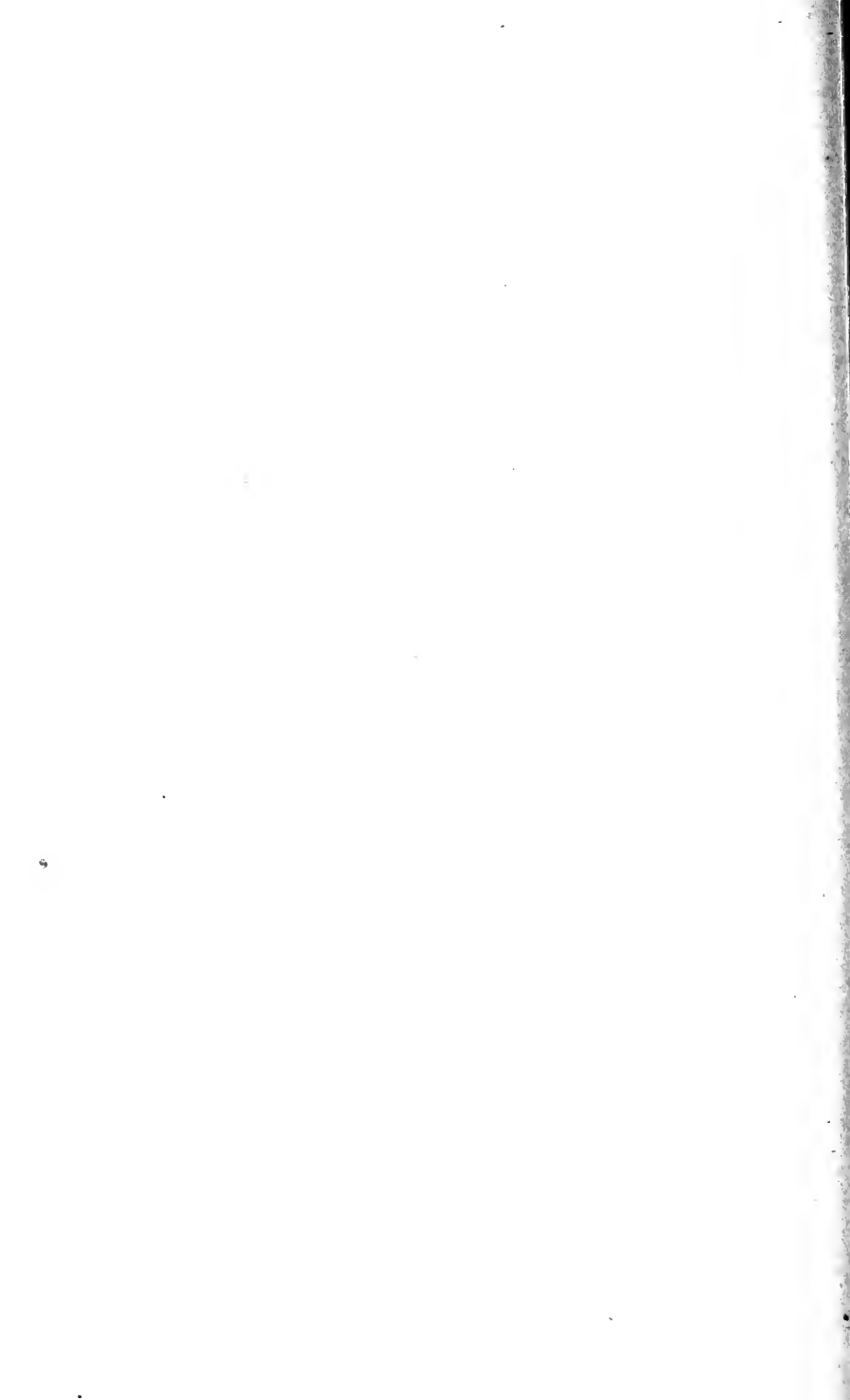
BOITEIRO DE UM EBORENSE,
EM RAPIDO, POR MADRID, PARIS E LONDRES

(NOTAS PARA OS AMIGOS)



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA "A Voz"
Rua Ancha n.º 85

1891



ESTUDOS EBORENSES

Roteiro de um eborense, em rapido, por Madrid, Paris e Londres

(NOTAS PARA OS AMIGOS)

A's sete horas da noite de 22 de fevereiro parti de Lisboa, da estação do Caes dos Soldados. Poucos passageiros. Noite agradável. Na estação do Entroncamento, bem illuminada a luz electrica, pequeno movimento. Ao passar o Tejo havia luz sufficiente para distinguir vagamente o vulto de Almourol. Já havia um tenuissimo ar de madrugada na passagem das serranias de Marvão, que se recortavam em escuro sobre um céu limpo de nuvens, estrellado, ligeiramente alvacento a oriente.

A fronteira; paragem maior, uma passeiata na plataforma; a primeira vista do piquete de carabineiros que examinam as bagagens, a primeira parrelha de guardas civis, com os seus chapéos bicornes; as primeiras designações estrangeiras, *la fonda, la cantina*.

Vae partir o comboyo, *al tren, señores; viajeros, al tren!*

Um grupo de hespanhoes faz troça do nosso termo *comboyo*, comparado ao *tren*; um cavalheiro ensina outro a pronunciar *torre das vargens*; é difficil para um estrangeiro pronunciar *vargens*.

Lembrei-me de um inglez que me dizia que lhe era mais facil aprender chinez do que pronunciar bem portuguezmente: *Albuquerque Noronha Falcão*.

Já era manhan clara ao chegar a Herreruela; a paizagem, a orographia e vegetação parecida á do alto Alemtejo, e sul da Beira Baixa; o paiz muito deserto.

Aliseda; dia bem claro. E' manhan de segunda feira; pequenos grupos de populares pela estação. Pouco movimento. O aspecto das casas humilde.

O que já mudou completamente foi o tom do vestuario das mulheres; domina o verde, nas saias o amarello.

A posição, a attitude é differente também; o homem com a mão na cinta, a mulher firma os punhos nos quadris.

Ha junto da Aliseda afloramentos graniticos, de blocos mais ou menos arredondados, como em muitos sitios de Portugal. Em alguns d'esses penedos pareceu-me ver trabalho intencional; em uns proximos da estação julguei avistar cavas artificiaes, como as de sepulturas em rochas, frequentes em pontos do nosso paiz; a cava para receber o cadaver com o vão para a cabeça.

Está um dia lindo, o ar de fina transparencia.

Atravessa o Tejo; uma bella corrente fresca, purissima, opulentada pela fusão das neves; a linha ferrea salva o rio n'uma altura consideravel. Ha umas barcas de passagem que n'esse momento faziam vai-vem transportando de uma a outra margem, homens, bestas carregadas, e um rebanho.

Caminhamos agora com maior velocidade. Limita o horisonte a norte a serra de Grados, ou de

Gredos, ou *el-Gréu* como lhe chamou um campônio, que eu interroguei n'uma paragem. Estava imponente a cordilheira, sevêra e linda; coberta de neve nas regiões superiores, como se a involvesse a fimbria de uma mantilha branca de larga franja. Como o ar estava mui transparente a luz marcava bem os espinhaços, os concavos nas asperezas nuas da serra; o branco brilhante da neve superior, pela reverberação, fazia parecer escura a zona proxima do horisonte, sobresaíndo assim aquelle enorme relevo esmaltado; a sul, a grande distancia, começam a definir-se os montes de Toledo.

Durante tres horas, de marcha rapida, se avistam as duas enormes trincheiras parallelas; que fortificação! Os montes de Toledo tambem vestidos de neve.

Percorremos uma região cultivada mas de parecer pobre.

Uma cultura mais extensa, e menos intensa ainda que a das herdades alemtejanas.

Tudo parece mais pobre, o solo, o trabalho, as povoações. Como o inverno correu mui secco a terra está em pó, a aragem levanta remoínhos pelos campos lavrados. Os gados poucos e máos. Raros olivae e azinhaes de enfezado arvoredado, pouco desenvolvido, e de côr amortecida.

Alguns homenzinhos lavravam com uns burrinhos, e uns arados que pareciam feitos de uma tranca com um fueiro, abrindo sulcos pequeninos.

As povoações correspondem aos campos, cheias de ruínas, de remendos; e aos grupos de populares que apparecem nas estações; geralmente de aspecto pobre.

— São os governos, os impostos! é a explicação sabida. As contribuições em Hespanha são maiores que entre nós. Ouvi dizer que havia 400:000 propriedades penhoradas pela falta de pagamento

de tributos ao Estado! O terreno parece-me pobre, e as povoações ali só tem os recursos agricolas.

Apenas de vez em quando anima a paizagem o carro coberto puxado a dois, tres, quatro cavallos ou muares, a fio, seguindo pela carreteira ou pelo macadam; ou a recova de mercadores ambulantes cantarolando ao sol, com o acompanhamento fino dos guizos e esquilas.

O *Teita*, uma corrente linda, fresca, com as aguas das neves do Gréo, cortando bruscamente os campos a procurar o Tejo.

As povoações vizinhas de Madrid conservam o mesmo aspecto triste e pobre.

Torrijos. Uma mulher apregoa em voz fresca *rosquillas*. São umas cavacas que vendem ás duzias enfiadas em um cordel, agradaveis e baratas.

Entra um cavalheiro no compartimento, homem de sessenta annos, de oculos, e caçadeira.

Vieram despedir-se d'elle á estação algumas senhoras, homens e rapazes, em grande alarido de cumprimentos e affabilidades.

Era um cavaqueador, vivo, expansivo; era de Valencia, viuvo, proprietario, caçador entusiasta, e tinha ali parentes; todos os annos vinha passar alguns dias, caçar. Tambem n'aquelle paiz só havia de bom os coelhos, as perdizes, e os parentes: que fosse eu a Valencia se queria ver campos, e vistas bonitas, e lindas terras; o paraizo!

E sempre as mesmas terras de lavoura com o feitiço de farrejeaes pobres, sempre até Madrid.

Las Delicias é a estação; a mim succedeu-me logo um desastre; paguei ao carro duas pesetas em vez de meia.

— Que era um carro de hotel; que seria *meia* se fossem quatro passageiros; para evitar questões e cavacos fui pagando.

O Prado; cinco e meia da tarde; como o tempo

está ameno anda muita gente na bella avenida. A rua de S. Jeronimo cheia; carros de aluguel e equipagens bem postas formam linha; muita gente de bom aspecto nos passeios. Finas parelhas e muitos cavallos de preço; grupos de officiaes, bem militares e bem montados. Estabelecimentos brilhantes e de tons especiaes alguns, com individualidade nacional.

O carro levou-me ao Hotel dos Embaixadores que fica no fim da Carrera de San Jeronimo, junto da Puerta del Sol. Bom serviço e preço regular. Lavei-me, jantei, comi pimentos, bebi bom Valdepeñas, e gostei do queijo Manchego. E fui pasmar-me para a Porta do Sol.

Continua o grande movimento; estava-se com difficuldade nos passeios; os tramways e os carros formavam correntes constantes; os cafés em plena frequencia e illuminação. Entrei no café de Lisboa, muita gente, grande conversa; passa todavia por pacato. Em tres mezas de lado estavam grupos de emigrados portuguezes, dos acontecimentos do Porto.

No café de Paris, mulheres e homens sortidos. Uma excellente orchestra executava trechos classicos, que não dominavam a vozeria. O café de Lisboa é limpo, os outros são maiores e mais luxuosos; mais bulhentos tambem. Estava um tanto fatigado; ahi pelas 10 horas da noite recolhi ao hotel. Na praça o movimento era o mesmo; bem longe da apathia lisbonense.

A's oito da manhan, 24 de fevereiro, flanava pela Porta do Sol; abriam-se os estabelecimentos, ia-se aos mercados; os alfaiates ornavam as frentes das suas lojas com as capas de bandas vistosas; garotos e mulheres apregoavam jornaes, em tom musical.

El heraldo de Madrid, soa como se fosse o primeiro verso de uma *petenera*.

Grupos de raparigas, costureiras, floristas, em cabelo, de chale ou mantilha, bem penteadas e calçadas, risonhas e palradoras. Typos varios, mas domina o typo fino, olhos escuros, cabelo escuro, tez clara, rosada nos malares, o typo que Velasquez gostava de copiar.

O ministerio da governação tem o portão aberto e passeiam em grande uniforme dois galhardos guardas-civis, que me custa a tomar a serio; lembram-me logo as zarzuelas. Ha um predio junto do Ministerio que mostra bem a concentração da vida; cada porta cada estabelecimento; cada janella da sobre loja, do 1.º e 2.º andar pertencem a diferentes misteres; modista, tabellião, ourives, barbeiros, alfaiates, todos arranjam nichos n'aquella gaiola.

Grandes estabelecimentos bancarios de Paris tem succursaes na Porta do Sol; destapam-se os grandes cristaes das montras deixando ver o papel moeda, os papeis de credito, as acções, os titulos, de muitos paizes, empresas e companhias.

—O correio? o telegrapho?

Um guarda civil muito attentiosamente indicou-me o telegrapho: atraz do ministerio de *la Gobernacion*.

—Onde se passa o telegramma?

—Lá em cima.

Subi, escrevi, com uma penna horrivel, e fui entregar;

—E' preciso o sello.

—Quanto?

—Paga-se lá em baixo.

E desci, e subi para passar o telegramma. Agora o correio.

Sellos vendem-se no estanco.

Fui a um estanco, não havia sellos; que fosse á *calle de Carretas*; mandaram-me a outro estanco.

Havia sellos; e não havia cartas postaes para o estrangeiro; tive de ir a terceiro estanco para as cartas postaes. Madrid tem cousas de grande capital, e pareceu-me atrazada em certos respeitos.

O peso dos impostos geraes e municipaes faz-se sentir tambem; a cousa publica especula com todos os serviços. A vida é mais cara, mais difficil que em Lisboa e todavia ha muita vida airada.

O actual edificio da Bibliotheca Nacional de Madrid é apertado e sombrio; em breve estará construido outro no Prado, vasto e de bello aspecto.

Ha preciosidades na Bibliotheca Nacional, e muitos impressos e manuscriptos portuguezes. A actual sala de leitura publica é triste, e não a achei bem disposta; a pobre sala de leitura da B. de Lisboa é melhor disposta, tem mais luz. O serviço não é melhor em Madrid. O leitor, obtida a senha no porteiro, vai á casa dos catalogos onde lhe marcam o volume na senha e lhe indicam a secção, e o continuo, a que se deve dirigir.

Gostei da casa dos catalogos, mas para se adoptar o systema é precisa uma casa propria, e necessario tambem mais pessoal. Estavam quatro empregados na casa dos catalogos e quatro continuos na sala de leitura, além do presidente e outros empregados. A frequencia não é grande. As commodidades para os leitores são poucas. Os caloriferos faziam uma atmosphaera un tanto desagradavel. Os empregados são amaveis e instruidos.

O monumental palacio real, a opera, outros edificios publicos de bom aspecto ficam proximos da Bibliotheca.

O museu de bellas-artes, no Prado, é bem conhecido como um dos melhores do mundo. Enorme conjuncto de primores.

Procurei e achei alguma cousa de Portugal, ou que importasse a portuguezes. Os retratos dos Phi-

lippes, do duque d'Alba, de D. João d'Austria, etc. importam a portuguezes.

Poucos e de proveniencia incerta os quadros em madeira, do seculo XV e XVI, dos que tem chamado entre nós de Grão-Vasco, gothicos, e escola portugueza: quadros dos primeiros mestres flamengos que vieram para os palacios e conventos de Portugal, e que foram a base para uma grande actividade em pintura. Temos deixado perder muitos de taes quadros, muitos foram vendidos para o estrangeiro, e ainda temos no paiz porção enorme; só em Evora que thesouro no palacio archiepiscopal, no museu da Bibliotheca, na Sè, em S. Francisco! E além d'estes mais vistos ha quadros na capella do bispo D. Pedro, na claustra da sé, e em S. Mamede (os que eram de Santa Monica), em S. Bento; pois bem, em 1836 vieram officialmente para Lisboa alguns centos de quadros!

Ao genio hespanhol parece que não agradou a pintura flamenga; a planta não vingou ali como entre nós.

Nas salas de pintura moderna vi um quadro do sr. Alfredo de Andrade, *Paül de Castel Fusano, cercanias de Roma*, de tom muito lindo, mais mimoso ainda que a singela paizagem em branda luz que eu tanto gosto de ver nas Janellas Verdes.

Um quadro de Miguel Angelo Lupi, *La familia*, faz sua figura rasoavel.

Um artista hespanhol mui distincto, Salvador Martinez Cubells, pintou uma *D. Inés de Castro*, na scena do beija-mão em Alcoçaba, segundo o trecho de Faria y Sousa. Tela vasta, bem tratada.

Entre os pintores hespanhoes contemporaneos cita o catalogo Alvarez Dumont, natural de Villa Real de Santo Antonio; e Ricardo Balaca, natural de Lisboa.

Dumont tem *La oracion*, *La florista*, e *El guerrillero*.

Balaca um quadro só, mas importante, *Episodio de la batalla de Bailen*, bella pintura.

Em varios pontos do museu ha retratos historicos de grande merito; mas ha uma sala especial para retratos da familia real hespanhola, que são obras d'arte e documentos historicos, nos sec. 18 e 19.

Entre elles ha dois retratos, corpo e meio corpo, de D. Maria Isabel de Bragança, segunda esposa delrei D. Fernando VII, pintado por D. Bernardo Lopez. O de corpo inteiro, n.º 773, é uma belleza, a dama retratada devia ser uma joia de fresca juventude.

Esta senhora era filha de D. João VI e de D. Carlota Joaquina de Bourbon. Casou com o rei de Hespanha Fernando VII, em 29 de setembro de 1816, e morreu muito nova. Só a galeria dos retratos de Fernando VII e das suas quatro mulheres é extraordinaria como documento. Do retrato de D. Maria Isabel Francisca de Bragança ha uma lithographia de Lopes, rara, por ter quebrado a pedra ao tirar o quarto exemplar. Uma gravura de Aguilar filho, em 1817, e outra de Dien, desenho de Thibault, em moldura de rosas com o brazão hespanhol.

O *Museu Nacional de pintura y escultura* é tão celebrado que não me atrevo a dizer mais. E trabalha-se muito ali; a cada passo artistas hespanhoes, homens e senhoras, copiando e estudando; bastantes estrangeiros tambem.

Em frente da *Senhora da Conceição*, de Murillo, e de outros quadros celebres, havia dois e tres copistas. Os museus allemães e anglo-americanos tem copistas por todas as grandes colleções. Nem d'isso se tem tratado em Portugal. Quem pensa hoje em comprar Rubens, Velasquez, Vandick, Raphael! com trinta ou quarenta contos que póde valer um ori-

ginal d'esses, ou mais, se apparecer no mercado, obtem-se algumas dezenas de boas copias de quadros de primeira ordem, que servem para estudo. Em Portugal nem temos elementos sufficientes para conhecer as escolas e suas evoluções. E tem-se gasto bom dinheiro; mas tem faltado tino.

Cousa singular, os monumentos de Madrid são pobres, mesquinhos. A estatua de Cervantes, ante o palácio do Congresso, é feia e acanhada; o monumento de Colombo, muito trabalhado, é rachitico; o de *Dois de Maio* é mesquinho; todos pobres em arte e mesmo em material.

Entra no Prado uma rua chamada de *D. Barbara de Braganza*; provavelmente commemora a infanta D. Maria Barbara, filha de D. João V, que casou com o principe das Asturias, e foi rainha depois, fallecida em 1758.

Na *armaria* ha objectos portuguezes, e grande numero de hespanhoes que servem para recompor e completar o muito que falta entre nós.

Como temos tido a habilidade de estragar tudo, de perder tudo, é para espantar. Que revoluções, e crises a Hespanha tem soffrido! pois guarda os seus thesouros de arte e historia religiosamente, sofregamente; tem tido a felicidade de comprehender que esses objectos fazem parte da nacionalidade, são fontes de gosto, de arte, de inspiração; fomento de industria, e monumentos de historia.

Percorri depois as salas do Museo archeologico onde se guardam muitas preciosidades. O medallheiro, de primeira ordem, que antes estava na Bibliotheca Nacional, está hoje no Museu. Em construcção especial duas grandes salas da collecção ethnographica: podiamos ter em Lisboa uma collecção assim, ou superior; e nada temos. Se houvesse tino com o dinheiro gasto nas edificações da Tapada, e da Avenida para a exposição industrial,

teríamos hoje um bom edificio para exposições permanentes, coloniaes, industriaes, agricolas, ethnographicas que tudo é preciso para educar e illustrar este povo, e especialmente a capital.

Em tudo se conhece o terrivel deficit de juizo e illustração, origem de todos os outros deficits.

O museo archeologico de Madrid é official; alem das collecções hespanholas tem algumas estrangeiras, de Italia e Grecia; a collecção de vasos gregos é muito notavel.

Nas collecções hespanholas brilham as mobílias, os trabalhos em ferro, grades, etc, as louças e vidros. Fiz logo tenção de visitar mais de vagar o museo na torna-viagem.

Fui jantar, flunar um pedaço pelas ruas; ás oito da noite parti para Paris.

No compartimento tres hespanhoes, pessoas gradas, fallavam em politica; pertenciam a tres partidos, e concordavam em que todos os ultimos ministerios tem sido immoraes e daninhos. A questão das *actas sujas* das ultimas eleições geraes, falsificação em larga escala e descarada; e as recentes eleições municipaes de Madrid, lucta travada com grande calor por todos os partidos e grupos, que não conseguiram levar á urna um terço dos eleitores recenseados, revelando-se assim frisantemente o indifferentismo organico da povoação mais illustrada da Hespanha, formavam os assumptos da discussão, animada, movimentada. Os tres hespanhoes sahiram nas estações proximas; só ficou um passageiro, que não tomára parte na conversa. Ao sahir o ultimo, voltou-se para mim: Uf! los politicos!

E começou n'uma desanda cerrada nos partidos politicos de lá e cá.

Queria ministerios *d'affaires*, de administração, botar fóra partidos; etc. Era um joalheiro de Ma-

drid; seguia até Paris; passeio que faz ordinariamente quatro vezes por anno, em seus negocios. Bello companheiro de viagem. Conhece a industria e o commercio de Portugal, Hespanha e França, profundando a miudezas, explicando absurdos das pautas aduaneiras.

Depois dormitamos um pouco; despertei ao percorrermos uma região accidentada; entramos nas Vascongadas. Atravessam-se perpendicularmente asperas cordilheiras e valles fundos, pittorescos, moldurando entre casaes e aldeias, fragas e florestas, torrentes sinuosas formando quedas e cachoeiras. E' um paiz agricola e industrial. Alguns trechos da paizagem lembram-me as deliciosas descrições das *Encartaciones*, de Trueba.

Os guardas-civis são substituidos pelos *miquelletes*, ou *guardias-forales*, de boinas vermelhas. Os governos tem ainda hoje cuidado em não offender os melindres cantabricos.

Tolosa pareceu-me ser o ponto que avistei que resume melhor a região. Tem um aspecto rijo, sadio, farto e contente, aquella cidade rodeada de bellas culturas e cheia de fabricas.

Victoria; aqui se liquidou a questão napoleonica; apanhando os inglezes as bagagens francezas, um thesouro incalculavel, formado de joias portuguezas e hespanholas, que hoje estão nos museus publicos e particulares da Inglaterra; nós demos o sangue, o heroismo, e ficámos com muita gloria.

Os Pyreneus, um rosario de aspectos imprevisitos; tuneis e viaductos; as *betulas* alvacentas formando mattas, em amplos mantos de neve; alguns rebanhos de *merinos* pelas encostas.

Soam nomes vasconços das estações; Alsásua, Ortzáurte. O joalheiro de Madrid aponta-me alguns individuos da valentissima raça que se tem conservado pura atravez tantos seculos nos seus costumes

e linguagem, e até nos seus ossos, e eu reconheço depois facilmente o typo basco, em homens, rapazes, mulheres, pelos malares fortes, as dentaduras brancas e cerradas, a coloração rosea tão differente do branco, pallido, ou moreno da gente castelhana.

Em muitos cabeços avisto umas torres, grandes, que me pareceram construcções medievaes. Não são.

Como n'esta região, geologicamente tão atormentada, tem havido muitas guerras, o governo quando se adoptaram os telegraphos de palhetas fez as torres com dimensões taes que podessem conter guarnições para segurança dos postos contra as guerrilhas. Não avistei um só relevo que me recordasse as trincheiras prehistoricas. Em raros pontos ví algumas edificações que podem ser bem antigas: casas de silharia com arcos de pleno cíntrio, e pequenas janellas quadradas, romanicas talvez.

S. Sebastião; esplendidos arredores, casas de campo, jardins modernos, elegantes; avista-se a cidade e a bahia ampla, azul. Pouco mais estamos na fronteira franceza. O aduaneiro giza nas malas os circulos brancos, signal do *visto*, e vou logo com o joalheiro para o restaurante. Veio um empregado pedir ao meu amavel companheiro as chaves para revistar a sua bagagem. Elle levantou-se e seguiu o empregado. Antes de entrar no restaurante elle pediu-me para eu tomar conta n'um saquinho de viagem.

O homem trazia seis ou sete malasinhas e saquinhos. Eu continuei o meu almoço, e elle sem voltar. Terminei, levantei-me, fui trocar as pesetas por francos, e dei com o homem a conversar muito com os aduaneiros. Estes muito serenos e attenciosos. Por fim os empregados francezes, sem sombra de máo humor, fecharam as malas de bagagem, en-

tregaram-lhe as chaves, cintaram n'um prompto e sellaram os volumes, deram ao joalheiro um impresso, um documento, e disseram-lhe com muita cortezia que podia receber a sua bagagem, em Paris, na Administração central, rua tal, numero tantos, onde se resolveriam todas as duvidas.

Houve denuncia, ou os aduaneiros já conheciam o homem. Não ví o que ia nas malas; ví depois, já na carruagem, os saquinhos e malasinhas, porque o homem entendeu, vendo-me um tanto intrigado, que me devia explicações. Iam joias partidas, amolgadas, e algumas dezenas de relógios de algibeira, de ouro, desarranjados. Tudo aquillo ia a concerto em Paris. Isto é, se os aduaneiros lhe revistassem as malasinhas elle mostrava um documento hespanhol provando que eram objectos para concerto. Mas em Paris comprava joias e relógios, em numero igual, para vender em Madrid, e que passariam a fronteira como objectos já concertados; e tambem as joias partidas e os relógios estropiados que viriam então como socata de ourivesaria. Conhece as pautas na perfeição, o joalheiro.

Os voluminhos contidos no talego que me entregou eram muito interessantes. Pareciam uns cestinhos de merenda; felizmente os aduaneiros nem repararam. Levavam centos de folhas de bisturis, molas, ponteiros de relógio, pinças, agulhas, tubos, instrumentos de cirurgia, tudo de finissimo aço de Toledo, incomparavel, que nenhuma outra industria consegue attingir. Disse-me que só o lucro dos relógios, ou dos bisturis lhe pagava a viagem.

Do que elle sabia tambem era do movimento dos caminhos de ferro; e por isso tomámos logo outro trem que ia partir para Bordéos, pagando uma pequena differença, para em Bordéos alcançarmos o expresso especial entre Bordéos e Paris.

Biarritz; avistam-se palacios e jardins, a praia alvissima, e o mar muito azul, de um azul celeste vivo, como nunca ví egual. Varia a côr do mar, e a do ar, como a relação de uma com outra. A côr do Tejo não é a côr do Sado; o azul do mar em Cascaes differe do que se vê na Foz do Douro. O tom do céu puro em Evora é mui diverso, mais forte que o azul do ar nitido em Lisboa.

O mar em *Biarritz* tem um azul, um anil violaceo intenso que faz parecer de uma alvura extraordinaria as cabelleiras das vagas e o areal da praia.

Deixámos o paiz montanhoso, a formidavel successão de trincheiras que sepára a Hespanha da França; mais duas paragens de poucos minutos e entramos nas planuras das *landes*, povoadas de extensos pinhaes, tratados, cortados de avenidas, aqui e ali salpicados de pequenas explorações agricolas, em muitos sitios sujeitos á resinagem. Faz calor, e poeira, muita poeira, mais que entre Vendas Novas e o Pinhal Novo em tempo de verão. Anoitece ainda no pinhal enorme, na carreira a grande velocidade durante seis horas, sempre na formidavel floresta que veste as dunas, nuas e estereis ha trinta e seis annos apenas. Porque não povoam de pinhaes as charnecas de entre Tejo e Sado, as dunas, os médões de areias do nosso littoral?

Bordéos, a gare enorme, movimento por toda a parte; chegam, partem, organisam, manobram os comboyos. O joalheiro não me larga, vamos lavar-nos e escovar-nos. Umás senhoras de meia idade teem uns gabinetes bem arrançados, para homens e senhoras, com muitas commodidades; a troco de dois vintens temos agua, toalhas, sabonetes, escovas. Uma consolação depois da poeirada das *landes*.

Grande differença entre as estações hespanholas e francezas; em tudo. Nós os peninsulares a custo,

mui vagarosamente temos aprendido a conhecer a commodidade, o bem estar, a tornar a vida mais agradável. A grande gare franceza com as suas dependencias, o restaurante, os gabinetes, a venda de livros, illustrações, guias, e informações é um todo muito completo e bem combinado.

Eu nem sei como certa gente em certos casos se governa nos melhores sitios de Lisboa. As senhoras devem soffrer muito. E pensar como estavamos ha trinta annos em hygiene e asseio publicos!

O banho, a lavagem barata é ainda um mytho na nossa capital. Certas commodidades que se obtem a trôco de poucos cobres em Paris ou Londres, em Lisboa são ignoradas.

Os jornaes! Um garoto apregoa na plataforma: *La France! La Patrie!*

Singular! Seria preocupação minha? Em Madrid o primeiro grito de garoto que ouvi — *El heraldo de Madrid* — soou-me com um verso de *petenera*; em França o primeiro pregão de jornaes, a voz vibrante, alta, do rapaz impressionou-me como um toque de clarim. Muita gente no restaurante; a meu lado e na minha frente ficaram alguns officiaes de diferentes armas que conversavam muito expansivamente. Um d'estes seguia no expresso até Orleans, e cavaqueou commigo muito amavel.

Todas as carruagens e todas as zorras dos caminhos de ferro francezes estão taradas militarmente.

Certos numeros indicam logo bem claro quantos cavallos ou soldados pode transportar o carro; um signal mostra o serviço que o vehiculo pode prestar na organisação de um trem de artilheria. Tudo para o caso de mobilisação.

Parte o expresso. Uma bella carruagem de primeira de quatro compartimentos folgados, um com sete logares, dois a seis, o quarto servindo de gabinete-toilette, communicando por portas. As novas

carruagens allemans em serviço na ferrovia do sul parecem-me melhores. Aquillo vae n'um zig-zigue que incommoda alguns passageiros. A machina dá uns sopros fortes, depois uns silvos curtos, é um trem que passa na outra linha em sentido contrario, ouve-se o rugido, e a successão rapida das vidraças illuminadas dá apenas a impressão de uma facha de luz.

Amanhece já nas planuras do valle do Loire; tudo cultivado, a natureza disciplinada em toda a linha, em todos os aspectos. A defeza da via ferrea é uma sebe aparada como o buxo n'um jardim antigo: as pequenas ribeiras correm entre muros e estacarias; as arvores de fructa isoladas ou encostadas a paredes cortadas simetricamente.

Frequentes as vivendas antigas, os *castellos*, de nobres edificios, e avenidas de altos arvoredos. Nas quintas, nos campos trabalha-se; a lavoura feita a possantes cavallos; grupos de poucas vacas, malhadas de branco e amarello; as estradas marcam-se bem pelas fileiras de esguios choupos, de uma egualdade massadora. Tudo n'um tom claro, que deve mudar para verde no verão. *Ouida* (La Ramée) descreve perfeitamente a região do Loire no *Tricotrin*.

Mesmo junto da estação de Orleans está um campo militar, onde se desdobra um regimento de artilheria, em escolas; a pouca distancia do comboyo passa a trote uma bateria completa.

A' medida que Paris se avisinha o trabalho rural torna-se mais intenso e complexo.

Depois as grandes culturas dão lugar a hortejos e jardins de exploração. Em algumas de taes propriedades as estufas, estufins e campanulas de vidro representam um capital consideravel. Parecem os repolhaes da Moita, em redomas de vidro. Algumas hortas tem os seus canteiros completamente abrigados por vidraças.

Jurisy, uma villa alegre, *chalets* ás duzias, entre jardins de recreio, um pequeno cemiterio, e proximo d'este um monumento singular coberto de coroas e ramos de flores; recorda um episodio do *anno terrivel*, do cerco de Paris, e celebraram ha pouco o anniversario d'esse dia de sangue.

Paris, 26 de fevereiro, ás 10 da manhã.

O carro ségue pela margem sul do Sena. Tantas vistas ha da grande capital franceza que me parece estar em paiz conhecido; o rio entre os seus caes, as pontes, os vaporsinhos, os omnibus, os altos predios, não me impressionam; distinguem-se bem as severas linhas da cathedral, Notre-Dame, as grandes massas da Camara Municipal e do palacio de Justiça. De subito uma nota desagradavel, um cartaz verde com grande letreiro afrontoso para Portugal, do tal syndicato do emprestimo de D. Miguel, Estava n'um muro baixo de jardim. Alguem rasgára parte do cartaz, mas viam-se bem os dizeres principaes.

Mandei seguir o carro para o *Grand Hotel de Malte*, na rua Richelieu, porque, dizia o guia, ficava em frente da Bibliotheca Nacional.

Hospedaria regular, pacata, quartos bem mobilados: o dono é dinamarquez, e na occasião estavam ali algumas familias escandinavas.

Quiz tomar o ar de Paris. Já almoçado fui ao acaso pelas ruas e praças; fui ter á bolsa, vasto edificio com alta columnata e ampla escadaria exterior; na escada e na columnata estariam 1:500 sujeitos; havia muitas mezas, onde os agentes, os bolsistas escreviam; liam-se telegramas, gritando; ás vezes a vozeria era atoadora; formavam-se grandes grupos ouvindo alguem que fallava alto; apparecia outro e logo de varios pontos corriam muitos a rodeal-o. Tudo aquillo dava uma impressão de remoinho e confusão completamente nova para mim.

Meti-me pelos grupos e percebi que a origem da excitação extraordinária eram as notícias relativas á viagem da imperatriz de Allemanha, a imperatriz-mãe, que viera a Paris convidar os artistas francezes e tivera a desastrada lembrança de visitar Versailles e S. Cloud, ferindo profunda, excusada, e impoliticamente os brios nacionaes.

Todos os jornaes se occupavam da questão; ás geribandas dos jornaes allemães chegados na manhã, respondiam já no mesmo tom os francezes.

O jornal que mais se apregoava era *L' Autorité* que trazia o seu artigo principal intitulado *Vive la France!* de P. de Cassagnac.

Impressionou-me uma mulher de 50 annos talvez, robusta, alta, voz estridula, que apregoava agitando a folha; *L' Autorité! voyez l'article de Cassagnac, Vive-la-France!*

O *Vive-la-France* sahia agudo, espaçado; a mulher gritava do coração, não era reclamo, parecia que tinha contas a ajustar com os allemães. Todos os jornaes se vendiam immenso.

Passava um omnibus indicando *Passy*, a celebre avenida, subi, paguei trinta réis, e percorri boa parte do bello Paris, durante uma hora.

Muita gente nos boulevards, fallando em grupos, lendo jornaes; soprava uma lufada dramatica na multidão.

Apeei-me perto de uma estatua de Lamartine, entre algumas arvores, em pequeno e tranquillo terreiro de *Passy*; não é um monumento, é uma lembrança; os francezes são admiraveis em afinar estatuas memorativas ou ornamentaes com os sitios, com as molduras obrigatorias.

Havia cinco minutos que percorria a Avenida entre pequenos predios elegantes e jardins, onde brincavam ranchos de creanças, quando ouvi musica. Era um regimento de infantaria, seguido de

um esquadrão de dragões. Creio que iam para exercicio.

Muitas senhoras vieram ás janellas, e creanças, cavalheiros, trabalhadores, creadas, vieram aos passeios. Muitos, quasi todos, tiraram os chapéos na passagem do coronel, que comprimentava com a espada.

Era um typo como os de Protáis, cabello grisalho, cortado rente, pequeno bigode aguçado, homem delgado e nervoso.

Quando a bandeira passou todos se descobriram, e um official montado que ía proximo cortejava tambem com a espada.

O regimento levava talvez dois mil homens, rapazes delgados e de pequena estatura. Na nossa infantaria ha gente mais vigorosa.

Não iam bem vestidos; não se preocupam com feítios; calças largas, casacos largos, e, pareceu-me, de tecido inferior. Mas a polaina e o bonet dão ar elegante.

A marcha rapida, o passo largo tem um toque-sinho de salto. Aquella trópa no campo deve ser um bando de estorninhos com *Lebéis*.

Gostei de ver o respeito com que o povo cortejava o regimento e a bandeira. Aquillo é sério. Entre nós muitos respeitos teem dado em droga: porque não temos consideração ou não temos que respeitar.

Os dragões eram homens altos e montavam bons cavallos; o cavallo francez que serve no exercito pareceu-me um meio termo entre o hespanhol e o inglez. E' alto, deve correr bem. Já em Madrid reparára que muitos officiaes montavam cavallos meio-inglezes.

Depois em S. Germain-en-Laye ví passar um regimento de caçadores a cavallo, e dois esquadrões de couraceiros, excellentemente montados, especialmente os couraceiros.

Vim ao arco da Estrella; lá estão os nomes de Junot, Loison, e Thiebault, o chefe de estado-maior que escreveu o relatório da tomada de Evora.

Desci pelos Campos Elysios.

E' escusado dizer que ha em Paris palacios magnificos, lojas opulentas, tafues galhardos, equipagens boas e bem afinadas.

Eu gosto do inedito.

As vendas de combustivel são em Paris casas assejadas, teem *montras*, balcões, balanças limpas. Nas *montras* expõem o mólho de vides, de madeiras diversas, bem cortadas, o carvão de varias especies, as bólas de cisco amassado, etc. : tudo preparado para o fogão de quarto, de sala, para o fogão de cosinha, para a fornalha industrial. Pesos e preços indicados.

Tenho pensado muitas vezes em que o combustivel alemtejano, especialmente o azinho, devia ser vendido em Lisboa para fogão de sala; não conheço combustivel melhor, a brasa é linda, a cinza muito branca, e tem aroma agradável.

Lavanderias e casas de engomar são grandes officinas, com muitas mulheres e bem installadas. Parece-me que este ramo está melhor em Paris que em Lisboa. Mesmo da rua se vê a successão de trabalhos; cosem, concertam, lavam, engomam roupas brâncas de ambos os sexos,

Vi uma lavanderia proxima da Sorbonne que se o Grandella a apanhasse na rua do Ouro tinha que pôr alguidares para a baba dos janotas. Que lavadeiras e costureiras!

Tambem em Londres as lavanderias são estabelecimentos bem installados.

Ha em Paris, nas bocadas de muitas ruas uns postes com moldura e vidro, e um mappa dos estabelecimentos commerciaes, escriptorios, etc., que na rua ou praça se encontram. E' um annuncio e

é uma indicação util. No pequeno mappa, bem legível, indica-se nome, numero de porta e andar, e até a hora, se é medico, advogado, commissario, procurador, etc.

O policia de Madrid é superior ao de Lisboa, o de Paris superior ao de Madrid, o de Londres ainda melhor. Não me refiro só a maneirãs, tem mais conhecimentos, e os serviços estão especializados. A policia é tambem mais respeitada.

Um incidente perto do theatro francez; um cocheiro deu com a ponta do latego na orelha de um pobre homem; um grito, o trem parou; appareceu um policia, onviu ambos, escreveu, tomou, provavelmente, nome e numero: uns segundos depois do grito estavam talvez duzentas pessoas paradas nos passeios, ninguem se approximou do grupo, perfeitamente isolado. Em Lisboa estariam logo quarenta sujeitos a dar sentenças, a ralhar da policia, e a embaraçar o exacto conhecimento do facto.

Ha muitos postos de soccorro, e alguns especiaes para creanças, com medicamentos, pessoal inferior, etc.

Como alguns estabelecimentos publicos são vastissimos podem alojar, o que é altamente conveniente, postos de policia, de bombeiros, e de soccorros.

A entrada da Bibliotheca Nacional fica a poucos passos da porta do hotel. Um garboso guarda fardado e de chapéo armado estava á porta; indicou-me a entrada, de batentes envidraçados; atravessei a quadra, limpa, simples e severa.

A um lado uma mulher recebe pára-aguas e abafos; do outro um modesto restaurante, com poucos artigos, e nada de bebidas excitantes; é servido tambem por mulheres.

Em Londres no *South-Kensington*, e no *British-*

Museum também ha restaurantes, com *sandwichs*, pasteis, pão e manteiga, e chá preto e verde, nada de cervejas, nada de alcool.

Na Bibliotheca Nacional de Paris para o serviço do publico ha duas divisões, a menor ou menos importante é a da leitura publica, a maior a sala de estudo.

Para a sala de leitura publica deram-me um bilhete onde escrevi nome e residencia que apresentei a um continuo, dentro da sala. Este entregou-me outro bilhete onde escrevi nome e titulo do livro, e entreguei; marcaram-me numero do logar, que eu fui occupar. Era um livro bem conhecido em França, sem duvida, o *S. Paulo*, de E. Renan.

Espeiei vinte minutos pelo livro, que desceu pelo pequeno elevador ao lado do continuo.

A sala de leitura é acanhada. Mais triste que a de Lisboa. As compridas mezas más, a mobilia inferior, o ar viciado pelos caloríferos: estavam uns sessenta leitores.

Não estavam creanças na sala; a meu lado um operario, talvez, porque trazia bluzaz azul, lia um romance de Julio Verne; em frente um sujeito, typo de militar reformado. repimpado na cadeira, folheava o D. Quixote, á minha direita um moço estudava uma arithmetica.

A pouca distancia um leitor muito á vontade comia o seu *linch*.

A meio da comprida sala, ao lado, um espaço com divisoria e nelle um empregado superior a quem terminada a leitura fui mostrar o livro e bilhete, poz o *visa*, e vim entregar a senha ao continuo, que me deixou sair.

Fui á sala de estudo; mostraram-m'a da porta, mas era tarde, e não podia entrar sem licença superior.

A impressão que me ficou da sala de leitura pu-

blica é pouco favoravel. Mas é preciso notar desde já que em Paris ha muitas bibliothecas populares.

Para a *sala de estudo* deram-me no dia seguinte uma senha de admissão visada pelo director, depois de eu mandar o meu cartão de visita. E' uma sala ampla, bem mobilada, luxuosa mesmo, com logares marcados; os leitores estão á vontade; muitos empregados, trabalhando em serviços do estabelecimento, e promptos a attender a qualquer leitor.

Alguns estudiosos tinham vinte ou trinta volumes nas suas secretárias.

Pedí um volume conhecido que me foi fornecido passada hora e meia. Os caloriferos, como na Bibliotheca de Madrid, faziam atmospherá incomoda. Ha collecções de estampas, e de numismática que tem dias especiaes de exposição. Ha sala para consulta de manuscriptos onde vi muitos copistas, entrando n'esta classe algumas senhoras. Na sala de leitura publica estavam 60 pessoas, na de estudo mais de 100, na dos manuscriptos umas 40.

Na exposição de estampas entra-se por uma pequena sala guarnecida de molduras e *vitruines* ou taceiras com bons exemplares para a historia da gravura. Algumas estampas estão em molduras articuladas a uma haste central. Na segunda sala, muito grande, em estantes, milhares de volumes de desenhos e gravuras, e algumas estampas raras em molduras nas paredes dos vãos das janellas.

A exposição das cartas *geographicas* está instalada n'um corredor com pouca luz; algumas cartas, em pergaminho, estão com vidro sustentado entre duas reguas. A exposição dos impressos raros e dos livros *illuminados* é admiravel. Os pergaminhos manuscriptos e *illuminados*, abertos em taceiras ou escaparates, com as folhas expostas re-

vestidas por capas de gelatina segura por elasticos: por causa da poeira. No Museu britannico não usam isto, e é certo que as folhas expostas estão pardacentas, mas o ar de Londres tem carvão; e o de Paris é certamente menos puro que o de Lisboa. No Museu britannico as *vitrines*, os centos de grandes vitrines, são todas vestidas de pannos escuros; só estão destapadas nas horas de serviço. Nem em Paris nem em Londrès ví impressos ou manuscriptos tão bem conservados como os temos em Portugal.

Para visitar o *Museu de S. Germain-en-Laye* é preciso ir á gare de S. Lazaro e tomar um comboyo que passa por Batignolles, Asnières, e Nanterre, percorrendo sitios que devem ser deliciosos na primavera e verão. Em fevereiro as arvores estão nuas; as terras nada verdejavam.

S. Germain-en-Laye está para París, como Cintra para Lisboa. Aproveitaram ali uma antiga e vasta residencia real para installar as collecções de antiguidades nacionaes. A restauração d'esse esplendido e vasto palacio acastellado fez-se com muito cuidado, nada de caprichos nem de enxertos sem justificação.

Deu-me logo na vista a rêde formada pelas fitas de argamassa nas juntas dos silhares, exactamente como em tantos edificios antigos eborenses.

Dentro muitas salas e as escadas tem as paredes forradas de tijolo sem revestimento algum, as juntas marcadas por fitas, menores, de argamassa, dando o effeito de rêde fina.

No fosso um *menhir* erguido e um *dolmen* (anta), de galeria.

Temos nos arredores de Evora muitas antas maiores, mais monumentaes.

O Museu occupa tres pavimentos, contendo opulentas collecções desde o silex lascado até ás antiguidades christans da idade media.

A installação é conveniente, nada luxuosa. Nas collecções epigraphicas avivam os lettreiros com tinta vermelha.

As pontas de flecha em silex lascado mais grosseiras que as nossas.

Nada que se approxime dos estoques de bronze. Faltam os machados de cobre; e as ardosias lavradas. As grandes pedras ornamentadas de sulcos parallellos, em curvas irregulares, do dolmen de Gavrinis são mui diversas da *pedra formosa*, da Citania de Briteiros. Ha grandes differenças entre o nosso pre-romano, e o do territorio francez.

Os grupos ceramicos das grutas da quinta do Anjo e de Cascaes não tem lá rivaes.

A collecção epigraphica de Endovellico é muito mais importante que as da mesma especie em S. Germain.

As collecções de bronzes são lá opulentissimas.

Estive em S. Germain no sabbado, 28 de febreiro, mas a visita passou quasi toda em conversa com os srs. Bertrand e Reinach.

Voltei no domingo (1 de março).

O museu está franco ao publico nos domingos.

Parti cedo de Paris, enorme concorrência na gare; o comboyo estava formado em secções, com grandes lettreiros, indicando as estações onde deviam ficar os grupos de carruagens. Muitas senhoras, familias de operarios, collegios de meninas; muitas pessoas, a maioria, levavam cestos com as refeições.

Em Londres tive occasião de observar o mesmo. Eu creio que as diversões domingueiras do povo lisboeta são mais caras que em Paris e Londres. Os transportes são lá mais baratos, e a gente de Lisboa vai comer nos restaurantes que em geral servem mal por alto preço.

Na segunda visita ao museu tive occasião de

percorrer a *sala das festas*, enorme e elegante construção, onde se acham installadas as collecções pre-historicas estrangeiras. As mais notaveis são as de Dinamarca, Suecia e Russia.

A pequena collecção portugueza foi offerecida pelo fallecido Pereira da Costa. A collecção formada pelo sr. Cartailhac está no museu de Toulouse.

A Hespanha está mal representada. Grande parte da importante collecção Siret (onde ha grande numero de objectos analogos aos do territorio portuguez), e dos achados de Almedinilla (a que corresponde perfeitamente a necropole de Alcacer do Sal) está no Museu britannico.

Parti no trem das duas da tarde, cheguei a Paris, e mandei bater para Notre-Dame; quiz visitar a cathedral apanhando uma conferencia de quaresma, e n'um jornal da manhan tinha visto marcadas as 4 horas para a conferencia do padre Monsabré.

A' porta do templo um cego vendia folhetos; apregoava—La deuxieme conférence de Monseigneur le révérend Père Monsabré— em voz muito nasal e prolongada; dava o effeito de um zangão.

E' escusado dizer que o publico francez é profundamente respeitador nos templos.

Uma das grandes bellezas de *Notre-Dame* são as vidraças finissimas e historiadas, onde abundam as côres vermelha e azul, dando um tom violáceo geral de extraordinaria delicadeza.

Que pena não ter a sé de Evora umas vidraças com aquelle tom!

Se no mosteiro de Belem collocassem vidraças finas, imitações modernas, já que perdemos as antigas por desleixo e ignorancia, que enorme realce, para as finas columnas, para os gentis labores manuelinos.

Paga-se meio franco para vêr o thesouro; um

empregado especial mostra e explica aquellas maravilhas em alfaias e paramentos. Uma grande nota tragica turva a alma n'aquelle thesouro, guardam-se ali vestes e insignias manchadas de sangue dos arcebispos de Paris, Affre (1848) Sibourd, (1857) e Darboy (1871), mortos em circumstancias historicas bem conhecidas.

Ha no thesouro moveis especiaes para os riquissimos paramentos bordados; tem 3 metros de frente e metro e meio de largura, de modo que no grande gavetão cabe desdobrado um pluvial.

O gavetão é semi-circular, na circumferencia tem rodizios que rodam n'uma calha; a meio do diametro um forte anel que abraça, girando, uma haste grossa a meio da frente do movel.

O gavetão sae até dois terços, e o empregado com pequeno esforço o faz girar. Em cada gavetão está um paramento completo, desdobrado, entre grandes toalhas. Não ha dobras, não se desfiam bordados, conservam-se assim muito melhor esses valiosos trabalhos.

O padre Monsabré estava doente, subiu ao pulpito o padre Candegabe, gritador, gesticulador arrebatoado, que não estava convencido, nem convenceu ninguem, nem agradou, porque muitas pessoas, pé ante pé, foram desertando. Se o nosso arcebispo fallasse francez asseguro que fazia boa figura em Notre-Dame.

Fui comer alguma cousa n'um restaurante barato da rua Rivoli, frequentado por gente do commercio, caixeiros e caixeiras; depois ao hotel arranjar as malinhas, e bati para a estação do norte, caminho de Londres.

Os compartimentos das carruagens tem frestas a uma certa altura, entre si, para vigia e policia.

A's 11 e meia em Calais: á meia noite a bordo do vapor para atravessar a Mancha para Dover:

um quarto de hora depois o barco dansava a valer. O scenario era formidavel; noite, nevoeiro cerrado, temporal, um grande farol electrico jorrando feixes luminosos; tocavam sinos e uivavam as sereias dos vapores, e de cinco em cinco minutos um tiro de peça.

Em breve o bracejar luminoso do farol tornou-se apenas um clarão periodico, amortecendo; o tiro desceu a tom baço, que em pouco deixou de se ouvir.

Tudo incommodado a bordo. Eu e uns sete ou oito ficámos em cima, entre os tambores das rodas. O meu querido gabão eborense prestou um serviço.

No canal soaram por vezes algumas sereias de vapores; só um passou proximo, via-se o clarão dos farolins de côres, passando rapido na nevoa.

A's tres da manhan ouviu-se um tiro de peça, na costa ingleza, em Folkestone; viu-se o clarão do farol, mais trinta minutos e desembarcámos.

Londres, na estação de Charing-Cross, 6 da manhan de 2 de março.

— *Têlve, Glosstar plêce*, disse ao cocheiro do *cab*, como o sr. Carlos du Bocage me ensinára a pronunciar no Ministerio dos Estrangeiros, para me entender com os cocheiros londrinos. A legação portugueza é em *Gloucester place*, n.º 12, perto de *Portsmán square*. Os cocheiros de Londres conhecem bem a legação portugueza porque está, creio que desde o começo do século, na mesma rua, e ha muitos annos no mesmo predio.

Estava o mordomo que me indicou as 5 da tarde, para me apresentar, e me entregou cartas que me esperavam.

— Que me indicasse um hotel. . .

— Se eu não punha duvida em estar n'um pequeno hotel, unicamente inglez, havia perto uma casa séria e excellente.

—Que não punha duvida, disse eu, o meu *inglez* chegaria.

O mordomo é um *inglez* todo correcto; indicou-me Durrant's *hotel* em *George Street*, a tres minutos da legação.

O *cab* é facil de governar e voltar; em Lisboa seria impossivel por causa das ladeiras. As ruas de Londres quasi todas calçadas a madeira. No sitio em que fiquei e em muitas partes de Londres as casas tem fossos, de modo que as *caves*, não são subterraneas, tem luz. Entra-se passando uma pontezinha, um arco. Grades de ferro limitam o passeio.

A maior parte dos predios tem *cave*, rez do chão, 1.º e 2.º andar e mansardas. Paredes de tijollo, sem revestimento, escuras, janellas e portas sem hobreiras nem vergas, em geral. A' primeira vista parecem-nos casas pobres, por acabar.

Cristaes bons, vidraças duplas, cortinas e *stores*, nas janellas do rez do chão pequenas grades guardadas de bons azulejos esmaltados, com arbutos aparados que abrigam flores de cebola.

Uma casa regular em Londres. para uma familia, custa 2:000 libras. Fallava-se de uma casa proxima em construcção, que custará 10:000 libras, como extravagancia. A pouca distancia da legação portugueza está a residencia do duque de Westminster, riquissimo; esse palacio sombrio é inferior em tamanho, muito inferior em aspecto ao palacio de S. Sebastião da Pedreira, ou á casa Palmella.

Em Portsmán Square, a cem passos da legação, móra o nosso *amigo* duque de Fife, riquissimo, n'uma casa sombria que valerá 3:000 libras. O *inglez*, em tudo, não se importa com aspectos. Dentro essas casas respiram tranquillidade e conforto.

Muitos annuncios. Perto do *hotel* ha um sujei-

to que vende objectos de verga, da ilha da Madeira, e ornamentou para reclamo a frontaria da casa com muitas cadeiras, que faziam singular effeito com os flocos de neve.

O hotel Durrant é uma especie de hotel Durand em Lisboa; cosinha ingleza sádia, e vinho francez; meia garrafa de Bordéos custa um *shilling*. Estavam algumas familias inglezas interessantes, perfeitamente á vontade passadas as primeiras horas de melindre.

Só com a minha planta de Londres fui, a pé, para South-Kensington, o grande museu nacional. Atravessi Hyde-park, enorme terreno arrelvado com seus arvoredos e avenidas, e lago que parece um rio; o *Ring* e *Rotten-Row* são avenidas ensaibradas onde passejavam a cavallo centos de homens e senhoras; familias a trote; grupos de meninas a meio galope; bellos rapazes e sujeitos gebos; cavallos finos e alguns sendeiros. O inglez passeia a cavallo porque estima o exercicio, não dá importancia ao mirone. Um grupo de inglezinhas frescas, vestidas com simplicidade, botões de rosa ou lilazes brancos na lapela, galopando em finos cavallos, é bonito devéras.

Passei pelo quartel dos Horse-guards; fazia sentinella em grande uniforme um rapagão de 1,^m90 de altura, com brilhante couraça, capacete alto de aço brunido e pennacho que tudo chegaria a 2,^m30.

Na policia ingleza vi tambem alguns homens de formidavel corpulencia.

O monumento do principe Alberto, o fallecido marido da actual rainha, é imponente e luxuoso; a abobada do alto baldaquim é revestida de mosaico dourado de grande effeito.

South-Kensington é já uma cidade de museus e escolas, e tende a augmentar. A media diaria dos visitantes anda por dois mil; e a da frequencia es-

colar por tres mil. Só a secção indiana occupa um edificio como a Escola polytechnica de Lisboa. Uma quadra envidraçada tem reproducções em tamanho natural da columna de Trajano, do portal de S. Thiago de Compostella, das estatuas collossaes de Miguel Angelo, etc.

Ha collecções de pinturas, esculpturas, ourivesaria, tecidos, ceramicas, esmaltes, mobílias, etc. etc.

A escola de rendas, para meninas, tem cursos de desenho e professoras especiaes dos pontos e malhas das rendas antigas e modernas: é uma academia; e o mesmo succede com os trinta cursos industriaes que ali se professam.

O pavimento de grande parte do andar terreo é de fino mosaico feito nas casas de correcção.

Tem uma livraria especial para estudos de arte, onde se paga a admissão. O movimento artistico e industrial nos grandes paizes estuda-se melhor n'este museu que em Paris.

Nas salas de pinturas, aguarellas, etc., trabalhavam em copias muitas senhoras.

D'aqui ao Museu britannico é uma legua em ruas de grande movimento. E' um edificio quadrado, com dois pavimentos; está aqui a maior e mais importante livraria do mundo. A sala de leitura, circular, será quasi das dimensões do Colyseu novo, em Lisboa. Nas estantes d'esta sala estão 80:000 volumes; nos corredores que a cercam, e em alguns salões ha dois milhões de livros.

Em Paris os museus são galerias elegantes e series de salões luxuosos e artisticos. Em Londres collossaes armazens. Se no Louvre ha dois mil vasos gregos, no British Museum ha 20:000. Ha no Louvre duas salas regulares com objetos egypcios, no British Museum ha tres salões, como a celebre *casa do risco* do Arsenal da Marinha, cheios de pharaohs, escarabéos, esfinges e papyros.

Entra-se no vestibulo que parece um terreiro com abobada, e á esquerda está um salão com manuscriptos illuminados, e outros com autographos, e series de vitrines com sellos, e manuscriptos orientaes, e codices gregos, romanos; depois a imprensa, os primeiros livros, a typographia nos differentes paizes, a encadernação, os alphabetos, etc. Teem maravilhas.

Na collecção de estampas ha uma sala, que é um prefacio, onde n'um relance se conhecem as escolas da gravura, e depois as galerias onde expõem milhares de estampas preciosas classificadas por especies e epochas. A installação não é luxuosa; as portas envidraçadas dos armarios estão dispostas em molduras. Para ser admittido na sala de leitura é preciso ir á secretaria, ser apresentado, escrever o nome e residencia n'um livro; dão um bilhete com talão, onde se marca o numero de dias para o estudo que se quer fazer; este bilhete é valido só para esses dias; depois apresenta-se esse bilhete ao porteiro da sala, e este entrega-nos o talão.

Entra-se na sala de leitura e póde consultar-se o enorme catalogo de referencias. Se o livro está na sala o leitor mesmo o póde ir buscar, e fica obrigado a pol-o no seu lugar; se não está na sala vac ao balcão central e apresenta o pedido por escripto a um empregado.

O catalogo que está á disposição dos leitores comprehende uns dois mil volumes, in-folio, de 200 a 300 paginas, com indicações das obras, muitos bilhetes collados nas paginas, notas á margem, muitos subsidios emfim, sem preocupação alguma de fórma. A palavra *Portugal* tem tres volumes; o palavra *Camões* umas oito paginas.

Eu não fui apresentado; succedeu o seguinte: Estava eu na collecção dos vidros e passou junto de

mim um guarda. Os guardas não teem fardamento, conhecem-se porque trazem uma bengala alta. A vara ou bengala é distinctivo muito empregado. Em Madrid os officiaes de serviço trazem uma bengalinha.

Em Paris, em Notre-Dame, quando o prégador foi para o pulpito precedia-o um porteiro com grande bengala, batendo fortemente com a ponteira no lageado. Em Londres vi frequentemente o uso da bengala significando auctoridade.

O guarda passou e eu pedi-lhe informação sobre certo objecto; elle foi logo chamar um empregado da secção; este, depois de conversar uns minutos, disse-me que o sr. Franks, conservador do museu, poderia dar-me informação mais completa.

—Eu não desejo incommodar, isto é simples curiosidade. . .

—Não incommoda nada; dê-me o seu cartão de visita.

Momentos depois apparecia o sr. Franks, cavalheiro idoso, alto, vestindo de preto (notei que os empregados superiores em Inglaterra, em serviço, vestem de panno preto); é um erudito muito amavel, sem *pose*; percorremos algumas salas.

Na conversa fallou-me de Portugal, e do sr. H. Major, author da *Vida do infante D. Henrique*, na occasião ausente em Italia. a tratar da saude, e que infelizmente falleceu um mez depois.

H. Major era conservador aposentado do Museu.

—E' um louco por assumptos portuguezes. Elle gostaria immenso de conversar com você.

O sr. Franks indicou-me depois um livro; e foi por isto que pedi admissão na Bibliotheca. Como ha telephones por toda a parte é possivel que dissessem alguma cousa á secretaria; o que é certo é que me deram promptamente o bilhete de admissão.

Estariam 400 leitores na sala, todos em logares numerados; carteiras grandes e pequenas, em filas que irradiam de junto do grande balcão central, onde em duas prateleiras, nas faces externa e interna, estão os in-folios do catalogo.

Empregados e leitores de chapéo na cabeça.

Só tres quartas partes do vasto salão circular estão francas ao publico.

O resto está vedado, ahi estão muitos empregados trabalhando.

Creio mesmo que não ha officinas porque em varios pontos do museu vi operarios trabalhando, concertando louças, por exemplo.

A defeza contra a multidão, a *mob*, é necessaria em Londres.

Nas grandes galerias de esculptura, do Egypto, da Assyria, etc., onde só ha grandes peças, nos bancos, junto das bocas dos caloriferos, havia muita gente que não visitava ou não estudava as colleccões, ia passar tempo, lêr jornaes, cavaquear.

Abre-se ás 10, fecha-se meia hora antes do sol posto. A' noite, durante duas horas, abrem-se as galerias do primeiro pavimento, illuminadas com focos electricos de incandescencia.

5 horas da tarde, toca o sino a sahida; parei no vestibulo. Saem os leitores, o publico das galerias, os empregados que vão entregar senhas a um porteiro especial, os policias. Talvez 200 empregados, e uns 80 policias.

Westminster. Domingo, 8 de março. Um grupo de edificios collossaes; abbadia, o parlamento, um hospital, as repartições officiaes das colonias, etc. O templo estava fechado quando cheguei, porque ao domingo só se abre para os officios religiosos. Passei pela praça. Grandes estatuas de Russell, Palmerston, Derby, Disraeli, os ultimos estadistas chefes. Junto da estatua de Disraeli algumas lembranças de amigos e parentes.

Mesmo da rua se conhece a divisão das repartições coloniaes porque ha letreiros nas portas e janellas.

Todos estes edificios teem um tom muito escuro; agora quebrado pela neve. Parecem de ferro.

São phantasticos, com as suas grimpas, ogivas e botaréos.

Duas horas; o sino de Westminster deu algumas badaladas graves, compassadas. Abriram as portas; entrei pela do cruseiro na vasta nave. Um braço do cruseiro é do tamanho do corpo da igreja de S. Francisco, mais alto, com columnas. Estatuas e monumentos funebres por todos os lados; classificados; almíranes e generaes a um lado: oradores, estadistas a outro.

N'um grupo Newton, Herschell, Darwin. No outro braço do cruzeiro Shakespeare presidindo aos homens de letras. Carlos Dickens ahí repousa, sob campa de marmore escuro, com letreiro em bronze.

Watt, tem uma grande estatua, com o seu em-bolo e balanceiro, e um dizer simples *A Inglaterra a Watt, que nobilitou a sua patria augmentando a força do homem.*

E' sério e suggestivo todo o interior do templo, brandamente esclarecido pelas esguias vidraças antigas, historiadas como illuminuras de velhos livros de horas.

Entra muita gente, é incessante o chegar de trens, de equipagens bem postas.

Em breve os cadeirados estão cheios, ficam muitas pessoas de pé pelas coxias centraes.

Nos cadeirados ha biblias, livros de orações, e papeis avulsos com a letra do hymno e do psalmo, do dia, em verso inglez, e o nome do conferente, dr. Patherto, conego e academico. Começou a tocar o orgão. Que esplendido orgão! os sons gra-

ves pareciam estremecer a cathedral; e começou a entrar o clero, em cortejo, para o côro que fica na nave central.

Resaram o officio. O conferente subiu ao pulpito; nada de grande oratoria; uma conferencia, parte de serie, sobre direitos e deveres, dita e lida, nas citações por vezes extensas, como uma lição n'um curso superior. Foi ouvido com muita attenção. Outra vez o orgão, e o publico todo, excepto eu, creio, entoou o côro.

Estava ali muita gente de alta posição social, com certeza; famílias inteiras; tudo cantava a meia voz dando um effeito de profunda espiritualidade.

Junto de mim estava uma familia com creanças encantadoras que me fizeram lembrar um dito de um arcebispo de Evora. Uma familia ingleza com creanças bonitas e louras visitou o paço archiepiscopal, e o prelado foi mostrar-lhe aquella maravilhosa pintura da Senhora da Gloria, entre anjos cantando e tocando instrumentos.

—Porque é que os anjos catholicos se parecem com meninos de herejes? disse o prelado para alguem que estava proximo.

Voltei no dia seguinte a Westminster para visitar os jazigos da nobreza; ha um veneravel guia especial e uma taxa fixa de remuneração. Lá estão jazigos das familias Talbot, Arundel, Cambridge, e Lancaster, do sec. 14 e seguintes, que podem importar a portuguezes.

Um formidavel conjuncto monumental, e artistico, guardado e conservado com attenção intelligente.

Na Torre de Londres, um armazem de armas e armaduras, ha muita cousa hespanhola, da Grande-Armada, principalmente. Esta Grande-Armada foi uma mina para os museos britannicos. Estão ahi tambem as joias da corôa. Os guardas da tor-

re de Londres, antigos policias, usam um fardamento tradicional; parecem homens d'armas do sec. 15. Os inglezes são extraordinariamente conservadores.

Para ir de Londres examinar os papeis do veneravel ancião Ribeiro Saraiva, fallecido em S.^t Peters in Kent, segui a ferrovia até Broadstairs.

Tres horas de comboyo, em caminho maior de um terço, que o de Evora a Lisboa.

Nos compartimentos ha avisos ao publico contra gatunos e jogadores.

Estive alguns dias no campo, porque S.^t Peters pôde dizer-se uma parochia rural. As casas ali são construidas de pederneira, e o templo, e alguns muros; não ha outra pedra. As terras admiravelmente tratadas. Trabalha-se muito: na lavoura empregam cavallos possantes.

As casas do lupulo com as coberturas conicas sobresaem nos casaes.

Visitei n'um hora de folga uma quinta proxima, de nove hectares de superficie cultivada pelo proprietario. A casa de habitação n'um páteo, tendo aos lados casas de operarios permanentes, e officinas, cavalariças, galinheiro, vaccaria, porcões; tudo bem tratado.

As casas de operarios com suas commodidades baratas; muito assejadas.

Em geral os trabalhos são pagos ás horas. O operario se não tem trabalho no campo, tem-n'o em casa, faz cestos, utensilios de madeira, alfaias agricolas. Faz meia, camisolas de lan, se fôr preciso.

Todos procuram ter em casa uma garrafa de Porto e uma botija de genebra de Hollanda, para offerecer á visita.

O aspecto das creanças denota muitos cuidados; a gente ingleza é fundamentalmente educadora. Vi todas bem vestidas, com tecidos fortes, grossas meias, muitas com luvas espessas, de lã.

Por toda a parte ha associações de beneficencia. E' um povo forte.

Ha burros no Kent; fiquei admirado depois do que se fallou da compra do burro de Cintra pelo principe de Galles. Pois ha burricos, e bonitos, para passeios a Margate e a Ramsgate, cidadesinhas que ficam proximas, na beira-mar. Todos estes sitios são muito frequentados no verão pelas familias londrinas.

E vi com admiração entre gallinhas britannicas um negro e altivo gallo hespanhol, talvez descendente de algum gallo que viesse na *Grande-Armada*, que não esquece na tradição popular ingleza.

Na legação portugueza encontrava sempre o sr. secretario Castro, e um empregado inglez, fallando portuguez e conhecedor de Portugal, o sr. Manders, excellent informador na immensa Londres.

No andar nobre está o gabinete e sala do ministro, sr. Soveral, que foi muito amavel comigo.

A secretaria é no réz do chão. Ahi encontrei algumas vezes o sr. Pinto Bastos, e o sr. barão da Regaleira, que esteve em Londres comprando mobilia para o Turf-Club.

Na legação pesava no momento o aguaceiro da questão ingleza com muita correspondencia, e longos telegrammas em cifra.

Não longe da legação está uma estação de telegrapho e correio unicamente servida por senhoras, velhas e novas. Vi na estação, e em varios estabelecimentos londrinos um *guichet* especial, o da caixa economica.

Passei algumas horas das noites, em Paris e Londres, em estabelecimentos de instrucção popular.

Em Paris ha uma bella instituição moderna — Enseignement populaire supérieur subventionné par la ville de Paris — onde, entre outros cursos, se fa-

ziam conferencias sobre *Historia nacional*, e *Historia da cidade de Paris*.

Em Londres, em Regent-street, está o *Polytechnic Institute*, onde se ensina tudo, á vontade, desde assumptos de economia domestica, até applicações de electricidade. Paga-se mais ou menos, de 20 a 120 réis, para assistir aos cursos.

Por 120 réis ouvi ahi, n'um salão como o da Trindade, em Lisboa, mais severo, quasi ecclesiastico, durante duas horas, das 8 ás 10, com pequenos intervallos, o sr. Brandram, formoso velho encasacado, recitando trechos classicos, de Shakespeare, Addisson, Macaulay, etc. Estariam 1:500 pessoas, na maioria gente nova, que não pertenciam seguramente ás classes superiores.

Em instrucção, em mutuo auxilio, nos meios de armar o individuo para a lucta da vida, estamos extraordinariamente atrazados. E' desoladora a comparação,

Na torna viagem, em Paris, visitei a Bibliotheca de Santa Genoveva. Occupa edificio apropriado, junto do Panthéon, e da escola de direito, proximo do Luxemburgo.

Na frontaria estão gravados os nomes dos homens eminentes, e fiquei consolado ao lêr nomes portuguezes, João de Barros, Camões, S. Antonio de Padua.

Desejando visitar a Bibliotheca pediram o cartão de visita, e appareceu logo o sr. Lavoix, conservador. Fiquei admirado da promptidão.

O sr. Lavoix, muito amavel, explicou; vira o nome de um portuguez, e tal visita na occasião cahia como sopa no mel, por causa da livraria do fallecido Ferdinand Denis, que tão amigo foi sempre de Portugal.

Ferdinand Denis foi por muitos annos empregado ali, por bastante tempo conservador, e chefe, e fe-

chou a sua longa e util carreira legando os seus livros á sua querida Bibliotheca. A importancia maior do legado está nos livros portuguezes, brazileiros, e hespanhoes. Poucas livrarias particulares ha em Portugal que se lhe ponham a par, só na colleção portugueza.

Eu percorri os livros com o espirito cheio de gratidão e respeito por aquella nobre actividade que tantos serviços prestou a Portugal.

E a proposito de estrangeiros que se importam com Portugal não esquecerei que tive occasião em Londres de visitar o sr. Youle, opulento banqueiro. Logo em frente da porta de entrada *A torre de Belem*, a oleo. Na casa de jantar e no gabinete de trabalho os melhores quadros de Annunciação, que tenho visto; e muitas outras cousas portuguezas. O sr. Youle começou a sua vida commercial em Lisboa. E' um formoso velho còr de rosa, fallando regularmente a nossa lingua.

Paris, 15 de março, domingo. Vamos para Madrid. A's 11 da manhan na gare de Orleans.

Passeiava na plataforma, e vejo um grupo portuguez, espéra! um rapaz da Casa Pia d'Evora, com o seu bonnet de uniforme; despediam-se de uma mulher que os acompanhou á gare.

Percebi pelas ligaduras que eram clientes de Pasteur. Foi-se a mulher.

—Agora acabou-se, dizia um pequeno, filho do hortelão da Casa pia, ninguem nos entende.

—Cá vou eu, menino.

Que espanto!

—Então tem tido noticias do sr. Paula Robertes? do sr. João Barreiros?

Que assombro!

Acompanhei-os até Madrid. Gostei de vêr a maneira como os chefes de gare os trataram; ha instrucções especiaes para os mordidos que vão a Paris, e são bem cumpridas.

17 de março, 6 da manhan. Madrid.

Uma visita ainda ao museu do Prado, á Universidade central, e ao museu de archeologia.

Em 18, ás 9 da manhan parti de Madrid. Pouco depois tornava a vêr o admiravel panorama do *el-Gréo*, e dos montes de Toledo vestidos de neve.



OBSEKVAÇÕES

I

Escuela superior de diplomática.

Faz parte da Universidade central de Madrid. É um curso parecido ao de Bibliothecarios-Archivistas creado em 1887.

Divide-se em 3 grupos.

1.º

Gramatica historica comparada de las lenguas romances.

Paleografia general y critica, diplomática y ordenacion de archivos.

Geografia antigua y de la edad media, especialmente de España.

2.º

Historia literaria.

Historia de las instituciones de España en la edad media.

Archeologia y ordenacion de los museos.

Exercicios praticos de classificacion, catalogacion y arreglo de archivos.

3.º

Bibliologia y ordenacion de bibliothecas.

Historia de las instit. de España en la edad moderna.

Numismatica y epigrafia.

Historia de las Bellas-Artes.

Exercicios praticos de classificacion, catalogacion y arreglo de Museos.

Idem de Bibliothecas.

O curso portuguez ficaria quasi igual com a cadeira de Historia das instituições. É director o sr. Rada y Delgado.

Secretario o distincto lente de paleographia, sr. Munoz y Rivero.

II

Escola de Louvre.

Professa-se no Louvre um curso superior de erudição e historia das artes: é semestral: tem oito cadeiras: lições ou conferencias semanaes, excepto na 4.ª cadeira. É director d'esta escola o sr. A. Kaempfen, que é tambem director dos museus nacionaes. Duas cadeiras tem substitutos ou ajudantes.

1.ª Archeologia nacional (A. Bertrand; S. Reinach).

2.ª Archeologia oriental e ceramica antiga (Heuzey; Pottier).

3.ª Archeologia egypcia (Pierret).

4.ª Demotica. Direito egypcio (Reveillout).

5.ª Epigraphia oriental; assyria e phenicia (Ledrain).

6.ª Historia da pintura (G. Lefenestre).

7.ª Historia da esculptura na idade-media, e no renascimento (Courajod).

8.ª Historia das artes applicadas á industria em França (E. Molinier).

O sr. Revillout ensinava demotico nas segundas feiras, copta nas terças, e antigas instituições egypcias nos 1.º e 3.º sabbado do mez.

Todos os professores tem nomes respeitaveis na erudição moderna.

III

A Bibliotheca Nacional de Lisboa divide-se em XIV secções.

- I Historia e geographia.
- II Cartas geographicas.
- III Numismatica.
- IV Sciencias civis e politicas.
- V Religiões. Sciencias ecclesiasticas.
- VI Biblias.
- VII Sciencias e artes.
- VIII Bellas-artes.
- IX Estampas.
- X Philologia e bellas-lettras.
- XI Jornaes.
- XII Paleotypos e reservados.
- XIII Manuscriptos.
- XIV Polygraphia.

IV

Gravuras na Bibliotheca Nac. de Paris.

Tem cartas de jogar, grav. em madeira em 1488.

A gravura em França tem desde o seu começo muita importancia; apresenta uma bella serie de grandes artistas, cujos nomes ornarn o friso das estantes.

- J. Duvet (1485-1562).
- E. Delaune (1519-1583).
- Androuet du Cerceau (1515-1585).
- J. Calloe (1592-1635).
- C. Gelléc (1600-1682).
- J. Morin (1612-1666).
- Poilly (1622-1693).
- Pesne (1623-1700).
- Nanteuil (1626-1678).
- Bouzonnet, Stella (1634-1697.)
- Masson (1636-1700).
- Audran (1640-1703).
- Drevet (1697-1748).
- Cars (1702-1776).
- Vivarés (1709-1782)
- Moreau (1741-1814)
- Bervic (1756-1822).
- Bouchers-Desnoyers (1779-1837).
- Gericault (1781-1824).
- Charlet (1792-1845).
- Raffet (1804-1860).

A collecção de estampas da Bibliotheca Nacional de Lisboa é

pouco numerosa, mas representa e demonstra muito bem a historia da gravura. Assim a podessemos iustallar convenientemente. As installações de Paris e Londres são modestas; excepto na disposição de estampas, gravuras ou desenhos de primeira ordem, em que usam cartões muito caros.

A Bibliotheca de Evora possui tambem desenhos e gravuras; a collecção de gravuras tem importancia. Tem bellos exemplares de Durer, Rembrandt, Audran, etc. Ha tambem n'esta Bibliotheca algumas chapas em cobre mandadas abrir por Cenaculo.

V

Gravuras no British Museum.

Uma pequena sala com talvez 100 gravuras nas vidraças dos armarios, mostrando os principaes mestres, da *Biblia pauperum* até 1850.

Tres compridas salas com vitrines centraes onde brilham moedas e medalhãs; nas vidraças dos armarios que forram as salas alguns milhares de gravuras, em series, terminando todas em 1850.

Historical series of etchings, (desde 1500).

Historical series of stipple engraving, (desde 1750).

Historical series of line engravings (desde 1480)

Historical series of wood engravings, (desde 1460).

Historical series of mezzotints, (desde 1650).

VI

Cartas geographicas na Bibliotheca Nacional de Paris.

Estavam na collecção exposta algumas que importam a portuguezes.

A collecção comprehende umas 50 cartas. Os numeros são os da collecção geral.

Carta de Africa occidental, em 1534, por Gaspar Viegas (n.º 452).

Carta de Africa em 1599, por Evert Gisbert; é uma carta hollandeza feita sobre trabalhos portuguezes, com o escudo das quinanas (n.º 462).

N.º 466 e 467. Brazil e Africa.

N.º 404. Portugal e parte de Africa.

Todas estas cartas com as quinanas portuguezas.

VII

Cartas geographicas. No Museu britannico no corpo central da grande galeria consagrada á historia da imprensa, em logares principaes, nas paredes:

Carta de Diego Ribero, datada de 1529, com a linha de separação dos dominios ultramarinos entre Portugal e Hespanha.

Planispherio (fac-simile) mandado de Lisboa a Hercules d'Este por Alberto Cantino, em 1502. As designações de logares em hespanhol e portuguez. O original pertence ao museu de Modena.

Em frente d'estas cartas está uma grande gravura em madeira representando o sitio e ataque de Aden por Affonso de Albuquerque. Gravada em Antuerpia em 1513.

VIII

Biblia hebraica manuscripta e illuminada da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

É celebre esta biblia, e citada em alguns guias; por isto os visitantes estrangeiros pedem para a ver. Foi escripta por um judeu, e illuminada por artista francez, em Hespanha no findar do seculo XIII. O trabalho de illuminura é variado, sempre fino; o artista n'uma pagina apresenta entrelaçados arabes, noutra ornatos bysantinos; agora arcos de pleno cintro, logo em volta de feradura, depois em ogiva; uma confusão singular.

Ha na collecção de mss. illuminados da Bibliotheca nacional de Paris, um codice com identica ornamentação. É o volume das *Etimologias*, de Isidoro de Sevilha, feito em 1072, em Hespanha. Está classificado como *mozarabe*.

IX

Antographos. Na collecção de autographos do British Museum ha dois interessantes a portuguezes.

N.º 72. Carta de Sir Arthur Wellesley, depois duque de Wellington (1769-1852) ao general Roberto Wilson prevendo o cerco de Ciudad Rodrigo, datada de Lisboa, 2 setembro 1809.

N.º 74. Carta de H. J. Temple, visconde Palmerston (1784-1865) a R. B. Hoppner, representante britannico em Lisboa, sobre o caminho a seguir no caso de hostilidades, se D. Pedro IV. conseguir desembarcar. Datada em 18 de junho de 1832.

X

Óla, ou folha de óla.

É uma folha de palmeira preparada, em que se escreve gravando com ponteiro ou estilete. Era usual na India meridional, em Ceylão, e tambem em Java. Ha na Bibliotheca Nacional de Lisboa uma *óla* disposta e escripta com os mesmos caracteres do n.º 143 da *Case F* dos mss. em exposição no British Museum. Diz o bilhete junto que os caracteres são Kannadi, do Mysore.

Ha ali outras parecidas, cingalezas e burmezas. E tambem um *stylus* cingalez, de latão, para abrir os caracteres nas ólas.

Ha uma *óla* burmeza, lacreada, sendo os caracteres formados de aljofares embutidos no lacre.

XI

Apocalypse da Torre do Tombo.

Pertenceu ao mosteiro de Lorvão, e agora pertencê ao Archivo da Torre do Tombo este volume em pergaminho com illumina-

ras, importante sob varios respeitos, principalmente para a historia da arte. As suas ingenuas pinturas dão-nos elementos preciosos, unicos para o conhecimento da indumentaria e do mobiliario do seculo XII. Foi escripto por Egas ou Egeas na era 1227, anno 1189..

Jam liber est scriptus
Qui scripsit sit benedictus.
Era M.CC.XX.VII.

No *British Museum, Grenville library*, secção dos mss. illuminados, *case 3*, sob os n.ºs 29, 30 e 31 estão tres copias do Apocalypse, assim classificadas :

29, latim e francez, miniaturas de artista inglez.

30, latim e francez, artista francez.

31, francez, artista inglez.

São mui diversos do mss. da Torre do Tombo que julgo ser bem portuguez.

XII

Imprensa portugueza no Oriente.

Estão expostos no Museu Britannico dois volumes : os — *Colloquios dos simples* — de Garcia da Orta, impressos em Goa : e — *De missione legatorum japonensium ad romanam curiam, versus ab Eduardo de Sande, Macão, 1596* — .

XIII

Contas de vidro matizado.

No Algarve e em Chellas, proximo de Lisboa, tem apparecido estas curiosas contas perfuradas. Obtive uma inteira em Chellas que offereci para o gabinete de antiguidades da Bibliotheca Nacional de Lisboa. E algumas partidas que dei á Bibliotheca de Evora. Consta-me agora que appareceram contas eguaes na villa das Alcaçovas. Vi uma grande, na collecção egypcia do Louvre ; outra em um collar no gabinete de joias antigas tambem do Louvre. No Museu britannico, no 4.th *egyptian room*, estante B, numero 16815, está uma igual ás de Chellas ; e na *Glass and ceramic gallery*, do mesmo museu, algumas inteiras ou partidas, de proveniencia incerta.

Constituem um problema archeologico estas contas. Ha vasos e objectos de vidro de equal fabrico, phenicios e etruscos, na classe *Anphorishi* *and alabastrz*, no 1.^o *vase room*, do M. Brit.

Tem apparecido em *tumuli* em Aalborg e no Jutland, com objectos da idade do ferro, e em sarcophagos do Egypto. E em Dakkeh, na Nubia. E entre arabes consideradas como amulettos.

Em Inglaterra, em sepulturas pre-romanas, em Canterbury e no Somersetshire.

Tem sido chamadas *contas de druida*, *gleiminadroeth* or *glas-sadders of the druids*; the *druid anguinum*, *snake stones*, *cor anguinum*. *Ovum anguinum*, Plinio, l. 29. c. 3.^o).

No vol. 45 da — *Archaeologia* or *miscellaneous tracts relating to antiquity* — vem um interessante artigo sobre estas contas : *On glass beads with a Chevron Pattern*, by John Brent, esq *Read June, 13, 1872* — .

XIV

Jade.

Existe no museu da Bibliotheca eborense um objecto de pedra que por muito tempo ignorei o que fosse. A pedra é verde muito esvaído, translúcida, com sulcos e furo artificiaes, muito polida. Tem dois decímetros em comprimento.

É *jade* oriental. Ha no Museu Britannico jades da China e das ilhas de Sonda, com aspecto e trabalho iguaes.

XV

Dente de narval. O que está na Bibliotheca Eborense tem 2.^o25 de comprimento. É direito, e muito regularmente espiralado. Dizem que ha dentes de narvaes com tres metros de comprimento. Os que vi no *Bethnal green* (M. de Historia Natural) e na secção de ethnographia (M. Brit. Groenlandia), e vi muitos, são menores, e nenhum tão perfeito como o eborense.

XVI

Terra-cottas. Enorme collecção no museu britannico: são milhares de estatuetas de barro cosido que enchem os escaparates da vastissima galeria.

Os principaes grupos são de Canosa, Tanagra, Cyrenaica, Centorbi, Capua, Tarento, Sardinia, Chypre.

Entre os de Tanagra ha figurinhas encantadoras. Nos grupos Chypre e Capua vi algumas terras-cottas, rudes, singelas, que recordam as figurinhas de barro que de ha muito existem no gabinete da Bibliotheca Nacional de Lisboa, e no museu da Bibliotheca d'Evora.

Um episodio. No museu archeologico de Madrid ha uma collecção d'estas figurinhas gregas. Eu, vendo uma estatueta de Tanagra, uma rapariga gentil, pequena cabeça, airoso penteado, o busto n'um chale cruzado sobre o seio, disse para o guarda ou continuo que me acompanhava:

— Esta grega parece uma hespanhola.

— Parece uma rapariga de Sevilha; emendou elle, e bem. Já se tem notado parecenças entre gregas antigas e andaluzas modernas.

As modernas explorações tem revelado milhares de terras-cottas, mas ha já muitas falsificações.

XVII

Amulétos. No museu britannico entre as collecções pre-historicas ha uma denominada *Superstitious use of stone implements*, onde vi alguns amulétos que recordam os ainda actualmente usados em Portugal.

A maioria dos objectos d'essa collecção pertence á Italia, especialmente do sul. Vi ahi pequenos machados de pedra furados, e pontas de silex engastadas em prata, com argola para pendurar.

XVIII

Retabolo da Sé velha de Coimbra.

É um trabalho admiravel em madeira, em gothico florido, infelizmente bastante arruinado; não tanto que seja impossivel reconstituil-o. Vi exemplares de trabalhos em madeira notaveis, especialmente no Museu de Cluny. Ha um retabolo, arte franceza, seculo xiv, representando a *Passão*; outro grande fragmento, arte hespanhola, do seculo xv; etc.

Nenhum eguala o de Coimbra em belleza e execução.

Fiquei tambem ainda mais convencido de que o cadeirado do côro da Sé eborense é extraordinario.

XIX

Triptyco esmaltado, da Bibliotheca Eborense.

Vi em Paris duas grandes collecções de esmaltes, no Louvre, sala das joias, e no museu Cluny. O South-Kensington Museum possui uma serie admiravel tambem. Em qualquer d'estas collecções o esmalte eborense faria excellente figura.

Como os esmaltes pequenos do museu eborense vi alguns em encaernações de livros religiosos, e ornamentação de cofres ou relicarios da idade media.

XX

Porta da sacristia da Sé de Evora.

É bem veneravel esta porta. No Museu archeologico de Madrid vi uma quasi egual, classificada como *arte mudéjar*.

XXI

Espadas de ferro da necropole de Alcacer do Sal.

No Museu de Bellas-Artes e Archeologia das Janellas Verdes estão muitos objectos de ferro provenientes de esta necropole, espadas, lanças, adagas, freios, etc. Eu possuo alguns depositados na Bibliotheca eborense.

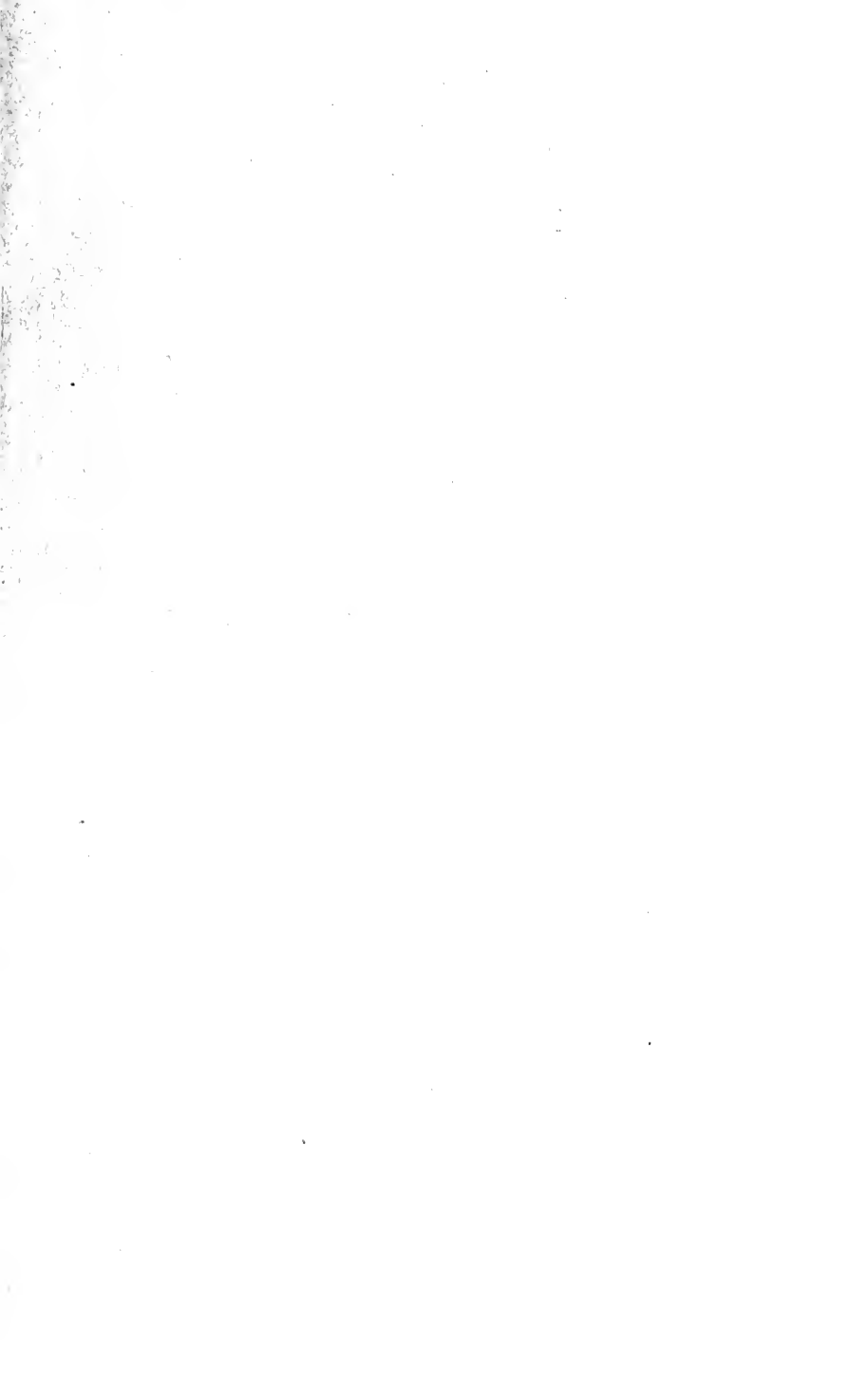
As espadas largas, curtas, e de curvas especiaes tem chamado a attenção dos cruidos.

Em vasos gregos, muito antigos, apparecem alguns guerreiros com taes armas. O sr. Cartailhac estudou-as.

Ha um achado egual em Almedenilla, perto de Cordova; bastantes objectos de este achado estão no Museu Britannico. Perfeitamente eguaes aos de Alcacer.

Fiquei admirado ao ver no museu archeologico de Madrid um *yalaga* turco, apanhado na batalha de Lepanto, com as curvas, disposição e tamanho das taes espadas de antiquissimos gregos.





GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana. O templo. As inscrições. — 3.º A Casa pia. — 4.º Loios, azulejos e obras d'arte. — 5.º Bibliotheca Publica. Noticias das collecções. — 6.º Conventos do Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. Raczyński. Pintores eborenses — 8.º e 9.º Vesperas da restauração. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A egreja de Santo Antão. Livros parochiaes. Collegiada. — 12.º O archivo municipal. — 13.º A restauração em Evora. — 14.º, 15.º e 16.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora — 17.º Evora e o Ultramar. Balthazar Jorge e Marco Antonio Pessanha. — 18.º, 19.º, 20.º e 21.º Assédios d'Evora em 1663. — 22.º Os Festejos de Evora em 1729. — 23.º Evora nos Lusíadas. — 24.º Procissões eborenses. — 25.º Exposições de arte ornamental. — 26.º Antiquidades romanas em Evora e seus arredores. — 27.º Roteiro d'um eborense.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand, e na do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

Documentos Historicos da Cidade d'Evora

Estão publicados :

- 1.ª PARTE — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII, XIII e XIV, Documentos do Cabido. Inventarios municipaes do sec. XIV. Documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º. Etc.
1 vol. de 202 pag. in-4.º — 17800 réis.
- 2.ª PARTE — Documentos municipaes do sec. XV. Doc. da Misericordia e Hospital no sec. XVI. O primeiro compromisso. Episodios eborenses na chronica de João 2.º, de Garcia de Rezende. Alfarrobeira e Toro. Regimento das procissões. Os primeiros livros de acordos capitulares, sec. XV e XVI. Capitulos de côrtes no sec. XV. Etc.
1 vol. de 282 pag. in-4.º — 27200 réis.

Assignam-se estas publicações no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranchès, praça do Geraldo, Evora.

MADRUGADAS, contos escolhidos, em casa do editor Abranchès.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

UNIVERSIDADE DE EVORA

ESTATUTOS. REGIMENTO DA LIVRARIA. JURAMENTOS E PROFISSÕES DE FÉ,
ORAÇÕES DE SAPIENCIA.



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA DA MOITRARIA N.º 3

1892

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

UNIVERSIDADE DE EVORA

ESTATUTOS. REGIMENTO DA LIVRARIA. JURAMENTOS E PROFISSÕES DE FL.
ORAÇÕES DE SAPIENCIA.

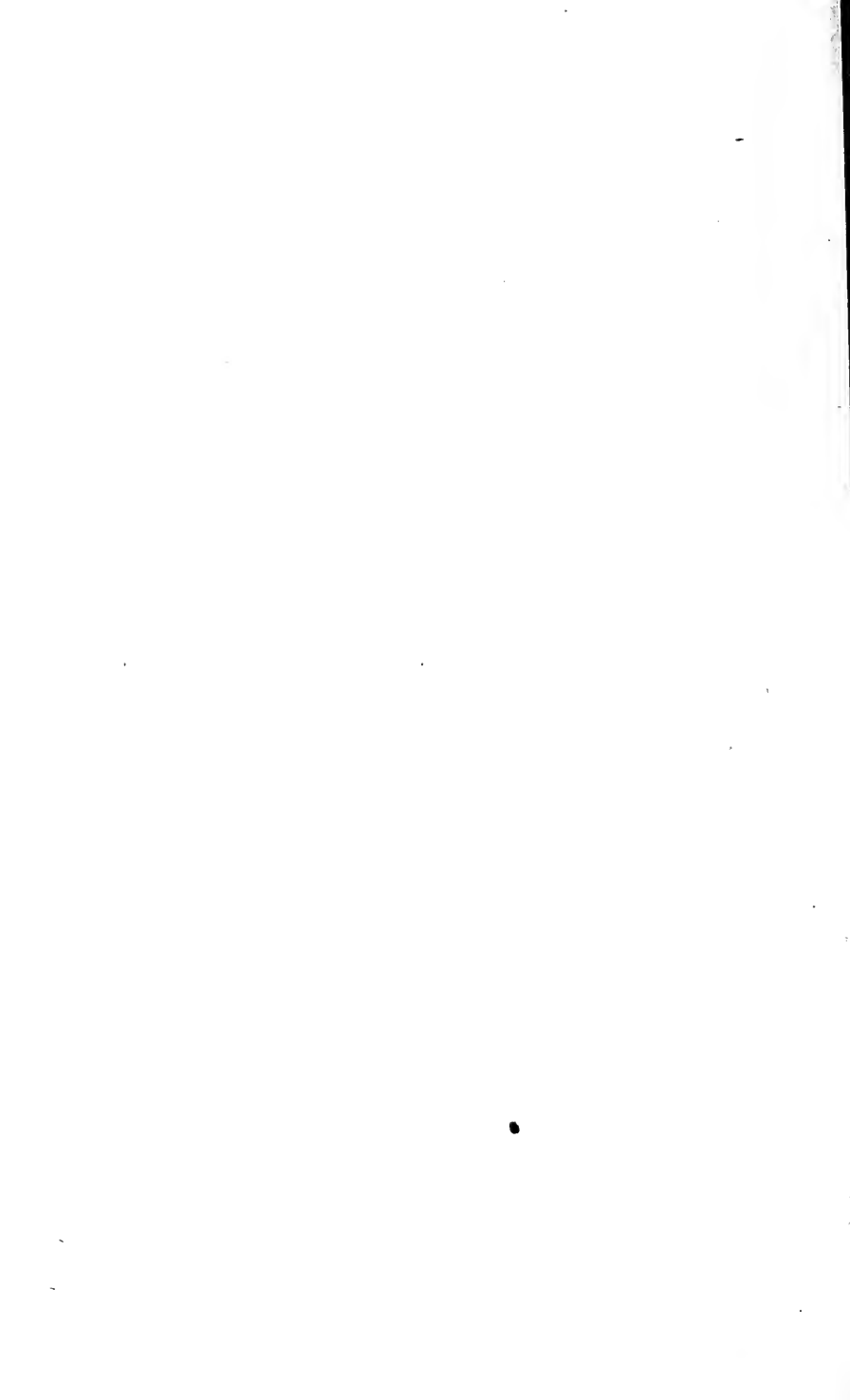


•
EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA DA MOURARIA N.º 5

1892



ESTUDOS EBORENSES

Universidade de Evora

O cardeal infante D. Henrique, arcebispo de Evora, fundára e dotára o collegio do Espirito Santo. Em 1553, em grande solemnidade, abriu as aulas de theologia, moral e letras humanas. Cercavam-no professores de muita sciencia e dedicação ao trabalho. Como em Coimbra levantassem embaraços á Companhia de Jesus, o arcebispo eborense empregou a sua diligencia para transportar para Evora o que se fizera a favor do collegio jesuitico de Coimbra.

Meios não faltavam. O cardeal tinha uma renda enorme; ao grosso cabedal da mitra eborense reunia elle fartas pensões das mitras de Braga e de Lisboa.

O cabido, o illustrissimo cabido, era grande proprietario e capitalista, e cedia a sua quota para os progressos dos estudos em Evora.

A teimosia da academia conimbricense excitou os da Companhia de Jesus. Os cursos do collegio eborense, professados por homens superiores, foram logo celebrados no paiz. Em 1556 ali ensinava philosophia o mestre que alcançou maior popularidade então, e cujo nome na tradição oral tem atravessado os tempos, o P.^o Ignacio Martins, o celebre *Mestre Ignacio*.

Havia meios, vontade, auctoridade; facilmente conseguiram o desenvolvimento do collegio em Universidade, sujeita á Companhia

Em 1559 ficou oficialmente constituida para ensinar humanidades, theologia, canones, mathematica, o quadro superior então, excepto a medicina, o direito civil, e a parte contenciosa do direito canonico.

Vieram as bullas do Papa e os alvarás d'el-rei. A mitra e o corpo capitular cediam sommas avultadas para sustentação de professores e alumnos.

Com extraordinaria pompa em 1 de novembro de 1559, o cabido, onde então figuravam bispos e notabilidades, o clero secular e regular, o senado e a nobreza, assistiram ao pontifical da fundação, e ouviram ler a bulla.

Houve orações dos padres Jorge Serrão e Simão Vieira: e Te-Deum; e repiques e salvas. De tarde representou-se a tragicomedia: *El-rei Saul*; e durante tres noites houve luminarias, descantes, musicas e encamisadas.

Mez e meio depois a Universidade recebia a visita de um homem extraordinario, cujo nome a fama apregoava então ao espanto dos povos, o duque de Gandia, o padre (depois santo) Francisco de Borja, que trocára a sua corôa ducal pelo barrete preto. Era a visita do Geral como que a confirmação da Universidade.

A Universidade abriu com duas cadeiras de

theologia, uma de escriptura, uma de moral, uma de philosophia, e sete de latim. Mais tarde o quadro desenvolveu-se em tres cadeiras de theologia especulativa, duas de theologia moral, uma de escriptura, quatro de philosophia, uma de mathematica, oito de latim, duas de ler, escrever e contar.

A Universidade tinha cancellario, prefeito, examinadores e substitutos, e formava, como a de Coimbra os seus mestres, bachareis, licenciados e douteres.

Entre os seus professores teve nomes europeus, o grammatico Manuel Alvares, o pensador Luiz de Molina, e tantos outros.

Tão bons começos para tão curta vida!

Um dia o marquez de Pombal cortou a Universidade com um traço de penna. Não a melhorou, não a reformou, não a fez progredir, nada, matou-a.

E' difficil explicar como n'este paiz de bondosos, de branduras de costumes, se tende a destruir por bruscos processos. E como facilmente se destroe o que tanto custa a fazer!

Os bens da Universidade de Evora, assim como os do collegio do Espirito Santo, foram para a Universidade de Coimbra, que de subito se viu opulentissima; que se tivesse sabido conservar o seu regimen e se respeitasse a sua tradição, estaria hoje como Oxford ou Cambridge, forte e vivendo sobre si, mas que enlevada nas delicias da desamortisação, na commodidade da verba do orçamento, na limpeza da folha mensal, arrasta vida mesquinha.

Com os bens foram os cartorios, os papeis, os velhos tombos e registos; foi uma explosão! Muitos volumes, massos e pergaminhos avulsos, estão em Coimbra; outros em Evora; outros em Lisboa.

Todavia numerosos volumes do cartorio da Universidade de Evora, os seus documentos mais principaes, salvaram-se.

Vamos reunir n'este *estudo* alguns documentos importantes da Universidade eborense.

Universidade de Evora

Cod. $\frac{111}{2-31}$ da Bibliotheca Publica de Evora.

Estatutos ordenados polo Mui alto e excellente principe, e Serenissimo Senhor dom Anrique por mercê de Deos, e da S.^{ta} Igreja de Roma Cardeal do titulo dos S.^{tos} 4. coroados, iffante de Portugal, legado, e Arcebispo de Lisboa etc. pera a universidade que ordenou, e fundou na cidade de Euora, da invocação do spu. S.^{to} com autoridade do S. Padre Paulo 4. .

E' um vol. in-fol. de 144 pag. escripto até pag. 138: em duas columnas; na primeira columna o texto, e a segunda destinada a — Reforma e emenda dos Estatutos que defronte estão escritos e nesta parte se poem somente o que nelles se deve de melhorar — .

Pag 1. Primeiro liuro dos officiaes da universidade.

Cap. 1.^o do proteitor da universidade. Era elrei D. Sebastião.

2 Transcreve o juramento delrei.

Eu el Rey proteitor da universidade de Euora, juro a estes Santos Evangelhos em que ponho as mãos, que daqui em diante quanto em mim for, empararei e defenderei a dita universidade, com todas as cousas que lhe tocarem, segundo vir que lhe mais convem a sua conservação, e proveito, e guardarei as cousas que estão postas neste capitulo de proteitor o qual me foi lido.

Capitulo segundo das cousas em que o arcebis-

de Evora, a de favorecer e ajudar a universidade.

3. Capit. 3.º do Reitor da Universidade.

6. Capit. 4.º do officio de Cancellario.

8. Capit. 5.º dos conselheiros, decanos e deputados.

9. Capit. 7.º do cartóreo da universidade.

10. Capit. 8.º do escrivão da universidade.

13. Capit. 9.º do officio do bedel.

15. Capit. 10.º da livraria.

Regimento da livraria

Averá nas escolas hua casa pera livraria da universidade na qual estarão livros de todas as faculdades em abastança, postos em estantes, e presos por cadeas, e em quadernados em tavoas com suas brochas, com seus titulos de boa letra.

O bedel da theologia terá cuidado da casa da dita livraria, abrindo-a e fechando-a com diligencia duas vezes no dia; no inverno se abrirá as 7 da menhan, e fecharseá as 11 e a tarde se abrirá duas horas, e fecharseá as 5.

E no verão se abrirá as 6 horas da menhan e se fechará as 10. e a tarde se abrirá as 3 horas e se fechará as 6. E nestas horas estará elle presente, ou alguma pessoa em seu lugar pera que os estudantes que neste tempo quizerem ir lá a estudar pellos ditos livros o possam fazer (em letra mais moderna — e serão somente os que ouvirem theologia, casos, e artes e rhetorica, e não os das demais classes de latim nem pessoas seculares).

O dito guarda da livraria terá grande vigia sobre os ditos livros, que se não furem, nem se tratem mal, e serão sobre elle carregados em receita, e todas as cousas da livraria pello escrivão da universidade em hum livro sobre si pera que dê conta de tudo o que faltar, e por-se ha um edito a

porta da dita livraria, assinado pelo Reitor, em que mande a todos os estudantes, e mais pessoas da universidade, que entrarem na dita casa que não tirem della livro algum nem parte delle, nem ponhão cota nenhuma (á margem: nem signal algũ sob pena de pagarem a valia delle em dobro) nos ditos livros, e quando sairem os serrem e fechem com todas as brochas que os ditos livros tiverem, e que enquanto estiverem na dita casa procurem ter modestia (riscado, emenda — não falem e tenham modestia —) e quietação pera se não estrovarem hus aos outros, e quem o contrario fizer será castigado, segundo que ao reitor parecer.

Terá cuidado o dito guarda de alimpar os ditos livros, e sacudilos do pó huma vez na somana, e mandar varrer a casa duas vezes na somana pello menos, e quando achar menos algum livro o fará logo saber ao reitor pera que mande fazer diligencia pera se saber quem o levou, e pera se cobrar, e castigar quem nisso tiver culpa, e tendo-a o guarda, e não se achando o livro, se comprará outro semelhante as custas do seu salario do dito guarda.

A dita livraria será cada anno visitada no principio das ferias pello reitor com ajuda dos lentes que lhe parecer o poderão mais pera isso ajudar, e o dito reitor com os ditos lentes estando presente o escrivão da universidade, e o guarda da livraria, verá os livros de cada faculdade como estão tratados, e se achar que estão damnificados por culpa dos que nelles estudarão, o reitor mandará pello guarda amoestar que o não façam e mandará reprender disso aos estudantes nas liçoens, e não bastando os mandará castigar conforme a culpa que tiverem e achando o guarda culpado, o Reitor o reprenderá e multará como lhe

parecer, comunicando com as pessoas com que fizer a dita visitação.

17. Capit. 11. do guarda das escollas.

18. Capit. 12. do Correitor.

19. Capit. 13. do officio de Conservador secular.

Era o corregedor da cidade que servia de conservador.

26. Cap. 14. do meirinho da universidade.

29. Cap. 15 do officio do escrivão dante o conservador secular.

30. Cap. 16. do escrivão dalmoçaria.

» Cap. 17. do officio do escrivão das armas.

31. Cap. 18. do escrivão das taixas.

32. Cap. 19. do Almotacé da universidade.

34. Cap. 20. do taxador das casas dos estudantes e aposentador.

41. Cap. 21. do Enqueredor, contador e distribuidor.

41. Cap. 22. do officio do sindico da Univ.^{da}.

42. Cap. 23. dos recebedores das rendas do Collegio, e universidade.

44. Cap. 24. dos sacadores das rendas.

45. Cap. 25. do porteiro dante o conservador.

» Cap. 26. do escrivão da fazenda.

» Livro 2.^o dos estatutos q. trata dos costumes dos estudantes.

Cap. 1.^o da matricula

48. Cap. 2.^o do que toca aos bons costumes.

50. Cap. 3.^o da honestidade e vestidos dos estudantes.

Não era permittido aos estudantes terem cães ou aves de caça.

Todos os estudantes andarão honestamente vestidos e calçados, e não trarão em nenhum vestido de roupeta, mantéo, pelote, meias ou calças as co-

res aqui declaradas. s. amarelo, laranja, vermelho, verde, encarnado, porem, debaixo das roupetas poderão trazer gibões, ou jaquetas de pano de cor para sua saude, com tanto que os colares não sejam mais altos que os das roupetas, nem as mangas mais compridas, e poderão outrosim debaixo de botas ou borseguis trazer calças de cores escuras, e honestas, bem cubertas, e em casa, e pela rua* onde pousarem, poderão trazer roupões de cores, com tanto que não sejam amarelos, vermelhos, laranja, verdes e encarnados.

Os manteos e roupetas compridos té o artelho.

Não trarão capas de capello, somente lobs abertas ou cerradas.

Não poderão trazer barretes doutra feição senão redondos, nem carapuças senão no tempo que andarem vestidos de dó.

Nenhum estudante estará na lição ou em algum auto publico com chapéo, ou sombreiro na cabeça, porem os estudantes pobres que pedem esmola e os criados que servirem, e mininos menores de doze annos (depois *de* 7) não serão obrigados a trazer manteos, roupetas, nem barretes.

Não trarão golpes, nem entretalhados em nhum vestido nem calçado.

Nas camisas ou lenços não trarão labores de cor algua, e porem poderão trazer labores brancos (nota — chãos e de pouco custo) com tanto que não sejam desfiados, trancinhas, cadanetas largas, ou outros labores de muito custo.

Não poderão trazer barras nem debruns de pano em vestido algum, nem luvas perfumadas.

(Nota — Nenhum estudante trará botas, borseguis, ou çapatos piquados, ou com golpes, botois ou fitas, ou de cor que não seja preta).

O meirinho da Universidade com seu escrivão, duas vezes no anno, antes do Natal e passada a

Paschoa, visitavam, sem estrondo de justiça, as moradas dos estudantes para saberem se havia mulheres suspeitas, etc.

53. Cap. 4.º da defesa das armas, e jogos e mascararas.

Não podem usar jogos de dados ou de tavoleiros com tavolas. Mascararas só em tragedias e comedias.

56. Cap. 5.º da visitação.

57. Livro 3.º que trata do exercicio das letras, autos e grãos.

Cap. 1.º das lições que ha de aver na universidade e que as não aja em outra parte.

58. Cap. 2.º dos exames dos que ouverem de ouvir latim.

Cap. 3.º do que se ade ler das artes e exame em latim, dos que as ande ouvir,

Cada curso de artes durará tres annos e meio começando-se o primeiro dia do mez de Outubro que for de lição, e nos tres annos primeiros se lerá pela manhã e a tarde. E nos seis mezes do 4.º anno se lerá somente de dialectica, o 2.º se acabará a logica, lendose nelle. . . phisicos e ethicas. no 3.º se proseguirá a philosophia, treballhando o mais que se puder ler de metaphisica, e do livro que se chama Parva naturalia. E nos seis mezes do quarto anno se acabará a philosophia.

Os discipulos exercitavam-se na declaração dos textos da Aristoteles.

59. Cap. 4.º Ordem das disputas das artes.

62. Cap. 5.º do exame e examinadores dos bachareis em artes.

65. Cap. 6.º do modo em que se dará o grão de bacharel em artes.

67. Despezas dos bachareis em artes.

Cap. 7.º das repostas que fazem os que ande receber o grão de licenceados em artes.

As férias eram em julho e agosto, mudaram para agosto e setembro. Provisão do cardeal infante a pag. 68, : por termos por informações que he tempo em que ha mais doenças na dita cidade — .

Neste codice estão registadas muitas provisões importantes e curiosas, relativas á Universidade.

- 71. Cap. 8.º das repostas menores.
- » Cap. 9.º exame dos licenciados em artes.
- 75. Cap. 10 do gráo dos licenceados em artes.
- 76. Cap. 11. do gráo de Mestre em artes.
- 78. Cap. 12 dos ouvintes da theologia.
- 80. Cap. 13. da tentativa.
- 82. Cap. 14. da ordem que se guardará nos autos da theologia.
- 84. Cap. 15. do primeiro principio.
- » Cap. 16. do segundo principio.
- 85. Cap. 17. do 3.º principio e formaturas.
- 86. Cap. 18. do principio da Biblia.
- » Cap. 19. da magna ordinaria.
- 87. Cap. 20. da Anriquiana.
- 88. Cap. 21 dos quodlibetos.
- 90. Cap. 22. do exame privado.
- 97. Cap. 23. do gráo de licenceado em theologia.
- 98. Cap. 24. das vespervas
- 100. Cap. 25. do doutoramento em theologia.
- 103. Livro 4.º dos estatutos.
- Cap. 1.º da prova dos cursos.
- 105. Cap. 2.º da festa do Espirito Santo e férias.
- O dia de assueto era a quarta feira.
- 106. Cap. 3.º dos assentos.
- 107. Cap. 4.º dos estrangeiros doutras universidades que vierem a esta, e se quizerem nella incorporar.
- Os agraduados em qualquer gráo de artes fei-

tos nas universidades de Salamanca e Alcalá (mais tarde riscaram estes nomes, e escreveram -- Coimbra —) se poderão encorporar nesta universidade no ultimo gráo que tiverem sem exame, tornando-o todavia a tomar nesta universidade, e pagando as propinas delle. E os graduados em theologia, ou qual quer gráo que seja, feitos nas ditas duas universidades, e na universidade de Paris e Lovaina se incorporarão da mesma maneira nesta universidade.

108. Cap. 5.^o das insignias dos doutores e mestres e propinas. A côr branca para as insignias de theologia, e a azul para as artes.

109 Cap. 6.^o dos chamados ao claustro.

110 Cap. 7.^o Como se curarão os estudantes pobres, e do enterramento dos estudantes.

111. Cap. 8.^o das liçoens e exercicios dos casos de consciencia.

113. Estatutos ordenados pelo mui alto e excelente principe e serenissimo Sñr. Dom Anrique por mercê de Deos e da S.^{ta} igreja de Roma, Cardeal do tit.^o dos Santos quatro coroados, iff.^o de Portugal, legado, e arcebispo de Lx.^a pera os capellaens da capella da Vera Cruz da See desta cidade de Euora, que ordenou com autoridade do Santo Padre.

Para 28 capelães; depois para 26.

Tinham preferencia, coeteris paribus, os naturaes da cidade, depois os do arcebispado, em seguida os do reino.

Ouviam casos de consciencia.

121 Estatutos. . . pera os capellaens da capella de S. Joam da Sé de Evora.

Pera 24 capellães, que ouviam artes e theologia.

130. Registo de algumas provisões especiaes,

para o caso de haver peste, etc. e da carta de confirmação dos estatutos passada por D. Sebastião em Lisboa, em 28 de novembro de 1577.

135. Provisão sobre a impressão das conclusões.

Collegio de N.^a S.^a da Purificação, e do hospital para os collegiaes. Carta passada em Almeirim a 29 de Janeiro de 1580. Manda applicar ás obras 2500 cruzados por anno.

Este codice esteve em uso muito tempo; tem córtes, emendas, etc. Referi-me sempre ao texto primitivo.

Orações de sapiencia

(*Bibliotheca Nacional de Lisboa. Manuscriptos.* Cod. P. 6. 26.) Volume in-fol. grande; 300 e tantas paginas. Excellentemente conservado. Na lombada; *Acta publice in Ebor. Academia.* Encadernado em pergaminho branco.

— — *Hoc libro continentur ea quae acta sunt publice in hac Eboresi academia ab anno 1620.* — —

As orações de sapiencia na abertura dos trabalhos escolares na Universidade eborense enchem principalmente este codice.

Pag. 4. Oratio in laudem Scientiarum habita á P.^e Fr.^{co} Ferreira Magistro Primario Anno 1620. Kal. Octob.

Ha referencias neste discurso ao aqueducto e ás fontes eborenses, especialmente á fonte da praça do Giraldo, monumento unico no seu genero no paiz.

9. Sapientiae commendatio habita á fratre Blasio Dias kal. octobris 1621 anno.

Estes discursos estão cuidadosamente copiados por differentes calligraphias neste codice.

13. Sapientiae commendatio habita á fratre Gregorio Domingues magistro secundano kal. octob. 1622.

26 v. — Certamen poetico em tempo do P.^e Francisco Costa.

Seguem poesias latinas, epigrammas, carmens, paraphrases dos psalmos, hymnos. Quanto talento, quanto trabalho!

Muitas poesias alludem a episodios da vida de S. Luiz Gonzaga: a S. Francisco Xavier; aos martyres do Japão.

57 v. Oratio pro sapiae laudibus habita a P. Balthasar Telles Magistro primano. Anno 1623.

61 v. Tragicomaedia D. Ignatius nuncupata in honorem ejusdem Sancti Patriarchae nostrae. Soc. Fundatoris acta. Auctore Patre Antonio Ferreira Rhetorices professore atque in Academiae atrio publicum data in theatrum die XV et XVI maii anni Dni. 1622.

1.^o acto. Ignacio militar.

2.^o » A conversão.

3.^o » Os estudos. A confirmação da Sociedade.

4.^o » Caminho de Xavier para a India.

5.^o » A morte de Ignacio,

Depois o coro triumphal.

Nesta tragedia entram pagãos e christãos, orthodoxos e hereticos, virtudes e pecados, danças, quadros vivos, anjos, cortejos funebres, outros triumphaes etc. etc.

119. Uma declaração de que falta a oração de sapiencia recitada pelo mestre João da Rocha, em 1624.

120. Oratio pro sapientiae commendatione habita á P.^e Benedito do Valle rhetorices magistro primario cal. octobr. anni 1625.

Referencias a D. José de Mello e á fundação do Collegio de S. Manços.

126. Discurso do P. Balthazar Saraiva, em 1626.

130. Discurso de Diogo da Areda em 1627.

O mesmo pronunciou o discurso em 1628.

141 v. Discurso do P.^e Francisco da Veiga.

E um pequeno discurso (oratiuncula) do mesmo padre, e no mesmo anno em honra da Santa Cruz.

146. Discurso do P.^e André Fernandes em 1633.

155. Discurso do P.^e Jeronimo Nunes, 1634.

166. Certamen poeticum... á memoria de Fernando e de Joanna, principes do reino da Lusitania

São pequenas peças em verso.

170. Discurso do P. Antonio Pinheiro.

179 Extemporanea pro Sapientia oratio intra septem confecta dies, et pro rostris habita a patre Andreas Frz. primario quondam Rhetorices magistro.

186. v. Panegyricus patri Gaspari Fernandez quando doctoratus gradum accepit, dictus ab eodem patre Andrea Fernandez primo Rhetorices olim in hac Academia professore.

191. Congratulatio pro Magistrali laurea phylosophica sapientissimis adolescentibus Emanuelli Gomes Estremotiensi et Emanuelli Freyre Olysi-ponensi, habita ab eodem P. Andrea Fernandez.

194. Pro celebritate conclusionum in solennibus feriis Spiritus Sancti.

195. Praefatio ad academicos pro inauspicanda Phylosophia ab eodem P. Andrea Fernandez 2 octobris 1640.

199. Praefactio ad dialecticam ab eodem P. Andrea Fernandez.

200 v. Oratio pro ingressu examinum phylosophici bacchalaureatus ab eodem Andrea Fernandez 4 februarii 1641.

Neste discurso breve e eloquente manifesta-se grande enthusiasmo pela restauração de Portugal: *renascentis Lusitanici imperii*; com allusões mythologicas á guerreira attitude da Universidade.

O padre André Fernandez recitou tambem os discursos officiaes da Universidade nos annos seguintes.

211. Pro Sapiaentia oratio; pelo P.^o Simão Teixeira: em 1641.

216. Oratio de laudibus sapientiae habita á fr. Francisco Caldeira primario rhetorices professore, kalend. octobris anno 1642.

222. Oração do p. Jorge Rebello em outubro de 1643.

Em quasi todos estes discursos ha elogios re-tumbantes, em altiva latinidade, da cidade de Evora, e da Universidade.

229. Prologus et oratiunculæ sequentes de principe Alfonso recensnato, composita sunt a fr. Joanne Gomes, primario humaniarum litterarum in hac Academia professore: et ab ejus discipulis in aula publica habita sunt in junii medio anni 1644.

São discursos engenhosos e altisonantes.

232 v. Palladis vaticinium *Alphonso Lusitaniae principi*. Poesia.

237. Oratio pro colenda sapientia habita á fr. Nicolao de Sousa primario rhetoricae professore, Kalend. Octobris anno 1644.

249 v. Oratio de laudibus sapientiae habita á fratre Joanne Gomes. . . 2 octobris 1645.

256. Oratio pro auspicianda philosophia habita a P. Georgio á Costa 3 die octobris 1645.

Nestes discursos ha idéas, arrojos de philosophia, de patriotismo, e fórmãs litterarias mui notaveis.

264. Oratio habita a P.^o M.^o Georgio á Costa pro bachelareatu philosophiae anno 1647. 4 februarii.

271. Pro solemnĩ Eborensis Academiae juramento Conceptionis intemeratae defensione prestito, oratio habita á magistro Nicolao de Sousa in templo 11 decembris anno dni 1646.

275. Oratio panegyrica in doctorat. R. R. P. P. Benedicti Pereira et Emmanuelis Ludovici habita a P. M. Francisco Caldeira, in templo.

283. Discurso do P. Manuel de Mattos, na inauguração do retrato de D. João IV.

291. Oração da sapiencia recitada pelo P.^o Antonio Garcia em 1650.

269. Oração do P.^o Bento de Lemos em 1651.

303 v. Oração do P.^o Nicoláo Coelho, em 1653.

320. Oração do P.^o Francisco Leitão, 1658.

Juramentos e profissões de fé

Livro dos juramentos e profissões de fee.

(Bibl. d'Evora, coll. mss. cod. $\frac{CXXX}{1-3}$). Vol. in-fol. calligraphia diversa, encadernado em folha de pergaminho que parece fragmento de livro, tendo notação musical, talvez do sec. XIV.

Fl. 3. O primeiro assento que transcrevo na integra.

Aos nove dias do mez de setembro do anno de mil e quinhentos e sessenta e nove na igreja do spo. s.^{to} d'esta universidade de Evora sendo presente ho reverendissimo snor. Dom João de Mello arcebispo d'este arcebispado de Evora, por elle foi dito que elle se avia por satisfeito das informações *de fide ac religione catholica* conforme ao que manda o sancto pontifice Pio quarto em ha sua bulla, e de boa vida e costumes dos padres e ir-

mãos da companhia de Jhus abaxo nomeados oõs quaes padres e irmãos fizeram ho juramento na forma que manda o sancto concilio tridentino. s. Ho padre doctor Jorge Serrão rector do dito collegio e universidade, e o padre doctor Pero Paulo Ferrer cancellario dela e o padre doctor Fernão Peres e o padre Luiz de Molina lentes de theologia e o padre doctor Diogo Sisneiros e o padre Francisco de Gouvêa lentes de casos de concien-tia, e mestre Francisco Cardoso, e mestre João Correia e mestre Fernão Rebello e mestre Pero Simões lentes dos cursos das artes e Marcello da Rocha, Antonio Pacheco, Jeronymo Luiz, Simão Martins, Frutuoso Gonçalves, Pero d'Andrade, Jeronymo Rodrigues mestres da latinidade, e mestre Pero Martins e Antonio Carvalho, Estevão Dias, Antonio da Costa, Antonio Velles, Sebastião Barradas, Pero Luiz, Mestre João Brandão, Sebastião Alveres, Lazaro Lopes, Antonio da Gama, ho padre João Arias, Manoel da Costa, João de Lucena, substitutos, e no mesmo dia fizeram ho juramento da fee na forma que manda e ordena ho S.^{to} Pontifice na dita bulla hos abaxo nomeados. s. Jeronimo Luiz, Jeronimo Rodrigues, Antonio da Costa, e o padre João Arias, mestre Pero Simões, João de Lucena. E por quanto eu Diogo de Gollete escrivão d'esta dita Universidade estive presente ha dita approvação do dito snor arcebispo e ao fazer dos ditos juramentos fis este auto aos oito dias de novembro do anno de mil quin-hentos e setenta annos.

Assign. de Hieronimo Roiz, D.^o Gollete, e P. Paulo Ferrer.

Muitos d'estes assentos não estão assignados; só pelo escrivão.

A fl. 8. assign. de *Luis de molina*.

Fl. 12. muitas assign. diversas.

Algumas listas de estudantes marcam as naturalidades; na maioria eram alemtejanos, alguns do Algarve e do arcebispado de Lisboa.

21. Outra assignatura de Luiz de Molina.

Aos da Companhia de Jesus não indicam naturalidade.

34. . . E aos vinte e dous dias de abril de mil quinhentos setenta e hum na dita igreja sendo presentes o padre Manoel Roiz vice rector da dita universidade e o padre doctor Pero Paulo Ferrer cancelario d'ella e o padre doctor Fernão Peres e o padre doctor Diogo Cisneiros e o padre Pero Martins, fez o dito juramento da fee o padre Luiz de Molina depois de ser approvado por bom e catholico christão. . . foi graduado doctor na sancta theologia pera o qual gráo era necessario preceder o dito juramento. Este assento datado de 11 de julho de 1572. A fl. 217 o ultimo assento n'este livro de 1 de outubro de 1609.

Faltam as fl. de 217 a 235 arrancadas por algum boçal damnhinho.

Invertendo o codice, mas conservando a mesma paginação, lançaram os termos das profissões de fé, isto é, o mesmo codice serviu para os dois misteres, começando dos extremos para o meio.

— Das profissões da fé que se fazem ao tomar dos graos em esta universidade de Evora de 8 de junho de 97 té hoje.

O ultimo termo é de 26 de maio de 1618.

Ha n'este codice notas de formatura de grande numero de individuos, nos periodos indicados. Muitos nomes ahi apparecem conhecidos na historia da Companhia, na erudição, nas missões, etc.

Em outro estudo descreverei a fundação da Universidade e a visita solemne de S. Francisco de Borja.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana. O templo. As inscripções. — 3.º A Casa pia. — 4.º Loios, azulejos e obras d'arte. — 5.º Bibliotheca Publica. Noticias das collecções. — 6.º Conventos do Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. Raczynski. Pintores eborenses — 8.º e 9.º Vesperas da restauração. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. Livros parochiaes. Collegiada. — 12.º O archivo municipal — 13.º A restauração em Evora. — 14.º, 15.º e 16.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora — 17.º Evora e o Ultramar. Balthazar Jorge e Marco Antonio Pessanha. — 18.º, 19.º, 20.º e 21.º Assédios d'Evora em 1663. — 22.º Os Festejos de Evora em 1729. — 23.º Evora nos Lusíadas. — 24.º Procições eborenses. — 25.º Exposições de arte ornamental. — 26.º Antiquidades romanas em Evora e seus arredores. — 27.º Roteiro d'um eborense. — 28.º Universidade de Evora.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand, e na do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

Documentos Historicos da Cidade d'Evora

Estão publicados :

- 1.ª PARTE — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII, XIII e XIV. Documentos do Cabido. Inventarios municipaes do sec. XIV. Documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º. Etc.
1 vol. de 202 pag. in-4.º — 17800 réis.

- 2.ª PARTE — Documentos municipaes do sec. XV. Doc. da Misericordia e Hospital no sec. XVI. O primeiro compromisso. Episodios eborenses na chronica de João 2.º, de Garcia de Rezende. Alfarrobeira e Toro. Regimento das procições. Os primeiros livros de acordos capitulares, sec. XV e XVI. Capitulos de côrtes no sec. XV. Etc.
1 vol. de 282 pag. in-4.º — 27200 réis.

Assignam-se estas publicações no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

MADRUGADAS, contos escolhidos, em casa do editor Abranches.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

AS CAÇADAS

1.ª PARTE

MONTERIAS E ALTANERIAS. A CAÇA ANTIGA. VEIÇÃO NO TERMO D'EVORA
NA IDADE MEDIA. O LIVRO DE MONTERIA DE D. JOÃO I.
LALAIN. A ESPINGARDA NO SEculo XVI.
LUIZ DE CAMÕES E A CAÇA. ALTANERIA E CITRARIA ALEMTEJANA.
A DECADENCIA DAS CAÇADAS. DIOGO FERNANDES FERREIRA.
AS CAÇAS REDONDAS DO INFANTE D. LUIZ. E DO PRIOR DO CRATO, D. ANTONIO
EPISODIOS ALEMTEJANOS



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA DA MOURARIA N.º 3

1892

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

AS CAÇADAS

1.ª PARTE

MONTERIAS E ALTANERIAS. A CAÇA ANTIGA. VEAÇÃO NO TERMO D'EVORA
NA IDADE MEDIA. O LIVRO DE MONTERIA DE D. JOÃO I.
LALAIN. A ESPINGARDA NO SECULO XVI.
LUIZ DE CAMÕES E A CAÇA. ALTANERIA E CITRARIA ALEMTEJANA.
A DECADENCIA DAS CAÇADAS. DIOGO FERNANDES FERREIRA.
AS CAÇAS REDONDAS DO INFANTE D. LUIZ, E DO PRIOR DO CRATO, D. ANTONIO
EPISODIOS ALEMTEJANOS

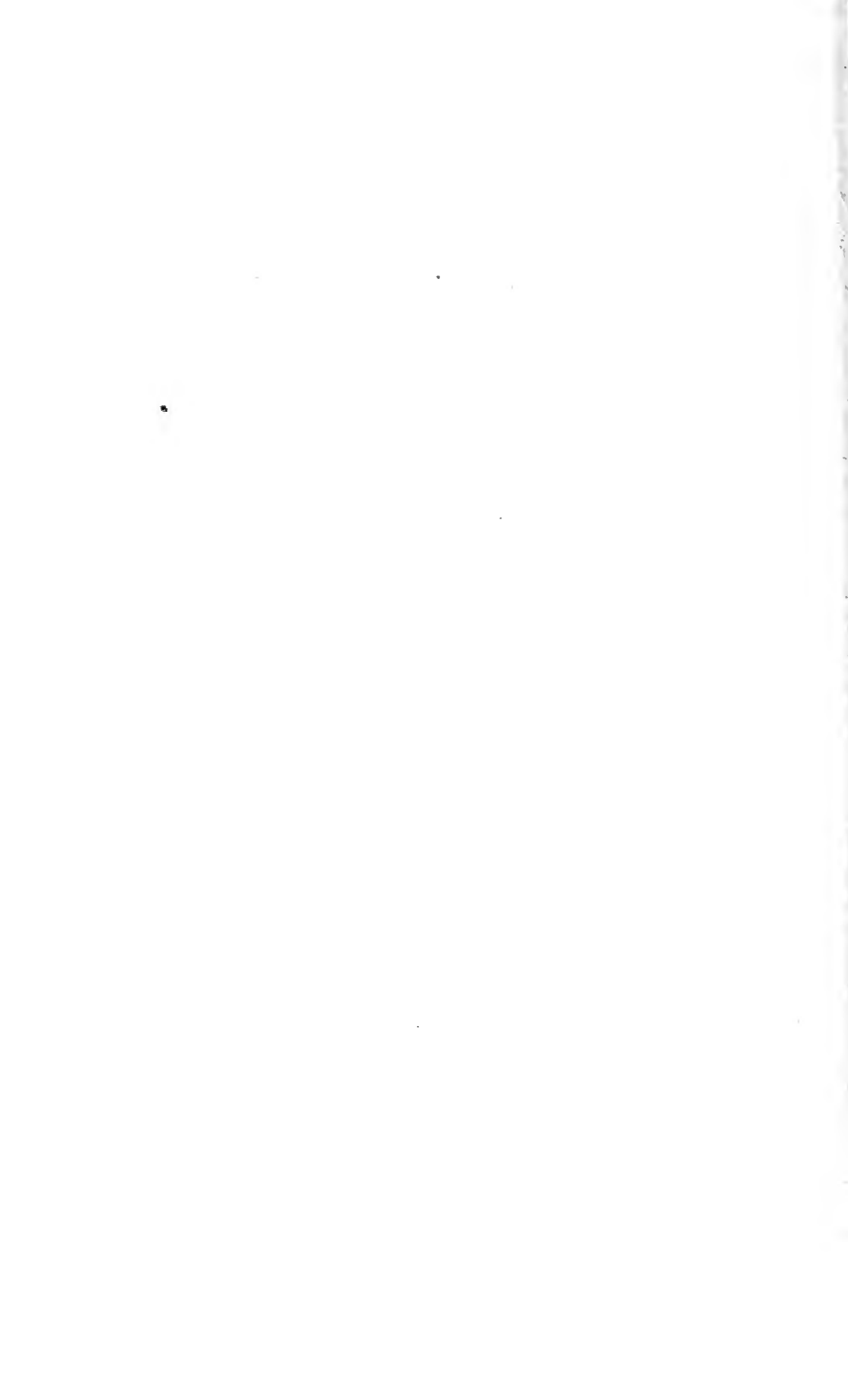


EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA DA MOURARIA N.º 3

—
1892



ESTUDOS EBORENSES

As caçadas

A caça antiga

Ha tempos vi uma enorme ardosia, de quatro metros de comprimento por tres de largo, lavrada toda em fino relevo, e representando uma caçada real. Um rei assyrio com a sua côrte, o seu exercito, e a multidão dos seus vassallos, correndo por valles e montanhas os javardos, os veados, as girafas e os leões.

Milhares e milhares de figurinhas em relevo, formadas ingenuamente, muitas todavia traduzindo grande observação do natural, enchem a ardosia lavrada ha tres mil annos para ornar uma parede do palacio régio de Khorsabad. Vê-se perfeitamente que n'aquelles tempos uma caçada era feito importante; era muito mais que um exercito, n'um esforço maior que uma evolução militar.

E quando estava no Museu britannico em admiração perante o estranho relevo venatorio lembrei-me do *livro de monteria* delrei D. João I que tan-

to amava o montar pelas charnecas e cerros de Portugal.

A historia da caça é a da civilisação. Diminue a caça porque raream os animaes bravos, e estes raream porque diminuem as selvas, porque augmenta a cultura, porque sobem as necessidades dos povos.

Mas ha outro factor; é o progresso da arma venatoria; da funda e da frecha á caçadeira moderna.

• Como era que nos velhos tempos pre-historicos, o homem, eterno caçador, apanhava o animal bravo? Tinha a séta armada com a ponta de silex ou de osso, ou a funda que jogava a distancia o calhão lascado.

Os homens que habitavam as grutas de Cesareda prostravam com tão rudes armas os grandes felinos do paiz. Pelos restos encontrados se vê que habitavam aqui n'essa epoca mui remota grandes gatos, parentes dos tigres e leões modernos, e tambem o corpulento urso.

Esses animaes desapareceram de ha muito, em longiquos tempos pre-historicos. O urso vulgar vae rareando nos desvios dos Pyreneus, os felinos actuaes na peninsula são pequenos; apparece todavia ainda o gato cravo, alto, elegantissimo, a que alguns chamam lynce pelo pincel de sedas nas pontas das orelhas.

O homem pre-historico do cabeço da Arruda (valle do Tejo) talvez não conhecesse já as grandes féras; não ha vestigios d'ellas alli. Mas era caçador tambem, apanhava o veado, o javali, o coelho, etc.

Tanto o caçador de Cesareda como o de Arruda, possuia armas de silex ou pederneira admiravelmente talhadas.

Quinto Sertorio era grande amigo da caça: n'el-

la empregava os seus feriados. Recebia com agrado todos os presentes de caça e uma vez, conta Plutarcho, trouxeram-lhe um corça branca. E elle conservou e amansou o animal, que lhe serviu depois para explorar a ingenuidade dos povos. A menção tão especial da corça branca parece indicar que o veado branco era já então raro.

Estrabão falla da prodigiosa fartura de caça na Turdetania.

Não se refere a grandes feras o que indica seguramente consideravel civilisação. Na idade média porém o urso tornou-se vulgar; pelo menos ha episodios de caçadas de ursos, e em muitos documentos se falla de pelle de urso como de uso trivial.

Falla tambem Estrabão de muitas abetardas, hoje pouco vulgares, e de cabritos bravos. Chegou a nossos dias a cabra do Gerez, rarissima hoje segundo creio.

O desaparecimento das feras perante a civilisação explica-se bem porque os mattos ibericos são facilmente penetraveis; não ha juncaes como na India, nem fortes plantas espinhosas como na Africa, onde os grandes animaes bravios possam defender as creações.

Caça no termo de Evora na idade media

No foral de Evora (seculo xii) mencionam-se coelhos e furões, cervos, gamos e zevras; nos costumes de Terena (seculo xiii) o *usso* (urso) tambem. Um seculo mais tarde apparecem bastantes disposições relativas a caça, e sua venda.

Ha uma postura municipal muito interessante (seculo xiv) prohibindo caçar com cordas e redes, até tres leguas da cidade, porque os caçadores que usavam de aves e galgos não achavam nos coutos

da cidade nem lebres nem perdizes (Doc. hist. d'E-vora, p. 1.^a pag. 135).

Outra postura proíbe matar a pomba mansa com bésta ou armadilha.

Outra (Doc. hist. pag. 146) menciona como cousa bem corrente a calçadura de pelle de cervo ou gamo.

De modo que em tempo de D. João I a qualidade e provavelmente a quantidade da caça no Alemtejo seria como ha cincoenta annos. Em uma monteria que se fez, ha meio seculo apenas! na serra da Alpedreira, morreram 42 lobos, 5 javalis, 6 corsos e 10 gatos cravos!

Os corsos acabaram, javalis e gatos bravos são raros.

Tem sido principalmente a limpeza das herdades, o augmento da cultura, que tem acabado com a caça maior.

Vão rareando felizmente as manchas de matto alto. E as novas armas são muito superiores ás antigas. Resistem os lobos e as rapozas! Na verdade custa a perceber como em certas regiões vivem e defendem a criação as perdizes e outros animaes! Teem muita vida.

Viemos no tempo das mudanças. Assistimos ao final da cabra montez, do veado bravio, e do javardo. Os naturalistas do seculo xx hão de fazer dissertações sobre esses animaes extinctos, e os caçadores do futuro ficarão satisfeitos atirando ás cotovias. Ah! mas como eram gentis, fortes e agitadas as caçadas antigas!

O «Libro de monteria de D. João I»

Aqui temos um dos preciosissimos codices manuscritos da Bibliotheca Nacional de Lisboa (Cod. P—3—4).

Na relação da livraria de D. Duarte (v. Documentos historicos da cidade de Evora, fasc. 23 (2.º da 3.ª parte), pag. 37), se diz effectivamente do — *Livro de monteria que copiou o victorioso rey D. João ao qual Deus dá eternal gloria.*

A frase *que copiou* é bem provavel que seja erro de copista; é possivel que no original estivesse *que compoz*. Porque do texto do manuscripto existente se vê bem claramente que o livro foi composto por el-rei D. João I.

E' obra notabilissima, de alto valor litterario e especial; se n'este paiz houvesse gente de gosto, homens de *sport* a valer, o velho manuscripto de ha muito estaria reproduzido em edição de luxo.

Na livraria d'el-rei D. Duarte havia mais livros de caça: o *livro de cetraria*, dois *livros de monteria*, um em *castellão*, e outro *livro de cetraria* que foi d'el-rei D. João. Havia grande enthusiasmo pela caça, e, note-se, havia *caça*, muita caça.

Vamos a descrever o manuscripto de D. João I. E' um in-4.º de 267 pag. a 24 linhas de letra miúda, em texto seguido.

E' trabalho extenso como se vê.

Diz logo na primeira pagina: — «*Libro de monteria* composto polo senhor Rey Don Joam de Portugal e dos Algarves e senhor de Ceuta, trasladado de un original de maom escrito en pergaminho que se achou na libreria do Collegio da Comp.ª de Jhs. de Monforte de Lemos, polo bacharel Manoel Serrão de Paz, este anno de mil e seyscentos e vinte e seys».

Que seria feito do original? Muita cousa se tem perdido n'este paiz!

E diz o impagavel bacharel que nos salvou a singular joia: Começa assi o libro d'esta maneira: *Aqui se começa o libro de Montaria, o qual é tomado e ajuntado con acordo de muitos bons monteyros.*

— E porque en todas as obras que os homens fazem em o screver aquelles que as leem filham as entenções de muytas guisas, ca segundo os entenderes de cada um assi filham as entenções, e porque os que este libro leerem saibam a ordem que nós tivemos em o fazer rogamos-lhe que quando o quizerem leer a primeira vez que leam primeiramente este prologo, e dês hi os capitulos que se seguem na taboa d'elle, e per alli saberam a entençon que tivemos em o escrever. —

Neste prologo vem a declaração do real autor: que os homens por serem sabedores fizeram libros de gramatica e de rhetorica. . . e outrosi libros de phisica, e de celorgia, e de alveytaria, e de falcoaria, e de outras muitas artes que seriam longas de contar. Por ende nós Don Joham por graça de Deus rey de Portugal e do Algarve, senhor de Cepta. . . vendo en como o joguo de andar ao monte era tam boom e tão proveitoso que en sua bondade passa todolos joguos a que hora dizem manhas, e em seu ser, para se os homens por elle poderem aproveitar mais que de nenhum dos outros de que os homens agora usam e assi mesmo en como elle era en si mais alta cousa, e mais proveitosa que algumas outras, de que se alguns trabalharam de fazer libros assi como de falcoaria e de cantigas e de outras cousas e artes que muito menos que esta aproveitam. nos trabalhamos com a ajuda de Deus de fazer este libro de Monteria en o qual ha LXX capitulos divididos en tres libros ou partes. —

E' terminante e clarissima a affirmativa; o livro é feito por el-rei.

E' um trabalho extenso, por vezes minucioso, revelando perfeito conhecimento e larga pratica do objecto, ornamentado com citações eruditas, por vezes elegante.

Tem referencias alemtejanas; é escusado lembrar que D. João 1.^o foi mestre de Aviz, e naturalmente entre os seus freires havia bons monteiros.

Começa pelo — *Louvor dos jogos ou manhas.* — O jogo de andar ao monte é o melhor para recrear e entender e correger o feito de armas, e não é peccado.

Considerações sobre o peccado na venatoria são frequentes nos tratados antigos; havia mortes n'aquellas caçadas; ás vezes os cercos eram batalhas; havia javalis velhos de muita força e corpulencia. Lembre-se o caso de D. Fernando Sanches cujo tumulo está no museu do Carmo; a estatua deitada sobre o lado direito, caso raro, e na frente do sarcophago a scena com o javali que terminou em desastre.

Pois D. João 1.^o socega os espiritos affirmando (cap. 6.^o) que posto que algum fosse ferido de porco, ainda que morresse, que sua alma non seria por elle perdida.

Tem uns artigos interessantissimos sobre os cães.

Cap. 9 en como os monteiros ham de fazer por averem os cães que sejam formosos e bons. Cap. 10 da guarda dos cadelinos. Cap. 11 do escolher os cães cachorrinhos na cama, allãos e sabujos.

Cap. 13 do ensino dos alãos.

Cap. 14 dos sabujos, tanto os de correr como de trela, como de achar.

Cap. 16 do conhecer os rastros huns dos outros e departilos de que animalias son.

Cap. 17 das horas dos rastros pelas fresquidões das terras e das hervas.

Cap. 21-22. Logares azados para aprazar e do assentar.

Tem muitas observações originaes em todos

estes pontos, e dá seu relevo ao estylo com citações da mythologia, e da Biblia, da *estoria* geral de Lucas de Tuy, da astrologia, de Joam Gil e Albamazar, e do Tolomeu.

Faz mesmo suas observações sobre as plantas dos mattos da Beira e Alemtejo.

No cap. 26 entra-se na monteria; como os monteiros devem cercar o porco, e seguem os cap. sobre os incidentes da caça; do alevantar do porco, do melhor logar para poer as bozerias (as vozerias dos cães) e armadas para filhar o porco.

Chega-se ao *javarado*, ao grande drama, os cães ante o fortissimo bicho que estripa de uma focinhada e atira ao ar o cão mais corpulento.

São os cap. da part. 2.^a que tratam dos cães e moços: de levar os cães e telos em trella: de correr ao porco: de quando apparecerem dois e tres porcos; de tornar o porco; da morte de través. Cita Job, S. João etc. e Ayres Gonçalves de Figueiredo que foi bom monteiro.

Cap. 14. Matar o porco de justa en mouta espesa que non possam entrar senon de giolhos.

E' um livro methodico, um grande tratado bem feito. O livro 3.^o trata dos bons monteiros, do vestido e trajo.

Cap. 3.^o Quejandos an de ser os cavalos con que an de andar ao monte os monteiros.

Cap. 4.^o Quejandas an de ser a áscuma e a trélla.

E depois sobre as armadas; quejandas son as armadas chan, larga, bem vistosa, enfestosas, pontas das bozarias, herectas, en arboredos cerrados, en saltos de ribeiros ou cheeiras, em pontas de monte, em valles, e em charnecas de matto alto.

E' um livro interessantissimo, mesmo nos pontos de vista litterario e philologico, que de ha muito deviam ter feito imprimir.

Caçadas reaes em tempo de Affonso V. em Evora.

Em tempo de Affonso V havia luzidas partidas de caça de citraria e montaria pelos campos de Evora.

O rei, a rainha, a côrte, sahiam pela manhan, em grande cortejo alegre, e passavam o dia vendo as suas aves de presa aferrar perdizes e corvos, e as matilhas correndo as lebres, e os gamos. Levavam bêstas e arbaletas artisticas, e ás vezes se apparecia um bom javardo batiam-lhe o matto até o fazer entrar em terra mais chan e clara e corriam-no a cavallo ponteando-o á lança.

Ainda no presente seculo a gente de Almeirim, Salvaterra e outros ribatejanos costumavam em suas festas correr o javardo á chuça e á lança.

Jacques de Lalain allude ás caçadas nos arredores de Evora em tempo de Affonso V. Elle veio a Evora, a que chama *Erre*, e foi convidado para dançar e caçar.

— Si avint que voloncé prit au roi et á la reine d'aller chasser, et eux ébattre aux champs; si mandérent messire Jacques de Lalain lui et sa compagnie pour y venir. . . diz a chronica no seu antigo e pittoresco francez. Em outro logar nos occuparemos d'esta visita de Lalain a Evora.

NO SECULO XVI.

A arma de fogo.

Ainda no meio do sec. xvi se caçava o urso em todo o norte de Hespanha. Em 1543 foi impresso o — *Aviso de caçadores. Compendio e resolution en que se escreve como se puede licitamente usar de la caça: compilado por el doctor Pero Nunez de Avendano, letrado del Illustrissimo señor don*

Inigo lopez de Mendocça, duque del Infantado (Alcalá de Henares, Joan de Brocar, in-fol).

Avendano trata da caça ao homem; *Nemrod, robustus venator*. Da adulatoria, *de los truhanes ò chocarreros y los otros hombres que trahen por officio con palabras de burlas e adulacion casar los favores y los dineros y haciendas de otros hombres*.

A 3.^a especie é a *arenaria*, as brigas de homens com feras na arena.

A 4.^a é a *saltuosa en los campos, silvas y otros bosques*.

Aqui trata da caça de ursos e porcos com redes, cepos, escopeta ou arcabuz, e apresenta estatutos e regras de caça.

A escopeta vulgarisou-se no começo do sec. xvi. Foi maravilha para o caçador. A colubrina muito pesada, incommoda com a sua forquilha, fora substituida pela espingarda, a que se dava fogo com mecha. A bésta de pelouros ou de setas era muito mais rapida, limpa, e mais facil de pôr á cara.

Os caçadores tinham de andar, ou de estar nas espéras, de morrão acceso; em chuviscando terminava a caçada.

Quando os italianos inventaram a *sciopetta* foi uma festa; a *escopeta* era facil de apontar, tiro mais rapido, a polvora segura na meia cana do ouvido, era arma muito mais manual e propria para a venatoria. Em caça no começo do sec. 16, a escopeta, a espingarda pequena sem forca, estava em uso em Portugal e Hespanha. Mas nas casas, nos *montes*, para guarda, era constante a espingarda com seus frascos, polvorinho e forca, ao lado ainda das béstas com seus virotes. A arte apoderou-se das escopetas transformando algumas em joias. Gastou-se muito dinheiro em coronhas guarnecidas de prata lavrada, em embuti-

dos, em finas e artisticas fecharias, em ferragens tauxiadas.

A pequena espingarda de pederneira dominou até ao começo d'este seculo.

Que de *féras invenções* n'esta segunda metade! assim vae desapparecendo a caça. Como a historia da caça está ligada á da cultivacão dos campos, e do aperfeiçoamento da arma de fogo!

Em Portugal fabricaram-se lindas armas nos sec. 17 e 18. O celebre mosquete que pertenceu ao rei José Bonaparte, hoje na collecção real de Inglaterra, tem o letreiro — Arcenal Real do Exercito, 1787. — Esta, e muitas outras preciosidades perderam os francezes na batalha de Victoria.

A caça nos Lusíadas

Luiz de Camões por vezes se refere a caçadas. Conhecia a rede, o laço, a bésta e a espingarda. Nas armas de fogo manuaes houve rapido progresso nos primeiros cento e cincoenta annos da polvora, assim como na artilheria de praça, de campanha, e de marinha:

Aquellas invenções feras e novas
De instrumentos mortaes da artilheria.

(vii — 12)

Depois os aperfeiçoamentos foram mui lentos até ao seculo passado; repare-se que ainda hoje se fabricam armas de pederneira, para o gentio já se vê. Foi tão vagaroso o caminhar que o caçador no começo do presente seculo pouco superior estava em armamento e utensilios ao caçador contemporaneo de Camões.

A espingarda de dois canos, o *cão* e fulminante, eram maravilhas no tempo do meu avô.

Que de *invenções feras e novas* nos ultimos quarenta annos.

Como o épico descreve o caçador entusiasta :

Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feo animal fero,
Foge da gente, e bella fórma humana

(ix — 26)

Com effeito eu tenho conhecido alguns fanáticos caçadores que chegam a se tornar ariscos. E' principalmente no celebre episodio da *Ilha dos Amores*, na *estranha caçada*, que elle faz observações cynegeticas :

Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata...

(ix — 63)

E' uma nota muito real. Algumas deosas em fresca andaina, fingiam que andavam caçando :

Outras co'os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes, que não seguiam.

(ix — 64)

Desembarcam os argonautas portuguezes, *fortes mancebos* :

Que não ha nenhum d'elles que não saia
De acharem caça agreste desejosos.
Não cuidam que sem laço ou redes caia
Caça n'aquelles montes deleitosos.

(ix — 66)

Alguns que em *espingardas* e nas béstas
Para ferir os cervos se fiavam
Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam.

(ix — 67)

Mas os fortes mancebos perceberam em breve que havia por aquellas florestas *caça estranha*. O poeta não perde a orientação venatoria e produz um verdadeiro e encantador quadro de caça :

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na agua a ave ferida,
Vendo ao *rosto o ferreo cano erguido*
Para a garcenha, ou pata conhecida
Antes que soe o estouro, mal soffrido,
Salta n'agua, e da preza não duvida,
Nadando vae, e latindo...

(ix — 74)

E' um quadro de uma verdade admiravel, da mais rigorosa expressão.

Nas — Rimas —, na canção XVI e em outras, Camões, sempre com expressões de propriedade extrema, fez referencias venatorias; são pequenos quadros adoraveis.

A perdiz de entre a mata em que se esconde,
O caçador sentindo se levanta;
Voando vae ligeira mais que o vento,
 Outro assento
 Vai buscando,
 Porém quando
 Vai fugindo
 Retinindo,

Traz ella mais veloz a setta corre
De que ferida logo cae e morre.

A léda codorniz vem ao reclamo
Do sagaz caçador, que a rede estende,
 E pertende
 Com engano
 Fazer dano
 A' coitada
 Que enganada

De uns esparzidos grãos de louro trigo
Nas mãos vai a cahir do seu imigo.

Aqui soa a calhandra na parreira
A rola geme, palra o estorninho,
Sae a candida pomba do seu ninho,
O tordo pousa em cima da oliveira.

Depois descreve uma paizagem serrana, e apparecem :

.....os veados
Na fugida inda mal assegurados
Porque do som dos proprios pés se espantam,
Sae o coelho, a lebre sae manhosa,
 Da frondosa
 Breve mata
 Donde a cata
 Cão ligeiro,
 Mas primeiro

Que ella ao contrario fervido se entregue
A vezes deixa em branco a quem a segue.

Em outra canção em que allude á serra da Estrella, diz um pastor :

Certo dia achei eu n'uma aspereza
Sem mãe um cervo branco e pequenino.

Haveria ainda no seculo xvi cervos brancos na serra da Estrella? Hoje nem brancos nem escuros. A região superior da serra é mesmo singularmente pobre em caça.

No jardim zoologico vive ha annos uma corça branca; é italiana.

O rei Humberto offereceu a sua irman, S. M. a rainha D. Maria Pia, um casal de veados brancos. A sr.^a D. Maria Pia mandou-os para o jardim zoologico. O veado morreu de uma formidavel marada na rede divisoria. Ficou a corça, a que juntaram um gamo portuguez. Saiu um veado esbranquiçado. Se a união d'este com a corça fôr fecunda o filho sairá perfeitamente branco.

No *Filodemo* faz o elogio da caça. Falla o Voador :

Approvada antigamente
Foi, e muito de louvar,
A occupação de caçar,
E da mais antiga gente
Havida por singular.
He o mais contrário officio
Que tem a ociosidade
Mãe de todo o bruto vicio ;
Por este limpo exercicio
Se reserva a castidade.
Este, dos grandes Senhores,
Foi sempre muito estimado ;
E he grande parte do estado
Ter monteiros, caçadores,
Como officio que he prezado.

Entra o Monteiro e trava-se o dialogo a respeito das prendas de um cão de caça

Bem feito ? admiração !
Pois em ligeiro ? uma ave,
Em commetter ? um leão,
Com porcos ? maravilhoso
Com veados ? extremado.

E' de uma verdade admiravel! Mas Luiz de Camões parece que era essencialmente caçador! Verdade é que estudando-o em outros pontos de vista encontra-se que elle é principalmente muita outra cousa. Era um superior, e dos rarissimos.

Um pincaro muito alto, unico cá d'este lado que se avista bem d'alem dós Pyreneus.

E querem saber? esta comédia do Filodemo é muito alemtejana.

Falla-se de certa aventura com uma *serranica do Alemtejo*, e até o tal *monteiro caçador* vem com a sua *manta do Alemtejo*.

Diogo Fernandes Ferreira. — Caças d'altenaria.
Episodios alemtejanos.

E' pasmoso como certos usos se perdem: ás vezes ha lentas decadencias, outras vezes quasi subitas mudanças.

O que ha pouco succedeu nas massas populares, note-se, com a *salva brava*, é significativo. E o capote de panno preto, e o lenço de cambraia branca muito engommado, trajo da mulher do povo, da burguezia e ate de finas senhoras aqui em Evora, que eu julgava mais firme, muito mais firme que a Carta constitucional, e que mudou de repente como qualquer reforma de instrucção publica!

As grandes caçadas do seculo xvi caíram rapidamente; o prior do Crato, D. Antonio, foi o ultimo grande caçador. Em Portugal, poderia dizer-se, a grande caça tombou com a aristocracia; os falcões reaes morreram todos na ponte da Alcacer africana. Mas não foi isto; lá fóra succedeu o mesmo.

Foi principalmente o progresso da escopeta. A aristocracia, os Braganças, os Vimiosos, os mar-

quezes de Ferreira, os Oliveiras e Tavoras; os Mascarenhas e Silveiras, depois do desastre, viveram muito nos campos, nos seus palacios e solares, na opulencia, mas a paixão da caça á antiga, especialmente da altenaria, acabou.

Isto impressionou muito os homens da época, e assim o nosso Fernandes Ferreira protestou com o seu bello livro, que deve figurar na estante de todo o fino amador portuguez.

E' a — *Arte da caça da altenaria composta por Dioguo Fernandes Ferreira, moço da Camara del Rey e do seu serviço. Dirigida a Dom Francisco de Mello, marquez de Ferreira, conde de Tentugal.*

(Lisboa, offic. de Jorge Rodrigues, 1616, in-4.º)

Ferreira era caçador puro sangue. Já o pai, Pedro Ferreira, que foi moço da camara do infante D. Luiz, era grande falcoeiro. Tanto o infante como o filho, D. Antonio, tiveram como então se dizia *redonda caça*.

Isto significa ter falcões, açores, etc., sabujos e alãos, e cavallos, e utensilios, e 60 ou 80 servidores especiaes para a alimentação e ensino dos animaes, e para as batidas, que nada tinham de brutaes; havia arte e sciencia na caçada.

Pois ainda hoje alguns cavalheiros mouriscos tem paciencia e gosto para educar o falcão. Tem muitos episodios a perseguição da aguia sobre a perdíz ou o pombo; sobre os bandos; o encontro com outras aves de presa; ha uma variedade extraordinaria em comparação da pobre caça de hoje, fusilamento de animaes, muito boa para vendilhões nos mercados mas sem elegancia, nem arte, nem animação.

O que seria uma batida do infante D. Luiz, pelos campos de Evora, nas amplas planuras luminosas, nos cerros vestidos de escuros montados, galopando sobre o gamo e a lebre, ou lanceando

o javardo agreste, fulo na briga de morte com a matilha dos perros, ou largando os sacres e girifaltes, solemnemente, na roda de damas e cavalleiros, sobre as abetardas e os garcenhos, voando a grande altura!

O livro de Fernandes Ferreira tem elogios em versos latinos, de Sebastião Alfaro, de Feyo de Macedo, e de Alonso Fernandez de Angulo, todos amantes da caça. E' dedicada a obra ao marquez de Ferreira, D. Francisco de Mello, grande fidalgo e grande caçador tambem.

Como isto tem variado! Por onde andam os marquezes, os fidalgos de hoje!

Ora o autor affirma . . . a respeito da sciencia e arte da caça, na qual me criei de minino, com as mercês do seõhor dom Francisco de Mello, marquez de Ferreira, de quem V. S.^a he dignissimo neto . . . e resolveu reduzil-a em *arte* sendo na idade madura, o que fiz levado mais do desejo de desenterrar esta sciencia da sepultura do esquecimento, em que hoje neste reyno estava, que cobiçoso do interesse.

Em outro ponto diz ainda . . . por me criar nella desde minha meninice caçando com açores, falcões, gaviães e esmerilhães.

Em 1616 tinha elle 70 annos, nasceu pois por 1546. Está a gente a ver o velho servidor, recordando os casos venatorios, naquelle triste começo do seculo xvii. Quantas caçadas elle vira nos campos de Evora, pelas commendas do priorado do Crato, e depois aquella de Alcacer, e depois a da ponte de Alcantara, quando o açor, o açor! ia sendo apanhado pelo leão.

Havia gaviães do Gerez, da Estrella, da Louzan, de Santo Aleixo, e muitos da serra de Ronda. Um anno foram onze portuguezes á serra de Ronda e cada um trouxe mais de vinte primas. Primas?

Primas são as fêmeas e *treçós* os machos; diz-se: falcão prima, açor prima, etc. e assim dos treçós. Diz Ferreira que isto é por cortezia, porque ante os reis e grandes pessoas ninguém diz: macho ou fêmea.

Em volataria ha uma nomenclatura especial e interessante.

Diogo Fernandes Ferreira que foi pagem de D. Antonio, e creado em sua casa, sabia bem de nomes e significados. Que saber nas seis principaes divisões do seu livro! 1.^a criação dos gaviães e sua caça. 2.^a dos açores. 3.^a dos falcões e sua caça. 4.^a doenças e mezinhas (das aves). 5.^a armadilhas. 6.^a passagem e peregrinação das aves.

Aqui está uma aza de gavião; é preciso conhecer estas penas todas. As penas são diferentes e os nomes tambem.

A umas chamam *fuzis*, as que estão nos cotos das azas; as outras *cutellos*, porque tem feição de cutellos, e nascem das pontas das azas. A outras chamam *thesouras*, que são as primeiras nas pontas das azas, e são a modo de *thesouras*, e menores que as *reaes*.

As penas *reaes* são as mais compridas de todas, e estão juntas das *thesouras* até á volta da aza.

Partidouras são aquellas que nascem nas juntas das azas da banda de dentro.

As *aguadeiras* se chamam todas aquellas que acompanham as azas até o cabo.

As *coberteiras* ou *cunhas* são aquellas que cobrem as penas *reaes* e emparam o nacimiento dellas e servem como a fortificação para assi as fazer fermosas, e fortes, e mais voadoras.

Isto a respeito da aza do gavião! Era um curso!

Depois das aves, dos galgos, das mezinhas, das armas e armadilhas, tratava-se do campo, do ter-

reno, da féra, e do modo de a submetter. Era mais que uma arte da guerra; era um conjuncto de cursos superiores!

Eu logo mostrarei onde chega a sciencia do Ferreira. Vamos ouvir alguns casos ao velho caçador.

Ai! minha querida lareira alemtejana em longa noite de inverno, ao bello brazido do azinho, em semi-roda os bons parentes, e os serviçaes respeitosos, e na conversa amiga venha o caso de caça.

Vamos ouvir o Ferreira!

Affonso Borges, creado do sr. rei D. Sebastião, tinha um gavião de grande poder; uma vez na fiada foi até ás nuvens apóz uma garça, cançou-a, filou-a, e travou grande briga com ella.

O conde de Tentugal teve um esmerilhão tão rapido que apanhava as pequeninas cotovias.

E o marquez de Ferreira tinha sempre muitos gaviães, dos ninhegos e dos sáfaros.

Estes esmerilhões são aves de rapina pequenas mas valentes; havia diversas especies: girifaltes, nebrís, bafaris, e sacres. Vinham da Noruega e Suecia. Matavam cotovias, perdizes e perdigões.

Havia esmerilhões muito finos, ageis e ardilosos. Até as princezas nas suas galerias se divertiam vendo as fiadas e os assaltos das pequenas aguias.

D. Antonio era louco pelas aves; tinha açores e falcões vindos de Allemanha, com enorme despeza.

De Irlanda e da Noruega vinham tambem açores bons perdigueiros.

Os falcões chamados tagarotes, para perdizes, vinham das ilhas de Cabo Verde.

O Affonso Borges tinha geito especial para educar estas aves.

O infante D. Luiz teve um açor norueguez que

matava corvos e garças. Pairava, dava a fiada, presava, logo vinham ao chão, em queda, e estava morto o corvo.

Os caçadores tinham seus adágios: Sacre com chuva, girifalte com vento, nebrí com bom tempo.

As' aves de caça davam suas alimentações especiaes.

Estando no Crato no inverno morreram dois açores a Simão Mascarenhas, deão de Evora, e outro açor meu (do bom Ferreira), e fizeram a anatomia, achando-lhes os buchos franzidos de frio.

E' perfeitamente possivel, a congestão subita, nas alturas, pelos estoques de ar.

Agora conta o Ferreira um episodio interessante.

Dom Luiz de Moura, Dom Rolim e outros foram á caça dos coelhos n'uma queimada no Ribatejo.

Levavam furões. Fugiu um furão que foi logo visto por uma aguia.

Os caçadores viram a aguia erguer-se velozmente levando o furão nas garras. Era uma aguia enorme. Mas como as garras eram grandes, e o furão muito delgado, abarcaram e não cravaram: o furão ficou vivo. E quando já em grande altura a aguia se quiz cevar, o furão abocou-lhe as guel-las; houve no espaço um rodopio enorme; viéram ao chão a aguia morta, e o furão vivo.

O Ferreira conta uma infinidade de historias de falcões, nebris, bafaris, e tagarotes; grifaltes, sacres e bornis. E dos tamanhos, talhos e plumagens dos alfaneques e aletos.

E dos ataques aos groues e garças, ás cegonhas, abetardas e patos bravos.

E das brigas pittorescas dos açores e gaviães com as garçotas, sizões, zambralhos, pombos bra-

vos, e com os admiraveis bandos dos zurzaes, ás dezenas de milhares, em rapidissimas evoluções.

O infante Dom Luiz tinha um girifalte tão alvo como uma pomba: fora tomado a bordo de uma não na altura do Brazil.

O infante tinha a seu serviço oitenta caçadores! entre elles havia um afamado, Pedro de Vezilha.

O marquez de Ferreira, D. Francisco de Mello era grande auctoridade em venatoria.

Os aletos vinham da America do Sul. O licenciado Felippe Butaca Henriques, natural de Evora, viu aletos no rio das Pedras, capitania de Pernambuco, muito voadores, e caçando com extraordinaria porfia.

Havia seus perigos na altenaria.

A's vezes a aguia queria cevar-se logo e se lhe tiravam a presa ferida com força. Outras vezes entre aguia e caça havia lucta, e voltava, ás vezes uma ave de preço, gravemente ferida. Por isto um servidor era encarregado de levar estojos, thesouras, furadores para piozes e avessadas, tenazes, canivete, lima, pinças, canudo para agulha de enxerir, botão de fogo para apostemas, palmeta e unguentos, etc. etc.

Os campos mais abundantes em caça eram os de Coimbra, Santarem, Evora e Beja. Mas já no sec. xvi se notavam as *rocianas* de Sevilha.

Ainda hoje a bacia do Guadalquivir, na metade inferior, é excepcional em caça de arribação.

Alem do Vesilha era considerado como de primeira ordem, em altenaria, o hespanhol Pero Lopes de Ayala.

D. Henrique, senhor das Alcaçovas, criou um francelho de rama em casa, que viveu 28 annos; no tempo da criação desapparecia de casa, ia para os bravos; se alguma vez lhe faltava o comer

voltava á falcoaria, abicava a comida que levava para os filhos; terminada a criação permanecia sem esforço em casa dos amos.

D. João 3.^o conversando uma vez com D. Henrique da Cunha, o dono do francelho, contou que mandára ao imperador Carlos 5.^o um papagaio que fallava e respondia a proposito, mas o passaro vendo-se entre gente que não conhecia por mais que o imperador perguntasse, não abria o bico.

O imperador mandou chamar o homem que lh'o levára.

— Elrei me escreveu maravilhas do papagaio, vê lá porque elle não falla.

João Fernandes perguntou logo!

— Papagaio qual é a causa porque não falla diante de S. Magestade?

— Oh! João Fernandes, não me entendo com esta gente.

A historias de caçadores e veteranos faz-se sempre algum desconto.

O infante D. Luiz foi grande caçador de falcão; chegou a ter oitenta caçadores a salario, entre elles muitos estrangeiros. Cada caçador tinha a seu cargo dois ou tres falcões.

D. Antonio, o prior do Crato, seguindo as pisadas e pensamentos do pae, teve «mui redonda caça de falcões, garceiros e milhaneiros e altaneiros, gaviões e açores, e foi homem de altos pensamentos, que assaz custaram á nação portugueza.»

O Ferreira fôra pagem de D. Antonio.

Note-se que elle escrevia em plena dominação estrangeira, tinha de ter cautella com opiniões, mas em todo o livro ha intenção patriotica; não pretende só lembrar as antigas modas da altenaria, procura levantar os espiritos.

Conta um episodio de caça interessante:

Saindo meu amo á caça da villa de Montouto annexa ao seu priorado, a qual elle foi visitar, acompanhado sómente dos caçadores, fez voar primeiramente o milhano, depois com os falcões altaneiros matou quatro adens; e os gaviães agarraram algumas pegas e perdizêlos. Quasi sol posto apparece uma garça. O caçador mór poz um sacre na mão de D. Antonio.

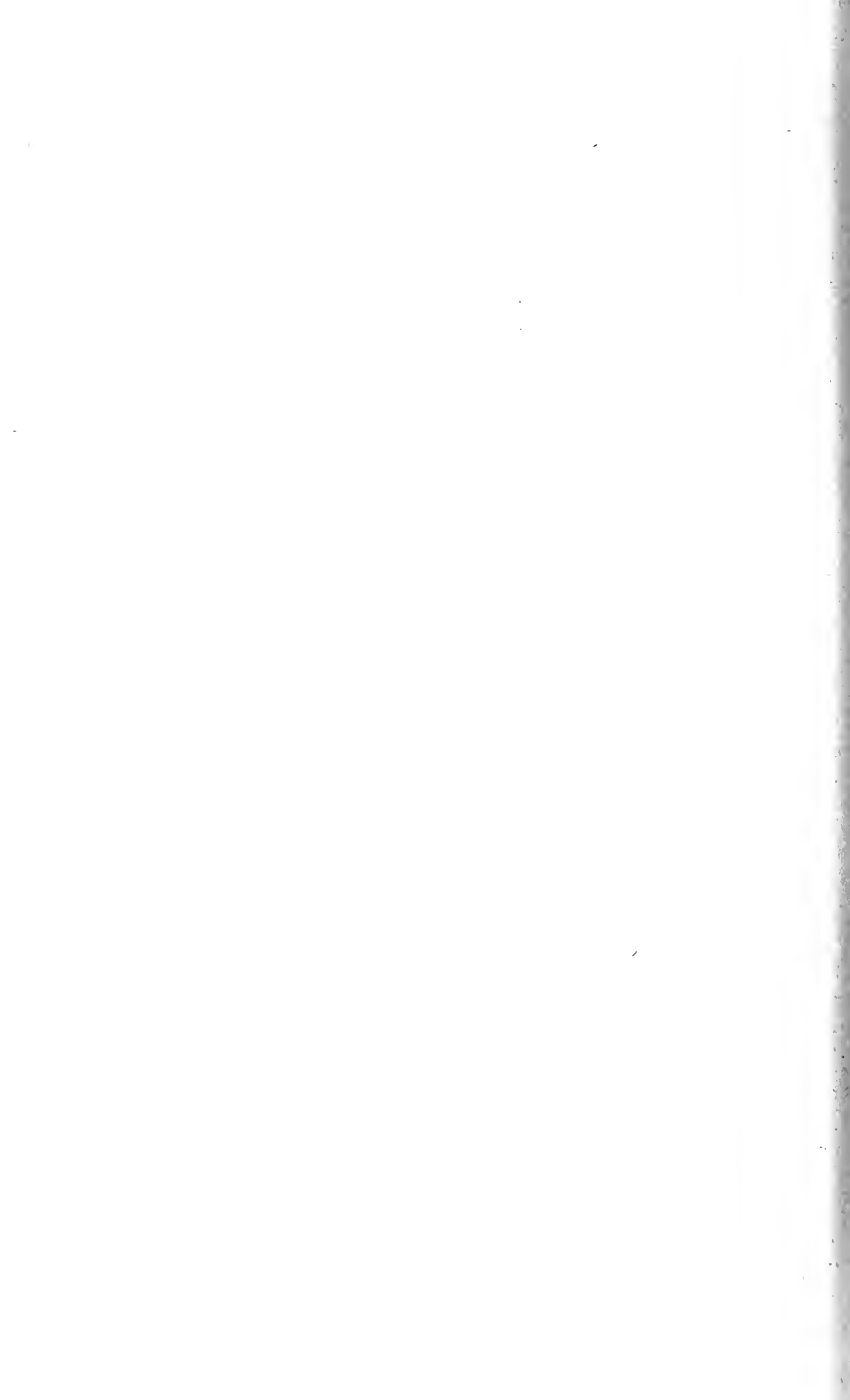
— Mate vossa excellencia esta garça.

O prior que era bem engenhoso, aproveitou a occasião e largou o sacre, o qual rendeu a fina garça no mesmo pégo donde se levantou, mas a garça estava sómente atordoada e o sacre não podia continuar a lucta na agua; alguns caçadores entraram no pégo, ella então saiu da agoa por aquella parte donde o sr. D. Antonio estava, e por falta de vento e não tomar terra com os pés não se poudo levantar, e foi voando muito baixa. D. Antonio que estava a cavallo correu sobre ella e deitou-lhe a mão. Não quiz que a pobre garça morresse, e por não enraivecer o falcão mandou que lhe fizessem o papo com uma gallinha.

Ferreira falla com elogio das proezas e habilidades de caça dos cavalheiros mouriscos. Cide-muçã e Cide Albuquerque. Os mouros usavam trazer o falcão no hombro.

Muito variadas estas caçadas antigas!

Em outro estudo veremos o que succedia ha meio seculo apenas no Alemtejo. Contarei das grandes monterias officiaes, e das animadas caçadas de javalis e pombos.



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana. O templo. As inscrições. — 3.º A Casa pia. — 4.º Loios, azulejos e obras d'arte. — 5.º Bibliotheca Publica. Noticias das collecções. — 6.º Conventos do Paraíso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. Raczynski. Pintores eborenses — 8.º e 9.º Vesperas da restauração. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A egreja de Santo Antão. Livros parochiaes. Collegiada. — 12.º O archivo municipal — 13.º A restauração em Evora. — 14.º, 15.º e 16.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora — 17.º Evora e o Ultramar. Balthazar Jorge e Marco Antonio Pessanha. — 18.º, 19.º, 20.º e 21.º Assédios d'Evora em 1663. — 22.º Os Festejos de Evora em 1729. — 23.º Evora nos Lusíadas. — 24.º Procições eborenses. — 25.º Exposições de arte ornamental. — 26.º Antiquidades romanas em Evora e seus arredores. — 27.º Roteiro d'um eborense. — 28.º Universidade de Evora. — 29.º As caçadas, 1.ª parte.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand, e na do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

Documentos Historicos da Cidade d'Evora.

Estão publicados :

- 1.ª PARTE — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII, XIII e XIV. Documentos do Cabido. Inventarios municipaes do sec. XIV. Documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º. Etc.
1 vol. de 202 pag. in-4.º — 17800 réis.

- 2.ª PARTE — Documentos municipaes do sec. XV. Doc. da Misericordia e Hospital no sec. XVI. O primeiro compromisso. Episodios eborenses na chronica de João 2.º, de Garcia de Rezende. Alfarrobeira e Toro. Regimento das procições. Os primeiros livros de acordos capitulares, sec. XV e XVI. Capitulos de cõrtes no sec. XV. Etc.
1 vol. de 282 pag. in-4.º — 20200 réis.

Assignam-se estas publicações no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranchas, praça do Geraldo, Evora.!

MADRUGADAS, contos escolhidos, em casa do editor Abranchas.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

EVORA E O ULTRAMAR

2.ª PARTE

DIOGO DE AZAMBUJA E DIOGO DE AZAMBUJA DE MELLO.
DOCUMENTOS DO ARCHIVO DA SANTA CASA. A BAGAGEM DE UM CAPITÃO
PORTUGUEZ NO SECULO XVI

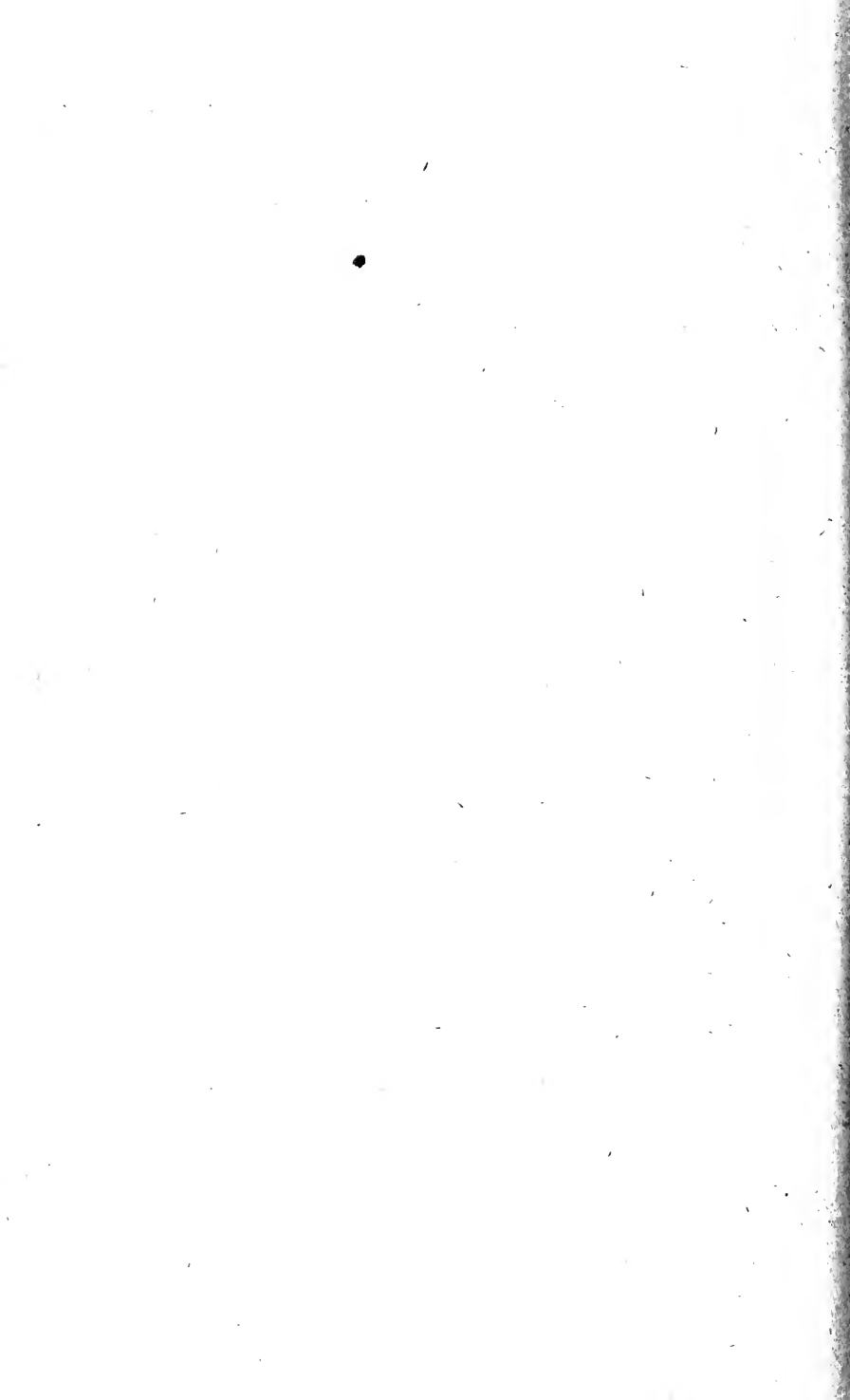


EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA ANCHA, N.ºs 62 e 64

1892



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

EVORA E O ULTRAMAR

2.ª PARTE

DIOGO DE AZAMBUJA E DIOGO DE AZAMBUJA DE MELLO.

DOCUMENTOS DO ARCHIVO DA SANTA CASA. A BAGAGEM DE UM CAPITÃO
PORTUGUEZ NO SEculo XVI

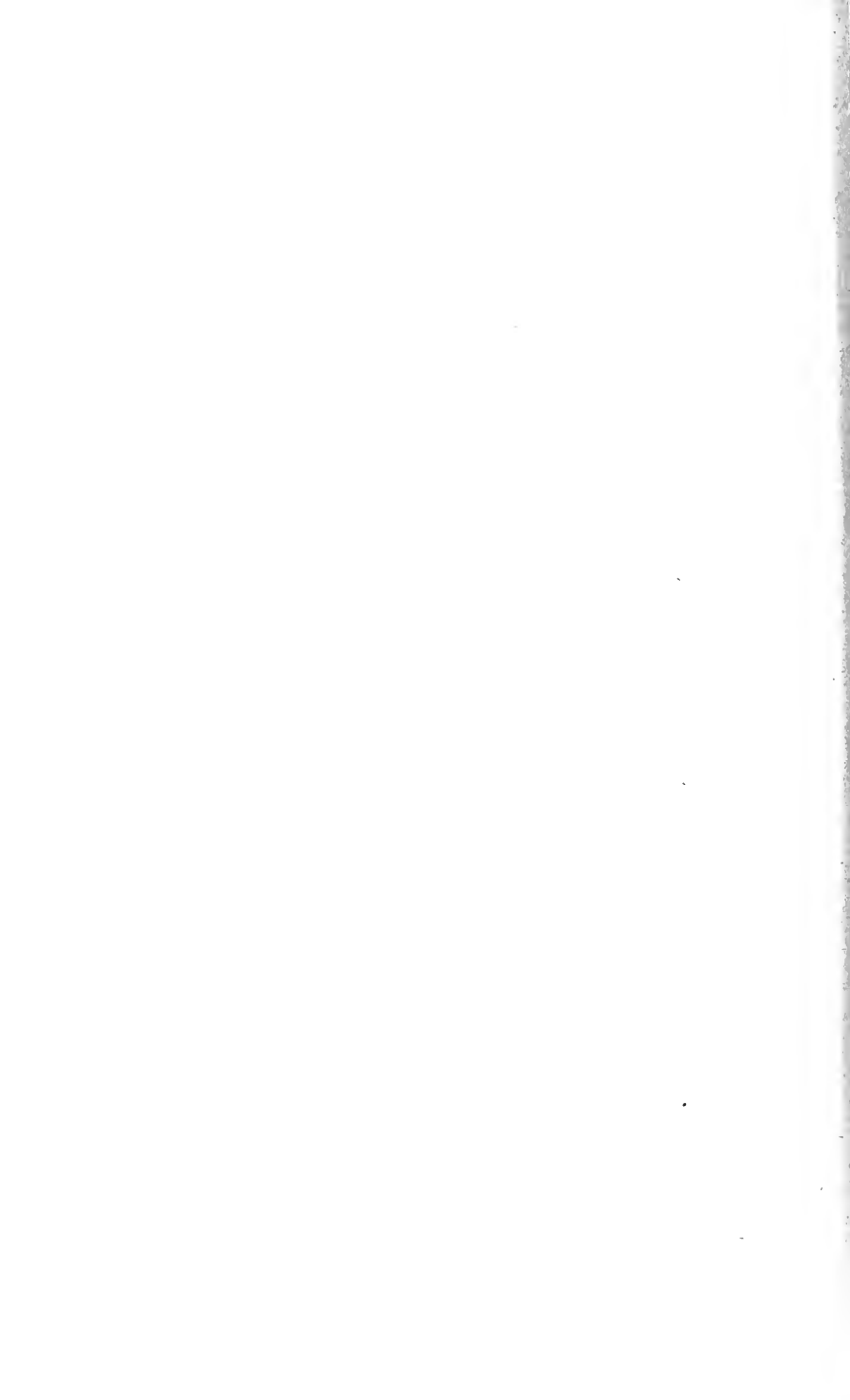


EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA DA MOURARIA N.º 3

—
1872



ESTUDOS EBORENSSES

Evora e o ultramar

Diogo de Azambuja e Diogo de Azambuja de Mello

No archivo da Santa Casa da Misericordia de Evora existem alguns documentos relativos a capellas instituidas por Diogo de Azambuja fidalgo mui estimado nas côrtes de D. João 2.^o e D. Manuel, e por Diogo de Azambuja de Mello, vulto historico assaz conhecido, que eu julgo neto do primeiro.

Com os instrumentos das instituições entraram porém para o archivo outros documentos particulares, e são estes que nos fornecem alguns dados interessantes, que singelamente vamos apresentar. Diogo de Azambuja, conta Garcia de Rezende na—Vida e feytos del Rey Dom Joan 2.^o (cap. 87)—: Diogo de Azambuja era homem que elrey tinha em muita boa conta, e estima, e a que tinha muito boa vontade e fazia muita honra e mercê; e quando casou sua filha Dona Cecilia com Francisco de Miranda, foram recebidos com muita honra perante elrey e a rai-

nha em uma sala com muita gente, e grande seram de danças e muitos galantes; e em nos recebendo no estrado, Diogo de Azambuja era muito manco de huma perna, que quasi lhe fôra cortada nas guerras, e estava junto com os degrãos, e com a muita gente que chegou era muito maltratado, e tanto que se não podia ter; e elrey o vio, e veyo á borda do estrado, e tomou-o pela mão e subio-o encima e disse-lhe alto que o ouviram muitos: Salvayvos cá e chamem-vos como quizerem; e assi esteve com muita honra perante todos encima no estrado, que he lugar de Reys e Principes.»

Diogo de Azambuja serviu largos annos, prestou muitos serviços nas guerras, nas navegações, chegando a occupar posições eminentes.

Em 19 de janeiro de 1482 sahia elle de Lisboa capitaneando dez caravellas e duas urcas; e ainda nos primeiros annos do seculo XVI servia nas praças de Africa, embora já então tivesse idade muito avançada; no continente, em tempo de D. Manuel, foi veador mór de artilheria.

No archivo municipal eborense conserva-se uma carta de D. Manuel a Diogo de Azambuja, data-da de 15 de março de 1499. respectiva ás muralhas de Evora; e outra delle á vereação, escrita de Monsaraz, relativa ás cavas e fossos de Olivença.

O sr. Augusto Mendes Simões de Castro, no «Guía do viajante em Coimbra», na parte relativa a Montemór-o-velho, descreve-nos o sumptuoso tumulo de Azambuja na igreja dos Anjos; o tumulo tem uma longa inscripção que nos diz entre outras cousas que o fidalgo quebrou a perna na tomada da villa de Alegrete aos castelhanos, que fundou o mosteiro dos Anjos, e falleceu em 15 de agosto de 1518 com 86 annos de idade.

E' um typo completo da epocha : vida de guerras, de trabalhos de terra e mar, alguns dias brilhantes na aspera carreira, um dito del-rey que ficou celebre, depois na velhice a fundação do mosteiro, a instituição de capellas, e o repouso no tumulto monumental.

Os documentos do archivo da Misericordia de Evora vem dar-nos algumas noticias dos primeiros tempos do conhecido navegador.

Diogo de Azambuja acompanhou na Catalunha o infante D. Pedro, condestavel de Portugal, a quem em 1463, estando em Tanger, foram os catalães offerer o throno. Este infante D. Pedro era filho do outro infante D. Pedro, o que morreu na Alfarrobeira, e de D. Izabel, filha do conde de Urgel, D. Jayme *el desdichado*. Nasceu em 1429 e falleceu em 1466. Chegou a Barcellona em 21 de janeiro de 1464. Era homem de bellissima figura, muito sympathico e intelligente — rey bondadosissimo, caballero sin tacha, politico, latinista y arqueólogo consumado.

Em 1878, na «Revista de Gerona», publicou o sr. D. José Coroleu é Inglada, escriptor catalão, um estudo intitulado «El condestable de Portugal, rey intruso de Cataluña». E em 1881 appareceu á luz um folheto extremamente interessante «D. Pedro el condestable de Portugal considerado como escriptor, erudito y anticuario; estudio historico bibliographico por D. Andrés Balaguer y Merino». N'este folheto publicou o sr. Balaguer o inventario da bibliotheca, e o testamento do infante D. Pedro.

Paine pour joie ou *Payne pour joye*, era a divisa do formoso sabio e infeliz condestavel; esta divisa ainda hoje se lê em alguns sitios do castello de Aviz.

Ora Diogo de Azambuja foi guarda roupa e

guarda-mór do rei de Catalunha, amigo seu inseparavel, e seu testamenteiro. N'esse curiosissimo testamento apparece mencionado pela fórma seguinte «Didacum Dazambuia custodem preciose supellectilis domus nostrae».

A elle se refere a verba 9.^a — Elrey deixa-lhe o castello de Montsori e cem *pacíficos* de ouro, e acrescenta: «tametsi maiori quidem munere dignus est».

Passemos aos documentos do archivo da Misericordia; são pergaminhos que estão agora n'uma das collecções especiaes do archivo — pergaminhos varios da Misericordia de Evora —; numa grande pasta, desdobrados, cosidos só por um lado a fortes escarcellas de linho, de modo que se podem manusear como um livro ou um *album*; é disposição que tenho adoptado e recommendo aos amadores de veneraveis pergaminhos.

Pergaminho n.º 2. — 1460 —. Doação a fr. Diogo de Azambuja, cavalleiro freire conventual da ordem de Aviz e guarda-roupa do infante D. Pedro: por serviços feitos ao infante e á ordem; constitue uma commenda, de 1460 em diante, nas rendas das coutadas da Chancellaria e Cova do Piam, coimas da coutada de S. Gens e Montinho em termo de Alter Pedroso e as deste lugar e o foro de uma horta. Ruy Vaz a fez, na villa de Aviz, em 1 de outubro de 1460. Assignado — I. P.º — (infante Pedro) Original bem conservado.

Perg. n.º 3. — 1464. — Traslado de procuração. Em 22 de junho de 1464, em Coimbra na rua da Calçada, ante as portas das casas de morada de João de Freites. . . , estando presente Luiz Afonso bacharel em degredos e vigario geral de D. João Galvão, bispo de Coimbra. Apresenta-se uma procuração feita em Barcellona em 8 de maio do referido anno.

— Diogo de Azambuja, cavalleiro de Aviz, commendador de Alter Pedroso e de Seda, guarda-roupa e guarda-mór do muito nobre e excellente D. Pedro, rei de Aragon, de Cezilia, de Valença, das Maiorcas, de Sardenha e de Corsia, e conde de Barcellona, nomeia procurador seu pae, Pero de Azambuja, escudeiro, morador em Monte-mór-o-velho. Feita em Barcellona, no paço do reverendo bispo de Barcellona no qual o dito serenissimo sr. rei sua morada continua faz. Testemunhas: D. João de Castro copeiro-mór, Pero de Souza Cavalleiro, mordomo da casa do dito rei. Antonio França notario del-rei.

Como se vê o infante D. Pedro tinha na sua côrte alguns portuguezes; direi ainda que n'um dos documentos transcriptos pelo sr. Balaguer, apparecem dois — Cabots —, talvez relacionados com os conhecidos navegadores.

Perg. n.º 5, — 1485. — Carta de D. João 2.º dando licença a Diogo de Azambuja para pôr no escudo um castello. Pelos grandes serviços de Diogo de Azambuja, cavalleiro da ordem de Aviz, do nosso conselho, commendador de Cabeço de Vide, Rio Maior, montados de Pedroso, alcaide-mór de Monsaraz... assi nas guerras como no fazimento do castello de S. Jorge, que é nas partes de Guiné... que no escudo das armas metta um castello além das outras armas. Dada em Beja, em 17 de março de 1485.

Pergaminhos n.º 7 (1494) e n.º 8 (1495); referem-se a propriedades compradas por Diogo de Azambuja no termo de Monsaraz.

Perg. n.º 13 — 1509. — Traslado de carta del-rei D. Manuel, dada em Abrantes, a 27 de junho de 1507 (o traslado feito em 21 de novembro de 1509, em Monte-mór-o-velho, no paço de conselho).

Concede a Diogo de Azambuja a capitania e alcaidaria-mór do castello de Mogador. . . pelos serviços do fazimento do castello real de Mogador com despeza da sua fazenda.

Perg. n.º 14. — Provisão, carta de mercê e mudança de renda; carta dada por D. Manuel em Almeirim, a 20 de janeiro de 1510, alterando outra dada em Cintra em 18 de agosto de 1508. . . temos dado uma carta a Diogo de Azambuja do nosso conselho, nosso veador-mór de artilheria. . . (transcreve) . . . esguardando aos muitos e extremados serviços. . . de Diogo de Azambuja capitão da nossa cidade de Çaffi. . . (faz) mercê dêo o 1.º de janeiro de 1509. . . de juro e erdade de réis 150:000 de renda na capitania da villa e castello de Aguez, que é no rio dos Savées, junto com a dita cidade de Çaffi. . . A 2.ª carta transfere esta renda para o almoxarifado de Coimbra.

O ultimo perg. que se refere a Diogo de Azambuja é o n.º 17, instituição de capella e designação de propriedades: «Em Monte-mór-o-velho, em 1 de setembro de 1512, nas casas do dr. João Pinheiro, deão que foi da capella del-rei, onde ora pousa o commendador Diogo de Azambuja» . . . por este documento consta ser filho de Pero Eannes de Azambuja e de Maria Gonçalves, e ter uma irman, Izabel de Azambuja.

Noticia d'estes Azambujas em Manso de Lima

Jacinto Leitão Manso de Lima escreveu uma obra genealogica, em dezenas de grossos in-folios, que se conserva manuscrita na Bibl. Nac. de Lisboa. Tem por titulo *Familias de Portugal*. No artigo *Azambujas* dá as seguintes noticias:

.....
Diogo da Azambuja, filho segundo d'este Jorge

da Azambuja, foi commendador de Coruche na ordem de Aviz, e craveiro da mesma ordem; foi mais commendador de Cabeço de Vide, Rio Mayor, e Montados de Alter Pedroso, na mesma ordem, e Alcaide mór da villa de Monsaraz.

Passou a Aragão em companhia do senhor D. Pedro condestable de Portugal. filho do infante D. Pedro duque de Coimbra, a quem os Catalães haviam eleito para seu soberano.

Servio ali muito bem enquanto viveu o dito Principe, e foi hum dos seus testamenteiros, a quem deixou o senhorio do Castello de Monzorim.

E voltando para este reyno, por ser varão esforçado e prudente foi mandado no anno de 1481 descobrir novas terras, e os limites dos mares; descobriu a Mina onde logo fez celebrar missa, e mandaram presentes a Caramansa, que ali era regulo, e fizeram com elle amizade; e ali fez por ordem do senhor rey D. João o 2.^o o castello de São Jorge da Mina na costa de Africa e o poz em expugnação em 2 annos e sete mezes, e foi o primeiro capitão d'aquella fortaleza por espaço de trez annos, como escreve Rezende na Chronica do dito rey.

Por morte do senhor rey D. João foi mui respeitado do senhor rey D. Manoel que no anno de 1507 o mandou com huma Armada em companhia de Gracia de Mello, a conquistar a cidade de Çafim na costa da Barbaria, que ganhou com grande valor, e industria aos mouros e ficou nella por governador, aonde os mouros andavam em divisões, e differenças de que se aproveitou entrando-a e expulsando della os mouros no anno de 1508; e já no anno de 1506 havia ido fazer o Castello Real de frente da ilha do Mogador e junto a Çafim; em cuja tomada se achou com seus netos Diogo de Miranda e Manoel da Silveira.

E mandando-o depois o mesmo rey render por

Nuno Fernandes de Ataíde disendolhe que o fazia em razão de ser já velho, respondeu elle que el rey o achara moço pera conquistar a cidade, e velho pera a defender, e voltando para o reyno fundou na villa de Montemór o velho o mosteiro de Santo Agostinho onde jaz enterrado.

Foi do conselho do sr. D. João 2.^o que lhe concedeu licença pera poder meter no escudo de suas armas hum castello em memoria dos seus serviços por carta dada em Beja a 17 de março de 1485 respeitando aos grandes serviços que lhe havia feito e ao reyno. Foi provedor dos Armazens reaes e pessoa de muita authoridade, valor, talento e estimação no reyno. Não casou por ser dos commendadores antigos mas houve de Leonor Botelha com quem andou muitos annos, e de quem falaremos em outra parte :

D. Cecilia, que foi mulher de Francisco
de Miranda

D. Catharina, que foi mulher de Martim
da Silveira, alcaide mor de Terena

Mas outros dizem que foi casado, com dispensa de Roma, com D. Leonor Velha, irman de Gonçalo Velho, commendador de Almourol, depois das relações com Leonor Botelha.

E outro affirma que foi casado com esta mesma.

E' possivel que casasse duas vezes; o que é certo é que de Leonor Velha teve tres filhos, Jorge, Antonio e Diogo.

Antonio de Azambuja navegou, e teve a sua carta d'armas, passada em Evora em fevereiro de 1535.

O mais velho, Jorge, serviu na India e voltando ao reino numa não *se perdeu sem mais se saber delle.*

O 3.^o filho, Diogo d'Azambuja, foi morto na India, pelejando valorosamente em 1536.

Antonio de Azambuja cazou com D. Maria de Castro, filha de Vasco Martins de Mello, alcaide mór de Cabeço de Vide; d'este matrimonio nasceram Diogo d'Azambuja

Vasco Martins de Mello

Pedro de Azambuja

D. Izabel de Castro

D. Margarida de Castro.

Por consequencia este Diogo de Azambuja filho mais velho de Antonio de Azambuja, era neto do primeiro Diogo de Azambuja de que fallámos.

Diz Manso de Lima — Diogo de Azambuja, filho primeiro deste Antonio da Azambuja serviu muitos annos na India, aonde foi capitão das fortalezas de Columbo e Tidore, e voltando ao reino foi feito governador da ilha da Madeira. Soccorreu a fortaleza de Chaul estando cercada, e dali passou á conquista das ilhas Molucas aonde fez uma fortaleza á sua custa, e houvera tido empregos muito mais relevantes se se atendesse ao seu merecimento, porque alem de ser mui valoroso e ter feito muitos serviços ao rei dispendeu tambem no serviço real incriveis sommas de dinheiro de que não teve satisfação. Foi commendador da ordem de Christo, e morreu governando a dita ilha da Madeira. Casou sendo já velho com D. Guiomar Pereira filha de Jacome de Mello Pereira.

Esta dama D. Guiomar Pereira quando casou com Diogo d'Azambuja de Mello, era já viuva de quatro maridos. Pois viuvou do quinto, e ainda casou 6.^a vez com Tristão Vaz da Veiga.

O codice manuscripto S:171
da Bibl. N. de Pariz

É um volume in-8.^o, contendo os *privilegios e liberdades dos commendadores e cavalleiros da ordem de Christo*, em publica forma passada em Thomar

a 8 de abril de 1595. Contém tambem as regras e definições da dita ordem, e trata largamente da profissão de Diogo de Azambuja do conselho d'el-rei, capitão geral da ilha da Madeira, com varias peças poeticas em louvor d'este cavalleiro.

No frontispicio lê-se: *Aos lectores e ao commendador Dioguo daazambuja de mello do conselho del Rei nosso Senhor.*

E vós Diogo illustre que na guerra
 Tai nome e fama honrosa conseguistes,
 Domando tantos reis da gente perra,
 Se áquelle grande estado não subistes
 Que fendes pelas armas merecido,
 Nos Mouros que por elles destruístes,
 E aquelle largo Imperio esclarecido
 Que a vosso rei e patria levantastes
 Na parte oriental do céo lusido.....

E assim vae seguindo o pomposo encómio, até chegarmos — á profissão que Diogo d'Azambuja de Mello... fez a 23 de setembro de 1594, no mosteiro de Nossa Senhora da Luz.

E' o conhecido mosteiro da Luz, proximo de Lisboa, onde por algum tempo se fizeram profissões da ordem de Christo.

AO PROFESSO

Tão grande profissão e tão bem dada
 De hum cavalleiro tal a tão grão Mestre,
 O menos que obrigou foi propria espada
 A defensão da fé, e ao rei terrestre
 Por estes sempre em campo, e estacada
 Co imigo de cavallo, e co pedestre
 Te envolveras, Varão que assi o juraste
 Na honrosa profissão que aqui tomaste.

Este Azambuja de Mello era já fallecido em 1600, e no Funchal se tratou do legado, inventarios, etc., do illustre capitão geral. Este inventario, mal escripto e orthographado, chegou a nossos dias no Archivo da Santa Casa da Misericordia de

Evora, e julgo-o documento de algum valor por mencionar livros e instrumentos da profissão do antigo capitão de Tidore, que teve vida de guerras e aventuras na segunda metade do seculo XVI.

Vamos transcrevel-o na integra.

Bagagem de um capitão
portuguez na segunda metade do seculo XVI

Saibão quantos este estromento dado em publica forma por mandado e authoridade de justiça, com ho theor do abaixo escrito e pella maneira seguinte virem q̃ no anno do nascimento de nosso Senhor Jhu xpto de mil e seiscentos aos vinte e dous dias do mes de agosto do dito anno nesta cidade do Funchal da ilha da madeira perante ho juiz ordinario diogo pereira da Silua pareceu João vaas mendes estãte nesta cidade e lhe disse que elle tinha huns papeis e iteins de cousas que o capitam geral desta ilha Diogo dazambuja de mello ja defuncto mandara daqui pera a cidade de Lisboa por duarte de mello dos quaes lhe era necessario mandar ho treslado á dita cidade de Lisboa q̃ lhe pedia lhe mandasse passar em estromento publico e nelle interpuzesse sua authoridade, apresentando logo hos ditos papeis dos quaes ho treslado do que ao caso toca de verbo ad verbum hee o seguinte.

Na guardarroupa :

hum masso de cartas que diz q̃ rresponde pello navio de pero Simoins pera Lisboa a vinte sete de dezembro noventa e cinco.

It. outro masso de cartas que vieram na caravela do cravo de Lisboa o primeiro de janeiro de noventa e seis.

It. De braz Freire e outras pessoas seis cartas soltas.

It. hum masso grande de cartas de minha mai e irmans.

- It. hum masso de cartas suas della que mandou a machiquo.
- It. hum masso de cartas das freiras de portalegre.
- It. hum masso de Antonio de Mello Valle dupar.
- It. hum masso grande de cartas e copias q̃ escrevi a el-rei e ao conde de portalegre.
- It. Tres pedassos de pao da cobra e hum bahul de chorumella e hũa verruma.
- It. hũa pedra de moer mezinhas e um coquinho por alimpar e dous alambeis dacorellas de olanda vermelha bons pera a touqua.
- It. hum masso de cartas e papeis de malluco q̃ rrelevam e tem no principio a procurasam do governador.
- It. hum masso de cartas q̃ dareis e outro masso de cartas e papeis que não tem de fora escrito.
- It. masso de cartas das letras que mandei de dr.º a Fernão Glz da camara da fazenda q̃ vendeu aos padres na ilha da madeira.
- It. papeis soltos sem sobrescripto.
- It. hum masso de papeis que rrellevam.
- It. hum masso de papeis que rrelevam ácerca das differensas que tive com o toito de Duarte Pereira em malluco.
- It. papeis que rrelevam do rrequerimento que tive na fazenda d'elrrei pedindo o pagamento do dr.º que me elrrei deve.
- It. massos de cartas de Malaca e certidões de amigos e contas do alfaiate e de braz freire e outros. Listra dos soldados do galeão rreis magos em q̃ foram uns estromentos de meos seruiços.
- It. de malluco de mil quinhentos noventa e seis um masso grande.
- It. outros muitos papeis que não pude descrever q̃ podem rrelevar muito.
- It. hum masso de papeis do traidor alferes Clemente.

- It. hum masso de cartas do trigo de Lanssarote.
- It. hum masso de cartas de Jeronymo dalmeida de Madrid q̃ tractam dos chorumellas que rrelevam de Estevam da guama.
- It. ametade dos massos de cartas e papeis de mal-luco que estavam no sacco. Vão na gaueta q̃ le-ua a agulha de marear, ao rredor della e por cima delles e da agulha vão muitos papeis e car-tas da ilha da madeira que podem rrelevar.
- It. hum cobertor de cochonilha uermelha com seus ourellos sem nenhũa guarnissão e não vai mais q̃ um só. E se se achar neste rrol outro é o mes-mo.
- It. onze chaves que dei a duarte de mello.
Convem a saber : Duas do cofre grande de Flan-des e hũa do caixão de angelim em q̃ vão as ca-deiras e oito das gauetas da guarda rroupa, oje vin-te cinco de setembro de noventa e nove.
- Em hum dos barris, digo quartos, vae o se-guinte :
- It. hum cesto com um globo celeste.
- It. o liurinho de olenisto de medições em pasta vermelha.
- It. o livrinho de discuções militares de manleor de lange, pasta verde.
- It. Dois liurinhos de oclides de geometria, hum em purgaminho e outro em pasta.
- It. hum liurinho Jeronimo Catanho de fortifica-çoens em pasta vermelha.
- It. outro liurinho Leão bautista alberto dartetatura ciuil em pasta vermelha.
- It. Cissoro livro segundo em pasta preta piqueno.
- It. oracio em pasta preta piqueno.
- It. Joannes rrauisse em pasta preta.
- It. Epistollas familiaries em pasta preta de dom ant.^o de gauara.
- It. livro de los comentarios do Caio Julio Cesar em pasta preta.

- It. graveestiana de Sermoins em purgaminho branco.
- It. discurso de pregadores em purgaminho branco.
- It. pregaçoens do mesmo Frame em purgaminho branco.
- It. discursos do rameto em purgaminho branco.
- It. outro segundo do mesmo em purgaminho branco.
- It. recordo de bem morir em pergaminho branco.
- It. de muitas valorosas donnas em purgaminho branco.
- It. lembranças pera bem morir em purguaminho branco.
- It. da rrepublica dos venezianos em purguaminho branco.
- It. cartas messageiras em purguaminho branco.
- It. manual do contaderem em purguaminho branco.
- It. jardim espiritual em purguaminho branco.
- It. Sonetos de petrarca em purguaminho branco.
- It. triumphos em pasta preta.
- It. Cissero livro tersseiro em pasta vermelha e preta q̃ sam dous.
- It. livro da terra Santa em purguaminho branco.
- It outro discurso de pregadores em purguaminho branco.
- It. segunda parte de la auracana em purguaminho branco.
- It. livro das quatro regras da arismetica a primera parte de maia em purguaminho branco.
- It. a doutrina christaam em purguaminho branco.
- It. dous relgios e hũ agulhão de marfim.
- It. Sonetos de petrarca em purgaminho branco.
- It. reportorio em purgaminho branco.
- It. ho rosario da virgem nossa sñora em purgaminho branco.
- It. regras de melicia do capitão F.^{co} Cretile ancona em purgaminho branco.

- It. livro da regra da hordem de Xpõ em purguaminho branco.
- It. livro dos outo maiores emperadores turquos em purguaminho escrito e sujo.
- It. tratado dos esquadroens em purguaminho branco.
- It. tratado da matamatica de cantaneo em purguaminho branco.
- It. livro em ingles da naveguassão em purguaminho sujo.
- It. vida e martirio de Sanctiago em purguaminho escrito.
- Todos ateequi vão dentro no globo celleste.
- It. arquetetura millitar de pero catanho em pasta tamarada.
- It. tratado da esfera em purguaminho branco do doutor pero nunes.
- It. rregimento da mellicia de bernardino rroqua purguaminho branco.
- It. hum livro de pinturas em purguaminho branco.
- It. rreformassam da justa ẽ purguaminho escrito.
- It. Jeronimo catanho ẽ pasta vermelha sem coor.
- It. has duas regras de prespetiua dom leauroro em pasta vermelha.
- It. empresas mellitares em purguaminho branco.
- It. instetuiçoens canonicas em purguaminho branco.
- It. nauegassam e compendio da esfera de martim cortes pasta vermelha.
- It. outro livro de rregimento da hordem de Xpõ em pasta preta.
- It. vagapullairo de toscano hee italiano em purguaminho branco.
- It. hum livro de pinturas em pasta preta.
- It. historia imperial cezarea em purguaminho branco.

- It. o livro que novamente fez hum flamengo da india horiental em pasta branca.
- It. hum livro de caixa branco em pasta vermelha.
- It. hum livro francez de cavallaria em pasta branca; e vai no outro globo, e dentro nelle.
- It. hũa resma de papel muito fino de flandes branco.
- It. teorica de ertudes em coplas de f.^o de castilho purguaminho sujo.
- It. ho primeiro livro das ordenaçoes portuguesas em pasta.
- It. theatrum obris de abrahão ortelio em castelhano em pasta branca.
- It. de roteiros flamengos de todas as costas da Europa, muito curioso em pasta branca.
- It. hum livro de trovas.
- It. outro livro de trovas e cousas de maluquo.
- It. avisos pera soldado.
- It. o rosario de nossa senhora.
- It. quatro livrinhos brancos em q̃ tenho algũas lembranças da Madeira, e estes assim tambem vão no sesto do globo celleste.
- No outro quarto vai ho outro globo celleste dentro e fora delle do cesto vai o seguinte:
- It. hum livro de cidades em pasta vermelha.
- It. outro livro de cidades em pasta vermelha.
- It. hum estrelabio de metal frances.
- It. hũa caixa de pao com tres compassos.
- It. hum quadrante de cobre e tres toalhas de beitilha e dous vidros despelho do sol e hum canudo de bambo.
- It. hum compasso de latão.
- It. livro de artetura de sebastião celi em purguaminho branco.
- It. tres oliveis com seus prumos e hũa ballestilha e dous rrotos e muitas penas de pauão.
- It. duas cartas de marear hũa hee do maar do sul do mexiqo, as malucas mexiqua.

- It. dentro n'este quarto vão as mais das cartas de maluco das comendas.
- It. hũa caldeira para beberem hos caualos, de ferro, ou cobre.
- It. hum quarto com seu fecho em 4 vai o biscouto e cadeado.
- Hum caixão muito comprido.
- It. em que vai o meu leito e alguas pessas do leito de duarte de mello, e leua quatro cocos e arpeas dos caualos e vai marcado com ha minha marca como vão todos os demais que hee a de fora.
- It. houtro caixão comprido mais piqueno em q̄ vai outro leito mais piqueno de duarte de mello com a mesma marca.
- As cartas q̄ escreui por duarte de mello.
- It. ao padre ant.^o madeira, diogo das pouoas, a elrei, a joam da costa, ao conde de portalegre, a dona guiomar pereira, ao padre frei nicullao coelho, ao capitão garcia mousinho, ao arcebispo, ao conde meirinho moor, ao conde de Sancta cruz, a miguel de moura, a diogo velho Secretario, a cristouam soares secretario.
- No cofre de flandes:
- It. seis paneis de oleo a saber são Jeronimo, a esperanssa, a fortaleza e tres obras da misericordia, daar de comer a quem haa fome, vestir ho nun, remir os captiuos.
- It. paineis de fresco a esperanssa, a charidade, odoratus.
- It. tres mapas hua de todo ho mundo, outra de europa, outra da cidade de Jerusalem.
- It. tres pratos couos grandes das fontes e hua fonte tudo destanho de flandes com suas duas escapullas de ferro.
- It. tres pratos mais couos destanho mais piquenos de fontes.

- It. hum guinde destanho a cara flamengo.
- It. vinte hum pratos piquenos couos de serviço
tambem couos.
- It. has cortinas velhas de sarja uerde do meu ca-
tre dô baul.
- It. duas rodellas de dargoes rodomadas.
- It. vinte couados de baeta vermelha.
- It. vinte seis couados de friza azul pera dona guio-
mar com has sessenta e seis pares de pelles de
coelho.
- Vão em hua gaceta piquena da guardarroupa.
- It. hua pessa de sarja preta.
- It. outo couados de beznarte amarello.
- It. a minha maqua que trouxe do peru.
- It. dous atados de rretalhos pretos e uerdes e de
bocassim.
- It. tres rretalhos de baeta e de paninho do uestido
preto e panno vermelho bezuarte tudo cousa
pouqua.
- It. a minha alabarda dobradiça com sua funda.
- It. a minha forquilha com sua bisarma dentro dou-
rada.
- It. hum plumo de chumbo e hua fundareza de li-
nho.
- It. dezouto couados de rraxa rroxa pera donna
guiomar.
- It. trinta e seis varas em hua pessa de pano de li-
nho crua digo trinta e seis.
- It. trinta e seis varas mais em outra pessa de pa-
no de linho crua.
- It. hua toalha de olanda das que trouxe de rasa,
vai suja que seruia.
- It. duas saluas de uerga de sestio e hum chapeo
da mesma verga.
- It. quatro cestos mais de vergua tudo carrêquita
janda.
- It. hua forma de pao do meu pee que trouxe de
maluquo.

Rrealeigo :

- It. o peso dos folles do orguão de chumbo e douts ferros de parafuso com sua chave tambem de parafuso com que se arma. Vai dentro no cofre de flandes emsima de tudo.
- It. a funda do rrealeigo de encerado com seus alamares brancos e forrado pór dentro de baeta uerde tambem vai no cofre de flandes:
- It. hos tres rrabos de pauão com que sacodem ho poo dos pãineis e livros.
no caixão de angelim da India grande :
- It. a minha cadeira de varandas com todas suas cortinas e encerados forradas de baeta verde e alamares de linhas brancas e correas q se daraa ao padre frei christovão.
- It. hua trepessa destrado com duas gaüetas e chaue.
- It. hua cadeira rrasa de duarte de mello de uelludo rroxo guardeme o uelludo coberto com hum trapo digo guarnecida com cravassão de prafa.
- It. douts uelladores piquenos de pao branco.
- It. hum vellador de pao grande.
- It. duas serrapilheiras com que vai cuberta a cadeira de uelludo e outra debaixo della.
- It. os paos dos pees do cofre de frâdes.
- It. tres folhas de papel assinei em branco que dei a duarte de mello pera em Lisboa escrever nelas por mim a elrei, ou aos governadores, ou ao falcão no que tocar a minha ida e rrequerimentos de meus seruiços.
- It. hua bocceta com douts guardanapos novos e ho meu beminho velho e hua toalha de linho da china do maar do sul.
- It. duas pelles de ueados aguamaussadas de preto.
- It. hua pessa de fustao.
- It. douts chapeos novos da charrua.

- It. ho barrete de Jorge martins.
- It. a carapussa de d'oo q̃ fiz por elrrei.
- It. hua pelle de forrar meas atamarada.
- It. a petrina de couro preto com fiuellas de prata.
- It. o sinto com seus talabartes de couro preto e a ferragem de prata.
- It. hum rretalho de panno verdoso.
- It. gualteiras duas de ceda muito velhas e hua de raxa noua muito boa.
- It. hum livrinho e tres rrosairos não inteiros de contas de carrascos de fruta do peru e hua vnha de besta.
- It. cartas em hum masso q̃ dei de Joanna luis e paio rroiz.
- It. outro masso que diz da terceira sentenssa da rrellassam do juiz dos feitos delrrei e muitas cartas soltas amarradas a estes dous massos.
- It. dous masses mais de cartas de galeão são Simão.
- It. hum masso de donna guiomar.
- It. dous de cartas desteuão da gama e do almeida de credito.
- na guardarroupa :
- It. quarenta e duas varas de guardanapos cru atoalhados de couado de largo.
- It. trese varas de pano branco rruão em hum pedasso.
- It. vinte seis varas de pano branco rruão noutro pedasso.
- It. sete varas e tersetta de panno cruu pera giboenis muito largo.
- It. doze varas de guardanapos curados atoalhados de largura de dous palmos.
- It. quatro varas e dous couados e meo de baeta uerde.
- It. dous couados de pano verde crjez.
- It. hua pessa de catassol rroxa digo de rraxeta.

- It. sete couados e meo de sarja uerde.
- It. hua pessa de catasol preto.
- It. onze pares de meas de laa de cores num atado.
- It. onze pares de meas noutro atado.
- It. outo pelles de gamaussa e hum atado de muitos pedassos.
- It. huns calçoens e rroupeta de pano de malluco.
- It. huns calçoens de velludo laurado preto abotoados.
- It. hua rroupeta de galla preta.
- It. outra rroupeta de galla de maluco.
- It. huns calçoens de galla irmaons da rroupeta assima.
- It. hum gibão de olanda amarella com mangas de couro usado.
- It. hum gibão de olanda branca com huas mangas picadas e forradas de dentro.
- It. hua rroupeta de gorgorão irmãa da capa da rraxeta.
- It. hum gibão de olanda branca com mangas de tristana preta.
- It. huns calções de rraxa preta digo de rraxa parda.
- It. hua rroupeta de velludo laurado preto forrada de tristana.
- It. huns calçoens do mesmo velludo laurado preto tudo velho.
- It. hua rroupeta de rraxa preta entrapada forrada.
- It. ho guião das minhas armas e a bocca da charamella rretorcida de latão e a mangua de velludo da piqua.
- It. hum bastão dastea de lanssa e hua vara de medidas.
- It. hua coura com suas meas mangas de couro branco de ueado guarneçada de passamane de ouro com suas ataquas de cordoens de rretroz pardo e agulhetas de prata.

- It. huns calçoens de gamaussa brãca guarnecidos de passamanes douro.
- It. hua mantilha de gala preta forrada toda de veludo laurado preto irmaons dos calçoens e cou-ra assim dita.
- It. huns retalhos dantas.
- It. hua capa de baeta e hua rroupeta jaa vsada.
- It. hum farregoulo de gorgorão que trouxe de Lisboa.
- It. hua capa preta de rraxeta entrapada irmãa da rroupeta atraz.
- It. hua capa de gala preta de que tenho tambem rroupeta.
- It. huns borseguins velhos e bem velhos.
- It. hua espada guarnecida de branquo dourada com seus sintos e adaga.
- It. hua espada e adagua guarnecida de preto com seus sintos.
- It. hua tauoa da hordem que pus da guerra.
- It. duas tauoas de cartas de marear.
- It. ho capus e a rroupeta de doo q̃ fiz por elrei.
- It. hua carta de marear de navegassão da india oriental com duas ballestilhas dentro.
- It. Sinco pedassos grandes e piquenos desgorma-ruquo e hum.
- It. hua rresma de papel m.^{to} fino de fiãdes.
- It. as ordenaçoens de castella em tauoas pardas em vso muito grande.
- It. as ordenaçoens de portugal em purguaminho branco nos quartos vai tudo.
- It. hum pedasso de olanda.



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana. O templo. As inscripções. — 3.º A Casa pia. — 4.º Loios, azulejos e obras d'arte. — 5.º Bibliotheca Publica. Noticias das collecções. — 6.º Conventos do Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. Raczynski. Pintores eborenses — 8.º e 9.º Vesperas da restauração. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A egreja de Santo Antão. Livros parochiaes. Collegiada, — 12.º O archivo municipal — 13.º A restauração em Evora. — 14.º, 15.º e 16.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora — 17.º Evora e o Ultramar. Balthazar Jorge e Marco Antonio Pessanha. — 18.º, 19.º, 20.º e 21.º Assédios d'Evora em 1663. — 22.º Os Festejos de Evora em 1729. — 23.º Evora nos Lusíadas. — 24.º Procições eborenses. — 25.º Exposições de arte ornamental. — 26.º Antiquidades romanas em Evora e seus arredores. — 27.º Roteiro d'um eborense. — 28.º Universidade de Evora. — 29.º As caçadas, 1.ª parte. — Evora e o ultramar, 2.ª parte.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand, e na do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

Documentos Historicos da Cidade d'Evora

Estão publicados :

- 1.ª PARTE — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII, XIII e XIV. Documentos do Cabido. Inventarios municipaes do sec. XIV. Documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º. Etc.

1 vol. de 202 pag. in-4.º — 1\$800 réis.

- 2.ª PARTE — Documentos municipaes do sec. XV. Doc. da Misericordia e Hospital no sec. XVI. O primeiro compromisso. Episodios eborenses na chronica de João 2.º, de Garcia de Rezende. Alfaroqueira e Toro. Regimento das procições. Os primeiros livros de acordos capitulares, sec. XV e XVI. Capitulos de côrtes no sec. XV. Etc.

1 vol. de 282 pag. in-4.º — 2\$200 réis.

Assignam-se estas publicações no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

MADRUGADAS, contos escolhidos, em casa do editor Abranches.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

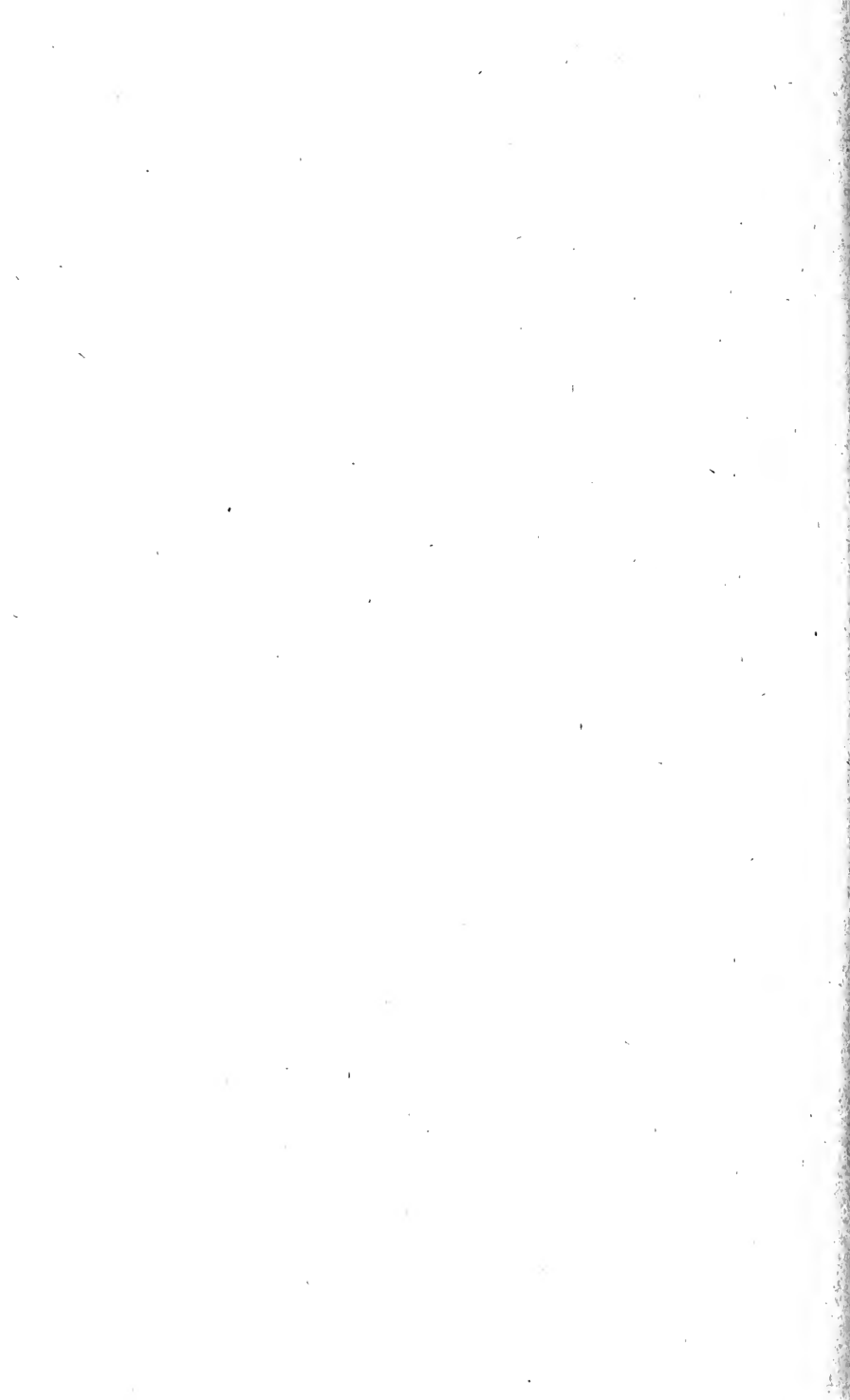
HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

IBN-ABDUN

OS ESCRITORES ARABES DE ENTRE TEJO E GUADIANA
O POETA EBORENSE.



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL
02 — Rua Ancha — 04
1893



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

IBN-ABDUN

OS ESCRITORES ARABES DE ENTRE TEJO E GUADIANA
O POETA EBORENSE.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL

62 — Rua Ancha — 64

1893

ESTUDOS EBORENSES

Ibn-Abdun

Na sua maior extensão a Arabia é um paiz de largos horisontes, de panoramas vastos e simples.

A população tem um viver singelo tambem; na alma popular, como na paizagem, ha sobriedade e grandeza. O arabe, o camelo, o cavallo, a vasta campina, os grupos de esguias palmeiras, o céu azul e ardente, rubro nas auroras e nos occasos, as noites tepidas, afinam mutuamente n'aquelle paiz. Pelas charnecas do Yémen ha plantas de extraordinario aroma! Como o clima é tepido, o arabe, o simples arabe, dispensou a architectura; basta-lhe a tenda; a vida pastoril é ali facil e doce; pelas manhans, pelas auroras, as caravanas passam morosamente; á noite em redor da tenda falla-se, falla-se em casos maravilhosos; todos cantam; as raparigas de olhos negros, carnes douradas, dentes mui alvos, dançam.

E o rythmo na dança, na poesia, na cantilena

ficou simples tambem. O irmão do arabe, o semita da Judéa, chegou ao prodigio Job, á Sulamite encantadora, á Ruth sublime, ao drama; e na sociedade moderna, contemporanea, conserva o logar brillantissimo na musica, no theatro e na litteratura. O semita arabe continúa a sua *kassidah*, acompanhada pelo som dos instrumentos de corda.

Nem se percebe que a cantilena do arabe atravessando a larga planura no camelo, em movimento de berço, pudesse ser outra; é invariavel como o céo, inconfundivel como a palmeira.

Ha enorme quantidade de poesias arabes; as mais antigas são tradicionalmente attribuidas a chefes e heroes do Yémen; ha poemas vigorosos e de extremo cultismo anteriores de dois séculos, pelo menos, a Mahomet. Não se sabe a data approximada de taes poemas; sabemos sim que no começo do seculo v já existiam muitos, variados no metro, para o sério e para o jocoso; canções de amor e canticos guerreiros, descripções, preceitos, fabulas, elegias e satyras.

Todos os annos nos tempos primitivos, por occasião das festas de Okad, reuniam-se os melhores poetas para recitar as suas composições; eram uns grandes jogos floraes; havia delirio de enthusiasmo e recompensas principescas. A satyra, a elegia festejada cantava-se um mez depois em todas as caravanas, em todas as tendas. Por uma *kassidah*, uma simples ode, um poeta recebeu uma vez cem camellos. As peças applaudidas eram escriptas e expostas ao publico na Kasbeh, o logar de mais frequencia, para que todos as lessem e decorassem.

Sete d'estas peças escolhidas, modelos da poesia arabe, chamam-se Muallakat, que quer dizer suspensas, penduradas, alludindo á forma da exposição.

A satyra e a fabula foram muito cultivadas pelos arabes, é porêm na elegia, terna, de profunda melancolia, que elles são mais eminentes.

O tom melancolico, dolente de algumas canções nossas, principalmente do sul do paiz, parece conservar reminiscencias arabes.

Tiveram épocas fecundas; na côrte de Damasco, no tempo dos Ommaidas, houve uma série de magnificos poetas: Omar-ibn-Rabiyah, Jamil-ben-Adhrah, Jarir e Farazdak, estes dois ultimos de Tamlcen; e o negro Noseieb, insignes nas canções de amor, na satyra, na poesia descriptiva; e ao lado d'estes uma nuvem de celebridades menores.

Mais tarde augmentando os meios, crescendo a influencia, a poesia arabe sem perder o cunho especial deixou todavia a genialidade primeira; angariou elementos gregos e persas, e surgiu então uma nova escola, menos simples, mais imaginosa, profunda e philosophica. E' a época do celebre *Thesouro aureo* e da *Hamara*, o famoso cancionero compilado por Abu-Teman. A este succede Mutenebhe, e, já no seculo XI, Toghray e Ibn-Faridh.

Bem se manifesta que os arabes constituiram uma formação poetica, uma escola, propria, caracteristica e opulenta.

Não confundamos porem jamais em questões litterarias, os arabes puros, do Yémen, com os do Maghreb ou da peninsula hispanica; n'este ponto a questão é mais complexa; os mesmos *arabes do oriente* censuram os *occidentaes*, os hispano-arabes, tratando-os como poetas de mau gosto, e imitadores ordinarios. Opinião injusta ante a critica imparcial, como se provou entre os proprios arabes.

O arabe-hispano é um typo bem raro na humanidade: não é o gothico, o germanico lançado, antigamente, de subito no meio latino; nem o inglez na sociedade brahmanica, nos tempos modernos.

O arabe culto e conquistador, intelligente e altruista admittia facilmente as outras raças, não era um egoista, nem o podia ser. Os arabes que entraram na península eram poucos, e esses ficaram maravilhados do clima, dos rios, das violaceas montanhas, das amenas veigas, dos bellos portos maritimos. Era singularmente sociavel o hispano arabe; fallava com todos, ouvia o parecer das gentes, nunca perdeu o habito das francas e animadas conversas da tenda de campanha, mesmo quando possuiu o palacio com as suas arcadas rendilhadas, a fonte de marmore no meio da quadra sussurando brandamente ante os reflexos metallicos dos azulejos lavrados.

Para a arte, para a sciencia, chamou o grego, o romanico, o bysantino; para o harem veio a gentil de Corintho, e na guerra não duvidava em ter a seu lado o homem de armas de raça e crença alheia.

Na poesia cantava a natureza, o amor, os pensamentos Moraes; descrevia o mar, as estrellas, o firmamento; os planetas, a rosa e o lyrio, e a violeta; a laranja, a roman, *fructo de Granada*, que tanta influencia teve na arte peninsular, a cereja e o cacho de uvas; o cão de caça, o cavallo, o gallo; os banhos frescos, e os amenos jardins, sem esquecer a meiga, embalante *norja*.

Principalmente o hispano-arabe ama o dito, o episodio nitido e vivaz, o pensamento fino e delicado.

Quando passaram as crises da invasão arabe na península, os episodios epicos de Rodrigo, de Tarrik e Musa, serenados os espiritos, o poeta agareno sentio o enlevo d'este clima e d'esta terra privilegiada, das bellas noites de luar, do grande mar azul, dos frescos e amenos rios, das serranias ves-

tidas de mattas virentes, os cimos franjados de neve, das gandaras atapetadas de matagaes aromaticos.

Era um enlevo!

Elles, os poetas arabes, comparam as terras peninsulares á Syria pelo ar, ao Yémen pela temperatura, á India pelos perfumes, ao Ahwaz pela opulencia, á China nas pedras preciosas e nos metaes; e comparam o povo ao de Adem pela hospitalidade!

Abd-al-uahad, poeta, instrumentista, compositor musical, exaltou o clima peninsular. A musica! a poesia! as duas crystallisações da alma arabe!

Ainda hoje a musica, a poesia constituem as manifestações artisticas do portuguez meridional; elle não cura do ornato, da joia, da côr garrida, nem a dança agitada e voluptuosa, tem a larga melopéa, e ama na palavra o doce rythmo; o pastor isolado com o seu rebanho no matto da serra ou da charneca enche os seus repousos com a flauta rudimentar, e sabe de côr quadras e decimas, satyras e elegias.

Entre os arabes Sevilha foi a grande musical, e Cordova a erudita.

No dialogo celebre de Ibn-Rachol (Averroés) com Ibn-Zohr (Avenzoar), o primeiro diz ao segundo: — o que eu tenho a dizer-te é que se um sabio morre em Sevilha, vão vender os seus livros a Cordova; e se um musico morre em Cordova, ninguem duvida, mandam os seus instrumentos musicaes para Sevilha. —

As sciencias e a litteratura foram muito cultivadas pelos arabes-hispanicos, que demais mui facilmente emprehendiam longas viagens; a viagem é, e será sempre, fecunda origem de conhecimentos; antigamente, muito mais que hoje, era tambem fonte de altruismo; hoje o *rapido*, os *expres-*

ços não dão tempo a formar sciencia; dão as impressões fugitivas na carreira a vapor, não deixam tirar a *moralidade* ao contacto eventual das classes sociaes; e não conhecendo não se cria amor.

Os rapazes arabes viajavam para saber; de Toledo, de Cordova, de Evora iam passar alguns annos nos institutos fundados pelos kalifas, nos fócos intellectuaes, do mundo oriental, nas academias de Bagdad, Damasco, Cairo.

Os emires ommaydas fundaram uma grande escola em Cordova, onde se professavam a theologia, o direito, a philosophia, a rhetorica e o ensino da lingua. E todavia o moço hispano-arabe continuou a ir ao oriente; era quasi um culto, uma tradição e uma saudade, era a homenagem á patria dos avós.

Al-Makkari apresenta mais de 300 biographias d'estes viajantes que iam a Alexandria, ao Cairo, a Damietta, Bagdad, Damasco, Alepo, Jerusalem, á Mekka, a Medina, a Ispahan, até a Samarkand!

Mais ainda para se instruirem, viajando, vendo povos, climas, regiões diversas, não a procurar escolas, alguns arabes peninsulares, de nomes que ficaram na historia, fizeram viagens ao Soudão, á India, á China.

Não devemos por isto admirar-nos dos *almagrurim* que da Alfama de Lisboa foram viajar pelo Atlantico fóra; e seguramente não seria raro ouvir no territorio portuguez contar das dilatadas jornadas do Oriente.

Especialmente á Mecca ia muita gente para os estudos de jurisprudencia, de historia, poesia, tradições propheticas, e mais principalmente para ouvir o alcorão.

Estes viajantes eram legistas, coranistas, cadis e muftis, soufis e ascetas, grammaticos, medicos, naturalistas, mathematicos.

Entre estes viageiros alguns houve que merecem muito reparo.

Por exemplo, Yahya-ibn-al-Hakam, al-Ghazal, poeta de Jaen, que falleceu no anno 864. Este homem foi na qualidade de embaixador ao paiz dos Normandos.

Sabem-se geralmente as invasões, as correrias dos septentrionaes pelo littoral hispanico, mas esta viagem diplomatica revêla outras relações entre hispano-arabes e as gentes do norte. Mas al-Ghazal fez ainda outra viagem, ao Irak, e a proposito d'esta jornada conta-se uma anedocta que merece attenção.

Al-Ghazal chegou ao Irak pouco tempo depois do fallecimento do grande poeta Abou-Nowas: e achando-se um dia em grande assembléa litteraria, os orientaes mostraram desdem pelos poetas de Hespanha.

Al-Ghazal não respondeu; e aproveitando depois a conversa, fallou com muito elogio de Abou-Nowas, e declamou alguns versos, que lhe attribuiu; a assemblea applaudiu os versos, e elle de subito exclamou: — Moderae os vossos applausos, estes versos foram feitos por mim!

Cito ainda outro viajante celebre para mostrar as relações em plena idade media de arabes-hespanhoes com os orientaes.

O medico Mohammad-ibn-Abdun, de Cordova, foi para o Oriente em 958 e voltou a Hespanha em 970. Este medico, entre outras posições officiaes, esteve *superior* no hospital do Cairo. E' autor de varias obras, e, dizem, escreveu sobre lithotricia.

Outro: Ibn-Zohr, tambem medico, estudou em Bagdad, e no Cairo.

As viagens, sempre boas fontes de instrucção, vinham completar a erudição, a cultura escolar,

já muito desenvolvida n'esta época em Toledo, Cordova, e Sevilha.

No tempo de Al-Hakam (961-976) a bibliotheca de Cordova tinha um catalogo dos seus livros, que enchia 44 volumes. Resta saber que *volumes* eram estes, mas é certo que era celebrada pela sua opulencia entre os eruditos do tempo.

Outro ponto ha que manifesta bem as muitas relações dos arabes hespanhoes com o oriente; é nas obras d'arte. Por exemplo falla-se do marmore que vinha de Carthago; de um architecto que veio de Alexandria, etc.

Em 936, Ahmed o grego, note-se, trouxe de Constantinopla uma grande piscina esculpida e dourada, e outra mais pequena ornada de figuras humanas (talvez bysantina).

Será bom mencionar aqui a pia baptismal da igreja de Sacavem, a que andam ligadas tradições mouriscas, a meu vêr com bons fundamentos.

Ao percorrer as poesias dos arabes-hispanicos, dos bellos espiritos do al-Gharb ou do Andaluz, parece escutar-se um decadista, em phase de finas combinações de ideias, de sons, de rítmicas subtilezas. Elles cantam os suspiros da ausencia, os vagos vôos das pombas, os halitos almiscarados, os dentes de perolas. São os poetas das morosas, dolentes canções. Mas estes homens viam frequentes tragedias: como os portuguezes de Ceuta e Mazagão entremeavam as refregas com os doces saráos.

Eram guerreiros e trovadores.

No começo do sec. XI, em 1009, rebenta uma grande revolução em Cordova; quebra-se a unidade do dominio, e surgem os pequenos soberanos, os chefes das *taifas*, *at-Tauaif*.

São os *Benu-Abbad*, em Sevilha; os *Benu-al-Aftas*, em Badajoz; os *Benu-dhi-an-noun*, em To-

ledo; os *Benu-abi-Amir*, em Valencia; os *Benu-Hud*, em Saragoça; os *Modjahid-al-Amiri* em Dénia e Baleares.

Pois segundo parece todos estes chefes de revolta eram espiritos cultos, dedicados ás lettras, ás sciencias, procurando rodear-se de sabios e de poetas. Entre os proprios príncipes al-Aftas se mencionam duas notabilidades, al-Mozhaffar e al-Motevakkil.

Nas palacianas quadras frescas de gentis arcadas, lavradas de caprichos e esmaltadas de azulejos, a meio o elegante repucho susurrando entre roseiras e alfazemas, sobre as esteiras de palma e os macios tapetes de lan vivamente coloridos, conversava-se amenamente em grupos em volta do califa, do vali, ou do vizir.

Quantas poesias desabrochavam n'essas vivendas de fadas! improvisavam sobre os espectaculos da natureza, o occaso, o luar, a tempestade, a flor, a abelha, travando-se muitas vezes o dialogo rimado, fórma frequente entre os arabes-hispanicos.

Ibn-al-Cid, Ibn-Ammar, Ibn-Wahbun, recitam os seus versos, alegres companheiros, n'essas horas de culto recreio.

— Que feliz tempo! exclama um, sob o formoso céu de Hespanha, para a sensitiva humana que é o poeta!

— Garissimo! diz outro, ha tres cousas que não merecem confiança. o mar, o sultão e o destino!

Descrevem tambem paizagem e casos maravilhosos, por exemplo, o dos thesouros que Tarik achou em Toledo.

O cultismo arabe era ainda bem animado pelas repetidas viagens dos orientaes; magistrados e militares vinham á peninsula; viajantes com o unico fim de ver e estudar vinham de Damasco e de Alexandria até Cordova e Toledo.

A terra hispanica tinha enorme fama de belleza e opulencia no Oriente.

Um dia perguntaram a As-Sarakhsi (sec. 12):

— Como achas o paiz? é inferior ao teu?

— Este paiz é admiravel! só lhe vejo um defeito.

— E qual?

— Faz esquecer a patria.

Os marroquinos tinham grande inveja dos arabes peninsulares; por que os do Yémen diziam que o Magreb (Marrócos) era apenas um paiz de passagem; sem a Hespanha nada valeria.

Um viajante illustre que tinha percorrido a Syria e o Egypto, chegou a Sevilha. Elle comparou a brilhante cidade a uma noiva, coroada pelo Axarafe, e tendo o rio Guadalquivir em collar.

— Já viste paiz mais bello?

— Não; o Axarafe é uma floresta sem lião; e o Guadalquivir um Nilo sem crocodilos.

— Oh! meu Deus! exclama outro poeta, de tudo que ha bom no Paraizo eu só desejo o vinho de Malaga, e as uvas passadas de Sevilha!

Gostavam muito do dito prompto, conciso.

O califa a um poeta:

— Como te achas commigo?

— Acima do meu valor, inferior ao teu.

Houve poetisas tambem em Hespanha. Om-al-kiram foi celebre pelos seus versos e pela singular belleza.

Hafçah, outra poetisa, bella, rica, nobre, e rodeada de tragicos amores.

Itimad-ar-Romaikiyah, Al-Bothainah, Miriem e Nazhoun, de Granada, tôdas poetisas e musicas, cujos nomes ficaram na historia.

Eu peço ao leitor benevolencia para estas digressões. Creio que ellas são indispensaveis pa-

ra a apresentação do grande poeta arabe-eborense.

Se ha em Portugal tão pouco escripto e conhecido d'esses sarracenos que dominaram no sul da península, no Alemtejo, para mais de seis seculos!

Vencida a monarchia una ergueram-se os thronos, os waliados differentes; esses reis ou walis eram aristocratas; na posição social e militar, e na vida intima.

O godo não era bem assim, era mais rude, mais isolado; o arabe chefe era em tudo, em todos os elementos sociaes, um superior. Tinha a inconfundivel educação da tenda de campanha; o contacto immediato do chefe tolerante com as diversas camadas e individuos.

Os historiadores chamam-lhes aristocratas; eram chefes, e eram tambem sabios e poetas; espiritos de tendencias taes não podem viver isolados, especialmente quando teem o poder.

O *emir*, o *wali*, o *califa*, procurava ter na sua côrte o homem de talento, o medico, o astrologo, o chimico ou alchimista, o musico, o poeta.

Ora o poeta eborense foi mui distincto entre os notaveis nas côrtes de Badajoz e em Sevilha.

Abou-Mohammed-Abdo-il-madjir-ibn-Abdollah-ibn-Abdoun-al-Jehri, nasceu em Evora, cidade que pertencia aos al-Aftas (ou Aftasidas), principes de Badajoz; elle revelou desde a mocidade grande talento para a poesia.

Cursou estudos, ou antes cultivou as suas felizes disposições sob mestres afamados, como eram então os celebres grammaticos al-Alam, Abu-il-Hadjadj Yusof ibn Soleiman-ibn-Yusof-ibn-Jsá de Santa Maria, conhecido por *al-Alam*, que viveu de 410 da hegira até 476 (1019-1083); e Abu-Becr-Acim-ibn Aiyoub, de Badajoz, autor de um commentario sobre as sessões de al-Hariri.

Santa Maria, a naturalidade de al-Alam, é Fa-

ro, que em documentos antigos apparece tambem Schantmaria, Hayrun, ou Harum; ainda hoje fica bem perto de Faro o cabo de Santa Maria.

O principe aftasida Omar al-Motauakil, governador de Evora, notou o joven Ibn-Abdun, e quando pela morte de seu irmão Jahya-al-Manzor, foi chamado ao throno de Badajoz, nomeou seu secretario o poeta eborense.

Ibn-Abdun esteve n'este emprego até á queda dos al-Aftas, ou Aftasidas (487 da hegira, 1094 da nossa éra); então acceitou identico logar junto de Sir-ibn-abi-Becr, chefe militar, general, almoravide, que tinha conquistado Sevilha e Badajoz para Yusof ibn-Téschifin.

E depois foi tambem secretario de Ali. filho e successor de Yusof, que na época era senhor em Hespanha e no norte de Africa.

Como se vê o poeta e secretario mudou com as conquistas; como succedia em Roma, e como tantas vezes succede hoje, sem todavia esmorecer na sua arte sublime.

Sentiu-se um dia fadigado de trabalhos e veio a Evora passar algum tempo com a familia, e os antigos amigos e companheiros; e morreu então, na sua cidade natal, em 529 da hegira (1134-35).

Trata-se pois de um eborense completo, com a ventura de nascer e morrer na sua terra.

Abdun devia ser velho em 1134; e que extraordinarias cousas elle poderia contar, que aventuras singulares, do seu tempo; e que elegias, que doces e languidas *cassidas*, de Evora, de Sevilha, elle poetaria; que suaves canções de amor, que tragedias tristes!

Diz-se que tinha uma memoria prodigiosa; testemunhas dignas de fé affirmam que elle sabia de cór todo o *Kitabo-il-agani*, que é um cancioneiro

arabe, enorme collecção das tradições, das trovas, e dos poemas dos antigos arabes.

Ainda ha pouco tempo (setembro, 1892), os delegados turcos vindos a Lisboa para o projectado congresso dos Orientalistas, me disséram, ao mostrar-lhe alguns exemplares do alcorão, manuscritos e impressos, que esse livro sagrado dos musulmanos se não perderia, embora ardessem ou se sumissem todos os volumes, pois em Constantinopla, no Cairo, ou em Tehéran, e até em muitas mesquitas isoladas, ha ulémas e softís que o sabem de cór, palavra a palavra, marcando todos os assentos e pausas.

Parece que é um exercicio querido aos orientaes o decorar, uma prenda mui distincta o saber recitar trechos e capitulos inteiros dos seus livros superiores.

Ibn-Abdun tinha muitos conhecimentos historicos e linguisticos. Escrevia facil e elegantemente cartas em prosa rimada; genero de composição, dizem os criticos especiaes, que exige noção perfeita das delicadezas da linguagem.

Compoz um livro para defender Abu-Obed contra as criticas de Ibn-Kotebah; mas julga-se perdida esta obra.

Poeta sempre habil e elegante escreveu todavia poucos poemas; flores suaves e mimosas que desabrochavam ao acaso.

Gosta de pintar o *dolce-faniente*, quando deitando na relva do valle, vê a aragem brincando com o manto.

Descreve as horas de prazer, nas bellas noites do sul, ouvindo o murmurio das vagas, ou quando o Guadalquivir se cobre de barcos, cheios de alegres companhias, e os olhos das formosas mouriscas hespanholas inflamam os corações juvenis.

Mas em taes composições finas e elegantes sur-

gem de subito nobres sentimentos, resalta a expressão da nobre altivez arabe; ha toques originaes a esmaltar os doces tons; e o artificio tambem, ás vezes em exaggero, especialmente nas imagens trabalhadas, singulares.

Parece haver n'este espirito a inspiração de João de Deus, combinada á de Campoamor.

Todavia não foram as breves poesias delicadas, as peças lyricas ou galantes, que deram a Ibn-Abdun a grande fama entre arabes; foi a elegia admiravel, de arte e inspiração, sobre o final da dynastia dos Aftasidas, que o tornou celebre.

Mas outros escriptores arabes, naturaes de entre Tejo e Guadiana, ficaram lembrados, e será bom apresental-os desde já; os seus nomes encontram-se em volumes pouco accessiveis, e os nossos litteratos e historiadores não teem cultivado este ramo.

Casiri, na sua *Bibliotheca arabico hispana escorialensis*, diz dos escriptores arabes naturaes da região lusitana: em alguns casos, em certos nomes de logares pode haver duvidas; ha Beja em Portugal e em Africa, e Alcantara e Alcacer repetem-se bastante: ás vezes tambem o mesmo escriptor arabe apparece com variantes de nome que podem originar confusão.

Vou, seguindo a ordem de Casiri, indicar alguns nomes.

Abdelmalek ben Badrun e ben Abdun Abi Moshamad (t. 1 p. 15).

Abi Mohamad Abdelmagid, de Evora (65).

Abulcassem Khalaph (95), em Santarem.

Abu Baker ben Sokon (96), e Abulwalid Ismail.

Abu Mohamad (97).

Abulcassem Abdelmalek (99).

Abu Abdallah (128).

No tomo 2.º p. 32 ao tratar de Alhasem ben Dharar refere-se á distribuição das tropas arabes na peninsula. Com os arabes propriamente ditos vieram turbas de outros asiaticos. Na continuação do dominio sarraceno outras forças foram importadas, de modo que no tempo de Dharar, na metade meridional da peninsula, estavam os damascenos em Cordova, os egypcios com arabes-hispanos em Lisboa, Beja e Tadmir; os palestinos em Medina Sidonia e Algeziras; os persas em Huete; os assyrios em Illiberi; os kinsaritas em Jaen.

Abu-Baker (2.º, 44) natural de *Schanabos in dictione urbis Silvis*; talvez Schanabos seja uma fórma arabe de Ossonoba.

Ahmad ben Alhassain (51).

Mohamad ben Omar.

Abdallah ben Moheb; este era de Alcacer ben Abi Danes, que é Alcacer do Sal (59).

Mohamad ben Mophadel, natural de Silves (75).

Abdallah ben Mohamad (102).

Mohamad ben Obaid (124), de Santarem.

Abdallah ben Isa (128).

Abdelmalek ben Hescham (132).

Abdelmalek ben Abdallah.

Abdalla ben Mohamad, de Beja (137).

Soliman ben Khalaph, Beja (142).

Mohamed ben Abdelrahman (146).

Mohamed ben Abraham, de Silves (147).

Mauphac ben Sil (147).

Mohamad ben Almad, Beja (164).

Em Casiri apparecem varias referencias a cidades alemtejanas, a Evora, Beja, Mertola; infelizmente algumas localidades são designadas por nomes que não é facil identificar.

Perderam-se muitas obras arabes, e entre ellas

a de Ibnu-Said que era uma descripção do sul e occidente da península.

Apenas sabemos que era dividida em sete livros, todos com os seus graciosos titulos orientaes.

O primeiro era o livro dos vestidos de ouro, e descrevia as bellezas do reino de Cordova.

O 2.º tinha o titulo — Livro das puras palhetas de ouro; descrevia o reino de Sevilha.

3.º O livro dos polidos galanteios; tratava de Malaga.

4.º O livro dos cavallos, as bellezas do reino de Bathalios (Badajoz).

5.º O livro do leite fresco. Descripção do reino de Shilb (Silves).

6.º O livro do prefacio illuminado. Descripção do reino de Béjah (Beja).

7.º O livro dos jardins fechados. Descripção do reino de Ulishibonah (Lisboa).

Que pena perder-se a obra de Ibnu-Said! porque pelas citações e notícias que d'ella ha seria descripção mui particular e opulenta de factos.

No bello trabalho do sr. Diaz y Perez, os *Extremenos illustres*, encontro referencias de muito valor no ponto de vista que adoptei:

E vou já apresentar uma que respeita a Evora.

— Acim-ibn-Aiyoub (Abou-Becr), escriptor distincto, nasceu em Badajoz, nos fins da primeira metade do sec. XI.

— O poeta Ibn-Abdun (cá temos o eborense), no seu poema sobre a dynastia dos Aftasidas (ou Alaftas), lhe faz justos elogios.

— Um dos mais notaveis poetas da côrte dos Alaftas foi effectivamente Abou-Mohamed-Abdoul-majid-ibn-Abdallah-ibn Abdun al Fehri, natural

de Evora, cidade que então pertencia aos príncipes de Badajoz.

E termina a noticia com esta observação—Não se conserva obra alguma do grammatico arabe de Badajoz, o que é para estranhar, quando *existe na bibliotheca do Escorial o poema do seu discipulo, o poeta de Evora.*

O poema do poeta eborense, dizemos nós agora, existe em grande numero de bibliothecas da Europa e da Asia occidental como em breve teremos occasião de demonstrar.

Notemos tambem: Almetuacil-Omar-ben-Negmdoda ou dola, que nasceu em 1079; era dos Alaftas, e foi wali de Santarem.

Querem vêr como será difficil muitas vezes identificar um nome? Çapor, Çapur, Sapur ou Labur é o mesmo individuo; é o primeiro rei arabe de Badajoz, no sec. XI: e é El-Mansor el Marid.

Mondzir-ben-Harem, natural de Badajoz, homem de letras distincto que *foi educado em Beja.*

Por vezes em noticias dos — *Estremeños illustres*, apparecem as palavras Zelb e Xelb que se julga serem os nomes arabes de Elvas.





ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana. O templo. As inscripções. — 3.º A Casa pia. — 4.º Loios, azulejos e obras d'arte. — 5.º Bibliotheca Publica. Noticias das collecções. — 6.º Conventos do Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. Raczynski. Pintores eborenses — 8.º e 9.º Vesperas da restauração. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A egreja de Santo Antão. Livros parochiaes. Collegiada. — 12.º O archivo municipal — 13.º A restauração em Evora. — 14.º, 15.º e 16.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora — 17.º Evora e o Ultramar. Balthazar Jorge e Marco Antonio Pessanha. — 18.º, 19.º, 20.º e 21.º Assédios d'Evora em 1663. — 22.º Os Festejos de Evora em 1729. — 23.º Evora nos Lusíadas. — 24.º Procições eborenses. — 25.º Exposições de arte ornamental. — 26.º Antiguidades romanas em Evora e seus arredores. — 27.º Roteiro d'um eborense. — 28.º Universidade de Evora. — 29.º As caçadas, 1.ª parte. — 30.º Evora e o ultramar, 2.ª parte. — 31.º Ibn-Abdun.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand, e na do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

Documentos Historicos da Cidade d'Evora

Estão publicados :

- 1.ª PARTE — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII, XIII e XIV. Documentos do Cabido. Inventarios municipaes do sec. XIV. Documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º. Etc.
1 vol. de 202 pag. in-4.º — 17800 réis.
- 2.ª PARTE — Documentos municipaes do sec. XV. Doc. da Misericordia e Hospital no sec. XVI. O primeiro compromisso. Episodios eborenses na chronica de João 2.º, de Garcia de Rezende. Alfarcobeira e Toro. Regimento das procições. Os primeiros livros de acordos capitulares, sec. XV e XVI. Capítulos de côrtes no sec. XV. Etc.
1 vol. de 282 pag. in-4.º — 27200 réis.
Assignam-se estas publicações no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

MADRUGADAS, contos escolhidos, em casa do editor Abranches.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

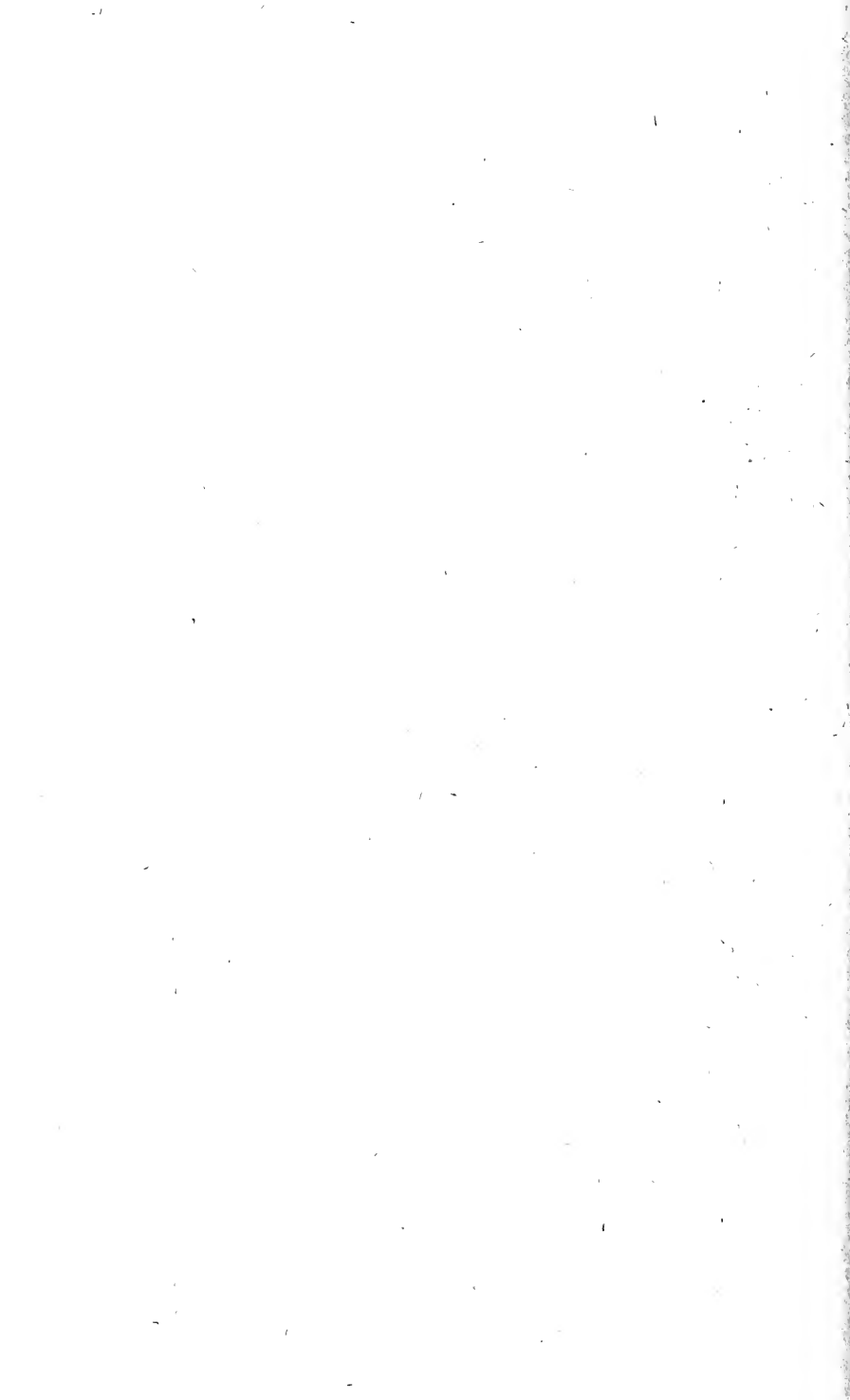
HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

OS MOUROS

A GEOGRAPHIA DE ÉDRISI. DESCRIÇÃO DO ALEMTEJO. YEDORAH (ÉVORA)
OS MOUROS EM BEJA



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL
92 — Rua Ancha — 64
1893



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

OS MOUROS

A GEOGRAPHIA DE ÉDRISI. DESCRIÇÃO DO ALEMTEJO. YEBORAH (EVORA)
OS MOUROS EM BEJA



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL

62 — Rua Ancha — 64

1893

ESTUDOS EBORENSSES

Os mouros

Édrisi é um geographo arabe, que viveu no seculo xii.

O seu nome todo é: Abu-abd-Allah-Mohammed-ben-Mohammed-abd-Allah-ben-Edris-al-Hamudi.

Foi tambem conhecido por — Cherif-al-Edrisi-as-Sikilli-al-Rodjari —, que quer dizer: o nobre Edrisi, da Sicilia, amigo de Rogerio—.

Outra variante do nome do geographo E'drisi é: Abu-Abd-allah-Mohammed-Idrisi; ou ainda: al-Sherif-el-Idrisi.

E mais simplesmente: el-Edrisi.

E ainda: Xerif-Aledris.

Finalmente, até ha pouco tempo, era conhecido por *Nubiense*; quem se referia ao Edrisi de Sicilia, ou ao geographo da Nubia, citava: *o nubiense*.

Este sabio nasceu em Sibtah (Ceuta), em 493 da hegira, que corresponde a 1099 da era de Christo, e falleceu por 1164.

De Ceuta veio frequentar estudos nas escolas de Cordova, viajando depois pelos paizes do Mediterraneo; esteve em Lisboa, visitou os paizes agora chamados França, e Inglaterra; esteve tambem em Constantinopla.

Estes arabes viajavam extraordinariamente! Ainda hoje teem gosto na deslocação. Como os nossos ciganos, a quem parece, na maioria, contraria a residencia fixa.

Nas ordens religiosas viajava-se muito, tambem a pé.

Por exemplo o celebre franciscano, fr. João da Pova, confessor de D. João 2.^o, que, sempre a pé, foi a varios concilios geraes, da sua ordem, na Europa!

E'drisi viajou muito, e, por felicidade, viveu no seu tempo Rogerio 2.^o da Sicilia, que era entusiasta da geographia.

Rogerio quiz saber do mundo, e mandou viajantes para marcar longitudes e latitudes, formando itinerarios rigorosos.

Os resultados de essas viagens e calculos foram *gravados sobre um globo de prata*.

Esses trabalhos foram aproveitados por E'drisi, chamado pelo rei de Sicilia, Rogerio, que se tornou em perfeito amigo: por isto ao E'drisi denominaram — al-Rodjari —.

E'drisi esteve muitos annos na Sicilia e ahi escreveu a sua vasta geographia.

O titulo do seu livro traduzido á lettra é: *Pasatempo do homem curioso de conhecer a fundo os diversos paizes do mundo*—.

O livro foi terminado nos ultimos dias do mez de *xewal*, em 548 da hegira, o que corresponde a meio-janeiro de 1154 da era christã.

Em 1592 se imprimiu em Roma uma versão

latina: — De geographia universali hortus cultissimus —. E' um resumo do Nubiense.

Conde traduziu em hespanhol a parte relativa á peninsula hispanica. Depois Jaubert e Dozy traduziram tambem (Dozy et Goeje, Description de l'Afrique et de l'Espagne. Amédée Jaubert, Géographie d'E'drisi).

O celebre geographo arabe para a sua descripção dividiu o globo terrestre em 7 climas, e cada clima em 10 regiões; descrevendo as regiões de cada clima a seguir, sem se importar com as divisões politicas.

E' um documento precioso para nós portuguezes, e para todos os estudiosos da peninsula iberica, por E'drisi ter vivido no periodo da constituição da monarchia e da nacionalidade.

Elle foi contemporaneo de Affonso Henriques.

Em sua vida taifas mouriscas e mesnadas christãs se cruzavam sem cessar pelos campos alemtejanos.

Por isto me pareceu util transcrever nos *Estudos Eborenses* a parte da geographia de E'drisi que se refere á região a sul do Tejo. Não é muito extensa e constitue elemento importante para a historia da região.

Antes de tratar da descripção da peninsula iberica, E'drisi refere-se a Lisboa, a proposito do porto de Asafi, — assim chamado, affirma elle, pelos aventureiros (al-mogharriroun) viajantes da cidade de Lisboa, em Hispania, que ahi abordaram. A descripção d'esta aventura é bastante longa, e teremos occasião de a referir quando tratarmos de Lisboa —.

E'drisi escreve depois a respeito da *ilha dos car-*

neiros (*Djazirat-l-Ghanam*), alludindo outra vez aos aventureiros.

A relação entre estas narrativas de E'drisi e a lenda de S. Brandão foi percebida por M. d'Avezac (*Les îles fantastiques de l'océan occidental*).

Recentemente ouvi porêem outra interpretação da viagem dos arabes lisbonenses; julgam alguns criticos musulmanos que elles chegaram á America septentrional.

E' no *quarto clima* (E'drisi divide a terra em grandes zonas ou climas, começando a sua descripção do sul para norte) que principia a descripção do paiz de *al-Andalos*, chamado em lingua grega *Ichbanya* (fórma arabe de *Hispania*).

O maior comprimento é desde a egreja do Corvo (cabo de S. Vicente) situada n'um promontorio que entra pelo oceano, até á montanha chamada do templo de Venus (Port-Vendres).

— De Toledo a Lisboa, no extremo occidente, nove jornadas —. O geographo arabe usa duas medidas, a milha e a jornada; por esta devemos entender a marcha de um cavalleiro por um dia.

— Toledo é o centro de toda a Hespanha . . . no tempo dos christãos era a capital e centro da administração —. E' claro que E'drisi se refere ao tempo da dominação goda.

— Na provincia de al-Facr (al-Faghar, o nosso Algarve) estão Santa Mavia (Santa Maria d'Algarve), Mertola, Silves, assim como grande numero de fortalezas e aldeias.

— A esta provincia segue-se a do *Castello* (Al-Kassr, Alcacer do sal), onde se acha o castello que chamam de Abou-Danis (tambem se encontra nos escriptores arabes Al-kassr-ben-Abou-Danés, Alcacer do sal), e onde estão tambem Evora (Yeburah). Badajoz (Bathalioz), Xerez (de los Caballeros), Merida, Cantara as-saif (Alcantara), e Coria.

—Depois vem a provincia de al-Balat, onde está a cidade do mesmo nome (hoje em ruínas na margem esquerda do Tejo; conserva-se o nome *campina de Albalat*), e Medelin.

—Na provincia de Balata estão Santarem, Lisboa e Cintra—. Alvalade é designação locativa que ficou tambem vulgarmente em Portugal, por exemplo o *Campo grande*, proximo de Lisboa.

—O rio Yana (Guadiana) banha as cidades de Merida, Badajoz e Mertola tão conhecida pela excellencia das suas fortificações.

—Castella (Cacelh, Cacella) é uma fortaleza construida sobre a margem do mar; é bem povoada; ha ahi muitas hortas e figueiraes.

—De ahi a Tavira, junto do mar 14 milhas.

—De ahi a Santa Maria do Algarve, 12 milhas.

—Esta cidade fica na margem do oceano, e suas muralhas são banhadas no preamar. Não é grande mas muito bonita; tem uma mesquita principal (aljama), outra commum (diriamos hoje parochial), e uma capella. E' frequentada por navios. O seu campo produz muitos figos e uvas.

—Da cidade de Santa Maria a Silves são 28 milhas.

—Silves, bonita cidade, é cercada de fortes muralhas. Nos arredores ha hortas e vergeis; bebe-se a agua de um rio que banha a cidade pelo sul, e que tem moendas.

—O oceano está a 3 milhas a occidente (e a sul).—Estas medidas do E'drisi não merecem confiança plena: todavia admira em muitos casos como o geographo arabe conhecia a posição das localidades; tinha boa informação; é certo que Silves está quasi equidistante do mar a sul e a occidente.

—Tem porto sobre o rio (refere-se talvez a Portimão que seria o porto de Silves), e estaleiros—.

E' bem possivel que em Silves se construissem pequenos barcos; hoje só com o auxilio da maré os botes podem ir atracar a Silves.

—As montanhas proximas produzem muita madeira que se exporta—. A serra de Monchique ainda hoje produz madeira para exportação, principalmente castanho em ripa, vara e barrotes.

—A cidade é bonita, com edificios elegantes, e mercados bem providos.

—A população da cidade, e a das aldeias dos arredores, compõe-se de arabes do Yémen, e outros, que fallam um dialecto arabe muito puro. Sabem tambem improvisar versos; são todos eloquentes e animados, tanto a gente popular como a classe mais elevada—.

O algarvio ainda mantem a sua fama de grande fallador; é certo que em geral o povo do littoral é expansivo e gesticulador.

O povo de Silves está mesclado nos tempos modernos; e a cidade longe do littoral.

Eu vejo no Algarve differenças consideraveis, que saltam aos sentidos, entre a gente agricultora do littoral, e a povoação da parte montanhosa. E entre esta mesma ha diversidades. Por exemplo a população de Monchique differe muito da de S. Braz; e a população da serra algarvia differe tambem da gente do Alemtejo meridional.

Ha outros testemunhos que provam que os arabes que povoaram, ou se estabeleceram em Silves, eram considerados puros arabes do Yémen.

—Os habitantes dos campos d'esta região são extremamente generosos; ninguem os excede a este respeito.

A cidade de Silves faz parte da provincia de ach-Chinchin (Chenchir, em outros auctores), cujo territorio é afamado pelos figueiraes; exporta figos

para todos os paizes do occidente; são figos optimos, finos, saborosos e de aroma delicado—.

—De Silves a Badajoz 3 jornadas (engano seguramente; não está em relação com outras distancias).

—De Silves ao castello de Mertola 4 jornadas; engano tambem. De Silves a Mertola devem ser duas jornadas de cavallo, e a Badajoz, cinco pelo menos.

—De Mertola ao castello de Huelba duas jornadas pequenas (assim deve ser).

—De Silves a Halc-az-Zawia, porto e aldeia, 20 milhas. (O Maracid diz que *aç-Zawia* é o nome de um districto da provincia de Ocsonoba).

—De ahi a Sagres, sobre o mar, 18 milhas. De ahi ao extremo do Algarve, que entra no oceano, 12 milhas. De ahi á igreja do Corvo, 7 milhas (é o cabo de S. Vicente, antes *promontorium sacrum*, Florez, Esp. sagr. viii, pag. 186 e seg.)

—Esta igreja não tem soffrido mudanças desde a epocha do dominio christão; possui propriedades territoriaes, doadas por pessoas devotas, e presentes offerecidos pelos christãos que ahi vão em romarias. Está situada em um promontorio que entra pelo mar. Sobre o alto do edificio estão dez corvos; nunca se deixam de ver ali; nunca se poudo constatar a sua ausencia; os sacerdotes da igreja contam a respeito destes corvos cousas de maravilhar; duvidar-se-hia da boa fé de quem as referisse.

—E' impossivel ir ahi sem tomar parte no lauto banquete que os da igreja offerecem; é uma obrigação que não muda, um uso que jámais deixam de observar, e ao qual todos se conformam; é costume muito antigo, transmittido de idade em idade, em longa practica.

—Servem a igreja sacerdotes e outros religiosos (monges e leigos?); possui grandes thesouros,

e rendas muito consideraveis, na maioria provenientes das terras que lhe teem sido legadas em differentes partes do Algarve.

—Taes rendimentos servem para as necessidades do templo, dos seus sacerdotes (ou monges), de todos os que lhe estão ligados por qualquer titulo, e dos forasteiros que o visitam em pequeno ou grande numero.

—D'esta egreja a al-Caçr (Alcacer do sal) 2 jornadas; de Silves a al-Caçr 4 jornadas.

—Al-Caçr é uma bonita cidade de tamanho regular, construida na margem do Chetoubar (Sado), grande rio navegado por muitas embarcações e navios de commercio. Pinhaes cercam a cidade por todos os lados; constroem ahi muitos navios.

—Esta região é naturalmente muito fertil, produz em abundancia leite, manteiga, mel e carne para talho.

—De al-Caçr ao mar contam-se 20 milhas; de al-Caçr a Yeborah (Evora) 2 jornadas.

—Esta cidade é grande e bem povoada. Está rodeada de muralhas, tem um castello fort: (uma cidadela) e uma mesquita principal (ou cathedral, *aljama*). Os campos que a cercam são de singular fertilidade; produz trigo, animaes, toda a qualidade de fructas e legumes. E' uma região excellente onde o commercio é vantajoso tanto em objectos de exportação como de importação.

—De Evora a Badajoz (Bathalioz) a oriente, 2 jornadas. Badajoz é uma cidade notavel, situada em planura, e rodeada de fortes muralhas. D'antes tinha a oriente um arrabalde maior que a propria cidade, mas tornou-se ermo em consequencia das revoltas.

—Esta cidade fica na margem do Yana (Guediana), grande rio a que chamam tambem o rio *subterraneo*, porque depois de um curso já consi-

deravel, levando agua bastante para ser navegavel, corre em seguida sob a terra, a ponto que se não acha uma gota de suas aguas; surge mais adiante e prosegue o seu curso até Mertola, e acaba por se lançar no mar não longe da ilha de Chaltich (Huelva). . . . (De Coria) a Coimbra 4 dias de caminho.

—Esta ultima cidade está construida sobre uma montanha arredondada; esta cercada por boas muralhas, fortificada perfeitamente e tem tres portas.

—Coimbra está na margem do Mondego, que corre para occidente da cidade, para o mar; e cuja foz é defendida pela fortaleza de Montmayor (Montemór-o-velho). Este rio dá movimento a muitos moinhos, e nas suas margens ha muitos vinhedos e hortas. O campo do termo da cidade, para o lado do mar, a poente, tem muitas terras cultivadas.

—Os habitantes possuem tambem gados, e são contados entre os mais corajosos dos christãos.

—De al-Caçr (al-Kassr, Alcacer do sal), de que já se fez menção, a Lisboa, duas jornadas.

—Lisboa está edificada na margem septentrional do rio Tejo; é o mesmo que banha Toledo. A largura d'este rio, perto de Lisboa é de 6 milhas, e a maré ahi se faz sentir com violencia.

—Esta formosa cidade alastra-se ao longo do rio; está cercada de muralhas, e tem uma cidade.

—Ao centro da cidade estão as fontes de agua quente, que conservam o mesmo calor no inverno e no estio. Fica proxima do oceano, e tem na sua frente, na margem opposta, o forte de al-Mádan (Almada), assim chamado porque na verdade o mar lança palhetas de ouro nas areias da margem. Durante o inverno os habitantes da localidade vão junto do castello buscando este metal, e entregam-

se a tal mister emquanto dura a estação rigorosa. E' um factó curioso de que nós mesmo fomos testemunha.

— De Lisboa partiram os *aventureiros*, quando fizeram a sua expedição com o fim de saber o que ha no oceano, e quaes os seus limites, assim como o dissemos mais acima.

— Existe ainda em Lisboa, proximo dos banhos quentes, uma rua chamada dos Aventureiros.

— Eis aqui como o factó se passou: reuniram-se em numero de oito, todos proximos parentes (á lettra, primos-irmãos), e depois de ter construido um navio mercante, embarcaram agua e viveres sufficientes para uma viagem de muitos mezes.

— Fizeram-se ao mar ao primeiro sopro do vento *léste*. Depois de ter navegado durante *onze dias*, ou proximamente, chegaram a um mar cujas ondas espessas exhalavam um cheiro fétido e occultavam numerosos recifes, havendo alem d'isto *pouca luz*.

Temendo a morte, mudaram o rumo e correram para o *sul* durante *12 dias*, e chegaram á *ilha dos carneiros*, onde inumeraveis rebanhos de carneiros andavam sem pastor, sem alguém que os guardasse.

Desembarcaram n'esta ilha, ali acharam uma fonte de agua corrente, e proximo uma figueira brava.

Mataram alguns carneiros mas a carne era tão *amarga* que a acharam impropria para a alimentação; só guardaram as *pelles*.

Navegaram ainda *doze dias* para o *sul*, e emfim avistaram uma *ilha* que parecia habitada e cultivada; approximaram-se para se informarem; pouco depois viram-se rodeados de *barcos*, prisioneiros e conduzidos a uma *povoação* situada na beira-mar.

Entraram depois n'uma casa onde estavam homens de *alta estatura*, e de *côr avermelhada*; tinham pouca barba e usavam *cabello comprido, não crespo*; e mulheres de singular belleza.

Por tres dias ficaram prisioneiros n'um compartimento d'esta casa. No quarto dia chegou um *homem que fallava a lingua arabe*; perguntou-lhes quem eram, porque tinham vindo, qual era o seu paiz.

Contaram-lhe a sua aventura; deu-lhes boas esperanças, e lhes disse ser *interprete do rei*.

No dia seguinte foram apresentados ao rei que lhes dirigiu as mesmas perguntas, e ao qual responderam, como já na vespera tinham feito ao interprete, que elles se tinham aventurado no mar afim de saber o que poderia haver n'elle de singular e curioso, e de saber os seus limites.

Quando o rei os ouviu assim fallar entrou a rir, e disse ao interprete: Explica a essa gente que *meu pae* mandou em tempos alguns de seus escravos embarcados por esse *mar*, elles o percorreram na sua largura durante *um mez*, até que a *claridade* (dos ceus) tendo-lhes faltado completamente, foram obrigados a renunciar a esta van empreza.

O rei ordenou mais ao interprete de assegurar aos aventureiros a sua benevolencia, para que elles ficassem fazendo bom conceito d'elle e assim foi.

Voltaram pois á sua prisão e ahi ficaram até que, tendo apparecido o vento de *oeste*, lhes taparam os olhos, fizeram-nos embarcar, e navegaram *algum tempo* no mar.

Navegámos, dizem elles, quasi *tres dias e tres noites*, e alcançámos depois uma terra onde nos desembarcaram, com as mãos atadas atraz das costas, e nos abandonaram n'uma praia.

Ficámos ahi até ao nascer do sol, no mais tris-

te estado, por causa dos laços que nos apertavam fortemente, e nos incommodavam muito; emfim tendo ouvido ruído e vozes humanas começámos todos a gritar.

Então alguns habitantes do paiz vieram ter connosco, e tendo-nos achado n'uma situação tão miseravel nos desligaram, e fizeram diversas perguntas a que respondemos narrando-lhes a nossa aventura. Eram *berbéres*. Um d'elles nos disse: — Sabeis a distancia de aqui ao vosso paiz?

E á nossa resposta negativa ajuntou: d'aqui á vossa patria ha *dois mezes de caminho*.

O chefe dos aventureiros exclamou então *van! asafi!* (*ai! de nós!*). Eis aqui por que o nome d'este logar é ainda hoje Asafi.

E' o porto de que nós já fallámos como sendo na extremidade do occidente.

—De Lisboa, seguindo as margens do rio, para oriente, até Santarem ha 80 milhas.

—Pode á vontade fazer-se esta viagem por terra ou pelo rio.

—No intervallo está a planura de Balata. Os habitantes de Lisboa e a maior parte dos de Gharb dizem que o trigo que ahi se semeia não fica na terra mais de quarenta dias; no fim d'este tempo pode ser ceifado. Ajuntam que uma semente produz cem, mais ou menos.

Santarem é uma cidade construida sobre uma montanha muito elevada.

A escarpa do sul é um grande precipicio. Esta cidade não tem muralhas, e junto da montanha está um bairro (arrabalde) construido na margem do rio Tejo (é a ribeira de Santarem); bebe-se ahi agua de fontes e do rio. Tem muitas hortas produzindo fructas e legumes de toda a qualidade.

De Santarem a Badajoz contam-se quatro jornadas.

A' direita do caminho está Elvas, cidade forte, situada junto de uma montanha. No risonho paiz que a cerca ha numerosas habitações e bazares. As mulheres são de grande belleza. De aqui a Badajoz são 12 milhas.

Arabes-béjenses

Os traços geraes da historia da invasão arabe na península hispanica, são conhecidos. Tarik depois da celebre derrota dos godos, marcha até Toledo; Muza ben Noseir vem em seguida com grandes forças, toma Sevilha, encerra os judeus na cidadella, põe guarnição na cidade, e caminha logo sobre Mérida.

Nas chronicas, e nos historiadores arabes, os godos são denominados os *barbaros*. Ora vamos ver já um facto pouco sabido entre nós: os barbaros de Sevilha fugiram para Beja.

Pode suppor-se que alguma força goda, tomada a cidade, retirasse para Beja.

E enquanto Muza vae sobre Mérida, e pára por algum tempo ante as muralhas da velha cidade que se defende, os de Beja juntam-se aos de Niebla; vão sobre Sevilha; e entram na cidade matando a guarnição sarracena.

Outros dizem que depois de Sevilha, Muza marchou logo a occidente, a Ossonoba, que pode ser Estoi, ou Faro, porque os escriptores arabes, alguns, chamam a Faro, Santa Maria de Ossonoba (Shant-Maria de Ocsonob), de ahi a Mertola, a Beja, Evora, Mérida, e depois a Toledo, onde se encontrou com Tarik.

O que é certo é que estando Muza em frente de Mérida recebeu a noticia do ataque de Sevilha pela gente de Beja e Niebla; e destacou logo o filho

Abdul-Azzis, com tropas bastantes para reprimir o movimento.

Creio que este facto não é muito conhecido; elle ficará bem nos gloriosos annaes do municipio pa-cense.

O paiz entre Tejo e Guadiana teve sempre importancia na vida politica dos arabes. Badajoz, Evora, Beja, Alcacer, Mertola e Silves apparecem frequentemente na historia do dominio agareno. De facto basta olhar a carta da península para nos convencermos de tal importancia, logo que Sevilha e Mérida occupem logar eminente no dominio da península como succedeu principalmente nos séculos 11 a 13.

Ainda em 1144, já em frente por assim dizer constantemente das algaras christans, os arabes nas suas guerras civis disputavam entre si a posse de Beja.

N'esse anno os partidos de Almondar e Sid-Ray bateram-se cruelmente, ganhando e perdendo alternativamente a cidade.

Por fim ficou Aben-Cosai, senhor ou wali de Beja.

Este Aben-Cosai é maltratado pelo famoso escriptor Al-Makkari porque teve muitas relações com D. Affonso Henriques, o tirano Aben-Errik, wali de Colimbria.

Em 1145, Mohamed Sid-Ray toma outra vez Medina Beja, e faz prisioneiro o Aben-Cosai. E depois mezes apenas, apparece Abdalá ben Samail, retoma Beja, e a gente de Almondar e Sid-Ray foge até Sevilha.

Nos fins do sec. 12 as refregas entre estes e os christãos tornam-se cada vez mais frequentes.

A entrada de Jacub Almanzor com enorme multidão de almohades, alárabes e andaluzes, devasta o territorio de Xelb (Silves) até a Abu Danés (Al-

cacer ben Abu Danés, Alcacer do Sal), e o termo de Medina Beja.

E ainda em 1231-1232 apparece um bégense celebre entre os mouros pelos feitos militares; é Abu Mervan Al-Baji, chefe de uma grande revolta contra Ibn-Hud; Mervan com o seu partido ficou senhor de Sevilha em 629 da Hégira.

Isto em resumo do que se pode encontrar nas chronicas arabes a respeito de Beja, e resumo muito condensado.

Peço licença para apenas lembrar aqui as bellas estancias de Camões, 64, 75, 76 e 85 do cant. 3.º dos Lusíadas que se referem á conquista do Alemtejo, e á expedição feita por D. Sancho em 1178, para descercar Beja.

Al-Makkari (Traduc. Gayangos, vol. 1.º pag. 60) refére-se a Beja nos seguintes termos: Beja é a capital de um dilatado territorio que durante a dynastia dos Beni-Abbad formou parte do reino de Sevilha. E' famosa pelas suas alcaçarias e pelas manufacturas de algodão. Neste territorio ha minas, mesmo de prata, e tem além disto a gloria de ser patria de Al Muatamed Ibn-Abbad —.

Casiri foi um arabista muito distincto que ainda conheceu completa a grandiosa collecção dos codices arabes do Escorial, e os descreveu miudamente.

Foi nesta obra que o illustre Felix Caetano da Silva colheu as suas notas sobre escriptores arabes naturaes de Beja, que vamos apresentar.

Os mss. de F. C. da Silva estão hoje na Bibliotheca Nacional de Lisboa; foram comprados no leilão dos livros e papeis de José Silvestre Ribeiro.

I Noticia de todos os auctores de que ha memoria pertencentes a Beja.

II Noticia geral de todos os autores de que ha memoria pertencentes a Beja assim antigos como

modernos; a saber: arabes, godos, e portuguezes.

Extrahida das bibliothecas *arabico-hispana Escurialense* de D. Miguel Casiri; *Lusitana* do abba-de Diogo Barbosa Machado e de outros autores e documentos dignos de credito, por Felix Caetano da Silva, natural da mesma cidade, e autor das *Memorias historicas* d'ella, para se incorporar nas ditas Memorias em seus lugares. Anno de 1802—.

E' a pag. 3 que principia a relação dos autores, que vamos transcrever fielmente; respeitando em tudo o trabalho do illustre e benemerito bégense; fazendo porém algumas observações que julgamos uteis e indispensaveis.

—Autores arabes pertencentes a Beja, da perda de Espanha em 711 por diante: e de que faz menção Casiri na Bibliotheca Arabico-Hispana Escurialense, tomos 1.º e 2.º extrahida d'ella com immenso trabalho a sua noticia.

1.º

Abi Abdallá Albagéo, foi oriundo de Beja, e floresceu no fim do oitavo seculo da Hegira, (a hegira corresponde a 622-623 de Christo) ou principio do nono (?) Escreveu um appendice ao commentario que havia escripto o arabe Jacobo Ben Said Almokelati, cordovense, sobre o poema Lamiat, de que faz menção Casiri, Bibl. t. 1.º cod. 16. pag. 5.

2.º

Ahmad ben Mohamad Ben Ali Ben Nomari ebn Munis Albégiani. Foi natural de Beja, e não se sabe em que tempo floresceu. Compôs um tratado em letras cuphicas, dividido em tres partes; cujo titulo traduzido do arabe na lingua latina é o seguinte: = De origine ac significatione literarum alphabeti arabice =.

Existe o mesmo incompleto na Real Bibliotheca do Escorial; e delle extrahio Casiri as interpretações e significações galantes e celebres que o autor dá ás letras do referido alphabeto arabe, que devem ver-se. Vide a *Bibliotheca* do mesmo Casiri, Tom. 1.º codex. XXXV pag. 9 e 10.

3.º

Abu Baker Mohamad Ben Abraham Alamari Alcarschi. Foi natural de Beja, grande orador e como tal floreceu na cidade de Silves, no Algarve, onde residiu e morreu. Não se sabe em que tempo viveu, isto é, as datas certas do nascimento e morte.

Consta sim mais que foi tambem excellente poeta, e como tal compôs o seu epitaphio em versos para ser, como foi, gravado sobre a sua sepultura. Vide Casiri, T. 1.º cod. CCCLIV, pag. 95.

4.º

Abu Abdallah Mohamad. Foi natural de Beja, e se julga floresceu no sec. VI da Hegira. Delle se faz menção como poeta celebre nas odes na colleção feita pelo douto Mohamad Ben Assaker. Cod. 436, em Casiri, T. 1.º pag. 127.

5.º

Maleki Ben Anes. Natural de Beja, famoso professor de direito canonico, em a qual faculdade escreveu uma obra, sobre a qual se fizeram uns commentarios, que divididos em tres tomos formam o cod. 981 de Casiri. Trata essa obra das seguintes materias: *de matrimonio; de divortio e de nutricibus.*

Casiri, T. 1.º pag. 445.

Esta obra em Arabe se chama *Maceta*, que este era o seu titulo.

6.º

O *anonymo pacense* de que se faz menção em 3.º lugar entre os de que trata o cod. 1102 de Casiri, T. 1.º pag. 462, por este modo — *Pacensis, summe juris consulti, de jure hispano dissertatio.*

7.º

Ahmad Ben Said, famoso jurisconsulto, natural de Beja. Ignoram-se as datas precisas de nascimento e morte.

Escreveu uma obra em caracteres cuphicos, que forma o cod. 1127 de Casiri, juntamente com outra de Averroes. Casiri, T. 1.º pag. 466.

8.º

Abu Mohameti Abdallá Ben Mohamad Ben Alsaied. Natural de Beja, grande theologo, floresceu no sec. 8.º da Hegira, em que compoz em letras cuphicas uma obra theologica, que é o codex 1513 de Casiri, T. 1.º pag. 524.

9.º

Soliman Ben Khalaph Ben Sad Ben Aiub Aetagi, vulgarmente chamado Albuvalid Albagi. Foi natural de Beja; nasceu no anno 403 de Hegira, que corresponde a 1012 de Christo. Era filho de paes illustres que o mandaram educar muito bem, seguindo especialmente os estudos de jurisprudencia em que foi consumado, e como tal fez em a cidade de Cordova muitos progressos e grande figura, chegando a ser na mesma cidade *cadi* ou alcaide ou pretor; passou depois a Almeria onde morreu, deixando escriptos alguns livros egregios de direito. Falleceu em 1081 de Christo. Casiri, T. 2.º cod. 1622, pag. 142.

10.º

Abdallá Ben Mohamad, vulgo Albagi. Natural de Beja, professor de direito, que por muitos annos ensinou em Sevilha, onde falleceu em 378 da hegira.

Casiri, T. 2.º cod. 1621, pag. 137.

11.º

Soliman Ben Mokamad Ben Batal pacence.

Grande professor de direito, que ensinou em Cordova; escreveu muitas obras, mencionando-se mais especialmente uma *de juris institutionibus*.

Foi tambem excellente orador e poeta. Morreu em Iliberi em 404 da Hegira. Casiri, T. 2.º cod. 1622, pag. 141.

12.º

Mohamed Ben Ahmad Abu Baker Allaisi: Natural de Beja, de familia muito nobre e reputado como nobilissimo escriptor entre os historiadores. Casiri, cod. 1735. T. 2.º pag. 164.

Este escriptor viveu quasi sempre em Sevilha, e ahi morreu em 542 da Hegira.

Albagéo, Albégiani, Albagi, indicam a naturalidade, Beja, ao uso arabe.

Por estas singelas notas se deixa ver o grau de cultura que os bejenses attingiram no dominio arabe. Por entre as crises politicas, tantas vezes violentas, ao lado das suas fabricas notaveis de cortumes e tecidos, parece que floresceu ahi alguma escola de sciencias e letras.

Silves, Faro, Alcacer, Santarem e Evora tambem apresentam alguns nomes de escriptores arabes, de que restam obras.

Ha trabalhos modernos, de Dozy, de Hoogvliet,

etc, sobre alguns d'esses escriptores; ao celebre Ibn Abdun, o poeta eborense, os dois mencionados criticos dedicaram extensos estudos, ainda bem pouco conhecidos em Portugal.

Ibn Abdun

O famoso poeta eborense é mencionado em Casiri (Bibliotheca arabico-hispana escurialensis, opera et estudio Michaelis Casiri, Madrid, 1760, 2 vol. in-fol.)

1.º vol. n.º 272. *Abi Mohamad Abdelmagid Ben Abdum, poeta hispanus celeberrimus, qui in oppido Ebura anno Egirae 529 decessit.*

E' noticia referentè ao poema de Ibn-Abdun sobre os Beni-Alaphtas.

Ao mesmo poeta arabe-eborense ha referencias no vol. 2.º sob os n.ºs 1653 e 1769.

Ha livros especiaes de Hoogvliet e Dozy, cujos titulos vou indicar, *Specimen e litteris orientalibus exhibens diversorum scriptorum locos de regia Aphisidarum familia et de Ibn Abdun poeta. . . ad publicam disceptationem proponit Marinus Hoogvliet. Lugduni Batavorum apud S. & J. Luchtman, 1839, in-4.º*

Commentaire historique sur le poème d'Ibn-Abdoun, par Ibn-Badroun, Publié pour la première fois, précédé d'une introduction et accompagné de notes, d'un glossaire et d'un index des noms propres par R. P. A. Dozy. Luchtman, 1846, in-8.º

Comprehende o commentario em francez, notas, e o texto arabe.

No catalogo dos manuscriptos arabes do Escorial (*Les manuscripts arabes de l'Escorial. Paris, Leroux, Tom. 1.º 1884*), do sr. *Hartvig Derenbourg*,

pag. 167, n.º 274, vem mencionado o — Livro contendo o commentario sobre o poema do visir, escriptor lettrado e historiador Abou Mohamad Abd al Madjid *Ibn-Abdoun*; este commentario tem por autor o jurisconsulto Abou Marwan Abd al Malik ibn Abd Allah *Ibn Badroun*, de Silves, originario do Hadramaut.

Os «magrurinos» de Lisboa

O sr. D'Avezac escreveu um livro muito valioso sobre as ilhas africanas, que faz parte da grande collecção geographica *L'Univers* (L'Univers pittoresque. Histoire et description de tous les peuples. Iles de l'Afrique par M. D'Avezac. Paris, Didot, 1848).

E' na segunda parte d'este volume que ha noticias minuciosas sobre as ilhas africanas do Oceano Atlantico.

A pag. 15 conta do nobre geographo Edrisi.

A pag. 116 tratando das antigas noções sobre o archipelago da Madeira, diz da viagem dos famosos *Maggrouyn* que partiram de Lisboa.

Avezac opina que esta viagem se date do sec. VIII até o sec. XII. E' claro; os arabes entraram na peninsula no sec. VIII, e Edrisi viveu no sec. XII.

Da narrativa de Edrisi não se pode concluir a data approximada da navegação dos aventureiros; mas o que é verdade é que elle se refere a uma tradição, como de cousa passada de ha muito.

Na versão da geographia de Edrisi feita por A. Jaubert, é no tomo 2.º pag. 26 que vem o caso dos *magrurinos*.

Foi o sr. Ahmed-Zeki, do Cairo, cavalheiro muito illustrado, que me disse da opinião, a que já alludi, de alguns sabios mussulmanos, sobre terem os *magrurinos* de Lisboa chegado á America septentrional e conhecido os pelles vermelhas.



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana. O templo. As inscrições. — 3.º A Casa pia. — 4.º Loios, azulejos e obras d'arte. — 5.º Bibliotheca Publica. Noticias das collecções. — 6.º Conventos do Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. Raczynski. Pintores eborenses — 8.º e 9.º Vesperas da restauração. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A egreja de Santo Antão. Livros parochiaes. Collegiada. — 12.º O archivo municipal — 13.º A restauração em Evora. — 14.º, 15.º e 16.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora — 17.º Evora e o Ultramar. Balthazar Jorge e Marco Antonio Pessanha. — 18.º, 19.º, 20.º e 21.º Assédios d'Evora em 1663. — 22.º Os Festejos de Evora em 1729. — 23.º Evora nos Lusitadas. — 24.º Procições eborenses. — 25.º Exposições de arte ornamental. — 26.º Antiquidades romanas em Evora e seus arredores. — 27.º Roteiro d'um eborense. — 28.º Universidade de Evora. — 29.º As caçadas, 1.ª parte. — 30.º Evora e o ultramar, 2.ª parte. — 31.º Ibn Abdun. — 32.º Os mouros.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand, e na do sr. Antonio Maria Percira, rua Augusta.

Documentos Historicos da Cidade d'Evora

Estão publicados :

- 1.ª PARTE — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII, XIII e XIV. Documentos do Cabido. Inventarios municipaes do sec. XIV. Documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º. Etc.
1 vol. de 202 pag. in-4.º — 17800 réis.
- 2.ª PARTE — Documentos municipaes do sec. XV, Doc. da Misericordia e Hospital no sec. XVI. O primeiro compromisso. Episodios eborenses na chronica de João 2.º, de Garcia de Rezende. Alfarrobêira e Toro. Regimento das procissões. Os primeiros livros de acordos capitulares, sec. XV e XVI. Capitulos de côrtes no sec. XV. Etc.
1 vol. de 282 pag. in-4.º — 27200 réis.
Assignam-se estas publicações no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

MADRUGADAS, contos escolhidos, em casa do editor Abranches.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

Historia — *Arte* — *Archeologia*

AS CAÇADAS

2.^a PARTE

O LOBO

O ANIMAL. O RAFFIRO. O LOBO NAS ANTIGAS LEIS. AS MONTERIAS.
O REGIMENTO DOS MONTEIROS. OS CERCOS.

AS COMPANHIAS DE EVORA E TERMO. PLANOS DE CERCOS.

A TROPA DE LINHA NAS MONTERIAS. PAPEIS OFFICIAES DOS MONTEIROS
DE EVORA. MIRA, O ULTIMO GRANDE CAÇADOR



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL

62 — Rua Ancha — 64

1893



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

Historia — Arte — Archeologia

AS CAÇADAS

2.^a PARTE

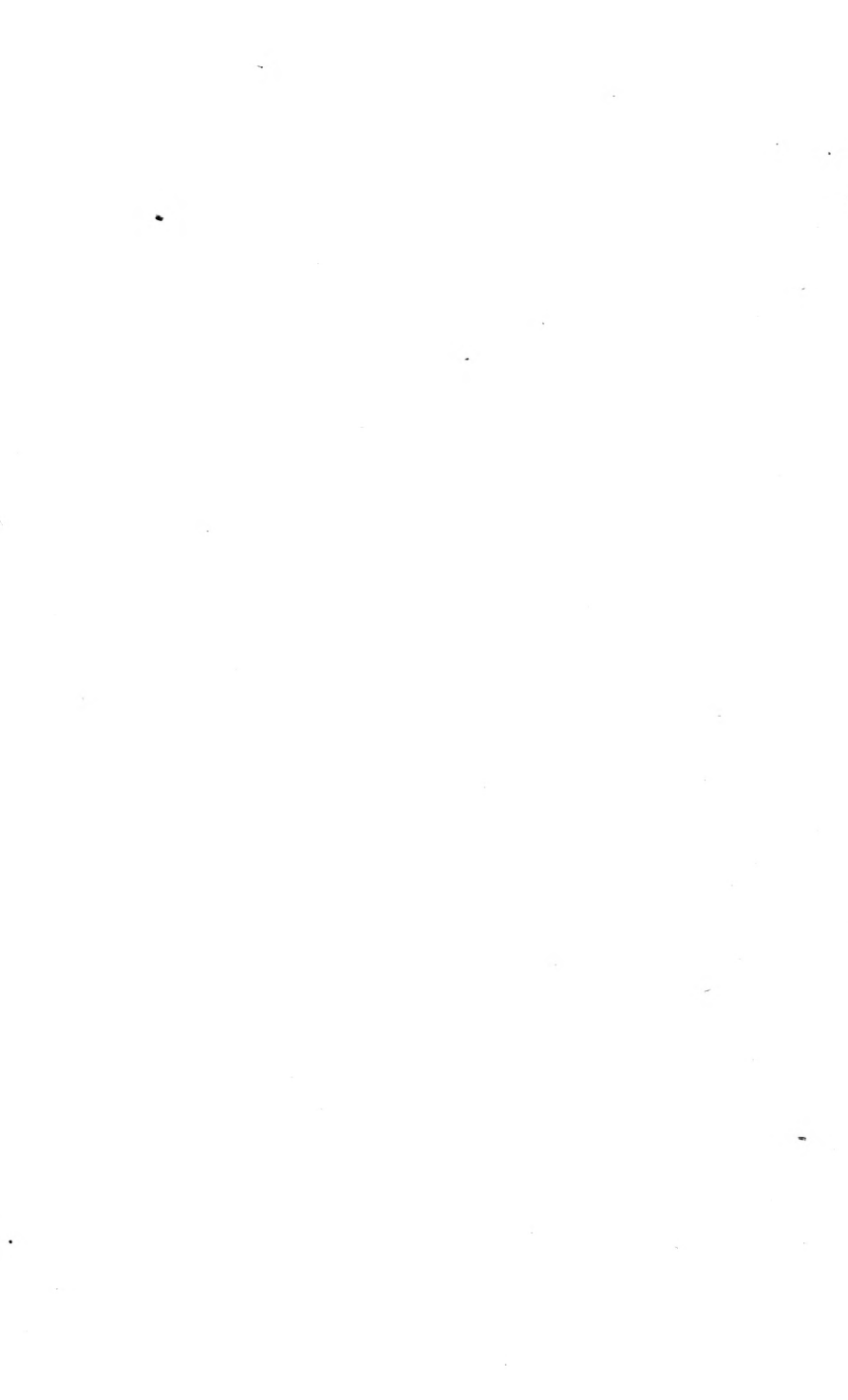
O LOBO

O ANIMAL. O RAFEIRO. O LOBO NAS ANTIGAS LEIS. AS MONTERIAS.
O REGIMENTO DOS MONTEIROS. OS CERÇOS.
AS COMPANHIAS DE EVORA E TERMO. PLANOS DE CERÇOS.
A TROPA DE LINHA NAS MONTERIAS. PAPEIS OFFICIAES DOS MONTEIROS
DE EVORA. MIRA, O ÚLTIMO GRANDE CAÇADOR



EVORA
MINISTERIA DEB. DEBENSIS
DE JOAQUIM JOSÉ BAPT. STA, IMPRESSOR DA CASA REAL
67 — Rua Anchi — 94

1893



ESTUDOS EBORENSSES

As caçadas

O lobo

O lobo é um animal extraordinario. A civilização encurralou o urso nos ermos fragosos das grandes serranias, ou nas espessuras das mattas; bateu o leão para os desertos, exterminou na Europa todos os grandes felinos; e lucta, e luctará ainda por muito tempo com o lobo, o eterno inimigo.

E' o animal dominante no hemisphério norte; habita na Europa, na Asia, na America septentrional; ha lobos na Russia e na Arabia; na Groenlandia e no Mexico; nas montanhas, nas selvas, nas charnecas, nos alagadiços; está á vontade com os climas; muda um pouco na côr, afina o pello com a côr do paiz; é mais forrado, tem o pello mais espesso nos climas frios; tem menos pello, e é mais escuro nos paizes do sul: varia um tanto na estatura, mas o typo é inconfundivel, o *canis lupus* tem uma individualidade bem definida.

Vive isolado ou faz alcatéa, caça á noite mas

tambem attaca de dia, matta um vitello e aproveita o coelhito, o rato da ribeira; vê, ouve, fareja admiravelmente; é rapidissimo na carreira, dá saltos formidaveis, é intelligente e no maior perigo, no meio da matilha furiosa, elle conserva o sangue frio. Tem todos os recursos de vida.

Quando o pobre ser humano da idade da pedra lascada se embuscava para ferir a presa, encontrou um rival no lobo. Quando o homem, já num triumpho enorme, descobriu a maravilha da domesticidade de alguns animaes, o lobo subiu de rival a inimigo declarado, constante, temivel.

Se as alcateas de lobos são capazes de attacar as manadas de bisões e buffalos! E o lobo isolado salta de improviso e arrebatada o cordeiro e o chibo, num abrir e fechar d'olhos, a dois passos do pastor, vendo-se apenas o movimento da moita de estevas ou de urze, porque elle calcula o ponto de espéra, a altura do matto, e antes de saltar ou partir já sabe por onde hade fugir occultando-se melhor.

E' o pesadelo do pastor.

E' o grande inimigo do *arya*, da nossa brilhante familia aryana, diz Pictet. E' perfeitamente certo que na vida pastoril, perante o rebanho, o lobo é o grande inimigo.

E' o devãstador, o voraz, o cruel, o despedaçador, como lhe chamam os povos por essa historia fóra.

Elle a unica féra que para comer um cordeiro estrangula quarenta, que attaca raivoso, abocanhando, mordendo, sacudindo em inutil ferocidade.

— Livrae-nos do lobo, livrae-nos do lobo! como se diz no Rig-Veda.

As velhas mithologias, as veneraveis historias antigas estão cheias da lenda do lobo. O olhar do lobo fascinava. Já Plinio tratava de pêtas muitas

cousas que corriam entre o povo a respeito de lobos; e ri-se da credulidade grega a proposito do caso de Ewantho (Hist. Nat. liv. viii. cap. 34).

Plinio ria-se dos casos de lobos ha 19 séculos, e ainda continúa a lenda, ainda se falla do lobis-homem, da magia d'aquelle olhar.

Inventado o rebanho o pastor teve de descobrir o cão para combater o lobo; o cão pelo faro, vista e ouvido descobre o lobo, pelo latido avisa o pastor e põe alerta a rez, mas raras vezes consegue bater o lobo.

Para que o rafeiro, o grande rafeiro do Alemtejo, não seja victima, é preciso armal-o com a colleira de púas. Porque o lobo procura logo a guela para sangrar ou o pescoço para pegar e sacudir até partir a columna vertebral.

O lobo é vulgar ainda no nosso paiz, não tem sido possível exterminar este animal apezar das montarias, das leis, dos premios municipaes. da moderna espingarda, da progressiva limpeza das terras.

Adulto, em completo desenvolvimento chega a ter 1,^m20 de comprimento, até á raiz da cauda; 1,^m60 com a cauda.

Tem 0,70 a 0.80 de altura.

Dizem que chega a ter 54 kilos; 40 a 45 kilos é peso vulgar.

Póde viver vinte annos.

Mesmo á simples vista ha differenças fundamentaes entre o lobo e o cão.

A cabeça é larga na parte superior, especialmente entre as orelhas; estas são direitas, abrindo bem o pavilhão para a frente; os olhos são obliquos relativamente ao focinho (esta provavelmente a origem das lendas sobre o olhar do lobo), emquanto que no cão são horizontaes; o iris é

amarello torrado; os maxillares, compridos, abrem mais que no cão, sendo maior tambem a fenda da bocca; os musculos de deante são fortissimos; a parte trazeira é mais fraca e decahida todavia é capaz de forte impulsão, porque o lobo dá saltos enormes em altura e comprimento.

Um lobo salva facilmente uma altura de dois metros.

E' menos flexivel, tem a espinha mais hirta que o cão.

No forte pescoço, na linha do dorso os pellos são mais compridos e fortes; o pello do lobo é amarello torrado com a extremidade negra; em se irritando eriça-se e fica mais escuro.

A loba pôde ter filhos duas vezes no anno; a gestação dura 63 dias.

Pôde ter 4, 5, 8 e dizem que até 13 filhos. Os cachorros nascem cegos conservando os olhos fechados nos primeiros dias. Se desconfiam que alguém descobriu o covil, elles mudam os filhos; sahindo ou entrando não seguem caminho direito; e caçam ao longe; se houver ou se passarem rebanhos proximos do covil, elles não fazem presa n'esses rebanhos.

Quando os cachorros teem já alguns dias, do covil sâe um cheiro tão particular que os cães o percebem ás vezes a distancia. E' facil tambem imitar o uivo do lobo, e nas primeiras horas da noite, quando os paes estão na caça, ir ao sitio de que se desconfia, e repetir os uivos; os cachorros respondem e assim se pode descobrir o covil.

Pelas pégadas distingue-se o lobo do cão; no lobo são mais apertadas, em comprimento igual a pata do lobo é mais delgada que a do cão.

E' facil o cruzamento da loba com o rafeiro. O lobo tem a raiva, mas parece certo que se isola quando raivoso, e não morde nos outros, lembre-

se o dictado *lobo não morde lobo*, mas vem mor-
der nos cães e nos rebanhos. E' perfeitamente cer-
to que o lobo raivoso morde dezenas de rezes 'num
minuto se o rafeiro não consegue dominal-o. Se o
lobo estiver damnado o pastor tem de matar de-
pois o pobre e fiel rafeiro, ferido na lucta.

E' o voraz, o despedaçador!

O rafeiro é o nosso cão para lobos; propria-
mente é o cão para defender o rebanho contra o
ataque do lobo, e para luctar com este.

O rafeiro arma-se com uma larga e forte collei-
ra com puas salientes. Talvez educando o rafeiro
se conseguisse obter o cão para descobriu, seguir
e deter o lobo, um cão de caça emfim. Em Fran-
ça, na Austria, na Russia ha matilhas bem prepa-
radas, de raça apurada, e bem treinadas em des-
cobrir rasto e farejar, o que é facil porque se po-
de ter e crear o lobo, como se cria o cão e assim
habituam a matilha a conhecer e a farejar o lobo.

(Le Couteulx de Cantelou, Manuel de vénerie
française. E' um livro moderno, elegante, de *sport*,
que tem dados preciosos para o apuramento dos
cães de caça).

O bom fr. João Pacheco, no seu optimo *Diver-
timento erudito* (Tom. 1.º Animaes) conta das len-
das do lobo, de como tolhe a voz ao homem se
elle o vê primeiro; e se é o homem que o vê pri-
meiro então o lobo esmorece. Tudo o que piza
morre; as plantas mirram-se. E' tal o odio de lo-
bos a carneiros que se 'numa rebeca se puzer uma
corda de tripa de carneiro e outra de lobo a pri-
meira não sôa! Ao mesmo tempo o *pó do intestino*
é optimo para collicas!

Já no Glanvilla, na celebre encyclopedia me-
dieval de Bartholomeu Anglo de Glanvilla. intitula-
da — *De proprietatibus rerum*, — se contam estas

lendas dos lobos, e elle cita as velhas autoridades gregas e romanas a este respeito.

Differe tambem o lobo do cão na voz; o cão tem uma escala muito mais vasta, intensa e variada. O grande latido grave e forte do rafeiro é muito notavel. Todo o cão ladra, late, gane. uiva e rosna; o lobo uiva e rosna, tem um pequeno latido raro e rudimentar; e produz um ruido particular batendo as queixadas com força.

O lobo maior que está actualmente (maio) no Jardim Zoologico produz ás vezes um gemido tremulo, intermittente, que recorda o regougo da raposa, mas pouco intenso.

Este lobo é um bello exemplar, está fechado em largo espaço onde elle passeia constantemente, no mesmo trillho; passeio de fêra; os cães nunca passeiam de tal modo. Como os cães os lobos tem medo das pedras, procuram-nas e mordem nas; e apanham no ar um bocado de pão.

El-rei D. Sancho I era homem de *sport* a valer; audaz nos conflictos armados, dado aos galanteios amorosos, amigo do campo, e entusiasta da caça. Se elle até obrigava os clerigos a sustentarem-lhe os cães e as aves de caça d'altenaria!

Ha tambem uma lei de D. Affonso II. de 1211, que é muito curiosa; refere-se aos que davam aljavas para as aves: — *Porque os mesquinhos som atormentados sem razom quando som constrenjudos a dar aljavas que nós havemos mester para nossas aves. Porem quitamolos pera todo sempre. . .*

(E' a lei XVI, de 1211, do reinado de Affonso II. Port. mon. hist. Leges et cons. pag. 172.

Sobre a disposição de Sancho I. veja-se a nota de A. Herculano no Tom. II da Hist. de Port. pag. 134 da 1.^a ed. 1847).

Affonso II livra os *mesquinhos*, a gente meuda,

do imposto das aljavas, o que prova que já não era necessario no seu tempo; era um imposto antigo, tradicional, que a practica mostrára inutil.

Leis da caça, leis da civilisação.

Ainda no seculo xiv o serviço das montarias entrava em varios pontos do paiz no rol dos serviços pessoaes, da contribuição de trabalho, então extraordinariamente mais pesada do que presentemente.

Certos caseiros do mosteiro de Santo Thyrso eram obrigados a geira, rógos, etc. e a lobos, quer dizer, a ir a montarias (Viterbo, Elucidario, na palavra *lobos*).

Nas Ordenações affonsinas ha um titulo inteiro a respeito do *monteiro moor e cousas que a seu officio pertencem*. E' no livro primeiro, o titulo 67.

São leis que se reférem ao tempo de D. João I e assentes, depois de consultado Vicente Esteves, *a esse tempo monteiro moor da montaria de Santarem*, sobre os fóros de monteiros de cavallo, moços do monte, e escudeiros que tiverem cães, e sobre os limites da coutada velha.

Trata das coimas dos que matassem porcos e bacoros nas coutadas, dos fogos postos nas matas, das armadilhas.

Lopo Vasques ali apparece mencionado como monteiro-mór. em tempo de D. Duarte, me parece.

Tambem se falla dos cervos e cervatos mortos (§ 4.º), e da madeira grossa que se *a jorro* tire com bois, uso que setem perdido, porque de ha muito está em voga na maior parte do paiz o carro de rodas.

O alvará de que fallo é de 1435, feito em Cintra; tempo de D. Duarte.

E' curioso o § 8.º O monteiro-mór, e os moços do monte, e os monteiros de cavallo, e os escudei-

ros d'El-Rey, e os moços da camara do dito Senhor, que tivessem cães do dito Senhor, houvessem sempre dos mouros de Lisboa esta louça que se segue, a saber, hum pote com hum cobertor, e hum pucaro e hum alguidar, que leve hum pote d'augua, e hua panella com seu testo, e hua tigella com hum cobertor, e hua enfusa com hua almo-talia, e hum candieiro. . .

E' que os mouros tambem em Lisboa tinham o exclusivo da olaria. E o candieiro? é possível que fosse de latão, porque entre os mouros tambem havia fundidores de metaes, mas é possível tambem que seja ainda a candeia de barro, a velhissima *lucerna*.

O que então se chamava a coutada velha, onde era defeso o matar porcos montezes era um territorio enorme, talvez a quinta parte do paiz. O termo de Montemór o Novo tambem era coutado, para porcos montezes; e no territorio entre Evora, Monsaraz, Redondo e Portel as matas que se seguem:

— Primeiramente dêz o pego do lobo á mouta do Perichalvo, e dêz y á ribeira do almo, e dahi á cabeça das fasquias e dhi ao paço da Pedra alçada, e dhi indo per'a ribeira da aroeira á ribeira do Freixo, e pela ribeira de Bemcasadi á mouta da cega, e dêz y ao pégo do lobo. Todos estes montes deste couto a dentro som coutados de porcos, e porcas, bacoros, e bacoras montezes, e de fogos, e armadilhas; e qualquer que errasse em cada hua d'estas cousas, que pagasse quinhentas libras da moeda antiga; e esto em tempo d'El-Rey Dom Joham.

Refére-se a D. João 1.º

O § 17 é muito interessante no nosso ponto de vista: Qualquer que matasse usso per todo o Reyno sem mandado d'El-Rey, pagava mil libras de boa moeda.

Nada de confundir estas libras com as estrelinas, hoje tão apreciadas.

Esta disposição a respeito do *usso*, ou urso, mostra que este animal era já pouco vulgar em tempo de D. Duarte, ou começo do reinado de D. Afonso v.

Pouco vulgar, julgo, em logares practicaveis, porque nos ermos montannosos do norte do paiz o urso viveu até aos tempos modernos. Em inverneiras de muitas neves, ha 50 annos, mais ou menos, ainda os pequenos ursos das Asturias chegavam ás montanhas do Minho e de Traz-os-Montes.

Mas aqui temos agora um titulo das Ordenações Affonsinas bem frisante; é o tit. lxxviii. do Liv. 1.º Das duvidas que Vasco Fernandes, e Joham de Basto moverom a El-Rey Dom Joham sobre a apuraçom dos beesteiros e gualliotos.

Trata-se da organisação do recrutamento da força terrestre e maritima, nas localidades, como diriamos hoje; galiotes são os marítimos chamados a servir nas galés.

Ora o § 4.º da ordenação diz: Em alguns logares da costa do mar, e dos rios, galiotes som contrangidos pelos concelhos pera correrem os lobos cada sabado, nom embargando, que sem escusados dos encarreguos do Concelho. Mandade se serem dello escusados.

Diz El-Rey, que sejam escusados de correr os lobos, salvo se tiverem guados, que entam os vão correr com os outros.

De modo que iam correr os lobos aos sabbados! todos os sabbados! pois na lei não se marca mez ou estação. Acho notavel, para haver muitos lobos é preciso haver muita caça, ou muitos gados; não é muito difficil, com os cães, ou mesmo

sem elles, achar as creações, os cachorros dos lobos.

Parece-me montaria demais. O facto de ser o sabbado o dia escolhido é natural; não se ia ao domingo por não perder a missa.

Em alguns pontos do Alemtejo se as montarias eram marcadas em periodos de trabalhos agricolas mais intensos, quando não fazia conta perder jornas e dias de trabalho, faziam montaria aos domingos, começando a marcha ás 5 ou 6 horas, indo os parochos celebrar as missas na madrugada. Isto ha poucos annos.

Mais antigamente eram em dias de semana, pagando jornas; o trabalhador não perdia, mas perdia o lavrador ás vezes um dia de trabalho precioso por causa do tempo, e da rotação dos seus serviços.

O regimento dos mouteiros

A montaria mór do Reino esteve regularmente organizada, com a sua secretaria, livros de registo, e regimentos geraes ou parciaes. Os officios das Reaes Coutadas, e das montarias môres do Reino tinham seus privilegios e isenções.

Ainda em 1751 esses privilegios foram confirmados por Decreto real. Tenho á vista esses documentos, em treslado authenticico, passado em 1820, que pertenceu ao mouteiro-mór de Evora.

Vou transcrever o :

Regimento dos Mouteiros-môres
das montarias dos lobos, e mais bichos das comarcas
do Reino

CAPITULO 1.º

Primeiramente tanto que os Mouteiros-môres das montarias dos lobos e mais bichos, cada um per si, tiverem cartas passadas pela chancelaria

em nome de Sua Magestade, que Deos Guarde, e assignadas pelo Monteiro-Mór do Reino, irão logo jurar ás Camaras das cidades ou villas que forem cabeças das ditas comarcas, de fazerem o serviço do dito Senhor, e bem commum dos povos, fazendo-se assento nos Livros d'ella, e por elles assignados, na fórma que nas taes cartas lhes é declarado.

CAPITULO 2.º

Mettidos de posse os ditos Monteiros-Móres pela maneira sobredita, logo com muito cuidado procurarão saber, se nos logares de suas comarcas ha lobos ou outros bichos que façam prejuizos aos povos das villas ou logares de suas comarcas, e sabendo que os ha ordenarão fazerem montaria para atalhar os damnos que os lobos fazem, o que farão na fórma seguinte.

CAPITULO 3.º

Assentarão o dia ou dias em que se ha de fazer a dita montaria, e o mandarão publicar, nas praças das ditas cidades, villas, ou logares das comarcas, que a todos seja notorio, e os logares mais conjunctos onde houver juizes, lhe farão saber por precatorios, e não os havendo, lh'o noteficarão por mandados, pondo n'elles as pennas que lhe parecer a qual não passará de duzentos réis, por se não dar oppressão aos povos das ditas comarcas. As ditas montarias se farão pelas oitavas do Natal e pelas da Paschoa.

CAPITULO 4.º

E porque para procederem a seus officios os ditos monteiros-móres lhes é necessario escrivão, e elles o poderão eleger das cidades ou villas onde residirem os ditos monteiros-móres, e este tal es-

crivão, será por S. M.^o posto e approvedo e com elles os ditos monteiros-móres farão todas as cousas que devem para cumprimento de seus officios.

CAPITULO 5.^o

Quando constar que algumas pessoas foram requeridas por algum official de Justiça para as ditas montarias, e o não quizeram fazer, nem se acharam no dia apontado nellas, os ditos monteiros-móres os mandarão requerer perante os juizes das ditas villas, e lhes farão certo com a fé dos ditos officiaes como não obedeceram a seus mandados, e constando-lhe ser assim, os ditos juizes os condemnarão no que lhe parecer, conforme as qualidades das culpas não passando porêm dos ditos duzentos réis, porque a jurisdição que Sua Mag.^o dá aos juizes das coutadas que ha em as montarias do reino, é para outros casos.

CAPITULO 6.^o

Mas se os ditos juizes passarem da dita quantia, e condemnarem os rebeldes e remissos em mais pena de dinheiro por algumas causas ou suspeitas, que os ditos juizes tiveram com a justiça, em tal caso apellarão para o Juizo geral das coutadas do Reino. e applicarão as penas, metade d'ellas para os ditos monteiros-móres, e a outra metade para o monteiro-mór do reino, na fôrma do seu regimento.

Em o livro 7.^o a folhas 130 verso se acha registado o Decreto, pelo qual é Sua Mag.^o servido ordenar se guardem e observem os privilegios a todos os officiaes de suas reaes coutadas e montarias-móres do reino e o seu theor é o seguinte:

DECRETO

Por me ser presente que se não guardam os privilegios que os Senhores Reis Meus Predecessores

concederam a todos os officiaes das coutadas do reino, não só dos juizes couteiros e guardas mas tambem dos monteiros-móres dos districtos dellas, monteiros menores e emprazadores. Sou Servido Confirmar os ditos privilegios, e Ordenar que todos se guardem e observem aos sobreditos officiaes das coutadas inteiramente, por convir assim a Meu Real serviço e guarda das mesmas coutadas. A Meza do Dezembargo do Paço. o tenha assim entendido, e mande passar as ordens necessarias para a sua devida execução. Lisboa, 21 de junho de 1751. Com a rubrica de S. Mag.º

O treslado authenticico d'estes documentos foi passado em Lisboa, a 22 de agosto de 1820 por João Francisco da Costa, secretario da Montaria-Mór do Reino.

Os cercos

Para o effeito das batidas, em cada freguezia estavam organisadas companhias com seus cabos e alferes; e sendo pouco densa a população reuniam-se duas freguezias para compor a sua companhia.

Havia disciplina, e isto era indispensavel; entrava muita gente; se o cordão não fosse bem feito e a batida prudentemente dirigida, os lobos que tem sempre boa vista e bom ouvido escapavam facilmente nos mattos altos, nas quebradas d'arvoredo; e era preciso ter cuidado tambem com as fêrasinhas humanas. com as rivalidades de freguezias, que se encontravam nas charnecas com as espingardas carregadas.

Auctoridades, proprietarios, grandes lavradores, assistiam ás monterias e frequentemente nos arredores de Evora a tropa entrava no cordão; houve mesmo algumas batidas organisadas pelo regimento de cavallaria 5.

A cidade dava cinco companhias (tinha antigamente cinco freguezias, Sé, S. Thiago, S. Pedro, S. Antão e S. Mamede), e as hortas e quintas dos arredores forneciam duas.

Estas eram as companhias de n.º 1 a 7.

8.^a Companhia. S. Mathias.

9.^a Tourega.

10.^a Graça.

11.^a S. Miguel de Machede.

12.^a Egreja.

13.^a Pigeiro e Vallongo (duas freguezias).

14.^a S. Marcos.

15.^a S. Manços.

16.^a N. Sr.^a de Machede.

17.^a Vianna.

Segundo parece dos documentos que tenho á vista estas eram as companhias que o monteiro-mór de Evora podia pôr em movimento. Mas fizeram-se grandes batidas entrando dois e tres e mais concelhos; as mais proficuas eram as batidas em terreno bem marcado, com gente habituada, sem algazarras, com o cêrco bem planeado e bem executado.

As 17 companhias apresentavam uns 700 homens, capazes de prestar bom serviço. Os mais affastados perdiam um dia, quasi sempre uma noite, de sabbado para domingo, em marcha, e pela madrugada estavam no ponto marcado.

Com esta gente só, 700 homens, já se fazia um cêrco de quatro leguas de lado a lado, ou seja um circulo de 10 kilometros de raio, mais de 60 de circumferencia.

Pouco mais ou menos um homem para cem metros no começo do cêrco.

Mas antes de chegar ao cêrco já havia batida, bulha de cães, gritos dos homens; batedores armados de bordões iam na frente do cordão, a tres tiros de distancia.

Pela manhã clara, se alguma companhia não ficára atrazada, formado o cêrco, marcadas as posições e as direcções da marcha, depois de algumas corrimassas da rapaziada fina, galopando ao ar fresco da manhã, cheio de bellos aromas de charneca, a levar noticias ao monteiro-mór, soavam os buzios, d'estes buzios que ainda hoje servem para marcar os tempos nos trabalhos do campo, e que produzem uma larga sonoridade tão intensa e avelludada. Era o signal; os batedores partiam logo, e os caçadores e perreiros começavam a marcha, rapida nos primeiros minutos, na primeira meia hora, porque as distancias diminuindo, apertava o cêrco, o perigo augmentava, e podiam começar a apparecer bichos já desorientados.

O lobo, o corço, o cabriolo, ou o javardo espantado pelo batedor fugia, parava adiante, ouvia novo ruido, fugia mais, depois de tres ou quatro carreiras, estava cançado; porque o animal, como é natural, dá um voo ou uma carreira, facilmente; se foge segunda vez emprega o seu esforço maior, e cansa; á 3.^a está fatigado, e ao dar com o cordão esmorece, as perdizes caem exanimas, o lobo, o veado vae a terra sob o fila ou o rafeiro.

Aqui temos nós um plano de boa monteria.

Imaginem tres circulos concentricos, divididos pelos raios em 12 partes; no centro, dentro do circulo menor está o nome do ponto central, do sitio para onde as companhias se devem dirigir; entre o primeiro e segundo circulo, a partir do centro, estão designadas as companhias; nos espaços entre o 2.^o e 3.^o circulo, os sitios do extremo cêrco, quer dizer, dos pontos guarnecidos pelas companhias no estabelecimento do cêrco.

N'este plano o ponto central é o Valle de Tassar.

As primeiras quatro companhias da cidade es-

tavam no Monte das Flôres, direita a S.¹⁰ Antonico d'entre as Vinhas, esquerda no Pomarinho.

5.^a 6.^a e 7.^a companhias em S.¹⁰ Antonico, direita a S. José, esquerda ao Monte das Flôres.

16.^a Companhia, de N. Sr.^a de Machede. Em S. José de Peramanca, direita a Agua de Lupe (Gualupe) esquerda a S.¹⁰ Antonico.

11.^a S. Miguel de Machede. Em Agua de Lupe; direita Abaneja, esquerda S. José de Peramanca.

12.^a Comp. da Egrejinha. Na Abaneja, direita ás Valladas de Cima, esquerda a Agua de Lupe.

10.^a Graça do Divor. Nas Valladas de Cima, direita ás Cortiçadas, esquerda á Abaneja.

8.^a S. Mathias. Nas Cortiçadas, direita a S. Sebastião da Giesteira, esquerda ás Valladas.

9.^a Companhia da Tourega. S. Sebastião da Giesteira, direita á Boa fé, esquerda ás Cortiçadas.

14.^a S. Marcos. Na Boa fé, direita ao Outeiro, esquerda S. Sebastião da Giesteira.

15.^a S. Manços. Outeiro, direita á Machada, esquerda á Boa fé.

17.^a Vianna. Machada; direita ao Pomarinho, esquerda ao Outeiro.

13.^a Companhia do Pigeiro e Vallongo. No Pomarinho, direita ao Monte das Flôres, esquerda á Machada.

E assim fechava o cêrco que teria depois de ajustado uns 70 kilometros, e um homem por 90 metros, ao começo do cêrco.

Na realidade ia sempre mais gente, havia muitos curiosos; todavia no tempo em que as montarias tinham de ser a sério, evitavam quanto possível o curioso, e a gente desnecessaria; muita gente d'esta fazia confusão, e havia perigos, havia balas. Podiam escapar os lobos e ficar feridos os caçadores.

Aqui outro plano de uma boa montaria.

Ponto central as extremas da herdade de Valle de Maria de Cima.

Só entravam as companhias do termo da cidade.

8.^a e 9.^a Outeiro do Conde, d. Valladas de Cima, esq. Matoso.

10.^a Matoso, d. Outeiro, esq. Paredes.

14.^a Paredes, d. Matoso, esq. Mógos.

13.^a Mógos, d. Paredes, esq. Casbarra.

15.^a Casbarra, d. Mógos, esq. Serrinha.

12.^a Serrinha, d. Casbarra, e. S. José de Peramanca.

16.^a S. José, d. Serrinha, esq. Agoa de Lupe.

11.^a Agoa de Lupe, d. S. José, esq. Valladas de Cima.

17.^a Valladas de Cima, d. Agoa de Lupe, esq. Outeiro.

Este foi o plano da montaria de 17 de maio de 1824.

Parece que esta montaria teve excellentes resultados porque o monteiro foi elogiado officialmente.

Ill.^{mo} Sr.

Sua ex.^a o Sr. General Governador das Armas d'esta Provincia ficando muito satisfeito do contheudo do officio que V. S.^a lhe dirigiu na data de 20 do corrente participando-lhe o bom resultado da Montaria a que procedeu no districto da sua Capitania mór, manda louvar o zelo e efficacia de V. S.^a nesta parte do serviço publico, e espera que V. S.^a continuará a mostrar o seu interesse com o mesmo zelo em todos os objectos do serviço de Sua Magestade.

Sua Ex.^a manda remetter a V. S.^a as Instrucções inclusas datadas de 12 de julho do anno proximo passado, que foram distribuidas a todas as Capi-

tancias móres d'esta Provincia, e confia muito que V. S.^a lhe dará inteiro cumprimento.

Deus Guarde a V. S.^a — Quartel General de Estremoz, 27 de maio de 1824. — Ill.^{mo} Sr. Antonio Telles Monteiro.

(a) *José e Antonio Pestana.*
Secr.^o do G.^o das Armas

Montarias houve em que entraram cinco mil homens; quasi todos os annos se faziam grandes montarias officiaes, entrando gente de dois, tres e quatro concelhos, mettendo uns tres mil homens no cordão.

Aqui em Evora por muitas vezes o regimento de cavallaria se juntou ás companhias da cidade e termo para as batidas aos lobos.

Tenho á vista alguns officios que se referem a uma batida em fevereiro de 1831.

Ill.^{mo} Sr.

Em officio de S. Ex.^a o Sr. General G.^{or} das Armas d'esta Provincia de 3 do corrente sou encarregado de fazer uma montaria, a que passo a dar as minhas ordens; e como o dito Ex.^{mo} Sr. determina combine com V. S.^a, participo-lhe que tenho determinado o juntarem-se n'este quartel no dia 8 do corrente os practicos para se effectuar o detalhe pelas 10 horas da manhan, o que participo a V. S.^a para sua intelligencia. Deus Guarde— Quartel em Evora, 6 de janeiro de 1831. — Ill.^{mo} Sr. João Telles Monteiro.

(a) *Vicente da Gama Cordovil Lobo.*
Sargento-Mór Commandante

Reuniram-se os practicos, assentaram no plano,

marcaram os itinerarios ás companhias, e designaram os dias 16 e 17 de janeiro para a grande batida.

Moços a cavallo levaram os avisos ás aldeias, e toca a fundir balas, e fazer cartuchos.

Mas começou uma inverneira medonha, sendo preciso addiar a montaria.

Ill.^{mo} Sr.

Como se não poude effectuar a Montaria que estava destinada para os dias 16 e 17 passado e os bichos teem continuado na devoração das reaes manadas é do meu dever fazel-a verificar nos dias 11 e 12 do corrente o que participo a V. S.^a para sua intelligencia. — Deus Guarde a V. S.^a — Quartel em Evora, 5 de fevereiro de 1831. — *Ill.^{mo} Sr. João Telles Monteiro.*

(a) *Vicente da Gama Cordovil Lobo.*

Sargento-Mór Commandante

N'este tempo ainda havia grandes manadas em Alter, Salvaterra e Almeirim, e pelas inverneiras, quando o Tejo e o Sorraia inundavam os campos as manadas das eguas vinham á Adúia de Montemór o Novo, aos campos do Barrocal, aos coutos de Reguengos, onde havia menos humidade.

As crias das manadas das eguas eram então dizimadas pelos lobos.

E' excusado lembrar que as terras então estavam muito mais matagosas; nos montados, por muitas leguas, o mato alto tocava na rama de azinheiras e sobreiras.

O augmento das culturas e a limpeza dos montados, este enorme trabalho feito pelo proprietario-

lavrador alemtejano, nos ultimos quarenta annos, teem combatido de vez a bicharia brava.

Menos cultura, menos limpeza nos campos, mais bichos. Tal qual como nos livros, que se enchem de traça e de larvas roedoras se lhes não mechem, nem os limpam.

A tal montaria realisou-se com algum resultado.

Ill.^{mo} Sr.

Participo a V. S.^a que na Montaria a que se procedeu no dia de hontem consta terem-se matado doze lobos, o que communico a V. S.^a para sua intelligencia. — Deus Guarde a V. S.^a muitos annos. — Quartel em Evora, 13 de fevereiro de 1831. — Ill.^{mo} Sr. João Telles Monteiro.

(a) *Vicente da Gama Cordovil Lobo.*

Sargento-Mór Commandante

Na correspondencia official só se falla dos lobos, por ser esse o objecto da batida; na montaria cahiam javardos, veados, raposas, gatos bravos; uma bicharia medonha; uma hora depois dos buzios tocarem já os cães sem correr abocavam coelhos e lebres; as perdizes cahiam esfalfadas.

Raras vezes se poderia saber o resultado certo da montaria.

José Paulo de Mira, o grande general dos caçadores alemtejanos, escreveu um folheto muito interessante sobre as montarias: *Um brado contra as montarias de cerco aos lobos na provincia do Alemtejo* (Evora, typ. Bravo. 1875, 18 pag. in-8.^o).

Os folhetos de Mira sobre caçadas são importantes a caçadores e ainda no ponto de vista da

historia natural, do estudo da fauna alemtejana: elle conhecia, na sua larga e intensa experiencia, os animaes e seus costumes e modo de vida.

Nas grandes montarias dirigidas pelo Mira os grandes grupos de caçadores iam atirando até chegar ás primeiras bandeiras brancas, onde logo no começo da batida se tinham collocado as espéras; ahí estacava o grande cordão; depois de se ver que o cerco marcado pelas bandeiras brancas estava completo, tocava-se o signal para avançar até ás bandeiras vermelhas, segundas espéras; n'esse segundo cerco parava tudo; e a outro signal só os caçadores das espéras avançavam até ao centro.

O principal motivo porque o grande caçador condemnava as montarias, era a falta de disciplina, a má vontade da gente das freguezias, de muitos lavradores, em executar á risca os preceitos seguros necessarios para o bom resultado do cerco.

Mira ainda assistiu ás antigas montarias, com tropa de linha, ordenanças, milicianos, e por isto estranhava o tempo do *cada um faz o que quer*.

— Presentemente vae para as espéras quem quer, pôr-se aonde lhe parece, e cada um faz o que lhe apraz — diz elle na sua fórmula sincera e energica.

Depois appareciam-lhe os curiosos com espingardas de dois canos, um de bala, outro com chumbo, inventando espéras falsas. atirando á caça miuda, e fazendo fugir o lobo. E elle gritava, zangava-se com as precipitações, com as faltas de disciplina.

No tempo do brigadeiro Cairo, tez-se uma montaria na serra de Alpedreira, a que foi quasi todo o regimento de cavallaria 5, em que morreram 42 lobos, 5 javardos, 6 corsos, 600 raposas, 10 gatos cravos, e varios bichos menores.

Annos depois cahiram em outra montaria 22 lo-

bos, 3 javalis, 2 corsos, 212 raposas, 4 gatos cravos, 6 gatos bravos.

Por estes numeros se pôde ver como temos progredido, porque é principalmente a limpeza das terras que tem batido o animal bravo.

Na sala *Portugal* do Museu de Historia Natural da Escola Polytechnica, está um bello exemplar de lobo, mandado por J. P. de Mira.

N'esta sala estão hoje reunidos os exemplares da fauna do paiz; a do Alemtejo está bem representada, contando muitos exemplares bons, quasi todos offerecidos pelo Mira.

Este grande caçador em vez das grandes montarias aconselha as pequenas, constituidas por pouca mas boa gente, collocando com antecedencia e cautella as espêras, e espantando os lobos com foguetes, tiros de polvora secca, homens gritando, ou tocando businas, e levando assim os lobos a irem ter aos atiradores das espêras.

Em França montarias grandes e pequenas, recompensas officiaes e particulares, não teem conseguido acabar com o lobo, e por isto aconselham hoje a criação e educação de um cão especial, para achar o covil, descobrir a ninhada, levantar o lobo no matto, e fazel-o parar para receber o tiro.

Tem havido casos de o lobo estar parado, entre a matilha, sem os cães se atreverem a approximar-se; parece que o *bull-dog* é então util, o lobo distrahe-se com o atrevido, e os grandes assaltam-no e subjugam-no sem perigo.

Assim como as grandes montarias se devem condemnar porque representam grande perda de tempo, de salarios, etc., tambem o emprego dos cães precisa cautella, porque ha exemplos de um lobo estragar em poucos instantes alguns cães de grande valor. O rafeiro ou o fila, educado e armado, talvez servisse para parar o lobo.

Batidas de lobos com grandes pompas, e ás vezes com inesperados episodios picarescos contam velhas historias em estylo altisonante.

Quando o infante D. Fernando, principe das Asturias, casou com D. Maria Barbara, filha de D. João 5.º celebraram-se ruidosas festas em Sevilha.

A municipalidade da grande cidade andaluza, depois de muito cogitar, querendo fazer algo de novo, de original, e de muito apparatuso, resolveu offerecer aos noivos uma batida de lobos. O principe hespanhol era grande atirador.

Marcaram-se pontos e espéras, tudo preparado para quanto possivel levar os lobos ao alcance da espingarda de D. Fernando. D. Maria Barbara estava ao lado do esposo; ambos a cavallo.

Muita bulha, gritaria, toques, e de subito, de entre o matto, levanta-se um touro, que investe com o casal principesco. Um susto enorme.

O principe — adeantou o cavallo, fazendo-se escudo da princeza, e armando a espingarda empregou na féra um felicissimo tiro, de que logo cahiu morta — .

E logo uma chuva de sonetos ao caso, disparada em portuguez e hespanhol, por quantos poetas frequentavam as duas côrtes, com muita mythologia, ao *lunado bruto*, ao *feroz Jupiter*, ao *bicorne bruto*, *uracan* robusto, e á Venus lusitana.

Só um soneto por amostra

SONETO

Feroz promette o touro alta ferida
a Venus digna do melhor Mavorte,
e o principe se adeanta a dar-lhe a morte,
bem fulminada sim, mal merecida.

Ditosa culpa foi, que ao ser punida,
achou no invicto braço a feliz sorte,
feliz a Esposa, a quem o real consorte
por lhe a vida salvar, arrisca a vida.

De zelo e magestade o ardor inflama,

ao concavo metal; e em raio expulso
castiga Marte, quanto Adonis ama.

O brio natural lhe rege o pulso,
um Vesuvio de amor lhe acende a chama,
e nascem dois trophéos de um mesmo impulso.

Este caso do touro em vez de lobo foi impresso:
*Em uma batida de lobos a que a cidade de Sevilha
convidou a SS. M.M. e A.A. Catholicas: etc., etc.*
E' um folheto, com muitos versos. Mal pensava a
cidade de Sevilha que a sua festa seria tão cele-
brada.

O nosso D. Miguel matou um lobo, e apanhou
versos pelo feito. Foi no termo de Santarem.

— Morrendo um lobo em Santarem de um tiro
que lhe deo o Ser.^{mo} Sr. Infante D. Miguel hoje
nosso amavel Soberano.

DECIMA

Senhor, pareceu-me bem
O dáreis a um lobo a morte;
Pois mostraste d'esta sorte
Que as caçadas vos convêm;
Porem não só Santarem
Tem temivel bixaria
Lisboa de noite e dia
Tem bixos que nos assaltam
Cá mesmo lobos não faltam
Que devem ter montaria

(Obras de J. Daniel Rodrigues da Costa, Lisboa
1829, pag. 40).

E' transparente a allusão politica na *decima*.

Effectivamente pouco depois começou uma ba-
tida real que veio terminar aqui em Evora.

Em abril d'este anno (1893) assistiram as Mage-
tades a uma batida no termo de Alvito. O *Be-
jense* de 22 dá a noticia n'estes termos:

— A batida aos lobos, domingo (16) não deu re-

sultado. Morreram apenas dois. A coisa começou logo por os batedores formarem *escalão* em vez de *linha*, e por fecharem mal o *circulo*. O fechar do circulo é perigoso, muito perigoso, e não se fechou com receio das magestades poderem ser feridas.

O resultado foi escaparem-se onze lobos que andam ás portas de Beja, á Pia quebrada já elles tem apparecido.

Na batida tomaram parte mais de 2:000 caçadores dos concelhos de Beja, Alvito, Cuba, Ferreira, Alcacer do Sal, e Vidigueira. A batida foi dirigida pelos srs. Fialho e Jorge d'Ayres—.

Morreram dois. escaparam onze, os avistados; na mancha batida estavam 13 lobos: o que é notavel.

Alguns dos fugidos foram ter a Beja. Em geral o lobo, como todo o animal de presa, tem o seu campo de operações muito limitado.

A batida desloca-o, mas em breve escolhe outra séde; ás vezes a muitas legoas da primeira.

O mesmo n.º do *Bejense* dá noticia de outra batida em Almodovar; mas esta parece que foi pittoresca; morreram duas raposas apenas; não sei se os lobos paparam os jantares dos caçadores.

O *Manuelinho d'Evora* de 4 de junho, dá, na 3.ª pag., a seguinte noticia — *Lobinhos e lobos cervaes* — Gabriel Antonio, um rapagão natural da freguezia de S. Bento do Matto, de 25 annos de idade, e altura de 1,º97, apresentou ha dias nos paços d'este concelho uma ninhada de 9 lobos, que teriam uns quinze dias de existencia, apanhados na herdade das Cabanas.

Recebeu 500 réis de premio por cada cabeça.

Transcrevi estas noticias porque ellas provam

como é ainda frequente o lobo em Portugal. Bati-da em Alvito, 13 lobos; pouco depois na herdade das Cabanas, um rapaz apanha uma ninhada de 9. Note-se que não é esta região a que passa por mais abundante em lobos no Alemtejo central. Póde haver no paiz mais de um milhar de lobos.

Agora uma noticia referente aos lobos cervaes (mesmo n.º do *Manuelinho*); é a seguinte—O sr. dr. Barahona Fragoso offereceu á direcção do Jardim Zoologico. . . uma curiosa ninhada de quatro lynces, aprisionados n'uma das suas propriedades—.

Gatos cravos, lobos cervaes, lynces, são designações do mesmo animal. O Mira chamava-lhes gatos cravos, e assim por todo o Alemtejo.

Ha um bello exemplar de gato cravo adulto em casa do sr. José Paulo de Barahona, e outro na sala *Portugal*, da Esc. Polyt., offerecido pelo Mira.

Eu fui vêr os quatro gatinhos, ou gatos cravinhos no dia 11 de junho. Estavam bem, começavam a comer.

Teem o pello amarello claro com pequenas malhas escuras; salpicado; cabeças largas, olhos vivos, fitando; as patas grossas; orelhas largas, direitas, com seus pincelinhos pretos, formados de pellos rijos, nos extremos. Aspecto, attitude, costumes como os do gato vulgar.

No Jardim morreu ha mezes um gato, de Cabrella, alto, gentil, salpicado, um animal lindíssimo, mas sem pinceis nas orelhas, de modo que parece haver nos mattos alemtejanos gatos de tres especies.

Diziam-me que era um lynce, que por ser novo ainda não tinha pinceis, mas estes agora eram de mama e já os mostravam bem. Além d'isto o felino a que me refiro era tão alto e comprido como os gatos cravos conhecidos, mas delgado, muito fino, e menos fulvo.

No gabinete dos livros raros da Bibl. Nac. de Lisboa ha um volume (n. 684) de legislação avulsa; nelle a *Ordenaçam sobre os lobos*, em gothico, do reinado de D. João 3.^o

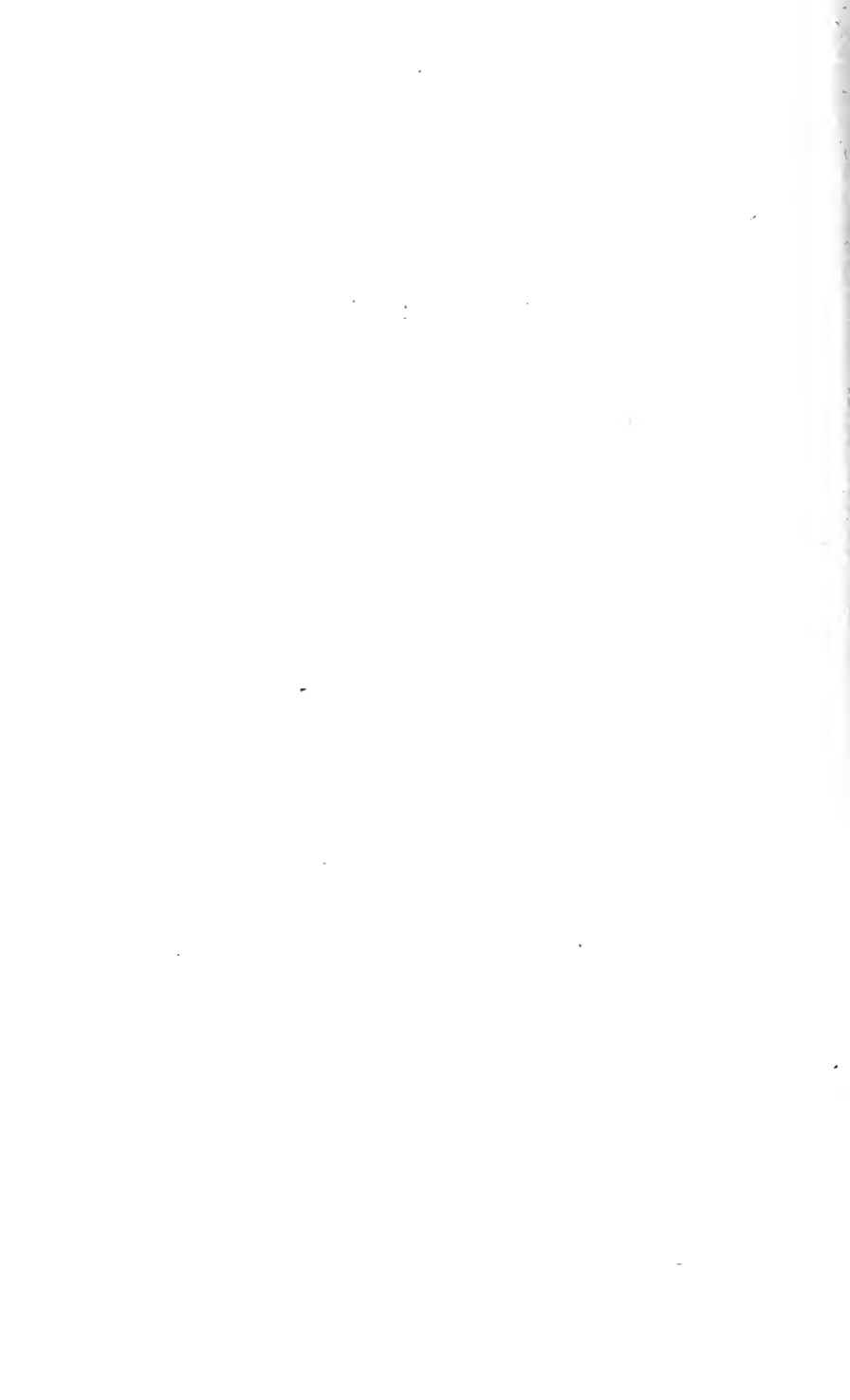
Eis algumas disposições:

— Todo o homem que matar lobo velho haja 3000 réis, se matar lobo pequeno haja até 500 réis, e quem emprazar cachorros e os mostrar haja 400 réis —.

Pela Paschoa do Espirito Santo começavam as montarias: — O qual ajuntamento e montaria se fará em cada hum anno na terça feira segunda oitava de paschoa. E depois se fará ao domingo 15 dias depois do Espirito Santo e de ahí por diante ao domingo de 15 em 15 dias até o mez de junho —.

Desapparece o veado, o gamo, a cabra montez, em breve será raro o javali, mas o lobo, apezar de tantas montarias e dos premios, continúa os seus assaltos: eterno inimigo dos rebanhos.









GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana. O templo. As inscrições. — 3.º A Casa pia. — 4.º Loios, azulejos e obras d'arte. — 5.º Bibliotheca Publica. Noticias das collecções. — 6.º Conventos do Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. Raczynski. Pintores eborenses — 8.º e 9.º Vesperas da restauração. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A egreja de Santo Antão. Livros parochiaes. Collegiada. — 12.º O archivo municipal — 13.º A restauração em Evora. — 14.º, 15.º e 16.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora — 17.º Evora e o Ultramar. Balthazar Jorge e Marco Antonio Pessanha. — 18.º, 19.º, 20.º e 21.º Assédios d'Evora em 1663. — 22.º Os Festejos de Evora em 1729. — 23.º Evora nos Lusíadas. — 24.º Procições eborenses. — 25.º Exposições de arte ornamental. — 26.º Antiquidades romanas em Evora e seus arredores. — 27.º Roteiro d'um eborense. — 28.º Universidade de Evora. — 29.º As caçadas, 1.ª parte. — 30.º Evora e o ultramar, 2.ª parte. — 31.º Ibn Abdun. — 32.º Os mouros. — 33.º As caçadas, 2.ª parte.

A' venda em Lisboa na livreria Bertrand, e na do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

Documentos Historicos da Cidade d'Evora

Estão publicados :

- 1.ª PARTE — Foracs, costumes. Documentos municipaes do sec. XII, XIII e XIV, Documentos do Cabido. Inventarios municipaes do sec. XIV. Documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º. Etc.
1 vol. de 202 pag. in-4.º — 1\$800 réis.

- 2.ª PARTE — Documentos municipaes do sec. XV. Doc. da Misericordia e Hospital no sec. XVI. O primeiro compromisso. Episodios eborenses na chronica de João 2.º, de Garcia de Rezende. Alfarrobeira e Toro. Regimento das procissões. Os primeiros livros de acordos capitulares, sec. XV e XVI. Capitulos de côrtes no sec. XV. Etc.
1 vol. de 282 pag. in-4.º — 2\$200 réis.

Assignam-se estas publicações no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

MADRUGADAS, contos escolhidos, em casa do editor Abranches.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Historia — Arte — Archeologia

Os ESTUDANTES

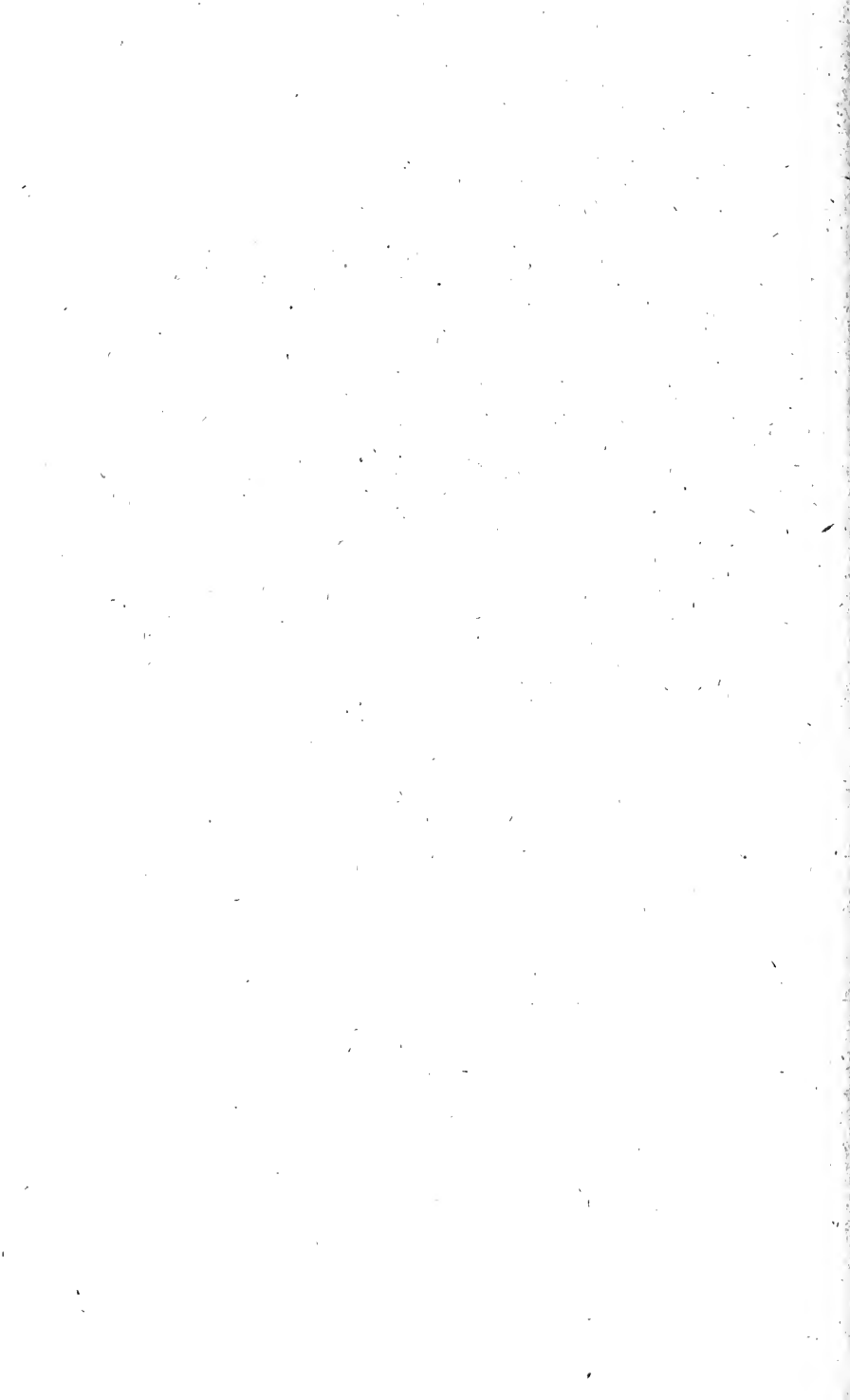
ANTIGUIDADES. MESTRE ESTEVÃO ANNES. O BACHAREL LINHARES.
D. JOÃO DE CASTRO. OS QUATRO DA PARODIA CAMONEANA.
O DESASTRE DE JUROMENHA.



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL

62 — Rua Ancha — 64

1893



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Historia — Arte — Archeologia

Os ESTUDANTES

ANTIGUIDADES. MESTRE ESTEÃO ANSEL. O BACHAREL LIMEIROS.
D. JOÃO DE CASTRO. OS QUATRO DA PARÓQUIA CANONEANA.
O DESASTRE DE JURDINHA.



EVORA

MINISTERIO DA INSTRUÇÃO PUBLICA

de JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA — 477 — 1134 DA CASA REAL

02 — Rua A. L. — 14

1913



ESTUDOS EBORENSES

Os estudantes

Seguramente no tempo dos romanos houve escolas em Evora; escolas de ler e escrever, e de grammatica, e de eloquencia, tão estimada na brilhante civilisação latina.

Se aqui estava o grande templo, o aqueducto, o arco triumphal, a cerca de muralhas e torres, a grande cidade emfim, e por todo o seu aro tantas habitações mimosas, de certo houve tambem escolas.

Se até o povoado mineiro de *Vipasca* (Aljustrel) tinha os seus mestres primarios, os *ludimagistri*, que por signal gosavam de singulares privilegios (*Ludi-magistri. Ludi-magistros a proc. metallorum immunes esse placet*: é uma verba da tabula de bronze de Aljustrel), é bem de suppor que em Evora alem das escolas inferiores houvesse as superiores onde se aprendia a fallar, a discutir, a descrever, e a conhecer a lingua do grande povo civilizador.

Por isto podemos, o mais naturalmente possível, imaginar o estudantinho eborense de ha dezoito seculos, pelas ruas estreitas lageadas, seguindo o caminho do *ludus litterarius*, com a *capsa* dos livrinhos, e a *tabula* encerada para a escripta e para as contas.

A *capsa* parecia-se muito com o *tarro* usado ainda hoje, principalmente pelos camponezes e pastores; servia para os pergaminhos, cuidadosamente enrolados, com os seus titulos em etiquetas.

A *tabula* é hoje directamente representada pela ardosia, a *pedra* com moldura.

O *ludi-magister* recebia meninas e meninos. Uma pintura de Herculanium representa uma escola com suas bancadas, a um lado os rapazes, a outro as raparigas; n'um extremo o *magister*, em pé; no outro o ajudante castiga um alumno, batendo-lhe, com um feixe de varinhas ou juncos, no sitio... destinado pela natureza para açoutes sem consequencias graves.

Lia-se Virgilio e Horacio, as *Georgicas* que ensinam e fazem amar a vida rural (como essa leitura ficava bem na *Ebora cerealis!*), as finas odes que fazem pensar, amar e perdoar. Nas escolas immediatamente superiores Quintiliano e os Sénecas dominaram por muito tempo.

Virgilio e Horacio eram lidos nas escolas primarias de Roma já em vida d'elles; o ser lido nas escolas era uma grande gloria para o escriptor romano.

Quantas gerações teem lido esses grandes e bons poetas, quantas suaves emoções teem produzido na humanidade esses dois espiritos; quantas palmatoadas por essa historia fóra!

Em muitas escolas romanas havia os bustos dos dois poetas.

Quando o relógio de agua, ou o de sol, marca-

va a hora da sahida o bando juvenil corria e foliava; os meninos *Laberios* jogavam os ossinhos (*astragalus*), hoje as cinco pedrinhas; os meninos *Frontonios* a *ocellata*, o bugalho; os *Tancinos* corriam apoz os arcos (*trochus*), os *Florentinos* brincavam ás nozes (*tabula*); enquanto as meninas, pobre *Manilia Maxuma*, tão querida, tão cedo morta! riam nos jardins com as suas *pupae*, bonecas de engonços.

Tambem me parece poder affirmar-se que os rapazes no tempo dos romanos jogavam a pedrada. E é bem possível que usassem a funda na rija brincadeira.

Se os godos aqui estiveram, se os seus reis cunharam aqui os seus *justos* de ouro, e na sua igreja os bispos entoavam os extraordinarios hymnos, as maravilhosas e ingenuas lendas dos primeiros christãos, de certo tambem continuou o *magister* a ensinar o seu *latim*, soletrando nos evangelhos, nos textos do codigo: se na mansão rural, a cinco leguas da cidade, se consagrou á memoria de Venancia uma longa inscripção latina, e poetica, na cidade seguramente se continuou a ensinar, em lenta decadencia e transformação, a linguagem que a igreja adoptára.

Um dia ao lado do pobre *magister* godo, notario ou clerigo, que ensinava o seu estragado latim, appareceu o arabe alcoranista, com uma toalha na cabeça, assentado na sua esteira, de pernas dobradas, e apontando os estranhos caracteres dos versiculos do Alcorão, e as *cassidas* lyricas, banhadas de saudades, dos poetas do *Yemen* e do *Hadramaut*.

Quantas vezes *Ibn-Abdun* seguiria, a mente en-

levada, o olhar espraiando-se a espaços pelas garras do Xarrama, ora repousando-se nas longiquas serranias de amethysta, a leitura dos antigos poetas cantando as rosas e as palmeiras, os episodios galantes, as finas allegorias, as guerras gloriosas do oriente!

Depois do *feito nunca feito* de Giraldo sem pavor... provavelmente os primeiros professores seriam de proveniencia ecclesiastica. A organisação dos cabidos como que implicava a creação de aulas de ler e escrever, de latim, e de canto ou de musica.

Para os estudos mais superiores era preciso ir ao estrangeiro, á França, á Italia. Em certo documento eborense de 1292 se concedem privilegios ás pessoas que fossem estudar a alguma Universidade estrangeira.

Tambem franciscanos e dominicanos teriam escolas ou aulas nas suas crastas gothicas.

Como seria bom estudar, nos cantos frescos do claustro ogival, ouvindo a fontinha murmurante no meio da quadra, as andorinhas cortando o lindo azul do ar, os pardaes bulhando na copado loureiro, junto dos jasmims e das madresilvas que trepando pelas columnas iam beijar os phantasticos capiteis de symbolismos ingenuos e coloridos. De modo que haveria já n'aquelle extraordinario seculo XIII, tão agitado, estudantes da cidade, e dos *arrabaldes* de S. Mamede, de Alconchel, de S. Francisco, e da porta de Moura, procurando as aulas das crastas dos mosteiros, e mais ainda as da sé.

E é muito possivel que houvesse tambem algum mestre particular. isolado, em casa propria; que algum publico notario ensinasse a ler e escrever, aquelles pergaminhos curtos ou compridos, em nitidos caracteres, com os seus artisticos signaes nas conclusões.

E' notabilissima a calligraphia, com muitas variantes que denunciam diversidade de ensino, nos documentos eborenses do seculo xiv.

Em 1375, pelo menos, já a rua da *Carta Velha* era assim chamada, e esta designação tem sido explicada como allusiva a uma escola, onde, em certa epoca, se ensinava por um methodo antiquado. Esta rua fica longe da parte antiga da cidade, da cerca velha; ella pertenceria no seculo xiv ao arrabalde de Alconchel (*Documentos historicos da cidade d'Evora*, 1.^a parte, pag. 125, n.º 551 (1375), e n.º 586 (1392).

N'este antiquissimo arruamento ainda hoje apresentando muitas portas de acanhadas ogivas, aparece-nos, por 1430, um mestre escola que foi popular na cidade, pois que o seu nome servia para indicar a rua ou travessa . . . casas onde móra *Esteve Anes* que ensina hos moços (*Doc. hist.* 1.^a parte., pag. 120, n.º 307, 309 e 336).

Mas essa rua tinha nome «rua de Esteve Anes que ensina os moços, a que chamam rua da Cabeça do Lobo. . . depois chamada rua dos Galegos, que vinha ter ao adro de S. Domingos», isto é não ficava longe da rua da Carta Velha, que tem sabido conservar o seu nome pelos seculos adiante.

Estudantinhos nos seus capeiretes, pelas manhas frescas, iam para mestre Esteve Anes que lhes ensinava nos seus pergaminhos. Boa tinta havia então; ha documentos que parecem escriptos hontem; provavelmente os rapazes aturavam grandes massadas na escripta, na calligraphia; são admiraveis algumas *letras* de essa epoca.

Antes de 1456 já o concelho eborense pagava a um mestre de grammatica e de escrever.

Conclue-se isto dos capitulos de côrtes de 1456 (*Doc. hist.* 2.^a parte, pag. 78, n.º 8) . . . um *bache-*

ler que ensina de gramatiga e a escrever os filhos dos boons e quaesquer outros que querem aprender.

Por signal que já então se regateava o ordenado ao proveitoso bacharel, como se pode ver no trecho indicado.

Em 1481 (*Doc. hist.* 2.^a pag. 155) *Estevam Cavalleiro* succede ao bacharel *Linhares* no ensino de grammatica.

Por isto se vê que no seculo xv houve na cidade mestres que ensinavam moços, filnos de bons e quaesquer, em escolas publicas.

A situação da escola de Esteve Anes, em sitio então arrabalde, faz suppor que não seria paga pelo concelho. Que era escola bem conhecida, popular, vê-se por que até servia para os notarios designarem a rua em suas *cartas*. O nome Carta Velha, leva a conjecturar de uma escola ainda mais antiga. E, ainda uma vez, o sitio era arrabalde; na cidade haveria outras escolas e superiores, ou de mais elevada cathegoria.

Na Universidade de Evora os estudantes eram vigiados, havia disciplina rigorosa, nos costumes, no vestuario, e na vida escolar.

O jesuita, dos primeiros tempos da celebre ordem, tinha a mania de regulamentar tudo.

No cartorio da Universidade de Coimbra, onde estão muitos papeis dos differentes collegios da Companhia de Jesus, vi eu varios regulamentos e instrucções para escrever cartas, para fazer visitas, e até para comprar pannos pretos!

Aos estudantes de Evora não era permittido ter cães ou aves de caça.

Não podiam usar côres garridas, nada de amarello, alaranjado, encarnado, verde. Nada de tafularias, nem fatos golpeados ou entretalhados, nem

uvas perfumadas; tambem não podiam trazer mascararas (o que era trivial nos seculos xv e xvi) fóra das tragedias e comedias que representavam no collegio: e muitas outras disposições que já publiquei nos *Estudos Eboresenses, Universidade de Evora*, e por esta razão não menciono agora.

A livraria da Universidade estava aberta para os estudiosos das 7 ás 11 da manhan, e das 2 ás 5 da tarde, no inverno.

No verão abria ás 6 e fechava ás 10 da manhan; de tarde das 3 ás 6. As aulas funcionavam tambem de manhan e tarde.

Todos os trabalhos escolares começavam antigamente cedo; de sol a sol; a noite era para repousar.

Os habitos mudam no decorrer dos annos, de classe para classe; como no seculo presente teem variado as horas das refeições, nas classes superior e média! Teem variado mesmo as qualidades das comidas; o chá, o café, o assucar, generos hoje de primeira necessidade, são de uso moderno. A qualidade, o progresso da luz artificial influiu provavelmente nos horaries.

O estudante do seculo xvi se quizesse trabalhar de noite tinha a luz da candeia de azeite, ou do candieirinho de latão, com o seu arsenal de tenaz, balde e espevitador. A vela de cebo era impossivel, a de cêra muito cara. O progresso da luz tem influencia grande na vida; veja-se o que está succedendo actualmente com o aproveitamento da luz electrica; ha fabricas onde a machina não pára; succedem-se os grupos de operarios nas grandes officinas onde a formula de *sol a sol* passou á historia.

Vamos nós ouvir um estudante da Universidade de Evora no seculo xvi.

Na collecção de manuscritos da Bibliotheca Nacional de Lisboa, ha uns volumes interessantes, com titulo *Obras de D. João de Castro*.

O auctor apresenta-se (vol. xviii pag. 434) em um capitulo assim denominado: -- Dá o auctor conta de si até o tempo em que começou a ser estudante em Evora — (cap. 3.^o do liv. v). N'este capitulo e nos tres seguintes falla da sua vida de estudante, com um cunho de verdade admiravel.

— Saibam portanto os que isto lerem que a mi me chamam Dom Joam de Castro; filho bastardo de D. Alvaro de Castro, que foi do conselho do Estado del Rey Dom Sebastiam, e veador da sua fazenda, assaz conhecido no reino —.

Era neto do celebre D. João de Castro, visorei da India.

— Sendo de oito annos pouco mais ou menos (cautella com que sempre irei fallando na minha idade por não saber de certo ao tempo que isto escrevo, o anno em que nasci, inda que me parece que foi no de 50 (1550), ou ao redor d'elle), fui tirado do poder de minha ama e levado para casa da Senhora D. Leonor Coutinha, minha avó, mulher que foi do Senhor Dom Joam de Castro governador e visorei da India, o primeiro do nome.

N'ella me criei até idade de 13 ou 14 annos na cidade de Lisboa —.

De casa da avó o mandaram para o mosteiro de N. Sr.^a da Penha longa, de frades jeronimos, em Cintra.

Esteveahi quatro annos estudando e ajudando ás missas. Andava de roupeta comprida, sem capello, só com a gualteira do mesmo panno.

A aspiração do moço era frequentar uma universidade, mas os frades não lhe davam ouvidos, a familia parecia esquecer-se d'elle; não tinha meios alguns.

Por este tempo começou a frequentar o mosteiro um moço honrado de Cintra, quasi da mesma idade de D. João; era filho do mestre d'obras do infante cardeal D. Henrique, e chamava-se Manuel Carreira. Era bom rapaz, andava no officio de ourives, mas aspirava a ser religioso, frade capucho.

Os dois moços passeavam juntos por aquella cerca tão pittoresca; trocavam as suas confidencias.

Manuel Carreira pouco mais sabia do mundo que D. João; mas era engenhoso, e capaz de se arriscar.

Perdidas as esperanças de alcançar meios para estudar resolveram-se a correr a ventura; o Manuel sabia que em todas as universidades havia estudantes pobres que viviam pelos mosteiros, serviam os mestres e os estudantes ricos, ou andavam á tuna.

D. João não tinha fato á futrica; auxiliado pelo companheiro engenhoso conseguiu transformar umas roupetas velhas em pelote e calções; e fez duas trouxinhas das cobertas brancas da cama, com alguma roupa e uns livrinhos.

Uma noite sahiram do mosteiro, saltaram o muro da cerca, e eil-os em plena liberdade.

Era principio do verão de 1567.

Ao amanhecer estavam longe de Cintra; não sabiam caminhos; o plano era correr até Salamanca, porque em Coimbra ou em Evora poderiam encontrar alguém conhecido.

Chegaram a Sacavem, ouviram um bateleiro a bradar:

— Vai largar! vai largar!

Metteram-se no batel, com outros passageiros e desembarcaram quasi noite em Aldea-Galleja.

— Iamos como dois passarinhos saídos das gaiollas.

Não queriam interrogar ninguém, sempre com receio de serem conhecidos, ou de motivarem desconfianças.

Foram seguindo a pé uns almocreves hespanhoes.

Andaram, andaram por aquella charneca, e cansaram muito.

Um arrieiro castelhano que ia com a recova de vasio por ter já vendido o seu trigo, entrou de conversa com os rapazes, e por pouco dinheiro lhes deixou montar dois burrinhos. Chegaram a Montemór o Novo, vilia que o Manuel Carreira conhecia; só então os dois estudantes souberam que estavam em mau caminho para Salamanca.

No dia seguinte estavam em Evora; o Carreira conhecia um estudante, chamado João Pinto, preto do Congo ou Angola, branco pelas suas virtudes e prudencia. Indagou, soube da sua morada, quiz vel-o.

O Pinto animou os rapazes, que estudassem ali, podiam viver como em Salamanca; elle guardaria segredo: convenceu-os a ficar.

Começaram logo a ir ao estudo. Pinto era muito pobre. Dormiam n'uma esteira, mal cobertos.

Dias depois não quizeram incommodar mais o pobre preto e conseguiram alugar uma camara.

Alugaram a *camara da Cruz*; parece que era celebre entre os estudantes.

Uma casa com duas arcas mui grandes, e no meio uma cruz enorme que um alentado disciplinante ou penitente mandou fazer para a levar na procissão de quinta feira de Endoenças; e depois a deixou ali; a cruz tinha a altura do pé direito da casa, e estava tão atochada entre os sobrados que ninguem a movia.

Os dois rapazes dormiam sobre as arcas e viviam mui pobrementemente. Alguns mezes depois Ma-

nuel Carreira foi para casa do pai, e mais tarde professou nos Capuchos, como desejava.

D. João de Castro ficou muito triste, sem o seu companheiro; a pobreza era agora mais pesada. Ninguém o conhecia, nem o proprio João Pinto sabia o seu verdadeiro nome.

Não queria pedir, nem servir, nem andar á tuna. Nunca se resolveu a ser estudante pobre, dos que pediam pelas portas.

— Não podia acabar commigo chegar a isso—.

Os ultimos cinco réis empregou-os n'um pão de rala e com elle se sustentou un a semana.

Mas o rapaz queria viver, queria estudar, e sentia que ia morrer, ou perder o juizo.

— Fui constrangido a começar a pedir, sem me poder ainda dobrar de todo; porque não pedia senão pelas portas dos mosteiros, e não pelas outras; nem de noite como faziam alguns estudantes pobres. Tinha eu isto por opinião de honra; antes me deixára morrer que fazel-o; por onde padecia mais que os que o faziam.

De maneira que nunca pedi a secular, nem inda a ecclesiastico; porém recebia a esmola que o arcebispo de Evora D. João de Mello costumava dar cada semana aos estudantes pobres —.

Assim viveu uns mezes. Chegou o tempo das ferias grandes.

O neto de D. João de Castro, visorei da India, descobriu um meio de viver sem pedir esmola.

Arranjou um cesto e uma faca, voltou o pelote do avesso, e foi á praça grande da cidade, muito de madrugada, metter-se nos grupos de ratinhos trabalhadores das vindimas.

Foi alugado para as vinhas dos padres da Companhia.

Contente por não esmolar; contrariado sempre; os ratinhos, os manageiros fitavam-lhe as feições

e o vestuario estranho, e elle sentia-se incommodado.

Fato, cousas novas não havia quando acabaram as férias e se abriram os estudos; estava esfarrapado.

Nos mosteiros davam sómente pão, caldo e alguns sobejos de carne ou peixe.

Pelas ruas e monturos apanhou solas velhas para remendar os sapatos. Um bello dia houve receita extraordinaria; os padres da Companhia repartiram pelos estudantes pobres algum dinheiro das multas dos de partido.

Depois um estudante criado do inquisidor Manoel da Veiga tambem o ajudou com poucochinho.

Faltou ao pagamento da camara da cruz, e o senhorio expulsou-o. Foi outra vez para casa de João Pinto.

Nos estudos ia seguindo regularmente; sem livros, papel pouco, um dia sem tinta, outro sem penna, todavia o pobre D. João não era dos peiores.

De subito á sahida de uma aula, quando a turba negra e revolta dos estudantes se espalhava pela arcada, deu de rosto com um religioso da Penha Longa, que visitava os geraes com um padre do Collegio.

Era frei Luiz de Lisboa; conheceu o rapaz, fitou-o bem, poz os olhos no chão, e passou sem dizer palavra.

Fr. Luiz na manhan seguinte foi visitar João Mendes de Mendonça, morgado da Oliveira, o que morreu com D. Sebastião em Africa, e na conversa fallou do estudante.

— Que no Collegio tinha visto o neto de D. João de Castro, e que já sabia que vivia mui pobremente — .

O fidalgo e sua mulher D. Beatriz de Vilhena ficaram muito emocionados. Delicadamente pro-

curaram conhecer o moço. Tinham em casa um estudante seu criado, que nesse anno era condiscipulo do João Pinto; com o pretexto de mandar uns mimos a este que estava doente, pediu a D. João para o acompanhar a casa. Foram, entraram n'uma sala, e disse-lhe que esperasse.

D. João ficou-se, com o seu fatinho remendado, um farrapo, no salão opulento.

Appareceram-lhe os fidalgos.

Com muita bondade interrogaram-no; elle queria esquivar-se, fugir, não queria responder, mas João de Mendonça segurou-o por um braço.

— Digo a verdade, como fidalgo que é, e falle de igual para igual, sr. D. João de Castro.

O rapaz contou a verdade toda.

D. Beatriz mandou arranjar um quarto, e horas depois o rapaz estava lavado, esfregado, vestido de boas roupas, um primor.

E dias depois mandaram-no para o Collegio, tão bem aviado e provido de vestido de estudante, cama e roupa de linho, como o melhor do Collegio, posto na primeira meza, que era de quinze mil réis por anno, de que se pagava logo no principio a metade.

— Emfim por este fidalgo e fidalga me tirou Deus da vida misera e pedinte. Elle lh'o pague e a todas as suas cousas —.

Fallou-se muito do caso em Evora; entre a fidalguia e o alto clero conversava-se do pobre tunante que tivera a coragem de viver tanto tempo na miseria; queriam conhecê-lo, cortejavam-no, e até o infante cardeal D. Henrique quiz ver o moço fidalgo que andára á jorna a vindimar em Valbom.

Pasmavam de tal coragem.

O cardeal conversou com o morgado da Oliveira e pediu-lhe licença para tomar o estudante sob sua protecção.

E assim o tomou — por seu collegial, no numero dos que elle sustentava com opas em o dito collegio. De ahi por diante fiquei collegial do cardeal, da primeira meza, sustentado como cada um dos seus; cujo ordenado era mui sisado e dependia de outras achegas e extraordinarios, para se poder de alguma maneira passar a vida de estudante, sem se estar uma pessoa revolvendo sempre em comichões de necessidades.

O Cardeal dava aos seus estudantes, em cada anno, uma opa, uns calções e uma jaqueta. De seis em seis mezes um barrete, ou um tanto para elle, e um par de meias de estamemha ou dois tostões. Tres camisas; e quatro vintens por mez para sapatos.

Quando se abriam as escolas dava dois tostões para papel, tinta e pennas, e alguns, poucos, livrinhos de humanidades. Dava botica aos doentes, mas não pagava a despeza das doenças que excedia a quantia da porção de cada dia.

O pobre D. João de Castro via-se em apuros, agora que todos sabiam quem era; não se atrevia a acompanhar os collegas nos seus passeios pelas hortas e quintas do termo da cidade, nem tomava parte nos seus jogos.

Os estudantes finos, fidalgos e ricos, jogavam a pélla, a barreira e as chachas, em que era preciso apparecer em corpo, e frequentemente se estragava o fato.

Chegou a aborrecer o collegio, os estudos, e até os livros. Esteve onze annos alli, chegando a frequentar o terceiro de theologia. Tomou o gráo de mestre em Artes.

Quando começou a frequentar theologia, o cardeal por parecer dos padres da Companhia, mudou-lhe a opa em mantéo e roupeta, e deu-lhe um beneficio simples, ou abbadia sem cura, em S. Gião da Silva, termo de Valença do Minho.

Depois obteve uma pensão de 50 cruzados em uma igreja da apresentação de elrei D. Sebastião.

Em 1578 deixou o collegio. O padre Luiz de Molina instou com elle para ficar, como almotacé dos estudantes. Elle quiz sahir, entrar n'um convento, mas veio o desastre de Africa que tudo transtornou.

D. João de Castro ligou-se depois com o prior do Crato, e teve suas aventuras, e muitas desventuras, até que teve de sahir do reino.

(O codice em que vem esta autobiographia tem o rosto seguinte: — *Tratado dos Portugueses de Veneza, ou Ternario, Senario e Xovenario dos portuguezes que em Veneza solicitaram a liberdade del Rey D. Sebastião. Parte II. Por D. João de Castro. Vol. XVIII. Paris 1622 - 1623. E' in-4.º — Bibl. Nac. de Lisboa. P—3—40.*)

O cardeal infante D. Henrique gostava muito de andar pelas aulas, de conversar com os estudantes, indagando de seus estudos e projectos de vida.

Aquelle edificio vastissimo do Collegio que actualmente aloja, á larga, a Casa Pia, Governo Civil, Fazenda districtal, o Lyceu, foi quasi todo construido em tempo do cardeal, e até um tanto precipitadamente, porque em pontos se nota falta de perfeição no trabalho. Não acontece isto no Seminario que ficou admiravelmente estabelecido, perfeito no seu todo e afinado em cada uma de suas divisorias.

Um dia estava o cardeal á sua varanda, gostando de ver a turba dos estudantes nos geraes, e reparou que os mais pequenos não podiam chegar á taça da fonte que está no meio do patio; mandou logo fazer aos quatro lados do tanque uns supplementos de marmore, para que os pequenos podessem beber na taça.

Quando havia obras, que em tempo d'elle houve sempre obras, gostava muito de ver o pessoal interessado n'ellas.

Alguns noviços nas horas vagas vestiam pelotes, e trabalhavam nas officinas. *Pelotes* eram certos vestidos rusticos que nos primeiros tempos vestiam ás vezes os religiosos de Jesus, para maior humilhação e desprezo proprio. Quando o velho cardeal assim encontrava os noviços ficava muito alegre, tratando-os com benevolencia de pae; e sempre os protegia.

D. Sebastião frequentava muito a Universidade e o collegio; por esses longos corredores, pelas arcadas firmes nas classicas columnatas, passou muitas vezes esse rapaz de formoso aspecto, tez muito alva, cabelo loiro, bem posto e estatura regular, e a feição muito grave, ás vezes mesmo triste. Parecia-se com a mãe, D. Joanna, filha de Carlos v, o mystico imperador. O pae de D. Sebastião era o infante D. João, nascido aqui em Evora; falleceu muito novo. D. Sebastião nasceu 18 dias depois da morte do pae.

Que triste, que afflictiva! cheia de mortes precoces de filhos e de parentes, a vida do pobre D. João III! Por isto não admira o temperamento singular de D. Sebastião, aggravado talvez pela educação.

Ha um episodio significativo que fica bem aqui.

Um dia el-rei D. Sebastião disse ao cardeal, em segredo, a meia voz, como indo espairecer a um terraço do collegio vira, fóra do collegio, na estrada, um mancebo tangendo viola e motejando muito, que lhe disseram ser estudante; e que lhe tinha parecido mal tanta desenvoltura.

O cardeal ficou muito incommodado, e logo que se recolheu a casa mandou chamar o padre prefeito, contou-lhe o que el-rei lhe disséra, ajuntan-

do logo que elle lhe respondera que lhe parecia que o mancebo não seria estudante: e deu-lhe os indícios, a hora, etc., para que examinasse o caso. O padre prefeito foi logo indagar, e verificou não ser estudante o tal rapaz; o cardeal ficou mui contente, dizendo que bem lhe parecera que estudante da sua Universidade não faria tal coisa! E foi logo communicar o resultado da devassa a ellei, que era um rapaz de dezoito annos, com um buço dourado, em segredo, a meia voz!

No mez de junho de 1573 houve premios aos estudantes, dados á custa do deão da sé Simão Mascarenhas.

Representou-se a *historia* de Dionisio tyranno da Sicilia; D. Sebastião assistiu a toda a funcção. Deram premios ás figuras da *historia*, aos estudantes, ainda aos das classes inferiores; dois meninos fizeram seus discursos, tudo acompanhado de excellente musica. (P.^o Antonio Franco, *Imagem da virtude*. . . no Collegio de Evora, pag. 49, 57. . .).

Na callada da noite, treva fria de inverno, ou branco, tepido, luar estival, vem lentamente o grupo negro, ao som de violas, uma voz de rapaz entoando a modinha, satyra ou paixão de amor.

Nas ruas, terreiros ou travessas apenas os lampeões ou lanternas dos nichos dos santos; e sombras espessas pelas arcadas, nos cotovellos dos terreiros, nos alpendres.

N'uma, n'outra janella soergue-se a adufa, de fina grade de madeira, ou entreabre-se a rótola, e assoma uma cabeça de mulher.

Que finas noites de luar as de Evora! a altitude, a seccura do ar, não sei quê, dão um tom de vida ás constellações, que se destacam muito, dando

uma profundidade infinita ao céu : o ar é leve, no avançar da noite uma ligeira humidade rasa os campos, e enche-se então o ar do aroma delicioso dos fênos levemente orvalhados.

Passa o grupo, esmorece o rythmo musical, volta a serena quietude.

Ha suspiros, anceios, saudades no ar.

A's vezes um remoinho subito, no alpendre, no arco, á bocca da viella, o estalo dilacerante da viola partida, um ruido de folhas d'aço, um baque surdo.

Fogem, fica alguém na rua, que geme e se queixa, até que vem o alcaide com os seus homens.

Corria o anno de 1589.

Os graves mestres, os venerandos theologos começavam a estar intrigados. Aquelles quatro estudantes andavam agora sempre juntos, todas as tardes ; ora silenciosos como entregues a funda meditação, ora gesticulando, fallando a um tempo, e desdobrando ás vezes rijas gargalhadas.

Iam pela tarde, estradinha fóra, por entre os fargeaes, á horta das Oliveiras, assentavam-se na relva, e que faziam ? conspiravam ? cousa politica ? oh ! a época era terrivel ! ou haveria caso de Molina, innovação perigosa ? scisma, heresia ?

Os rapazes levavam um livro ; o reitor quiz saber que livro era ; um leigo tomou sentido, e verificou serem *Os Lusíadas*.

O reitor ficou descansado, não era o Molina ! Mas . . . os *Lusíadas* ?

Os estudantes, os quatro do passeio, eram todos theologos adiantados e qualificados. Eram Manoel do Valle de Moura, natural de Arrayollos, Bartholomeu Varella, de Vianna do Alemtejo, Luiz

Mendes de Vasconcellos, e Manuel Luiz Freire, que depois foi prior de Terena.

Quatro theologos, com os *Lusiadas*, passeiando todas as tardes, saindo da porta de Machede, e entrando nos farregeaes, gesticulando muito, trocando papeis entre si, era para intrigar mestres e alumnos.

E elles sem nada revelarem. Um segredo impenetravel.

Dois mezes durou a conspiração.

Um bello dia soube-se no collegio, emfim, o que faziam os quatro estudantes.

Foi uma explosão. Elles eram grandes fanaticos pelos *Lusiadas*, e muitas vezes passeavam recitando as maravilhosas oitavas cheias de patria e amor. Mas rapazes amigos de folgar lembraram-se um dia de parodiar a epopéa; era uma forma nova de homenagem ao poeta sublime: e fizeram a parodia com elementos populares da cidade, e do seu tempo.

O *divino* passou a ser o *de vinho*. Em vez de Gamas, e Castros, e Albuquerque, apparecem os Catigelas, Lunas, e Barbanços alcunhas de barões assignalados então nas proezas de Baccho, e geralmente conhecidos na rua das Adegas.

A India é Peramanca com as suas vinhas celebres.

Em vez do Cabo, de Quiloa, de Melinde, temos Rio Mourinho, o Louredo, a Lagem, a porta d'Aviz. Por ali andavam o Bagulho, o Novellão, o Rangel e o Carrança, o Claudio e o Coutinho e Pero Vaz, heroes da borracha, empunhando:

De chifre copos grandes, taças bravas.

Fizeram cento e seis oitavas parodiando o primeiro canto dos *Lusiadas*. Foi um triumpho! A gente mais sisuda da cidade estourava de rir. As carapuças, as allegorias eram admiraveis. E não

offendia gente de posição; nem fidalgos, nem doutores, nem o meirinho tinham razão de queixa.

O padre Ferrer, varão doutissimo da Companhia, declarou alto e bom som, no seu bello castelhano, que a obra era excellente, era extraordinaria! Tiraram-se copias que giraram por todo o paiz em pouco tempo.

Houve ainda tentativa de continuação da parodia por Antonio de Magallanes y Menezes, senhor de la Ponte de Barca.

Manuel de Faria e Sousa, Francisco de Soares Toscano, e outros tratam da parodia feita pelos estudantes de Evora. N'este seculo imprimiu-se já duas vezes.

(V. Brito Aranha, Dicc. bibl. port. tomo xiv, pag. 404 e 410).

Como alguns copistas não conheciam bem as designações de pessoas e logares, especiaes a Evora, apparecem muitas variantes nas copias; houve commentarios á parodia! Foi um exito enorme! A idéa de parodia litteraria não é má. A *Batrachomyomachia* descrevendo os combates de rans com os ratos é parodia á *Illiada* de Homero.

A Agnés, de Chaillot, é parodia da Inés de Castro, de Lamotte.

O D. Jayme, de Thomaz Ribeiro, foi parodiado pelo Roussado.

A parodia n'estes casos é uma verdadeira homenagem.

As festas bacchanaes dos quatro estudantes de Evora teem duas edições impressas.

— Parodia ao primeiro canto dos *Lusiadas* de Camões. Porto, Typ. da rua Formosa, 1845, in-8.º

— Parodia ao primeiro canto dos *Lusiadas* de Camões por quatro estudantes de Evora, em 1589.

Lisboa, Typ. de G. M. Martins, 1830, in-8.º

Talvez um dia me resolva a publicar uma edição commentada, porque é interessante como documento alemtejano eborense do final do seculo xvi.

19 de janeiro de 1659

A patria estava em perigo!

Elvas, a grande praça militar, formalmente cercada e investida pelo exercito hespanhol, teria de render-se!

Rendida, ficava em brecha a fronteira, livre o caminho para a capital. Se o exercito hespanhol fosse obrigado a levantar o cerco e a retirar, a liberdade ficaria garantida. Era preciso empregar um grande esforço; reunir alli todas as forças disponiveis, responder á concentração hespanhola com a portugueza.

Para isto levantaram as guarnições das praças, improvisando outras, com gente bisonha, leiga nas armas, rapazes e velhos, com chuços, arcabuzes, e antigos mosquetes, que servissem para encerrar portas, atirar por uma fresta ou detraz de ameias, gritar alarma, e apparentar de guarnição verdadeira. Ninguem se recusou, n'aquella urgencia, no perigo enorme, por aquellas terras alemtejanas; foi uma léva em massa; o velho morgado e o reitor dos Loyos encontraram-se ae lado do operario, do quintaneiro, do bravio zagorro da charneca, e marcharam a guarnecer castellos e muralhas.

Os terços tinham ido todos a formar o exercito para bater os hespanhoes que cercavam Elvas. Tudo era preciso, instava empregar todos os elementos de força.

Lembraram-se de fazer uma companhia com os estudantes da Universidade e collegio do Espirito Santo; com os que restavam, porque muitos estavam já no terço da cidade; com os rapazes de 14 a 20 annos, e com os privilegiados; eram ao todo uns cem.

O reitor era então o dr. Francisco Soares, chamado o *lusitano*, um santo padre que passára a vida

a estudar a sua philosophia, a commentar S. Thomaz d'Aquino, a ensinar theologia nas aulas.

Era muito humilde, um d'estes homens mansos, tranquillos, que vivem bem na sua modestia, no estudo, n'uma cella conventual, ou á sombra de uma arvore na cerca silenciosa.

Tivera um dia uma amblção! queria ser martyr! ir para o Japão, dar o seu sangue pela fé! Houve muito d'isto; ha ainda hoje o delirio do martyrio!

Estava idoso, morrer aqui ou no oriente. . . na enxerga da cella ou varado por uma lança. . . lá a morte seria util á fé!

O geral Mucio Vitelleschi não deu licença; disse-lhe que as suas luzes e prudencia eram precisas cá; já estava idoso para as longas viagens maritimas. . .

— Olhe Vossa Paternidade, eu em breve hei de morrer; deixem-me á minha vontade.

Mas o geral negou a licença; e em vez de ir para o Japão veio reitor para o collegio e Universidade de Evora.

Em breve tinha as sympathias, a dedicação espontanea de leigos, estudantes, irmãos e sacerdotes. Era um sabio professor, e um character adoravel.

De subito a crise da lucta, e a gente do collegio formada em companhia de guerra! e que marchasse logo; escolhesse um chefe, arranjasse armas, polvora, mantimentos; e que se fossem apresentar ao governador de Juromenha! logo! logo!

Os estudantes reuniram-se e elegeram para chefe o padre reitor! o pobre velho professor, todo humildade!

Elle foi! Pediu que o escusassem do commando. . . os estudantes e o claustro insistiram. Que o chefe militar da praça os mandaria nas cousas de

seu officio, mas o chefe d'aquelle terço improvisado havia de ser o reitor, só o reitor. E elle obedeceu, foi acompanhar os seus estudantes.

O dr. Diogo de Alfaya e o padre Francisco Cardoso quizeram acompanhal-o.

E marcha para Juromenha! A curiosa companhia! Os padres iam nas suas caleças, os rapazes a pé; arranjaram uns burricos para levar algumas bagagens, mantimentos, roupas; carros, cavallos, muares tudo fôra requisitado para o exercito.

Rapazes! como elles iriam contentes pelas férias inesperadas! e assim amilitarados, em tom de guerra, pela campina fóra!

Chegaram, e fizeram o serviço de guarnição sem novidade, muito limpamente; em vez de sineta soava a corneta, e pelas noites nas torres e nas guaritas das muralhas não cessavam os alertas vibrantes.

Uma bella manhan um cavalleiro a galope passando junto da muralha, sem parar, bradou: Victoria! victoria! viva Portugal!

Vieram todos ás muralhas; outro cavalleiro appareceu logo, a galope, agitando o chapéu. Este era de Juromenha e parou na porta da villa no meio do grupo dos rapazes. Victoria! os hespanhoes completamente derrotados nas linhas de Elvas!

Então a rapaziada eborense rompeu em salvas de mosquetos e artilheria, os sinos desfizeram-se em repiques, e os bandos de pombos esvoaçavam loucos sobre a antiga villa alemtejana.

O padre reitor Francisco Soares foi logo a Elvas dar os parabens aos generaes; deram-lhe licença para voltar a Evora com os seus estudantes.

Elle volta a Juromenha, 19 de janeiro de 1659, e manda logo preparar tudo para marchar para Evora no dia seguinte.

N'este tempo adoeceu perigosamente um homem em casa do governador, no castello; o medico mandou que lhe dessem o viatico. O reitor e a sua gente iam n'esta occasião fazer as suas despedidas ao governador. Entraram naturalmente no acompanhamento do viatico. O enfermo parece que estava no pavimento terreo, nos *baixos* da morada do governador da praça, e que na casa onde elle estava, ou alli proximo, havia barris de polvora; ou o paiol. O enfermo como estava tão mal não poudé avisar. Algumas pessoas entraram com tochas accesas.

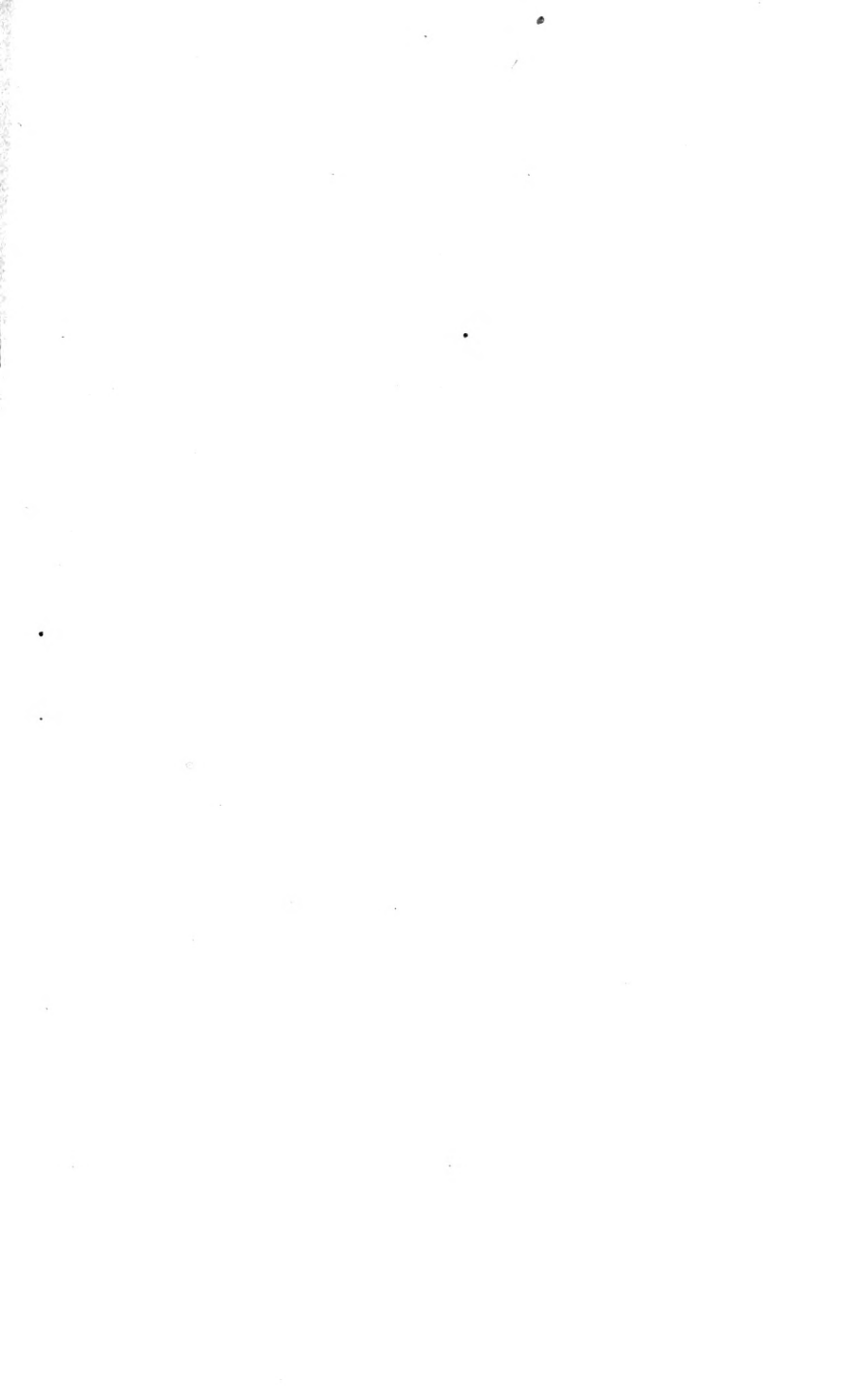
Houve uma explosão! uma explosão enorme! A casa estourou como uma bomba, as abobadas baquearam desfeitas; tudo alli dentro ficou queimado, espedaçado, triturado, esmagado.

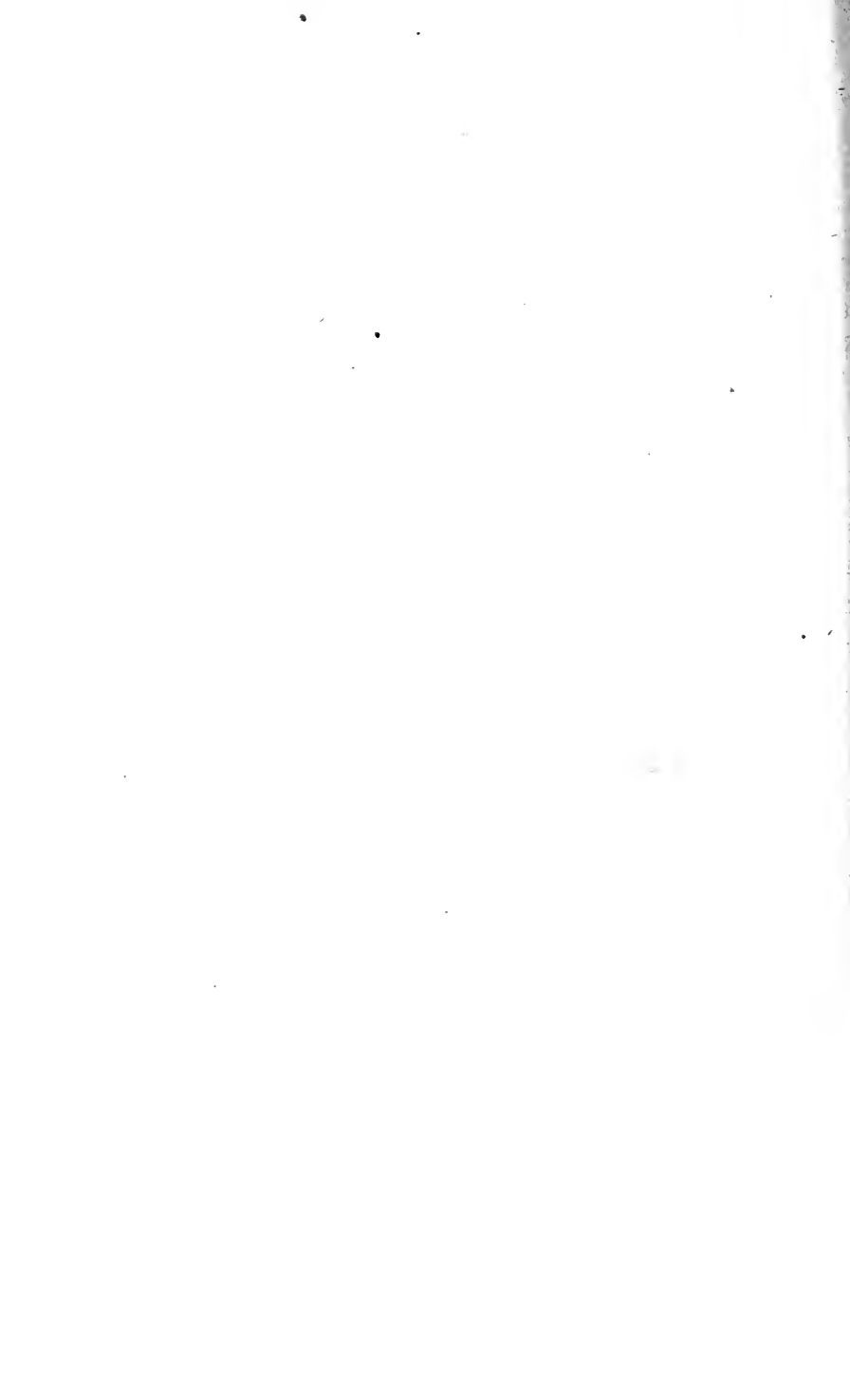
Impossivel de reconhecer os cadaveres. Achouse um fragmento de corpo que se conheceu ser do reitor porque conservava na algibeira, n'um fragmento da roupeta, o sinete do officio, o cilicio e as disciplinas.

Os tres padres e mais cem pessoas entre estudantes e privilegiados da Universidade de Evora, terminaram as vidas n'uma explosão, n'aquelles dias de immensa gloria!

(Evora gloriosa, pag. 173. Barbosa Machado. Bibl. Lusitana, art Francisco Soares. Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus na cõrte de Lisboa pelo P. Antonio Franco (Coimbra, 1717), cap. 48 do liv. 3.^o pag. 615 e seg.)









GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana. O templo. As inscrições. — 3.º A Casa pia. — 4.º Loios, azulejos e obras d'arte. — 5.º Bibliotheca Publica. Noticias das collecções. — 6.º Conventos do Paraíso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. Raczynski. Pintores eborenses — 8.º e 9.º Vesperas da restauração. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. Livros parochiaes. Collegiada. — 12.º O archivo municipal — 13.º A restauração em Evora. — 14.º, 15.º e 16.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora — 17.º Evora e o Ultramar. Balthazar Jorge e Marco Antonio Pessanha. — 18.º, 19.º, 20.º e 21.º Assédios d'Evora em 1663. — 22.º Os Festejos de Evora em 1729. — 23.º Evora nos Lusíadas. — 24.º Procições eborenses. — 25.º Exposições de arte ornamental. — 26.º Antiquidades romanas em Evora e seus arredores. — 27.º Roteiro d'um eborense. — 28.º Universidade de Evora. — 29.º As caçadas, 1.ª parte. — 30.º Evora e o ultramar, 2.ª parte. — 31.º Ibn Abdun. — 32.º Os mouros. — 33.º As caçadas, 2.ª parte. — 34.º Os estudantes.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand, e na do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

Documentos Historicos da Cidade d'Evora

Estão publicados :

- 1.ª PARTE — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII, XIII e XIV, Documentos do Cabido. Inventarios municipaes do sec. XIV. Documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º. Etc.
1 vol. de 202 pag. in-4.º — 17800 réis.
- 2.ª PARTE — Documentos municipaes do sec. XV. Doc. da Misericordia e Hospital no sec. XVI. O primeiro compromisso. Episodios eborenses na chronica de João 2.º, de Garcia de Rezende. Alfarrobeira e Toro. Regimento das procissões. Os primeiros livros de acordos capitulares, sec. XV e XVI. Capitulos de côrtes no sec. XV. Etc.
1 vol. de 282 pag. in-4.º — 27200 réis.

Assignam-se estas publicações no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

MADRUGADAS, contos escolhidos, em casa do editor Abranches.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Historia — Arte — Archeologia

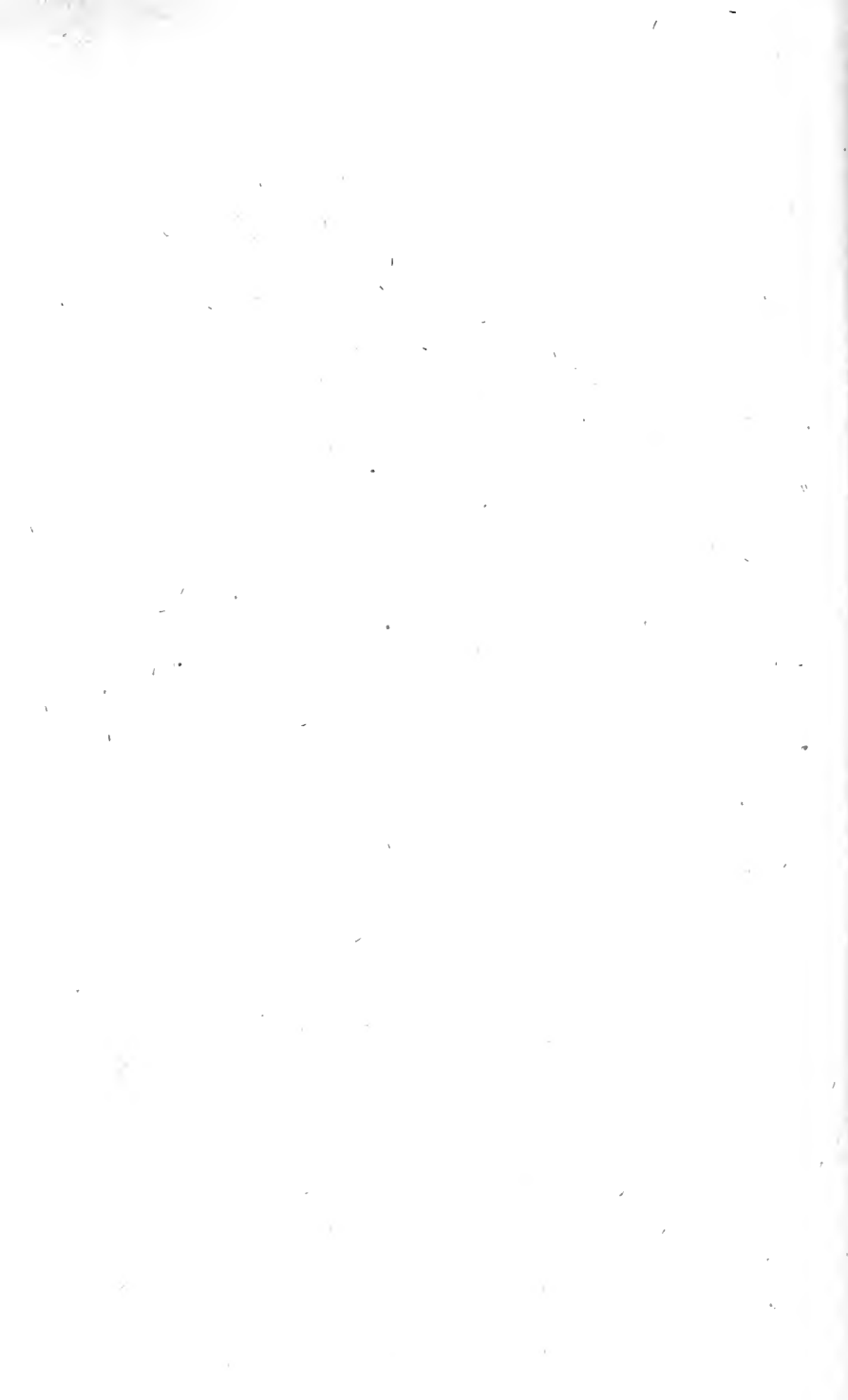
Versos Eborenses do seculo XVIII

SONETOS DE FREIRAS. O PINHEIRO DO ALTO DE S. BENTO.
O DISCURSO DA CABALINA. ERUDITOS JOVIAES.
UM SONETO MORDENTE. O ALEMTEJO NO CORO DAS MUSAS.



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL
62 — Rua Ancha — 64

1894



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Historia — Arte — Archeologia

Versos Eborenses do seculc XVIII

SONETOS DE FREIRAS. O PINHEIRO DO ALTO DE S. BENTO.
O DISCURSO DA CABALINA. ERUDITOS JOVIAES.
UM SONETO MORDENTE. O ALENTEJO NO CORO DAS MIHAS.



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR NA CASA REAL.

62 — Rua Ancha — 64

1894



ESTUDOS EBORENSSES

Versos Eborenses do seculo XVIII

Sonetos de freiras

A senhora infanta D. Francisca, filha de D. Pedro II e de D. Maria Sophia Izabel, foi grande protectora de mosteiros de religiosas. Estava sempre em dia com a vida das clausuras; carteava se com abbadessas e priorezas, e quaesquer freiras; sabia das vagas, das festas; soccorria as pobrezas, secundava os projectos, dotava meninas, dava e promovia donativos, era o anjo tutelar; e era adorada pelas freiras, que duvida!

Isto das casas religiosas em tempo das casas vinculadas impunha-se como indispensavel resultado. Que fazer da pobre menina fidalga que não encontrava marido? Ou dos filhos depois do primogenito que era o senhor morgado? Estes tinham os cabidos, ás vezes as mitras, os conventos, e ainda a carreira das armas; para ser capitão de cavallos não era preciso ler por cima.

Para as senhoras a solução era uma só, o mosteiro, onde se entrava com pequeno dote, e se pas-

sava uma vida considerada superior. A fidalga pobre; a viuva a quem o marido só deixára um nome honrado e habitos polidos, sem meios de subsistencia; a dama que por incidentes domesticos se via forçada a isolar-se, asylavam-se no mosteiro. Era uma solução digna. A moderna sociedade portugueza não sabe resolver o problema. Para o cavalheiro fechou o convento, põe difficuldades nos cabidos e mitras, os cursos militares apertantes cada vez mais, de modo que só tem a secretaria; por isto temos grandes fidalgos ás vezes em empregos de segunda ou terceira ordem, o que não é bonito para elles e é máo para o serviço publico, para o estado. E' urgente inventar uma guarda fidalga, uma corporação de principaes da patriarcal, um *cotillon* de nome pomposo, para collocar estes senhores de sorte a não embaraçar os que trabalham.

As fidalguinhas pobres iam para a clausura, vestiam os seus habitos muito decentes, frequentemente elegantissimos, ouviam órgão, tócam cravo e viola de arco, resavam nos bellos córos artisticos, faziam doces deliciosos, flôres de seda, andainas para o Menino Jesus, bordados incomparaveis e não faziam mal a ninguem.

Os doces fabricados pelas freiras de Evora sempre tiveram fama, ainda a tem hoje, e muito merecida; que paraizo de paladar naquelles *queijinhos frescos*, que symphonia de gulodice nas douradas *lampreias*; ha idyllios, odes, elegias; um *bolo real* do Paraizo é uma epopéa!

Mas, como ia dizendo, a senhora infanta D. Francisca era muito querida nos mosteiros; a sua morte prematura, aos 37 annos (a infanta nasceu em Lisboa em 30 de janeiro de 1699, e morreu na mesma cidade, em 15 de julho de 1736), foi naturalmente muito sentida; as freiras de Beja e Evo-

ra que tinham muitas relações com a infanta resaram muito, e prestaram-lhe homenagem em um livrinho que supponho mui pouco vulgar: *Luctuosos ays do pranto mais enternecido na sentida morte da ser.^{ma} sr.^a D. Francisca, infanta de Portugal.* . . por D. Marianna Josepha Rio Maior, religiosa da Conceição de Beja (Lisboa, 1737, in-4.^o).

D. Marianna Rio Maior fez a collecção e a mandou imprimir; ahi estão poesias de freiras eborenses, que são as que me importam; sonetos! proclamados então *sem segundos*; todos de primeira ordem; na minha opinião os sonetos não são máos, engenhosos, hoje ha cousa muito peor, mas estou convencido de que as notaveis poetisas seriam insignes em especiones. Mas o que é certo é representarem muito bem um feitio do tempo, aquelle fabrico *joãoquintesco*, com suas volutas, conchas, e fachos estylisados.

O primeiro soneto é de D. Agueda Maria do Sacramento, religiosa do mosteiro do Paraizo, de Evora.

I

NA MORTE DA INFANTA D. FRANCISCA

A uma luz tão formosa, um accidente
Assim se atreve ousado? que harmonia!
Faz um desmaio a luz! sim agonia
E' da formosa luz, quando a crecente?

Oh! como todo o espherico vivente,
Sentirá d'esta luz (que produzia
Alentos já ás espheras, já ao dia)
Esta magoa fatal, e irreverente?

Mas subiu como eclipse á luz mais pura,
Que no Céu se está vendo com espanto,
E com cultos se vê na sepultura;

No occaso não hade ser, que esplendor tanto,
Só no oriente sepulta a formosura,
Suspendendo a do sol, da aurora o pranto.

A mesma religiosa fez outro soneto, segundo na ordem, *mas ambos com aclamações de sem seguidos.*

II

Do Jardim Luso a melhor flor sem vida!
A imagem de Minerva sem alento
Das tres graças o côro em sentimento!
Do sol a precursora escurecida!

Da aurora a melhor perola perdida!
Da Lusitania o Céu sem movimento!
Do bello o original sem luzimento!
A luz da Lysia a sombras reduzida!

Do Augusto a ideia já sem permanencia,
Da Regia estirpe em flor cortado o fructo,
Todo o Imperio do amor em decadencia,

Transformando o divino em triste lucto!
Ou parece se esquece a Providencia
Ou passa a crueldade, o que é tributo.

O terceiro soneto é de Soror Brites da Conceição, religiosa do mosteiro de Santa Monica de Évora: é obrigado ás palavras finaes.

III

Já o alento que dava alento á vida,
É a vida, que tudo era um puro alento,
Entre um luctuoso pranto o sentimento,
A lamenta por luz escurecida:

Luz era, por quem a luz do Sol perdida,
Andava em continuo movimento;
Que para ter mais régio luzimento,
Ver queria esta á sua reduzida.

Mas ainda que não tem já permanencia,
Desta luz, flor tambem o altivo fructo,
O ha de ter, ainda tendo decadencia.

Que uma flor, e uma luz não traja luto
Por morrer luz e flôr que é Providencia,
Que a flor e luz sejam Fenix por tributo.

O pinheiro do alto de S. Bento

Em 1739 deu-se o celebre caso do pinheiro de S. Bento; parece que era uma arvore enorme que muitas gerações tinham reconhecido, imponente na sua collina de granito. Os pinheiros de S. Bento são nomeados de ha muito, são balisas, atalaias da cidade; quando a gente parte e olha por aquelles sitios são elles a ultima caracteristica que desaparece. Quando volta, ou procura a cidade, a muitas leguas, elles marcam a direcção. De muito longe, na vastissima paisagem do Alemtejo central, o grupo dos pinheiros de S. Bento, e o elmo guerreiro da sé, dão a linha inconfundivel da cidade.

Pois os pinheiros que lá estão hoje, na parte mais alta da cerca do extincto mosteiro, talvez sejam filhos da veneranda arvore que tombou em janeiro de 1739.

Mais feliz que outras arvores teve esta panegyristas. — *Discursos da cabalina, em que se descreve a ruina do grande e antiquissimo pinheiro da cidade de Evora, que depois de dezoito seculos de duração a impulsos do vento cahio por terra a dous de janeiro deste presente anno de 1739. Dedicados á muita reverenda madre abbadessa e mais religiosas do convento de S. Bento da mesma cidade por J. C. da C. (que é João Cardoso da Costa). Offic. de Miguel Rodrigues, 1739, 15-4.º.*

Em agosto ultimo, visitando o seminario, ao entrar na quadra do norte, eu tive intimo pezar, senti a falta d'aquella velha lorangeira, que segundo me disse o reverendo secretario padre Neves, talvez fosse da origem do edificio; porque era uma lorangeira das que chamam portuguezas, e todos os velhos a conheceram velhissima.

Eugosto immenso d'uma arvore antiga, o aspecto estranho das sobreiras seculares! Aquelles

pilriteiros collossaes e velhissimos do claustro da sé, que encanto! e a crista de gallo da Porta de Moura (*Erythrina Cristagalli*) que dizem ser do Brazil, a arvore dos papagaios. A palmeira e o freixo da horta do Louredo, dos srs. Torres, que segundo ha tempos ouvi a um antigo do sitio devem ter agora um seculo. Mais velho é o cypreste dos Remedios. A azinheira da Esparragosa tambem é antiga e *marcante* na paisagem.

Os pinheiros mansos (os de S. Bento são pinheiros mansos, *pinus pinea*) maiores que tenho visto estavam junto do monte de Cajados entre Vendas Novas e Setubal; eram enormes, cada um abrigava na sua sombra densa, á vontade, 40 carros do Alemtejo; elevavam a grande altura as magestosas copas.

Eu adoro uma arvore velha, tem o quer que seja de sobrenatural, de eterno e impeccavel, de fortaleza e de bondade. Acho poesia na azinheira grande da herdade dos Azinhaes, ou nas do Freixo. Que magestade nos seculares carvalhos das Valladas de Alcanede, abrigando sob os herculeos braços as velhas antas prehistoricas. Eu fiquei enlevado ao ver os castanheiros e platanos dos Pisões em Monchique, as carvalheiras da Azoia, entre Leiria e a Batalha, o carvalho de D. Mafalda, na cerca do convento da Costa, em Guimarães, o castanheiro da Senhora dos Remedios, em Lamego; a magnolia e a tilia grande do jardim botanico de Coimbra. Que lindo pensamento em collocarem o monumento de Brotero á sombra da formosissima magnolia que elle plantou!

Mas voltemos ao pinheiro de S. Bento.

O nosso gracioso inventor Amador Patricio (Historia das Antiquidades de Evora. Offic. da Universidade, 1739 in-4.^o pag., 174) conta a historia do pinheiro.

Um bello dia appareceu em Evora a *Ave Fenix*, enorme, vermelha, pescoço dourado, e rabo roxo, uma arára formidavel. Os eborenses não se admiraram muito, porque de ha muito estão costumados a passaros de arribação; em chegando arára põem logo de lado patos, gallinhas e perús do sitio; o melhor bôccado, o logar melhor é para as aves de fóra, as do sitio contentem-se com o patio. Mas em fim esta ave Fenix foi grata, o que já não é pouco; é muito até; e muito raro mesmo.

Como a estranha ave quizesse fazer ninho, sendo tão brilhante e rara, nenhum sitio melhor que o pinheiro de S. Bento. O logar mais alto! A grande arára fez o seu ninho, um grande ninho, mas no inverno desapareceu; alguns então treparam pelo pinheiro e viram pasmados (agora é que se mostra a gratidão da ave) que o ninho era feito de páos de cedro, canella, cravo, sandalo, e outras especies odoríferas que a ave fôra buscar á Arabia e á India. Cardoso de Azevedo conta varias patranhas mais ou menos chistosas, o Giraldo esteve ali á sombra varias vezes, etc., mas depois diz algumas cousas provavelmente certas. O pinheiro cahiu em uma noite de quinta para sexta feira, 3 de janeiro de 1739. Estava dentro da cerca e na queda arrombou o muro. Tinha 13 palmos de diametro no tronco, grossura de quatro braçadas.

E continúa a brincadeira. Do tronco fez-se um cepo para a cosinha do convento, onde se faz o picado para tortas e pasteis, e dizem as religiosas que os picados ficam tão saborosos e cheirosos que não é necessario lançar-lhes adubos. Isto só se pôde attribuir a ter a Fenix feito ninho neste pinheiro com páos de canella, etc.

Quando o pinheiro tombou descobriram entre as raizes uma pedra com inscripção. Chamaram logo todos os archeologos da cidade, dos mostei-

ros, das quintas, vieram as academias da Igreginha e de Machede, e depois de muitas brigas, e de varias cabelleiras arripiadas, os conspicios sabios declararam que não percebiam nada; mas a madre refeitoreira, freira travessa, especialista em fiambre, achou que a inscripção era em portuguez e em verso, e decifrou-a logo:

Apollo, Musas e Poetas
 Dos vindouros celebrados
 A' sombra deste pinheiro
 Farão versos amuados.

Todos os homens insignes
 Nas armas e entendimento
 Nesta cidade de Evora
 Hão de ter seu nascimento

Cahirá este pinheiro
 Se escapar de ser queimado
 O tronco dará um cepo
 Em que se fará picado.

Mas vamos ver o *Discurso da Cabalina*.

João Cardoso da Costa cultivava o chiste erudito, brincava desenfadadamente com os velhos sabios, e os então modernos que em faltando texto antigo inventavam para seu uso auctores ou interpretações phantasistas. Provavelmente Cardoso da Costa era parente de Cardoso de Azevedo, que com o pseudonymo *Amador Patricio* escreveu a *Historia das antiguidades de Evora*, satyra vasta aos eruditos exaggerados e patetas, inclinados ao maravilhoso. Irmãos na critica, na independencia do espirito, com certeza eram. Note-se que o pinheiro cahiu em 1739, e que no mesmo anno se imprimiram a *Historia* (jocosa) *das antiguidades de Evora* e os *Discursos da Cabalina*. Foi uma explosão satyrica.

Vae discursar o pinheiro; citarei apenas alguns versos:

.....

Naquelle tempo barbaro e mesquinho,
 Que Roma guerras dava ao Luso Minho
 Quando muitos daquelles más figuras
 Vestiam pelles de carneiros, duras.
 Turdetanos, e Celtas, todos lusos
 Com férreas massas em batalha intrusos
 Féros, gentios, bravos em seus modos,
 Muito antes dos gódos,
 Antes de Christo ao mundo ter chegado,
 Annos sessenta e dois sobre um contado,
 Já o grande pinheiro com plumagem
 Dava a corvos e a pegas estalagem
 Segundo diz Vallesio
 Publio, Calurnio, Taburlim, Farnesio.

.....

Pertencia o pinheiro á nobreza; tão antigo e tão
 altamente collocado, não podia ser de outro modo:

 Porque todo o morgado
 Na successão faz firme o vinculado;
 E o morgado dos Pinhos, e o primeiro
 Sem controversia foi este pinheiro.

Plinio o naturalista conhecia perfeitamente o pi-
 nheiro, e até se lhe refere:

 Por conselho de Plinio
 O qual fallando das plantas do Universo
 Tratou deste pinheiro a folhas... verso.

O tronco era enorme:

 Quatro homens e meio
 Não o abraçavam pelo tronco, em cheio

O pinheiro faz a sua autobiographia:

SONETO

Nasci antes de Christo ser nascido
 Fui do antigo Sertorio venerado,
 Cresci de varios tempos respeitado,
 Durei em Portugal bem conhecido

Lembra-me deste reino estar perdido,
 E de ser por Affonso restaurado;
 Evora vi ganhar ao celebrado
 Giraldo sem pavor esclarecido.

Vi fundar o convento a quem destina
O céu luzes sagradas, cuja empreza,
Sueiro bispo a São Bernardo inclina.

Mas oh! dura pensão da natureza!
Um ar me derribou; nesta ruina
Aprenda desenganos a grandeza!

Depois dos romanos appareceram por aquelles
sitios os gódos; mas um dia;

Em campo de batalha
o rei com murrião, saia de malha,
Perdeu o godo imperio.

E surgiram os agarenos:

Perros mouros, ladroens de raça.

Surge emfim o audaz Giraldo, com o seu valor
e ardís de guerra;

E viste a valentia
De um varão sem pavor, unico em guerra
Dominante a muralhas desta terra

E termina a peça poetica exclamando

Oh! tronco altivo
E no mesmo lugar qual de antes eras
Dos teus Abrís nas doces primaveras
Como passaste os temporaes do outomno
De dezembro e janeiro as tempestades?
Por ventura tiveste saudades
Do primeiro senhor que foi teu dono?
Tinha mulher, ou era ainda solteiro?

Para nada faltar C. da Costa apresenta o epitaphio do pinheiro:

EPITAPHIO DO PINHEIRO

Aqui jaz estirado o grão pinheiro
Em São Bento de Aranhas desprezado,
Antigo desde Adão, sem ter peccado,
Quando aquí caducou dentro em janeiro.
Deu-lhe o seu nascimento este terreiro,
E por mais que viveu de força armado
Contra o vento, não pôde estar parado,
Que a vida vento é por derradeiro.

Não viveo poucos annos rei e'roado
 Porque mil setecentos nove e trinta,
 Sessenta e tantos mais teve a seu lado.
 Ao fim da conta o vento pela pinta
 Conhecendo-lhe antigo o seu morgado,
 Deo com elle por terra, e está na tinta.

S. Bento de Aranhas parece que era designação popular usada antigamente; modernamente não; e nos documentos não me recordo de a encontrar: Castris, S. Bento de Castris, sim, é vulgar em documentos.

Nos *Discursos da Cabalina* ha ainda outras peças poeticas dedicadas ao pinheiro, assignadas por fr. J. X. de C.; J. de C. P.; e P. A. T.

D'este ultimo vem um soneto em hespanhol (pag. 7)

Tu, de la eternidad planta animada
 Oy a un bronco cadaver reduzida...

Termina menos mal

Conciba horror del hombre la altiveza,
 Que si al tiempo nó escapa lo insensible,
 Que espera la mortal naturaleza?

UM SONETO MORDENTE

A carta de lei de 3 de setembro de 1759, expulsando os jesuitas, foi festejada em Evora. A Companhia apezar de ter tido aqui gente de muita importancia e valimento, em todos os sentidos, não chegou nunca a ter sympathias geraes; viveu em demandas e questões com a Camara Municipal, com a Misericordia, e com as outras ordens religiosas. E todavia nas questões anti-hespanholas os jesuitas em Evora trabalharam sempre a favor dos patriotas da cidade, conspirando a valer, em quanto que os franciscanos eram pelo Philippe. Os jesuitas foram muito demandistas, ha mesmo recommendações dos geraes para que evitem tantas demandas; talvez porque se fizeram grandes

proprietarios territoriaes, e senhores de muitos milhares de fóros, em pouco tempo. Eu o que não perdôo ao marquez de Pombal é a extincção da Universidade; podia modifical-a, reformal-a; mas estava feita, e dotada de modo que não era pesada ao Estado. Tambem recentemente mataram de uma pennada a Escola Normal, tão tolamente! Evora tem bastantes razões para se dizer aggravada pelos poderes centraes, por estes grandes estadistas que tem levado este povo, de uma paciencia que até parece criminosa, á lamentavel posição actual, interna e externamente de miseria e vergonha.

Mas, deixemos isto; em novembro de 1759 houve grande festa em Evora, e um despeitado fez um soneto que se tornou celebre no tempo, porque em varias collecções manuscriptas o tenno topado.

Relação abreviada das festas de Evora em novembro de 1769

Epilogo das festas: mascaradas
Plebeos e nobres, tolos e discretos
Contradanças de brancos e de pretos
Carros triumphantes, burros enfeitados.

Touros bravos e mansos capeados
Contagio de sonatas e sonetos
Disurias nas borrachas e betetos,
Nas bolças puxos secos e molhados.

Os voluntarios com espadas nuas
Diversas farças, varios entremezes
Presos, freires, doutores pelas ruas.

Tudo isto repetido muitas vezes
E outras cousas mais nuas e cruas,
Que se verão d'aqui a nove mezes.

(B. N. Lx.º Mss. V. 1. 18)

O Alemtejo no CORO DAS MUSAS

Poucos livros haverá escriptos com intuitos patrioticos que se possam comparar á obra de Fran-

cisco do Nascimento Silveira — Côro das Musas junto por Venus na casa do Sol, em obsequio dos reis fidelissimos, e de todos os mais famosos lusitanôs antigos e modernos. (Lisboa, offic. de Simão Thaddeo Ferreira, 1792, in 8.^o). É uma chorographia e uma historia de Portugal, postas em oitavas; o talento poetico do auctor não seria extraordinario, e o seu pensar é por vezes optimista; todavia eu acho muito interessante a obra d'este poeta do findar do seculo 18. Elle descreve pacientemente as *provincias*, antepondo sempre um resumo estatistico em prosa.

— Provincia V. Alemtejo —. Tem de comprimento pelo sertão 39 legoas, pela costa 28. Pela margem do Tejo 35, e pela raia do Algarve 21. Tem cidades 4 episcopaes, villas 100, priorados grandes 2, inquisição 1, parochias 350, rios 60, e muitas fontes. Comarcas 8, praças d'armas 8 e seis mil homens capazes de militar. —

Sessenta rios no Alemtejo é um tanto forte; o bom Silveira contou com ribeiros e regatos. Vamos á descripção poetica

A quinta * é de Alem-Tejo, triumphante
Das tropas que se creem mais valorosas,
De viveres diversos abundante,
Mil gentes enriquece, e faz ditosas.
Das carnes tira lucro interessante,
Ganancias dos mais fructos copiosas,
Os queijos alli feitos são primor;
Seus marmores, e barros tem valor.

Em largas extensões mal povoada,
Dilata seu paiz, sempre provido,
E de puros cristaes alimentada
O callido vapor faz não temido,
De praças d'armas oito circumdada
O tumido valor tem reprimido,
Cidades quatro tem, villas, logares,
Pelos campos opimos singulares.

Bispados tres numéra submettidos,
A sé metropolita respeitavel,

* A quinta provincia.

Parochias, e mosteiros tem luzidos,
 Cujo raro esplendor é admiravel,
 Teve templos famosos (já abolidos,
 Trocado o culto infame, em fé estavel)
 A Pura Conceição triumpho e brilha
 Nos altares, e boca de Domilha.

Desde Evora preclara e populosa
 Bem célebre por sua antiguidade,
 A Fé se dilatou, sendo pasmosa
 A colheita, que teve a Christandade.
 Já Daciano viô, que vigorosa
 Trajava de carmin a mocidade,
 A tempo, que nos ermos florescia
 De penitente aspereza a valentia.

Por Celtas Eburões, dizem, fundada
 Esta côrte famosa transtagana,
 Em collinas alegres dilatada
 Como mimo de Flora, e gloria Ispana,
 Municipio de Augusto proclamada,
 Participa do fóro e lei romana,
 Aqueeductos soberbos, torres, muros,
 A seos filhos promettem ter seguros.

Sertorio teve alli habitação
 Flagello dos romanos invencivel,
 Giraldo n'ella fez apprehensão
 Surpreza a vigilancia mais temivel.
 Alli venceu por fim a promptidão
 A tropa iberiana aborrecivel;
 Cortando com valor a lusa espada.
 Uma gente de todo destroçada.

É Beja por antiga conhecida,
Pax Julia por Cesar nomeada,
 Nobilissima colonia ennobrecida,
 Por titulo ducal e sé gabada,
 A santa lei de Deus alli trazida,
 Por Thesifon, brillhou mui dilatada,
 Aprigio seu prelado a illustrou,
 E Manoel, o grande, a sublimou.

De Helvecio, cremos, Elvas derivada.
 Fortaleza do Reino mui luzida,
 Pelas *linhas* quebradas affamada,
 E por mitra e bastão ennobrecida.
 Portalegre pomposa, e respeitada,
 Sobre antigas ruínas erigida,
 De Minicio já viô a desventura,
 E de Maia se cre ser sepultura.

A villa de Estremoz a quem a sorte
 Occaso destinou de Isabel santa;
 E brilha pelos golpes com que a morte
 As tropas hespanholas fere e espanta;

É terra singular ; são d'alto porte
Os marmores e barros com que encanta ;
Por Affonso terceiro vive e brilha,
Da transtagana terra maravilha.

Dos Moiras é solar Moira arrogante ;
A pequena Canal teve blazão ;
Villa Viçosa côrte foi flamante
Da Casa dominante na Nação ;
É Borba e Landroal muito abundante,
A Palma, Barbacena junta a mão ;
Alegrete seu nome desempenha,
Campo Maior, Marvão e Jerumenha;

O novo Montemór côrte algum dia,
D'Affonso, e de João seu filho amado,
Fundado por D. Sancho se gloria,
De dar-nos a João canonizado.
As côrtes alli juntas regalia
Tributam a seu velho marquezado,
Assim como nas cóvas penitente
Merece eterna gloria Santa Gente.

Da planta por Minerva produzida,
Oliveira tem nome, e tem blazão,
Pelo grande Diniz enriquecida,
Favores não regeita a Dom João ;
É de fortes muralhas defendida
Como Mertola, Serpa com Marvão,
Evandria, dizem, fora nomeada,
E por condes illustres governada.

A santa serra de Ossa alli se vê
D'antigos cenobitas povoada :
Em cuja successão certo se cre
A vida penitente restaurada.
Quirique que do Ceo viu a mercê
À Lusa monarchia dispensada
No célebre e pomposo obelisco
D'Affonso, e dos seus nos mostra o risco.

Os hevelcios ou celtas celebrados
Este fertil paiz aproveitando,
Seus campos povoaram dilatados
As matas mais horriveis roteando,
Dos Penos formidaveis visitados,
Seus ritos infernaes professando
Em gentilicos templos demonstraram
O culto que singelos acceitaram.

Os *gentilicos templos* são as *antas*, tão numero-
sas no Alemtejo.

É escusado lembrar que a villa de Oliveira es-
queceu nas garras do leão hespanhol.

Na oitava de Montemór allude-se a S. João de Deus, e ás *cóvas* da serra dos Monges.

As outras allusões são facilmente decifráveis.

Em outras partes do *Côro das Musas*, Nascimento Silveira toca assumptos eborenses; por exemplo:

No seguinte Giraldo sem pavor
Sentinellas dormentes degollava;
E por sua destreza e grão valor
Ser Evora christan se gloriava.

.....
(par. II. est. 67)

O grande D. Garcia de Menezes
Eborense prelado e general
Seguido de fidalgos portuguezes
Bem merece ter gloria immortal,
Recebe-o o pastor; louvam cortezes
As purpuras sagradas Portugal
Pois manda soccorrer por um prelado
O Lacio da moirisma ameaçado.

O bispo de Evora D. Garcia de Menezes é um vulto eborense, e do paiz, notabilissimo no seculo XV. Este bispo, letrado illustre, foi general de exercitos e almirante de armadas. Silveira refere-se á armada mandada em soccorro do Papa. E a final o grande prelado enleiou-se na conspiração do duque de Vizeu, e morreu miseravelmente no castello de Palmella. Garcia de Rezende allude tambem ao infeliz bispo.

Outra referencia eborense no *Côro das Musas*:

Em Evora vio Pallas laureados
A muitos singulares portuguezes,
Que devem entre os doutos ser contados
Desde o Tejo final aos Chinezes
O Fonseca foi um dos mais prendados,
Como Rôma notou diversas vezes;
Devendo-se a Rezende este primor
Por ser de letras o restaurador.

(part. III. est. 41.)

Fonseca é o illustre bispo do Porto, D. fr. José Maria da Fonseca e Evora.



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana. O templo. As inscrições. — 3.º A Casa pia. — 4.º Loios, azulejos e obras d'arte. — 5.º Bibliotheca Publica. Noticias das collecções. — 6.º Conventos do Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. Raczyński. Pintores eborenses — 8.º e 9.º Vesperas da restauração. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. Livros parochiaes. Collegiada. — 12.º O archivo municipal — 13.º A restauração em Evora. — 14.º, 15.º e 16.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora — 17.º Evora e o Ultramar. Balthazar Jorge e Marco Antonio Pessanha. — 18.º, 19.º, 20.º e 21.º Assédios d'Evora em 1663. — 22.º Os Festejos de Evora em 1729. — 23.º Evora nos Lusíadas. — 24.º Procições eborenses. — 25.º Exposições de arte ornamental. — 26.º Antiguidades romanas em Evora e seus arredores. — 27.º Roteiro d'um eborense. — 28.º Univeridade de Evora. — 29.º As caçadas, 1.ª parte. — 30.º Evora e o ultramar, 2.ª parte. — 31.º Ibn-Abdun. — 32.º Os mouros. — 33.º As caçadas, 2.ª parte. — 34.º Os estudantes. — 35.º Versos Eborenses do seculo XVIII.

À venda em Lisboa na livraria Bertrand, e na do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

Documentos Historicos da Cidade d'Evora

Estão publicados :

- 1.ª PARTE — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII, XIII e XIV. Documentos do Cabido. Inventarios municipaes do sec. XIV. Documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º. Etc.
1 vol. de 202 pag. in-4.º — 17800 réis.
- 2.ª PARTE — Documentos municipaes do sec. XV. Doc. da Misericordia e Hospital no sec. XVI. O primeiro compromisso. Episodios eborenses na chronica de João 2.º, de Garcia de Rezende. Alfarrobeira e Toro. Regimento das procições. Os primeiros livros de acordos capitulares, sec. XV e XVI. Capítulos de côrtes no sec. XV. Etc.
1 vol. de 282 pag. in-4.º — 27200 réis.

Assignam-se estas publicações no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

MADRUGADAS, contos escolhidos, em casa do editor Abranches.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

Historia — Arte — Archeologia

A volta de Cenaculo

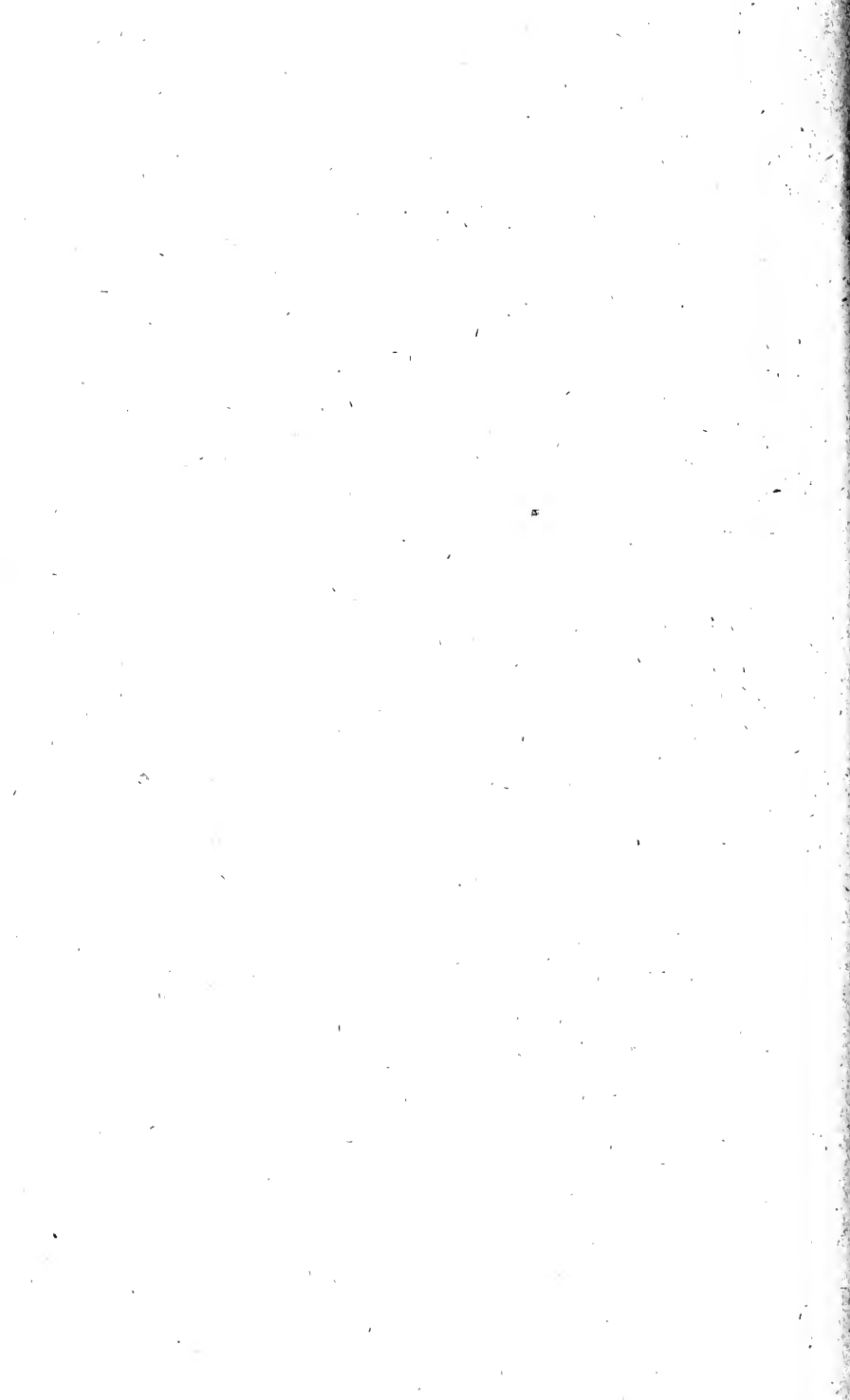
A PRISÃO DE CENACULO. TRABALHOS DO SECRETARIO GUSMÃO.
AS DISPOSIÇÕES MILITARES. A MARCHA
PARA EVORA. ENTRADA SOLEMNE. MANIFESTAÇÕES
RESPEITOSAS DAS FORÇAS INGLEZAS. O VELHO ARCEBISPO LEVANTA AS
SAUDES NO JANTAR. A CORRESPONDENCIA.



EVORA
MINERVA EBORENSSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL

62 — Rua Ancha — 64

1894



GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

Historia — Arte — Archeologia

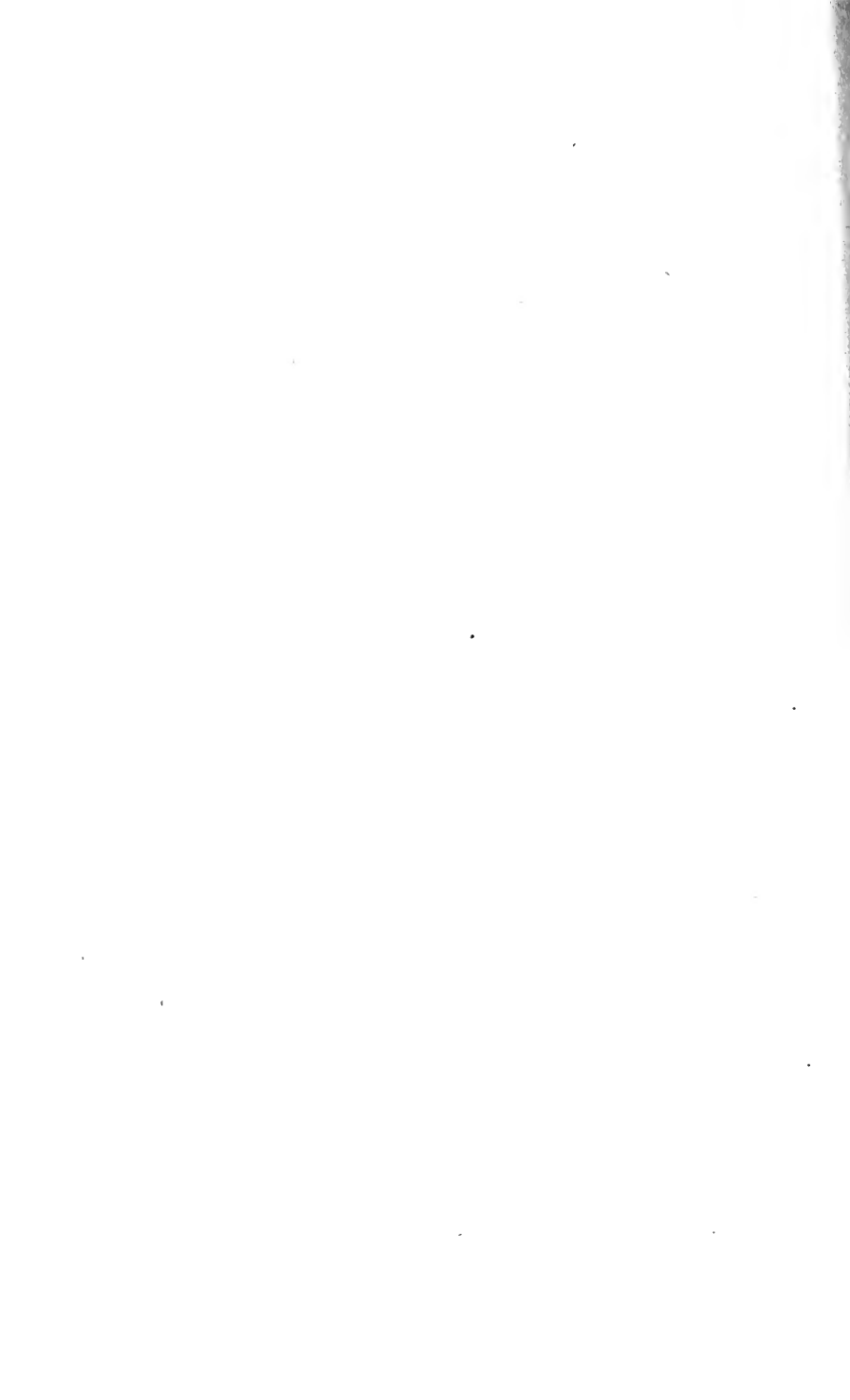
A volta de Cenaculo

A PRISÃO DE CENACULO. TRABALHOS DO SECRETARIO GUSMAO.
AS DISPOSIÇÕES MILITARES. A MARCHA
PARA EVORA. ENTRADA SOLEMNE. MANIFESTAÇÕES
RESPEITOSAS DAS FORÇAS EGGLEZAS. O VELHO ARCEBISPO LEVA TA AS
SAUBES DO JANTAR. A CORRESPONDENCIA.



EVORA
MINERVA EBORENSIS
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA (IMPRESSOR DE EVORA)
62 - Rua Anjo de Deus

1894



ESTUDOS EBORENSES

A volta de Cenaculo

José Jorge Guzmão, secretario do illustre arcebispo Cenaculo, e seu amigo dedicadissimo, escreveu uma noticia, que parece bem sincera, d'aquella affronta singular que a Junta de Beja, arrastada pela paixão politica, fez ao prelado eborense, que antes fôra tambem seu bispo.

Depois do desastre de julho de 1868, Cenaculo achou-se, muito naturalmente, á frente da Junta provisoria administrativa da cidade, de uma cidade cheia de luctos e angustias. A Junta de Beja, que até com a de Lisboa questionava primasia, levada de exaltadas paixões, quiz entender que a de Evora era de origem imperial, inimiga, e violentamente, sem avisos de especie alguma, mandou prender o velho arcebispo.

E' facto bem conhecido.

Cenaculo descreveu o desastre eborense na *Memoria dos acontecimentos de Evora em julho de 1808*, que eu publiquei no *Manuelinho* (n.º 119 de 1 de maio de 1883, e seg.)

Essa relação foi depois impressa em folheto de ordem da Camara Municipal. Eu publiquei ainda muitos documentos, existentes na Bibliotheca d'Evora, referentes á *Memoria* de Cenaculo, e outros dados colhidos em fontes diversas que agrupei sob o titulo geral *Evora em 1808*, (*Manuelinho*, n.º 121 e seg.)

O P.º Gusmão vae descrever-nos um episodio d'esse periodo; as diligencias que empregou para salvar o seu amigo da prisão de Beja; e essa volta triumphal a Evora, depois de tantos trabalhos, cautellas e perigos.

Cenaculo tinha então 84 annos!

A linguagem por vezes aspera do bom secretario merece desculpa, pela natural irritação produzida por ver tamanha affronta a um velho tão venerando.

Mas respira sinceridade; por isto eu respeito na integra a narrativa. E como ella por si só forma um quadro tão definido, e até pittoresco e dramatico, resolvi incluil-a nos Estudos Eborenses.

G. PEREIRA.

Senhor!

José Jorge de Gusmão, presbytero secular, e secretario do Arcebispo de Evora, achando-se n'esta côrte desde tempo anterior á invasão franceza, entende que como subdito d'aquelle Veneravel Prelado é do seu dever representar a V. A. R. que o mesmo Prelado se acha preso desde 14 de agosto

á ordem da Junta de Beja, e que a sua prisão e conducção para essa cidade se fez com estrepito cruel, e escandaloso por tropa e contrabandistas armados, que repentinamente o surprenderam no seu palacio, e o encerraram em uma sala, juntamente com os mais membros da Meza do Governo, pelo espaço de uma noite inteira, fazendo-o soffrer todo o genero de angustias, e mortificações, esquadrinhando-lhe o seu escriptorio, roubando-lhe até o proprio capote, e precisando-o a servir-se de uma janella, para acudir ás necessidades físicas: tendo-o depois na praça de Beja por mais de quarenta minutos, escoltado da mesma maneira, á vista de immenso povo, que misturava os vivas de alegria com as lagrimas que derramavam, por contemplarem em semelhante situação aquelle Prelado, que os tinha tão dignamente pastoreado por mais de trinta e dois annos: de cujo sitio foi mandado levar com escoltas dobradas ao convento de Santo Antonio, e com tanto rigor ali encerrado, que até foi prohibido ás sentinellas que o guardavam, deixar fallar-lhe nos primeiros tres dias outrem, que não fosse o creado, que lhe levava a comida.

O crime do Arcebispo, é o que mostra o documento incluso, attestado pelas principaes pessoas da Nobreza e povo da cidade de Évora (terá uma folha de papel cheia de assignaturas reconhecidas por tabelião, em que todos aquelles habitantes confessam que é ao seu ex.^{mo} e virtuosissimo Prelado, e meu muito Amo, que elles devem as suas vidas, e a existencia da sua cidade).

Estas mesmas expressões me fizeram varios habitantes de Estremoz, quando na minha volta de Elvas, trazia a ordem do General Leite, para o regimento d'aquella Praça marchar para Beja, fazendo-se allí publico o motivo da minha jornada.

Eu não podia conter as lagrimas vendo aquellas gentes abraçar-me com tanto amor, satisfazendo em mim de algum modo o grande desejo que tinham de abraçar o seu Prelado, e todos, em alta voz, dizendo-me: Nós, nós tambem devemos ao nosso santinho as nossas vidas, os nossos teres, e a existencia da nossa villa, que tambem estava sentenciada a ser reduzida a cinzas, e nós todos passados á espada mas o nosso santinho orou tambem por nós aquelle tigre (Loison, general francez) e o soube amansar: é ao nosso santo Prelado que devemos tanto beneficio, e que aquella maldita e excomungada Junta de Beja levou preso com tanta ignominia, como os judeus prenderam a Jesus Christo Senhor Nosso

Se os edificios da mesma cidade não foram arrasados e queimados; se os seus habitantes escaparam de ser passados á espada; se o saque se moderou, e cessaram as hostilidades, dando-se a liberdade a duzentos prisioneiros do regimento de Estremoz, destinados, alem de outros muitos, a passar pelas armas, tudo isto aconteceu porque o Arcebispo soube amansar a tirannia de taes inimigos, valendo para isso a sua propecta ancianidade, e o nome que tem no mundo, e que em todo o tempo fez honra á Nação Portugueza.

V. A. R. que sempre apreciou os seus talentos, conhece que o Metropolitano o serviu bem, prestando-se n'aquelle momento a alguma das coisas que os inimigos exigiram, por ser o unico remedio que restava para salvar o povo.

Se a Junta de Beja se esqueceu do respeito e decoro devido á sua sagrada pessoa; se ella manchou de maneira tão indecente a honra adquirida em tantos annos; agora que felizmente se acabou a calamidade publica, e todos se acham restituídos aos seus direitos, implora o supplicante a be-

nignidade de Vossa Alteza Real, para que o seu Prelado seja repostado na sua metropole com a honra que merece pelos seus trabalhos, e pelas suas intenções. e com a satisfação que V. A. R. julgar que possa ter equilibrio com a grandeza do ultraje recebido.

E. R. M.

José Jorge de Gusmão.

Em consequencia d'esta minha representação feita á Regencia expediram os Senhores Governadores as ordens seguintes:

* Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor.

Os Governadores d'estes reinos tomando em consideração o prejuizo que faz a ausencia de V. Ex.^a a toda a sua diocese, recomendam a V. Ex.^a que sem perda de tempo se recolha á mesma para continuar a dar exemplos de fidelidade, caridade e mais virtudes, com que V. Ex.^a tem edificado sempre estes Reinos.

E se V. Ex.^a quizer ser acompanhado de tropa para maior decoro, poderá pedil-a ao Tenente General encarregado do governo das Armas d'essa Provincia, em execução do Aviso incluso. O que participo a V. Ex.^a para que assim o tenha entendido.

Deus Guarde a V. Ex.^a

Secretaria de Estado dos Negocios do Reino em
6 de outubro de 1808.

Ao Senhor Arcebispo de Evora.

João Antonio Salter de Mendonça.

Sabendo eu que aquella Junta de Jacobinos, mascarados com o nome de portuguezes, questionavam no modo de dar cabo do meu muito amado Amo e Prelado, havendo entre elles uns que votavam em o degolarem, e outros em o mandarem desterrado para Sines, para ahi acabar os seus ultimos dias, assentando todos em transferir a cadeira Metropolitana de Evora para Beja, fazendo arcebispo d'esta nova metropole ao Padre Antonio Allar, um digno membro d'aquella infame Junta Jacobina, clerigo culpado com enormes crimes, e que deve a sua existencia á bem conhecida caridade do meu muito amado Arcebispo, ainda desde quando era Bispo de Beja; e fazendo Bispo Provisor para Evora ao outro clerigo, e tambem digno membro da tal Junta, Provisor e Vigario General actual de Beja, a quem meu muito querido Amo e Senhor tinha escolhido em todo aquelle Bispado para o pôr á testa do Governo do seu mimoso Bispado de Beja, que elle tem no seu coração; sabendo eu, digo, que aquella infame Junta, a mais pequena noticia das ordens que eu levava, de certo o mataria, não quiz ir a Beja, levar a carta honradissima d'esta nossa Regencia, a saber se meu Amo queria ou não, que eu voltasse a Elvas para o general lhe mandar tropa, que o acompanhasse na forma da ordem inclusa na carta, e puntamente porque receei, que a modestia do meu Arcebispo me prohibisse de lhe ir buscar tropa para o acompanhar com a decencia que lhe era devida, e n'este caso teria aquella infame e traidora Junta motivo de lançar mão d'elle, e o matar debaixo do falso pretexto de fuga: e por isso, como as ordens se me tinham mandado abertas com selo volante, marchei logo com todo o segredo em direitura a Elvas, a fim de que chegassem a Beja as ordens juntamente com a tropa, como assim

aconteceu: de sorte que como eu sabia que as minhas cartas do correio para meu Amo, e as d'elle para mim eram abertas no correio de Beja, eu não lhe participei coisa alguma se não quando passei por Evora em direitura a Elvas; então d'aquella Metropole o avisei de tudo o que tinha feito, as expressões honradissimas com que tanto me consolaram os Senhores do Governo, distinguindo-se entre todos o muito honrado venerando fidalgo, para quem são limitados os maiores elogios o ex.^{mo} sr. D. Francisco Xavier de Noronha, o qual depois das expressões mais consoladoras, para mim, e mais honrosas que é possivel para meu muito querido Amo e Senhor, me insinuou o modo como eu devia fazer a minha representação á Regencia, para n'ella se saber legalmente o facto, e que lh'a levasse, porque elle é quem seria o procurador do meu Senhor Arcebispo; e igualmente o ex.^{mo} senhor Marquez das Minas, que me encheo de tanta consolação com as suas honrosas expressões, com que exprimiu pensamentos tão heroicos, que me deixou admirado de os ouvir a um joven fidalgo, cuja pouca idade, eu suppunha, não lhe poderia ainda ter adquirido conhecimentos tão profundos, e pensamentos tão sublimes; mas é que as almas grandes, e verdadeiramente fidalgas não estão ligadas á tardança e demora vagarosa dos annos.

Tambem de Evora mandei a meu Amo as copias das ordens que levava para o general, e que na volta eu lhe mandaria outro proprio, para o certificar do dia em que eu deveria chegar a Beja com a tropa; mas que guardasse segredo em tudo para não perigar a sua vida: e eu marchei para Elvas com a ordem seguinte:

III.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Os Governadores d'este Reino determinam que V. Ex.^a faça apromptar uma escolta da força que exigir o Arcebispo de Evora, a qual o deverá acompanhar até á dita cidade para maior decóro d'aquelle Prelado; o que participo a V. Ex.^a para sua devida intelligencia e execução.

Deus guarde a V. Ex.^a

Palacio do Governo em 6 de outubro de 1808.

João Antonio Salter de Mendonça.

Senhor Francisco de Paula Leite.

Felizmente eu tinha pedido ao coronel hespanhol Moretti, que se achava então n'esta córte, seis dos seus voluntarios para me acompanharem na minha viagem, receando o encontro nas estradas dos contrabandistas do Jacobino Mor, digno Presidente da Junta Jacobina de Beja, que andavam pelas estradas, roubando e saqueando por toda a parte: porque sabendo o dito Jacobino Mór João José, o qual se achava já n'esta Corte, tendo sido acariciado para cá pelo nosso Governo, a fim de o arrancarem de Beja, aonde tinha á sua disposição 6 a 8 mil homens armados de todas as armas, e com elles ameaçando esta Regencia, estabelecida pelo nosso adorado e muito saudoso Principe e Senhor, até ao ponto de publicar em Beja, que a existencia d'esta Regencia estava dependente da sua, de que elle era presidente; sabendo, digo, que eu tinha passado para Aldea Gallega, mandou em meu seguimento quatro dos seus contrabandistas, sem duvida para me assassinarem ou me apanha-

rem quaesquer ordens que eu levasse, e me seguiram até Vendas Novas; e como eu ia tão bem escoltado não se me atreveram, e d'aquella povoação voltaram para esta corte, dizendo á sahida da estalagem uns para os outros—Vamos outra vez em secco como viemos.

Copia da Ordem que o Tenente General Leite mandou ao muito honrado coronel do regimento de Moura João Botelho de Lucena Beltrão.

Marche V. S.^a com os individuos do regimento do seu commando em direcção á cidade de Beja, aonde deverá achar-se no dia 15 do corrente, para tomar o commando de todas as tropas de cavalleria *inclusive* o regimento n.^o 3, a fim de acompanhar com as ditas tropas ao Ex.^{mo} Senhor Arcebispo de Evora, na restituição á sua Diocese, conformando-se em tudo ás ordens do mesmo Senhor; e tendo chegado á cidade de Evora, fará recolher aos seus quartéis respectivos as referidas tropas. Ainda que eu esteja na intelligencia de que as tropas do seu cargo, bem como as outras que se lhe hão de unir, não estão armadas, nem por isso deixarão de marchar, como fôr possível; pois que não só se trata de fazer a guarda de S. Ex.^a com aquelle decôro, que lhe corresponde, mas tambem de dar á sua comitiva aquelle character magestoso devido ás altas qualidades de um Principe tão re-commendavel pelas suas virtudes, e tão digno de toda a nossa dedicação. Deus guarde a V. Ex.^a Quartel General de Elvas, 11 de outubro de 1808. *Francisco de Paula Leite*. Sr. João Botelho de Lucena Beltrão.

N'aquelle dia 15, depois de eu ter chegado a

Beja á testa da tropa de Extremoz e de Evora, de ahí a uma hora chegou a tropa de Moura com o seu muito digno coronel, o qual defronte da portaria do Convento de Santo Antonio, aonde estava preso o meu amabilissimo Prelado, já consolado com a minha chegada, e com a honradissima carta da Regencia, que pouco antes tinha recebido da minha mão, levantou a voz, tendo elle e toda a officialidade e soldados os chapéos na mão, dizendo tres vezes, e respondendo todos outras tres vezes—Viva o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Arcebispo Metropolitano de Evora—; depois apeou-se com toda a officialidade, e entrou para o convento a cumprimentar a S. Ex.^a, e pediu-lhe as ordens, e saber quando queria marchar para Evora; a que respondeu que logo pela manhã do dia seguinte, visto não serem já horas de fazer jornada por ser quasi sol posto; mas que pela manhã queria dizer missa ás 6 horas, e logo marchar quanto antes, como assim aconteceu. Entretanto o coronel Beltrão fez o detalhe da tropa da maneira seguinte:

Ordem do dia 16 de outubro para a marcha da escolta do ex.^{mo}
e rev.^{mo} Senhor Arcebispo de Evora

Pelas 9 horas estarão todas as tropas que hão de acompanhar o ex.^{mo} e rev.^{mo} Senhor Arcebispo promptas no largo do convento de Santo Antonio, para alli se formarem dois esquadrões na maneira seguinte:

As tropas do regimento de cavallaria n.^o 2 com as do regimento n.^o 5 formam o 1.^o esquadrão da direita. As tropas do regimento de cavallaria n.^o 3 com a companhia que veio de Extremoz, formam o esquadrão da esquerda. Cada esquadrão é com-

posto de dois capitães, dois tenentes, tres alferes, um porta estandarte, dois furrieis e oito cabos de esquadra.

Os mais senhores officiaes restantes hão de ir na rectaguarda da carruagem do ex.^{mo} senhor Arcebispo, pelas ordens de suas patentes, fazendo assim a guarda de honra do ex.^{mo} Prelado.

Os srs. cadetes Manuel Limpo de Lacerda, Bento de Almeida e Francisco José Villares vão de ordens ao mesmo ex.^{mo} senhor, e devem marchar formados todos tres diante da sua carruagem.

Os porta-estandartes Antonio Januario, e Pedro da Silva Raposo hão de ir nos lados da carruagem, servindo de creados de estribeira.

O sr. alferes Amandio Bernardo com 16 soldados, quatro cabos e um furriel hão de ir na frente da comitiva toda para fazerem a descoberta do caminho, fazendo n'aquelles sitios em que lhes parecer, sahir da direita e da esquerda um cabo de esquadra e dois soldados para baterem e fazerem a descoberta dos flancos das estradas.

Tudo deve estar prompto no melhor asseio possível pelas 9 horas no largo do convento de Santo Antonio, onde o sr. Major João da Silva Raposo fará as repartições, conforme vão detalhadas, formando os esquadrões por meios esquadrões e secções.

Do esquadrão de cavalleria n.º 2 é commandante o sr. capitão Joaquim Carlos Vidal, e officiaes o sr. tenente Antonio da Gama, os srs. alferes Joaquim Leocadio e Antonio de Sampaio; furriel José Joaquim da Costa; cabos Fernando José, José Mathias, José Francisco Cardoso, e Joaquim de Santanna, e todos os mais officiaes inferiores vão formados a tres nas rectaguardas dos esquadrões; e o furriel Lourenço José Mendes fique em toda a rectaguarda com dois soldados para fazer recolher tudo o que para traz ficar. O regimento de caval-

laria n.º 3 manda dois Estandartes que se hão de metter nos dois esquadrões; e quando o ex.^{mo} senhor Arcebispo passar na frente os Estandartes farão as continencias devidas, abatendo-se tres vezes; e logo que S. Ex.^ª passe pela frente, principiarão os esquadrões a destroçar por secções pela direita, e a corporação dos srs. officiaes irá seguindo a carruagem por ordem das patentes, Beja 16 de outubro de 1808. *João Botelho de Lucena Beltrão*, Coronel Commandante.

N'esta forma se fez toda a jornada, indo n'este dia 16 dormir á Senhora de Ayres, e no dia 17 pelas onze horas chegámos a Evora, já acompanhados por todos os habitantes e cabido d'aquella cidade, e nos apeámos á porta da Sé, aonde já se achava postada uma grande guarda de tropa ingleza, que fez as devidas continencias a S. Ex.^ª e depois de darmos a Deus Senhor Nosso as devidas graças, voltamos para o Paço, a cuja porta já estavam duas sentinellas inglezas; e quando S. Ex.^ª entrou na casa do docel, achou a officialidade ingleza toda desde o brigadeiro até á ultima patente forrando a sala; o que S. Ex.^ª agradeceu com aquella urbanidade e politica que o caracterizam, recebendo de cada um os seus cumprimentos, e correspondendo a cada um d'elles por diferentes expressões, e diversas phrases com toda a presença de espirito; de que os inglezes ficaram bastantemente admirados, como elles mesmos o confessaram, quando na despedida os acompanhámos.

Ao jantar foi S. Ex.^ª o primeiro que levantando-se em pé bebeu á saude do Principe Nosso Senhor, a que toda a meza correspondeu com mil vivas; depois da mesma forma bebeu á saude da Rainha e das Princezas Nossas Senhoras, e de toda a Familia Real, correspondendo todos a cada uma das saudes com muitos vivas em alta voz.

Depois tambem em pé bebeu á saude dos srs. Governadores d'este Reino, como representantes do nosso Soberano; e d'esta maneira continuou o jantar no maior prazer e alegria; emquanto a mim eu não tive ainda maior na minha vida, principalmente depois de eu, estando n'esta Côrte, em casa, e na companhia das sobrinhas, e do irmão, venerando religioso (presentemente já fallecido) do meu santo Prelado. a quem desde minha tenra idade amo como a Pae, e venero como a Senhor, ter aqui supportado em toda a extensão o rigor da amargura, e da consternação durante o seu cruel captiveiro, em cujo tempo comi muito lume, e bebi tanto veneno.

Foram infinitas as pessoas, que concorreram de varias partes, durante a minha pequena demora em Evora, para congratular-se com o meu ex.^{mo} Prelado pela sua felicissima restituição á sua igreja; e outros emquanto o não podiam fazer pessoalmente, enviaram-lhe em cartas os sentimentos de amor e respeito, que os animavam; eu transcreverei aqui algumas das que pude ter tempo de copiar n'aquelles poucos dias, que alli me demorei entre o barulho e alvoroço causado pela summa alegria e prazer, que inundavam toda a casa archiepiscopal.

Copia da carta que escreveu o ex.^{mo} Tenente General da
Província do Alentejo ao meu ex.^{mo} sr. Arcebispo.

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor.

Suppondo a V. Ex.^a no gozo das suas propriedades, e procurando manifestar-lhe regosijo e respeito. expeço o meu Ajudante d'Ordens Jose da Costa de Atahide Teive, visto que as minhas ou-

tras obrigações me privam por agora de me apresentar pessoalmente a V. Ex.^a a quem peço a sua benção.

Deos Guarde a V. Ex.^a

Elvas, 17 de Outubro de 1808.

Sou de V. Ex.^a obrigado captivo

Francisco de Paula Leite.

Resposta

III.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Desde que ha muito comecei a formar uma ideia das prendas de V. Ex.^a, reservou-me a Providencia para que um dia eu fosse obrigadissimo a V. Ex.^a em um genero de obsequios, que são raros no Mundo. V. Ex.^a foi servido a restituir-me de um ingrato captiveiro com um apparatus de demonstrações que entre os homens se assignalam como coisa vinda de mão de Mestre e Bemfeitora, e do extremo da cortesia. Estas demonstrações na Graça militar levam-me o coração á presença de V. Ex.^a com o possivel acatamento; e das mãos delicadas, e as mais civis, a que V. Ex.^a me confiou, recebi o maior carinho, e a maior verdade na execução das ordens de V. Ex.^a.

O sr. Coronel João Botelho de Lucena Beltrão ostentou na face do Mundo, como devem ser obedidas as ordens do senhor General prespicaz e positivo. No espirito do preceito, atrahiu-me, regalou-me, e me distinguiu por maneira de me lembrar perpetuamente quanto fico penhorado para

ser a V. Ex.^a muito agradecido, ao que ajuntarei uma fiel execução nos preceitos de V. Ex.^a.

Deos Guarde a V. Ex.^a m.^s an.^{os}

Palacio Archiepiscopal de Evora em 21 de outubro de 1808.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Francisco de Paula Leite. general d'esta Provincia.

De V. Ex.^a Am.^o obg.^{mo}

Fr. Manoel Arcebispo de Evora.

Copia da carta do brigadeiro governador de Estremoz

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Parecerá arrojo tomar esta deliberação, mas o grandissimo prazer que me acompanha me obriga por este meio ir certificar a V. Ex.^a o quanto me regosijo que os snrs. Governadores deste reino attendessem ás suas sublimes virtudes, e ao nosso pessoal interesse, nos restituíssem o nosso legitimo pastor, e tão sabiamente fizessem confundir as calumnias.

Deos Guarde a V. Ex.^a muitos annos

Estremoz, 20 de outubro de 1808.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Arcebispo de Evora.

Aniceto Simão Borges.

Copia da carta do Dr. José Ignacio da Costa, lente
da Universidade de Coimbra

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor

E a quanto se não atrevem homens desalmados, quando medem suas esperanças pela grandeza das victimas que sacrificam á sua ambição! heroicas virtudes constantemente praticadas. Illustrada sabedoria, rara fidelidade ao Soberano, terno amor á Patria, venerandas cans adquiridas no uso e desempenho de instruir Principes, presidir Tribunaes, crear bispados, pastorear metropoles, não impediram a negra calumnia de lançar traidoras mãos sobre o maior e mais respeitavel Prelado que honra o Episcopado n'estes reinos. A melhor causa do mundo servio de pretexto ao mais execrando arroj. Elle scandalisa o seculo presente, e parecerá incrível aos vindouros. Era necessario aos designios da Providencia, que V. Ex.^a passasse publicamente pelos sofrimentos de Confessor dos deveres do Apostolado. Com o mais profundo respeito, e não sem lagrimas, eu beijei a humiliação de virtude, suspirei ser por ella abençoado, e admirei a grande alma de V. Ex.^a tão inalteravel no Throno da religião, como na ignominia do captivo.

Deus immortal! a calumnia dissipa-se, a innocencia apparece com as côres nativas, que a distinguem, e V. Ex.^a em triumpho é restituído á Igreja, que illustra por sua doutrina, e edifica por seus exemplos. Desde esta Universidade eu vou por este modo levar aos pés de V. Ex.^a a minha alegria: Supplico a V. Ex.^a a receba favoravelmen-

te, porque ella é filha da intima gratidão e do profundo respeito com que sou:

De V. Ex.^a

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor Arcebispo d'Evora.

o mais humilde subdito e creado

José Ignacio da Costa.

Coimbra 22 de outubro de 1808.

No dia antecedente ao da minha partida para esta Côrte, entrando eu de manhã no quarto do meu Amo e Senhor Arcebispo, a saber como tinha passado a noite, e a pedir-lhe a benção. o achei já fóra da cama e de joelhos resando as suas devoções do costume: e logo que as concluiu, e nos saudámos, me disse que voltasse logo, porque queria fechar-se para escrever á Regencia como representante do Nosso Soberano, e a cada um dos membros d'ella em particular, como amigos; meia hora depois eu voltei ao mesmo tempo que elle abria a porta, e entrando eu me disse: -- Alli estão feitas as cartas que você hade levar para a côrte, e entregal-as pessoalmente: logo se passarão a limpo para se fecharem. Eu então as li, e logo lhe pedi licença para tirar as copias, e são as seguintes:

Senhor!

A generosa e solemníssima liberdade com que V. Alteza foi servido Mandar-me restituir ao meu domicilio e casa arquiépiscopal de Evora, da qual foi transferido com a maior ignominia e violencia para a cidade de Beja, que eu havia governado

por trinta e dois annos, é um compendio das raras virtudes, que eu adoro em V. Alteza.

Destinou a Divina Providencia que a minha sorte cahisse em um centro prodigioso de justiça: eu delle derivo quanto é de exemplo nas summas autoridades, para o governo dos homens. Decoro, acerto, magestade nas providencias da justiça distributiva, e quanto é da equidade, tudo resplandece em V. Alteza. A estes meus pensamentos deverei sempre a força das inclinações, que haja em todos os tempos de respeitar todos os attributos, que formam a corôa das prerogativas que adornam a V. Alteza.

Aquelles mesmos pensamentos são os que me tem ensinado sempre os Direitos que os raios da Divindade fazem reluzir em V. Alteza, sem os quaes facilmente se torcem as combinações das ideias humanas. A esta participação de acerto fará o Deos omnipotente, que prenam todas as operações e felicidade de V. Alteza. Pois que das Summas Graças e grandes despachos que tenho recebido no serviço de V. Alteza, tenho aprendido em toda a minha vida lições da mais cumprida obediencia, seja tambem a mais fiel e apurada aquella que aprendi no mais cruel dos tratamentos, sendo arrancado do seio da minha igreja, quando, pela Graça Divina acabava de a remir das mais ferozes vexações.

Com estes votos me deixará a Providencia Divina continuar em outras e outras aspirações mais, as quaes todas cedam em prosperidades de V. Alteza, e de toda a Familia Real.

As felicidades patrias, o contentamento dos povos, a abundancia, céo aprazivel, todo o genero de bençãos celestiaes, a repulsa prepetua dos inimigos, as bençãos dos anjos tutelares, a paz, e a serenidade dos tempos, acerto das acções e har-

monia das virtudes em uma unidade de sentimentos, e de afeições sejam perpetuamente as graças, com que a Divindade nos adopte.

Cópia da carta para o ex.^{mo} sr. D. Francisco Xavier de Noronha

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

A singular afeição e diligencia com que V. Ex.^a se ha dignado expedir a minha causa, são dividas interminaveis, de que eu me acho penhoradissimo. Tal é o insigne character que eu desde muitos annos respeito em V. Ex.^a. Tudo me provoca para viver penetrado de tanto excesso. Ainda que meu contendor me ha tratado com summa indecencia, eu fui mui feliz em cahir nos braços de V. Ex.^a de benignidade e carinho, sendo restituído á minha egreja tão plausivelmente, quanto vale o apparato de uma tropa provinciana. pelo qual tanto a raiva me observou de revez. mais ainda o braço forte de V. Ex.^a pelo seu conselho e arbitrio a desmascarou. e lhe dissipou a força, deixando-me em indizível obrigação.

Deus Guarde a V. Ex.^a, etc.

Cópia da carta para o ex.^{mo} sr. Marquez das Minas

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Quanta vivacidade se me excitou acodindo ás tristissimas urgencias das minhas ovelhas outra tanta padeci em novo g. nero de trabalhos, sendo do meio d'ellas arrancado: porém V. Ex.^a me felicitou com o reparo do animo e de boa sorte. Mil

e mais graças rendo a V. Ex.^a pela reparação que lhe devo. O Céu ha inspirado a V. Ex.^a e fará o que eu não posso, ficando da minha obrigação os desejos e os votos para as felicidades de V. Ex.^a.

Deos Guarde a V. Ex.^a, etc.

Carta para o ex.^{mo} sr. D. Francisco da Cunha e Menezes

III.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor.

A especialissima graça que a V. Ex.^a devo da minha restituição, é necessario ser acompanhada deste tributo de agradecimento e respeito. Distinguiu-se a temeridade em molestar-me, porém o generoso soccorro de V.^a Ex.^a acudio á minha oppressão para rebatel-a com tanta energia, quanta se patenteou á face do mundo inteiro, deixando-me em tanto reconhecimento quanto é o beneficio da restituição, que por isso mesma haveria de excitarme para uma indelevel acção de graças. prompto sempre no serviço de V.^a Ex.^a.

Deus Guarde a V. Ex.^a, etc.

Carta para o ex.^{mo} sr. conde Monteiro-Mór

III.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

De tanta valia foi o auxilio de V. Ex.^a em graça minha, que me chegou muito positivo e benévolo. Todos os meus cuidados cessaram no instante em que experimentei cahir sobre mim um

peso de patrocínio que me libertou de mentira e infamia. Com estas disposições serei sempre prompto no serviço de V. Ex.^a.

Deos Guarde, etc.

Carta para o ex.^{mo} sr. D. Miguel Pereira Forjaz

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Rendo a V. Ex.^a as devidas graças por seu bem aventurado concurso para a minha liberdade, a qual me evitará para uma perpetua correspondencia do entendimento e coração. Fui maltratados mas torná feliz a minha situação um auxilio de tanto credito e valia, quanto o recommendam a, admiraveis virtudes de V. Ex.^a.

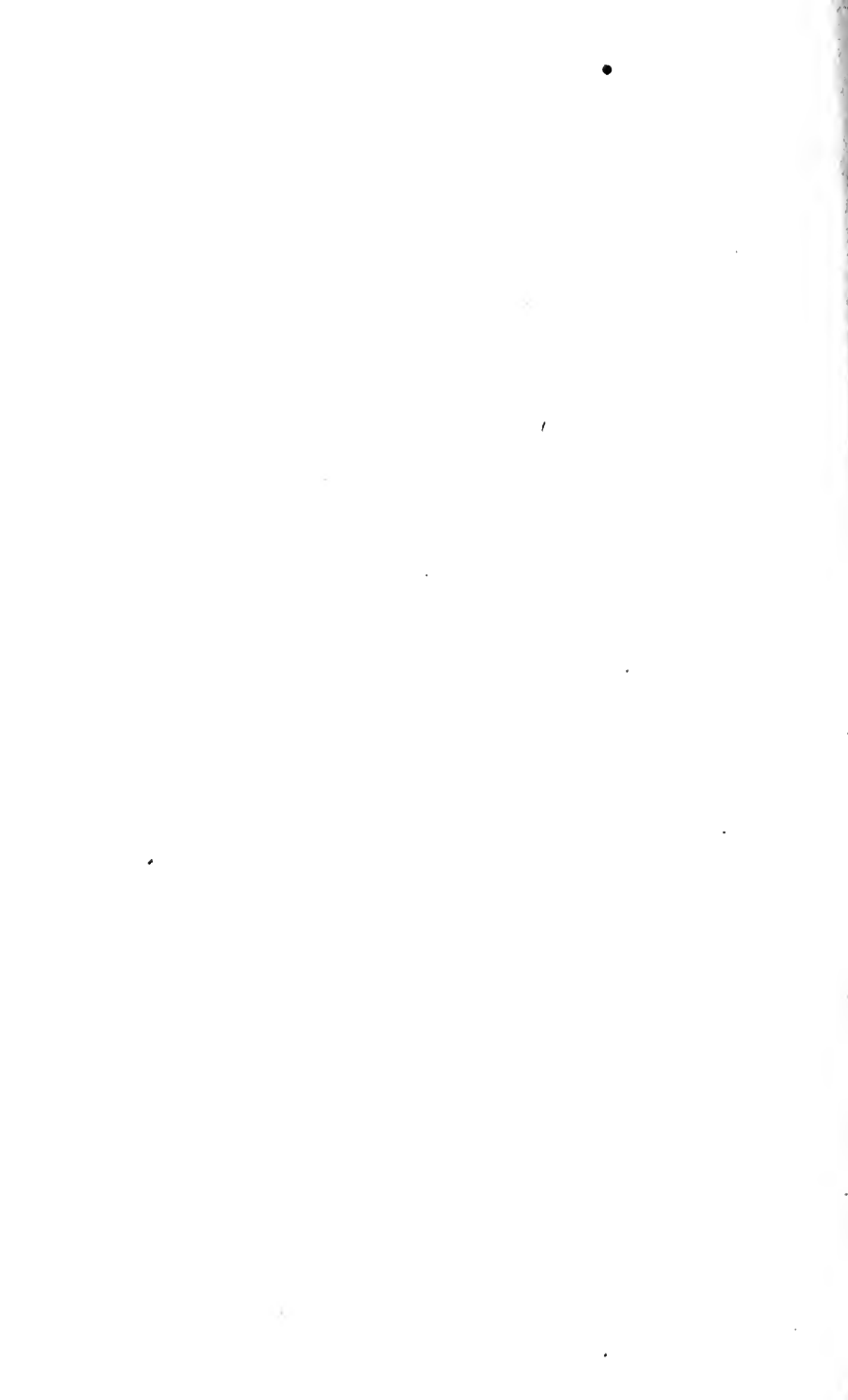
Deos Guarde, etc.

Carta para o ex.^{mo} sr. João Antonio Salter

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Todas as cooperações de V. Ex.^a em minha salvação me tem causado a maior sensibilidade e agradecimento. Tanto a minha crença mais distava do perigo, menos me acautellava. Doze annos me enganou aquelle homem, escrevendo querer-me bem com todos os desmanchos da perfidia, e retendo no animo uma cólera luciferina. A igreja faz-me dó, e para meu linitivo tenho as boas graças de V. Ex.^a a quem servirei do animo.

Deus Guarde, etc.





GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana. O templo. As inscrições. — 3.º A Casa pia. — 4.º Loios, azulejos e obras d'arte. — 5.º Bibliotheca Publica. Noticias das collecções. — 6.º Conventos do Paraíso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. Raczynski. Pintores eborenses — 8.º e 9.º Vesperas da restauração. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A egreja de Santo Antão. Livros parochinaes. Collegiada. — 12.º O archivo municipal — 13.º A restauração em Evora. — 14.º, 15.º e 16.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora — 17.º Evora e o Ultramar. Balthazar Jorge e Marco Antonio Pessanha. — 18.º, 19.º, 20.º e 21.º Assédios d'Evora em 1663. — 22.º Os Festejos de Evora em 1720. — 23.º Evora nos Lusíadas. — 24.º Procições eborenses. — 25.º Exposições de arte ornamental. — 26.º Antiquidades romanas em Evora e seus arredores. — 27.º Roteiro d'um eborense. — 28.º Universidade de Evora. — 29.º As caçadas. 1.ª parte. — 30.º Evora e o ultramar. 2.ª parte. — 31.º Ibn Abdun. — 32.º Os mouros. — 33.º As caçadas, 2.ª parte — 34.º Os estudantes. — 35.º Versos Eborenses do seculo xvii. — 36.º A volta de Cenaculo.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand, e na do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

Documentos Historicos da idade d'Evora

Estão publicados :

- 1.ª PARTE — Foraes, costumes, Documentos municipaes dos sec. XI, XIII e XIV. Documentos do Cabido. Inventarios municipaes do sec. XIV. Documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas. Régimento da cidade em tempo de D. João 1.º. Etc.
1 vol. de 202 pag. in-4.º — 17800 réis.
- 2.ª PARTE — Documentos municipaes do sec. XV. Doc. da Misericordia e Hospital no sec. XVI. O primeiro compromisso. Episodios eborenses na chronica de João 2.º, de Garcia de Rezende, Alfarrobeira e Toro. Régimento das procições. Os primeiros livros de acordos capitulares, sec. XV e XVI. Capitulos de côrtes no sec. XV. Etc.
1 vol. de 282 pag. in-4.º — 27200 réis.

Assignam-se estas publicações no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

MADRUGADAS, contos escolhidos, em casa do editor Abranches.

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSSES

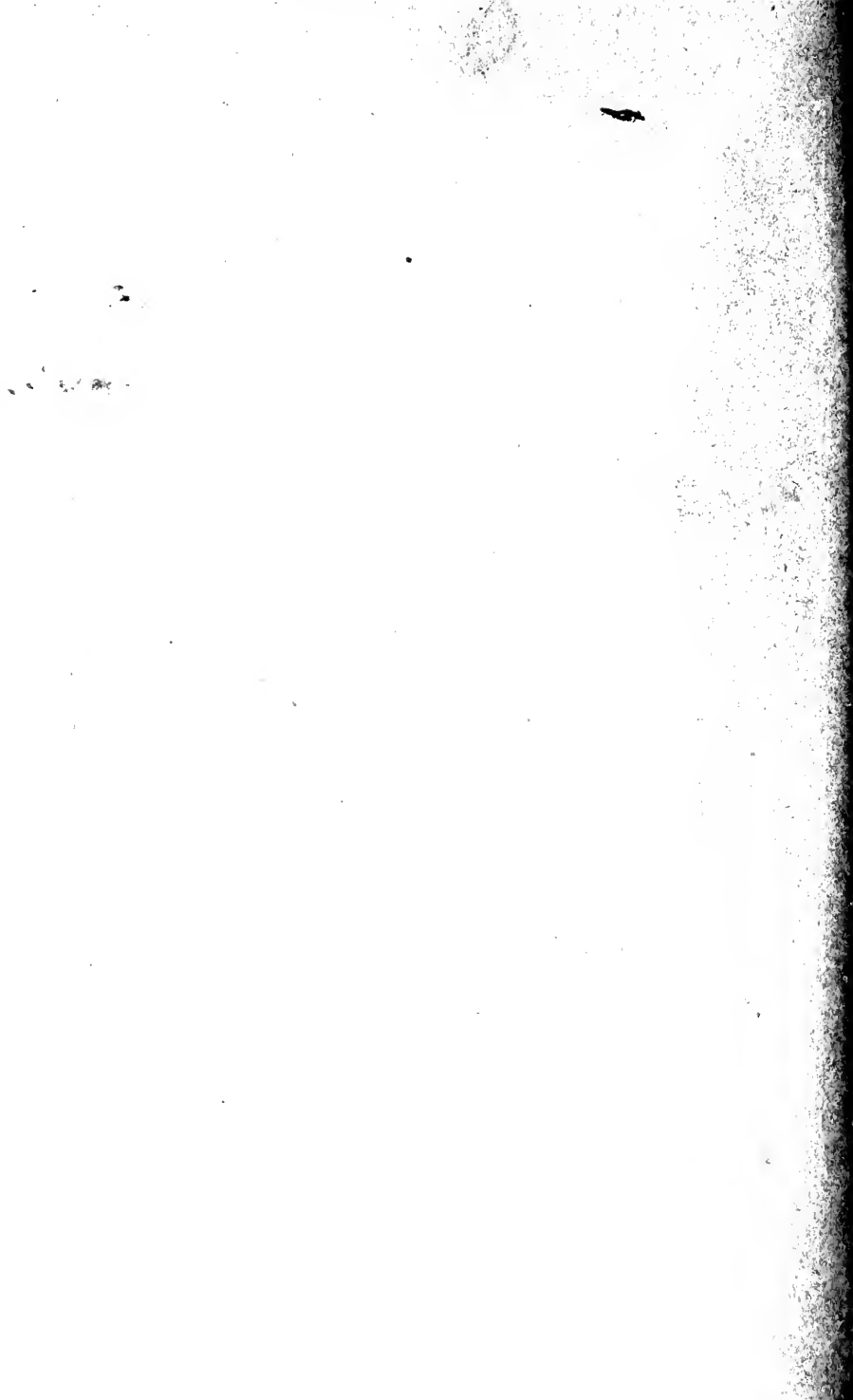
Historia — Arte — Archeologia

AS QUESTÕES DO PÃO

QUESTÕES ECONOMICAS ANTIGAS. LAVRADORES, MOLEIROS E PADEIROS
IMPOSTOS E PREÇOS DO TRIGO. O GRANDE VEREADOR CICIOZO
E OS REIS D. JOÃO 2.^o E D. MANUEL.



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL
Praça de D. Pedro. 22
1896



do Sr. J. Carlos de
meio Carvalho, rei-
e illustra e tabulense offe
GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Beira
Alentejo
Historia — Arte — Archeologia

AS QUESTÕES DO PÃO

QUESTÕES ECONOMICAS ANTIGAS. LAVRADORES, MOIINHOS E PADEIROS.
IMPOSTOS E PREÇOS DO TRIGO. O GRANDE VEREADOR CÍCERO
E OS REIS D. JOÃO 2.^o E D. MANUEL.



EVORA
MUNICÍPIO EBORENSE
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA IMPRESSOR DA CASA REAL
60 — Pina Ancha — 64

1894



ESTUDOS EBORENSSES

As questões do pão

Escreve-se a historia de um povo, de um reino, de uma cidade. O narrador dos acontecimentos apparece logo nas primeiras civilisações. Os romanos apresentam-nos um grupo de historiadores, modelos eternos nas varias feições da historia. Ao narrador dos successos pode juntar-se o critico; o saber dos factos, e o saber relacionar esses factos e explical-os é já muito; critical-os, e chegar a sentenciar sobre o bom e o máo, o útil e o esteril, é muitissimo; a imparcialidade historica é uma qualidade excellente, uma cristalisação que raros attingem. O espirito que tem uma determinada tendencia ou sympathia; a necessidade, o destino que impoe bálisas ou barreiras, originam que a muitos, á grande maioria dos historiadores, seja impossivel a imparcialidade. Ha pontos de vista particulares, com o ha circumstancias pessoais que dominam o homem.

Até o simples narrador de factos e acções está sujeito á falta de imparcialidade.

Occulta-se, esquece-se este, e põe-se est'outro em grande relevo. Veja-se o jornalismo actual onde os chronistas do dia a dia narram muitas vezes com duas camadas de parcialidade, a do jornal junta ao ponto de vista pessoal. Alexandre Herculanoo, que adorava Fernão Lopes, foi tambem parcial. Agora temos exemplos de historiadores que variam por lustros, ou na conformidade das encomendas.

Durante muito tempo, até em livros de ensino, se definiu: historia, a narração dos factos. E todavia já Tito Livio, o velho, o querido historiador romano, soube apreciar e explicar factos e acções, e ainda mais chegou a fazer historia social descrevendo-nos frequentemente episodios da vida do grande povo, das crises moraes e economicas.

Ha pouco Rosebery, o *premier* inglez, disse que mais que os problemas politicos se impõem hoje ao estadista os sociaes e economicos.

Para os que não são estadistas isso não tem novidade; os problemas politicos são secundarios; o que admira muito é que os economicos se não tenham imposto mais bruscamente, e que os estadistas não tenham curado de resolver alguns d'esses problemas ou de preparar as cousas para a melhor ou mais suave solução.

Os meios de defeza, tarifas, pautas, protecção etc. alimentam uma existencia artificial; a vida dos povos está a encher-se de tutores, á mercê de um pé de vento.

Quantos problemas politicos se teem resolvido, bem ou mal, com violencia ou com brandura, desde que o sr. D. Affonso Henriques fundou a monarchia? que quantidade de processos findos! de allianças, pactos, tratados que passaram aos papéis velhos, como as gerações, com os seus odios e os seus amores, se foram sumindo no silencio

das sepulturas; pois a questão do pão está viva e bem vivaz, e dura... ha quanto tempo! a questão, ou melhor, as questões do pão duram naturalmente desde que houve productor, moleiro, pa-deiro e consumidor.

À cidade de Evora em 1166, logo a seguir à conquista, foi concedido o foral e costume de Avila. As condições das duas cidades eram eguaes; terras agricolas e fortalezas fronteiriças. Em Evora os conquistadores respeitaram os mouros trabalhadores e proprietarios agricolas; segundo a tradição marcou-se-lhes logo um bairro na cidade; não ha documentos bastantes do seculo XII, mas ha do seculo XIII que provam a existencia pacifica, bem garantida de muitos operarios mouriscos, de muitos pequenos proprietarios.

O rei, o bispo, o cabido, as ordens militares tallharam á larga os seus reguengos, coutos e herdades nas amplas campinas alem do aro da cidade.

Com pequenas variantes as zonas da propriedade coincidiam com as actuaes; o couto da cidade dividido em farrejaes de pão e alcaceres com alguns hortejos; a zona das quintas com os seus quartéis e courellas vestidos de oliveiras e vinhedos; depois as herdades, terras de cereaes, montados, e grandes pastagens.

Não chegou até nós um *codice* com os costumes de Evora, mas temos os *foros, costumes, usos e juizos* de Evora dados aos habitadores de Alcacer, e d'aqui communicados aos de Garvão, os *costumes* de Terena tambem communicados de Evora, e assim os dados ás Alcaçovas.

Como é natural o foral e os costumes de Evora foram applicados á provincia no progresso da conquista, como o foi o estatuto da sua contraria piedosa formada pelos *homens bons que foram a Jerusalem*.

O que chegou a nossos dias forma pois um corpo de legislação costumeira unico no paiz; elle pertence a uma povoação consideravel, agricola e fronteiriça, e que por muito tempo foi a guarda avançada contra mouros.

Necessariamente enquanto as terras de Elvas e Alcacer do Sal pertenceram a mouros o territorio eborense foi muitas vezes atravessado pelas taifas agarenas, mas creio que respeitavam a propriedade rural, por nella haver mouros, ou por a estes pertencer.

Porque o estudo das *costumes* de Evora convence-nos de que a propriedade estava então constituída como actualmente; as vinhas, as herdades, os casaes, os gados e a pastoria; os *mancebos de soldada* e creados de lavoura; mondadeiras e segadores á jorna ou á tarefa.

Mais o elemento mourisco.

Nos arrabaldes, nas hortas, nas vinhas, nas herdades havia mouros, alguns escravos, outros forros, a maior parte livres. Mouros mesteiraes, com suas tendas, ferrarias, olarias, alcaçarias; mouros proprietarios ruraes, fazendo seus negocios, compras e escambos, arrendamentos e aforamentos, com a sua actividade perfeitamente garantida; orando na sua mesquita, negociando com a sua moeda.

Na cultura rural apenas uma variante; hoje muitas quintas tem duas ou tres figueiras; então havia mais; os documentos fallam mesmo de figueiredos ou figueiraes, que só no Algarve continuaram.

Pelo foral dado aos mouros de Evora em 1273 vê-se que elles deviam passar má vida, não tinham tempo para sésta folgada. *Vida de moiro, trabalhar como um moiro*, ainda se diz hoje.

Pagavam a capitação geral, a dizinia, mais os impostos especiaes do alfitre e do azeque, isto pa-

ra os christãos; porque tinham a pagar ainda para a sua communa, para a mesquita, para o seu alcaide, etc.

Parece-me digno de reparo que muitos moiros sabiam escrever, apparecem frequentes assignaturas de esses hortelões e oleiros.

Em 1273 o concelho de Evora nomeia sesmeiros para regular a distribuição das terras das *pre-surias novas*; e faz convenção com os de Portel sobre o uso das pastagens.

Pelo mesmo tempo apparecem os grandes proprietarios, por exemplo o cabido eborense, e D. João d'Aboim, extraordinario vulto do seculo XIII, fazendo contractos, subdividindo terras, tomando encargos, restaurando egrejas e cultos, computando offertas e outras rendas ecclesiasticas, o que nos mostra estar garantida a propriedade, a existencia de população permanente entregue a trabalhos ruraes.

Assim n'este largo periodo de lucta parece que a população mixta, christãos, e mouros e mosarabes, dos arrabaldes, do aro da povoação, mestieiraes, hortelões, vinhateiros, lagareiros, passou quasi indifferente á briga das hostes e taifas; mas a povoação dos campos, das herdades, das pequenas aldeias soffreu muito, e desertou dos logares. É natural; e foi o que succedeu ainda em 1833 e 1846; as guerrilhas victimavam os *montes*, os *logarejos*, as pequeninas povoações agricolas incapazes de resistir, mais isoladas, onde se não podiam reunir de prompto 30 ou 40 homens armados.

Muitas egrejas foram restauradas no meiado do seculo XIII; tinham vivido serenamente essas agremiações christãs sob o dominio agareno, e só quando a lucta, a onda da conquista chegou, ellas soffreram, e o culto cessou: a lucta foi longa.

secular, apanhou tres gerações. por isto foi preciso fazer composições com os restos dos antigos gremios, com os proprietarios territoriaes, para a restauração do culto. Rei, prelado eborense, e o cabido, as ordens militares, especialmente os cavalleiros de Evora, depois ordem de Aviz, e o mosteiro de Alcobaça estão todos, no meiado do seculo XIII, interessados na organisação rural, e na do culto; nem ha separação possivel entre culto religioso e trabalho rural; o padre precisa de pão e vinho para celebrar a missa.

Que havia movimento commercial, troca de valores, prova-se pela instituição da feira de S. Thiago em 1275.

Ao mesmo tempo vem a expansão dos costumes de Evora, das posturas municipaes de 1264, 1270 pelas villas alentejanas, posturas com disposições penaes a par de regimentos de pastoria, onde até apparecem artigos contra a falsificação dos generos alimenticios.

Já por falsidade deitavam agua no vinho!

E ainda mais, já em 1285 houve reivindicações de reguengos e herdamentos d'el-rei; gente esparta tinha conseguido apropriar-se do alheio; do que já tinha sido defiaido, e onerado com renda ou foro, mas ficára mal garantido, ou por defeito de descripção, ou desfazimento de extremas, lindas ou arranque de marcos, ou, tambem já, por negligencia dos funcionarios:—*É disse dona Justa que á ende a meydade, que queria fazer o seu quinum, e que o almoxarife non quisera hy fazer rem. e disse que se perdiam ende as rendas*—.

Nos documentos eborenses do sec. XIII, raro é o nome de sitio, ribeira ou cabeço que não seja ainda hoje usado, tal qual ou com pequena variante, Almansor, Valleira, Benamolleique, Aivado, Motrógos (Motrovegas), Louredo, Pecenas, são nomes usados ainda hoje.

Em todo o aro de Evora são frequentes os nomes de origem ou feição arabe. Os dois ribeiros mais proximos são o Xarrama e o Degebe; Benamorique, Benafilé, Bencafede, devem ser bem arabes; Machede dizem ter a mesma origem.

Na cidade ha nomes arabes, a torre de Alconchel, a rua de Mahumud, Alcarcovas, Alcaçarias, etc.

No dia 6 de fevereiro de 1286 o alcaide Estevam Garcia e os dois juizes Rodrigo Annes e Lourenço Gonçaves, com a gente do concelho foram ao adro de Santo Antão fallar a el-rei D. Diniz. Perante elrei, que estava com a sua côrte, Martin Miguens, tabellião da cidade, desenrolou o seu pergaminho e leu a petição:—*Senhor, estas som as cousas sobre que o concelho de Evora vos pede mercê. . .*

Está a gente a ver a scena; o adro de Santo Antão, maior e mais baixo que o actual; o lado da egreja (porque a primitiva egreja devia ter a porta principal para o poente), com o seu portico lateral e as frestas talvez romanicas; proximo o grande arco romano, e junto d'este um chafariz com seus leões de pedra; e a grande praça irregular na sua moldura de arcarias, e as fileiras de moradas estreitas, esguias, as janellas vestidas de rotulas, e nos altos as varandas cobertas, os beirões assentando em pequenos arcos.

Que queriam os do concelho?

Querem em tudo entender-se directamente com elrei, nada de dar o concelho em *aprestamo a riqueza*; isto é não querem o *protector*, o *intermediario poderoso*.

Querem feira geral e *franquida*. o que bem mostra que a vida, o commerciante e o producteur precisavam expansão.

Querem os açougues maiores. Açougues então

eram verdadeiros mercados; açougues mais largos, porque augmentava a povoação, sem duvida.

Querem mais que os mouros forros e os judeus usem nas cousas da almotaçaria *assi como vesinhos*, todos eguaes, nada de distincções, perante o almotacé não ha laços ou castas inferiores.

O christão que vá egreja, o mouro á mesquita, e o judeu á synagoga, (á *esnoga*, como era uso dizer-se), cada um tenha a sua crença, isso não tem duvida. Agora ao mercador no seu negocio não se olhe a raça ou religião, todos *assi como vesinhos*.

O rei concedeu a todos os pedidos.

A qual petição leuda e compridamente entendida elrei D. Diniz *pessoalmente stando presente com muitos de sa corte outorgou. . . e* então o concelho (depois do rei!) em *hua voz concordavelmente todos ensembra leixarom e quitarom e perdoaram* tudo o que o pae, D. Affonso, tivera do dito concelho em cousas a que o concelho entendia haver direito.

Eu gosto immenso deste documento, é são, é puro e bom.

O rei vai ouvir os do concelho no adro da egreja; e os cidadãos dizem-lhe que não querem *ricome*, nem se importam com differença de raças e de credos.

E depois assignam a côrte, o bispo, os nobres, os magistrados e os cidadãos, e os parentes d'estes: e *muytos dos seus parentes*; e vem ainda assignar os *cabeças* dos arrabaldes d'Alconchel, de S. Francisco, da porta de Moura e de S. Mamede.

Fizeram a carta partida por *abc*, e *Nós Rey Don Diniz e concelho de Evora fazemos as ditas cartas seer selladas dos nossos seellos pendentis*.

O sello do rei e o sello do concelho, a par!

Outro documento significativo na historia economica do Alentejo é o livro dos herdamentos do cabido; elle mostra a importancia da propriedade

episcopal e capitular no sec. XIII. Já o publiquei na integra, por isto não me demóro com elle.

Em 1311 trata-se de pontes, fontes, carreiras e rocios e *outras cousas semelhantes a estas a prol do commum e aproveitança da terra!*

Nos tres primeiros quartéis do seculo XIV repetem-se as leis destinadas a garantir a propriedade rural, os meios de trabalho, e a defender o lavrador livrando-o de gravames, talhas e fintas.

Parece que tudo progredia em Evora, a população augmentava, a riqueza tambem, havia commercio, industria, faziam-se grandes obras: e vem de subito a crise de 1376.

Houve estiagem enorme; as searas perderam-se; as pastagens mirraram-se; quasi desapareceram os gados; e logo a pestilencia fortissima.

—E porque outrosy a dita cidade he despobrada que mengua em ella bem a meyadade da jente que em ella vivya por a dita séca e por pestilencia que ora em ella anda—.

A crise prolongou-se; e veio a guerra. Evora toma o partido do mestre de Aviz, lucha, tem dias torvos de brigas e de sangue: *aquelle sanhoso povo* como diz Fernão Lopes tem horas de gloria; o *povo mendo* de Evora é credor ao *mestre* de serviços que elle celebra; as sisas geraes do mestre d'Aviz (1384) mostram bem os sacrificios que foi preciso aguentar naquella porfiada guerra.

O pão é a eterna base natural. O imposto do pão é elemento principal, por si e pelas questões inherentes, no estado social. O *mestre de Aviz* teve de lançar mão em 1384 de todos os recursos, as sisas geraes aqui em Evora trouxeram imposto no trigo, no moleiro e na padeira; mas logo em 1385, em abril, aboliram o imposto de terrado do pão cosido e dos cereaes vendidos na praça e no terreiro.

O conjuncto dos documentos municipaes ebo-renses é extraordinario; aos juisos e costumes do sec. XIII succedem as posturas municipaes do sec. XIV, e este corpo tem a sua coroa no regimento da cidade elaborado por João Mendes de Goes.

Os documentos das albergarias provam a divisão da propriedade urbana e rural na mesma epoca; onde hoje na praça ha duas lojas pouco espaçosas havia então seis; pequenas propriedades ruraes de hoje estiveram divididas em quatro ou mais pequeninas courellas; era enorme o numero de propriedades foreiras.

Uma postura municipal, que deve ser do ultimo quartel do sec. XIV, manda que o pão tenha um certo peso, que seja alvo, bem cosido e bem finto (Doc. hist. p. 130). Marca ás padeiras 1.^a e 2.^a multas, e pela terceira vez multa e picota; isto é, prisão de algumas horas no pelourinho.

No titulo das padeiras e vendedeiras de pão cosido, do regimento da cidade, marca-se peso e preço, sendo obrigadas a ter sempre *pam cosido avondo*.

Simultaneamente havia disposições severas para os moleiros, e sobre as medidas do pão.

E não esqueciam os jornaes e salarios dos sin-geleiros, dos servidores das sementeiras, dos se-gadores e apanhadores dos trigos e cevadas, e das mondadeiras (pag. 149 dos Doc. hist.).

Pelos capitulos das côrtes de Lisboa de 1459 se vê que fôra longa a questão dos varejos; n'estas côrtes os procuradores da cidade, Pero Vaz de Camões e Diogo Varella, pediram resolução definitiva. O lavrador guardava as sobras enco-vadas (as *covas de ter pão* ainda se usaram em Evora até o sec. XVI: havia muitas na cidade; algumas enormes; em obras recentes, dos ultimos annos, nas ruas do Paço, Aviz, Alconchel, e no

largo da porta Nova, abrindo escavações para alícerces, encontraram grupos de silos, ou covas para guardar trigo), esperando o preço alto, fazendo carestia; havia lavrador que tinha o pão 7 e 8 annos, e dizem os procuradores, *o que em outros tempos foi muito mais*; os lavradores, é claro, não queriam o varejo.

Em 1480 tiveram novamente de regular o preço das moagens, os impostos de atafonas e moendas, maquinas, e, ainda mais, marcaram a proporção dos preços do trabalho e do valor dos generos.

Estas questões do pão parece que se aggravavam cada vez mais; como se vê são as questões de agora; em 1481 productores e consumidores continuam em lucta; a oscillação dos preços do trigo é enorme; a questão da sahida do dinheiro, da exportação do ouro, preoccupa os dirigentes.

O nosso Garcia de Rezende conta um episodio d'essa briga economica na sua chronica de D. João 2.^o

Do que el-rei fez em Evora sobre a vinda do pão.

Estando el-rei em Evora, começou de haver necessidade de pão havendo muito na cidade em poder de alguns fidalgos e cidadãos, que o não queriam vender esperando que o haviam de vender a como quizessem. Mandou-lhes el-rei rogar a todos que vendessem seu trigo a trinta réis o alqueire, (mais de 600 réis hoje) que lhe parecia preço honesto para elles ganharem e o povo ser provido; pois havia annos que o não venderam tão caro e que n'isso lhe fariam prazer; e que se o não quizessem vender que soubessem certo que depois lh'o não deixaria vender emquanto na cidade estivesse.

Escuram-se todos esperando por maior valia, salvo um João Mendes Cicioso, cidadão honrado,

que mandou logo levar praça á uns quarenta moios que tinha, e mandou dizer a el-rei se queria sua alteza que o pozesse a vinte réis que assim se venderia:

Agradeceu-lhe el-rei e quiz que a trinta se vendesse, e fez-lhe logo por isso mercê de dois escravos.

E mandou logo ao mestre de Santiago em Castella dizer que lhe aprazia dar licença para poderem vir a Evora vender o seu pão, como lhe requeriam havia dias, e el-rei não queria por lhe não levarem o dinheiro do reino; e tanto que teve recado que estava muito pão para vir, mandou logo apregoar pela cidade que qualquer homem della que vendesse trigo emquanto elle ahi estivesse, que perdesse por isso sua fazenda; e mandou pôr sobre isso tanta guarda que se não vendeu alqueire. Acudiu logo de Castella tanto que valia a vinte réis o alqueire.

Por onde todos os que tinham pão o perderam quasi todo.

E elrei sem castigo os castigou bem e deu grande perda aos cobiçosos, e muito proveito á sua côrte e a todo o povo, de que sempre tinha muito grande cuidado. E quando saiu de Evora para as Alcaçovas mandou dizer aos que o não quizessem servir, que agora que se elle ia da cidade poderiam vender seu pão, em que os ainda tornou a envergonhar— .

Na *Miscellania* allude tambem o nosso impagavel Garcia de Resende ás extraordinarias oscillações do preço do trigo no seu tempo.

Vimos em Evora valer
os moios de pão yguaes
quinze, vinte mil reaes
agora os vemos vender
a setenta mil, e mais,
anno vi tão abastado
que a oito reaes comprado

foi o alqueire de pão
 outro vimos em que não
 se achava por um cruzado.

Estas questões economicas são tão interessantes e o vulto do grande vereador Cicioso é de tal fórma honrado, firme e levantado no seu afan de defensor do povo, que me parece bem reunir aqui o que ha de mais certo sobre este caso do trigo; vejamos a noticia que nos dá o padre Manuel Fialho (foi optimo indagador!) na sua preciosa obra *Evora illustrada*, que ainda infelizmente se conserva inedita.

— Todas as palavras e acções del-rei D. João 2.^o foram lição e doutrina. Agora veremos uma nova lição, um novo castigo contra os avarentos, o mais proprio que se lhe pôde dar, e de que elles mais fogem, e mais se temem.

Estando ainda a côrte em Evora houve uma carestia de pão, na qual ainda que não faltava trigo, os que o tinham esperavam maior preço.

Quasi que os mandou rogar o rei por terceiras pessoas que quizessem vendel-o, e lhe permittiria já o preço de 30 réis. entende-se de cobre (note-se que este caso é do fim do seculo XV) por cada alqueire, dizendo que assaz caro era, pois que nunca a tal preço tinha chegado; e ficariam com muito ganho, e o povo remediado, e que nisto lhe fariam o gosto; e elles fechados, e sem quererem dar esse gosto ao rei nem acudir ao povo.

De novo lhe mandou intimar, nem já rogando mas ameaçando, que se o não vendessem logo, pelo que lhe permittia, lhe promettia que o não haviam de vender por maior preço, nem por esse permittido, emquanto elle estivesse na cidade e vivesse. Ainda ficaram elles tezos, testos e fechados, esperando que a necessidade levantasse o preço, e suppondo que as ameaças gerariam no ar.

Só lhe fez o gosto João Mendes Cicioso, honrado cidadão de Evora, (o que levantou a casa do Senado, sendo vereador), a quem veremos ainda mais glorioso no tempo del-rei D. Manuel.

Lá porque resistindo ao rei, aqui porque fazendo-lhe o gosto, e sempre pelo bem do povo.

Mandou este á praça uns 40 moios, com que se achava, mandando dizer ao rei, que S. Alteza lhe puzesse o preço, ainda que fosse muito mais barato, mas que fosse o terço menos; e o queria assim vender mais por acudir ao povo que por alguma outra causa.

Estimou o rei o lanço, e mandou se vendesse a 3o réis. Assim se fez, e vendeu-se o trigo ás rebatinhas (encheu o Cicioso a bolsa, e livrou o seu trigo de gorgulho, diz o P.^o M.^o Fialho, em observação); e o rei lhe fez de mais mercê de dois escravos de Guiné.

No entretanto mandou el-rei recado ao mestre de Sant'Iago de Castella, que lhe dava licença para mandar vender a Evora o seu trigo, e o de seus amigos, como lhe pedira e instára; a que o rei até então não quisera permittir, por lhe não levarem o dinheiro para fóra do reino (tão miúdo ou delgado se fiava então nesta materia).

Agora o houve por bem para ensino e castigo dos avarentos.

Logo que soube que estava muito pão para vir de Castella, ou vinha já chegando, e pelo caminho, mandou apregoar que suppostos os seus rogos e permissão de preço, e a negação dos que não quizeram acudir ao povo, tinha dado a sobredita licença, e por isto mandava que nenhuma pessoa de qualquer qualidade e estado, sob pena do perdimento de sua fazenda para o fisco real, vendesse pão na cidade e seu termo até sua nova ordem que mandaria apregoar, quando se acabas-

se de gastar o que tinha dado licença de vir de Castella.

Sobre isto para segurar a observancia do decreto, para castigar aos delinquentes, poz taes vigias publicas e occultas que nenhum d'elles pôde vender alqueire de pão temendo serem apanhados. e tendo por infallivel a pena imposta, porque conheciam a resolução real.

Assim acudiu a Evora tanto pão que vendendo-o os primeiros a 30 réis, começaram os segundos a abater o preço, e foi abaratando até chegar a 14 réis e ja não havia quem o quizesse: ás moscas, como dizem, estava já! — (Aqui uma nota mui curiosa do P.^o Fialho: «Foi isto no anno de 1495, fazia quando isto escrevia 210 annos (em 1705, por consequencia) e tinha o preço do trigo subido a mais de 400 réis — . E segue outra nota, n'uma tira de papel collado — e agora que revejo estas noticias, no anno de 1709 é o preço de um alqueire de trigo 800 réis — e mais ainda outra vez em 1711 se vendeu algum a 1:700 réis (!) ou ainda mais, tudo faz ou destaz o bom ou máo governo. Não ha já um rei D. João 2.^o, nem um vereador João Mendes Cicioso: ha hum que degenerado de seus maiores disse que lhe cheirava o seu trigo a meia moeda de ouro, que é 2:400 réis. Mas graças a Deus que novissimamente, no anno de 1718, está aqui em Evora o trigo escolhido pelo preço de 140 réis, e a cevada e o centeio a 40 réis: é porque d'elle existe muito. . . mas á vae sobindo).

O porque destes excessos Deus o sabe, e em parte o podiam remediar os homens, mas Deus lhes acuda! — (A facilidade de communicações, e o maior numero de regiões productoras tem já remediado muito; hoje não são possiveis taes oscillações de preços; a regularisação da venda tam-

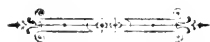
bem se pode conseguir, querendo; não querendo, ou não sabendo ainda se chega ao tumulto como ha pouco succedeu na questão do milho, nas provincias do norte do paiz. Em Guimarães em 1894 deu-se o caso de Evora de 1495; lá com o milho, aqui com o trigo. Antigamente estes casos repetiam-se muito. Hoje é facil prevenil-os; ou, apparecendo subitos, remedial-os a tempo. Já não succede o mesmo com a questão da exportação do ouro, o outro problema de João 2.º Está ainda de pé, mas ha-de ser o Alemtejo que o ha-de resolver).

Agora segue o P.º Fialho: — Perderam os avarentos não só as vans esperanças do maior preço mas o mesmo pão, que tinham tão fechado: deu-lhe o bicho, que em algumas terras chamam santo!; bicho santo ioi d'esta vez o rei; e por lhe espremer mais, como dizem, o agrão no olho, quando depois em julho d'um anno saiu de Evora mandou apregoar que levantava o outro seu pregão, e que cada um vendesse o seu pão, como quizesse e pudesse. Assim os correu e carregou ainda mais; assim os ensinou e castigou.

N'esta occasião fez o senado eborense uma consulta ou supplica ao rei para que favorecesse mais aos lavradores com alguns privilegios, porque a falta não só procedera da esterilidade do anno, mas tambem da falta de lavradores.

Sem duvida o faria el-rei, porém a sua morte atalhou esses bem premeditados intentos, como a muitos outros —.

Veremos as questões economicas alemtejanas tratadas em diversas epocas, por summidades portuguezas. Será uma collecção mui curiosa e instructiva.



ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana. O templo. As inscripções. — 3.º A Casa pia. — 4.º Loios, azulejos e obras d'arte. — 5.º Bibliotheca Publica. Noticias das colleccões. — 6.º Conventos do Paraíso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. Raczynski. Pintores eborenses. — 8.º e 9.º Vesperas da restauração. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A egreja de Santo Antão. Livros parochiaes. Collegiada. — 12.º O archivo municipal. — 13.º A restauração em Evora. — 14.º, 15.º e 16.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora. — 17.º Evora e o Ultramar. Balthazar Jorge e Marco Antonio Pessanha. — 18.º, 19.º, 20.º e 21.º Assédios d'Evora em 1663. — 22.º Os Festejos de Evora em 1729. — 23.º Evora nos Lusíadas. — 24.º Procições eborenses. — 25.º Exposições de arte ornamental. — 26.º Antiquidades romanas em Evora e seus arredores. — 27.º Roteiro d'um eborense. — 28.º Universidade de Evora. — 29.º As caçadas, 1.ª parte. — 30.º Evora e o ultramar, 2.ª parte. — 31.º Ibn-Abdun. — 32.º Os mouros. — 33.º As caçadas, 2.ª parte. — 34.º Os estudantes. — 35.º Versos Eborenses do seculo xviii. — 36.º A volta de Cenaculo. — 37.º As questões do pão.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand, e na do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

Documentos Historicos da cidade d'Evora

Estão publicados :

- 1.ª PARTE — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII, XIII e XIV. Documentos do Cabido. Inventarios municipaes do sec. XIV. Documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º. Etc.
1 vol. de 202 pag. in-4.º — 17800 réis.
- 2.ª PARTE — Documentos municipaes do sec. XV. Doc. da Misericordia e Hospital no sec. XVI. O primeiro compromisso. Episodios eborenses na chronica de João 2.º, de Garcia de Rezende. Alfarrobeira e Toro. Regimento das procissões. Os primeiros livros de acordos capitulares, sec. XV e XVI. Capitulos de côrtes no sec. XV. Etc.
1 vol. de 282 pag. in-4.º — 27200 réis.

-A
GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Historia—Arte—Archeologia

AS QUESTÕES DO PÃO

QUESTÕES ECONOMICAS ANTIGAS. LAVRADORES, MOLEIROS E PADEIROS.
IMPOSTOS E PREÇOS DO TRIGO. O GRANDE VEREADOR CICIOSO
E OS REIS D. JOÃO 2.º E D. MANUEL.

2.ª Edição

PAPELARIA E LIVRARIA
JOAQUIM DA SILVA NAZARETH
Praça de Geraldo
EVORA

GABRIEL PEREIRA

ESTUDOS EBORENSES

Historia—Arte—Archeologia

AS QUESTÕES DO PÃO

QUESTÕES ECONOMICAS ANTIGAS. LAVRADORES, MOLEIROS E PADEIROS.
IMPOSTOS E PREÇOS DO TRIGO. O GRANDE VEREADOR CÍCOSO
E OS REIS D. JOÃO 2.º E D. MANUEL.

2.ª Edição

PAPELARIA E LIVRARIA
JOAQUIM DA SILVA NAZARETH
Praça de Geraldo
ÉVORA

ESTUDOS EBORENSES

As questões do pão

Escreve-se a historia de um povo, de um reinado, de uma cidade. O narrador dos acontecimentos apparece logo nas primeiras civilisações. Os romanos apresentam-nos um grupo de historiadores, modelos eternos nas varias feições da historia. Ao narrador dos successos pode juntar-se o critico; o saber dos factos, e o saber relacionar esses factos e explical-os é já muito; critical-os, e chegar a sentenciar sobre o bom e o máo, o util e o esteril, é muitissimo; a imparcialidade historica é uma qualidade excellente, uma cristalisação que raros attingem. O espirito que tem uma determinada tendencia ou sympathia; a necessidade, o destino que impoe balisas ou barreiras, originam que a muitos, á grande maioria dos historiadores, seja impossivel a imparcialidade. Ha pontos de vista particulares, como ha circumstancias pessoaes que dominam o homem.

Até o simples narrador de factos e acções está sujeito á falta de imparcialidade.

Occulta-se, esquece-se este, e põe-se est'outro em grande relevo. Veja-se o jornalismo actual onde os chronistas do dia a dia narram muitas vezes com duas camadas de parcialidade, a do jornal junta ao ponto de vista pessoal. Alexandre Herculano, que adorava Fernão Lopes, foi tambem parcial. Agora temos exemplos de historiadores que variam por lustros, ou na conformidade das encomendas.

Durante muito tempo, até em livros de ensino, se definiu: história, a narração dos factos. E todavia já Tito Livio, o velho, o querido historiador romano, soube apreciar e explicar factos e acções, e ainda mais chegou a fazer historia social descrevendo-nos frequentemente episodios da vida do grande povo, das crises moraes e economicas.

Ha pouco Rosebery, o *premier* inglez, disse que mais que os problemas politicos se impõem hoje ao estadista os sociaes e economicos.

Para os que não são estadistas isso não tem novidade; os problemas politicos são secundarios; o que admira muito é que os economicos se não tenham imposto mais bruscamente, e que os estadistas não tenham curado de resolver alguns d'esses problemas ou de preparar as cousas para a melhor ou mais suave solução.

Os meios de defeza, tarifas, pautas, protecção etc. alimentam uma existencia artificial; a vida dos povos está a encher-se de tutores, á mercê de um pé de vento.

Quantos problemas politicos se teem resolvido, bem ou mal, com violencia ou com brandura, desde que o sr D. Affonso Henriques fundou a monarchia? que quantidade de processos findos! de allianças, pactos, tratados que passaram aos papéis velhos, como as gerações, com os seus odios e os seus amores, se foram sumindo no silencio

das sepulturas ; pois a questão do pão está viva e bem vivaz, e dura . . . ha quanto tempo ! a questão, ou melhor, as questões do pão duram naturalmente desde que houve productor, moleiro, pa-deiro e consumidor.

Á cidade de Evora em 1166, logo a seguir á conquista, foi concedido o foral e costume de Avila. As condições das duas cidades eram eguaes ; terras agricolas e fortalezas fronteiriças. Em Evora os conquistadores respeitaram os mouros trabalhadores e proprietarios agricolas ; segundo a tradição marcou-se-lhes logo um bairro na cidade ; não ha documentos bastantes do seculo XII, mas ha do seculo XIII que provam a existencia pacifica, bem garantida de muitos operarios mouriscos, de muitos pequenos proprietarios.

O rei, o bispo, o cabido, as ordens militares tallharam á larga os seus reguengos, coutos e herdades nas amplas campinas alem do aro da cidade.

Com pequenas variantes as zonas da propriedade coincidião com as actuaes ; o couto da cidade dividido em farrejaes de pão e alcaceres com alguns hortejos ; a zona das quintas com os seus quarteis e courellas vestidos de oliveiras e vinhedos ; depois as herdades, terras de cereaes, montados, e grandes pastagens.

Não chegou até nós um *codice* com os *costumes* de Evora, mas temos os *foros, costumes, usos e juizos* de Evora dados aos habitadores de Alcaçer, e d'aqui communicados aos de Garvão, os *costumes* de Terena tambem communicados de Evora, e assim os dados ás Alcaçovas.

Como é natural o foral e os costumes de Evora foram applicados á provincia no progresso da conquista, como o foi o estatuto da sua confraria piedosa formada pelos *homens bons que foram a Jerusalem*.

O que chegou a nossos dias forma pois um corpo de legislação costumeira unico no paiz; elle pertence a uma povoação consideravel, agricola e fronteiriça, e que por muito tempo foi a guarda avançada contra mouros.

Necessariamente emquanto as terras de Elvas e Alcacer do Sal pertenceram a mouros o territorio eborense foi muitas vezes atravessado pelas taifas agarenas, mas creio que respeitavam a propriedade rural, por nella haver mouros, ou por a estes pertencer.

Porque o estudo dos *costumes* de Evora convence-nos de que a propriedade estava então constituida como actualmente; as vinhas, as herdades, os casaes, os gados e a pastoria; os *mancebos de soldada* e creados de lavoura; mondadeiras e segadores á jorna ou á tarefa.

Mais o elemento mourisco.

Nos arrabaldes, nas hortas, nas vinhas, nas herdades havia mouros, alguns escravos, outros forros, a maior parte livres. Mouros mesteiraes, com suas tendas, ferrarias, olarias, alcaçarias; mouros proprietarios ruraes, fazendo seus negocios, compras e escambos, arrendamentos e aforamentos, com a sua actividade perfeitamente garantida; orando na sua mesquita, negociando com a sua moeda.

Na cultura rural apenas uma variante; hoje muitas quintas teem duas ou tres figueiras; então havia mais; os documentos fallam mesmo de figueiredos ou figueiraes, que só no Algarve continuaram.

Pelo foral dado aos mouros de Evora em 1273 vê-se que elles deviam passar má vida, não tinham tempo para sésta folgada *Vida de moiro, trabalhar como um moiro*, ainda se diz hoje.

l'agavam a capitação geral, a dizima, mais os impostos especiaes do alfitre e do azeque, isto pa-

ra os christãos; porque tinham a pagar ainda para a sua communa, para a mesquita, para o seu alcaide, etc.

Parece-me digno de reparo que muitos moiros sabiam escrever, apparecem frequentes assignaturas de esses hortelões e oleiros.

Em 1273 o concelho de Evora nomeia sesmeiros para regular a distribuição das terras das *pre-surias novas*; e faz convenção com os de Portel sobre o uso das pastagens.

Pelo mesmo tempo apparecem os grandes proprietarios, por exemplo o cabido eborense, e D. João d'Aboim, extraordinario vulto do seculo XIII, fazendo contractos, subdividindo terras, tomando encargos, restaurando egrejas e cultos, computando offertas e outras rendas ecclesiasticas, o que nos mostra estar garantida a propriedade, a existencia de população permanente entregue a trabalhos ruraes.

Assim n'este largo periodo de lucta parece que a população mixta, christãos, e mouros e mosarabes, dos arrabaldes, do aro da povoação, mestieiraes, hortelões, vinhateiros, lagareiros, passou quasi indifferente á briga das hostes e taifãs; mas a povoação dos campos, das herdades, das pequenas aldeias soffreu muito, e desertou dos logares. E' natural; e foi o que succedeu ainda em 1833 e 1846; as guerrilhas victimavam os *montes*, os logarejos, as pequeninas povoações agricolas incapazes de resistir, mais isoladas, onde se não podiam reunir de prompto 30 ou 40 homens armados.

Muitas egrejas foram restauradas no meiado do seculo XIII; tinham vivido serenamente essas agremiações christãs sob o dominio agareno, e só quando a lucta, a onda da conquista chegou, ellas soffreram, e o culto cessou; a lucta foi longa,

secular, apanhou tres gerações, por isto foi preciso fazer composições com os restos dos antigos gremios, com os proprietarios territoriaes, para a restauração do culto. Rei, prelado eborense, e o cabido, as ordens militares, especialmente os cavalleiros de Evora, depois ordem de Aviz, e o mesteiro de Alcobaga estão todos, no meiado do seculo XIII, interessados na organisação rural, e na do culto; nem ha separação possivel entre culto religioso e trabalho rural; o padre precisa de pão e vinho para celebrar a missa.

Que havia movimento commercial, troca de valores, prova-se pela instituição da feira de S. Thiago em 1275.

Ao mesmo tempo vem a expansão dos costumes de Evora, das posturas municipaes de 1264, 1270 pelas villas alemtejanas, posturas com disposições penaes a par de regimentos de pastoria, onde até apparecem artigos contra a falsificação dos generos alimenticios

Já por falsidade deitavam agua no vinho!

E ainda mais, já em 1285 houve reivindicações de reguengos e herdamentos d'el-rei; gente esparta tinha conseguido apropriar-se do alheio; do que já tinha sido definido, e onerado com renda ou foro, mas ficára mal garantido, ou por defeito de descripção, ou desfazimento de extremas, lindas ou arranque de marcos, ou, tambem já, por negligencia dos funcionarios: — *E disse dona fusta que á ende a meydade, que queria fazer o seu quinum, e que o almozarife non quisera hy fazer rem, e disse que se perdiam ende as rendas*—.

Nos documentos eborenses do sec. XIII, raro é o nome de sitio, ribeira ou cabeço que não seja ainda hoje usado, tal qual ou com pequena variante, Almansor, Valleira, Benamolleique, Aivado, Motrógos (Motrovegas), Louredo, Pecenas, são nomes usados ainda hoje.

Em todo o aro de Evora são frequentes os nomes de origem ou feição arabe. Os dois riberios mais proximos são o Narrama e o Degebe; Benamorique, Benafilé, Bencafede, devem ser bem arabes; Machede dizem ter a mesma origem.

Na cidade ha nomes arabes, a torre de Alconchel, a rua de Mahumud, Alcarcovas, Alcaçarias, etc.

No dia 6 de fevereiro de 1286 o alcaide Estevam Garcia e os dois juizes Rodrigo Annes e Lourenço Gonçalves, com a gente do concelho foram ao adro de Santo Antão fallar a el-rei D. Diniz. Perante el-rei, que estava com a sua côrte, Martim Miguens, tabellião da cidade, desenrolou o seu pergaminho e leu a petição:—*Senhor, estas som as cousas sobre que o concelho de Evora vos pede mercê...*

Está a gente a ver a scena; o adro de Santo Antão, maior e mais baixo que o actual; o lado da egreja (porque a primitiva egreja devia ter a porta principal para o poente), com o seu portico lateral e as frestas talvez romanicas; proximo o grande arco romano, e junto d'este um chafariz com seus leões de pedra; e a grande praça irregular na sua moldura de arcarias, e as fileiras de moradas estreitas, esguias, as janellas vestidas de rotulas, e nos altos as varandas cobertas, os beirões assentando em pequenos arcos.

Que queriam os do concelho?

Querem em tudo entender-se directamente com el-rei, nada de dar o concelho em *aprestamo a riqueza*; isto é não querem o *protector*, o *intermediario poderoso*.

Querem feira geral e *franquida*, o que bem mostra que a vida, o commerciante e o producteur precisavam expansão.

Querem os açougues maiores. Açougues então

eram verdadeiros mercados; açougues mais largos, porque augmentava a povoação, sem duvida.

Querem mais que os mouros forros e os judeus usem nas cousas da almotaçaria *assi como vesinhos*, todos eguaes, nada de distincções, perante o almotacé não ha laços ou castas inferiores.

O christão que vá egreja, o mouro á mesquita, e o judeu á synagoga, (á *esnoga*, como era uso dizer-se), cada um tenha a sua crença, isso não tem duvida. Agora ao mercador no seu negocio não se olhe a raça ou religião, todos *assi como vesinhos*.

O rei concedeu a todos os pedidos.

A qual petição leuda e compridamente entenduda el rei D. Diniz *peçoalmente stando presente com muitos de sa corte outorgou* . . . e então o concelho (depois do rei!) em *hua voz concordavelmente todos ensembra leixarom e qu taram e perdoaram* tudo o que o pae, D. Affonso, tivera do dito concelho em cousas a que o concelho entendia haver direito.

Eu gosto immenso deste documento, é são, é puro e bom.

O rei vai ouvir os do concelho no adro da egreja; e os cidadãos dizem-lhe que não querem *ricome*, nem se importam com differença de raças e de credos.

E depois assignam a côrte, o bispo, os nobres, os magistrados e os cidadãos, e os parentes d'estes: e *muytos dos seus parentes*; e vem ainda assignar os *cabeças* dos arrabaldes d'Alconchel, de S. Francisco, da porta de Moura e de S. Mamede.

Fizeram a carta partida por *abc*, e *Nós Rey Don Diniz e concelho de Evora fazemos as ditas cartas seer selladas dos nossos seellos pendentis*.

O sello do rei e o sello do concelho, a par!

Outro documento significativo na historia economica do Alemtejo é o livro dos herdamentos do cabido; elle mostra a importancia da propriedade

episcopal e capitular no sec. XIII. Já o publiquei na integra, por isto não me demóro com elle.

Em 1311 trata-se de pontes, fontes, carreiras e rocios e *outras cousas semelhaveis a estas a prol do commum e aproveitança da terra!*

Nos tres primeiros quartéis do seculo XIV repetem-se as leis destinadas a garantir a propriedade rural, os meios de trabalho, e a defender o lavrador livrando-o de gravames, talhas e fintas.

Parece que tudo progredia em Evora, a população augmentava, a riqueza tambem, havia commercio, industria, faziam-se grandes obras: e vem de subito a crise de 1376.

Houve estiagem enorme; as searas perderam-se; as pastagens mirraram-se; quasi desappareceram os gados; e logo a pestilencia fortissima.

—E porque outrosy a dita cidade he despobrada que mengua em ella bem a meyadade da jente que em ella vivya por a dita séca e por pestilencia que ora em ella anda—.

A crise prolongou-se; e veio a guerra. Evora toma o partido do mestre de Aviz, lucta, tem dias torvos de brigas e de sangue; *aquelle sanhoso povo* como diz Fernão Lopes tem horas de gloria; o *povo meu.ão* de Evora é credor ao *mestre* de serviços que elle celebra; as sisas geraes do mestre d'Aviz (1384) mostram bem os sacrificios que foi preciso aguentar naquella porfiada guerra.

O pão é a eterna base natural. O imposto do pão é elemento principal, por si e pelas questões inherentes, no estado social. O *mestre de Aviz* teve de lançar mão em 1384 de todos os recursos, as sisas geraes aqui em Evora trouxeram imposto no trigo, no moleiro e na padeira; mas logo em 1385, em abril, aboliram o imposto de terrado do pão cosido e dos cereaes vendidos na praça e no terreiro.

O conjuncto dos documentos municipaes ebo-
renses é extraordinario; aos juisos e costumes do
sec. XIII succedem as posturas municipaes do sec.
XIV, e este corpo tem a sua coroa no regimento
da cidade elaborado por João Mendes de Goes.

Os documentos das albergarias provam a divi-
são da propriedade urbana e rural na mesma epo-
ca; onde hoje na praça ha duas lojas pouco espa-
çosas havia então seis; pequenas propriedades ru-
raes de hoje estiveram divididas em quatro ou
mais pequeninas courellas; era enorme o numero
de propriedades foreiras.

Uma postura municipal, que deve ser do ulti-
mo quartel do sec. XIV, manda que o pão tenha
um certo peso, que seja alvo, bem cosido e bem
finto (Doc. hist. p. 130). Marca ás padeiras 1.^a e
2.^a multas, e pela terccira vez multa e picota; isto
é, prisão de algumas horas no pelourinho.

No titulo das padeiras e vendedeiras de pão
cosido, do regimento da cidade, marca-se peso e
preço, sendo obrigadas a ter sempre *jam cosido*
avondo.

Simultaneamente havia disposições severas pa-
ra os moleiros, e sobre as medidas do pão.

E não esqueciam os jornaes e salarios dos sin-
geleiros, dos servidores das sementeiras, dos se-
gadores e apanhadores dos trigos e cevadas, e das
mondadeiras (pag. 149 dos Doc. hist.).

Pelos capitulos das côrtes de Lisboa de 1459
se vê que fôra longa a questão dos varejos; n'és-
tas côrtes os procuradores da cidade, Pero Vaz
de Camões e Diogo Varella, pediram resolução
definitiva. O lavrador guardava as sobras enco-
vadas (as *covas de ter pão* ainda se usaram em
Evora até o sec. XVI: havia muitas na cidade;
algumas enormes, em obras recentes, dos ultimos
annos, nas ruas do Paço, Aviz, Alconchel, e no

largo da porta Nova, abrindo escavações para ali-
cerces, encontraram grupos de silos, ou covas pa-
ra guardar trigo), esperando o preço alto, fazendo
carestia; havia lavrador que tinha o pão 7 e 8 an-
nos, e dizem os procuradores, *o que em outros tem-
pos foi muito mais*; os lavradores, é claro, não que-
riam o varejo.

Em 1480 tiveram novamente de regular o pre-
ço das moagens, os impostos de atafonas e moen-
das, maquias, e, ainda mais, marcaram a propor-
ção dos preços do trabalho e do valor dos gene-
ros.

Estas questões do pão parece que se agrava-
vam cada vez mais; como se vê são as questões
de agora; em 1481 productores e consumidores
continuam em lucta; a oscillação dos preços do
trigo é enorme; a questão da sahida do dinheiro,
da exportação do ouro, preoccupa os dirigentes.

O nosso Garcia de Rezende conta um episodio
d'essa briga economica na sua chronica de D.
João 2.º

Do que el-rei fez em Evora sobre a vinida do pão.

Estando el-rei em Evora, começou de haver ne-
cessidade de pão havendo muito na cidade em po-
der de alguns fidalgos e cidadãos, que o não que-
riam vender esperando que o haviam de vender
a como quizessem. Mandou-lhes el rei rogar a to-
dos que vendessem seu trigo a trinta réis o alquei-
re, (mais de 600 réis hoje) que lhe parecia preço
honesto para elles ganharem e o povo ser provi-
do; pois havia annos que o não venderam tão ca-
ro e que n'isso lhe fariam prazer; e que se o não
quizessem vender que soubessem certo que depois
lh'o não deixaria vender emquanto na cidade esti-
vesse.

Ecuram-se todos esperando por maior valia,
salvo um João Mendes Cicioso, cidadão honrado,

que mandou logo levar praça á uns quarenta moios que tinha, e mandou dizer a el-rei se queria sua alteza que o pozesse a vinte réis que assim se venderia :

Agradeceu-lhe el-rei e quiz que a trinta se vendesse, e fez-lhe logo por isso mercê de dois escravos.

E mandou logo ao mestre de Santiago em Castella dizer que lhe aprazia dar licença para poderem vir a Evora vender o seu pão, como lhe requeriam havia dias, e el-rei não queria por lhe não levarem o dinheiro do reino; e tanto que teve recado que estava muito pão para vir, mandou logo apregoar pela cidade que qualquer homem della que vendesse trigo enquanto elle ali estivesse, que perdesse por isso sua fazenda; e mandou pôr sobre isso tanta guarda que se não vendeu alqueire. Acudiu logo de Castella tanto que valia a vinte réis o alqueire.

Por onde todos os que tinham pão o perderam quasi todo.

E el-rei sem castigo os castigou bem e deu grande perda aos cobiçosos, e muito proveito á sua côrte e a todo o povo, de que sempre tinha muito grande cuidado. E quando saiu de Evora para as Alcaçovas mandou dizer aos que o não quizessem servir, que agora que se elle ia da cidade poderiam vender seu pão, em que os ainda tornou a envergonhar—.

Na *Miscellania* allude tambem o nosso impagavel Garcia de Resende ás extraordinarias oscillações do preço do trigo no seu tempo.

Vimos em Evora valer
os moios de pão yguaes
quinze, vinte mil reaes
agora os vemos vender
a setenta mil, e mais,
anno vi tão abastado
que a oito reaes comprado.

foi o alqueire de pão
outro vimes em que não
se achava por um cruzado.

Estas questões economicas são tão interessantes e o vulto do grande vereador Cicioso é de tal fórma honrado, firme e levantado no seu afan de defensor do povo, que me parece bem reunir aqui o que ha de mais certo sobre este caso do trigo; vejamos a noticia que nos dá o padre Manuel Fialho (foi optimo indagador!) na sua preciosa obra *Evora illustrada*, que ainda infelizmente se conserva inedita.

—Todas as palavras e acções del-rei D. João 2.º foram lição e doutrina. Agora veremos uma nova lição, um novo castigo contra os avarentos, o mais proprio que se lhe póde dar, e de que elles mais fogem, e mais se temem.

Estando ainda a côrte em Evora houve uma carestia de pão, na qual ainda que não faltava trigo, os que o tinham esperavam maior preço.

Quasi que os mandou rogar o rei por terceiras pessoas que quizessem vendel-o, e lhe permittiria já o preço de 30 réis, entende-se de cobre (note-se que este caso é do fim do seculo XV) por cada alqueire, dizendo que assaz caro era, pois que nunca a tal preço tinha chegado; e ficariam com muito ganho, e o povo remediado, e que nisto lhe fariam o gosto; e elles fechados, e sem quererem dar esse gosto ao rei nem acudir ao povo.

De novo lhe mandou intimar, nem já rogando mas ameaçando, que se o não vendessem logo, pelo que lhe permittia, lhe promettia que o não haviam de vender por maior preço, nem por esse permittido, enquanto elle estivesse na cidade e vivesse. Ainda ficaram elles tezos, téstos e fechados, esperando que a necessidade levantasse o preço, e suppondo que as ameaças gerariam no ar.

Só lhe fez o gosto João Mendes Cicioso, honrado cidadão de Évora, (o que levantou a casa do Senado, sendo vereador), a quem veremos ainda mais glorioso no tempo del-rei D. Manuel.

Lá porque resistindo ao rei, aqui porque fazendo-lhe o gosto, e sempre pelo bem do povo.

Mandou este á praça uns 40 moios, com que se achava, mandando dizer ao rei, que S. Alteza lhe puzesse o preço, ainda que fosse muito mais barato, mas que fosse o terço menos; e o queria assim vender mais por acodir ao povo que por alguma outra causa.

Estimou o rei o lanço, e mandou se vendesse a 30 réis. Assim se fez, e vendeu-se o trigo ás rebatinhas (encheu o Cicioso a bolsa, e livrou o seu trigo de gorgulho, diz o P.^e M.^{el} Fialho, em observação); e o rei lhe fez de mais mercê de dois escravos de Guiné.

No entretanto mandou el-rei recado ao mestre de Sant'Iago de Castella, que lhe dava licença para mandar vender a Évora o seu trigo, e o de seus amigos, como lhe pedira e instára; a que o rei até então não quisera permittir, por lhe não levarem o dinheiro para fóra do reino (tão miudo ou delgado se fiava então nesta materia).

Agora o houve por bem para ensino e castigo dos alevantos.

Logo que soube que estava muito pão para vir de Castella, ou vinha já chegando, e pelo caminho, mandou apregoar que suppostos os seus rogos e permissão de preço, e a negação dos que não quizeram acudir ao povo, tinha dado a sobredita licença, e por isto mandava que nenhuma pessoa de qualquer qualidade e estado, sob pena do perdimento de sua fazenda para o fisco real, vendesse pão na cidade e seu termo até sua nova ordem que mandaria apregoar, quando se acabas-

se de gastar o que tinha dado licença de vir de Castella.

Sobre isto para segurar a observancia do decreto, para castigar aos delinquentes, poz taes vigias publicas e occultas que nenhum d'elles pôde vender alqueire de pão temendo serem apanhados, e tendo por infallivel a pena imposta, porque conheciam a resolução real.

Assim acudiu a Évora tanto pão que vendendo-o os primeiros a 30 réis, começaram os segundos a abater o preço, e foi abaratando até chegar a 14 réis e já não havia quem o quizesse; ás moscas, como dizem, estava já! — (Aqui uma nota mui curiosa do P.^o Fialho: «Foi isto no anno de 1495, fazia quando isto escrevia 210 annos (em 1705, por consequencia) e tinha o preço do trigo subido a mais de 400 réis —. E segue outra nota, n'uma tira de papel collado — e agora que revejo estas noticias, no anno de 1709 é o preço de um alqueire de trigo 800 réis — e mais ainda outra vez em 1711 se vendeu algum a 1:700 réis (!!)) ou ainda mais, tudo faz ou desfaz o bom ou máo gôverno. Não ha já um rei D. João 2.^o, nem um vereador João Mendes Cicioso: ha hum que degenerado de seus maiores disse que lhe cheirava o seu trigo a meia moeda de ouro, que é 2:400 réis. Mas graças a Deus que novissimamente, no anno de 1718, está aqui (em Évora) o trigo escolhido pelo preço de 140 réis, e a cevada e o centeio a 40 réis: é porque d'elle existe muito. . . mas já vae sobindo).

O porque destes excessos Deus o sabe, e em parte o podiam remediar os homens, mas Deus lhes acuda! — (A facilidade de communicações, e o maior numero de regiões productoras tem já remediado muito; hoje não sao possiveis taes oscillações de preços; a regularisação da venda tam-

bem se pode conseguir, querendo; não querendo, ou não sabendo ainda se chega ao tumulto como ha pouco succedeu na questão do milho, nas provincias do norte do paiz. Em Guimarães em 1894 deu-se o caso de Evora de 1495; lá com o milho, aqui com o trigo. Antigamente estes casos repetiam-se muito. Hoje é facil prevenil-os; cu, apparecendo subitos, remedial-os a tempo. Já não succede o mesmo com a questão da exportação do ouro, o outro problema de João 2.º Está ainda de pé, mas ha-de ser o Alemtejo que o ha-de resolver).

Agora segue o P.^c Fialho:—Perderam os avarentos não só as vans esperanças do maior preço mas o mesmo pão, que tinham tão fechado: deu-lhe o bicho, que em algumas terras chamam santo!; bicho santo foi d'esta vez o rei; e por lhe espremer mais, como dizem, o agraço no olho, quando depois em julho d'um anno saiu de Evora mandou apregoar que levantava o outro seu pregão, e que cada um vendesse o seu pão, como quizesse e pudesse. Assim os correu e carregou ainda mais; assim os ensinou e castigou.

N'esta occasião fez o senado eborense uma consulta ou supplica ao rei para que favorecesse mais aos lavradores com alguns privilegios, porque a falta não só procedera da esterilidade do anno, mas tambem da falta de lavradores.

Sem duvida o faria el-rei, porém a sua morte atalhou esses bem premeditados intentos, como a muitos outros—.

Veremos as questões economicas alemtejanas tratadas em diversas epocas, por summidades portuguezas. Será uma collecção mui curiosa e instructiva.

Gabriel Pereira

ESTUDOS EBORENSES

37 fascículos a \$10 cada

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana. O templo. As inscrições. — 3.º A Casa Pia. — 4.º Loios, azulejos e obras d'arte. — 5.º Bibliotheca Publica. Noticias das collecções. — 6.º Conventos do Paraiso, Santa Clara e S. Bento — 7.º Bellas artes. Raczyn ki. Pintores eborenses — 8.º e 9.º Vesperas da Restauração. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. Livros parochiaes. Collegiada. — 12.º O archivo municipal. — 13.º A restauração em Evora. — 14.º 15.º e 16.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora. — 17.º Evora e o Ultramar. Balthazar Jorge e Marco Antonio Pessanha. — 18.º, 19.º, 20.º e 21.º Assédios d'Evora em 1663. — 22.º Os Festejos de Evora em 1729. — 23.º Evora nos Lusíadas. — 24.º Procições eborenses. — 25.º Exposições de arte ornamental. — 26.º Antiquidades romanas em Evora e seus arredores. — 27.º Roteiro d'um eborense. — 28.º Universidade de Evora. — 29.º As caçadas, 1.ª parte. — 30.º Evora e o ultramar, 2.ª parte. — 31.º Ibn Abdun. — 32.º Os mouros. — 33.º As caçadas, 2.ª parte. 34.º Os estudantes. — 35.º Versos Eborenses do seculo XVIII. — 36.º A volta de Cenaculo — 37.º As questões do pão.

Documentos Historicos da Cidade de Evora

1.ª Parte — 1 vol.	1\$80
2.ª » — » »	2\$20
3.ª » — » »	\$60
MADRUGADAS, contos, 1 vol.	\$30

JOSÉ CARLOS DE GOUVEIA

<i>Duqueza de Bragança</i> , poema em 8 cantos	\$30
<i>Ilusões e devaneios</i> , poesias, 1.ª parte	\$30
<i>Miragens da primavera</i> , poesia, 2.ª parte	\$30
<i>Afonso d'Albuquerque</i> , poema	1\$00

Antonio Francisco Barata

<i>Homenagem da cidade de Evora a Alexandre Herculano</i> , com inéditos.	\$30
<i>Evora Antiga</i> , 1 vol. ilustrado.	\$70

DR. PEDRO DE CASTRO

<i>Congregações Religiosas</i>	\$10
--	------

CONTEO DR. BERNARDO CHOUZAL

<i>Discurso recitado na festa da Virgem do Carmo</i>	\$40
<i>Orações funebres</i>	\$40
<i>Sermão recitado na festa da Virgem das Neves em Viana do Castelo</i>	\$40

J. L.

<i>Sinopse da gramatica franceza — Morfologia</i>	\$12
---	------





